



O DIÁRIO DE MIRANDA

“Eu fugia do mundo. Ele fugia dele mesmo.”

TATIANA AMARAL


PandorgA



Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

O DIÁRIO DE MIRANDA

"Eu fugia do mundo. Ele fugia dele mesmo."

TATIANA AMARAL



2018

Direção Editorial: Silvia Vasconcelos
Produção Editorial: Equipe Editora Pandorga
Preparação e Revisão de texto: Martinha Fagundes (CS Edições)
Diagramação: Cristiane Saavedra
Capa: Dri K. K.

*Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)*

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: ALINE GRAZIELE BENITEZ CRB-1/3129

A518p

1.ed

Amaral, Tatiana

O diário de Miranda 2 / Tatiana Amaral - 1. ed. - São Paulo: Pandorga, 2018.

Recurso digital

Formato e-Pub

Requisito do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: word wide web

Abaixo do título: Eu fugia do mundo. Ele fugia dele mesmo

ISBN: 978-85-8442-323-1

1. Literatura brasileira. 2. Romance – erótico. I. 3. Romance. I. Título.

CDD 869.93

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Literatura brasileira: romance
2. Romance erótico



DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À
EDITORIA PANDORGA
Avenida São Camilo, 899
CEP 06709-150 – Granja Viana – Cotia – SP

***A todas as Mirandas.
Por acreditarem que a felicidade
está em suas próprias escolhas.***

SUMÁRIO



CAPA

FOLHA DE ROSTO

FICHA CATALOGRÁFICA

DEDICATÓRIA

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35

CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

CAPÍTULO 38

CAPÍTULO 39

CAPÍTULO 40

CAPÍTULO 41

CAPÍTULO 42

AGRADECIMENTOS

CONHEÇA O LIVRO BAILE DE MÁSCARAS

LEIA TAMBÉM...

TATIANA AMARAL

EDITORA PANDORGA

**“Patrício disse o que eu, sem fazer ideia, sempre quis ouvir.
Ele não queria me perder, não importava qual fosse a
consequência.”**

PRÓLOGO



O DESPERTADOR TOCOU. MEU CORPO DOLORIDO ME ALERTAVA COM PROTESTOS SOBRE A necessidade de acordar tão cedo para trabalhar. As lembranças da noite anterior pipocavam em minha mente como um pesadelo que fazia o meu coração pesar e o ar faltar nos pulmões.

Sempre soube que me envolver com Miranda não seria o mais adequado, no entanto, como dar vazão à razão se meu corpo vibrava com a mínima lembrança daquela mulher? Passei as mãos pelo cabelo, decidido a acabar logo com aquilo.

A garota ao lado se mexeu incomodada com o som que ainda tocava alto reverberando pelo quarto do hotel. Sim, meu despertador era algo muito parecido comigo, estrondoso, pois só desta forma para me convencer a pular da cama e enfrentar um dia de trabalho.

Desliguei o celular, estirei a coluna e dei mais uma olhada para a garota deitada na cama. Seu cabelo negro descia se espalhando pela cama. O corpo bronzeado e escultural era um velho conhecido. Clara Maximiniano Lopes, uma garota riquinha que costumava aparecer às vezes só por diversão.

Ela era linda, divertida, descolada e completamente desapegada. Ou seja, parecia ser tudo o que eu buscava, mas não era. A noite passada, apesar de ter sido gostosa, não foi como esperado, e, para ser justo com a garota, não foi por causa dela. Minha cabeça não estava muito boa.

Também não havia como ficar. Depois de descobrir o celular de Miranda, além do motivo para as suas mentiras, meu cérebro parecia querer explodir a qualquer momento. Não havia forma de compreender ou me conformar com o que li. E para piorar tudo, Miranda achava que era natural o que estava vivendo.

Inacreditável!

A garota era nociva, então o melhor a fazer era me afastar.

Contudo coisas estranhas aconteciam comigo quando começava a querer colocar em prática tudo o que minha mente arquitetava em relação a Miranda. Coisas como uma angústia crescente que normalmente me paralisava, que Dra. Leila, minha psicóloga de toda uma vida, que nunca conseguiu me dar alta definitiva, diagnosticava como fruto da minha ansiedade patológica.

Eu simplesmente detesto quando isso acontece. Minha infância foi povoada por vários problemas até que Dra. Leila encontrou um diagnóstico, só que até lá vivenciei consequências desastrosas que ainda me assombravam e desconstruíam tudo o que lutei em ser.

Provavelmente toda a tensão da noite anterior, quando coloquei as mãos no filho da puta estuprador, permanecia no meu corpo me forçando a entrar naquela espiral de sentimentos que destruí a minha autoestima. O pior de tudo era ter este conhecimento, reconhecer as causas, saber o que fazer, e ainda assim, não conseguir sair.

Fui até o banheiro com o coração acelerado. Necessidades como trabalhar, ir à academia, e dar sinal de vida à minha mãe, que provavelmente estava louca com a minha ausência – uma das drogas de morar com os pais –, contradiziam com a vontade de voltar para a cama e não sair de lá tão cedo.

Alex iria me matar. Só que aquele filho da puta inventou uma viagem de última hora. Largou tudo no meu colo e de Lana. Que se foda! Não era minha obrigação tapar os buracos que ele deixava por ser um idiota manipulado.

Olhei minha imagem no espelho, o peito subindo e descendo, a garganta esquentando e a dificuldade de respirar se apresentando cada vez mais. Não era hora de surtar. Não ali. Molhei o rosto. Mantive os olhos fechados me concentrando no entrar e sair do ar nos meus pulmões. Precisava oxigenar o cérebro. Uma hora de Yoga me permitiria recuperar o equilíbrio, porém não havia nem tempo nem disposição.

Lá estava eu, outra vez, petrificado pelo medo, refém da minha ansiedade, sentindo tanta raiva que temia o que poderia acontecer caso esta explodisse.

— Você está bem?

A voz de Clara chegou aos meus ouvidos me fazendo enrijecer. Merda!

— Preciso trabalhar. — Busquei dentro de mim a doçura necessária para tratá-la. Não era justo que a garota sofresse por causa dos meus problemas.

— Tão cedo? — Respirei fundo me obrigando a sorrir, o que foi tomado como um incentivo, quando a garota colou o corpo nu às minhas costas. — Fiz planos para nós dois. — Suas mãos desceram até o meu pau me estimulando.

Claro que o tesão pela mulher que me estimulava se apresentou. Ela era gostosa, livre de qualquer tabu, destemida... muito parecida com... porra! Sem a raiva da noite anterior era impossível não enxergar o quanto elas eram parecidas e descobrir por que me sentia atraído por Clara. Só que pensar no quanto a garota lembrava Miranda me fez afundar ainda mais na depressão que me puxava para os seus braços.

Seria mais fácil fazer como Alex: arrumar uma garota virgem, medrosa, cheia de problemas, que no final das contas não me lembrasse de ninguém com quem já me relacionei.

— Porra, Patrício, você é um babaca! — rosnei submerso em mim.

— O quê? — Clara riu divertida. Soltei o ar, frustrado.

Nem Miranda nem nenhuma outra mulher deveriam ser capazes de me jogar naquela merda. Determinado, tomei a única decisão que julguei ser correta.

— Nada, gata. Só estava pensando que hoje vou chegar atrasado ao trabalho. — Virei para a garota gostando do seu sorriso amplo.

Clara não fazia ideia do que era trabalhar. Nunca precisou cumprir com horário, nem sobreviver com o salário. Quem poderia julgá-la?

Beijei seus lábios levando-a de volta para a cama. Transar era uma ótima forma de me impedir de pensar tanto. Clara era uma excelente saída, e o melhor de tudo, não havia forma de acabarmos na mesma família. Ou seja, seria apenas sexo, dos melhores, mas só sexo.

Agarrei a bunda maravilhosa da garota, levantando-a para mim. Rocei o dedo em seu cuzinho quando gemeu manhosa, se abrindo, sem reservas ou barreiras. Uma delícia! O mundo seria muito mais descomplicado se todas as mulheres se dessem o direito de descobrir os prazeres do sexo anal.

Clara rebolou, exigindo que me enfiasse ali. Aprofundei nosso beijo, sentindo sua língua tranquila e sedosa brincar em minha boca. Meu pau ficou logo rígido, contudo, sem conseguir me livrar dos pensamentos que sempre me levavam a outra mulher. Miranda. Que inferno!

Deitei a garota na cama, suas pernas abertas me dando uma visão maravilhosa da bocetinha aberta para mim, onde me diverti a noite toda. A marca do biquíni deixava claro, a vida fácil que levava, podendo dispor de várias horas do seu dia para manter o bronzeado, além do corpo perfeitamente esculpido com malhação e, algumas plásticas também. Quem se importava? Eu não. Ela era gostosa e pronto.

Sorri para Clara que brincava com os próprios seios me atijando. Segurei em seus tornozelos, girei o seu corpo sem lhe dar condições de recusa. Ela soltou um gritinho divertido. Puxei sua cintura para cima deixando-a de quatro. A garota empinou a bunda já aguardando que me enfiasse ali.

A camisinha estava junto aos pacotes esquecidos sobre a cama na noite passada. Enquanto vestia meu pau, eu obrigava a expulsar dos pensamentos o dia em que Miranda usou a boca para colocar um preservativo em mim. Aquela sim era escolhida, e era maravilhosa!

Porra, Patrício! Foco na bunda à sua frente!

Espalmei a mão em suas costas fazendo com que empinasse ainda mais a bunda, contudo, quando ia penetrá-la meu celular tocou. A dúvida sobre atender ou não me fez hesitar. Havia o risco de ser a minha mãe querendo saber onde passei a noite.

Porra! Com trinta e um anos eu ainda precisava dar satisfações.

O som parou, contudo, não demorou nem vinte segundos para recomeçar a tocar. Ok! Poderia ser Alex ou Lana. Eles sabiam a hora que eu deveria estar de pé, por isso se sentiam à vontade para me ligar só para conferir se já estava a caminho. Era tudo uma merda!

— Só um minuto, gata!

Fui até o celular onde o nome de Lana piscava na tela. Respirei fundo contendo a vontade de mandar minha irmã se foder.

— Não precisa ficar me controlando...

— Só queria saber se você já estava na empresa — esbravejou me interrompendo. — Tive um probleminha aqui. Vou me atrasar, mas nós temos uma reunião importante hoje. — Conferi

o relógio, depois a garota que ainda me aguardava na mesma posição com uma cara de divertimento.

— Quem precisa estar nesta reunião, eu ou você?

— Nós dois! Droga, Patrício! Alex está viajando e João Pedro conseguiu dificultar a minha vida esquecendo um pacote importante em casa. Ele não tem como atravessar a cidade para buscar então vou ter que levar. Vou me atrasar! — Passei a mão no rosto clareando as ideias.

— Lamara, quem é mais importante nesta reunião?

— Eu! Dá pra me ajudar?

— Estou tentando! — Voltei a encarar Clara me dando por vencido. Aquela bunda ficaria para outro dia. — Vá para a editora. Vou te encontrar lá em meia hora, pego a encomenda do João e levo pra ele.

— Sério? E eu pensando que Alex era o único gentil na nossa família. — Riu debochada.

— Não abuse da minha boa-vontade.

— Não vou abusar. Obrigada, Paty! — Desligou antes que eu conseguisse mandá-la para a puta que o pariu.

— Deixe-me adivinhar... você vai precisar ir embora. Vou ficar só na vontade.

— Sinto muito, gata! — Tirei a camisinha do pau, decidido a adiantar o meu lado. — Fica para a próxima.

— Tudo bem. — Clara levantou sem causar qualquer problema. — Tenho algo pra você.

Ela desfilou seu corpo nu, fabuloso, pelo quarto, indo até a bolsa esquecida sobre o sofá. Retirou de lá um cartão todo preto, me olhou com um sorriso encantador enquanto caminhava até mim.

— Este é um convite todo especial. — Estendeu o cartão em minha direção como se estivesse me entregando um prêmio.

— O que é isso?

— Um convite para um clube mais do que exclusivo.

— Um clube?

— Um clube onde todas as suas fantasias se tornarão reais, Patrício. Acredite em mim, você vai adorar.

Clara sempre foi aquela pessoa que fazia o que queria e quando queria, mas frequentar um clube de sexo nunca passou pela minha cabeça, contudo, não deixou de ser algo tentador.

Eh, Patrício, essa pode ser a guinada que você tanto esperava!

CAPÍTULO 1



“E por falar em saudade, onde anda você? Onde andam os seus olhos, que a gente não vê?”

Onde anda esse corpo, que me deixou morto de tanto prazer?”

ONDE ANDA VOCÊ – VINICIUS DE MORAES

ERA PROVAVELMENTE O PÔR DO SOL MAIS BONITO QUE O RIO DE JANEIRO JÁ APRESENTOU. SENTADA na areia da praia do Leme, observando as ondas que quebravam com brutalidade, as pessoas que caminhavam aproveitando os resquícios do dia lindo, os surfistas insistentes, a solidão me corroía.

Não era para ser daquela forma, contudo, minha consciência me alertava de que foi a melhor maneira de finalizar aquela mentira. Eu estava apaixonada. Fato. O que não significava que queria ou deveria viver aquele amor. Não mais por mim, ou pelos meus medos, mas principalmente, por ele, Patrício.

Naquela noite na casa de Moisés, quando descobriu parte das loucuras que eu aprontava, seus olhos demonstraram o quanto me recriminava. E eu não suportaria precisar conviver com a sua rejeição.

Éramos diferentes, apesar de sermos sexualmente compatíveis. Patrício nunca entenderia o que eu era, assim como não estava disposta a ser o que ele queria. Eu era o que era, Miranda Middleton. Isso nunca mudaria.

O que não impedia que o sofrimento me atormentasse. Muito menos de deixar aquela lágrima cair. Fechei os olhos sentindo o vento refrescante aliviar o calor em minha pele, buscando a força necessária para tomar posse outra vez das minhas emoções.

Está tudo certo, Miranda. Tudo em seu devido lugar no mundo.

Repeti várias vezes até que o alívio de ter o coração menos pesado, dolorido, fez cessar a dor. Era sempre assim. Como se não bastasse todos os fantasmas que já me perseguiram diariamente, consegui acrescentar mais um, só que de carne e osso, irmão do noivo da minha irmã de criação. A convivência era inevitável, não havia outra saída.

—Então está mesmo tudo certo — resmunguei me convencendo a levantar para voltar para casa.

— Miranda?

Olhei para o lado assustada. Próximo a mim estava o Professor Prado, ou João Pedro, como deveria tratá-lo dali em diante. Meu professor caminhava em minha direção, uma roupa de borracha cobrindo o seu corpo muito bem desenhado, os cabelos molhados. No braço sustentava uma prancha colorida.

— Tudo bem?

No rosto a preocupação estampada fazendo com que me desse conta de que aquela lágrima, a que havia escapado, ainda estava ali, deixando a sua marca. Limpei a pele e abri o meu

melhor sorriso, aquele que me ajudava a mentir, que era o que de melhor eu fazia.

— Ah, não! — Ri, compondo a personagem. — Só estava...

— Triste. — Fincou a prancha na areia depois sentou ao meu lado jogando gotículas de água salgada em mim. — Não precisa mentir pra mim. Sou muito bom em ler as pessoas.

Sem palavras, tentei formular alguma coisa, rebater veemente ou rir desfazendo do seu comentário. Porém nada fiz além de abaixar a cabeça e permitir que meu professor derrubasse por terra a minha muralha.

— Fique tranquila. Ninguém precisa saber que conversamos. É por causa do Patrício, não é? — Concordei me sentindo uma idiota. — Conversamos ontem.

— Conversaram? O que ele contou?

O medo de que finalmente alguém descobrisse o que minha vida secreta quase me fez entrar em desespero. Patrício teve coragem de contar? Conseguiu me trair daquela forma?

— Calma! — João Pedro riu sacudindo o cabelo para tirar o excesso de água. — Patrício não contou nada comprometedor. Nós conversamos sobre vocês dois, sobre o termino.

— Ah! — O alívio percorreu meu corpo. — Sim, terminamos.

— Também disse que o relacionamento entre vocês já acontecia há um tempo, só que era muito complicado de explicar. — Permaneci calada já que nada poderia acrescentar que não fosse comprometedor demais. — Sei que você não é fácil, Miranda. Não preciso ser um gênio ou um detetive para perceber isso. Você é completamente diferente de Charlotte. Patrício sempre esteve ciente de que não seria fácil um relacionamento sem concessões.

— Como assim?

— Você não cede só porque precisa ceder. Muito pelo contrário. Você é segura demais para aceitar uma vida muito bem definida, com os papéis do homem e da mulher já pré-determinados.

— Desde quando isso deveria ser um problema? — Sua risada leve era cativante.

— Não deveria, no entanto, vou admitir que assusta qualquer homem, por mais aberto que seja.

— Patrício é um babaca se pensa assim — rebati com raiva.

— Patrício é um babaca de qualquer forma, mas é um cara legal. E não estou dizendo que você deveria ser mais submissa nem nada do tipo, só salientando que meu cunhado está assustado com a força da natureza que você é. Precisa de um tempo para assimilar, entender o que está acontecendo dentro dele.

— Bom, não sei o que ele disse, João, contudo, independente do que tenha sido, tenho convicção de quem sou e o que quero. Posso te garantir que o meu relacionamento com Patrício já estava fadado a terminar. — Encarando o mar à nossa frente, deu um sorriso que ficava lindo em seu rosto. João Pedro era um cara bonito e Lana uma mulher de sorte.

— Pode ser que sim. — Fez uma pausa longa, deliberando. — Não sei porquê, quando conversei com Patrício acreditei que não era este o final para vocês dois, sabe? Foi como se alguma coisa faltasse. Porque vocês estão conectados. Tem uma energia legal quando estão juntos, mesmo crepitando e lançando choques. Pensei que ainda havia muita coisa para acontecer, mas... se você acha que tem que ser assim... — Deu de ombros me deixando boquiaberta.

João Pedro era o cara legal, que brincava, fazia piada com tudo. Fazia questão de sustentar uma imagem descolada, o típico cara que não se importava com nada, que nem percebia o que acontecia ao seu redor. No entanto, estávamos todos enganados. Ele também era uma mentira. Sorri satisfeita, me sentindo mais leve.

— Ele gosta de você, Miranda — revelou sem me preparar para o que aquelas palavras fariam comigo. — Se você se acha complicada, é porque não conhece a história de Patrício. A mente da gente fode tudo, sabe?

Como assim a história de Patrício era complicada? Meu ex-namorado era o cara mais descomplicado que já conheci. Levava tudo na brincadeira, enxergava com simplicidade qualquer situação, quer dizer... não qualquer, mas... costumava descomplicar. Então não compreendi o que quis dizer com “a mente da gente fode tudo”.

— Patrício desiste com muita facilidade. Basta perceber que vai criar expectativa, ou que vai precisar se dedicar um pouco mais, para que arrume uma desculpa para cair fora.

— Um irresponsável?

— Não! — Deu uma gargalhada. — Às vezes sim. Acredito que o caso dele já acontece sem que perceba. Patrício estava bem, então você apareceu. — Seus olhos me avaliaram, querendo que eu entendesse o que não podia dizer. — Ele gosta de você. — Olhou para o relógio conferindo as horas. — Preciso ir ou Lana me mata.

— Tudo bem.

— Vai ficar aqui? — Passei as vistas pela praia conferindo o local praticamente vazio.

— Não. Também tenho que ir. O padrinho deve estar me aguardando.

— Claro. Peter está sempre de olho em vocês.

— É sim.

— Só que às vezes se faz de cego. — Deu mais uma gargalhada me fazendo ter a certeza de que ninguém conseguia enxergar o verdadeiro João Pedro.

CAPÍTULO 2



“Se fosse tão fácil, enfrentaria o mundo inteiro. E você me chamaria de valente. Eu remaria contra todas as correntes só pra te alcançar. Se fosse tão fácil, não seria a gente. E se não fosse a gente não seria amar.”

SE FOSSE TÃO FÁCIL – MAR ABERTO

QUANDO CHARLOTTE ME OLHAVA COM AQUELA PREOCUPAÇÃO, TUDO EM MIM SE REBELAVA. NÃO era para ser daquela forma. Sempre fui o seu conforto, a sua amiga, não o contrário. Além do mais, deu muito trabalho construir a mulher forte e decidida que sustentei ser durante tanto tempo só para desconstruir por causa de uma decepção amorosa.

Não queria que ela se preocupasse comigo por vários motivos, principalmente, por saber que era questão de pouco tempo a minha recuperação. Foi assim que me programei. Era assim que seria.

Por isso me forcei a esquecer o sofrimento e a saudade. Havia algo maior em minha agenda: ajudar Charlotte com o casamento, orientá-la em seu recente namoro e finalizar a faculdade. No final, tudo daria certo. Vida que segue.

Foi por este motivo que decidi também ignorar as ligações dele. Sim, desde aquela manhã Patrício começou a me ligar de tempo em tempo, insistentemente. Meu corpo estremecia a cada toque e meu coração trotava todas as vezes em que precisei fingir não perceber a ligação.

Era melhor assim. Nada de conversas, discussões, questionamentos ou de recaídas. Um fim muito bem definido, sem arestas a serem aparadas.

— O Fábio é um *nerd*, do tipo que você sempre descartou — Charlotte falou preocupada com a minha maneira de superar o rompimento.

Tá certo que sair flertando com todo mundo, falando mais de garotos do que já fui capaz de falar a minha vida toda e voltar à ideia de que estava sempre em busca do amor, não era a estratégia mais eficiente para desfazer a preocupação da minha irmã. O que fazer? Ficar trancada no quarto remoendo as dores não facilitaria em nada o relacionamento dela com Alex. E conhecendo Charlotte como eu conhecia, era certo que ela criaria uma birra com o cunhado, que ninguém seria capaz de desfazer.

— Sério? Não acredito que já descartei o Fábio algum dia da minha vida — menti sem receio.

Fábio não era exatamente um *nerd* de carteirinha, como o Henrique, por exemplo. Era um *nerd* daquele tipo que curte ciência da computação, passa horas em frente a um computador, joga *online* o domingo todo e usa jeans velho com camiseta amassada, além dos tênis sujos. Ou seja, nunca seria alguém em quem meus olhos se demorariam. Mas...

— E o Patrício? Alguma novidade? — Foi fácil perceber que ela tentava me dizer que sabia que eu estava enrolando para não entrar no assunto.

— Hum... Ele mandou algumas mensagens. Mas como eu o estou ignorando, não li nenhuma delas. — O que não me impediu de verificar aquela primeira parte do assunto, que ficava visível mesmo sem abrir a mensagem. Em todas elas estremei.

— Como você quer saber o que ele pretende com tudo isso se nem lê as mensagens dele?

Refreei a vontade de pegar Charlotte pelos ombros e sacudi-la. Como assim eu não sabia o que o garoto pretendia? Patrício deixou bem claro o que queria e o que não queria. A parte que me cabia estava inserida no segundo grupo. Além do mais, não existia uma fórmula mágica que conseguisse encontrar um lugar adequado para Patrício em meu mundo. Era tudo muito nítido, límpido. Vivíamos em realidades diferentes. A dele não suporta a ideia da minha. Mundos paralelos.

Acabei rindo, porque era a única reação que poderia ter. Charlotte também não conhecia o meu mundo, não fazia ideia de tudo o que vivi.

— Para mim já deu, Charlotte. Patrício teve todas as chances. Se ele quer assim, então que seja. Exatamente aquela história do “band-aid”.

O vibrar incômodo do celular no bolso da minha calça alertou Charlotte da ligação. Ela me olhou aguardando por alguma reação, sem saída retirei o aparelho do bolso, confirmei o nome na tela, depois o guardei, só para deixar claro que continuaria firme em minha posição. Minha irmã continuava me encarando, querendo uma resposta. Suspirei.

— E ele já ligou outras vezes, mas eu não atendi.

— Era o Patrício?

Sua voz ficou um pouco mais alta e eufórica. Como se esperasse por uma cena cheia de adrenalina, dessas que você encontra nos romances, onde o mocinho em desespero busca a mocinha enquanto uma sucessão de desencontros acontece. Bom, minha amada irmã, nós estávamos na vida real. Nesta o mocinho era um medroso e a mocinha, a sua heroína.

Ri sozinha lembrando-me do dia em que precisei desarmar um ladrão deixando um Patrício embasbacado. E nem precisei mostrar metade do que era capaz de fazer.

— Era.

— Por que não atendeu?

— Para quê? Para ouvir mais uma das suas desculpas esfarrapadas? Quando ele quer desmarcar, manda mensagens e quando quer ter acesso livre a tudo isso aqui pode ligar? Nem morta!

Charlotte sorriu de leve, gostando da minha facilidade de superar mais uma desilusão. Estava preparada para fazer algum comentário bobo, como escolher qualquer garoto que estivesse passando para exaltar os seus atributos, só que o telefone começou a vibrar tocando logo em seguida. Por que não desistia?

— Isso é ridículo, mas se vocês querem assim... Miranda?

— Hum!

— É para manter a política do “band-aid”?

— Sempre. — Um rapaz maravilhoso passou por mim fazendo-me olhá-lo. *Como nunca o vi antes?* — É muito mais fácil — completei querendo acrescentar que era muito, muito mais fácil, quando uma coisinha como aquela passava em nosso caminho.

— Então eu acho que você está com um problemão — ela disse com uma leve ironia na voz. Acompanhei o olhar da minha irmã não acreditando na audácia daquele garoto.

— Puta merda!

Patrício estava lá na faculdade. Não havia como confundi-lo com mais ninguém. Eu jamais seria capaz de esquecer aquele corpo, aqueles cachos claros e macios, aquele jeito de cruzar os braços enquanto aguardava. E mesmo que conseguisse não reconhecê-lo, jamais seria capaz de ignorar aquele carro verde que dizia muito sobre a sua personalidade.

Tonta, puxei o ar com força querendo organizar a mente. O que ele fazia ali? Claro que Patrício jamais teria coragem de encontrar alguma garota naquele local, já que estava me ligando com certa insistência, mas... por que estava ali?

— É. Puta merda! E aí?

Há muito tempo não me acovardava ao ponto de querer fugir a enfrentar um problema. Se é que podíamos dizer que a presença dele era um problema. A verdade era que o medo daquele encontro me corroía. O que tínhamos para dizer um ao outro que ainda não fora dito? E como seria estar frente-a-frente com ele, encarando seus olhos castanhos quase mel, vendo aquele sorriso que certamente estaria lá só para me deixar deslumbrada, ouvindo a sua voz que tanto me perseguiu em sonhos nos últimos dias?

— Será que ele já me viu? — sussurrei mesmo percebendo o absurdo da minha ação. Era estranho, porém não queria ser ouvida pelo meu ex-namorado. Como se fosse possível Patrício me ouvir daquela distância.

— Ah! Com certeza! — Charlotte deu dois passos e se virou em minha direção.

Merda!

— O que faço?

Ela me encarou, a boca abriu um pouco, provavelmente por não acreditar em meu pedido de ajuda. Pudera, sempre fui a forte, decidida e segura. Esse era o problema das garotas duronas, elas não podiam se permitir um segundo de fraqueza que gerava aquele clima desconfortável.

— Você tem duas escolhas: vai até ele e resolve de uma vez ou vai embora e deixa tudo como está.

— Você tem razão. Já que ele está aqui não custa nada conversar, não é?

— É sim. Boa sorte!

Não aguardei por mais nada. Enquanto caminhava em sua direção, pensava no quanto aquele garoto venceu todas as minhas barreiras, me dobrou e ganhou o meu coração. Só que

antes que aquilo se transformasse em algo pior, o tomei de volta e escolhi sofrer sozinha. A vida era mesmo uma bosta!

Juro que fiz um esforço acima do normal para manter toda a dignidade, contudo, à medida que me aproximava dele, meus passos se arrastavam, meu corpo cedia à vontade de fugir.

Patrício me viu antes que eu estivesse preparada. Fingiu desinteresse observando a movimentação dos alunos atrás de mim. Não me dei ao trabalho de verificar, só levantei a cabeça e mantive o passo firme. Se era para colocarmos de uma vez um ponto final, então que fosse da melhor maneira possível. Para mim, lógico!

— Miranda! — Tentou não colocar tanta admiração na voz, e falhou, o que me deu força.

— Patrício. — Fui seca. — O que faz aqui? — Ele sorriu, mas seus olhos escondidos atrás dos óculos escuros não me deixavam ter certeza de como de fato se me via.

— Está me ignorando?

Confirmar a minha conduta seria o passo mais fácil. Contudo não havia motivo para iniciar aquela briga, nem para magoá-lo. Como não queria mentir, preferi ficar calada. A verdade era que não podia admitir que o ignorei, porque aquele garoto abusado entrou no apartamento de um estuprador e avançou contra ele só para deixar bem claro que ninguém podia me tocar sem a minha permissão. Patrício me salvou.

Não que eu precisasse ser realmente salva, afinal de contas, acertar uns socos naquele imbecil do Moisés não era uma tarefa difícil. Só que seria como sempre foi, eu por mim mesma. No entanto, Patrício estava lá, mesmo sabendo que era o fim para nós dois, mesmo não concordando com as minhas escolhas, não aceitando o meu estilo de vida, ele foi e me salvou.

— Somos inimigos agora? — Sua voz suave me desarmou.

— Não. — Sorri relaxando um pouco. — Não somos inimigos. O que faz aqui?

— Precisei trazer um documento para o João. Alex me disse que Charlotte estaria aqui então imaginei que você... — Deu de ombros. — Não poderia ir embora sem te dizer um oi.

— Então... — Recuei um passo. — Oi.

— Oi! — Seu olhar ficou mais duro, o clima estranho. Meu coração acelerou, minhas mãos ficaram suadas. O habitual desconforto no estômago se apresentou.

— Parece que você perdeu a sua carona. — Fez um movimento com a cabeça indicando onde antes estive com minha irmã. — Posso te levar para casa.

— Não precisa. Johnny ainda deve estar por aqui. — Se meu coração já estava acelerado, começou a disputar uma corrida decisiva de Fórmula 1 só de me imaginar dentro daquele carro com Patrício.

— Está com medo de mim, Miranda?

E então aconteceu. Aquele sorriso debochado, cheio de malícia brincou em seus lábios. Prendi a respiração sabendo o efeito que causaria em meu corpo. Fechei os olhos me negando

a ser tão fácil. Era para colocarmos um ponto final com dignidade, não com meu coração derretido e entregue.

— Ou está com medo de você? — completou me fazendo virar o rosto em outra direção.

— Não seja ridículo!

— É só uma carona inocente. Preciso voltar ao trabalho.

— Realmente não precisa.

— Ora, Miranda. Que mal há em uma carona? Nós somos quase parentes, não é mesmo?

— Não, não somos — rebati com firmeza voltando a olhá-lo. Patrício abriu ainda mais aquele sorriso.

— Nossos irmãos vão casar. Quer dizer... eu acho que vão.

— O que não nos torna parentes em hipótese alguma. — Patrício riu relaxado.

— Vamos. Faço questão. — Abriu a porta do carro me dando passagem. Respirei fundo, decidida a impedi-lo de me dominar com tanta facilidade.

Patrício deu a volta com certo ânimo, ainda sustentando o sorriso. A confusão em minha cabeça me fazia questionar como podia agir daquela forma depois de ter descoberto o que acontecia comigo. A nossa conversa naquela noite deixou tudo muito bem definido e acertado. Éramos incompatíveis, não havia como negar.

Os primeiros minutos foram desconcertantes. Falamos sobre o tempo, sobre o trânsito, sobre as notícias do mundo e até sobre economia. A cada novo assunto, a tensão e a ansiedade se tornavam mais densos.

— Ei! Você passou pela entrada...

— Eu sei — disse sem se abalar.

— Era uma carona para a minha casa, Patrício!

— Nós só vamos conversar, Morena.

— Conversar sobre o quê?

— Como está Charlotte? — Seu interesse me alertou. Para alguém que não concordava com o relacionamento do irmão, Patrício não deveria se importar em como a futura cunhada estava.

— Bem. Preocupada com as provas finais. — Riu com deboche.

— Alex disse que ela é boa aluna.

— Ela é. — Cruzei os braços no peito, desconfortável com a conversa. Aonde ele queria chegar?

— E você?

— O que tem eu?

— É uma boa aluna? — Mesmo querendo ser grosseira decidi que o melhor a fazer era continuar sendo a Miranda que todos conheciam.

— Faço o suficiente. — Seu olhar me dominou por breves segundos, depois voltou ao trânsito.

— Por que será que sinto essa história como se fosse mais uma máscara sua?

— Porque você é um idiota! — rebati me sentindo completamente exposta.

Era pedir demais conseguir levar a minha vida sem qualquer tipo de questionamento? No que importava se era mentira ou não? Nós nem éramos mais namorados... ou nunca fomos... Patrício riu me deixando furiosa.

— Pode ser que eu seja mesmo, Morena. O problema é que se fosse só uma suposição idiota da minha parte você não estaria tão furiosa.

— Não estou furiosa!

— Está sim.

— Não estou! — A diversão em seu olhar indicava o quanto minha voz estava alta, ou seja, furiosa. Respirei fundo. — É porque você me aborrece com todo esse questionamento.

— Você me intriga, Miranda. Não faço por mal, então relaxe.

— Então qual a necessidade disso tudo? Por que não me deixou ir embora? Por que fica me ligando e perguntando se como restasse ainda alguma explicação? — Ok! Assumia a culpa de estar exaltada outra vez, contudo, não havia como ser diferente.

— Calma! Eu só estou tentando conversar.

— Fazendo perguntas? Querendo ir além do que é necessário?

— Necessário ou seguro? — O carro parou me fazendo olhar para fora. Estávamos na Lagoa e não em minha casa.

— E importa? — Patrício tirou os óculos escuros, me encarando com seriedade. — No que importa se estou mentindo, fingindo, inventando? Nós não temos mais nada, aliás, nunca tivemos.

— Importa justamente por isso — disse sem se exaltar. — Importa porque nunca consegui enxergar a verdadeira Miranda, pelo menos não de espontânea vontade.

— Já parou para pensar no porquê? — Minha ideia era fazê-lo recuar ao invés de me forçar tanto ao limite.

— Muitas e muitas vezes. Tantas que minha cabeça entrou em parafuso.

— Então por que não desiste?

Mais longos segundos nos encarando. Patrício parecia querer me dizer alguma coisa, mas no último instante recuou, se afastando de mim, correndo os dedos pelos cachos bem feitos.

— Eu me pergunto a mesma coisa — resmungou. Minha respiração estava irregular e apesar do ar-condicionado ligado, minhas mãos continuavam suadas. — Como está Moisés?

A pergunta me pegou desprevenida, por isso demorei a responder, o que o deixou em alerta.

— Não faço a mínima ideia. — Patrício riu com ironia.

— Ele voltou a te procurar?

— Não.

— Não?

— Eu já respondi. Não pense que só porque entrou naquele apartamento comigo eu lhe devo satisfações. — A mão de Patrício apertou o volante com força.

— Você ainda curte coisas como... — Foi a minha vez de rir com ironia.

— Se ainda curto? Não passou nem uma semana, Patrício. Eu curto a minha independência. Curto não precisar me justificar. Sou livre, desimpedida, posso transar com quem quiser, quando e onde quiser.

Minhas palavras o atingiram com força fazendo-o fechar os olhos e apertar ainda mais o volante. O arrependimento foi imediato. Não precisava ser tão pesado, afinal de contas, Patrício era um cara legal e eu... eu o amava. Droga!

— Só estava preocupado — falou por fim, a voz controlada, no entanto o corpo todo tenso.

— Não precisa ficar. Sei me cuidar. — Um sorriso brincou em seus lábios.

— Você acha que sabe — resmungou baixinho, contudo, a voz continha um tom ameaçador. — Um dia as mentiras serão maiores do que você, Miranda. E aí então não vai restar saída.

— Não é da sua conta! — rosnei aterrorizada.

Eu sabia que era verdade o que ele dizia. Não havia como permanecer tanto tempo dentro de uma mentira. A hora de escolher e assumir as consequências estava chegando, o que só me assustava ainda mais.

— Você não sabe nada da minha vida.

Abri a porta do carro decidida a encerrar aquele assunto. Aliás, a encerrar todos os assuntos possíveis com Patrício. Aquele garoto seria somente mais uma parte das minhas mentiras. Aquela que me forçaria a sorrir, a ser educada nos encontros de família, quando e se eu estivesse presente. A ideia de estudar fora do país era cada vez mais tentadora.

Ele segurou meu braço impedindo minha saída, o que só me deixou possessa.

— Então me conte, Miranda. Conte! Diga quem é você de verdade e por que precisa tanto dessas mentiras? E não me diga que é por causa do seu padrinho porque eu sei que não é.

— Não é. Não apenas por ele — confessei tentando entender o motivo para ter sido tão honesta.

Respirei fundo, decidida a fazê-lo entender, de uma vez por todas, os meus motivos para me manter afastada.

— É assim que sou. Você está certo quando associa o que sou a uma desilusão amorosa, só que não está nem perto de imaginar o que aconteceu, nem as consequências desastrosas desse

primeiro amor em minha vida. Porém vou ser honesta com você, Patrício, este não é o motivo das minhas escolhas. Sou essa pessoa. Não vejo muito o que fazer contra o que me tornei.

— Uma pessoa não confiável? — Eu merecia aquelas palavras, só não imaginava que elas seriam capazes de me machucar como machucaram.

— Confiança é o ponto principal da minha vida. Ninguém pode me acompanhar se não confiar em mim, em meus sentimentos, e se eu não confiar na pessoa. Você não vai entender nunca.

— Como você quer que eu entenda que um filho da puta te come na frente da esposa, fotografa o que faz com você, depois te ameaça exigindo sexo sem o seu consentimento? — explodiu. — Como espera que alguém aceite isso?

— Moisés saiu do controle.

— Ah, claro! — Bateu no volante e riu com escárnio. — Moisés saiu do controle. Como se você fosse capaz de manter relações doentias como esta sob controle. Sabe o que eu vejo? Uma menina com problemas psicológicos sérios, gostando de se colocar em risco, desafiando a sorte porque só assim encontra uma forma de esquecer o que tem aí dentro.

— E se for? — Entrei em sua energia, desafiando-o. — E se eu for essa pessoa? Aonde você entra? Quem é você, Patrício? Um garoto que levou uma “garota de programa” para um motel caro, que insistiu em fingir um relacionamento só para ganhar um pouco de moral com o irmão, que caiu fora antes mesmo de imaginar o que existia dentro de mim só porque surtou com a decisão do irmão de se casar em tão pouco tempo! Não venha cheio de moral pra cima de mim, me cobrando explicações que não lhe devo quando você mesmo deixou claro que éramos livres para transarmos com quem quiséssemos. Que só precisávamos cumprir com os nossos papéis na frente dos nossos pais.

— Não caí fora porque surtei com o casamento. Você se fechou com essa ideia de que éramos uma mentira, não deixou qualquer espaço pra mim, escondeu a verdade até quando não era necessário mentir.

— Porque nós éramos uma mentira! — gritei acabando com qualquer possibilidade de manter a dignidade. A primeira lágrima desceu seguida das demais, me mostrando o quanto eu estava cansada de ser forte. — Por que não me deixa em paz? O que você quer de mim? — Levei as mãos ao rosto escondendo minha fraqueza.

Patrício recuou com a minha explosão. Tentei me controlar, exigindo de mim um pouco mais de compostura. A mão de Patrício tocou a minha tirando-a do meu rosto, depois a outra enxugou minha bochecha me acalmando.

— Você sabe o que quer? — Sua voz embargada me feria ainda mais.

— Sei. — Levantei o rosto para encará-lo.

Uma parte de mim queria dizer que o queria, que estava apaixonada e que não suportava mais a distância. Outra me alertava de que não era possível. Patrício nunca me aceitaria como eu era e eu não seria feliz sendo o que ele queria.

— Eu quero ser livre — disse por fim observando a decepção em seus olhos.

Patrício soltou o ar com força e se afastou, concordando com as minhas palavras. Suas mãos voltaram ao volante. Eu precisava deixar aquele carro o quanto antes ou sufocaria. Abri a porta sem ser impedida e saí, mas não antes de ouvir suas palavras:

— E eu preciso de espaço.

Falou tão baixo que me perguntei se realmente ouvi aquilo. Então ligou o carro, eu fechei a porta e ele saiu sem se despedir.

CAPÍTULO 3



*“Tudo o que eu sempre quis foi viver feliz,
sem ter que abrir mão de mim pra ficar bem.”*

CANSEI DE FARRA — DILSINHO

SUBI A LADEIRA SENTINDO A SANDÁLIA MACHUCAR MEUS PÉS. PUDERA, QUANDO SAÍ NAQUELA manhã jamais poderia imaginar que voltaria para casa andando, mesmo que por pura opção.

Quando Patrício foi embora me deixando para trás, permaneci parada no mesmo lugar permitindo que as lágrimas caíssem sem me sentir mal por isso. Era preciso chorar e sentir a tristeza para que mais tarde conseguisse superar. Sim, eu superaria, porque era o que sempre fazia. E já estava na hora de perceber que ninguém morria de amor. No máximo sofria, ou criava um trauma. Nada que não pudesse ser deixado para trás com algumas sessões com um bom psicólogo.

Repeti mentalmente me esforçando para acreditar em meus próprios pensamentos. Então comecei a andar. Podia pegar um táxi, ligar para Johnny, para o padrinho, para a polícia, mas preferi andar, colocar para fora aquela tristeza.

Ainda precisava elaborar uma boa desculpa, uma história legal para contar a Charlotte, que com certeza não deixaria passar em branco o fato de eu ter desaparecido com Patrício. Qual seria o fim de relacionamento perfeito para uma história de amor? Um que fizesse as pessoas suspirarem ao invés de odiarem alguém? Só um final me parecia justo: um dos dois morrerem, o que não era a melhor solução.

Alcansei os primeiros degraus que davam acesso ao *flat* fazendo uma anotação mental para nunca mais acreditar que caminhar me ajudaria a acalmar a mente e o coração. Só consegui algumas bolhas e o calcanhar machucado, ardendo como o inferno.

— Srta. Miranda? — Vítor me chamou com certa urgência.

Respirei fundo, revirando os olhos ainda de costas para ele. Aturar o linguarudo do Vítor já não era fácil, piorava muito quando eu estava tão destroçada por dentro. Se ele estava pensando em me dizer alguma das suas gracinhas era bom estar preparado para a minha explosão. Quando virei em sua direção o encontrei com uma caixa preta nas mãos.

— Um rapaz deixou este presente aqui para a senhora. Disse que era o irmão do noivo da Srta. Charlotte. — Fez uma careta engraçada. — A Srta. Charlotte está noiva?

Meus olhos não deixavam aquela caixa nem por um segundo. Patrício esteve lá, deixou um presente para mim e foi embora. O que mais poderia esperar para terminar de foder o meu dia? Meus olhos se encheram de lágrimas, o ar pesou em meus pulmões.

— Obrigada! — sussurrei sem me dar ao trabalho de alimentar a sua curiosidade. Peguei a caixa e entrei no elevador.

Havia um nó na garganta que me travava. Ainda me perguntava se deveria abri-la ou ignorá-la quando a lágrima desceu preguiçosa pelo meu rosto fazendo-me esquecer da dor nos

pés. Desfiz o laço com cuidado, sem pressa. Abri a caixa conferindo primeiro o papel fino escondendo o que havia dentro. Puxei o ar obrigando-o a inflar os pulmões, sentindo o seu protesto. Então vi o que havia no interior.

A peça reluziu ao contato com a luz do elevador. Não precisei tirá-la, nem verificar mais nenhum detalhe. Era a tanga que perdi na noite em que me aventurei na piscina de espuma junto com Patrício. A que ficou para trás depois de termos perdido a cabeça e transado sem proteção dentro do vestiário da festa.

Outras lágrimas desceram. Patrício guardou a tanga? Por quê? Por que nunca me disse nada? E por que estava me devolvendo como se fosse um presente?

Ainda confusa com tantos questionamentos, com a visão embaçada pelas lágrimas, consegui reconhecer um cartão perdido entre o papel fino e a tanga. Peguei sentindo o corpo inteiro tremer. Foi quando não consegui segurar mais o choro.

Foi bom enquanto durou, Morena.

Boa sorte!

Foi tudo o que Patrício escreveu. Ali estava o nosso fim oficial, o que não deixava mais dúvidas, fechava todas as portas.

E doía mais do que imaginei ser possível.

Abri a porta de casa deparando com uma sala vazia, o que, de maneira estranha, fez a tristeza aumentar ainda mais. Não queria o conforto do meu quarto, nem o silêncio do apartamento, não queria o direito de esconder o que sentia, nem escrever no diário até que toda dor passasse. Eu queria um colo amigo, o calor de um abraço, as palavras certas que me garantiriam que iria passar.

Queria o que nunca tive, ou me permitir ter antes de Patrício. Sofrer pelo seu amor, ou pela falta dele, me fazia enxergar a minha vida como nunca consegui enxergar antes. Eu afastava as pessoas fingindo ser aquela mulher forte.

— Miranda? — Charlotte me chamou ainda da escada.

Se aquilo acontecesse um mês antes eu, com certeza, secaria as lágrimas, sorriria e inventaria uma desculpa para que minha irmã sequer imaginasse o meu sofrimento. Contudo não era o que desejava naquele momento, e olhar Charlotte naquela escada, me encarando com preocupação, disposta a me acalantar, derrubou todas as minhas barreiras.

Por isso chorei sem conseguir me controlar, ou não querendo me controlar, permitindo que toda a dor se esvaísse, projetada para fora como lágrimas.

Charlotte correu em minha direção e sem dizer nada me abraçou com força, como fez quando me contaram que minha mãe morreu. Ali entendi que estava em casa, entre os que eu

amava, que nunca me abandonariam.

— Vai ficar tudo bem. — Sua mão delicada afagava minhas costas, permitindo-me chorar sem vergonha. — Vai ficar tudo bem.

Mais calma, sentei no sofá, fungando sem delicadeza. Charlotte sentou a meu lado, a mão sem deixar a minha, demonstrando o seu apoio. Sequer se deu conta da caixa embalada para presente esquecida no pé do sofá junto com a minha bolsa.

— Ele terminou tudo? Acabou de vez? — Concordei sem conseguir falar. O que eu poderia contar? Como explicar os motivos para Patrício preferir se afastar? — Que idiota!

Céus! Charlotte não seria capaz de entender que Patrício estava, no fundo, se protegendo de mim. Era tão ruim torná-lo o errado da história, porém o que poderia ser dito sem grandes prejuízos? Que eu gostava de transar com outras pessoas e que ele precisou dar uns tapas em um maníaco sexual para me livrar das suas chantagens? Que o amava, mas que não conseguia dizer em voz alta quando estávamos juntos? Que nunca consegui admitir o mínimo de sentimento mesmo percebendo a maneira como ele me implorava por isso?

Santo Deus! Quem conseguiria conviver com a minha vida?

— Foi melhor assim, Charlotte. Não havia como dar certo. Estamos em fases diferentes, então o melhor a fazer era terminar. — Ela afagou minha mão com delicadeza.

— Eu sinto muito, Miranda. Nem sei o que te dizer. Só de imaginar você chorando na frente daquele babaca.

Bom, eu não precisava admitir esta parte. Tudo bem que era maravilhoso poder chorar sem precisar me esconder, poder desabafar, dividir a dor que estava sentindo, só que descer ao nível mais baixo admitindo que chorei na frente dele era demais.

— E você acha que eu dei esse gostinho a ele? Eu não! Quando ele disse que precisava de espaço eu simplesmente concordei, disse que era exatamente o que eu pensava, despedi-me e tratei de ficar bem longe dele.

É claro que também não contaria que Patrício arrancou com o carro me deixando sozinha, chorando, sem saber o que deveria fazer. Este detalhe só deixaria Charlotte ainda mais aborrecida, além de criar um problema entre eles dois. Não. Fazer com que Patrício fosse visto como um babaca era muito melhor do que como um mau-caráter.

— Como assim? E o que fez este tempo todo? — Ops!

Tudo bem. As barreiras já estavam baixas demais. Era hora de subi-las outra vez e incorporar a boa e velha Miranda, ou então não seria fácil voltar a ter a minha vida outra vez.

— Andei. Caminhei, chorei, tomei um pote de sorvete de chocolate...

— E agora? Quer dizer... O que você pretende fazer daqui para frente? Você estava bem envolvida.

— Agora é seguir em frente, Charlotte!

Desviei o olhar porque não queria que minha irmã percebesse que para que isso fosse possível eu precisaria estar longe. Muito longe. Em outro continente, se possível. Charlotte não precisava de toda aquela merda quando tinha algo mais sério para pensar.

— Eu sei que vou chorar por mais algum tempo, mas não vou morrer porque o Patrício resolveu curtir a vida dele, mesmo depois de tantas promessas.

— Porra, nem me fale nessas promessas! Já imaginou como meu pai vai reagir?

Era hora de assumir as rédeas outra vez e ajustar as nossas vidas. Porque ninguém precisava sofrer as consequências das minhas mentiras. Joguei o cabelo para trás, encarando Charlotte, mantendo a minha segurança habitual.

— Não vou ser uma cretina como meu ex-namorado conseguiu ser. Não preciso do padrinho pegando no seu pé ou criando confusão com a sua futura família. Vou assumir a culpa sozinha e encarnar o meu melhor estilo volúvel.

— Isso não é justo, Miranda. Se for apenas para me livrar de um problema...

— Injustiça é você e Alex não terem paz. Você conhece o padrinho, sabe que essa merda toda vai respingar em vocês dois, então aguentar a cara feia dele por dois ou três dias não vai fazer mal a ninguém.

— Tem certeza?

— Tenho.

Afinal de contas, não foi por aquele objetivo que continuamos a farsa do namoro? Para que Alex e Charlotte conseguissem ficar juntos? Então nada mais do que justo que apenas nós dois pagássemos pelos nossos erros.

— Bom... rei morto, rei posto. Vamos começar a arquitetar nossa próxima saída. — Coloquei o máximo de animação na voz. Quanto mais rápido Charlotte me visse bem, mais rápido deixaria de pensar em Patrício como um problema.

— Próxima... saída? — Seus olhos ficaram arregalados.

Claro! Alex. Não estava muito atualizada no quesito relacionamentos. Nunca havia namorado de verdade então nem fazia ideia do que era correto ou adequado. Aliás, até tinha alguma noção, contudo, todas as regras convencionadas para um relacionamento me pareciam ultrapassadas e hipócritas. Sair sem o namorado, por exemplo, não deveria ser algo tão anormal.

Desde quando você estar comprometido com alguém te anula para o restante do mundo? O que eu via era que as pessoas pareciam que assinavam contratos quando aceitavam namorar, noivar ou casar. Uma das regras mais defendidas era a que você não podia mais ter amigos.

Ridículo! Eu precisava garantir que com Charlotte não seria assim.

— Alex está viajando e nem sabe quando volta. E nós temos que festejar o fim da faculdade, mas de uma forma só nossa — brinquei, mesmo me sentindo arrasada por dentro.

— Sei não, Miranda!

Senti uma vontade imensa de revirar os olhos, pegar Charlotte pelos ombros e sacudi-la gritando: “você não precisa ser essa garota”. Porém eu conhecia Charlotte demais para saber o que de fato teria efeito sobre ela.

— Você não vai me abandonar em uma hora como esta, não é?

Assisti o rosto da minha amiga assumir uma expressão preocupada, depois pesarosa para logo em seguida, com um suspiro delicado, aceitar que precisava me apoiar. Uma euforia infantil tomou conta de mim.

— Tá legal, mas só depois da última prova.

— Combinado.

Eu me atirei em seus braços pegando Charlotte de surpresa. Minha irmã demorou a retribuir o abraço. Quando o fez, começou a rir como fazíamos quando crianças. Foi libertador. Rimos juntas, ela tentando se desvencilhar e eu mantendo-a cativa em meus braços.

— Para, Miranda! — protestou tentando deixar o sofá.

— Por quê? O que tem para fazer que seja melhor do que me abraçar?

— Escrever! — gritou quando apertei sua cintura fazendo-a rir ainda mais. — Para!

— Tá bom.

Deixei minha irmã quase levantar do sofá, contudo, fui invadida pela tristeza quando me dei conta de que estávamos bem perto de nos afastar. Logo Charlotte estaria casada e eu longe do Brasil, recomeçando.

— Você vai ficar bem? — perguntou com a voz mansa quando me viu abatida.

— Vou sim. Preciso estudar aquele trabalho que vamos apresentar e não acho que o tema seja adequado para o momento. — Sorri triste. Não seria fácil falar de amor quando acreditava que não nasci para vivê-lo.

— Você é Miranda Middleton! Mais conhecida como “balança mas não cai”. — Rimos juntas lembrando os apelidos loucos que Johnny encontrava para mim. — Logo, logo, vamos... não, espera, já estamos rindo disso tudo.

— É verdade. — Sorri me sentindo agradecida por ter aquela garota boba e incrível ao meu lado. — Obrigada!

— Por nada. — Charlotte me abraçou forte, depois levantou para dar continuidade aos seus projetos. — Vou estar em meu quarto.

— Certo.

Aguardei que Charlotte subisse para voltar a olhar a caixa de presente no chão da sala. Era melhor começar a encarar aquele fim. Deixar que fosse um final de fato. Havia muito o que planejar, pesquisar e decidir, o que era ótimo, pois conseguiria manter a mente ocupada e longe dos pensamentos impróprios.

No quarto, na segurança ofertada pelas suas paredes, joguei a caixa, com tanga e cartão, no lixo. Não precisava de nada daquilo. Entrei no banheiro, tomei um banho relaxante, com

direito a lavar o cabelo, hidratá-lo, esfoliar a pele, lambuzá-la com muito hidratante, e colocar um vestido confortável para iniciar as minhas pesquisas.

Liguei o computador, sentei na cama com ele no colo e uma barra de chocolate que estava escondida em meu *closet* para que Johnny não a devorasse antes de mim. Coloquei o primeiro pedaço na boca já digitando o meu objeto de busca. Primeira parada, Portugal.

Eu conhecia o país, mesmo nunca me demorando nele. Talvez uma estadia em Coimbra estudando sobre o mercado editorial... Não. Não estava em meus planos trabalhar em alguma editora, e era certo que o padrinho interferisse se essa fosse a minha escolha. Além do mais, era arriscado estar no mesmo ramo que ele. Então... estudar um pouco de literatura, ou quem sabe mudar de direção. Poderia estudar decoração já que era algo que me agradava.

Entrei em alguns sites, pesquisei sobre faculdades, cursos de extensão, melhores lugares para morar, quando alguém bateu na porta ganhando a minha atenção. Era a madrinha.

— Posso entrar?

— Claro! — Deixei o *notebook* de lado e dobrei as pernas para que ela pudesse sentar à minha frente. — Tudo bem? — A madrinha sorriu com doçura e olhou a tela ainda acesa do computador.

— Pretende viajar?

— Mais ou menos. Estive pensando nos cursos de extensão que o padrinho tanto fala.

Apesar de a madrinha adorar a ideia de nos interessarmos pelos estudos, percebi que aquela não era de fato a sua vontade. Aliás, nos últimos tempos a madrinha fazia mais questão de estar com a gente do que em qualquer outro lugar. Ter os filhos todos juntos facilitava este processo.

— Você quer mesmo ir? — Seus dedos magros percorreram o lençol aleatoriamente. — Isso é por causa do Patrício? — Aquela pontada já conhecida machucou o meu coração, contudo, não o suficiente para me fazer sofrer na frente da madrinha. Por isso sorri.

— Não. Pensei algumas vezes nesta possibilidade. Agora que Charlotte vai casar... — Seu sorriso emocionado corroborou com o olhar brilhante. — Vou perder a utilidade, não é mesmo?

— Ora, Miranda! Não fale uma bobagem dessas. Até parece que não te amamos da mesma forma.

— Eu sei que amam. — Ri saboreando o calor que me aquecia quando sentia o amor deles por mim. — Só quis dizer que Charlotte vai passar a ser um problema só do Alex. — Rimos, mesmo vendo que ela não estava feliz com a minha decisão.

— Você já sabe para onde vai? O que tem em mente?

— Nada ainda. — Olhei para o computador me perguntando se aquela era mesmo a minha vontade ou se estava fugido do que sentia por Patrício. — Ainda tenho tempo. Não pretendo decidir nada antes do casamento.

— Nem me fale neste casamento. Peter não fala em outra coisa e Charlotte parece querer sempre contrariar o pai. Onde já se viu desistir do casamento assim? — Tive que rir. Em que mundo a madrinha vivia?

— Charlotte não desistiu do casamento, madrinha. Ela só quer aproveitar um pouco. A menina nunca namorou na vida. Além do mais, nós nem fazemos ideia de quem Alex é. Não podemos entregar Charlotte a um estranho sem ter ideia de como ele será como marido. — Ela sorriu, colocando o cabelo para trás do ombro.

Percebi como estavam ralos, sem vida. Será que o padrinho não estava percebendo que Mary estava com algum problema, como falta de alguma vitamina ou descontrole de algum hormônio?

— Alex parece ser um excelente rapaz.

— Os maiores psicopatas são — rebati sem deixar transparecer qualquer irritação e me divertindo com a sua expressão de terror. — Mas vou dar este voto de confiança a ele. — Desde que o cretino nunca inventasse de aparecer no clube com a minha irmã... ou sozinho... ou acompanhado.

— Alex ama Charlotte! — falou levando a mão ao peito. Tive vontade de rir.

— Esse nem é o maior problema, madrinha, e sim o fato de Charlotte também amá-lo. É aí que mora o perigo.

— Meu Deus! — Riu percebendo que era brincadeira. — Não sei de onde você tira essas coisas, mocinha.

— Dos livros. Onde está o padrinho?

— No escritório. O que acha de tomarmos um café na Colombo? — Olhei a barra de chocolate sobre a cama, metade comida e fiz uma careta.

— Preciso decorar a minha parte na apresentação de amanhã ou então Charlotte me mata.

— Bom, então vou precisar arrastar o Peter daquela sala. Que tipo de desculpa posso usar para merecer uma bomba de chocolate? — Levantou fingindo pensar no assunto. — Hum! Acho que tenho a desculpa perfeita.

— E qual seria? — Mary já estava na porta do quarto quando virou em minha direção com um sorriso encantador.

— É segredo.

E apesar do seu sorriso cheio de amor, constatei uma leve tristeza em seu olhar.



Eu podia dizer que era um dia normal, com coisas comuns que seguiam suas rotinas. Estávamos na faculdade, eu ansiava por um pedaço de torta, Charlotte estava mais do que corada ao meu lado e desastrada como costumava ser, ou seja, tudo como sempre foi, certo?

Não.

Apesar das imagens que corroboravam para a ideia de mais um dia da nossa rotina, tudo estava fora do seu lugar. Charlotte debateu sem pressa, com propriedade durante a nossa apresentação, o que pode ser visto como algo normal, o que deveria ser mesmo, mas não era em se tratando da minha irmã. Parecia que não havia ninguém naquele auditório para ouvi-la, então ela falou e falou e só deixou para sentir vergonha quando acabou.

Também estava mais ansiosa, inquieta e nervosa. Não era pelo fim do semestre, muito menos pela formatura, então só me restava acreditar que era devido à ausência do seu noivo. Alex decidiu viajar logo depois do pedido de casamento fracassado. Tudo me levava a acreditar que escolheu assim para conseguir convencer Charlotte a voltar atrás na ideia de aguardar um pouco mais.

Johnny estava lá. Ele sempre estava quando o assunto era Charlotte se embaraçar e passar vergonha em suas apresentações. Meu irmão brincava como sempre fazia e isso também deveria ser encarado como normal, contudo, não era. Eu podia apostar minha herança no motivo para a sua presença que, com certeza, seria colher informações sobre Anita.

Meu irmão era um idiota com algum problema na cabeça. Quando começamos a ter os mesmos interesses no mundo, buscando experiências e aventuras, cheguei a acreditar que Johnny seria o cara mais difícil de alguém dominar. Que decepção! Bastou Anita colocar as garras de fora para o menino virar um verdadeiro idiota. Agora estávamos com mais um problema, porque o babaca estava com a fita e se recusava a entregá-la.

Eu ainda cogitava a possibilidade de invadir o seu apartamento e roubar a filmagem, assim conseguiríamos parar a cobra venenosa que circulava pela faculdade com o título de professora.

— Aquelas duas loucas continuam tentando atrapalhar vocês? — meu irmão perguntou sorrindo, como se não tivesse interesse no assunto. No último segundo seus olhos vacilaram, procurando por mim, entregando o seu objetivo.

— A professora Bezerra provavelmente vai tentar nos prejudicar de alguma forma e Tiffany só apareceria se Alex estivesse na cidade, afinal de contas a ligação dela é com ele e não comigo. — Charlotte continuava alheia ao que acontecia ao seu redor, sem se dar conta de que o problema era muito maior do que imaginava.

Nessas horas eu me permitia sentir aquela raiva absurda pelo nosso irmão. Não era possível que Johnny não acabava de uma vez por todas com qualquer possibilidade de Anita prejudicar Charlotte!

— Eu teria medo dessas duas tão quietinhas. Pelo que já demonstraram, o silêncio é sempre suspeito. — Dei a minha indireta e deixei que se desesperasse.

— Para com isso, Miranda! Não fica colocando mais minhocas na cabeça da Charlotte. — Johnny caiu na minha teia. Tive vontade de sorrir, contudo, permanecer séria teria um impacto maior. Ele precisava repensar.

— Não estou envenenando o relacionamento dela e sim estou alertando-a para o que pode vir daquelas duas. Eu, sinceramente, não me surpreenderia com mais nada. — Levantei a

cabeça e encarei meu irmão deixando que sentisse toda a tensão que o problema exigia.

— Não quero pensar nisso. Quero estar bem e feliz quando Alex voltar, e nós estaremos fortes quando qualquer uma delas resolver aprontar outra vez — Charlotte falou tentando se manter otimista, o que, com toda certeza, desconstruiria um pouco o clima que eu estava tentando manter para pressionar Johnny.

— É assim que se fala, gatinha!

— Pois eu pensaria. Sabe Deus que tipo de loucura elas estão aprontando. — Fui mais incisiva voltando a cogitar a visita ao apartamento do meu irmão.

— Miranda! — rosnou me encarando, tentando encerrar o assunto, só que eu não deixaria tão barato.

— Vocês estão escondendo alguma coisa de mim? — Ah, Charlotte e toda a sua capacidade de pegar alguma coisa no ar. Ri voltando a olhá-la. Com essa, Johnny repensaria a sua decisão.

— Não! Está louca?

Charlotte se voltou para Johnny, como se soubesse que nosso irmão escondia algum segredo, o que de fato me agradou. Era hora de Jonathan se virar para enrolar a irmã, já que a decisão de não entregar a filmagem partiu dele.

Mas o que cogitei como solução para os problemas que me assolavam, acabou virando um problema ainda maior. O idiota do Johnny virou o jogo contra mim. Com indiretas, ameaçou contar a verdade sobre o nosso acordo, o que me renderia uma terrível dor de cabeça, já que Charlotte jamais aceitaria os métodos utilizados.

Puta merda! Ele poderia facilitar as coisas e deixar de ser tão imbecil.

— Não seria propriamente esconder, uma vez que tentei te contar e você se recusou a ouvir, então...

— Você está sabendo de alguma coisa? Está sabendo de algo que elas aprontaram e não me contou nada? — Charlotte começava a cavar o assunto me deixando cada vez mais tensa. Johnny sorriu sem me olhar, deixando claro que se continuasse pressionando, o caldo entornaria para o meu lado.

Babaca!

— Não é nada disso, Charlotte. Foi só uma coisa que aconteceu que não envolve nem você nem Alex — ele continuou.

— Não estou entendendo.

— Claro que não está entendendo — interferei antes que meu irmão estragasse a porra toda. — Onde já se viu Jonathan falar algo que faça sentido? Se não envolve nem Alex nem Charlotte, por que puxou essa conversa, seu idiota? Não está vendo que deixou a garota agitada? — Ele riu adorando o meu nervosismo. O recado foi dado. Era melhor recuar. — Vamos, Charlotte. Johnny quer apenas te aborrecer.

Certo de que não mais o colocaria em uma posição difícil, Johnny me deu trégua e mudou de assunto, confundindo ainda mais a cabeça de Charlotte. Conversamos sobre comemorar o fim do semestre, a nossa formatura, só nós três, e assim conseguimos colocar o assunto em um campo seguro.

— Eu quero um suco de laranja, Johnny — ela disse já desinteressada.

— Eu quero uma Coca-Cola.

Conferi o local repleto de alunos enquanto me dava conta de que Patrício foi verdadeiro ao dizer adeus. Não voltou a ligar, nem enviou qualquer mensagem. Foi embora da minha vida da mesma forma como entrou. A diferença era que na saída deixou a porta danificada, quebrada, sem condição de uso. E eu que acreditei que nada poderia ser mais devastador do que Thomas em minha vida.

— Acho que vou querer uma fatia de torta de chocolate — falei sem pensar muito bem no assunto. Precisava da minha dose diária de chocolate ou acabaria enlouquecendo. — Quer dividir comigo?

— Não.

— Charlotte! Amigas unidas engordam unidas, esqueceu? — Lottie riu conferindo as mensagens no celular.

— Tudo bem, escolha um prestígio, ou casadinho. Nada de chocolate puro. — Charlotte não entendia os reais benefícios do chocolate em um coração partido. Bom, pelo menos teríamos chocolate. Levantei aproveitando para abordar Johnny.

— Nós vamos querer uma fatia de torta. — Meu irmão se assustou com a minha presença, quase deixando o celular cair. — Mandando mensagem para aquela vaca?

— Quer parar de ficar no meu pé?

— Você tem noção da merda que está fazendo, não é mesmo? — Ele soltou o ar com força quando virou para me encarar.

— Aqui não, Miranda.

— Onde então? — Cruzei os braços na frente do peito aguardando a sua resposta. Johnny ficou nervoso.

— Você é insuportável! — Abri o meu melhor sorriso.

— Eu sei. Hoje à noite na sua casa. E não invente de sair.

— Merda! Tá certo. Agora me deixe em paz.

— A torta é de casadinho.

Voltei para a mesa encontrando uma Charlotte pálida, segurando o celular com força, encarando a tela, o que me fez imaginar que a Terceira Guerra Mundial fora declarada.

— Pedi casadinho. Hum! Está com uma cara maravilhosa. É bem como a madrinha diz: nada como um pouco de chocolate para alegrar a vida.

Então ela começou a falar:

— Porra! A noite paulista, apesar de não estar quente, teve muitos momentos interessantes, como o grande evento literário com a escritora internacional Ammy Stuart, que obteve tanto sucesso que mereceu uma esticada em um dos melhores restaurantes da região. Pelo visto, Alex Frankli, um dos solteiros mais cobiçados do país, festejou de várias maneiras o sucesso cada vez mais ascendente da sua editora. Ele não apenas estava bastante animado durante o jantar, mas testemunhas afirmam que o editor foi visto entrando no mesmo hotel em que a sua escritora Tiffany estava hospedada. Há quem diga que a noite foi longa para os dois...

Puta que pariu! Invadi o espaço de Charlotte conferindo o que estava escrito em uma matéria sensacionalista. Porra!

— O que foi? — Johnny sentou colocando nossos pedidos sobre a mesa.

— Eu sabia que aquela cretina não ficaria tão quietinha. — Acusei Johnny com o olhar.

— Do que estão falando? — Ele se inclinou sobre a mesa.

— Pelo que dizem, Alex passou a noite com a Tiffany — disparei para que entendesse que o seu silêncio permitiu que uma merda maior fosse feita.

— Ele o quê? — Johnny rosnou sentindo o quanto aquela notícia abalaria Charlotte.

— Eu preciso ir. — Charlotte levantou decidida. Até pensei em correr atrás dela, porém sua reação me pegou desprevenida. Não consegui agir, espantada, encarando-a.

— Espere! Para onde você vai? O que vai fazer?

Johnny estava mais nervoso do que nós duas juntas. Parecia que finalmente entendeu que não era certo brincar quando o assunto era manter Anita e Tiffany longe de Charlotte.

— Não sei — Charlotte sussurrou antes de deixar a mesa.

— Puta merda, Miranda! E agora?

Ele me olhou, sofrendo, enquanto nossa irmã se afastava com passos decisivos. Percebi que mesmo confusa Charlotte não parecia estar descontrolada, nem prestes a fazer uma bobagem, então preferi aguardar.

— Agora vamos esperar que ela volte.

— Tá louca? Charlotte já mostrou como se comporta em situações como esta. Vamos atrás dela. — Ele já estava de pé, ignorando os nossos pedidos sobre a mesa. Peguei um pedaço da torta levando à boca. Estava deliciosa.

— Charlotte não vai fazer nada de errado. Relaxe. — Comi outro pedaço, fechando os olhos me deliciando com o sabor.

— Como você pode estar tão calma? Alex dormiu com Tiffany!

— Dormiu nada.

— Mas...

— Alex pode ser um monte de coisas, mas não é burro.

— Então fique aí. Eu vou atrás dela.

Johnny saiu atrás de Charlotte. A certeza de que meu irmão não a alcançaria foi o que me fez não me dar ao trabalho de impedi-lo. Seria bom deixá-lo sentir um pouco do desespero por ter sido tão bobo acreditando em alguém como Anita.

Peguei a torta, abri a Coca-Cola e aproveitei os minutos de paz.

CAPÍTULO 4



“Um jeito tão extrovertido. Seus argumentos são demais. Fala na lata, é concreta. E domestica animais. Tão relaxada Você se esvai. Vive sem leva e traz.”

DESINIBIDA – TULIPA RUIZ

CHEGUEI À CASA DO JOHNNY MEIA HORA ANTES DO COMBINADO. PRECISEI APRENDER MUITO CEDO que o seguro morreu de velhice, então era melhor garantir que meu irmão não voltaria atrás, do que ser uma excelente cidadã inglesa e manter a pontualidade.

Johnny abriu a porta, me olhou de cima a baixo, fez uma careta e deu as costas seguindo em direção ao sofá. Entrei sem me importar com sua má vontade. Johnny foi atrás de Charlotte naquela manhã, sem conseguir contê-la, por isso a sua compreensão quanto àquela situação exigia medidas mais incisivas.

— E então? — comecei para que não restassem dúvidas do motivo da minha presença.

— Eu vou conversar com Anita. — Johnny não escondeu a sua falta de vontade de colaborar.

— Conversar? Vocês continuam saindo?

— Transando. Sim, continuamos transando. Agora temos um arsenal de provas, se é o que você quer saber. Não só as minhas, como as do condomínio, além de todos os lugares por onde passamos. Satisfeita?

— Não! Eu preciso que essas provas sejam usadas. — Caminhei pela sala passando pela frente da TV que estava ligada sem que ele prestasse atenção.

— Já disse que vou conversar com ela. Aliás, Anita vem aqui hoje, então não estenda esta visita.

— Você é muito idiota mesmo. Não está vendo que ela está te usando? — Johnny me olhou com mágoa.

— E não é o mesmo que estou fazendo com ela? Olha, Miranda, eu amo a Charlotte! É só por isso que estou neste jogo. Só que não é nada legal o que estou fazendo. Não estou confortável neste papel, então pare de me pressionar.

Respirei fundo desejando dar uns tapas no meu irmão. Pelo menos se comprometia em encontrar uma solução conversando com a megera da Anita. Era importante entender o lado dele, afinal de contas, não era fácil o que estávamos fazendo, além de ser um crime, mesmo contra a cobra cascavel da minha professora.

Sentei derrotada ao seu lado no sofá e aceitei um pouco do salgadinho que comia sem qualquer cuidado. Se a madrinha visse aquilo, Johnny estaria em apuros.

— Conversou com Charlotte? — Quis saber.

— Não. Ela se trancou no quarto quando chegou e eu saí antes do jantar. Mas parece que eles conversaram, pelo menos foi o que consegui ouvir quando passei pela porta fechada dela.

— Você ainda ouve as conversas atrás da porta? — Sua expressão de reprovação não me deixou nem um pouco encabulada.

— Eu só queria saber o que seria de você sem esta minha especialidade. Ou até mesmo da Charlotte. — Ele riu lambendo os dedos.

— É errado ouvir as intimidades dos outros.

— Não era a intimidade dela. Eles conversavam com calma, ela ria, então não fiz nada demais, só constatei que minha irmã estava bem.

— O que será que aconteceu de verdade? — especulou já relaxado. Respirei fundo.

— Abusando do meu direito de fazer suposições... Não aconteceu nada. Era um site de fofoca. Muito provável que seja com matéria paga pela louca da Tiffany para causar este problema entre Alex e Charlotte.

— Abusar do seu direito de fazer especulações quer dizer usar a sua influência e conta bancária para descobrir detalhes sórdidos?

— Desta vez não. Até quis fazer, no entanto seria um dinheiro gasto sem necessidade. Estava na cara que nada aconteceu. — Johnny voltou a olhar a TV perdendo o interesse na conversa. Aguardei um pouco, comendo o salgadinho, criando coragem para levantar e voltar para casa.

— E Patrício? — perguntou com toda calma.

— Acabou mesmo. — Meu estômago embrulhou. Acabei devolvendo o salgadinho para o pacote. Johnny o fechou, deixando-o de lado.

— Que chato — disse sem emoção enquanto esfregava uma mão na outra para limpá-las. — Você gosta dele — foi direto, não me deixando opção de recusa.

— É. Fui idiota o suficiente para me apaixonar — confessei. — O que não significa que vou morrer de amor ou ficar sofrendo pelos cantos. — Ele me lançou um olhar enviesado e mordeu o lábio. — O que foi? Aposto que vocês, homens, adoram quando a mulher fica em casa sofrendo de amor, inconformada com o fim do relacionamento. Só que eu não sou essa mulher.

— Eu sei disso, e é esse o problema. — Johnny se virou para mim com expressão séria demais para alguém como ele. — Mulheres como você assustam qualquer homem. Tira toda a dignidade do cara.

— Não fale bobagens e pelo amor de Deus, me poupe dessa conversa machista.

— Existe um motivo muito importante para que homens e mulheres fiquem em lados diferentes, Miranda. Nós somos o topo da cadeia alimentar.

— Ai, meu Deus! Que argumento ridículo!

— Topo da cadeia alimentar, nada abaixo disso — disse se encostando no sofá como se estivesse coberto de razão.

— Acontece que também estou no topo, queridinho. Vacilou comigo virou comida, entendeu?

— É exatamente disso que estou falando. Você não deixa o cara ser homem. Quer assumir o papel dele. Não tem relacionamento que sobreviva a isso!

— Então que morra! Não preciso me diminuir para caber em nenhum relacionamento. Não tenho que deixar de ser o que sou, de lutar pelo meu lugar, muito menos de acreditar que tenho direito de ocupar a mesma posição. Eu sou isso, Johnny! Fica comigo quem aguentar dividir o espaço. Coloque na sua cabeça que isso não é pedir demais. E tem mais, mulheres como eu não precisam de homens como você.

— Você vai terminar sozinha — rebateu sem se exaltar, como se tivesse decidido me ignorar. — Os homens não buscam mulheres como você.

— Johnny, os homens que você tanto cita podem até esconder a verdade, mas quando encontram uma mulher como eu, acredite, deixam de buscar por qualquer outra. É por isso que tantos perdem a cabeça, que relacionamentos longos se desfazem, que casamentos sólidos se dissolvem, porque o homem gosta de brincar de casinha, de senhor do pedaço, porém cedem como cachorrinhos quando se batem com mulheres como eu. Infelizmente somos uma raridade no mercado. Se as mulheres entendessem o poder que têm, evitariam muito sofrimento.

— Essa conversa feminista é só balela. No fundo todas as mulheres gostam de caras que assumam o comando, que cuidem delas.

— Cuidar é na verdade uma obrigação, você não acha? Todos e qualquer tipo de relacionamento tem que ter o cuidado inserido em suas regras, de ambos os lados.

— É complicado conversar com você. — Voltou a olhar a TV querendo encerrar o assunto.

— Porque você é um machista enrustido por trás da máscara de bom menino.

— Porque você não enxerga que os caras te comem e vão embora.

Eu poderia ficar ofendida com o comentário dele, o que não aconteceu. Até porque chegar ao meu nível de maturidade sexual exigia muitos anos de desaforos muito bem rebatidos.

— Meu querido irmão, antes de qualquer coisa, é ridículo me taxar de vagabunda quando faço o mesmo que você. No seu caso, só por ser homem, você é garanhão e não o filho da puta escroto do caralho. — Ele deu uma gargalhada alta e relaxada. — Vamos analisar a situação: nenhum homem me come sem o meu consentimento. Logo, se quero e transo com ele, obtenho o mesmo nível de envolvimento e a mesma recompensa, que é um delicioso orgasmo, ou vários. Se eles vão embora depois disso é porque conseguimos o nosso objetivo e não temos mais nada para fazer juntos. Quem sabe um encontro em outra ocasião, nada muito sério, até porque não estou interessada em relacionamentos longos e duradouros. Ou seja, eu poderia com facilidade me enquadrar nesta sentença que você proferiu, eu como os caras, depois os abandono, ou seja, se é só sexo para eles, para mim é só, apenas, somente, completamente restrito a sexo. Entendeu?

— Porra, Miranda! Você parece um homem falando assim.

— Sou prática.

— Mas está toda chorosa por causa do Patrício, então não foi só sexo.

— Nem só de sexo vive o homem — brinquei recebendo outro olhar cheio de reprovação.

— Você deveria parar de brincar com as passagens da Bíblia. O padrinho já disse que não gosta disso.

— O padrinho não está aqui, Johnny, e você não é a sua miniatura.

— Depois não chore quando perceber que está comprando o melhor lote de terra do inferno. — Revirei os olhos e acabei rindo.

— Johnny, o inferno é aqui.

Ele levantou e foi para o quarto. Aguardei trocando os canais para encontrar alguma coisa interessante, sem conseguir me sentir atraída por nada que estava passando. Alguns minutos depois, Johnny voltou de banho tomado, com roupas decentes e um perfume marcante.

— Tudo isso para aquela vaca? — provoquei.

— Não fale assim dela. Você sabe que gosto de tratar com respeito as mulheres com quem vou para a cama.

— Ah, sim. Você gosta de cuidar delas. — Levantei me preparando para ir embora. — Cuidado! Anita não me parece o tipo de mulher que valorize ser bem cuidada. Aliás, Anita é como eu, aproveita cada oportunidade que tem para alcançar o seu objetivo.

Johnny entendeu o meu recado, estremecendo. Ele podia ter todos os argumentos contra mim, mas estava evitando enxergar em Anita aquilo que mais temia em uma mulher: a sua obstinação. E a de Anita era Alex Frankli.



Eu estava muito feliz. Primeiro porque consegui tudo o que queria na minha ida ao apartamento do meu irmão. Claro que não precisei fuçar nada, apesar de saber que o faria se fosse necessário. O que aconteceu foi melhor do que qualquer outra situação planejada.

Johnny aguardava pela professora Anita. Eu precisava ir embora para que ela não me encontrasse por lá, já que os dois estavam em um relacionamento que, segundo ela, ia contra todos os valores morais defendidos pela faculdade que cursávamos. O que eles dois não contavam era com a minha rapidez em bolar planos fantásticos.

Assim que Johnny fechou a porta depois de me colocar dentro do elevador, apertei o andar de baixo, desci correndo, subi pelas escadas, abri a porta de contenção de fogo e aguardei. Anita não demorou a chegar, como já sabíamos que seria. Meu celular já estava posicionado.

Assim que ela saiu do elevador, meu irmão abriu a porta para recebê-la, filmei o beijo escandaloso dos dois, as mãos bobas e a maneira apaixonada como Johnny a puxou para dentro. Pronto, em poucos segundos consegui tudo o que precisava e não teria metade do coração mole do meu irmão.

Entrei em casa me sentindo a madrasta que acabara de dar a maçã envenenada para a Branca de Neve. Ok! Essa é uma forma pesada de me definir, contudo, tenho certeza que

aqueles longos momentos em que ela acreditou ter matado a menina foram revigorantes. A sensação de poder parecia vibrar em meu corpo.

Essa era uma das ocasiões em que me divertiria no clube sem qualquer tipo de receio. Contudo este também era aquele momento em que me sentia frustrada por saber que a presença dos padrinhos me podava de todas as formas possíveis.

Sem sexo, sem Patrício e sem liberdade, resolvi que a única coisa que me restava era dar continuidade ao plano habitual. Por isso tomei um banho rápido, coloquei uma calça jeans surrada, uma camisa de algodão e um moletom preto escrito Rio de Janeiro na cor rosa. Prendi o cabelo em um rabo de cavalo firme, coloquei só um rímel incolor, um batom bem claro e desci conformada.

— Estava aqui imaginando se você iria hoje ou não. — O padrinho apareceu na sala me pegando de surpresa. Levei a mão ao coração, respirando fundo enquanto ria do susto. — Desculpe, não queria assustá-la.

— Tudo bem. Eu já deveria estar acostumada. O senhor está em todos os lugares. — Ele riu relaxado. — Às vezes arrumo todas as desculpas do mundo para não ir. No final do dia me pego assim, pronta para mais uma noite nas ruas cariocas.

— Quem te ouviu falando pensa que está indo para um evento enfadonho.

— Nem evento, nem enfadonho. — Desci os degraus restantes conferindo se levava no bolso do fundo tudo o que precisava. — É só... — Tentei encontrar algo que me dissesse o porquê de tanto tentar desistir.

— Triste? — O padrinho achou a palavra por mim.

— Acima de tudo, mas é também revoltante, apesar de ser uma excelente forma de nos mostrar o quanto precisamos agradecer mais do que pedir.

— Muito mais, apesar de nos últimos tempos eu ter pedido mais do que qualquer outra coisa. — Seu tom amargurado me alertou, fazendo-me parar.

— Por que pedindo assim? É algum problema com os hospitais? Alguma situação de risco? — Peter piscou voltando à nossa realidade e me deu um sorriso lindo.

— Nada com que deva se preocupar, querida. Posso pedir para que vá com o motorista? Eu me sentiria mais seguro.

— Claro, padrinho.

Mesmo consciente de que eu sabia me defender, de que já havia me colocado em risco muito mais vezes do que ele era capaz de imaginar, aceitei a sua proposta porque essa era a forma que encontrava de retribuir tudo o que aquela família já fazia por mim.

Por isso aguardei o motorista, entrei obediente no carro e me deixei ser guiada para o endereço indicado pelo padrinho, e que, de fato, era mesmo para onde eu ia. Respirei aliviada. Pelo menos aquela era uma atividade que não exigia de mim uma mentira muito bem elaborada.

Saltei na frente da casa modesta, já fervilhando de atividade. As pessoas começavam a juntar o material do lado de fora, dividindo entre os carros disponíveis para aquela noite.

— Miranda! — D. Jussara, a coordenadora da casa, me abraçou com carinho. — Sentimos a sua falta.

— Estava me preparando para as provas finais. — Ela me deu um sorriso humilde.

— E conseguiu um bom resultado?

— Sim. Agora estou livre da faculdade. Graças a Deus. — A mulher riu me deixando entrar.

Outras pessoas me pararam, me abraçaram e ficaram felizes com a minha presença. Também fiquei, pois aquele era um lugar que me fazia bem. Bati na pequena sala reservada para o idealizador do projeto, o Danilo. Entrei encontrando-o atrás de uma mesa, orando, como sempre fazia quando saíamos para mais um trabalho na rua.

— Atrapalho?

Ele me olhou, depois levantou da cadeira com seus quase dois metros de altura e mais de cem quilos. Danilo era um homem grande, corpulento, que poderia assustar as pessoas com facilidade. Contudo possuía olhos doces e um sorriso que fazia com que as pessoas se aproximassem ao invés de fugirem.

— De forma alguma. — Seu sorriso carinhoso me fazia entender o motivo para eu sempre estar lá. — Como vai?

— Estou bem. Como estamos hoje?

— Conseguimos tudo o que precisávamos. Como sempre temos poucos carros.

— Se precisar, consigo outro carro, só não posso dirigir.

— Não será necessário. Acredito que Jussara já esteja organizando tudo.

— Já sim. Consigo um lugar para ir hoje?

— Claro que sim! — Danilo pegou os óculos sobre a mesa colocando-os no rosto. — Você sempre traz mais luz à nossa noite, Miranda.

Dentro de mim havia a certeza de que jamais conseguiria levar luz para qualquer lugar, mas aceitava sem reclamar apenas o fato de ser recebida naquele grupo e acompanhar o seu trabalho. Saímos para a oração final, depois nos dividimos nos carros e fomos dar início ao trabalho, nas ruas do centro e da Lapa.

Assim que paramos no primeiro ponto, me encaminhei para o fundo do carro onde ficavam as panelas de sopa e mingau. Não gostava de sair em busca dos moradores. Não era muito fácil esconder tudo o que eu era, por mais discreta que tentasse ser. Então ficava no carro da sopa, junto à maioria dos voluntários, onde me esforçava para passar despercebida.

A conversa corria animada. A maioria dos voluntários estava junto, duas vezes por semana, o que resultava em um nível de amizade satisfatório. Eu não conseguia estar sempre presente,

às vezes demorava dois meses para voltar, então conhecia algumas pessoas, porém sem vínculos, além do próprio Danilo, de quem eu gostava muito.

Segurei a bandeja posicionando os copos em seus devidos lugares, enquanto Tamyres, uma das voluntárias mais antigas começava a enchê-los com sopa e mingau. Algumas pessoas do grupo ficavam próximas, observando o movimento, atentos a tudo enquanto os mais experientes iam em busca dos que estavam deitados no chão, já dormindo.

— São quatro de sopa e dois de mingau — uma voz masculina avisou atrás de mim. Esperei que Tamyres completasse os que estavam comigo e virei para entregar, olhando o rapaz rapidamente.

Eu não o conhecia, a rua estava mal iluminada, o que não me impediu de perceber o quanto era bonito, com um porte atlético, mesmo escondido por roupas soltas e simples. Um boné escondia parte do seu rosto, mas percebi um sorriso perfeito, com dentes alinhados e muito claros.

— Obrigado! — Retirou a bandeja da minha mão e voltou para o trabalho.

— De nada — respondi tarde demais.

Alheia ao que acontecia ao meu redor, observei o rapaz se afastar. Alto, costas largas e corpo harmonioso. Apesar de estar vestido como todos ali, com roupas simples, o rapaz não me parecia ser alguém de renda modesta, porque, até o mais ignorante na área, reconheceria o tênis que usava, que era caro.

— Seis só de sopa. — Uma garota, que não reconheci, me fez voltar à realidade, então recomecei o trabalho, sem pensar em mais nada.

Durante toda a noite observei o rapaz. Às vezes uma iluminação melhor, ou os faróis de um dos carros, iluminava o seu rosto confirmando a sua beleza e o sorriso amigável. Conversava com os moradores de rua, ria, servia e, vez ou outra, fazia alguns procedimentos de primeiros socorros, o que me levava a pensar se era ligado à área de saúde.

Porém não passamos disso, lógico! Contudo me sentia curiosa a respeito do rapaz, que não me lembrava em nada Patrício, ainda assim, sempre que percebia algo que me agradava nele, meu coração acelerava com as imagens do outro.

E assim seguimos noite adentro, trabalhando, levando conforto aos que estavam desamparados, conhecendo sempre um pouco mais das histórias daquelas pessoas que para muitos eram invisíveis.

E era por isso que eu amava e odiava na mesma medida aquele trabalho social.

CAPÍTULO 5



*“Cada um vive como pode. E eu não nasci pra sofrer.
Cara feia pra mim é fome. Eu não faço manha pra comer, não!”*

DOCE DE PIMENTA — RITA LEE

NO DIA SEGUINTE, ASSIM QUE ABRI OS OLHOS PERCEBI A INCRÍVEL DIFERENÇA. HAVIA, SIM, A angústia em meu peito, só que sem a mesma força de antes. Também não havia a vontade de chorar, apesar de me sentir triste. Era um sentimento diferente que mesmo sendo mais fraco, conseguia se sobrepor ao outro, o que me limitava e fazia chorar todas as manhãs.

E, para a minha surpresa, eu sabia muito bem qual era o motivo daquela mudança súbita. Ela tinha um nome e um endereço, não merecia tanta atenção, mas por alguma razão divina, a dor de não poder ter o homem amado me distraía das demais dores. Por isso aceitei a nova condição de bom grado.

Pulei da cama, fui direto para o banheiro sentindo o corpo cheio de energia. Droga! Era muito tempo sem transar e não conseguia adivinhar por mais quanto poderia suportar. Apesar da certeza de que precisava colocar aquilo para fora, a presença do padrinho me impedia de abusar da sorte. Por isso decidi que correr seria melhor do que uma aula de pilates para exaurir aquela vibração incômoda.

Escolhi um short, um top, calcei os tênis, preendi os cachos revoltos, escolhi os óculos de corrida, passei protetor solar, porque câncer de pele dá em qualquer cor, branca, negra, azul e até mesmo nas verdes. Também porque a última coisa que buscava era ganhar uma marquinha diferente em meu bronzado tão bem-cuidado.

Desci as escadas com pressa, dando de cara com o padrinho, que conversava ao telefone usando um tom bem baixo. Parecia preocupado. Assim que ouviu meus passos se virou para me encontrar.

— Bom dia! — sussurrei sem querer atrapalhá-lo.

— Bom dia, filha! — Ele se afastou passando para a varanda.

A mesa estava posta com muitas frutas, geleias, bolos, pães, tudo para alimentar uma família com pais, dez filhos, tios, avós e quem mais quisesse. Era um absurdo de desperdício o que Odete fazia quando os padrinhos estavam em casa. No geral, eu e Charlotte nos virávamos com o que fosse rápido e básico.

Peguei um pedaço de melão, uma torrada integral e uma fatia de queijo branco. Se a ideia era correr, então não podia abusar. Comecei a comer a torrada pensando se deveria ou não colocar um pouco de geleia, o padrinho sentou à minha frente com uma expressão preocupada.

— Vai para a academia? — Tentou despistar.

— Vou correr na praia. — Coloquei um pouco de suco de manga em meu copo para ajudar a descer a torrada seca. Quem inventou o regime odiava as mulheres. — Onde está a madrinha?

— No quarto. — Não me olhou, mesmo assim entendi que não estava tudo bem. — Ela está com bastante dor de cabeça hoje.

— Ah! — As dores de cabeça da madrinha eram antigas conhecidas da família. Quando aconteciam era melhor ficar bem longe. — O senhor deu a ela um daqueles comprimidos “derruba búfalo”? — O padrinho riu começando a se servir.

— Dei sim. Agora ela precisa descansar. Charlotte ainda está dormindo?

— Acho que sim. A porta estava fechada.

— Qual é o plano para hoje mesmo? — Revirei os olhos vendo que tudo acontecia conforme o planejado. O padrinho buscava todas as informações possíveis para que aceitasse uma saída nossa na noite carioca.

— Johnny vai escolher o local. — Fui sucinta com a resposta mesmo tendo noção do quanto isso o aborrecia.

— E só vão vocês três? — Dei de ombros.

— Eu e Johnny somos solteiros. Alex está viajando, logo, Charlotte vai sozinha.

— Charlotte deveria ficar em casa. Alex está trabalhando, não é muito justo brincar com a cabeça do rapaz assim. — Tive que rir. — Ele não aprova a saída de Charlotte.

— Até onde eu sei, Alex não é o dono dela. E Charlotte vai sair com os irmãos, que mal há isso?

— Tem razão. Vocês são irmãos e sabem cuidar bem um do outro.

Graças a Deus!

— É melhor eu sair logo, padrinho. Não é muito fácil ficar na frente de tanta comida quando a ideia é emagrecer.

— Você está ótima, Miranda.

Dei a volta na mesa para me despedir com um beijo e corri para fora do apartamento. Desci a ladeira mantendo o ritmo acelerado, esquentando o corpo, para começar a correr quando alcançasse a orla. Ajustei o cronômetro, admirei a paisagem e me juntei às demais pessoas que assim como eu, faziam questão de cuidar do corpo.

Comecei com um trote leve, decidida a não forçar muito. Seria ótimo conseguir colocar toda aquela energia acumulada para fora, o que só conseguiria se levasse meu corpo ao limite. Segui correndo, organizando os meus pensamentos que de tempos em tempos me levavam para Patrício.

Continuávamos no silêncio. Nenhuma mensagem, nenhuma ligação, nada que me desse um fio de esperança. Nem podia me permitir tê-la, afinal de contas, o que eu faria com uma pessoa como Patrício em minha vida? Patrício era aquilo que a maioria dos caras gostavam de ser: o que podia tudo enquanto a garota não podia nada.

Idiota!

Então se duas garotas quisessem transar envolvendo-o no esquema, estava tudo certo. Até seriam tratadas como princesas, porque era assim que Patrício era, as mulheres com quem ia para a cama mereciam a sua atenção e respeito, além de toda a sua dedicação, sua generosidade e... foco, Miranda!

Agora, se a garota resolvesse transar com um casal, com o consentimento de ambos, ela era vagabunda, fora do padrão, não servia para casar.

A minha vontade era de esmurrar a cara dele quando pensava na maneira como me olhou quando descobriu a minha situação com Moisés. Que panaca! Imbecil e... com um empurrão que eu não fazia ideia de como aconteceu, fui parar no chão.

— Que merda! — gemi sentindo minha bunda doer.

— Desculpa! — A voz masculina e urgente estava bem acima de mim. — Você atravessou a pista de ciclista e se atirou à minha frente.

Conferi minhas mãos notando que não ficaram arranhadas, só doloridas. O cara se abaixou para me ajudar. Então o olhei pela primeira vez. Com surpresa reconheci o rapaz da noite anterior, o que estava de boné. Também fui reconhecida.

Ele era lindo! A pele rosada indicava que em circunstâncias normais era bem branca. Não pude ver a cor dos olhos, pois usava óculos escuros, mas seu cabelo cortado bem curtinho era loiro. Possuía lábios lindos, um queixo quadrado e um corpo espetacular exposto em roupa de ciclismo. Eu sabia! Ostentar um corpo como aquele não era para quem não se dedicava às atividades físicas.

— Desculpe! Estava pensando em algumas coisas e acabei atravessando a pista — falei tentando me levantar.

— Você está bem? — Sua voz também era gostosa.

— Hum! Minha bunda vai doer por um tempo. Fora isso nenhum dano. — Ele riu me ajudando a sair da pista. — Obrigada! Desculpe mais uma vez.

— Sem problemas. Você não estava ontem no grupo do Danilo? — Sorri confirmando. — Sou Éder. — Estendeu a mão para mim me pegando de surpresa. Lentamente coloquei a minha sobre a dele, que se fechou com segurança enquanto retirava os óculos. Olhos verdes, escuros e profundos. Lindo demais! — Eu estava no grupo ontem, não sei se vai se lembrar de mim.

— Ah... — Ri sem graça. — Miranda, a distraída. — Seu sorriso foi encantador.

— Posso me desculpar da maneira correta te oferecendo um suco?

Bom... podia até mesmo se desculpar fazendo uma massagem em minha bunda e depois tudo o que fosse permitido. E eu permitiria muitas coisas. Contudo o gatinho estava me convidando para um suco como qualquer outro cara interessante faria para conquistar uma mulher.

— Podemos ficar logo ali na frente. Tem um restaurante que abre pela manhã para abrigar o pessoal que gosta de se exercitar logo cedo.

Ponderei. Éder era um gato, com um sorriso sexy, mas nós não estávamos no clube, onde havia a segurança das regras, para topar qualquer convite. Para Éder, Miranda era uma garota comportada que se preocupava com as questões sociais e tentava levar uma vida saudável. Chegava a ser engraçado. Éramos dois desconhecidos, o que me levava a não ter qualquer controle sobre o que seria aceitar aquele convite. Mesmo assim, sorri da melhor forma possível.

— Um suco. — E acabei cedendo mais uma vez à aventura do desconhecido.

Começamos a andar pela orla, ele segurando a bicicleta, que logo percebi não ser uma simples, ou barata. Será que era atleta? Mantive o passo lento, desistindo da corrida. Sendo discreta, olhei para os pés dele, constatando que estava certa. O tênis que usava era ainda mais caro do que o da noite anterior.

— Você vem sempre aqui? Nunca te vi.

— Não tão cedo. Costumava ir para a faculdade este horário.

— É estudante?

— Era. Ontem foi o meu último dia.

— Legal! Parabéns! Formou em quê?

— Letras.

— Muito bom.

Mas não parecia ser muito bom de fato. As pessoas costumavam ver o curso de Letras de uma forma muito limitada. Definiam que só poderíamos ser professores, ou revisores, ou qualquer outra profissão não mais valorizada pelo nosso sistema. Bom, eu não me importava. Nunca escolhi o curso por mim mesma, e sim por Charlotte. Para dizer bem a verdade, nem fazia ideia do que queria fazer da vida.

— E você? — Tirei o foco de mim antes que perguntasse demais me fazendo começar a mentir. — Vem sempre aqui?

— Venho. Prefiro este horário. Você mora por aqui? — Sorri me mantendo calada. — Estou indo rápido demais?

— Um pouco.

— Moro aqui perto. Sou estudante de Fisioterapia, tenho vinte e quatro anos e meu nome completo é Éder Medeiros Fagundes. — Fez uma reverência encantadora. — E frequento o grupo do Danilo há dois meses.

— Ok! também moro por aqui. — O rapaz aguardou por mais alguma informação que não me dei ao trabalho de fornecer. Ele riu balançando a cabeça, aceitando a minha resposta.

— É aqui. Podemos ficar na frente, assim consigo guardar a *bike* e aproveitamos a paisagem.

Ele me conduziu pelo restaurante. Os dois garçons que estavam no local o conheciam e lhe ofereceram a melhor mesa, apesar de ter quase todas as outras disponíveis. Éder puxou a

cadeira para mim, deixando-me encantada, logo em seguida sentou ao meu lado. Não na frente como mandava a etiqueta, e sim ao meu lado, bem perto de mim. Ao invés de olhar para a praia, virou em minha direção, me olhando com interesse.

— Agora que vai ter mais tempo livre, pretende aparecer mais vezes?

— Não gosto de rotina, então... quem sabe.

— Não gosta de rotinas? — O garçom se aproximou com o cardápio. — Um suco de laranja para mim, e para você...

— Uma água sem gás, por favor.

— Dieta?

— Não. Só estou com sede mesmo. Então você estuda fisioterapia? — O pensamento de que o padrinho iria gostar daquele rapaz me fez sentir uma péssima garota.

— Sim. Depois de dois anos sabáticos, consegui definir o que queria para a minha vida.

Éder era interessante. Não parecia um cara cheio de regras ou que se preocupasse com a sociedade. E de fato gostou do ano sabático que tirou sendo ainda tão jovem. O padrinho morreria se aquela fosse a minha escolha.

— Penso em fazer algo parecido agora — anunciei sem saber ao certo o porquê. — Estou pensando em estudar fora do país.

— Não seria exatamente um ano sabático.

— Acredite, qualquer coisa que não me coloque ao lado da minha família vale como sabático pra mim. — Sua careta engraçada me fez rir. — Meus planos não costumam excluí-los, só que agora parece que cada um está arrumando a vida. Minha irmã está noiva, meu irmão vai começar a seguir a carreira que deseja e eu... vou voar.

— É uma sábia escolha.

O garçom chegou com nossos pedidos, colocando-os sobre a mesa. Encarei aqueles olhos verdes como azeitonas me dando conta de que estava gostando de conversar com ele. Havia algo muito leve em Éder que me deixava tranquila e me fazia não pensar em minhas aflições.

— Então... sua irmã está noiva... vai casar logo, não? — Permaneci calada aguardando pelo que diria. — E você, Miranda? Está planejando sair do país, estudar longe da família, respirar outros ares... não existe ninguém que vá ficar aqui te esperando?

— Você fala de namorado? — brinquei divertida enquanto bebia a água. — Ou de um amigo muito próximo?

— Alguém que queira esperar por você. Ou que cogite a hipótese de te seguir. — Seu olhar era enigmático e o leve sorriso que brincava em seus lábios bem torneados fazia dele um conjunto bem desejável.

Mas a sua pergunta me deixou desarmada. Sem saber, Éder tocou em um ponto que machucava. Não haveria ninguém esperando por mim, ou que acreditasse valer a pena me

seguir para onde quer que eu fosse. E, como se não bastasse o meu nível de frustração, a imagem de Patrício projetada em minha mente colaborou para o meu ar melancólico.

Respirei fundo. O amor era mesmo uma merda! Não deveria importar se alguém estaria ou não aguardando por mim, já que acreditava que minha felicidade dependia única e exclusivamente de mim. E não importava o fato de não estar em um relacionamento, essa nunca foi a minha ideia. O problema era que me machucava não estar naquele relacionamento específico. O que também era contraditório, já que não queria ser namorada dele.

— Hum! Acho que este é um assunto delicado — Éder brincou. — Então seu ano sabático é também a fuga de um amor?

— Digamos que é um recomeço por causa de algo que nunca começou. — Seus olhos estreitos tentavam decifrar o que eu dizia, ou encaixar as peças soltas.

— Eu seria muito abusado se perguntasse se esse recomeço está mantendo as portas fechadas para um novo... amigo?

Abaixei os olhos e respirei fundo sentindo certa leveza em nossa conversa que me deixava muito confortável. Depois acabei rindo, porque abusado era algo que Éder não estava sabendo ser, não quando comparado a Patrício.

— Você seria abusado — acusei —, mas digamos que essa seja uma boa iniciativa. — Sorri assistindo o seu contentamento ao morder os lábios.

Éder se aproximou, indicando um beijo que gostaria de roubar e que eu gostaria de ceder. Então aguardei, observando, me permitindo. Quando nossos lábios se encontraram pude sentir a maciez da carne, o toque gentil, o sabor levemente salgado. Então, a língua macia pedindo passagem com toda a sua delicadeza. Não forçava nada, não se impunha, nem exigia, o que fazia meu cérebro pipocar de mensagens comparativas.

O beijo era gostoso, não posso mentir. Desde o primeiro momento entendi que Éder me agradava não apenas aos olhos, como também na sua maneira de se aproximar, de assim preencher os espaços vazios. E verdade seja dita, havia espaços em mim pedindo para serem ocupados.

Enquanto nossos lábios brincavam se movimentando, nossas línguas se tocavam e se exploravam. Uma mão tocou meu braço com carinho, mantendo o que era exigido de decoro, contudo, sem deixar de me ativar. Ele queria me tocar de outras formas, dava para perceber, mas o local público, a ideia de sermos estranhos e de que eu era uma boa moça, fazia com que não avançasse.

Mesmo estranhando, gostei da ideia. Não seria ruim viver um pouco daquilo que nunca tive, a paquera, a vontade de conhecer o outro, o tesão inicial, a possibilidade de um relacionamento mais de acordo com as regras da sociedade. Por que não?

Simples. Porque aquela não era eu.

E o que quer que estivesse acontecendo ali, não passaria de mais uma das minhas brincadeiras, porque eu era Miranda Middleton, e nada que se encaixasse no normal dizia

respeito a mim.

O beijo foi desfeito com a típica ideia de romance perfeito. Beijos leves encerrando o que antes estava prestes a queimar, um sorriso de satisfação, cheio de promessas, antes de se afastar.

— E então, Miranda... o que vai fazer hoje à noite?

Sorri mantendo a inocência, mesmo com as ideias piscando em um painel luminoso na minha mente enumerando tudo o que pretendia fazer naquela noite, com ele, e mais ninguém.

CAPÍTULO 6



*“Ela é toda positiva e sabe bem o que quer.
Não precisa de ninguém pra pagar e chofer.”*

MEU BEM – NX ZERO

NÃO PODIA ESTAR TÃO INCOMODADA COM A PRESENÇA DO ALEX. PARA FALAR A VERDADE DEVERIA estar feliz, porque ele ter voltado ao Rio de Janeiro deixou Charlotte radiante, além de me permitir confirmar que eles estavam bem. Mas confesso que não estava contente com o seu retorno justo na nossa noite. Algo me dizia que aquilo tinha um dedo do padrinho.

Piorava a minha antipatia quando meu ex-professor fazia questão de me desafiar, como fez na mesa na frente dos padrinhos, me perguntando por Patrício, quando, com certeza, estava festejando o fim do meu relacionamento com o seu irmão.

Só que meu mau humor, relacionado ao aparecimento do meu futuro cunhado, estava ligado a outro fator e não à extrema necessidade do padrinho de controlar a filha. Acontece que, por um motivo que não sei explicar, convidei Éder para aquela noite, por isso ter Alex na minha cola não seria nada agradável.

Não que não quisesse que ele me visse com alguém. Isso era um problema meu. E eu nunca deixaria de ter uma companhia agradável só para satisfazer o futuro marido da minha irmã. O que me preocupava era como Alex passaria a informação para Patrício.

Gostaria de afirmar que não me importava com esta parte também, ou que seria ótimo Alex mostrar ao irmão que a fila andava, no entanto, não era o meu objetivo fazer ciúmes ao meu ex-amante, e sim a maneira como Patrício encararia a situação depois de ter se colocado em risco ao invadir um apartamento, dar uma surra em um tarado que queria me comer à força, para logo em seguida descobrir que aquilo tudo era apenas uma consequência da vida que eu levava.

Se já estava queimada para ele, ficaria ainda mais quando soubesse que depois de tudo, fui me divertir em uma boate com outra pessoa.

Não era correto estar tão nervosa com a ideia do que Patrício acharia de mim, no entanto, estava, e o nervosismo me trancava naquele banheiro mais tempo do que o necessário.

— Miranda? Posso entrar? — Charlotte chamou do meu quarto. Fechei os olhos, respirei fundo, forçando uma tranquilidade, o que era a mais pura mentira.

— Claro! Estou aqui no banheiro. — Ela logo apareceu. Estava linda e corada. — Você está linda, Lottie!

— Obrigada!

Charlotte entrou no banheiro, alisou o vestido, encarou o chão, ficou parecendo uma criança quando aprontava alguma coisa e precisava contar aos pais. Céus! Ela era tão absurda que encantava.

— Fala logo, Lottie! — Conferi o lápis de olho encarando a minha irmã pelo espelho.

— Você se incomodaria se eu não fosse? Quer dizer... — Começou a se complicar quando parei tudo para encará-la. O que Charlotte estava aprontando? — Não é que não queira ir com vocês, é que...

— O padrinho não vai deixar você ir para qualquer lugar, sozinha com o Alex.

— Eu sei, é por isso mesmo que vim te pedir.

— Pedir o quê? — Charlotte começou a ficar tão vermelha que me deixou preocupada.

— Para vocês irem e eu e Alex... nós...

— Charlotte, calma! — Virei em direção à minha irmã. Segurei seus ombros para que me encarasse. — Você quer ficar em casa com o Alex, tendo o padrinho na sua cola? Sério mesmo?

— Não!

— Mas se vocês não forem com a gente, o padrinho vai... — Então comecei a me dar conta do que tanto queria dizer. — Ah, Deus, Charlotte! — Ela corou ainda mais. Não consegui evitar o imenso sorriso que dei.

Tudo bem que meu egoísmo me convencia de que se Charlotte conseguisse levar Alex para longe daquela boate seria maravilhoso para mim, contudo, ver a minha irmã se empenhando em quebrar as regras era mesmo algo que me deixava orgulhosa.

Era incrível como os papéis se inverteram. Antes eu armava todos os planos possíveis para ser acobertada por Charlotte, agora ela procurava a minha retribuição.

— Tudo bem. Aproveite bem a sua noite. — Minha irmã soltou o ar com força deixando os ombros relaxarem.

— Será que Johnny vai se importar?

— Duvido muito. — Voltei a olhar para o espelho, conferindo se tudo estava como queria. — Só vamos precisar ajustar a volta. O padrinho com certeza vai conferir se chegamos juntas. — Sorri confiante para a minha irmã, pois aquele plano já era um velho conhecido nosso.

Descemos juntas, Johnny e Alex já nos esperavam, sem saber do nosso plano. Preferi só contar quando não tivesse mais nenhum impedimento, então meu irmão não perguntou nada quando Charlotte seguiu em direção ao carro do noivo e nós dois fomos juntos no carro dele.

Saímos na frente sem nos preocuparmos se eles conseguiriam nos seguir. Só quando chegamos à boate, que estava lotada por sinal, e Johnny fez menção de aguardar pelo casal 20, contei a verdade.

— Tá legal! Vamos fazer assim: eu não te atrapalho, você não me atrapalha. Combinei um horário com Charlotte, então você está livre para fazer o que bem quiser. Aproveite!

— O que vocês duas aprontaram? Não era para ser uma noite nossa? — Seu olhar indignado me fez sentir culpada, o que não perdurou.

— Era, do verbo “não é mais”, conhece? — Meu irmão me fuzilou com os olhos. — Lottie quer comemorar a formatura no seu melhor estilo. — Johnny permaneceu calado. — Ora,

vamos, Johnny! Não é tão trágico assim. Marcamos um almoço depois.

— Puta merda! Sempre pude contar com Charlotte, agora não posso contar com mais ninguém.

— Não seja dramático! Vamos. Tenho certeza que quando você encontrar alguém interessante lá dentro, rapidinho vai esquecer que queria uma noite com os seus irmãos. — Johnny sorriu com doçura. — O que foi?

— Gosto quando você se insere nesse lance de família. Chego a quase acreditar que está se tornando uma pessoa normal.

— Johnny, você é retardado.

— Miranda?

Olhei para trás encontrando Éder. Um espetáculo de homem com uma camisa esporte manga longa e uma calça jeans que fazia jus ao corpo tão bem torneado. Sorriu com olhos brilhantes, mas não se aproximou, talvez preocupado com a presença do meu irmão.

— Éder! — Fui em sua direção e sugeri o beijo que ele, mesmo com receio, acatou. Seu sorriso em resposta foi encantador.

— Eu deveria adivinhar! — Johnny resmungou atrás de mim. — E aí? — Ofereceu a mão a Éder. — Sou Jonathan, o irmão da garota aqui.

— O irmão? — Sua voz demonstrava um pouco de alívio, o que me fez rir.

— Vamos entrar? — sugeri.

Johnny conversou pouco com Éder, como sempre acontecia. Meu irmão sabia que ninguém durava em minha vida, então nem se dava ao trabalho de ser agradável, ou iniciar uma amizade. Foi por este mesmo motivo que logo tratou de sair de perto da gente, me avisando que estaria próximo ao bar dos fundos, caso precisasse de alguma coisa.

Relaxe por completo depois disso. Éder era legal, beijava bem e me deixava confortável. O problema era que eu não pretendia nada além de divertimento, então começar esta ideia apresentando o meu irmão não foi nada interessante. Já eram dois pontos que ele agora conhecia da minha vida.

Éder me segurou pela cintura, me puxando em sua direção assim que meu irmão saiu da nossa cola. Seus olhos acompanharam os passos dele até ter certeza de que estávamos de fato sem qualquer vigília, depois sorriu e me beijou. Fechei os olhos aceitando o beijo, contudo, foi difícil fazer com que a minha mente não me levasse ao dia em que, sem qualquer combinado, encontrei Patrício em uma boate, enquanto tentava me livrar de Moisés, ao mesmo tempo, cuidando de Charlotte.

Mal sabia eu que naquele dia, Charlotte começava a escrever a sua história com o seu professor e, sem perceber, traçava o meu caminho junto ao do Patrício. A vida era mesmo engraçada.

Pensar em Patrício me deixava enjoada. Não queria permitir que as lembranças me abalassem ao ponto de não conseguir sequer beijar outro cara sem comparar os beijos. A

confusão de sentimentos que se apossavam de mim quando me dava conta deste fato era devastadora. Meu estômago doía com a ideia do fim definitivo, meu coração acelerava com a raiva pela maneira como ele encarou tudo, e minhas mãos ficavam suadas.

Éder desfez o beijo. Precisei abaixar a cabeça e deitar em seu peito para que não percebesse o meu abalo. Era irritante permitir que aquele sentimento me subjugasse.

— Está tudo bem? — Seus braços se fecharam em minha cintura. Seus lábios foram para o meu cabelo.

— Está sim. Eu só... Não esperava que fôssemos encontrar meu irmão aqui — menti.

— Muito cedo para me apresentar? — Mordi o lábio. Ele nem imaginava que a ideia não era o tempo correto para inseri-lo na família, e sim nunca precisar fazer isso. — Relaxe, Miranda. Não estou com pressa de nada. Vamos só curtir a noite.

Aquela sim era uma excelente ideia. Aceitei a sugestão, desta vez, me entregando pra valer ao beijo. Éder entendeu o recado, abusando da determinação de me manter envolvida. Suas mãos me seguraram colando nossos corpos, me esquentaram quando subiam e desciam com desejo, chegando sempre ao limite, sempre deixando claro o quanto queria poder ir um pouco mais longe.

Sua língua também atijou meus pensamentos pecaminosos, pois esta ficou mais exigente, sedutora, colaborando com os lábios que pareciam querer me devorar. Enquanto nos beijávamos, dançávamos embalados pela música eletrônica que parecia pulsar em nossas veias. Estava tudo uma delícia, mas quando abri os olhos, consegui captar uma figura conhecida sendo rebocada pela mão, por outra figura bastante conhecida: Charlotte e Alex.

O que eles estavam fazendo ali?

Porra!

Pensei mil vezes se não deveria me embrenhar no escuro com Éder e sugerir uma fuga, que, claro, ele entenderia como um convite para algo mais íntimo, o que não me deixava nem um pouco desconfortável. O problema é que não podia ignorar tudo e me esconder de Charlotte, quando combinamos que ela fugiria com o noivo para um motel. Alguma coisa deu errado.

Que merda!

— Quer buscar uma bebida? — Ele estreitou os olhos, porém, se percebeu alguma coisa preferiu não comentar.

— Água? — sugeri.

— Desta vez pode ser uma vodca. Obrigada!

Éder se despediu com um beijo cheio de malícia. Logo em seguida, corri atrás da minha irmã que parecia me procurar no meio de tanta gente. Ela não estava nada satisfeita, dava para perceber.

— Oi! — gritei para que me encontrasse.

Charlotte olhou em minha direção e sorriu. Abracei minha irmã porque não podia fazer qualquer comentário como “o que aconteceu?”, porque não fazia ideia se Alex imaginava o nosso plano.

— Resolvi ficar um pouco com vocês — disse desviando o olhar. Eu soube de imediato que era mentira. O que deu errado?

— Ah, é?

— Sim. É a nossa noite, não é mesmo? E eu não queria que você ficasse sozinha. Onde está o Johnny?

— Ele estava aqui agorinha mesmo.

Alex parecia entediado, nada satisfeito com a aglomeração, o que só me fazia pensar no quanto ele era hipócrita, já que frequentava ambientes como aquele antes de se envolver com a aluna. Como um milagre, Johnny apareceu.

— Ei! O que aconteceu? Vocês não iam...

— Onde você estava, Johnny? — o interrompi antes que ele estragasse tudo. Meu irmão me olhou confuso.

— No bar lá do fundo. Eu te...

— Eu amo esta música! — gritei com entusiasmo para que Johnny se calasse. — Vamos dançar?

Eu me sentia uma adolescente escondendo o namoro dos pais. Só de imaginar que Éder apareceria a qualquer momento fazendo com que Charlotte criasse outro romance ideal em sua mente já me deixava nervosa. Além disso, Alex estava lá, incomodado, atento e cheio de disposição para queimar o meu filme.

Charlotte se animou para dançar comigo, porém não conseguiu nem três minutos de liberdade, pois o seu noivo a puxou para perto, dançando com a garota. De certa forma acabei agradecendo. Éder me procurava no meio da multidão com nossas bebidas nas mãos.

— Aproveite a deixa e suma — Johnny falou ao meu ouvido me alertando que era aquele momento ou nunca.

Dancei me embrenhando entre os corpos, fingi me interessar por um grupo que estava bastante animado. Assim consegui atravessar o salão e encontrar a minha companhia para aquela noite, que já estava com uma carinha desanimada, sem entender o meu sumiço.

— A fila do banheiro estava imensa — menti pegando minha bebida da sua mão.

— Pensei que você tinha ido embora. — Sorriu ficando ainda mais bonito e me puxou outra vez para perto, colando os nossos corpos.

— Não antes de amanhecer — provoqueei percebendo o momento exato em que seus olhos expressaram que entendia a indireta.

— Então a noite vai ser longa. — Ele me beijou outra vez, com a mesma vontade de antes, dando a entender o quanto queria ultrapassar os limites.

Permiti que Éder definisse o ritmo dos nossos avanços só porque era malvada o suficiente para deixá-lo sofrer, vencendo seus próprios demônios. Porque conhecia a ideia que fazia de mim, de garota bela, recatada e do lar, que fazia as boas ações e priorizava os estudos.

Bom, eu não era essa garota, mas essa não era a questão.

O que Éder não sabia, e posso afirmar com convicção que noventa por cento dos homens não sabem, era que até as belas, recatadas e do lar gostavam de ser fodidas com força. Adoravam uma safadeza bem-feita, uma pegada com mais propriedade, uma palavra inadequada ao pé do ouvido. A máxima “uma dama na rua e uma puta na cama” é mais do que uma frase de para-choque de caminhão.

Por isso me limitei a sorrir, beijar, dançar e brincar quando ele era mais ousado. Éder parecia não perceber o meu jogo, se deliciando com a ideia de garota decente, que não aceita nada no primeiro encontro. Coitado!

Alguns dias depois estava decidida a ir embora. Antes precisava me certificar de que Charlotte estava bem. Só que não havia como fazer isso sem expor meu acompanhante. Não queria cometer este erro outra vez, então melhor seria se o tirasse de circulação, encontrasse minha irmã, inventasse uma desculpa e levasse o rapaz para longe dos olhares curiosos.

— O que foi? Cansou? — Éder havia desistido de me fazer acompanhá-lo em mais uma música.

— Vamos para a área Vip — determinei. Ele olhou para a sua pulseira e comparou com a minha verificando serem de cores diferentes. — Posso providenciar...

— Eu resolvo isso. Venha!

Éder me puxou pela mão nos conduzindo de volta à entrada da boate onde conversou com a primeira atendente que encontrou. Ela o olhou, pediu a identidade e explicou algo que imaginei ser o motivo para não poder liberar a pulseira. Tirei a minha carteira da bolsa e entreguei à garota surpreendendo o meu acompanhante.

— O que está fazendo? — perguntou sem demonstrar irritação.

— Em algum momento tenho que aproveitar as portas que se abrem para o meu nome.

— Ah, é? E qual é esse nome que abre tantas portas? — Seu tom brincalhão me deixou mais aliviada.

— Middleton.

Éder se endireitou, seu sorriso se desfez aos poucos enquanto tomava ciência de quem eu era. Lógico que para alguém da área de saúde, não conhecer o sobrenome Middleton era algo anormal.

— Do hospital...

— Isso mesmo. — Aguardei a reprovação em seu olhar. Éder pareceu um pouco perdido, mas logo voltou a sorrir.

— Só para não deixar mais qualquer margem para dúvidas, você é filha do Peter Middleton? — Bom... não exatamente, só que ele não precisava dos detalhes.

— Uma das filhas — revelei sentindo o peso que aquelas informações tinham em minha vida.

Toda a minha determinação em não dividir a minha vida com ninguém com quem estava apenas me divertindo caiu por água abaixo. Éder sabia quem eu era, conhecia o meu irmão, o curso em que havia acabado de me formar, uma parte dos meus trabalhos sociais e agora a minha herança genética, ou o que deveria ser uma.

Era bom eu continuar a ser a garota legal que se encantava com facilidade.

Que merda!

— Estou com um problema — disse ainda sorrindo.

— E qual seria esse?

— Parece que estou saindo com a filha do chefe.

A atendente substituiu a pulseira que estava em seu punho sem que ele expressasse qualquer oposição. Pelo menos eu ser milionária não o assustava. Mas o que ele acabara de dizer sim. E muito.

— O quê?

— Estudo Fisioterapia, lembra? — Confirmei com a cabeça. — Bom, estou estagiando no hospital do seu pai. Não é engraçado?

Não era, mesmo assim me forcei a sorrir, confusa com o turbilhão de emoções rodopiando em minha mente. Por isso que eu preferia o clube. Era só chegar, escolher o esquema, transar e ir embora. Nada de surpresas, de possíveis problemas, de estagiários que poderiam fazer com que a minha família se envolvesse mais uma vez em uma mentira.

— Vamos? — Ele me tirou do devaneio me conduzindo de volta ao caldeirão de gente que dançava com uma animação irritante. De repente, toda a noite perdeu a graça.

Éder me levou sem qualquer problema à área vip. Ele não estava mesmo incomodado com quem eu era. Também não parecia deslumbrado. A sua leveza chegava a me constranger, porque depois daquela revelação broxei por completo. Os seguranças conferiram nossas pulseiras no mesmo instante em que o DJ pedia para as pessoas cantarem. O lado de fora parecia ferver com a fumaça artificial que era lançada por todos os lados.

Do lado de dentro teríamos mais espaço para conversarmos, mesmo que esta não fosse minha intenção. Depois de tudo o que foi revelado, só conseguia pensar em que tipo de implicação teria se Éder não fosse nada do que eu imaginava e logo precisasse lidar com mais um problema, este muito mais próximo do padrinho.

— Relaxe, Miranda! — falou em meu ouvido para que sua voz conseguisse ficar mais alta do que a música e os gritos das pessoas. — Vamos só curtir a noite. — Outra vez me fez a promessa de que nada aconteceria fora do que pretendíamos. Perguntei-me se podia mesmo confiar naquele rapaz que entrou em minha vida de maneira tão repentina.

Antes que eu conseguisse argumentar ou traçar qualquer plano fui beijada com intensidade. Éder não se preocupou em ser discreto, me puxando para uma área ainda mais reservada apesar de estarmos no escuro.

Mesmo com todos os pontos me indicando que deveria fugir enquanto ainda havia tempo, nada em mim desejava se afastar dele. Éder não inspirava medo, muito pelo contrário, passava uma tranquilidade e segurança que chegava a me desconcertar. De verdade, gostava da maneira como estava me tratando, como se estivesse certo de que funcionaríamos bem, que por isso não precisava de tanta pressa.

Pode ter sido por este sentimento, ou por algo mais mundano que sempre guerrilharia dentro de mim, por melhor que fosse a minha intenção, mas retribuí o beijo com o mesmo punhado de ousadia e desejo, me permitindo uma entrega que acreditei nunca mais ser capaz.

Ele aprovou, correndo as mãos pelas minhas costas, acariciando de leve – em uma atitude um tanto quanto ousada –, a minha bunda, gemendo em meus lábios de uma maneira que me deixou acesa. Então era isso: eu estava a fim, excitada, e ele, por mais que me custasse um pouco de dor de cabeça, poderia ser uma boa pedida. Então...

— Sua cretina!

Uma voz forte como um trovão, muito perto ao ponto de me assustar, urrou ao meu lado. No início não soube explicar porque me afastei com tanta urgência do Éder, nem identifiquei de imediato a razão do meu pavor. Quando dei por mim estava bloqueada por Alex e Éder, que tentavam conter um Patrício furioso.

Patrício? Mas... como... por quê...

— Então era isso que você queria? — continuou gritando descontrolado enquanto eu ainda tentava me situar. — Ficar livre para poder “galinhar” por aí? Eu deveria suspeitar.

— Ei! Não fale assim com ela. — Charlotte se materializou na frente de todos fazendo o meu coração disparar. Com um dedo na cara de Patrício, gritava sem se importar com as consequências. — Você também não ficou para trás.

Foi assim que percebi a presença daquela outra garota. Uma menina que não era do meu convívio, nem do de Charlotte, que estava tão deslocada que com certeza não era nenhuma amiga de Alex. O que só significava que ela... Ah, não! Puta que pariu!

Tentei ultrapassar as duas muralhas que estavam à minha frente e assim tirar a minha irmã daquela confusão, sem conseguir. O que Charlotte pensava que estava fazendo se colocando no meio daqueles brutamontes? Porra, aquilo não daria certo.

— Patrício, o que...

— Qual é o seu problema? — Éder peitou Patrício sem qualquer medo do que aqueles músculos poderiam fazer.

Talvez esta tenha sido a grande merda. Patrício voltou toda a sua atenção para o meu acompanhante, Alex tentou impedi-lo de piorar tudo, só que estava mais preocupado com a sua noiva, e com razão, já que Éder e Patrício pareciam que iniciariam a Terceira Guerra Mundial.

— Cale a boca, seu idiota! Que o assunto aqui não é com você.

Charlotte avançou contra Patrício, eu e Alex seguramos seu braço ao mesmo tempo, com isso consegui passar à frente da confusão.

— O quê? — gritei desejando que ele se esquecesse de Éder e resolvesse comigo. — O que você quer, Patrício? — Olhei sugestivamente para a garota que me encarava com desdém. Era melhor que ela ficasse fora do meu caminho.

— O que eu quero? Eu quero é me certificar de que fiz a coisa certa. Descartei o que só me traria desgosto.

As palavras dele me atravessaram como facas afiadas, cortando meu coração em pedaços. Mas demorei tempo demais para reagir. Enquanto recebia o desaforo, organizava minha mente e me preparava para cuspir na cara dele, Charlotte tomou a frente acertando Patrício com um tapa tão violento que me perguntei se de fato aquilo aconteceu.

Depois disso não havia mais como conter a confusão. Alex segurou Charlotte com uma habilidade incrível, levantando-a e girando-a para deixá-la fora do alcance do irmão. Enquanto isso, a mulher com quem Patrício estava falou alguma coisa com ironia, e o meu sangue ferveu de uma maneira descontrolada. Patrício me encarou com raiva, a mão no rosto, onde a minha irmã o atingiu, a expressão de puro ódio.

— O problema é essa... vagabunda! — disse ciente de que com essas palavras acendia o pavio para a explosão da bomba.

Foi tudo ao mesmo tempo. Avancei sobre ele, Charlotte se debateu nos braços do noivo querendo bater outra vez no cunhado e Éder o acertou com um soco muito bem-dado.

Só que eu era Miranda Middleton. Nunca ficaria satisfeita em ser salva pelo príncipe encantado. Eu era a minha própria princesa. Resolvia os meus problemas. Por isso acertei os meus próprios socos em Patrício, que mesmo enraivecido, batendo em Éder, se esforçava para não me atingir.

A garota com quem ele estava não ficou de fora. Quando me viu bater em Patrício, me puxou pelos cabelos me fazendo recuar. A doida! Se eu quisesse de fato atingir a mulher, teria feito dela trapos. Ela era tão magra que eu podia levantá-la e parti-la em meu joelho. Então girei com muita facilidade e me limitei a puxar o seu cabelo para fazer com que me soltasse.

A verdade era que estava ansiosa para acertar alguns socos naquela cara de Barbie, ao mesmo tempo, o meu senso de justiça me dizia que não seria muito justo, quando só o que conseguia fazer era me atacar com alguns arranhões e puxões de cabelo.

Céus, o que acontecia de tão errado com as mulheres que não faziam questão de aprender qualquer tipo de defesa que não fosse chorar e gritar?

Não sei dizer ao certo se consegui não bater muito na garota, ou se, de alguma forma, acertei alguns socos em Patrício. Em algum momento um braço forte me tirou de cima da menina, me levou para um canto onde pude ver quatro seguranças impedindo que Éder e Patrício se matassem.

— Você só pode estar louca! — Johnny entrou em meu campo de visão, segurando meu rosto como se precisasse se certificar de que eu estava bem. — Fique aqui e não saia.

Logo em seguida a polícia estava lá, nós fomos vergonhosamente expulsos, com uma galera gritando bobagens enquanto éramos conduzidos para fora. Patrício trocava ofensas com um Éder raivoso, e alguns caras, que só depois entendi serem conhecidos do meu acompanhante, que queriam se juntar para terminar o serviço quebrando a cara do meu ex.

Uma vergonha total que com certeza deixaria o padrinho furioso. Porque ele saberia. Ah, ele saberia!

— Miranda! — Charlotte me puxou para longe. Alex estava conversando com a polícia que avisava ao grupo de Éder para dispersar. — Droga! Ela te machucou?

— É mais fácil ela ter se machucado — rosnei sem conseguir tirar os olhos daquele grupo.

Meu coração estava mais machucado do que qualquer outra pessoa envolvida naquela confusão. Ele me xingou! Eu deveria quebrar seus dentes por isso, contudo, só conseguia pensar em seus machucados e no quanto aquela briga comprometeu a nossa convivência. Deus, por que Patrício não me deixava em paz?

— Venham! — Alex evitou me olhar quando chegou para nos tirar de lá. Pude perceber que não me culpava pelo ocorrido. — É melhor tirarmos Patrício daqui antes que esses caras resolvam voltar.

— Por mim ele fica aqui e morre de vez! — Passei por eles dois sem me preocupar com o que o noivo da minha irmã poderia achar, e caminhei sozinha para o estacionamento.

— Miranda, espere! — Charlotte me alcançou, jogando os braços pela minha cintura, me abraçando como podia. Pelo menos a minha irmã estava ao meu lado. — Que idiota! Eu queria matá-lo!

Sorri porque era incrível ter uma Charlotte tão forte e raivosa. Estava mesmo aborrecida. Ali entendi que sua relação com Patrício nunca mais seria a mesma. Não era para ser daquele jeito.

— Nunca mais fale com ele, Miranda! — disse sem conter a sua indignação. — O que Patrício esperava? Que você ficasse em casa chorando enquanto ele se divertia com outras mulheres? Só pode ser um idiota!

Abracei a minha irmã agradecendo por estar ao meu lado, mas não pude deixar de querer contê-la. Aquela briga não era dela e por mais que estivesse lisonjeada, não podia deixá-la se envolver em mais problema com alguém com quem teria que conviver por uma vida inteira.

— Vai ficar tudo bem — sussurrei sentindo o nó na garganta.

Eu sabia que não ficaria. Nunca mais ficaria.

CAPÍTULO 7



“A felicidade é como a pluma que o vento vai levando pelo ar. Voa tão leve, mas tem a vida breve, precisa que haja vento sem parar.”

A FELICIDADE – VINICIUS DE MORAES

O SILÊNCIO NO CARRO BADALAVA EM MINHA MENTE. SERIA MELHOR SE TODOS FALASSEM, continuassem discutindo ou acusando Patrício como Charlotte fez. Qualquer coisa que silenciasse os meus pensamentos.

Uma parte de mim gritava que deveria dar queixa de Patrício e da tal garota com quem estava. Outra dizia que um processo contra agressão envolvendo o futuro cunhado da minha irmã seria algo escandaloso ao ponto de precisar da intromissão do padrinho, além de causar um desconforto.

Além do mais, tentar um processo contra a garota poderia reverter contra mim, porque a deixei muito mais machucada, apesar de ter sido ela a me atacar primeiro. E contra Patrício o que teria? Um xingamento? Ele não encostou o dedo em mim. Além de jamais ser uma ameaça. Nunca seria.

Somado a tudo isso, precisava fazer com que meu coração parasse de se comprimir, apertar, disparar, tudo ao mesmo tempo. Não entendia o motivo da sua fúria quando ele mesmo estava com outra pessoa, e ter sido dele a determinação do fim.

Jamais me permitiria acreditar que Patrício agiu controlado por um sentimento forte demais para romper a sua indiferença. Não. Conhecia muito bem o nome daquilo. Era a ideia machista de que ele podia seguir em frente, eu não. Eu teria que sofrer e esperar o tempo passar para só assim me entregar a um novo relacionamento.

Babaca!

— O que vamos dizer ao padrinho? — Johnny sondou quando já estávamos bem perto de casa.

— Puta merda! Meu pai com certeza já sabe o que aconteceu. — Charlotte gemeu no banco de trás.

Fiquei em silêncio. A minha vontade era dizer que o padrinho deveria ter noção do imbecil que seria cunhado da filha dele, só que Charlotte se desesperaria quando percebesse que Patrício seria um problema para o seu relacionamento com Alex.

Se antes levantei a hipótese de estudar fora para conseguir viver longe dele, agora só conseguia pensar que minha ida era de extrema necessidade, pois só assim Charlotte não teria maiores problemas em sua vida com Alex.

— Quer que eu fique? — Johnny me perguntou quando parou em frente ao *flat*.

— Não precisa. Vou ficar bem.

— Tem certeza?

Meu objetivo era não ficar em casa mais do que o necessário. Meu corpo vibrava com a energia da briga indicando que deitar e dormir seria algo impossível.

— Tenho. Obrigada!

Descemos do carro, e caminhamos em silêncio até o elevador. Sabíamos que qualquer comentário poderia ser ouvido pelos informantes do padrinho. Não queríamos antecipar o problema. Assim que a porta do elevador fechou, ela me olhou decidida.

— Ele te chamou de vagabunda.

— Esqueça isso, Charlotte. Você deu um tapa na cara dele, foi mais do que uma ótima resposta.

— Isso não vem ao caso. Ele te chamou de vagabunda e você deveria dar uma queixa dele.
— Soltei o ar me sentindo cansada.

— Lottie, eu não posso fazer isso. Patrício não tem o direito de me chamar de vagabunda nem de qualquer outro nome, mas você o atingiu com um tapa...

— Reagindo ao que ele fez.

— Não importa.

— Importa! — Ela estava exaltada. — Importa, Miranda.

— Olha, você quer mesmo que por causa de um palavrão as nossas famílias se envolvam nesta confusão? Já pensou como seria quando Dr. Adriano descobrisse que o filho dele teria problemas por causa das filhas do chefe? Tem alguma ideia da proporção que essa história tomaria?

Charlotte se encolheu sentindo o peso daquela decisão.

— Patrício estava bebendo e ficou exaltado. Ele não encostou um dedo em mim, sequer me ameaçou. Tudo bem que foi um cretino por ter me xingado, porém você me defendeu de uma forma maravilhosa. Também acertei uns socos nele. — E com isso me lembrei do motivo para que minha mão estivesse tão dolorida. Ela sorriu timidamente. — Vamos esquecer esta história. Com certeza amanhã vai estar bastante envergonhado do que fez.

— Tudo bem. Mas que seja realmente a última vez, ou então eu mesma o denuncio. — Sorri amando a sua bravura.

Entramos no apartamento silencioso. Graças a Deus! Significava que o padrinho ainda não sabia de nada e poderíamos ter paz naquela noite. Ou o que quer que pudéssemos considerar paz.

Subimos para os nossos quartos. Minha cabeça martelava sem cessar. Mal consegui falar com Éder, não tive a chance de me redimir, nem a oportunidade de dizer umas boas verdades a Patrício. Não conseguia deixar de me sentir triste por saber que ele estava com outra garota e o mais importante de tudo, não tive a chance de transar com Éder e pelo menos conseguir eliminar um pouco daquela ansiedade que me consumia.

Que merda!

Tomei banho, coloquei uma camisola qualquer e deitei, porém o sono não chegava. A cada minuto meus pensamentos fervilhavam ainda mais em minha mente. Um milhão de situações, de palavras que não foram ditas, mas que eu adoraria dizer, a dor, a tristeza, o medo, tudo me consumindo de uma maneira aterrorizante.

Sem conseguir respirar, levantei decidida a resolver parte dos meus problemas. Eu não era aquela garota que ficava na cama chorando e remoendo as dores. Era a que aceitava o que não tinha solução e partia para a luta. Por isso me arrumei, desci as escadas e saí de casa decidida a ir ao clube.

Era o que eu precisava.

Do elevador mesmo chamei o táxi e saí decidida a mandar Vítor para a puta que o pariu. Não adiantava me desdobrar de cuidados quando o padrinho no final sabia de tudo mesmo, então que se fodesse. Eu sairia e transaria nem que precisasse matar um para conseguir isso.

Saí para o saguão iluminado apenas pelas lâmpadas mais discretas, como as da recepção. Vítor e Humberto estavam lá conversando. O zumbido cessou quando atravessei a área sem me preocupar com eles dois. Logo em seguida ouvi passos atrás de mim. Revirei os olhos percebendo o táxi parando na frente do *flat* antes de me virar na direção do Vítor com toda a minha fúria.

— O que você quer? — Vítor recuou assustado com a minha falta de delicadeza, mesmo que forçada muitas vezes.

— Srta. Miranda? Eu só...

— Queria saber para onde vou, não é mesmo? — Não respondeu, me encarando sem entender a minha mudança. — Quer saber o que vai poder contar amanhã para o padrinho, porque você é um filho da puta fofoqueiro! — Recuou mais um passo, os olhos esbugalhados e as mãos na frente do peito como se pretendesse se defender de mim. — Invente a sua própria história. Vá lá e faça o seu inferno, sua peste! Só não reclame quando cair em sua cabeça algo mais pesado e muito mais desafortunado do que uma simples embalagem de Yakult. Entendeu?

Ele nada disse, mas também deixou claro que nada conseguiria dizer nem se eu ficasse ali a noite toda aguardando, então virei e fui embora, entrando no táxi sem me preocupar com a forma como o mundo explodiria atrás de mim.

Fechei os olhos um pouco, procurando pensar no que seria dali em diante e não no que já tinha passado. Coloquei a mão por dentro da bolsa, sentindo o frasco do spray de pimenta e do meu canivete. Eu sabia me defender, contudo, era sempre bom não dar moleza dentro de um táxi no meio da madrugada.

Cortamos o Rio de Janeiro muito rápido e em pouco tempo já estava na porta do clube, sendo recepcionada por uma garota discreta, adentrando o salão, disposta a tudo.

Corri os olhos pelo espaço reconhecendo alguns rostos. Levei mais tempo do que o normal para decidir que não queria ficar no bar aguardando um convite; queria chegar, entrar e esquecer. Por pior que isso pudesse parecer, era melhor do que ficar presa à cena da briga.

O casal com quem brinquei na minha última aventura ali no clube já estava em uma conversa que me parecia avançada com uma outra garota. Os três riam e se preparavam para descer. Só precisava de um convite e então estaria livre para circular pelos quartos e escolher que tipo de aventura gostaria de viver.

Avancei na direção deles quando um homem surgiu à minha frente me fazendo parar. Eu o conhecia de muitas noites no espaço, mas nunca tínhamos conversado ou nos envolvido. Todas as pessoas com quem arrisquei conversar naquele salão se referiam ao cara como Don Juan, por suas atitudes respeitadas e pelas lembranças que as garotas guardavam das noites ao lado dele.

De fato, Don Juan era um cara interessante. Alto, moreno, um corpo incrível e uma aparência que exalava a sua riqueza. Ninguém sabia das suas origens, a sua história, só que era respeitoso e uma promessa de prazer.

— Desculpe, acho que fiz você perder o convite. — Sua voz rouca e segura me fez sentir uma atração imediata.

Um cara maduro, sem outra intenção que não fosse transar, que não sabia nada sobre mim além do que meu físico lhe causava. Podia ser uma ótima oportunidade.

Observei os três que antes tinham a minha atenção irem para os elevadores e decidi que poderia esperar um pouco mais.

— Espero não estar te aborrecendo. — Sorriu sedutor, sabendo o quanto era bonito e desejável.

— Não está. — Até quis ser doce, contudo, não encontrei energia para fingir qualquer papel. Tinha um objetivo em mente e queria alcançá-lo.

— Imagino que você queira chegar logo ao salão aberto. — Mantinha a voz baixa e discreta. — Você está com pressa e não é por causa dos três que acabaram de descer.

— Não é.

— O que exatamente você quer hoje?

— Um convite. — Ele sorriu sem se intimidar ou se surpreender.

— Esteja convidada — respondeu sem titubear. — O que posso esperar quando chegar lá embaixo?

— Também estou ansiosa para descobrir. — Outro sorriso de satisfação, seguido por um gesto que me dava passagem para acompanhá-lo.

Caminhamos sem pressa sob o olhar de algumas garotas que gostariam de estar no meu lugar. Não me importaria se o cara convidasse qualquer uma delas, ou deles, ou todos eles.

Céus! Minha cabeça não parava e tudo o que mais queria era encontrar uma maneira de pará-la. Se para isso precisasse me enfiar em um mar de corpos, era o que faria.

Colocou uma mão na base da minha coluna, sem me tocar com posse, apenas me conduzindo, o que achei muito excitante. Entramos no elevador, ele me olhou e sorriu. Era

lindo com aquele cabelo negro e liso caindo na testa, com aquele queixo quadrado dando masculinidade a traços mais finos, com aqueles lábios bem-feitos que diziam que havia ali uma promessa deliciosa. O cara é lindo e ponto. Nada a falar contra.

Sem se importar com o que eu poderia fazer, se aproximou com cuidado, uma mão alcançou um cacho do meu cabelo, os olhos me fazendo encará-lo sem quebrar a conexão. Sua boca desceu sobre a minha. Senti o quão macio e gostoso eram os seus lábios.

Foi um beijo leve, sem o calor do tesão que o local oferecia, ou a luxúria permitida. Como se estivéssemos assinando um contrato, nos daríamos prazer e faríamos daquela noite uma delícia. Foi também uma declaração de que poderia confiar nele.

Entramos para o salão aberto já percebendo que as coisas estavam fervendo por ali. Casais se beijavam sem pudor, tocando o corpo um do outro e se deliciando com o que as pessoas faziam por ali. Em uma cama mais no centro do salão, duas mulheres transavam enquanto algumas pessoas assistiam e tocavam nelas como queriam. No bar pude ver duas mulheres chupando o pau de um cara, que mesmo tendo as duas como companhia, olhava com atrevimento para um casal que transava sem se preocuparem com os olhares.

A música estimulava as ações, assim como as diversas drogas oferecidas. Observei que Don Juan não se interessou por nenhuma delas me deixando satisfeita por isso. Também não olhou para o que estava sendo exposto no salão, pelo contrário, sua atenção estava voltada para mim, o que me surpreendeu.

— O que prefere? Participar de algum jogo por aqui, se aventurar nos quartos de convite aberto ou arrumar um quarto só para nós dois?

A maneira como falou não parecia ansiar por nenhuma delas. Era como se realmente quisesse que eu decidisse e depois disso conduziria a noite. O cara estava colocando o prazer dele em minhas mãos. Ter esta perspectiva me vez formigar.

— Os quartos.

Sem contestar, sua mão voltou à base da minha coluna. Seguimos para o corredor que nos levaria aos quartos. A iluminação âmbar fazia o clima todo especial. A música pulsava, as pessoas que ali transitavam pareciam levar bem a sério a filosofia do clube. Don Juan caminhou sem pressa, me dando o tempo necessário, sem se impressionar com nada ao redor.

Entramos no primeiro quarto. Dois homens dividiam uma mulher. Ela estava na cama, as mãos amarradas para trás, com uma coleira no pescoço que era puxada o tempo todo pelos dois, submetendo-a às suas vontades. A coisa toda parecia muito violenta e nada atrativa, principalmente depois que um deles levantou puxando-a pela coleira e a fez ficar de quatro, colocando o seu pau sem qualquer cuidado em sua boca enquanto o outro a penetrava por trás dando tapas em sua bunda.

Qualquer coisa que acontecia ali era com o consentimento de todos os atuantes. Era muito provável que aquela era a forma como aquela mulher gostava de encontrar prazer, mas não era o que me excitava, então dei as costas sinalizando que ainda não era aquele quarto.

Ele não questionou a minha decisão e me conduziu para fora, mantendo-se bem próximo, como um aviso de que ninguém poderia me tocar sem a nossa permissão. Assim que chegamos ao corredor outra vez, avistamos um casal se pegando do lado de fora de um dos quartos. Eles chegariam às vias de fato, só que aquele comportamento não era normal ali.

— É a primeira vez deles — sussurrou bem próximo a mim. — Vi quando chegaram. Eles nunca tinham feito nada igual. Decidiram descer com outro casal. Uma troca. O acompanhante dela provavelmente estava dentro do quarto e eles preferiram fazer qualquer coisa sem os olhos questionadores do outro homem.

Hum! Interessante. Pensei enquanto assistia os dois ansiosos para arrancarem as roupas e estarem um no outro. A mulher parecia que experimentava algo nunca provado antes, enquanto o homem roçava seus seios com a boca e com as mãos, deixando claro o quanto estava excitado. A saia dela estava enrolada na cintura enquanto ele, dentro dela, estocava sem parar fazendo-a fechar os olhos.

— Ela parece não se importar com o que está fazendo, não? Como se estivesse se libertando das correntes — continuou falando, mantendo-se atrás de mim, sussurrando em meu ouvido, sem me tocar. — Inexperiente e ansiosa para ter um pouco de tudo — completou. — Enquanto ele... bom... ele não se importa se é ela ou qualquer outra. Só quer se divertir. Perceba que a mulher dele está dentro do quarto, então a ideia dele não é compartilhar a esposa porque gosta de admirar outro homem comendo-a, mas sim, arrumar uma chance de ter outras mulheres sem que isso vire um problema. — Um risinho baixo e cínico alcançou minha orelha. — O que acha?

— Sobre o quê? — Don Juan permaneceu calado enquanto eu entendia o seu convite. — Ah!

— Se o seu objetivo é esquecer, eu posso te conduzir. — Estremeci. Como podia saber que eu precisava esquecer alguma coisa, ou conseguir algumas horas sem pensar no assunto? — Só relaxe.

Aguardou enquanto eu deliberava. O problema não era o casal, nem o fato de estarmos no corredor, mesmo que em um espaço mais escuro, e sim, a incerteza do que deveria fazer. Aquela não era a melhor forma de tirar Patrício dos meus pensamentos, era só a maneira de me mostrar que precisava continuar a ser eu mesma.

Acabei concordando, sem saber como faria aquilo dar certo. Ele me conduziu, andando sem demonstrar qualquer pretensão, e então, quando chegamos à frente do casal, paramos para observar. A mulher me olhou constrangida e tentou se afastar, fazendo com que o homem parasse as estocadas para entender o que acontecia.

Ele nos viu, analisou e acabou nos dando um sorriso sacana. O rapaz era novo. Poderia dizer que estava entre vinte e cinco e trinta anos. Era fácil perceber o porquê das suas atitudes. Novo demais! Já ela era mais velha, entre trinta e cinco e trinta e oito anos. Era conservada, pelo que pude observar do seu corpo, e apesar de estar completamente excitada, estava espantada também.

De maneira nada convencional me senti excitada. Não que transar com um rapaz jovem sem a maturidade sexual que tanto prezava fosse algo que eu buscava, no entanto, a situação, uma mulher madura se libertando de tabus que sempre achei desnecessários e que só adoeciam os relacionamentos, junto com um homem que com certeza saberia deixar tudo maravilhoso, começou a fazer efeito em mim.

Don Juan se aproximou deles, o rapaz encarando-o e estocando mais devagar, só para não perder o embalo. A mulher constrangida e admirada com a beleza e segurança do outro homem. Então meu parceiro segurou seu rosto com carinho, beijando a sua boca com uma devoção que me fez suspirar. Aquele beijo mexeu comigo.

O rapaz nada fez contra. Enquanto o meu parceiro beijava a mulher, ele recomeçou as estocadas, entrando e saindo sem se importar com mais nada. Don Juan tocou os seios da mulher, acariciando os mamilos sensíveis, fazendo-a gemer em sua boca, até que direcionou os lábios para lá e começou a chupá-los.

A mulher gemeu fechando os olhos e gozou alto. Estremecendo como se nunca tivesse experimentado nada igual. Enquanto isso o rapaz continuava a estocar, sem dar sinal de que gozaria. Meu parceiro acariciou a mulher, olhando seu rosto e demonstrando gostar do que via. Ela sorriu tímida, aceitando que falasse em seu ouvido. Então me olhou com dúvida, mas concordou rápido demais.

Quando a mulher tentou levantar, o rapaz entendeu e saiu de dentro dela, deixando aparecer seu pênis envolto em uma camisinha. Era até algo interessante, apesar da certeza de que ele não saberia usá-lo da maneira adequada. Se eu deixasse aquele menino entrar em mim, seria para fazê-lo nunca mais me esquecer.

Então percebi. Don Juan era o cara mais perspicaz com quem já me relacionei naquele clube. Reconhecia a minha força, entendia o que uma mulher como eu desejava, por isso encontrou as pessoas certas para aquele momento. Um rapaz cheio de fogo e ansiedade, contudo, sem experiência, e uma mulher madura, ciente de que não viveu o melhor que o sexo poderia proporcioná-la e que desejava descobrir.

Ele sabia que apenas me conduzir, transar comigo ou permitir que outras pessoas transassem não calaria o que existia dentro de mim, mas se me sentisse impelida a demonstrar toda a minha força, o que quer que estivesse me assombrando, seria exorcizado.

Era por isso que Don Juan era o cara mais desejado daquele clube. Sua capacidade de entender o que havia nas entrelinhas, de ser discreto, sem te pressionar ou impor a sua vontade, sendo capaz de te entender e conduzir mesmo sem nunca ter trocado duas palavras a mais com você. Ele era mesmo fora do normal.

— Por que não procuramos um lugar mais discreto? — propôs com uma segurança tamanha que impediu qualquer um dos participantes de negar. — Ótimo! — Olhou diretamente nos olhos da mulher fazendo-a se render. — Por aqui.

Don Juan indicou o caminho e os dois seguiram na frente, a mulher ajustando as roupas e o homem cheio de empolgação. Ele me olhou com um sorriso divertido e piscou sorrateiramente,

me indicando que nos divertiríamos muito.

Observei os dois à minha frente. O garoto parecia um cara normal, desses que se cuidam, sem levar muito a sério o culto ao corpo, como a maioria dos caras que frequentava aquele clube. Contudo era bonito, atraente, apesar da jovialidade descomprometida. De certa forma, me lembrou Patrício, provavelmente pela maneira descomplicada como estava agindo. Podia ser inexperiente e afoito, porém sabia o que queria daquele lugar e estava seguindo conforme as regras.

Já a mulher possuía um corpo bonito, não trabalhado. Suas curvas eram naturais. Era bonita, sem dúvidas. Seu rosto parecia uma pintura com traços ainda muito jovens, como os olhos sem quaisquer sinais de rugas, e uma boca pequena, que combinava com perfeição com o restante do rosto meio oval, com maçãs altas. Era provável que ficaria linda sorrindo. Seu cabelo escuro descia acima dos ombros e os seios eram pequenos, com bicos rosados.

Eu me perguntei se meu corpo seria uma espécie de barreira para ela, mas não era o que demonstrava sentir. Na verdade, seu interesse passou a ser nitidamente o meu parceiro.

Quando chegamos à frente dos elevadores, Don Juan indicou as escadas, nos impedindo de seguir por onde os seguranças indicavam. A mulher ainda olhou para trás, como se estivesse preocupada com o parceiro, o que havia chegado com ela. O rapaz, por sua vez, parecia não se importar se a esposa procuraria por ele. Na verdade, o garoto estava muito ansioso para colocar as mãos em mim, me dando olhadas devassas que me faziam revirar os olhos.

— Paciência — meu parceiro sussurrou em meu ouvido. — Você vai ter a chance de mostrar ao garoto o quanto é perigoso desejar.

As palavras sussurradas daquela maneira, no ambiente em que estávamos, acendeu algo em mim que me impulsionou a continuar pelas escadas, agora mais atenta, querendo assumir o controle e não ser conduzida.

Descemos um andar, mas Don Juan não nos deixou entrar no salão onde ficavam os quartos reservados. Ele nos indicou outra porta, que eu nunca ultrapassei, apesar de já ter notado a sua presença. Um segurança a abriu nos dando passagem. Tive a certeza de que poucos possuíam permissão para entrar naquele outro ambiente.

Assim que entramos percebi que o local com pouca luz parecia um palco de teatro em formato hexagonal. Com paredes estranhas, negras e que não inspiravam segurança. No centro, com um pequeno rojão de luz incidindo diretamente, estava uma espécie de banco, um pouco mais alto do que o normal, também um pouco mais grosso. Nas extremidades, algumas braçadeiras.

Don Juan assumiu a frente e acariciou os ombros da mulher que cedeu muito rápido. A música ali era diferente, calma, contudo, cheia de uma energia sexual que nos excitava, subindo o tom e descendo nos momentos certos. Olhei o garoto que já me olhava, aguardando se poderia ou não me tocar.

— Acho que podemos nos livrar de um pouco das suas roupas.

Meu parceiro levantou a camisa da mulher que aceitou imediatamente ser despida. Depois se abaixou à sua frente, sob nossos olhares atentos, levantou sua saia e com uma devoção deliciosa, a tocou com cuidado, acariciando por cima da calcinha, sabendo que ela estava tão excitada que abriria as pernas ali mesmo.

Com gentileza beijou suas coxas, enquanto com os dedos puxava a calcinha para baixo. Antes que pudesse chupá-la, levantou conduzindo-a até o banco alto, onde deixou a mulher encostada. A princípio achei que o local era alto demais para ela, então percebi que a ideia da peça era exatamente esta, deixar a mulher exposta e confortável.

Inclinou-se para trás prendendo os pulsos. A mulher ficou assustada, só que ele a olhava com segurança, parecendo estar encantado por ela, e ansioso para deixá-la satisfeita. Desceu os lábios pelos seios, beijando e brincando com estes sem se demorar muito. Então continuou pela barriga, deixando-a ofegante enquanto continuava descendo, chegando outra vez ao centro das suas pernas, que foram abertas para facilitar o processo.

Com calma, afastou os dois calcanhares e os prendeu também. Assim que se certificou de que a mulher estava presa, contudo, confortável, subiu as mãos, uma em cada perna, pressionando a carne, até que seus dois polegares estivessem bem perto da vagina da mulher. Ela o olhava de cima, ofegante, praticamente implorando para ser tocada, beijada, chupada. Então as paredes começaram a ficar mais claras. Não como vidro, no entanto, aos poucos refletindo o que havia do outro lado.

— Puta que pariu! — o garoto falou com animação enquanto me dava conta do que havia ali.

Cada parede parecia ser uma janela para outra sala. Seis pequenas salas privativas, cada uma com um casal que assistiria o que faríamos. A ideia me assustou e excitou com a mesma intensidade. A mulher piscou se dando conta da claridade. O espaço em que estávamos começou a girar sem pressa, para que cada casal tivesse o melhor ângulo da gente.

A mulher então, percebendo o quão exposta estava, puxou os braços para se cobrir, sem sucesso. Pensei no que Don Juan faria, tendo-a tão nervosa. Se ela não quisesse não poderíamos continuar e a cena inteira seria desarmada. Quando pensou em protestar, ele envolveu seu sexo com a boca e a mulher arfou alto, jogando a cabeça para trás e se permitindo ser chupada ali, na frente de todos aqueles desconhecidos que assistiam se excitando.

Observei o cara no meio das pernas da mulher. A forma suave e decidida como abria e fechava os lábios, a maneira como a sua língua explorava os pontos certos, a calma de quem sabia o que estava fazendo. Então a imagem de Patrício chegou com força em minha mente. Nunca conseguiria assistir uma chupada, ou receber uma, sem me lembrar da maneira profissional como meu ex fazia.

Contudo aquela era a primeira vez que a mulher recebia algo do tipo, a julgar pela sua reação. Seu corpo inteiro tremia descontrolado com espasmos, como se lutasse para ter qualquer movimento que facilitasse a tensão que existia em seu sexo. Ela queria

desesperadamente gozar na boca do meu parceiro, como acontecia quando alguém, pela primeira vez, era chupada decentemente.

Don Juan parou e ela gemeu desgostosa. Ele a tocou, mantendo-a no ritmo, mas levantou, estendeu a mão para mim e o rapaz parado ao meu lado. Fui ao seu encontro, afinal de contas, me exhibir nunca foi um problema. O rapaz veio logo atrás, inseguro, sem saber como agir.

— Ajoelhe e chupe a sua convidada — ordenou sem deixar qualquer espaço para que o menino negasse.

Meu parceiro deu a volta no banco, seus olhos estavam em mim, cheios de expectativas. Uma mão correu o corpo da mulher por trás, puxando seu rosto até que ela estivesse encarando o teto, ainda mais exposta e aberta. Ele beijou seu ombro sem desviar os olhos dos meus.

— Não se preocupe, nossa amiga não vai deixar que nosso convidado fique perdido, sem saber o que fazer — falou com ela, contudo, foi como se estivesse falando diretamente comigo, me dizendo como agir.

Ele queria que eu ensinasse o garoto, não só a ele, mas à mulher também. Que mostrasse àqueles dois como fazer e proporcionar o maior prazer possível. Adorei a ideia.

— Aqui. — Ainda olhando para Don Juan, passei meu dedo indicador na vagina da mulher, sentindo-a molhada e inchada. Ela logo teria mais um orgasmo e eu já começava a ansiar pelo meu. — A mulher possui muitos pontos de prazer ao longo da vagina. O mais importante é não ter pressa, e gostar do que está fazendo. — O garoto olhava meus dedos dedilhando a mulher como se estivesse enfeitiçado. — Beije aqui. — Pressionei os lábios vaginais. A mulher gemeu abertamente, enquanto meu parceiro acariciava seus seios e beijava suas costas.

O garoto obedeceu, tentando imitar o máximo possível o que meu parceiro fez antes. Ele se esforçava, mesmo ciente de que precisaria de prática para se tornar um Don Juan, ou um Patrício, pensei com saudade e raiva. Comecei a acariciar a mulher, mostrando os pontos importantes, onde o garoto deveria pressionar, quando chupar e onde morder para ter melhores resultados.

Em alguns momentos me atrevi a olhar para a pequena plateia, constatando que gostavam do que viam. Em uma das salas uma mulher com os seios de fora, estava sentada no colo do seu parceiro que a masturbava sem tirar os olhos do nosso grupo. Eles não pareciam ter pressa, como se entendessem que poderiam ter quantos orgasmos quisessem. Em outra o homem estava com o pau de fora e a mulher o masturbava segurando-o entre as pernas.

Quando a mulher ao meu lado estremeceu em mais um orgasmo, entendi que não precisava de muito para satisfazê-la, e pensei com lamento no quão ruim o parceiro dela deveria ser.

— Calma. Vamos mudar as coisas um pouco por aqui. — Don Juan acionou alguma coisa naquele banco esquisito e a mulher foi esticada para trás. — Solte as pernas dela — ordenou para o garoto que atendeu prontamente. Quando o banco girou, ela precisou levantar as pernas fazendo-me entender o que eles fariam.

Passei para o outro lado imaginando que seria mais útil ajudando-a a usar a boca. Facilitando o conforto da mulher, meu parceiro segurou suas pernas colocando-as em seus ombros. Ela parecia estar deitada com o rosto para baixo.

Quando Don Juan abriu as calças e retirou o pau já duro de lá, a mulher ficou hipnotizada. Era um pau longo, desses que se o cara não souber usar fica completamente desconfortável, contudo, todo mundo ali conhecia as habilidades daquele homem com seu pênis.

Assim que encostou a ponta na boca da mulher ela a abriu, pronta para recebê-lo, ou pensando que estivesse pronta. Na posição em que estava, chegar ao seu gargalo era muito mais fácil, assim como fazê-la ter ânsia de vômito. Ele acariciou o seu rosto e depois olhou sugestivamente para o rapaz que, afoito, tratou de voltar a chupar a mulher. Meu parceiro a segurava, mantendo-a no ritmo certo e controlando o seu próprio desejo de se afundar de vez em sua boca.

Um olhar foi tudo o que precisei para entender que meu acompanhante queria ajuda ali também. Passei minhas mãos no pescoço da mulher, fazendo-a relaxar, depois fui até seus seios, massageando-os. Ela precisava voltar a sentir prazer ou logo estaria incomodada. O rapaz fazia tudo como eu havia ensinado e me olhava com expectativa. Sorri, porque queria fazer com que ele se desmanchasse antes mesmo de conseguir arrancar um gemido de mim.

Don Juan percebeu minha vontade e outra vez piscou enquanto aos poucos fazia com que a mulher o recebesse um pouco mais. Comecei a ensiná-la a relaxar para que ele conseguisse ir mais fundo, a maneira certa de envolver os lábios para que pudesse proporcionar mais prazer. Percebi que ela começava a se excitar outra vez. O homem com quem aceitei fazer aquela loucura me puxou para um beijo cheio de significados.

Sim, nós funcionávamos bem juntos. Eu estava mesmo tão envolvida na situação que criou, me deliciando com as demonstrações dos casais nas outras salas, que quase não pensava em Patrício. Quase.

Porque uma coisa era transar com alguém que entendesse tão bem quanto eu de sexo, e outra era saber que depois dali nada aconteceria, nem uma conversa boba pós-foda, nem uma gargalhada por causa de uma piada idiota. Nada. Era apenas uma foda, nada mais do que isso.

Quando percebeu que a mulher já estava excitada o suficiente, se afastou, deixando-a sem entender nada. Não parou de me agarrar e selar um pacto com os lábios nos meus. Era a minha vez de brincar, e ele me daria o que eu desejasse.

— Venha. — Com um gesto tirou o garoto do meio das pernas da mulher, e o banco começou a modificar outra vez.

Assim que colocou os pés no chão, ele destravou as braçadeiras que prendiam os seus pulsos, massageou seus ombros se certificando de que estava tudo bem e beijou seus lábios como agradecimento. A mulher riu sem graça, aceitando ser outra vez conduzida. Ele a girou de costas, o banco desceu um pouco.

Olhando-me nos olhos como se estivesse me pedindo autorização, Don Juan passou as mãos para dentro do meu vestido, conferindo a minha calcinha, passando por dentro dela em

minha bunda e adorando o material. Sorriu aprovando o que sentia, os olhos cheios de admiração quando desceu a peça pelas minhas pernas. Assim que se livrou do pano, fez o mesmo processo de subir as mãos me tocando, mas não se deteve. E eu adorei!

Ele me conduziu para o meio do banco onde a mulher ainda estava, abaixou as calças, vestiu uma camisinha, encostou-se como se estivesse quase sentado, pegou uma mão da mulher e prendeu outra vez na braçadeira, ela de frente para mim, depois, nos deixando entre ela e o banco, pegou a outra mão e fez o mesmo processo.

Para que a mulher ficasse com as duas mãos presas precisou se agachar, curvando a coluna e empinando a bunda. O garoto gostou do que via. Então meu parceiro a inclinou um pouco mais fazendo-me entender o que pretendia. A mulher olhava de baixo para nós dois. Don Juan me posicionou me sentando em seu colo, recebendo seu pau sem qualquer preparo.

Eu estava excitada, ainda assim, foi um pouco complicado encontrar um ponto em que pudesse relaxar e me entregar à brincadeira. Por isso meu parceiro usou de todo o seu arsenal para me fazer recebê-lo melhor. Suas mãos abaixaram meu vestido até a cintura e brincaram com os meus seios. Eu me excitava com a maneira como a mulher me olhava, o garoto me desejava e todos os outros aguardavam para que ela finalmente me chupasse.

Porque era isso o que Don Juan pretendia fazer. Queria me comer enquanto a mulher me chupava e o garoto a comia por trás. Uma cena erótica perfeita para a nossa plateia. Sabendo que o melhor a fazer era relaxar e aproveitar, acariciei o rosto da mulher enquanto a minha saia era levantada, me exibindo, tendo-o dentro de mim, então conduzi os lábios da convidada até o meio das minhas pernas.

O garoto que já estava pronto para se enfiar nela, gemeu deliciado com o que via. Olhei para ele mantendo-o preso a mim, deixando claro que teria a sua chance, sem querer revelar que seria rápida.

Já a que estava entre as minhas pernas tentou seguir os meus comandos, contudo, era perceptível que aquela era a sua primeira vez com uma mulher. Achei excitante. Apoiei minhas mãos no banco para me movimentar. Ela abria os lábios em mim, me beijando enquanto eu me inclinava e rebojava no pau do meu parceiro, que me segurava pelos seios, aprovando com gemidos.

Os movimentos ganharam mais desenvoltura. A mulher relaxou, se empenhando, o garoto estava animado, porém se esforçava para não gozar e estragar a brincadeira, enquanto meu parceiro adorava o que via, me tocava nos seios, quadris, vagina, fazendo com que eu tivesse muito prazer e lhe proporcionasse na mesma medida.

Eu estava muito a fim daquele orgasmo. Queria a deliciosa sensação de liberdade que sentia quando me entregava daquela forma. Também queria a ideia de que podia, sim, seguir como se ele nunca tivesse me travado de alguma forma, com se Patrício não fosse capaz de me derrotar.

Segurei os cabelos da mulher, rebolei em sua boca, fazendo com que ela me chupasse com mais intensidade enquanto o garoto arremetia nela sem deixar de me olhar. Atrás de mim havia

um homem experiente, querendo que eu gozasse e disposto a me deixar ainda mais satisfeita.

Quando Don Juan também segurou na cabeça da mulher, fazendo com que ela sugasse meu clitóris, e assim se enfiou em mim mais profundamente, gozei deixando a cabeça pender em seu ombro, que me conduziu com toda a atenção e paciência necessária para que aproveitasse o máximo possível aqueles segundos de libertação.

Abri os olhos vendo que passávamos por uma sala onde a mulher quicava no colo do homem, transando de costas para o nosso grupo, seu acompanhante continuava nos olhando com atenção. Depois a mesma em que o homem masturbava a mulher, desta vez sendo chupada enquanto gozava de olhos fechados.

A mulher entre as minhas pernas se afastou e Don Juan soltou seus pulsos, fazendo o rapaz recuar. Ele saiu de dentro de mim, o pau ainda duro e pulsante, e deu lugar ao garoto ansioso. Antes beijou meu ombro e me saudou com um risinho cínico. O garoto quando percebeu o que meu parceiro fazia, ao se aproximar da outra mulher tomando seus seios, tratou de vir em minha direção.

Sem me preocupar com a maneira como eu estava exposta, abri a perna um pouco para que entendesse onde o queria e empinei os seios, me segurando no banco. O garoto logo se adiantou, mas Don Juan o parou fazendo-o entender que precisava trocar o preservativo, outra regra da casa. Com tudo resolvido, não tardou a se enfiar em mim e foi... confortável, não delicioso.

Como o garoto que era, buscou quase que imediatamente meus seios, colocando-os sem qualquer cuidado na boca, chupando com uma ansiedade que quase me fez acertá-lo com um tapa para que aprendesse como tratar uma mulher.

Olhei para o meu parceiro. Este estava apalpando a mulher, enfiando os dedos nela para fazê-la continuar no jogo. Ele me olhava com atenção, como se me implorasse para subjugar o garoto. E então comecei a massacrar o menino.

Sem qualquer dificuldade o apertei com força, ciente de que ele nunca experimentou nada igual na vida. Não precisei de qualquer movimento externo, tudo acontecia ali, nos músculos da minha vagina. O garoto gemeu alto e parou, sem entender o que estava acontecendo. Divertida, inclinei a cabeça para o lado e esperei. Ele tentou se movimentar, estocar mais lentamente, e gemeu estremecendo quando puxou o pau de dentro de mim e eu o chupitei.

Quase ri. Não precisaria usar toda a técnica com ele. Os mais básicos e triviais movimentos do pompoarismo seriam o suficiente para fazer com que gozasse rápido, miando como um gatinho.

Enquanto me olhava admirado, rebolei saindo do seu pau, fazendo-o ficar boquiaberto. Rebolei outra vez, com lentidão, para que voltasse a entrar, tomando o cuidado para não acabar fazendo com que a camisinha ficasse presa em mim e acabasse saindo. Os olhos dele ficaram semicerrados, embasbacado.

O outro casal nos olhava, ele atrás dela, masturbando-a, fazendo-a nos observar e se excitar com o que via. Seu dedo entrava nela fazendo-a fechar os olhos e gemer. Ela realmente o

queria, e eu também. Segurei o rosto do menino e o beijei. Ele a princípio se atrapalhou com o beijo, desajeitado, perdendo o ritmo, mas logo me acompanhou. Quando abri as pernas me oferecendo, recomeçou a estocar livremente.

Deixei que o garoto se esbaldasse, mesmo sabendo que eu só gozaria se me esforçasse. Don Juan aprovava toda a nossa ação. Seus olhos em mim eram quentes, cheios de desejo. Segurei as nádegas do garoto forçando-o a ir mais fundo, diminuindo suas estocadas, então o preendi outra vez dentro de mim, soltando logo em seguida com movimento de escada, utilizado meus três anéis vaginais com intensidades diferentes.

Ele me olhou assustado e deliciado ao mesmo tempo. O corpo todo tremendo enquanto se esforçava para não gozar antes de mim. Sorri porque queria que o menino soubesse o quanto era fraco, e com apenas uma sugada ele se desfez entre as minhas pernas, gozando de maneira a perder as forças e se ajoelhar sem aproveitar todo o prazer dentro de mim. Ele ofegou, a cabeça baixa por um tempo, tentando entender o que aconteceu. Depois retirou a camisinha e me olhou com orgulho e devoção. Pronto, eu era a sua nova deusa.

Então o rapaz se afastou, permitindo que Don Juan se aproximasse com a garota. Eu já estava excitada, como sempre me sentia quando conseguia deixar alguém tão embasbacado como aquele garoto estava. Meu parceiro me deu um beijo com orgulho e me tirou do apoio do banco, deixando a mulher ali, de frente para mim, presa outra vez pelos pulsos. Pensei que transaria com ela, contudo, não foi o que fez.

Don Juan me colocou de costas para a mulher e me conduziu até que minha bunda ficasse no sexo molhado dela. Ele me beijou com desejo, me tocando. Com um movimento rápido levantou uma perna minha e com um rebolado delicioso começou a entrar em mim, forçando minha bunda contra a vagina da mulher.

Com os movimentos lentos, entrando aos poucos, ele fazia com que cada avanço eu me esfregasse na mulher atrás de mim, e muitas vezes a ouvi gemer baixinho, surpresa com o próprio desejo.

Quando já estava todo em mim, começamos a fazer uma dança sensual. Ele se abaixava e se esfregava em meu corpo, entrando mais profundo possível, e eu, sem qualquer controle, esfregava minha bunda na vagina agora aberta, deliciada com o que fazíamos.

Inclinando-se sobre mim, me fez deitar de costas contra o corpo da mulher e então os rebolados ficaram ainda mais gostosos. Eu estava excitada demais, sentindo o quanto ela também estava através da sua umidade que se espalhava em minha bunda. Ao mesmo tempo o assistia controlar o desejo, os olhos ardentes, as veias saltadas e os movimentos vinham com mais força.

Com o corpo acima do meu, facilitando as investidas, Don Juan me observava ter prazer, além de conferir o que dava à outra mulher. Rebolei aceitando-o, também porque atingiria diretamente quem estava atrás de mim e colaborei para o que ele pretendia. A mulher gozaria outra vez. Um orgasmo proporcionado por mim, depois eu, e finalizaríamos com ele.

E assim fizemos. Os movimentos foram ficando mais intensos, eu me esforçava para rebolar no ponto certo da mulher e a cada investida sentia que ela estremecia, se entregando ao orgasmo que não tardou.

Enquanto ela gemia com o gozo, percebi que o meu estava mais perto do que fui capaz de perceber. Ele se inclinou sobre mim e aumentou as estocadas. Seu pau era longo e largo, tocando todos os pontos da minha vagina, roçando as paredes, estimulando-as. Segurei seu pescoço, mantendo nossos olhos ligados, e rebolei me dedicando apenas a ele, então, antes que pudesse me controlar, gozei adorando estar com aquele homem sedutor e tão experiente. Ele gozou segundos depois, cansado de precisar se controlar tanto.

E então ouvimos os aplausos, as luzes ficaram mais densas e as salas deixaram de existir. Era o fim do espetáculo e a volta à realidade.

CAPÍTULO 8



“Às vezes te odeio por quase um segundo, depois te amo mais.”

QUASE UM SEGUNDO – PARALAMAS DO SUCESSO

— POR TODOS OS DEUSES CIRCENSES, MIRANDA!

Eliz, minha antiga professora de Pole Dance, gritou quando caí da barra pela terceira vez. O baque abafado pelo colchão não impediria que uma marca roxa aparecesse em minha bunda. Eu sabia muito bem como funcionava. Já havia superado as “tatuagens” iniciais, marcando o corpo de quem começa a se aventurar na barra, só que nunca conseguiria me livrar das marcas causadas pelas quedas.

Eu estava dispersa. Depois de ter voltado para casa, me sentia ainda mais frustrada. A ideia de prazer por prazer era sufocada por algo que eu não queria sequer nomear. Patrício estava mudando o meu mundo e nem estava mais nele para me ajudar com os abalos.

— Mantenha a mente livre ou vai acabar com um machucado maior.

Respirei fundo e concordei sem nada dizer.

Os pesadelos voltaram, só que ainda mais arrepiantes, e o choro matinal conseguiu me vencer naquele dia. Eu estava tão vulnerável que tinha vontade de me socar. Conversei com Charlotte sem conseguir conter o choro e me odiando por isso. A briga do dia anterior mexeu comigo mais do que fui capaz de imaginar.

A ideia era ir à aula de pilates, porém, no meio do caminho preferi aceitar uma carona do Johnny que ia para o centro da cidade, e fui visitar a minha antiga professora. Ela tinha uma barra na sua casa e me deixava praticar sempre.

Eu me posicionei na barra, tentando manter a mente focada, livre dos problemas e iniciei a subida de a penas três passos. Depois de iniciar o banquinho, decidi que uma posição mais fácil seria menos arriscado. Levantei as pernas, prendendo a barra no meio das coxas, fazendo uma descida rápida para não destravar e desci o corpo me posicionando para fazer uma pose mais bonita.

Eliz me observava com cuidado, estando sempre perto para o caso de eu desabar outra vez. Coloquei minha força no abdômen e subi conseguindo segurar a barra. Queria limpar a mente, pensar em que posição poderia fazer saindo daquela, no entanto, só conseguia pensar no quanto transar com estranhos não me completou, não me deixou leve, como sempre ficava.

— A mão está errada! — Eliz me alertou antes que eu vacilasse e caísse mais uma vez. — O que está tentando fazer?

— Não sei. — Alinhei o corpo e desci derrotada.

— Não é uma boa escolha praticar pole estando tão agitada — brincou sem querer me pressionar para descobrir o que estava acontecendo.

O esforço me deixou ofegante, então apenas concordei com a cabeça e me afastei da barra pensando no que deveria fazer para passar o tempo até Johnny chegar.

— Você continua ótima! Não perdeu o jeito mesmo ficando tanto tempo longe.

— É como andar de bicicleta — falei decidida a não me arriscar mais. — Como estão as aulas?

— A mesma coisa de sempre. As pessoas me procuram acreditando que o pole dance é algo erótico.

— E é. — Ela riu, me fazendo rir também.

— Tudo se torna erótico quando você faz com esta finalidade. Contudo sou uma artista de circo e o pole dance é uma brincadeira gostosa que bem trabalhada serve para exercitar o corpo e a mente. Agora você... — brincou dando uma olhada safada em meu corpo. — Tudo o que fizer vai parecer erótico.

— Esse é o problema. — Limpei as mãos e resolvi colocar logo o tênis e ir embora. Ficar trancada em um apartamento conversando sobre a filosofia do pole dance não acalmaria meu espírito. — É melhor eu ir. — Abracei Eliz, contente por ter encontrado um tempo para vê-la. Ela era uma ótima pessoa e uma excelente amiga.

— Até o próximo ano — brincou. — Ou a próxima neura.

— A próxima neura — ri pegando minha bolsa para partir.

Antes de ganhar as escadas mandei uma mensagem para Johnny, pedindo para me pegar na Colombo. Se sexo e exercícios físicos não resolviam o meu problema, uma ótima bomba de chocolate me deixaria menos triste. Mas quando coloquei os pés na rua lembrei-me da livraria ali perto e resolvi verificar os títulos novos. Como ainda sobrava tempo, poderia escolher um livro novo e aproveitar para degustá-lo junto com o chocolate.

Entrei na loja percebendo de imediato que ela estava muito vazia, apesar do horário. Vaguei pelas prateleiras de autores estrangeiros, encontrei um título interessante e caminhei para as de autores nacionais. Absorta, buscando títulos atraentes e lendo algumas sinopses, acabei me assustando quando ouvi a voz mais improvável ao meu lado.

— Miranda?

Sua voz estava grave e séria, com um leve toque de pesar. Fechei os olhos não acreditando que a vida fosse tão escrota comigo. Em qual mapa astral conseguiria prever que Patrício estaria na mesma loja, no mesmo horário, justo quando eu buscava uma maneira de me desintoxicar dele?

— Miranda, eu...

Seu hesitar sugou toda a minha ira, fazendo-a se externar de uma forma que nem acreditava ser capaz. Olhei para Patrício impedindo meu coração de acelerar pelos motivos errados.

— Nós podemos conversar?

Olhei em seu rosto percebendo os machucados ainda aparentes. Nada muito grave, o canto dos lábios com um hematoma claro e o olho quase roxo, amenizado por maquiagem, com certeza. Lana saberia fazer com que seu rosto não parecesse tão mal.

Constatar seus machucados só me deixou ainda mais puta da vida. Foi neste momento que entendi o que um coração ferido era capaz de fazer.

Sem pensar em mais nada acertei Patrício com um tapa certo no rosto. Minha mão doeu e esquentou. Ele virou o rosto com os olhos fechados, absorvendo a raiva, as mãos em punho e os dentes trincados. Respirando fundo, Patrício voltou a me olhar contendo a vontade de tornar a situação ainda pior.

— Tudo bem, eu mereço este tapa — disse sem se exaltar.

— Por ter me xingado.

— Eu sei. Desculpe.

Inconformada e ainda movida pela raiva dentro de mim, acertei outro tapa em seu rosto pegando-o de surpresa. Patrício mordeu os lábios, mantendo a ira dentro de si, impedindo-se de explodir.

— E esse é por acreditar que pode me cobrar qualquer coisa quando você mesmo estava com outra pessoa.

Seus olhos raivosos fixaram nos meus, como se precisasse de toda a sua força para não deixar o monstro dentro de si sair.

— Certo! — disse entre dentes.

Então, como se precisasse disso para expulsar todos os meus demônios, acertei um terceiro tapa em seu rosto, com mais força e mais raiva. Ele me olhou alarmado, sem entender o motivo de mais aquele ataque.

— Por ter minado todas as minhas defesas e ter feito com que eu perdesse o gosto por tudo o que prezo.

Desta vez sorrii. Um pequeno e leve sorriso cheio de orgulho e pretensão.

— Se eu lhe desse um tapa por cada coisa que minou de mim, Morena...

Patrício avançou um passo e eu recuei. Não por medo de que realmente ousasse levantar a mão contra mim, e sim porque não sabia o que seria capaz de fazer se suas mãos me tocassem com outras intenções. Foi ali que percebi o quanto ainda o queria e o quanto aquele sentimento havia ganhado força em mim.

— Miranda, vamos conversar — determinou olhando em volta para saber se alguém assistia a nossa cena. — Estou trabalhando.

— Então faça o seu trabalho e suma da minha frente. — Ele respirou fundo e seus olhos me atingiram com uma súplica sufocante.

— Sei que fui um idiota, então, por favor, permita que me desculpe de forma correta.

— Para quê? Você já provou que é um imbecil.

— Nós precisamos encontrar um equilíbrio. Nossos irmãos vão se casar. Já pensou como vai ser se nos atacarmos a cada encontro?

— Já. E não vai acontecer.

— Como assim? — Com um nó na garganta e o coração disparado percebia que era hora de colocar um fim naquilo.

— Eu vou embora do país.

Vi o exato momento em que minha revelação alcançou o seu entendimento. Patrício me olhou como se precisasse decorar cada detalhe do meu rosto. Uma leve decepção brilhava em seus olhos e todo o seu corpo parecia estar desarmado.

— Não precisa ser assim — falou como se pudesse ainda fazer algo para impedir a nossa realidade.

— Não é por você. Vou estudar. Já estava em meus planos.

Patrício recuou abalado com as minhas palavras. Imaginar que a minha fuga não era por causa dele, provavelmente, feria o seu orgulho macho. Que cretino!

— Se é assim... — Passou as mãos pelos cachos arrumados. — Então Alex não precisava me fazer prometer que não te procuraria mais.

— Alex o quê? — explodi. O que Patrício disse era absurdo, ridículo e arrogante, levando-se em conta de onde partiu a ideia.

— Ele não quer mais problemas com a família de Charlotte. Passou a noite toda me dizendo que eu precisava ficar longe de você — confessou ingênuo, sem saber que a raiva borbulhava dentro de mim.

Alex Frankli era um idiota prepotente. Um imbecil que se achava no direito de me julgar mesmo sabendo que estava no mesmo lugar que eu, em busca da mesma coisa: sexo casual. Como se sentiria se eu contasse a Charlotte o que sabia? Como ficaria se a alertasse para ficar longe dele e de toda a sua libertinagem?

— Miranda? — Patrício deu um passo em minha direção me pegando desprevenida. — Eu não queria que fosse daquela forma.

— É muito engraçada a forma que você tem de expressar o seu não querer.

— Você não entende.

— Tem razão! Eu não entendo. Sou a culpada, a vagabunda que transa com um cara casado, que arruma outro pouco tempo depois de te deixar. Não sou a garota certinha que fica em casa chorando enquanto você se diverte com outras na noite.

— Pare com isso! — Olhou outra vez para os lados verificando que algumas pessoas transitavam pela livraria.

— Vou parar sim. Já deu. Até nunca mais, Patrício!

— Miranda! — Fui mais rápida, saindo em direção à rua e sumindo sem que ele conseguisse me alcançar.

Rodei pelo centro sem um destino certo. Circulei pela parte turística, fingindo interesse no Museu do Amanhã, na orla ou em qualquer coisa que mantivesse a minha mente livre de Patrício.

Quando Johnny ligou perguntando onde eu estava, avisei que tinha mudado de ideia e, mesmo resmungando, aceitou me buscar em outro ponto.

— O que aconteceu? — perguntou assim que percebeu a minha cara fechada.

— Caí três vezes da barra. — Ele sorriu sabendo que era mentira, mas nada perguntou.

— Tenho uma coisa pra te falar. Estive com Anita ontem e ela me disse que nem imaginava que a prima tivesse ido a São Paulo atrás de Alex. Ela disse que às vezes Tiffany surta e nem ela consegue impedi-la.

— É mesmo? — perguntei com ironia. Na minha opinião, as duas eram a mesma espécie de cobra.

— Vi nos olhos dela que não estava mentindo. Nós evitamos conversar sobre as ideias dela sobre Charlotte, ainda assim ela sempre é muito verdadeira, então acredito que não mentiu.

— O importante agora é que Charlotte e Alex estão bem. — Não consegui evitar a minha careta de desagrado ao pensar em Alex e toda a sua hipocrisia.

Dandara que me perdoasse, mas Alex era um grande filho da puta!

Eu tinha certeza que ele estaria lá em casa. Aquela era a rotina do meu ex-professor escroto, ficar por lá fazendo com que o padrinho confiasse nele. Aquele idiota só poderia ser irmão de alguém como Patrício. Meu Deus, como queria poder pegar a tigela do feijão e derramar na cabeça dele!

Mas era ele quem Charlotte amava e eu não seria capaz de desfazer a felicidade da minha irmã só porque estava muito puta da vida com o noivo dela. As coisas pareciam só piorar.

Remexi a comida no prato sem qualquer vontade de comer, contudo, não podia demonstrar mais aquela fraqueza. Se Alex queria o irmão longe de mim, eu deixaria bem claro que não queria o irmão dele por perto. Aliás, até deveria dizer que não fui eu quem causou aquela confusão da noite anterior e sim o irmãozinho. Eu não fui atrás de ninguém.

Porém, quando pensei em dar uma indireta e levantar o assunto meu celular vibrou em meu colo com a chegada de uma mensagem. Olhei para o visor, verificando que era do Éder. Abri me sentindo confusa, pois desconhecia como ele encararia a confusão que o palhaço do Patrício armou.

Desculpe por ontem. Era seu ex?

Pensei no que deveria responder. Primeiro que Éder não precisava se desculpar por nada. Segundo que “ex” não era a maneira mais correta de nomear Patrício em minha vida.

Peguei o celular para começar a responder e outra mensagem chegou me pegando de surpresa. Desta vez era do próprio Patrício e o conteúdo me fez perder a paciência.

Fico pensando como você consegue me manipular para virar o jogo a seu favor. Fugir depois de se fazer de vítima não vai te tornar mais inocente. Você mentiu o tempo todo. Escondeu de mim o que estava acontecendo entre você e Moisés. Pode até achar normal escolher levar a vida que leva, só não pode me acusar de ter ficado assustado em ver uma menina de 21 anos fazendo escolhas como a sua. Então, assumo a minha culpa por ter perdido a cabeça ontem e passado dos limites com VOCÊ. Porém isso não vai me impedir de te acusar de ser infantil ao ponto de falar o que estávamos vivendo por medo de abrir mão de algo que nem você quer mais viver.

Putaquepariu! Eu só queria um dia sem precisar pensar em bater naquele garoto.

Ignorei Patrício por um tempo porque a minha resposta teria que ser em áudio para não cansar os dedos, pois escreveria um textão digno de roteiro de cinema. Ele não perdia por esperar. Optei por responder a Éder:

Você não tem culpa de nada. Como está?
Ficou muito machucado?

Ele mandou uma carinha sorrindo e outra piscando, depois começou a escrever uma mensagem, mas outra de Patrício chegou e não resisti à curiosidade.

E eu não deveria ter criado aquela confusão porque era certo que você seguiria em frente. Não deveria esperar nada diferente de você, aliás, deveria esperar até algo pior, levando-se em conta tudo o que sei.

Ai, que ódio! Eu mataria aquele idiota!

Digitei uma mensagem bem rápida, apenas para conter a raiva que estava sentindo.

Vá se foder!

Rápido, simples e eficiente.

Estou bem o suficiente para querer te encontrar. Posso?

Éder escreveu. De maneira sádica, me vi beijando o rapaz na frente do Patrício só para que ele tivesse um ataque epilético.

Quando ia responder a Éder que poderia encontrá-lo naquela noite, a porta de casa foi aberta e o padrinho entrou apoiando a madrinha pela cintura. De imediato entendi que ela não estava bem e alguma coisa dentro de mim me alertava que aquilo tudo ia muito além de um mal-estar.

Eu queria levantar e perguntar o que estava acontecendo. Queria olhar bem nos olhos do padrinho, pois só assim saberia se estava mentindo. Acontece que o hipócrita e puxa-saco do

Alex levantou antes de mim e tratou de ajudá-los. Charlotte logo estava ao lado deles, então preferi aguardar e observar.

Meu celular começou a vibrar uma vez seguida da outra, porém me recusei a olhar em sua direção, pois, com certeza, Patrício estava me enviando todo o seu arsenal de desaforos. A madrinha caminhou até a mesa, então levantei para recebê-la observando que ela não estava com os passos muito seguros. Estava tão magra que parecia poder partir ao meio se por um caso se descuidasse.

— Pelo visto nenhuma das duas aprendeu a se vestir adequadamente à mesa. Veja só você, ainda trajando roupas de ginástica — falou ao me abraçar.

Não consegui elaborar nada adequado para responder. Minha cabeça estava uma confusão só. Era a minha percepção acerca da sua doença e os desaforos de Patrício vibrando em meu celular, sem trégua. Por um segundo me perguntei se aguentaria tanta confusão acontecendo no mesmo instante.

Então, quando dei por mim, a madrinha já estava indo em direção às escadas, Charlotte comentava baixinho o quanto estava desconfiada e Alex, como um perfeito idiota, paparicava a noiva. Eu precisava sair dali ou vomitaria tudo o que estava sentindo.

— Com licença. — Levantei sob o olhar atento da minha irmã. — Já terminei. Não estou mais com fome. Vou para o meu quarto.

Tenho certeza que Charlotte ficou surpresa e intrigada com a minha reação, só que no momento outras preocupações habitavam minha cabeça e não podia desperdiçar o meu tempo me explicando ou criando mais confusão. Meu celular parou de vibrar indicando que acabara o estoque de desaforos do Patrício.

Tentei não correr, mas minha mente e meu corpo agiam de maneira independente. Então, por mais que eu tentasse não ultrapassar os padrinhos com tanta pressa, acabei fazendo tudo ao contrário.

Meus padrinhos subiam as escadas com cuidado, ele pajeando os passos dela, atento a todas as suas expressões e fazendo com que uma placa de alerta piscasse em meu cérebro me alertando cada vez mais. Talvez eu devesse ter uma conversa séria com o padrinho.

A nossa relação depois de descobrir o quanto ele sabia da minha vida, me dava espaço para ser mais aberta e direta com ele, não dava? Bom, eu acreditava que sim, então assim que resolvesse o quesito Patrício enfurecido, procuraria o padrinho para expor as minhas suspeitas.

— Com licença — repeti para conseguir me esquivar entre eles e o corrimão e colocar um pouco mais de velocidade em meus passos.

— Ei, mocinha! O que acha que está fazendo? Por que a pressa? Qual o motivo dessa urgência toda? — padrinho resmungou me fazendo parar contra a minha vontade.

— Preciso fazer xixi — menti acrescentando uma careta à minha farsa que fez a madrinha rir um pouco.

— Ora, então vá! — ele disse um tanto quanto sem graça.

— Elas nunca aprendem, não é mesmo? Quantas vezes já expliquei que segurar... — A madrinha começou a fazer o seu papel de mãe, contudo, eu realmente precisava correr.

E foi o que fiz antes que eles resolvessem me ensinar mais uma vez que não fazer xixi na hora em que o corpo pede, fazia mal à saúde. Se eles imaginassem o motivo da minha pressa!

Assim que entrei no quarto, corri até o banheiro e me tranquei lá dentro, para evitar que alguém me pegasse na mentira. Olhei o celular, em dúvida sobre para quem deveria responder primeiro. Éder me acharia uma garota confusa e estranha. Patrício não merecia a minha atenção, mas... digitei uma resposta para Éder, afinal de contas, ele merecia minha consideração.

Abri a mensagem do Éder pensando o que deveria responder. Ele era legal, era gentil e interessante. Poderia ser alguém com quem pudesse me divertir e quem sabe, começasse a colocar a minha vida de volta ao eixo.

Mas pensar nele desta forma não me animava. Sequer me fazia ter esperança de que tudo fosse melhorar. Seria como a noite passada, saciaria o meu corpo, mas nunca a minha alma.

Hoje não posso. Que tal uma praia amanhã?

Respondi ligeiro, me perguntando desde quando eu gostava de fazer programas de casais nos domingos. De onde vinha aquela minha necessidade de parecer tão normal em relação às normas da sociedade?

Abri a mensagem de Patrício, já preparada para a bomba e me surpreendi. Ele colocou uma sequência imensa de “kkk” e depois acrescentou um “Por que será que não me surpreendeu?” que me deixou furiosa. Logo em seguida um texto do tamanho do mundo composto por várias mensagens separadas.

É assim que você acha que resolve as coisas?

Não sei o que é mais engraçado, eu aqui querendo me justificar ao invés de tomar o seu exemplo e seguir em frente, ou você se posicionando como se não tivesse qualquer culpa nessa história. Eu erreí, Miranda, mas seja honesta, qualquer cara em meu lugar teria pulado fora. Aliás, muitos caras nem teriam dado a cara naquela noite para te tirar daquela barca furada.

Você se acha mesmo a vítima?

Não dá para acreditar que você queira resolver tudo desta maneira. Só tentei me desculpar. Pelo visto Alex tem razão, não vale a pena.

“Se é assim que você quer, então vá! Fuja! Finja que não está te consumindo da mesma forma que me consome. Vou te garantir, Miranda, não vai importar para quanto longe você vá, não vai acabar.”

Levei meia hora olhando aquela mensagem. Li e reli sem conseguir entender direito a confusão dentro de mim. E todas as vezes que lia aquelas palavras, me proibia de acreditar nelas.

Não vale a pena, Miranda! Não se torture mais.

Então outra mensagem chegou enquanto ainda relia a última.

Vamos conversar, gata. Não podemos deixar que essa confusão se prolongue cada vez mais.

E então um “por favor” foi acrescentado, derrubando algumas barreiras. Respirei fundo e digitei.

Eu só queria entender porque estamos discutindo por algo que já acabou. Passou. Fim. Viramos a página. Entendeu agora? Patrício, nós nem chegamos a namorar. Foi tudo uma mentira que você inventou para ficar bem com a sua família, porque eu nem precisava disso para me resolver com a minha. O que você quer conversar? Não restou mais nada a ser dito.

Ele demorou a responder. Assim que enviei a mensagem percebi que Éder já havia enviado outra.

Amanhã pela manhã bem cedo?

Ah, droga! Era domingo e nós iríamos à missa. Com a supervisão do padrinho, eu duvidava que conseguisse fugir deste compromisso. Gemi cansada demais.

Não tão cedo. Que tal um almoço?

Respondi e conferi se Patrício estava escrevendo algo. Ele visualizou e não respondeu.

Almoço não dá, tenho um compromisso de família, e no final da tarde preciso trabalhar. Sou assalariado, lembra?

Sorri olhando a tela. Éder era tão diferente de mim, e ainda assim conseguia me fazer sentir tão bem que me questionei se deveria dar continuidade ao que estávamos vivendo, ou planejando viver. Eu não era uma garota legal para ele, este era um fato.

Hum! Que tal na segunda?

Escrevi ansiosa demais, pois Patrício digitava uma resposta tirando todo o meu foco.

Podemos marcar.

Éder retornou a mensagem. Não me dei ao trabalho de abrir, já que meus olhos estavam fixos no que Patrício me escreveria.

Como ele estava demorando, abri a torneira e joguei um pouco de água no rosto, me dando conta de que precisaria tomar um banho. Saí do banheiro e fui direto ao *closet* procurar o que vestir quando o celular vibrou indicando a mensagem. Larguei tudo e fui conferir.

Você tem razão.

Ele se limitou a dizer me deixando contrariada. Por que inferno demorou tanto tempo para digitar apenas três palavras? Que imbecil. Indignada digitei o que veio à minha cabeça.

Ótimo! Assim seu irmãozinho fica mais aliviado. Idiota!

E a mensagem dele chegou logo em seguida, como se não tivesse lido a minha.

A verdade é que muita coisa não foi dita. Ontem fui um babaca. Não deveria reagir daquela forma com você, mas...

Ele parou de digitar fazendo a minha ansiedade borbulhar dentro de mim. Liguei a torneira da pia e molhei o rosto aguardando que ele digitasse algo sem que nada acontecesse.

Mas?

Digitei estimulando-o. Ele nada disse.

Larguei o celular sobre a poltrona e fui tomar um banho.

Eu não entendia o motivo daquilo tudo. Se Patrício estava decidido a acabar, então por que não me deixava em paz, não me ignorava, me tratava com a mais fina diplomacia existente entre dois membros da mesma família que possuem um passado ruim em comum? E por que me incomodava tanto se já tinha me convencido de que não haveria forma de fazer dar certo sendo eu quem era e ele um imbecil?

Por que doía quando pensava em como Patrício me via, se passei a minha vida me convencendo de que a opinião das pessoas não valia de nada? Se me fortaleci para ser quem eu era e me impor? Por que não encontrava esta força naquele momento, quando precisava me reerguer e seguir em frente?

A resposta estava nítida em todos os meus argumentos. Era daquela forma, porque me apaixonei, e mesmo entendendo que o mais prudente seria afastá-lo, não conseguia tirar Patrício de mim. Não importava o quão longe ficasse, em quantos braços permitisse me envolver, em quanto tempo passaria longe dos seus olhos. Nada disso importava, porque ele já habitava em mim e não havia remédio que me curasse daquele amor doentio.

Desliguei o chuveiro, alcancei a toalha e saí do quarto, ainda molhada. Não deveria me sentir tão ansiosa, só que a verdade estava ali, nua e crua, eu queria saber o que ele pensava, queria aquele contato nem que fosse só por uma briga, por mais algumas palavras frias, queria ele comigo nem que fosse através de um celular e pensar assim me machucava ainda mais.

O amor é insano. É estranho e injusto. Se as pessoas tivessem alguma noção de como este sentimento nos incapacita, nunca desejariam senti-lo.

Peguei o celular e tremi com a mensagem estampada no visor.

Eu não consegui, Morena. Sei que preciso entender que vamos seguir em frente, só não estava preparado para...

Outra pausa.

Eu não precisava que confessasse. Aquelas poucas palavras que faltavam ali já eram suficientes para fazerem meu peito inflar. Eu era mesmo uma idiota!

Você também estava com outra pessoa.

Acusei sem saber como deveria me comportar. Ele respondeu de imediato, como se estivesse ali aguardando por mim.

Porque estou seguindo a minha vida da mesma forma que você está. Não era assim que deveria ser?

Suspirei triste.

É assim que deve ser, Patrício. Alex tem razão. Eu não sirvo pra você.

Ele demorou tanto para responder que cheguei a acreditar que a conversa encerrava ali. Depois de ficar longos minutos me massacrando com a tristeza que as minhas próprias palavras causaram em mim, acabei me assustando com uma ligação repentina.

Patrício.

Respirei fundo e atendi, sem nada conseguir dizer.

— Vou te dizer porque o Alex tem razão — começou sem aguardar por mim. — As suas escolhas sexuais me assustam, mas não me repelem. Você é livre, é jovem e é segura demais para ficar trancada em um quarto esperando pelo príncipe encantado. Eu não esperava que fosse como Charlotte, até porque garotas como ela nunca me encantariam. Quando fomos para aquele quarto de motel pela primeira vez, eu soube com quem estava me metendo e juro, Miranda, não tive medo. No entanto, saber que aquele cara faria aquilo com você me deixou maluco e ferrou a minha cabeça. Porém o que faz com que eu acredite que você não serve pra mim, é a sua incapacidade de enxergar o óbvio. É você ser essa garota que encara o mundo

sem encarar a si mesma. É muito fácil olhar para o mundo, difícil é olhar para dentro de nós mesmos.

Ele aguardou, esperando que eu falasse algo. Patrício não fazia ideia de quantas vezes por dia eu precisava voltar para dentro de mim, enxergar e enfrentar os meus medos. Ele nem imaginava o quanto o meu mundo era muito mais assustador do que o panaca do Moisés.

— *Ainda está aí?* — perguntou preocupado.

— Não. — Patrício riu e acabei sorrindo, porque era o que sempre acontecia.

— *Vai continuar me evitando mesmo?*

— Acho que vou. — Riu outra vez. — O que você quer?

— *Não sei, Morena. Talvez... sei lá! Encontrar um ponto de equilíbrio.*

— Olha, Patrício, eu... eu não acho que vamos conseguir. O padrinho...

— *Ah, sim! Peter.* — Soltou o ar com força. — *Hoje o encontrei. Foi estranho porque ele estava com pressa e nem me viu, ou preferiu me ignorar.*

— O padrinho? Onde? Ele estava viajando, acabou de chegar. — Sentei na poltrona esquecendo o motivo daquela ligação.

— *Quem? O Peter? Ah, Morena, eu o vi hoje no hospital. Não que eu estivesse precisando do hospital, mas meu pai me obrigou a fazer alguns exames, você sabe, a briga de ontem, nada demais...*

— Você está me dizendo que o padrinho estava hoje no hospital?

— *Sim. Ele saiu do elevador quando eu estava aguardando para fazer uma radiografia. Estava apressado e nem percebeu a minha presença.*

— Não é possível! — resmunguei mais para mim mesma do que para ele.

— *Também acho, mas ele ou não me viu ou preferiu não falar comigo. Até falei com o meu pai...*

— A madrinha estava com ele?

— *Ah, não sei. Aquilo foi tão estranho! Quando fui falar com meu pai sobre a maneira como Peter passou por mim, ele ficou agitado e até cancelou o exame. Acho que ele queria me ver longe daquele hospital.* — Patrício deu uma risada idiota.

— Eu preciso desligar.

— *Miranda...*

— Preciso resolver umas coisas. Vejo você depois.

Desliguei sem me atentar que estava deixando para trás a esperança de nos ajustarmos. Depois do que ele disse, meu relacionamento com Patrício ficou em segundo plano. Eu precisava entender o que estava acontecendo e ajustar toda aquela confusão.

CAPÍTULO 9



*“Ainda é cedo, amor, mal começaste a conhecer a vida,
já anuncias a hora de partida.”*

CARTOLA – O MUNDO É UM MOINHO.

FIZ O SINAL DA CRUZ E LEVANTEI FINALIZANDO MINHA ORAÇÃO. OLHEI UMA ÚLTIMA VEZ PARA O altar e depois, como sempre fazia, não me atrevia a olhá-lo outra vez. Não era nada relacionado a pecados ou qualquer coisa deste tipo. Era apenas uma forma de confiar, de acreditar que entreguei minhas palavras e estas foram ouvidas, então não precisava conferir de cinco em cinco minutos, nem ficar repetindo de forma incansável o que me atormentava.

Eu chegava, seguia os procedimentos da missa, levantava e sentava, cantava e no final orava. Era muito raro eu fazer pedidos de milagres, como muita gente fazia. O que gostava mesmo era de ajoelhar, porque era assim que o padrinho ficava satisfeito, e pensar em mim, em minha vida, revivendo cada detalhe, analisando-os, como em um diário. Por fim me sentia aliviada, porque era como se ali eu não precisasse mais pensar e pudesse tirar o domingo de folga.

Procurei por Johnny que estava bem ao meu lado a missa toda e, de repente, sumiu. Sorri orgulhosa. Eu adorava quando meu irmão conseguia engabelar nossos padrinhos e fugir bem debaixo dos seus olhos.

O ideal seria fazer o mesmo, contudo, achei mais prudente aguardar por eles e dizer que iria encontrar umas amigas para almoçar na praia. O padrinho jamais seria contra um compromisso como este depois de me comportar tão bem. Era justo por isso que eu seguia os protocolos quando ele estava presente, para ganhar créditos.

Charlotte estava em frente à imagem da Virgem Maria, como sempre gostava de fazer, e o seu noivo, o depravado hipócrita, estava ao seu lado, aguardando como um cachorrinho dominado. Fiquei surpresa em ampliar o meu sorriso. Aquele imbecil perdia todo o seu orgulho quando Charlotte batia o pé e fazia birra. Quem diria?

— Feliz? — a madrinha falou ao meu lado com um sorriso encantador. Não parecia se sentir mal, como no dia anterior, pelo contrário, ela estava radiante.

— Sim! — Sorri ainda mais. — Veja como Charlotte tem Alex em suas mãos, isso não é fantástico?

— Miranda! — ela me repreendeu, mas sorriu gostando. — Alex ama de verdade a sua irmã. Assim como Patrício te ama. — Meu sorriso se desfez e meus olhos ficaram imensos.

— Madrinha, eu e Patrício...

— Terminaram. Eu sei. O que não coloca um ponto final em nada. — Revirei os olhos e voltei a olhar Charlotte e Alex, conversando com olhares apaixonados, como nunca alguém me olhou antes, nem mesmo Patrício.

Uma pontada de tristeza se instalou em meu peito. Olhar Charlotte e Alex me fazia pensar no quanto eles eram perfeitos e no quanto eu nunca seria perfeita para ninguém... quer dizer... talvez para pessoas como Moisés. Um calafrio percorreu minha espinha, além do asco que senti. Eu nunca seria a noiva ansiosa, a esposa fiel e devotada, a mulher que formaria uma família.

E não faria nada disso porque aquilo tudo não se encaixava em meu mundo e não porque eu não merecia. Existia em mim a certeza de que se me esforçasse, se me enganasse ou preferisse viver uma mentira, seria até fácil demais encontrar um marido, alguém adequado às regras da sociedade, que me amasse conforme manda o figurino e que estivesse ansioso para me dar filhos e construir um lar.

Mas, como eu disse, nada daquilo se encaixava em meu mundo.

— E ele te ama.

— Ele ama... — Me controlei para não completar a frase. A madrinha não merecia palavras chulas em seu mundo encantado. — A vida de solteiro que leva. — Ela riu divertida.

— E quem imaginava que você algum dia se apaixonaria?

— Eu? — Olhei para a madrinha que me encarava sem aceitar negativas. Droga! Como aquela família ficou tão perceptiva? Eu era muito mais feliz quando eles só olhavam para Charlotte, ou quando acreditava que era assim. — Que diferença isso faz? Nós...

— Eu sei. Vocês terminaram. — Deu de ombros. — Grande coisa! — E voltou seu olhar para Charlotte e Alex com um sorriso imenso. — O que seria dos grandes romances se os casais não se separassem? — Ela voltou a me olhar e piscou divertida. — Acho que Peter precisa de mim. Com licença, querida.

Fiquei sem palavras. No meio do salão principal da igreja, cercada por diversos estranhos que se despediam e diziam palavras boas que nem sempre eram praticadas, observando minha irmã e o seu noivo, a madrinha encontrar o padrinho para a sua tradicional conversa dominical com padre Messias e a intrometida da D. Carmelita, eu me sentia nua e só.

Soltei o ar dos pulmões, decidida a sair dali enquanto era tempo. No mesmo instante observei o padrinho conduzir o grupo para o local onde Charlotte e Alex conversavam, apaixonados. Coitada da minha irmã! Como se não bastasse mais pressão. A garota ficaria louca se mais alguém comesçasse a cobrar o tal casamento.

Assim que alcancei as escadas da igreja senti que respirava com dificuldade. Eu só podia estar louca. Não havia outra explicação. O sol forte indicava que era provável que a praia estivesse lotada, o que era mesmo uma droga. Mas para ser sincera, eu não queria ficar na praia. Talvez um almoço com algumas garotas, um passeio pela orla ou qualquer coisa do tipo.

Peguei o celular e em um ato de desespero enviei uma mensagem para Elba Correia, que não encontrava desde a festa da espuma na cobertura do Roberto. Quando eu e Patrício fizemos loucuras dentro da piscina e depois no vestiário. Céus!

Livre para almoçar?

Enviei e me arrependi quase que de imediato.

Eu e Íris pretendíamos ir ao Bistrô, no Recreio. O que tem em mente?

Revirei os olhos. Elba Correia e Íris Arruda, a dupla mais entediante que já conheci. O mais correto seria cancelar o encontro e buscar por alguém mais interessante. Acontece que nos últimos anos minha lista de amigos foi reduzida de maneira considerável. Droga!

Exatamente isso. Encontro vocês lá.

— Ainda aqui? Pensei que já tinha conseguido fugir. — A voz divertida de Johnny me alegrou.

— Pensei que *you* já tinha conseguido fugir.

— Digamos que estava em uma conversa um tanto quanto paroquial.

— Sério que você paquera até aqui na igreja? — Johnny riu e olhou para dentro conferindo nossos padrinhos conversando com o padre Messias.

— Que pressão, hein? — Fez uma careta de desagrado.

— Nem me fale. Se Charlotte não enlouqueceu até hoje posso garantir que ela está bem perto disso.

— Você sabe tão bem quanto eu que Charlotte enlouqueceu quando resolveu pegar Alex para Cristo, quer dizer, Cristo não, porque Ele não fez coisas tão pecaminosas. — Comecei a rir quando o seu celular tocou e pude vê-lo ficar alegrinho demais, o que só indicava uma coisa: Anita. — Preciso ir. Vejo você à noite?

— E será que você vai mesmo aparecer? — Sorriu travesso e fez uma reverência fugindo logo em seguida.

Fiquei olhando na direção em que seu carro saiu pensando em como Johnny estava com problemas por se envolver com Anita. E o pior de tudo era que meu irmão nem fazia ideia da besteira que fazia.

— Oi! — Charlotte apareceu ao meu lado, irritada. Eu já podia imaginar o motivo. Sorri.

— Eles forçaram a barra, não foi?

— O problema não é o meu pai querendo me forçar a casar, nem a pressão que Alex faz para me convencer. O problema está nas pessoas como a D. Carmelita. Eu disse que isso aconteceria, só que ninguém quer me ouvir! — Comecei a rir do seu ataque de fúria. — Estou falando sério! Já posso até ouvir as pessoas fazendo contas e apostando quando meu filho vai nascer. — Gargalhei.

— Meu Deus, Charlotte! Mas te entendo. Juro que te entendo. Não no seu medo a respeito do que as pessoas vão achar. Neste ponto eu casaria só para criar a fofoca. — Ela acabou rindo também.

— Depois de quanto tempo você acha que eles diriam que abortei? Ou que perdi a criança e a família abafou o caso. — Estremeci, me esforçando para que meu passado não me sufocasse.

— Hum! Acho que com seis meses se a barriga não cresceu então já podem começar a fazer suposições.

— Até já imagino D. Carmelita me observando todos os domingos para conferir a minha barriga. — Rimos juntas, ela já relaxada e eu ansiosa para mudar de assunto.

— O que ficou acertado?

— Graças a Deus eles não têm uma data tão próxima quanto Peter pretende. — Fez uma careta de desagrado que ficava linda em seu rosto infantil.

— Que sorte! — Ela riu outra vez, mas ficou logo séria.

— Posso te pedir um favor? — Charlotte passou a me olhar com intensidade. Eu tinha certeza de que era algo que estava incomodando a minha irmã. Algo como a minha antipatia pelo seu noivo.

— Você sabe que quero que case com ele. — Fui direto ao ponto. — E a minha antipatia com Alex não está relacionada a vocês e nem ao seu relacionamento.

— Então qual o motivo? Vocês dois parecem que estão o tempo todo disputando algo. Não dá para tentar gostar um pouco dele?

Eu diria que era difícil gostar de Alex quando ele estava fazendo de tudo para queimar o meu filme, no entanto, assumir em voz alta era o mesmo que admitir que me importava com o que Patrício pensava ao meu respeito. E eu não estava pronta para confessar. Além do mais, não queria criar problema entre eles dois.

— Vou me esforçar para ser agradável — acabei dizendo e ela voltou a sorrir.

— Jura? — Revirei os olhos. — É por isso que te amo, Miranda!

Eu ia responder que ela me amava porque eu sempre me sacrificava por ela, quando Alex parou ao seu lado. Não consegui esconder meu desagrado, contudo, havia prometido colaborar e precisava mesmo começar a facilitar a nossa relação, afinal de contas, ele seria o marido da minha irmã. Por isso puxei o assunto que serviria para nós dois.

— Vocês vão à praia?

— Agora? — Alex fez uma careta sem acreditar que eu estava mesmo falando com ele depois de ignorá-lo descaradamente em muitas ocasiões. Mas entendeu o meu esforço, e, sejamos honestas, não era do seu interesse manter uma relação ruim com a futura cunhada.

— Hum, sim. Você não é surfista? Um dia como o de hoje é um convite para a praia. — E também para me acompanhar e constatar que em dias comuns eu era uma pessoa normal e não

a depravada que ele tentava pintar para o irmão.

— Na verdade não gosto de surfar em horários muito movimentados, pensei em fazer isso no final da tarde. Por quê?

Céus! O que eu estava fazendo? Não precisava provar nada àquele babaca machista. E se ele me importunasse muito... não, eu nunca seria capaz de contar a Charlotte, até porque Alex ter ido ao clube não fazia dele um tarado, assim como não me fazia uma libertina ou uma puta.

— Por nada. Vou encontrar duas amigas que estão me aguardando, então pensei que vocês tivessem planos.

Ele olhou para Charlotte como se implorasse para que ela não inventasse de me seguir, e minha irmã, claro, negou de imediato o convite. Sério que o amor fazia essas coisas?

— Nós vamos no fim da tarde — disse sendo educado. Que saco!

Olhei ao redor conferindo a tradicional fila de táxis que ficava a poucos metros da igreja. Era a minha chance.

— Vejo vocês depois!

Desci as escadarias em direção aos meus padrinhos que já estavam do lado de fora conversando com algumas pessoas. A madrinha me olhou e sorriu.

— Vou almoçar com umas amigas no Recreio — avisei para que ela nem inventasse de me impedir.

— Tão longe!

— O dia está lindo e as praias devem estar lotadas, então vou para o mais longe possível em busca de tranquilidade.

— Vá, minha querida! — disse em tom conspiratório. — Pode deixar que cuido de tudo por aqui. — E sorriu como se imaginasse que eu ia aprontar alguma coisa. Ela nem imaginava que eu estava indo para um encontro tão normal que me assustava. Eu não era mais a mesma pessoa. Definitivamente.



O táxi me deixou na porta do Bistrô que eu tanto adorava. Estava tão quente do lado de fora que questionei a sanidade mental das pessoas para se arriscarem tanto na praia. Estava sufocante.

Paguei a corrida e me apressei em entrar logo no restaurante. Do lado de dentro respirei mais aliviada. Eu amava aquele local, seus móveis brancos, elegância, a sofisticação que nos fazia estar de frente à praia, aproveitando a paisagem e protegidos do mundo com ar-condicionado potente, segurança e uma música agradável aos ouvidos.

Podem me recriminar, mas era nessas horas que eu amava ter dinheiro.

As duas loucas já estavam me esperando. Era sempre assim, um convite e as duas se empolgavam como se tivessem um encontro com uma princesa britânica. Que loucas! Elas sorriram e acenaram antes mesmo que o *maître* conseguisse me alcançar. Sorri sem graça e caminhei em direção à cadeira reservada para mim.

— Miranda! Como você está linda! — Íris me saudou como sempre fazia, elogiando. Ela acreditava que exaltar a beleza das pessoas era uma ótima forma de abrir portas. Fútil!

— Obrigada! Como vai? — Aproveitei a pausa para beijar Elba, que me cumprimentou com educação.

— Estamos ótimas! Estava agora mesmo contando a Elba sobre o trabalho que estou realizando com...

E ela tratou de tagarelar sem fim contando o quanto suas ideias sociais estavam indo bem. Será que só ela não sabia que as grandes empresas faziam doações e apoiavam causas sociais apenas por causa dos impostos? Sorri em todos os momentos adequados, aceitei a água que o garçom me ofereceu e até acompanhei as garotas na cestinha de pão ofertada.

— Aqueles não são Roberto e Milena? — Elba interrompeu a falação de Íris e as duas se viraram em direção à porta do restaurante por onde o casal entrava.

Ah, droga! Tudo que eu menos queria era um almoço com Roberto e a sua forma ridícula de desrespeitar a noiva, e os ataques de Milena por causa do comportamento nada social do noivo. Seria muito mais animado passar a tarde ao lado dos padrinhos e de Charlotte e Alex, mesmo precisando presenciar a sua babaquice toda.

— Milena! — Elba falou com euforia. Quase revirei os olhos.

Eu não conseguia esquecer como o imbecil do Roberto deu em cima de mim na festa na cobertura dele. Que panaca! A Milena era linda. Tudo bem que ela não era aquela mulher estonteante, mas era linda, bem cuidada, educada, de uma classe social capaz de convencer homens como o Roberto a quererem o casamento, ou seja, era um bom negócio. Contudo ele não se contentava em ser canalha e fazia questão de que fosse algo claro, nítido. Um perfeito idiota. Ou ela seria a idiota por aguentar aquele relacionamento fracassado?

— Miranda — Milena me cumprimentou com frieza, o que fez com que eu me perguntasse se Roberto inventou alguma coisa ou se alguma fofoca chegou aos seus ouvidos.

— Como vai, Milena? — rebati com a mesma disposição, deixando claro que não havia do que me envergonhar.

— Vão ficar aqui com a gente, não é mesmo? — Íris perguntou sem se dar conta do clima ruim enquanto eu percebia que Roberto me olhava com devassidão, sem qualquer respeito pela noiva.

— Não, nós... — Milena começou a responder e foi interrompida pelo noivo.

— Claro que sim. Por que não? — Ele logo puxou uma cadeira para que ela sentasse e fez questão de ficar bem à minha frente. Elba começou a falar ganhando a atenção de Milena que bem rápido se esqueceu do quanto o noivo era descarado.

Forcei ao máximo a minha capacidade de ignorar alguém, fingindo estar interessada na conversa das garotas e me amaldiçoando por dentro por ter inventado aquele almoço. Às vezes eu achava que Deus estava me punindo, fazendo-me pagar ao colocar pessoas como aquelas no meu caminho.

— Não é mesmo, Miranda? — Íris virou para mim com muita empolgação e um sorriso imenso no rosto.

Busquei em minha mente o que mesmo ela perguntou e me dei conta de que não fazia a mínima ideia. Contudo não podia admitir minha distração, já que o imbecil do Roberto me encarava de forma descarada. Ele, com certeza, acharia que meu abalo era por causa dele.

— Hum! É sim — respondi rezando para não ter dito nenhuma besteira.

— Eu sabia! — Íris continuou agora com mais empolgação. — Eu os vi no calçadão outro dia. Não estavam de mãos dadas nem nada do tipo, mas conversavam com intimidade, então logo pensei: “nossa! Charlotte fисgou um peixão!”.

Putá merda!

— E quem é ele? — Elba me perguntou interessada.

— Ah... o... noivo dela — eu não queria dizer nada mais, apesar de saber que aquelas garotas não me deixariam em paz enquanto eu não contasse a fofoca completa.

— Miranda Middleton, eu quero nome completo, idade, profissão, tudo! — Íris, indo contra a física, ficava cada vez mais empolgada, quicando na cadeira sem parar.

— Nem acredito que Charlotte ficou noiva e nós duas estamos encalhadas — Elba brincou com Íris, com certa pitada de inveja.

— Ah, o que é isso? Vocês duas estão esperando o melhor do mercado, então nada de pressa — despistei querendo que o assunto morresse.

— Verdade! — Íris se espichou na cadeira assumindo a sua postura altruísta. — E eu não estou encalhada.

— Ah, claro! — Elba revirou os olhos. Ri olhando para frente só para me arrepender, pois Roberto continuava me encarando daquela maneira que me causava repulsa.

— Sinto informar que o melhor do mercado não está disponível — Milena falou em tom de brincadeira, contudo, eu não precisava de nada mais direto para me sentir avisada. Coitada! — Não é mesmo, amorzinho? — Roberto sorriu torto e voltou a sua atenção para a noiva.

— É sim, Mi.

— Por falar nisso... — Íris os interrompeu olhando para Milena de uma forma diferente. — Milena, vamos retocar a nossa maquiagem? — Milena não entendeu a princípio, contudo, logo em seguida pareceu que alguma coisa acionou dentro dela que levantou rápido para acompanhar a amiga.

— Com licença! — ela disse. — Se comportem. — Seu olhar cheio de significado era mais um aviso.

Por que ela não avisava ao noivo? Por que as mulheres tendiam a culpar a mulher pelo descaramento dos seus homens? Eu achava aquilo tudo tão ridículo que me fazia perder a paciência. Então o cara apronta, paquera, trai, e o que a mulher faz? Parte para cima da outra, briga, difama, e mantém o relacionamento com o cretino como se ele tivesse sofrido o assédio.

Era por isso que ninguém me convencia a deixar de ser o que eu era. Eu nunca seria capaz de algo do tipo.

— E então, Roberto, quando sai este casamento? — Elba questionou o noivo da amiga, que voltou a sorrir como o bom safado que era.

— No dia que a Milena deixar de ser tão louca.

— Roberto! — ela protestou.

— Quer apostar quanto que ela e Íris estão no banheiro conversando sobre a mais nova investigação sobre a minha vida? Milena não cansa. Ela cava tanto que descobre e quando isso acontece são dias de muita dor de cabeça que me convencem a terminar, só para então ela esquecer tudo e ficar uma semana chorando e correndo atrás de mim.

— Você é um canalha, Roberto! — ela disse, mas sorriu, como se gostasse do jeito dele. Quase vomitei na mesa.

— A Milena me conheceu assim, quis o relacionamento, então não pode reclamar, nem pegar tanto no meu pé. Nesta loucura toda só ela sofre, porque eu saio e tomo umas cervejas com os amigos enquanto ela chora em casa ligando para toda a agenda pedindo ajuda. Nunca prestei, e ninguém nunca foi enganado. — Ele me olhou sem disfarçar o desejo e sorriu ainda mais.

— Vou lá na área externa ver se encontro alguém conhecido. — Ela levantou sem disfarçar que estava dando espaço para Roberto me paquerar.

E aquela víbora ainda se dizia amiga da Milena. O mundo estava mesmo perdido. Tomei um gole da minha água e olhei para o lado fazendo questão de evitar qualquer conversa com Roberto. O problema era que toda resistência da minha parte seria como um estímulo para os seus avanços.

— Nunca imaginei que Milena conseguiria colocar medo em Miranda Middleton — pirraçou para ganhar a minha atenção. Sorri com ironia.

— Se ela não consegue colocar medo em você, por que acha que conseguiria colocar justo em mim? — Cruzou os braços e estreitou os olhos.

— Gosto de você, Miranda. — Lambeu o lábio inferior desviando o olhar para o meu decote. — Gosto de mulheres marrentas, cheias de prepotência. Felinas. Uma delícia!

Com essa tive vontade de lhe acertar um tapa, chamando toda a atenção para a nossa mesa e mostrando para todos quem era aquele imbecil. Só que para Milena seria apenas um motivo para criar problemas comigo e espalhar fofocas com o meu nome. Por isso cada vez mais eu me convencia de que mulheres como ela mereciam homens como ele.

— É fácil gostar de mim. — Sorri convidativa. — O que não sei até agora é como alguém pode gostar de você. — Ele riu baixinho, balançando a cabeça. Coloquei os braços sobre a mesa e me aproximei dele. — Não gosto de homens como você. Pernósticos. Com certeza um fracasso na cama. — E com essa, atingi em cheio o seu ego.

— É só abrir as pernas que desfaço essa imagem.

— E o que o leva a acreditar que mulheres como eu abririam as pernas para homens como você? O que você tem que me atrairia, Roberto? — Ele abriu a boca para falar, mas o interrompi: — Você não é bonito. É ajeitado, é verdade. Também, com dinheiro, roupas adequadas e um bom cabeleireiro, quem não é? — Mais uma vez tentou falar sem sucesso. — Você não é gentil, não é educado, sequer consegue ser agradável. E olha que dizem que as pessoas sem atrativos ganham as mulheres no papo, só que você... Acredita mesmo que consegue levar uma mulher para a cama pedindo para ela abrir as pernas? — Dei uma risada maldosa. — Você vai contra todas as estatísticas. Então vamos apelar para a sua conta bancária. Hummmmm! Muitas mulheres cederiam a este detalhe, mas olha só! Eu devo ter... o quê? Dez, vinte vezes mais do que você? — Estreitou os olhos, já impactado. — Então nem isso me faria abrir as pernas. O que lhe sobra seria a fama de bom amante, mas, querido, não é isso o que dizem, não é mesmo?

— Quem diz? Você está inventando! Se tem tanta certeza, então por que não tira a prova? — Ri com gosto, me deliciando em vê-lo perder a compostura.

— Não sou mais criança para tirar a prova, Roberto. Vamos fazer o seguinte: você continua nesse jogo ridículo com a Milena e eu continuo sem nenhuma vontade de entrar na brincadeira.

— Você não sabe o que eu faria com você. Não sabe...

— Ah, eu sei. Já passei por raiva parecida e, para ser sincera, estou em outro nível.

— Nível de vagabunda! — Perdeu a cabeça me dando mais gosto na briga.

— Uma vagabunda que você nunca colocará as mãos. E você nem faz ideia de quão vagabunda posso ser.

— E por que ele faria questão de saber? — A voz de Patrício me alcançou como uma punhalada nas costas. Gelei. Meu coração acelerou de uma maneira descontrolada. Em segundos minhas mãos ficaram suadas e frias.

— Patrício! — Roberto levantou animado, abraçando meu ex como se não tivesse acabado de me atacar com sua conversa podre. — Sozinho?

— Eu ia combinar com uma... um amigo quando encontrei vocês aqui. — A voz de Patrício estava fria, seca. — Estou atrapalhando?

— Não! — respondi rápido demais e chamei a atenção dos dois. — Milena e as garotas estão no banheiro.

— Fofocando. Conversa de mulher, você sabe. — Patrício me olhou com desconfiança. Roberto completou piscando travesso para Patrício que não relaxou nem um pouco.

— Sei sim. Mas Miranda é mulher e está aqui.

Erguei uma sobrancelha, dando a entender que sabia o que estava acontecendo. Só que ele não entendeu nada. Para piorar a situação, quando Roberto percebeu que Patrício estava acreditando que estava acontecendo alguma coisa entre a gente, seu ego inflou e ele deu um

sorriso culpado que me fez ter vontade de avançar e socá-lo até não restar mais nada daquele sorriso.

— Sente, vamos tomar uma cerveja.

— Isso. Faça companhia a Roberto porque eu já estou de saída. — Peguei minha bolsa, decidida a deixar aquele restaurante o quanto antes.

— Já vai? Você não ia almoçar? — Roberto provocou. Patrício mordeu os lábios se controlando.

— Não estou com fome. Na verdade, estou até enjoada. — A minha ideia era atacar Roberto, porém, depois que falei me toquei que serviria de indireta para Patrício e complicaria ainda mais a minha situação.

— Assim? De repente? — Patrício se sentiu afetado, como eu havia previsto.

— Não. Eu já estava enjoada antes da sua chegada. — Tentei fazer com que entendesse nas entrelinhas, mas a quem queria enganar? Era Patrício à minha frente, o cara mais tapado que já conheci. — Aliás, qualquer conversa com o Roberto me deixa assim. Com licença.

Deixei o local sem olhar para trás. Ainda consegui ver as garotas deixando o banheiro na direção oposta à minha. Íris fuxicava muito próxima a Milena que parecia aborrecida com o que quer que a amiga tenha revelado. Graças a Deus eu resolvi ir embora, porque pelo visto teríamos mais uma demonstração da loucura da noiva do Roberto.

Assim que coloquei os pés na rua me incomodei com o calor, a claridade excessiva e a falta de uma fila de táxi. Não queria ficar lá na frente aguardando, no entanto, não seria muito adequado me aventurar em busca de um transporte. Além disso, eu estava com fome, o que me irritava ainda mais.

— Essa pressa toda só porque eu cheguei? — Patrício estava logo atrás de mim. Eu não sabia explicar se me sentia aliviada e feliz, ou angustiada e raivosa pelos seus comentários. — Não vai falar comigo?

— Oi, Patrício! — Olhei para a rua implorando para que algum táxi mágico aparecesse e me levasse para bem longe dali.

— Eu te dou uma carona — falou como se fosse simples assim: ele me oferecia uma carona e eu aceitava. — Vamos.

— Acho que vamos para direções opostas.

Patrício passou à minha frente. Usava óculos escuros, que ficavam perfeitos nele, por sinal, ainda assim eu podia atestar que seus olhos estavam intensos em mim. Fiz um esforço para me manter longe do seu poder. Uma carona era algo ingênuo, principalmente entre duas pessoas que já se conheciam. Já entrar em um carro com o homem que tanto mexia comigo, era o mesmo que aceitar ser tentada pelo diabo no deserto durante um retiro espiritual. Se bem que resistir a tentações nunca foi o meu forte, mas... enfim, não seria saudável me intoxicar com a sua presença se a minha ideia era me desintoxicar.

— Vai continuar fugindo?

— Fugindo? Eu... — Procurei as palavras mais adequadas e não as encontrei, porque fugindo era o que eu estava fazendo. Não apenas para o meu bem, como para o dele também. — Você sabe que não é o certo. — Sorriu olhando para os lados.

— Vai preferir ficar aqui exposta?

— E desde quando estar no seu carro é não me expor?

— Vamos! Estou querendo mesmo conversar com você.

— Você queria era conversar com a “amiga” que ia convidar para te encontrar aqui. Pensa que não percebi? — Patrício se abaixou um pouco, os braços cruzados em frente ao peito e um sorriso debochado nos lábios.

— Isso. Eu ia *te* convidar para me encontrar aqui. Como eu disse, estou precisando conversar com você.

Fiquei abalada com a revelação. Ele planejava me encontrar? Era em mim que Patrício pensava naquele domingo lindo de sol com a cidade fervilhando de opções e oportunidades? Foi em mim que ele pensou?

— Miranda? — Pisquei aturdida e emocionada, sem saber o que dizer. — Vamos.

E então o carro dele estava à nossa frente, o manobrista lhe entregava a chave e me vi entrando, aceitando a sua gentileza em abrir a porta para mim e assistindo a sua elegância ao assumir o lugar ao volante.

— E então? — disse ao ligar o carro. — O que quer fazer?

— Você disse que queria conversar.

— E eu quero, mas sem ser interrompido desta vez, ou ser pego de surpresa por situações... estranhas.

Foi a minha vez de cruzar os braços na frente do peito. Patrício não me olhou enquanto guiava o carro como se soubesse para onde ir.

— Para onde vamos?

— Estou com fome — anunciou de pronto. — Então precisamos de um lugar reservado e que sirva comida.

— E que seja perto, pelo amor de Deus! Estou tão cansada! — Como se tais palavras acionassem um botão em meu corpo, comecei a relaxar ao encostar-me ao banco de couro do seu carro e fechei os olhos. — Parece que carrego o peso do mundo.

— Hum! Então precisamos de um lugar reservado para conversar sem sermos interrompidos, que sirva comida e que possa te ajudar a relaxar. Acho que conheço o lugar ideal.

— E onde seria? — Abri os olhos e conferi o seu perfil. Um sorriso brincava em seus lábios.

— Feche os olhos e descanse, Morena. Vou cuidar de tudo por aqui.

Fiz o que sugeriu, contudo, não sem sentir o frio no estômago que me assolava quando ficávamos juntos. Era uma sensação gostosa e ao mesmo tempo, perturbadora, como era o amor.

CAPÍTULO 10



“Vem logo que o tempo voa como eu, quando penso em você.”

ENCONTRO – MARIA GADÚ

— UM MOTEL? — GRITEI FAZENDO-O ME OLHAR ALARMADO. — VOCÊ ME TROUXE PARA UM motel?

— É reservado, tem comida e você pode relaxar sem qualquer problema.

Patrício falava como se estivesse fazendo a coisa mais natural do mundo. Aliás, ele me olhava como se eu estivesse louca. E eu estava. Só podia estar louca. Não havia outra explicação.

Porque estar na porta de um motel com Patrício despertava em mim demônios adormecidos que me machucavam. Eu, Miranda Middleton, baiana, vinte e um anos, dona de mim, levei anos afirmando que aquela situação não poderia ter desfecho melhor, afinal de contas, estava com fome, cansada e precisando de sexo, e o que estava ali, sendo ofertado, era um sexo que eu sabia ser maravilhoso.

Contudo o que ocorria dentro de mim me angustiava e sufocava com intensidade. Eu que levantava a bandeira do “só sexo”, naquele momento, não queria que fosse daquela forma. Não queria que Patrício me visse como uma garota com quem poderia sair, transar e levar de volta para casa sem qualquer promessa, e isso me destruía por dentro.

Eu era patética. Sim, eu era. E me enfurecia me reconhecer desta forma. Eu me olhava e enxergava em mim aquilo que lutei para nunca ser, uma garota boba, cheia de sonhos românticos, que acreditava encontrar em cada sorriso um príncipe encantado e que ansiava pela ligação do dia seguinte. Porra, eu não queria ser aquilo, mas era o que me tornei, porque não queria que Patrício fosse embora sem promessas. Mesmo quando promessas eram tudo o que não poderíamos ter.

— Relaxe, gata! Não vai acontecer nada... que você não queira. — Ele piscou com um sorriso imenso nos lábios. Era tão lindo!

Merda, Miranda! Vá embora!

Entramos. Enquanto Patrício dirigia para a garagem do que seria o nosso apartamento, eu me digladiava, gritando que era uma mulher forte e que poderia fazer daquela tarde um momento agradável e apenas isso, enquanto outra parte de mim dizia que eu sofreria como nunca desejei sofrer na vida.

— Aqui tem um peixe maravilhoso. Podemos pedir esse, o que acha? — Eu sequer tinha condições de responder.

Patrício estacionou o carro, abriu a porta e, com a mesma habilidade, abriu a minha para me dar passagem. Não me movi. Não conseguia. Meus pensamentos estavam em guerra e meus hormônios em parafuso.

— Vai ficar aí?

— Por que me trouxe pra cá? — Ele suspirou, apoiou o corpo na porta do carro e me olhou sem qualquer deboche.

Alguns segundos se passaram. Imaginei que tipo de piada ele contaria para desfazer da situação, afinal de contas era assim que Patrício sempre agia; ele brincava, fugia do que deveria ser levado a sério. Porém não foi o que aconteceu. Patrício suspirou outra vez, como se estivesse se rendendo, então retirou os óculos escuros e se afastou sentando no degrau da pequena escada que nos daria acesso ao quarto.

— Nós precisamos conversar.

— Sobre o quê?

— Sobre o que estamos fazendo. Não está certo. Tudo o que aconteceu... O nosso desfecho, a briga na boate... não podemos deixar que aconteça assim outra vez.

— Você já me disse tudo isso, Patrício. Não precisava me trazer a um motel para me dizer outra vez. — Um sorriso safado esticou os seus lábios para um canto. — Essa não era a sua real intenção, não é mesmo?

— Era sim. Eu ia te ligar porque o Alex me disse que iria à igreja com sua família, então aguardei o tempo necessário pra te ligar. A ideia era ir ao restaurante e te encontrar lá, já que te buscar sob a tutela do Peter não seria muito agradável. Quando cheguei ao restaurante e ouvi a sua conversa com o Roberto... — parou de falar e respirou fundo. — O que está rolando entre vocês? — Tentou não demonstrar o incômodo, contudo, pude percebê-lo. Ciúmes?

— Eu nunca perderia o meu tempo com alguém como o Roberto — rosnei conseguindo finalmente me movimentar. Joguei as pernas para fora do carro e apoiei o rosto nas mãos e os cotovelos nos joelhos. — Ele é um babaca.

— É sim, mas você estava dizendo...

— Eu sei o que estava dizendo. Ele me chamou de vagabunda. — Ergui uma sobrancelha lembrando-o que Roberto não foi o único a tentar me ofender. Patrício mordeu os lábios e abaixou o olhar entendendo o recado.

— Eu ia te dizer que se tivesse me contado eu daria um soco nele, porém a verdade é que sei que você sabe se defender sozinha e se não o atingiu com alguma coisa foi porque não ficou ofendida o suficiente.

— Na verdade não fiquei mesmo. Não como quando foi você a me xingar.

— Miranda...

— Roberto é um cretino! Eu disse coisas suficientes para colocá-lo naquela posição. Mexi com o ego dele e o rebaixei. Fim de papo. — Mais uma vez ele mordeu os lábios, depois balançou a cabeça concordando. — Então você não me trouxe aqui pra transar?

De maneira estranha, a pergunta que deveria ser divertida ou ousada me deu uma pontada de insegurança que me fez tremer. Patrício levantou os olhos para mim, havia certo calor neles como desejo contido.

— Taí uma coisa que nunca vou conseguir ser indiferente a você, Morena. — Seu sorriso incrível fez meu corpo corresponder na mesma hora. Eu também nunca conseguiria ser indiferente a ele. Fato. — O que eu queria mesmo era ficar em paz com você. Conversar, almoçar... fazer você deixar de ser tão marrenta.

— Impossível! — esbravejei sem conseguir o tom desejado. Patrício sempre conseguia me desarmar. — Mas estou com fome, então vou aceitar a sugestão do peixe. — Desci do carro no mesmo instante em que ele levantou da escada para me oferecer a mão. Aceitei sem qualquer resquício do medo anterior.

Patrício me vencia sem precisar lutar contra mim. Ele me cercava, rondava, se aproximava e quando eu percebia já estava ocupando todos os espaços sem me dar escapatória. O mais estranho nisso tudo era que, apesar de no início resistir, era fácil e rápido voltar atrás e seguir aquele garoto abusado aceitando qualquer coisa dele.

Subimos de mãos dadas os poucos degraus e entramos no apartamento grande, de fina decoração e cheio de promessas. Patrício foi direto para o telefone do quarto para fazer os nossos pedidos. Ouvi quando pediu uma garrafa de vinho, desligou e se movimentou para ligar o som, escolhendo uma música do Caetano. Enquanto ele deixava a carteira e o celular no aparador ao lado da mesa, eu estudava as suas ações. Ele desligou o aparelho, indicando que não queria mesmo ser interrompido e só então voltou a me olhar.

Seus olhos correram pelo meu rosto e depois meu corpo com certo divertimento. Então me dei conta de que não dei nem um passo desde que entrei naquele quarto. Estava de pé, parada, com a bolsa na mão e o coração acelerado. Merda! Por que eu estava me limitando tanto?

Patrício foi até o sofá e sentou, aguardando por mim. Minhas pernas pareciam travadas, mesmo assim me obriguei a andar e a sentar ao seu lado, rígida, como se estivesse sentando no banco da igreja daquela manhã.

— Bom... — começou. — Sei que já te disse isso várias vezes, mas precisamos encontrar um equilíbrio. Não podemos brigar e...

Ele falava e eu não o ouvia. Ou melhor, me recusava a ouvir. Porra, eu estava em um motel com Patrício e tudo o que não queria era pensar em como nos comportaríamos na frente da nossa família, ou no quanto a nossa convivência deveria ser saudável por causa do futuro casamento de Charlotte e Alex. O que eu queria estava ali, à minha frente, bem pertinho, me enlouquecendo de maneiras estranhas e díspares.

Respirei fundo buscando o equilíbrio que ele tanto defendia. Não o encontrei. Então quando dei por mim, já estava em seu colo, minhas pernas mantendo as dele no meio, nossos corpos colados e os lábios separados por um milímetro que eu ansiava por percorrer.

— Miranda! — sussurrou lançando choques pelo meu corpo. As mãos ainda inertes, sem reação, os olhos atentos, o corpo começando a corresponder entre as minhas pernas.

— Não quero conversar. — Fui taxativa. — Já que estamos aqui vamos aproveitar da melhor maneira possível. O restante se encaixa com o tempo. Certo? — Ele me encarou,

buscou respostas em meu rosto. Se as encontrou, eu não sei, só posso dizer que não precisou de muito tempo para me cercar com seus braços e me puxar contra o seu corpo.

— Certo. — E me beijou com devassidão.

Eu não podia explicar minha reação. Nem eu mesma entendia o que estava acontecendo comigo, contudo, jamais contestaria o que estávamos fazendo. Se fui capaz de me entregar a pessoas estranhas, estar em seus braços, correspondendo ao tesão que ardia nas veias, não era nenhum sacrifício.

Patrício correspondeu ao meu fogo com a mesma intensidade. Uma saudade que me impulsionava a pedir por mais, não saciando, nunca satisfeita. Suas mãos percorreram meu corpo, me apertando e puxando, sem deixar espaço entre a gente, contudo, sem ser o suficiente.

Corri as mãos para dentro da sua camisa, puxando-a para cima, tocando sua pele e me permitindo perceber o quanto sentia falta daquele corpo, da forma como me beijava e tocava. Arranhei sua pele porque não resisti. Porque precisava me certificar que era real, que estava tudo ali mesmo. Ele rosnou entrando em um modo mais forte, urgente.

Patrício levantou meu vestido, suas mãos apalpam minha bunda, conferiram a calcinha e invadiram o tecido com posse. Tudo isso com um gemido que arrepiou até a minha alma. Se havia qualquer dúvida, essa se esvaiu ali, naquele momento. Porque não existia sanidade que resistisse aos gemidos daquele garoto, sua entrega e desejo.

Empinei a bunda, saudosa, pedindo, implorando. Suas mãos se espalmaram e desceram tocando meu sexo já molhado, minha pele lisa e sensível. Ele não me penetrou com os dedos. Suas mãos apenas acariciavam, alisavam e massageavam o local. Desfiz o beijo deixando que meus gemidos escapassem. Patrício roçou o queixo em meu pescoço, depois beijou e mordeu o local, colaborando para a minha total entrega.

Todas as vezes que seus dedos pressionavam minha carne molhada, eu gemia e empinava ainda mais a bunda, seguindo seus movimentos e deixando claro que o queria de todas as formas possíveis.

Então subiu uma mão até a minha coluna, me prendendo em seu corpo enquanto a outra se preparava para me enlouquecer ainda mais, contornando meu ânus já desesperado por atenção. Com a outra prendeu meu cabelo, puxando minha cabeça para trás.

Quando seus dentes roçaram meu pescoço descendo em direção aos seios ainda cobertos, dois dedos me penetraram de duas maneiras diferentes. Um entrou em minha vagina, sem muita pressão, só buscando as paredes e encontrando os pontos de prazer, mas o outro... ah, o outro penetrou meu ânus, seco e duro, sem qualquer cuidado e só voltou a se movimentar quando Patrício iniciou o movimento de penetração, tirando os dois ao mesmo tempo e entrando com movimentos rápidos e certos.

Gemi alto me entregando sem qualquer reserva. Eu o queria de todas as formas, sem pensar no amanhã, nas consequências ou nos meus próprios sentimentos. Apenas o queria. E teria.

Enquanto me forçava ao limite com os dedos, desci a mão até o cócs da sua calça, enfiando os dedos até encontrar os pelos bem aparados. Olhei em seus olhos encontrando-os ansiosos, a

pupila dilatada, a respiração tão pesada quanto a minha, indicando que não conseguiríamos esperar tanto.

Ele largou meu cabelo e buscou meus seios, vencendo o vestido até tê-los livres. Abri a calça e invadi sua cueca encontrando o pau duro e melado e já com sinais de estar em seu limite. Patrício abocanhou um seio, chupando-o com força. Gemi alto apertando seu pau na mesma medida em que ele me torturava.

Comecei a masturbá-lo, ciente de que isso o enlouqueceria. Patrício olhou para o aparador do outro lado do quarto, onde estava a sua carteira e provavelmente as camisinhas. Estava muito distante para a nossa urgência, então me olhou, implorando para que não precisasse parar.

Puxei seu pau para fora, manipulando-o, percebendo que o poder estava todo em minhas mãos. Patrício estava entregue, disposto a tudo, ansiando por qualquer coisa que eu quisesse lhe dar. Eu daria e ele nunca mais esqueceria.

Levantei o corpo fazendo com que seus dedos me abandonassem. Ele me observou sem entender o que eu estava fazendo, também sem qualquer vontade de contestar. Peguei sua mão que ainda estava em meu seio e a levei ao meio das minhas pernas. De imediato me acariciou, esfregando a palma em minha vagina, alcançando meu clitóris e minha entrada em uma tacada só.

Então, enquanto ele me masturbava, abri as pernas, segurei seu pau e o levei até minha bunda. Não tirei os olhos dos dele. Gostava de observar suas reações, me deliciava com a maneira como ele reagia a tudo o que eu fazia.

Sem precisar de proteção, afinal de contas já tínhamos transado de maneira tradicional sem camisinha, então seria muita hipocrisia pedir um preservativo para o sexo anal, coloquei-o em minha entrada forçando meu corpo contra o dele.

Patrício gemeu e desviou o olhar, acompanhando a entrada do seu pau em minha bunda como se estivesse assistindo ao filme mais interessante do mundo. Sorri. Sem deixar de me masturbar, segurou minha cintura com a outra mão e me forçou para baixo, me invadindo.

Vou confessar mais uma vez que gosto de sexo anal. Gosto de verdade. As mulheres tendem a resistir à prática e não sabem o que estão perdendo. O ânus é recheado de pontos sensíveis, tanto na mulher quanto no homem, então os homens também são uns tolos por não aceitarem que as mulheres os penetrem nem que seja só com o dedo, mas, voltando a mim, anal é algo que de fato me faz sentir poderosa, já que muitas mulheres não fazem e os homens tendem a ficar deliciados quando uma cede.

E eu nem estava cedendo, estava conduzindo-o, dizendo que queria daquela forma. Ah! Patrício custaria a esquecer-se daquela tarde.

Controlada, forcei ainda mais o corpo, recebendo-o como queria. Patrício gemeu jogando a cabeça para trás. Havia em mim a certeza de que não demoraríamos, principalmente por ser algo que ele não esperava e que o excitava ainda mais. Além do mais, eu também estava louca de tesão, sentindo meu corpo pulsar e implorar por alívio todas as vezes que sua palma

pressionava meu clitóris. Então empinei a bunda e desci em seu pau de maneira lenta, contudo, sem parar.

Ele gemeu alto. Foi delicioso ouvir. Quando já estava todo dentro de mim, me preenchendo e forçando minhas paredes, rebolei roçando a vagina em sua mão e ditando o ritmo. E então um furacão nos atingiu. Patrício enfiou dois dedos em mim, mantendo a mão pressionando meu clitóris. Foi um prazer absurdo o que me tomou.

Gemi e não consegui mais me controlar, subindo e descendo em seu pau, rebolando em sua mão, sentindo meu corpo preenchido, tomado, forçado a buscar o prazer que latejava em mim. Patrício levantou a cabeça e abocanhou meus seios, possuído pela necessidade, beijando, chupando, me apalpando e penetrando. Tudo em mim se misturava e confundia, meu corpo não conseguia aceitar o que era real e ilusório, criando imagens, sons e sentimentos nunca antes vividos por mim.

Meu corpo parecia ter vontade própria, porque eu rebolava e o deixava se afundar em mim cada vez mais forte, mais urgente, me empurrando para um orgasmo que me destruiria. Então minha vagina se contraiu enquanto ele estocava os dedos em mim e um orgasmo delicioso lambeu meu corpo, me fazendo pulsar em seus dedos e gemer palavras sem sentido.

O suor escorreu pelas minhas costas e seios, se misturando com o dele. Patrício não parava de estocar os dedos, nem de forçar meu clitóris, mesmo com os espasmos pós-goza se apresentando. Ele estava focado, perdido em seu próprio mundo e me fazendo entender que meu corpo precisava de mais.

Empinei a bunda e me permiti ir além. Ainda sentia desejo com seu pau mantendo os movimentos de entrar e sair com força. Patrício intensificou as estocadas e afundou os dedos em mim. E quando gemeu forte anunciando o orgasmo, meu corpo convulsionou e eu me vi gozando outra vez, sem espaço para recuperação, sem qualquer oferta de equilíbrio, só o prazer que se espalhava e me fazia esquecer tudo ao redor.

Ele me puxou com força, entrando em mim com tudo e me mantendo firme e parada enquanto aproveitava seus últimos momentos de prazer. Seus lábios correram pelo meu pescoço com delicadeza e lentidão. Não se movimentou, mas seus dedos continuavam dentro de mim, entrando e saindo sem pressa. Seus gemidos estavam mais baixos, menos urgentes.

Uma mão acariciou meus seios e seus lábios buscaram os meus enquanto ele continuava me masturbando, sem pressa, e sem me deixar escapatória. Eu estava destruída, quebrada por dois orgasmos que arrancaram de mim toda a força até mesmo para pensar no que havíamos feito, então encostei a testa em seu peito e aceitei qualquer coisa que ele quisesse me dar.

Seus dedos continuaram persistentes, me acariciando, tocando e pressionando sem muita força, como se quisesse encontrar o ponto certo para me fazer entrar no ritmo outra vez. Como e por que, eu não fazia a menor ideia. Com certeza de que depois do que fizemos Patrício não teria condições de continuar tão cedo.

Ele respirou fundo e levantou meu rosto encontrando meus olhos. Havia uma determinação nos dele que me deixou desconcertada.

— Mais um — determinou. Suspirei e neguei com a cabeça. — Mais um, Miranda.

— Eu não consigo. — Ele me olhou por uma fração de segundo e então sorriu.

— Você é a mulher mais incrível que conheço, então se tem alguém que merece este orgasmo, é você.

Olhei para Patrício com a certeza de que não havia ninguém mais adequado para mim. Então, indo contra todas as minhas ideias, comecei a rebolar em seu dedo. Meu corpo estava dolorido por causa da posição, as coxas protestavam e eu estava, de fato, cansada. Mas ele não desistiu e seus dedos me acariciavam com uma devoção comovente.

Ficamos neste ritmo por um tempo, eu rebolando e o expulsando de trás de mim. Patrício me olhava com atenção, acompanhando minhas reações e gostando do que via. Seus dedos incansáveis continuavam me buscando, me estimulando e me colocando no caminho.

Depois de um tempo, fechou os olhos e começou a beijar meu ombro, minha clavícula, meus lábios, tudo com calma e cuidado. Os seios também receberam uma atenção especial enquanto ele os apertava e puxava sem qualquer urgência. Patrício estava satisfeito parcialmente, porque a sua satisfação só ficaria completa quando eu tivesse aquele orgasmo, e eu o teria.

Aos poucos meu corpo reagiu. Meus movimentos ficaram mais intensos à medida que o prazer se espalhava em mim, correndo minha pele em lambidas lentas e sensuais. Patrício percebeu a mudança e logo mais um dedo entrou na brincadeira, contudo, sua energia também se modificou e sua mão ficou mais intensa, me masturbando com mais propriedade.

E em pouco tempo eu me segurava em seus ombros, rebolando em seus dedos, o suor escorrendo pelo meu corpo e meus músculos se contraindo e relaxando no que indicava ser um prenúncio do prazer.

Seu polegar apertou meu clitóris e seus dedos continuaram entrando e saindo, aumentando o ritmo, me explorando, me empurrando para o limite até que, sem que eu estivesse aguardando por isso, um orgasmo delicioso explodiu em meu ventre me fazendo convulsionar e apertar seus dedos dentro de mim.

Patrício levou a mão até minha cintura e me conduziu enquanto eu ainda me espremia em sua mão e contraía todo o meu corpo aceitando o prazer delicioso que me ofertava.

Quando abri os olhos, Patrício me encarava, sorrindo deliciado, aprovando cada segundo do nosso sexo. Sorri de volta percebendo o calor abafado que estava naquele quarto.

— Você esqueceu de ligar o ar — foi tudo o que consegui dizer, porque minhas ideias não estavam muito claras.

Ele riu e ia responder quando a campainha tocou e precisei sair do seu colo. Como estava suada e com calor, fui para o banheiro enquanto ele se enrolava no roupão e se dirigia à sala reservada para atender a porta.

Longe de Patrício eu podia sentir tudo voltar de uma vez só em minha cabeça. Meu Deus! Por que fiz aquilo? Por que não aceitei o fim e me distanciei? Por que me permiti ser a garota

que seria deixada na porta de casa ansiando por um telefonema que não aconteceria? E o mais importante de tudo: por que ainda sorria como se meu mundo não pudesse ser mais encantado?

O amor era mesmo uma grande merda.



Ele parou o carro em frente a minha casa e aguardou sem conseguir me olhar nos olhos. Suas mãos continuavam no volante. Eu precisava sair, seguir em frente e cumprir com o que determinei, mas não encontrava força necessária para deixar aquele carro mais uma vez com a certeza do fim.

Quando o clima de saudade começou a abandonar nossas atitudes, Patrício logo entendeu que a conversa precisaria ser séria. Não havia como negar que estávamos em caminhos diferentes, com ideias e desejos diferentes.

Eu era livre, ou acreditava que era até ele aparecer. Contudo o fato de me descobrir apaixonada não mudava a minha necessidade de continuar em frente, de manter as minhas bases e defender os meus princípios. Não ia me calar ou me esconder porque amava alguém que não me compreendia.

Patrício era incrível, um príncipe, o garoto dos sonhos de muitas mulheres. Acontece que eu ainda era o meu maior sonho e não precisava ser salva por ninguém, muito menos por um príncipe que não me entendia e justificava tudo com algum possível trauma do passado.

Nada contra quem resolvia seus problemas com sexo, acontece que eu não estava neste grupo, e era muito provável que este fosse o nosso maior entrave.

Então travei ainda em seus braços, e decidi me distanciar. Ele não lutou contra, não me segurou nem argumentou. Patrício aceitou a minha fuga sem contestar, contudo, me cobrou com os olhos durante cada segundo.

— Obrigada pela tarde, Patrício. Foi muito bom. — Tentei ser amável para amenizar o clima estranho que ficou entre a gente.

— Sempre é. — Foi seco.

— É sim. Sempre é. — Ficamos calados, o clima pesando cada vez mais.

— Vai ser sempre assim? — perguntou quando já estava me preparando para descer e me pegou desprevenida.

— Assim como?

— Nós vamos nos encontrar, transar e nos despedir.

Patrício me olhou e não havia qualquer humor em seus olhos. O que vi foi uma fúria contida, como se estivéssemos cometendo um erro grotesco. Como se transgredíssemos as leis da boa convivência. Meu coração pesou.

— É melhor que não seja assim, não é mesmo? — Ele nada disse, só me olhou como se não acreditasse em minhas palavras. Seus dedos se fecharam com mais força no volante e depois relaxaram por completo.

— O melhor a fazer é não agir como os fósforos.

— Como assim como os fósforos? — Deu um sorriso amplo, voltando a me encarar. Estreitei os olhos me preparando para a piada certa e sem graça.

— Não esquentar a cabeça. — Riu, adorando ser um imbecil.

— Era pra rir?

— Relaxe, Miranda. Não esquite a cabeça. — Riu mais alto ainda, não se controlando.

— É sério isso? Você é muito sem noção. Meu Deus!

— Eu sou, mas só porque não quero lutar contra nada agora. Você é adulta e madura, deve saber o que está fazendo.

— E contra o quê você lutaria? — Patrício respirou fundo e passou as mãos no cabelo bagunçando seus cachos lindos.

— Na verdade... deixa pra lá.

— Ah, não! Não mesmo! — Virei em sua direção determinada a fazê-lo falar.

— Contra o quê você luta, Miranda? — A pergunta me pegou desprevenida. Demorei mais do que deveria para pensar em responder algo digno. Patrício sorriu com uma doçura que me desarmou. — Eu luto contra você e às vezes acho que é uma luta perdida, porque você é forte demais. É como uma tempestade, destemida, seguindo em frente sem se importar com a destruição que vai ficar.

— Eu te assusto.

— Mais do que eu deveria assumir. — Seu sorriso continuava lá, meigo, doce e gentil. — Por que você não leva ninguém a sério, porque não namora ninguém? — Encarei Patrício enquanto meu cérebro gritava “Eu escolhi você, idiota!”, mas como sempre acontecia, quando abri a boca para falar não foi a verdade que escapou dela. Então sorri debochada.

— Sei lá! Vai que dá certo, não é mesmo? É melhor não arriscar. — Riu com certo pesar.

— Agora você precisa ir.

Simples assim. Ele me disse o quanto eu o assustava e o fazia recuar. Disse que lutava contra mim, que eu destruí tudo por onde passava, e depois me mandava embora com o mesmo sorriso de quem diz que ama alguém. Foi devastador!

Abri a porta do carro e desci sem olhar para trás, porque tudo dentro de mim doía por não saber se a força da tempestade a quem me atribuí era do que eu sentia ou do que precisava que ele sentisse por mim.

CAPÍTULO 11



ÉDER VOLTOU COM OS NOSSOS SORVETES E SENTOU AO MEU LADO COM UM SORRISO TRAVESSO.

— O que foi? — Aceitei a casquinha já pegando um pouco da calda de leite condensado.

— É que as garotas hoje são tão focadas na dieta que já fazia um bom tempo que eu não desfrutava de um sorvete de duas bolas com calda de leite condensado.

— Eu não faço dieta. — Abocanhei uma bela colherada do sorvete de chocolate saboreando o doce. — Hum! Tento não extrapolar, sabe? Evito carboidratos depois das dezoito, frituras quando não é necessário, mas não dispenso um maravilhoso Big Mac.

— Big Mac? Sério? — Deu uma gargalhada deliciosa. — E como mantém esse corpo? — Desviei o olhar me sentindo constrangida.

— Eu malho. — A verdade era que eu fazia sexo com frequência e na intensidade necessária para eliminar as gorduras indesejadas, contudo, Éder não precisava saber daquele detalhe. Não por enquanto.

Estávamos no Parque Lage e eu estava admirada com a delícia do local. Estive lá apenas uma única vez, com Charlotte e Johnny, mas ficamos no Café, comemos um pouco e saímos. Com Éder tudo era muito diferente, ele gostava de andar, explorar, conhecer a história e os detalhes e estava sempre tão animado que contagiava.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Ai, meu Deus! — brinquei querendo esconder a tensão. Porque não estava pronta para revelar mais nada da minha vida e conhecia a sua capacidade de me fazer falar.

— Só preciso descobrir o que posso esperar de você, Miranda. — Mordi os lábios antes de responder. Era uma pergunta justa e merecia uma resposta honesta.

— O melhor a fazer é não esperar nada.

Ele sorriu sem a mesma intensidade de antes, deixando claro que esta não era a resposta que esperava.

— Por causa dele?

Eu pretendia tomar aquele sorvete em paz, sem pensar em Patrício e na nossa tarde maravilhosa que terminou como sempre terminava, com o meu coração partido. Ter aquela conversa não seria nada confortável, contudo, sem que soubesse explicar o porquê, eu queria dar a Éder todas as respostas.

— Por causa de mim. Não sou uma pessoa muito fácil de lidar. Eu sou... diferente de muitas garotas legais que seguem um padrão, sabe?

— Como assim? — Ele continuava sorrindo, mantendo tudo muito leve.

— Não sigo um padrão. Não aceito os protocolos, não sou a garota que todos os homens sonham. Eu sou... uma tempestade.

Éder me olhou por um instante. O sorriso se desfazendo aos poucos e uma intensidade que me deixou presa àquele olhar. Pela primeira vez em muito tempo me senti estranhamente nua.

— Essa é uma ótima definição para você, Miranda. — Aquela pontada no peito que me incomodava desde o dia anterior se apresentou. Eu não queria ser a que deixava destruição. — Acontece, que não é da forma como você pensa ou sente.

— O que quer dizer com isso?

— Que você...

Meu celular nos interrompeu tocando justo quando ele parecia me dizer alguma coisa muito importante e não apenas uma bajulação de garoto interessado em me levar para a cama. Olhei o visor, ainda contrariada pela interrupção quando vi o número da madrinha. Todo o resto perdeu o interesse.

— Oi! Aconteceu alguma coisa?

— *Oi, querida! Aconteceu sim. Uma coisa maravilhosa. Charlotte aceitou marcar a data do casamento e você nem vai acreditar...* — Riu entusiasmada com a novidade que quase fez o meu coração parar. — *Ela aceitou casar em quinze dias.*

— Puta que pariu! — Minha voz soou desesperada demais para qualquer reação que a madrinha esperava de mim.

— *Miranda!* — ela me repreendeu sem de fato estar aborrecida. Olhei para Éder que me olhava curioso. — *Vamos precisar de vocês aqui e...*

— Espere um pouco! — Respirei fundo tentando reorganizar minha cabeça. — Madrinha, a Charlotte quer casar em quinze dias? É isso mesmo?

— *Exatamente!* — disse com orgulho como se aquilo não fosse louco demais.

— Mas, madrinha isso não é... O que vocês prometeram a ela para que concordasse com uma loucura dessas?

— *Miranda!* — desta vez ela me repreendeu de verdade. — *Você sabe muito bem que Charlotte está apaixonada e que Alex cuidará dela da maneira necessária. Ele é o homem perfeito.*

Ah, claro! O homem perfeito. O mesmo que assistiu a namorada encenar um estupro em uma casa de sexo. Pelo amor de Deus!

— Homens perfeitos não existem — murmurei só me dando conta de que dizia aquilo em voz alta quando a besteira já estava feita.

— *Ora, Miranda! Deixe de ser tão negativa. Nós vamos nos reunir aqui em casa para acertarmos os detalhes. Se conseguir engolir toda essa acidez e mau-humor, venha nos ajudar a dar o casamento dos sonhos à sua irmã.*

— Desculpe, madrinha! Eu só estou... surpresa. — E assustada em um nível altíssimo.

— *Eu sei, querida. Lana e Dandara estarão aqui também, então acho que a sua presença vai deixar Charlotte mais confortável. Vai ser bom ela saber que a família está feliz com as suas escolhas.*

— Com certeza. Estarei aí. Pode contar comigo.

— *Obrigada! Fico aguardando por você. Agora preciso desligar, pois tenho que acertar o jantar para esta reunião. Ai, meu Deus! São tantos detalhes que nem sei por onde começar.*

— Eu te ajudo, madrinha. Chego logo aí.

— *Obrigada, querida!*

Precisei de um bom tempo em silêncio, ouvindo meus pensamentos e buscando dentro de mim o equilíbrio que precisava para encarar aquela situação. Deus! O que aconteceu para Charlotte aceitar um casamento tão rápido? Será que ela... porra! Charlotte estava grávida? Não. Não era possível! Ela me contaria antes de qualquer pessoa. Éramos melhores amigas de uma vida inteira, não? Então o quê? Só se Alex... Ah, céus! Por que eles queriam um casamento tão urgente?

O que estava acontecendo de errado para que eles desejassem tanto aquele casamento? Alex usava a desculpa da sua carreira, mas vamos ser honestos e saber que o relacionamento deles não teria tanto peso assim. Se até o nosso presidente era casado com uma garotinha, por que Alex não poderia namorar uma ex-aluna?

O que só me inclinava para algo dentro da nossa família. O padrinho ser conservador e perseguir o relacionamento da filha poderia ser um fator, contudo, não para que eles aceitassem um casamento para quinze dias. Era exigir demais. Só se eles estivessem com algum problema. Algo bem sério e grave que os fizessem ficar fora por muito tempo, fazendo com que perdessem o controle sobre Charlotte. Bom, neste caso eu poderia imaginar uma exigência deste tipo, afinal de contas estávamos falando do padrinho e...

— Seu sorvete está derretendo. — Éder entrou em meu campo de visão tirando a casquinha da minha mão já toda melada, levou o sorvete à boca e lambeu toda parte derretida.

— Desculpe! É que...

— Sua irmã vai casar em quinze dias. — Sorriu travesso. — Ela está grávida? — Acabei sorrindo também.

— Este foi o meu primeiro pensamento, mas não. Eu seria a primeira a saber se fosse esse o caso.

— Hum!

— Ela deve ter caído e batido com a cabeça. Não há outra explicação.

— Ou... — Ele se aproximou e me deu um beijo singelo nos lábios. — Ela está muito apaixonada e não consegue mais ficar longe do noivo.

— Ela está muito apaixonada. — Ri afastando-o para pegar o meu sorvete de volta. — Só que até hoje pela manhã ela estava decidida a esperar um ano para o casamento. O que mudou?

Meu telefone voltou a tocar. Imaginei ser Charlotte me ligando para contar a novidade e, quem sabe, esclarecer a súbita mudança de posição. Era Patrício e ler o seu nome no visor do celular enquanto eu estava com Éder, logo após a notícia do casamento, não me pareceu nada bom.

— Preciso ir. Eles precisam de mim para organizar o casamento. — Tentei parecer irônica, contudo, saiu mais sofrido do que eu esperava. O celular continuou tocando enquanto eu tentava ignorá-lo.

— Tudo bem. — Éder se pôs de pé e estendeu a mão para mim. A minha estava melada demais. — Antes é melhor lavar estas mãos. — Ri sem muita vontade vendo a ligação morrer. — Vamos nos ver antes do casamento ou você estará tão ocupada organizando tudo que vai precisar desaparecer?

— Com certeza só vou precisar ajudar nas decisões. Os padrinhos... Eles vão entregar todo o trabalho para um cerimonial, com toda certeza. Só preciso sorrir, concordar e estar ao lado de Charlotte.

— É muito sacrifício?

— Não! — respondi de imediato não querendo deixar brecha para outros pensamentos, mesmo ciente de que Éder era perceptivo demais, logo sabia que alguma coisa me incomodava, e não era apenas a ideia do casamento, e sim outra vez a sensação de ser só a dama de companhia. — O ex, ele é... irmão do noivo.

— Ah! — Fez uma careta divertida. — Não sei se posso desejar boa sorte.

— Até porque sorte não é exatamente o que preciso agora.

O celular voltou a tocar. Patrício outra vez. Eu não estava pronta para aquilo.

— Preciso mesmo ir. Mando uma mensagem e combinamos outra coisa depois.

— Certo. — Éder me puxou para os seus braços e me beijou como se fôssemos namorados. O que foi muito estranho, apesar do beijo ser espetacular. — Vejo você depois. — Deu mais um beijo leve e me deixou partir. Não ofereceu carona, o que me fez pensar que a minha urgência em sair dali estava mais do que óbvia.

Olhei para o celular conferindo as duas ligações perdidas. Fechei os olhos implorando para que Patrício não tirasse o que restava da minha paciência, então liguei. Ele atendeu no mesmo instante.

— *Onde você está?* — A urgência na voz dele me surpreendeu.

— Indo pra casa, por quê? — Mantive-me calma, aguardando mais um problema.

— *Alex e Charlotte vão se casar em quinze dias!* — a maneira como falou tornava a ideia do casamento ainda pior, como se eles estivessem cometendo um crime.

— Eu sei.

— *Você sabe? Você sabe e fala assim com esta calma?* — Interrompi meus passos e afastei o celular para olhar para o visor e me certificar que estava mesmo tendo aquela

conversa.

— O casamento não é meu. Os “noivos” decidiram assim. Até onde sei, eles não pediram nem a minha, nem a “sua” opinião, assim como não pediram a nossa ajuda financeira para os custos do casório, então, não é da “nossa” conta o que eles decidiram.

— *Como não é da nossa conta? Miranda... onde você está? Preciso ter essa conversa com você.*

Que merda!

— Alguém já te disse que estou me formando em Letras e não em Psiquiatria?

— *Não é hora para brincadeira. Eu estou... estou surtando!*

Porra! Tinha hora pior?

— Patrício, “você” não vai casar com ninguém agora, então guarde seu surto pra quando for a sua vez. Preciso desligar.

— *Onde você está?*

— Que merda! Estou saindo do Parque Lage. Pode, por favor, me deixar em paz? — Minha voz saiu tão alta que algumas pessoas se viraram para me olhar.

— *Ótimo! Estou passando pra te pegar.*

— O quê? Não! Eu...

Ele desligou sem se importar com a minha opinião. Droga! Eu só queria uma tarde tranquila, tomando sorvete com um cara legal que não me forçasse a ser a mentira que eu era. Seria pedir demais?

Aguardei um tempo até que avistei o carro dele. Como conseguiu chegar tão rápido eu não fazia a mínima ideia. Também desisti de tentar entender como Patrício conseguia estar sempre presente, assim como me negava a creditar que era uma obra de Deus, empurrando os nossos destinos. Por que se fosse, Ele que me perdoasse, mas estava fazendo uma confusão dos infernos.

Patrício parou atrapalhando o trânsito e entrei no carro rapidamente para não causar mais bagunça.

— Tá legal! Comece a falar o que Peter fez para que aqueles dois programassem um casamento em quinze dias.

Minha surpresa com aquelas palavras foi tão grande que demorei em formular algo digno para dizer.

— Pare o carro! — ordenei com raiva.

— Não! Tá louca? Estou no meio da pista e...

— Pare o carro, Patrício! Não quero ficar nem mais um minuto com você — rosnei assustando-o.

— Miranda...

— Quem você pensa que é pra falar assim da minha família? Quem você acredita ser para questionar as escolhas de Charlotte? Você não a conhece, não conhece o meu padrinho, não tem nem metade dos nossos valores e princípios e agora acha mesmo que pode acusar alguém?

— Não é possível que você esteja de acordo com essa loucura.

— Não tenho que estar de acordo ou deixar de estar! Você não entendeu ainda? Não importa se o padrinho pressionou os dois, eles escolheram assim. Eles querem este casamento e você não tem porque enlouquecer dessa forma como se tivesse qualquer poder sobre a vida do seu irmão. Alex é um homem, Patrício! Ele sabe muito bem o que quer e se até eu, que não vou muito com a cara dele, consigo perceber o quanto quer este casamento para ontem, por que você, que o conhece melhor do que qualquer outra pessoa, não consegue respeitar a decisão do seu irmão? Caramba! Cresça, pelo amor de Deus!

O silêncio dentro do carro deixou o ambiente ainda mais sufocante. Patrício continuou dirigindo, seguindo algum roteiro já estabelecido em sua mente.

— Desculpe! — disse por fim. A voz estava um pouco mais calma, no entanto, eu via pela maneira como segurava o volante que o assunto ainda o incomodava.

— Tudo bem, Patrício. Só quero chegar logo em casa. A madrinha está me esperando para preparar tudo para a reunião de mais tarde.

— Eu não vou. — Aguardou que eu dissesse alguma coisa, contudo, jamais contestaria aquela decisão. Aliás, me deixava aliviada saber que ele não estragaria a noite de Charlotte. — Não tenho como encarar Alex e achar tudo isso normal. Sei que a escolha é dele e que meu irmão ama Charlotte de verdade, mas porra... quinze dias? Quinze dias e ele estará casado. Sabe o que é isso?

— Não. Não sou casada. Não quero casar.

— Nem eu — disse sem tirar os olhos do trânsito.

Mais uma vez me incomodei com a maneira como ele se referia à sua falta de vontade de casar algum dia. E me incomodei ainda mais por saber que me sentia daquela forma por estar apaixonada, ou seja, eu ia contra todos os meus planos por causa daquele amor descabido. Só assim para entender, parcialmente, o desespero do Alex pelo casamento. O amor tirava a nossa capacidade de pensar de maneira coerente.

— É que Alex... — Fez uma careta como se estivesse sofrendo pelo que estava pensando. — Eu nunca o imaginei casado. Ele era o cara! Teve um romance com Tiffany que fez tudo por ele e nem assim pensou em casamento. Saiu com várias garotas, as mais desejadas e nunca quis nada sério com ninguém. Aí, de repente, conhece Charlotte, se envolve da maneira mais estranha possível com ela, se apaixona e ao invés de curtir o namoro, não, ele resolve que tem que casar logo. Consegue entender isso? Porra! Ele não precisa casar para viver este amor.

— Patrício. — Respirei fundo para não perder a calma outra vez. — Por que você não usa esses conselhos pra você mesmo e deixa Alex decidir o que é melhor para ele? Alex e Charlotte nunca seguiram um caminho normal, por que seria diferente agora?

Ele me olhou rápido e depois voltou a encarar sério o trânsito. Olhei para frente verificando que estávamos muito perto da minha casa.

— Esse é o problema, Morena. Se Alex que era o cara mais sério, compenetrado, focado e determinado que já conheci, começou a fazer merda porque se apaixonou, pra que porra vou querer isso pra mim? Não quero casar agora, não quero filhos, nem essa loucura e cobrança. Não quero essa coisa de casa própria, contas, vida de homem sério, como dizem por aí. Não quero não poder jogar bola com os amigos aos domingos, não poder sair no sábado à noite e beber o que me der vontade sem que meu telefone toque sem parar. Não quero essa baboseira de encontro de casais, de reunião de família onde todo mundo decide tudo por você e...

O quê? Como ele conseguiu levar aquela história para o lado dele? Em que momento Patrício se perdeu nas besteiras que pensava e começou a imaginar que era a vida dele e não a do irmão?

— Charlotte, é você? — Ele parou em frente ao *flat* me olhando sem entender nada. Cruzei os braços encarando-o. — Pelo nível da infantilidade achei que estava conversando com a minha irmã.

— Miranda...

— Acabou? — Mordeu os lábios e concordou com a cabeça como uma criança birrenta. — Ótimo! Desde quando estamos falando de você? — Patrício ficou espantado, abriu a boca buscando alguma explicação se dando conta da besteira que disse.

— Não estávamos — disse baixinho.

— Patrício, você não vai precisar passar por nada disso. Casamento é uma escolha e não uma obrigação. Garanto que quando chegar a hora... — engoli com dificuldade sentindo toda a dor que aquelas palavras me causavam —, quando você encontrar a mulher certa e se apaixonar, saberá decidir o que vai ser mais legal de viver.

— Esse é mais um problema — revelou sem coragem de me encarar. — E se o amor for isso tudo mesmo? Se for capaz de cegar, de te fazer aceitar tudo? E se para que eu possa viver esse amor tenha que aceitar todas as normas e regras?

— Você fala como se já estivesse apaixonado. — O bolo na garganta ficou ainda mais grosso.

— Eu? — Sua postura mudou. Ele estava na defensiva. — Eu... — Seus olhos ficaram intensos nos meus, com uma emoção que me atingiu me dividindo em duas. Porque eu queria aquele amor e não o teria.

Patrício estava, sim, apaixonado, só que não era por mim. Ele conheceu alguém, talvez aquela magricela da boate, e agora não sabia o que fazer com tudo o que sentia. Eu o entendia, afinal, não era da mesma forma que me sentia? E ele ainda possuía um problema: lidar com o peso que eu tinha em sua vida.

— Eu não estou apaixonado — rebateu com veemência.

Era provável que tenha percebido o quanto me entristeceu e aquele não era o momento adequado para ajustar as pontas que ainda estavam soltas. Que merda! Eu odiava quando alguém sentia pena de mim. Era desta forma que as pessoas do colégio na Inglaterra me olhavam, como a coitadinha que caiu nas graças do padrinho rico. A filha cheia de sorte da empregada. Eu não precisava da pena dele. Não precisava da de ninguém.

— Não vou fazer como Alex, Miranda. Não vou.

— Sorte a sua. Agora preciso ir.

Antes que ele conseguisse me dizer qualquer coisa, saí do carro e subi as escadas sem olhar para trás. Patrício não era mais problema meu, então ele que surtasse sozinho. Um casamento precisava ser organizado.

CAPÍTULO 12



*“E hoje o silêncio que ficou, eu sinto a tristeza que restou.
Há sempre um vazio em minha vida quando relembro nossa despedida.”*

LEMBRANÇAS – KÁTIA

A MADRINHA ORGANIZOU QUASE TUDO PARA O JANTAR ONDE DECIDIRÍAMOS COMO SERIA O casamento de Charlotte. Eu não estava nada confortável. O motivo principal era o fato de ter certeza de que não ouviriam a vontade da minha irmã e tentariam empurrar para ela um casamento digno da realeza britânica, cheio de regras e normas que só fariam a noiva infeliz.

Três garçons circulavam pela sala levando pratos, taças, copos, guardanapos... e era só um jantar com poucos convidados. A mesa grande foi desviada do caminho e novos arranjos de flores substituíam os que ainda fariam bonito naquela noite.

— O que acha que Charlotte vai preferir? Ela é tão romântica! Talvez o rosa ainda seja a sua preferência.

Caramba! Rosa? Sério?

— Tenho certeza que Charlotte vai saber escolher muito bem, madrinha. — Fingi me importar com um arranjo, mas não consegui deixar de ressaltar o “Charlotte” para que ela entendesse que a noiva deveria ter o poder de decisão.

— Ela vai sim. Ela vai — a madrinha repetiu concentrada na arrumação da mesa. — E Patrício?

— O que tem ele? — Larguei as flores e olhei para a minha madrinha que continuava sem me olhar medindo milimetricamente a disposição da mesa.

— Ele vem?

— Não sei! — Dei de ombros fingindo desinteresse. — É um jantar para comemorar ou acertar os detalhes? Porque se for para acertar os detalhes, Patrício não tem qualquer serventia esta noite. — Ela sorriu com doçura.

— Vamos fazer as duas coisas. E ele é irmão do noivo, tem que estar presente.

— Não sei, madrinha. E também não quero saber. Se Patrício vier ou não, o que importa é a felicidade de Charlotte e não a presença dele. — Seu riso me deixou contrariada. — Vou subir e escolher logo um vestido. Está quase na hora dos convidados chegarem.

— Ah, escolha aquele azul claro. Ele fica lindo em você.

Ficava, apesar de ser mais um dos vestidos no estilo garota-comportada que a madrinha adorava para mim. Eu estava incomodada com tudo, com a casa, a conversa e o motivo do festejo, então queria me vestir com rebeldia e não como mandava o figurino.

Talvez por isso eu tenha demorado tanto para escolher algo que combinasse com o meu humor naquela noite. E é bem provável que pelo mesmo motivo eu tenha desistido do vestido preto colado ao corpo com uma fenda nas costas que fazia parecer que não estava usando calcinha, e colocado no lugar o tal vestido azul que a madrinha sugeriu.

Se eu estava tão rebelde era melhor não ter nada que me incentivasse a piorar a situação. Além do mais, Patrício havia deixado claro que não compareceria, o que seria melhor para todos, então eu não perderia meu tempo desfilando para Johnny e os demais convidados.

Amenizei a maquiagem, soltei o cabelo que estava preso de um lado só e caído sobre os ombros, e usei um perfume doce e discreto. Fui me olhar no espelho para que voltasse a me sentir uma farsa, uma garota construída e projetada para fazer bonito perante a sociedade.

Parei dois segundos com a mão na maçaneta da porta, prometendo a mim mesma que era provável que aquela noite fosse mais difícil para Charlotte do que para mim, então eu precisava me manter forte e serena para ajudar minha irmã a não enlouquecer.

Desci os degraus percebendo que os convidados já haviam chegado. Eu podia ouvir a voz do padrinho conversando com animação com alguém mesmo com o som ambiente. Além disso, era possível ouvir os risinhos de Lana e som de mulheres conversando.

Quando já estava quase no andar de baixo, ouvi o padrinho chamar por Johnny, e João Pedro falar para ele ser mais rápido, mas só pude constatar a presença de Patrício quando meus pés já estavam no último degrau.

Ele estava lá. Merda! O que Patrício fazia ali?

Patrício estava encostado próximo à porta da varanda. Segurava um copo e não olhava para ninguém por muito tempo. Parecia perdido, desanimado e até constrangido. Meus olhos não conseguiam deixar de se fixar naquela figura linda, os cachos ajustados, uma camisa preta com dois botões abertos e uma calça de jeans lavado que fazia suas coxas ficarem ainda mais gostosas.

Ele estava lindo!

Então ele me olhou. Não sei como percebeu a minha presença, já que ninguém mais fez o mesmo. O fato foi que Patrício levantou a cabeça e me olhou, e quando nossos olhos se encontraram enxerguei a sua surpresa, a respiração suspensa e a boca levemente aberta, como se gostasse do que via.

Se eu fiquei feliz? Posso dizer que podia explodir em arco-íris se não tivesse a certeza de que o que havia entre nós dois era uma mera atração sexual. Patrício estava apaixonado por outra garota, não por mim, por isso meu arco-íris perdeu a cor e se recolheu, e desviei o olhar, decidida a ignorá-lo.

— Miranda! — Lana praticamente gritou, vindo em minha direção.

Caminhei com calma para a irmã do homem que eu amava e abri o meu melhor sorriso. É preciso ser forte até mesmo quando se está destruída. Ela me abraçou com entusiasmo e me questionei sobre a sanidade mental daquelas pessoas que achavam normal um casal resolver casar em quinze dias. Contudo conforme o trato que fiz comigo mesma, continuei sorrindo e fingindo que estava feliz com o que acontecia.

Abracei e beijei Dana e Adriano, sorri para João Pedro e apenas acenei para Patrício, que fez um brinde à distância sem deixar de me acompanhar com os olhos. Que cretino!

— Então... — Lana falava sem parar. — Alex está me surpreendendo. Ele nunca foi impulsivo, não é mesmo, mãe?

— Nunca. Alex sempre foi o mais centrado. Tudo que ele fazia era muito bem analisado e decidido. Eu pensava que Patrício um dia apareceria em nossa casa com uma novidade como esta, mas veja só, Alex nos surpreendeu.

— Ele queria muito o casamento — Lana cortou a mãe e voltou a falar. — Nossa, como Alex queria o casamento. — Riu animada demais. — Mas assim tão rápido? Vamos ter muito trabalho, não é mesmo?

— Acredito que sim. Peter não quer nada que não seja de primeira qualidade. Ele já até fez alguns telefonemas — a madrinha comentou me fazendo estremecer. Meu Deus, eles não respeitariam a vontade de Charlotte. Coitada! — Charlotte vai ter um casamento de rainha. Fazemos questão.

— Vou mandar trazer os melhores vinhos — o padrinho falou de longe se metendo na conversa das garotas. — E vocês podem escolher os melhores estilistas e tudo o mais que as mulheres gostam para essas coisas.

Odete se aproximou e cochichou no ouvido da madrinha que logo levantou demonstrando estar empolgada.

— Eles chegaram!

Alguns murmúrios e agito na sala enquanto eles decidiam se ficariam calados e fariam surpresa ou se só aguardariam pela chegada do casal. Olhei para o lado, sem conseguir me manter tão distante de Patrício e o flagrei me olhando, sério, pensativo. Ele, ao perceber que eu retribuía o olhar, fez menção de vir até mim. Levantei com pressa e fui ficar ao lado da madrinha no sofá ao lado. Estava cansada demais para dar continuidade àquela conversa sem pé nem cabeça.

A luz do lado de fora acendeu, contudo, eles demoraram a entrar, o que agitou ainda mais os convidados. Lana parecia não conseguir se conter no lugar.

— Eles não vão entrar? — ela sussurrou para a mãe que fez um gesto para que ficasse mais contida. — Mas... Finalmente! Não sabia mais o que fazer! — gritou assim que Charlotte abriu a porta e entrou junto com o seu noivo.

Minha irmã olhou para todos na sala e seu rosto ficou vermelho a um nível altíssimo. Ela sorriu tímida e Alex segurou sua mão.

— Vocês demoraram — o padrinho foi firme, sem deixar de cobrá-los mesmo com o anúncio do casamento.

Pelo amor de Deus! Eles estariam casados em quinze dias, não dava para Peter relaxar?

— Fomos almoçar e saímos para conversar sobre o casamento — Alex disse tomando a rédea da situação, no entanto, Charlotte não ficou mais tranquila.

— E fomos ao cinema — acrescentou ligeiro deixando claro que era uma mentira deslavada. Sorri entendendo tudo. Eles estavam transando, isso sim.

— Ao cinema? — O padrinho questionou olhando para Alex como se alguma coisa estivesse fora do contexto. Charlotte começou a ficar agitada, ainda mais vermelha e seus olhos imensos pareciam querer saltar da cara. Eu precisava salvá-la.

— Foram ao cinema? Não me diga que você assistiu “Quando acabar”! Charlotte?! Nós tínhamos combinado de assistir juntas.

Mais uma vez apelei para minha capacidade de mentir, improvisar e enrolar as pessoas, mesmo sabendo que o padrinho não estava acreditando naquela história. Mesmo assim valeu a pena, pois Charlotte sorriu voltando a respirar aliviada.

— Desculpa! Nós queríamos fazer um programa de namorados, então convenci Alex a entrar no cinema. Podemos marcar outro dia, eu não me importo em assistir de novo, você sabe.

— Deus me livre! Você comenta sobre o que vai acontecer e isso mata a expectativa. Vou arrumar uma colega para ir comigo. — Nem precisava acrescentar que ela me devia e muito.

— Venha, Charlotte! Sente-se aqui. Estávamos pensando no local ideal para a festa. Lana nos trouxe algumas opções interessantes — a madrinha interrompeu a nossa tagarelice, o que ajudou ainda mais a minha irmã.

Charlotte não pareceu animada quando sentou ao lado da mãe para ouvir as sugestões de Lana. Aliás, ela não parecia estar muito certa sobre nada ali, o que só me fazia ter vontade de acabar logo com aquela noite e ter uma conversa bem franca com ela para conseguir entender o que de fato estava acontecendo.

À medida que eles falavam e davam a entender que seria uma festa grandiosa, Charlotte se encolhia no sofá. Olhei para Alex, que a olhava com atenção. Ele também não parecia satisfeito. Eu pensava em como interromper aquela falação e fazer com que minha irmã dissesse o que estava pensando para a sua festa de casamento quando ouvi o nome que não esperava ouvir dentro daquela casa: Thomas. Senti meu corpo todo congelar.

— Thomas pode querer comparecer. Ele e Charlotte eram muito ligados — a madrinha falou sem qualquer ideia do quanto aquele nome mexia com a minha cabeça.

Desviei o olhar tentando não parecer tão incomodada e acabei encontrando o de Patrício. Ele franziu o cenho, depois arqueou uma sobrancelha como se tivesse percebido que eu não estava bem. Virei a cara no maior estilo rebelde infantil.

— Thomas é um ótimo rapaz. Inteligente, assumiu o negócio da família quando ainda fazia faculdade. Dizem que ele é promissor, que vai ainda mais longe que o pai, e eu acredito nisso. Um garoto de pulso firme — o padrinho acrescentou depois de Alex perguntar quem era o tal garoto tão próximo a Charlotte.

Próximo a Charlotte.

Esse sempre foi o objetivo dele. Casar com Charlotte e aumentar a fortuna a um nível astronômico. Mentiroso, traiçoeiro, falso, cretino e arrogante, que se divertiu comigo em segredo, me fazendo aceitar que os outros não entenderiam o nosso amor e que precisava antes

de me assumir, mostrar ao pai que era capaz e de confiança, quando na verdade queria era esconder de Charlotte a sua verdadeira face.

O que me espantou de fato foi o discurso do padrinho. Como ele podia tratar de Thomas de uma forma tão simpática quando sabia o que aconteceu? Só se... não. O padrinho me amava e não mandou Thomas para longe só para proteger Charlotte dele. Ele fez isso para me proteger também.

— Eu penso em poucos convidados — Charlotte falou e sua voz baixa e assustada conseguiu vencer o muro que minha mente levantava tirando-me da realidade.

Olhei para mim, o corpo projetado sobre as pernas e as mãos agarrando o sofá tentando me salvar da queda. E então me dei conta de que minha respiração estava pesada. Eu não queria Thomas naquela festa. Deus! Como eles podem pensar em convidá-lo?

Charlotte se encolheu mais uma vez quando ninguém lhe deu ouvidos. Seus olhos ficaram marejados e seu rosto vermelho. Então as mulheres começaram a falar de espaço, *Buffet...* decidindo tudo sem sequer perguntar se Charlotte estava de acordo. E eu sabia que ela não estava.

Passei as mãos no cabelo e corri os olhos pela sala percebendo que Patrício tinha se movimentado. Ele ainda me olhava e seu olhar foi intenso. Não de uma maneira sexual e sim como se soubesse o quanto eu estava incomodada com o que estavam fazendo com Charlotte. Virei outra vez o rosto. Eu não precisava dele e do seu apoio.

— Podemos verificar a disponibilidade deles — Dandara falou mais alto e eu voltei a fingir prestar atenção na conversa.

— Já verifiquei e, sendo um casamento de uma família tão especial, eles aceitam o desafio — comunicou Lana, acreditando que ter ligado para o *Buffet* e pedido a data para a festa, fosse justo com a noiva que nem havia concordado com nada. Aquilo tudo estava passando dos limites.

— Ótimo! Então precisamos marcar uma reunião... — A madrinha já estava com o celular na mão para anotar quando Lana a interrompeu:

— Amanhã pela manhã. Teremos um dia cheio. Graças a Deus ainda não assumi o cargo do Alex. Não ficaria nada contente se não pudesse acompanhar este casamento de perto. — Revirei os olhos já a ponto de estragar tudo.

— Quanta eficiência! — ironizei, mas eles pareceram não perceber.

Olhei para Alex pedindo socorro. Ele me olhou entendendo, só que o panaca nada fez. Um idiota que temia os sogros não era alguém digno para casar com a minha irmã. Não era possível que mais uma vez eu teria que ser a que assumia o papel de rebelde.

Então eles mudaram de assunto e começaram a falar sobre a lua de mel, o que me deixou ainda mais incomodada. Não era possível que eles esperavam decidir até aquele detalhe pelos noivos.

— Vocês só precisam definir o roteiro — Dandara pelo menos tentou amenizar a questão, contudo, Lana era sem noção.

— Paris! — determinou eufórica. Forcei meus dedos no sofá me obrigando a ficar quieta e não colocar tudo a perder. Contudo o meu lado azedo era impossível de ser dominado.

— Algo mais pitoresco. Quem sabe um *tour* pela África? — Charlotte me olhou assustada sem entender que eu estava mesmo querendo que as pessoas percebessem que nada daquilo era a cara dela. — Charlotte já conhece a Europa toda e as praias da África são as mais bonitas. — E era lógico que Lana era tão maluca que não se tocava de que Charlotte já fora mais a Paris do que qualquer outro naquela sala.

— Se fosse o meu casamento, eu escolheria Las Vegas, ou Caribe. — Johnny se aproximou usando o mesmo tom irônico que eu. Pelo menos alguém ali estava concordando comigo. Nada daquilo era a cara de Charlotte.

— Tão original. Não poderíamos esperar mais nada desta cabecinha — provoquei sabendo que ele precisava daquela deixa.

— Então por que vocês não perguntam a Charlotte o que ela quer? — E assim Jonathan fez o que ninguém ali teve coragem de fazer: deu a palavra a Charlotte.

Um clima estranho se espalhou pela sala. Era aquele sentimento que eu imaginava que atingiria a todos quando percebessem que estavam deixando passar a parte principal do casamento: a noiva.

Charlotte pareceu constrangida e tive medo de que ela se calasse, como fazia muitas vezes, para agradar aos pais. No entanto, minha irmã puxou o ar, olhou para o noivo e começou a falar me deixando orgulhosa.

— Eu quero um casamento simples, muito íntimo, sem convidados por conveniência. Sei o quanto vocês estão felizes, mas eu gostaria de fazer do meu jeito, como eu sou e como o Alex é.

Tá legal! Ela foi corajosa até demais ao definir que não queria convidados por conveniência, pois isso atingiria as duas famílias. Ainda assim, minha vontade era de levantar e abraçá-la. Porra, se Charlotte queria cinco pessoas no casamento dela, era assim que seria, nem que eu precisasse prender o restante todo no banheiro ou colocar laxante nas bebidas servidas antes da cerimônia. Seria como ela queria e pronto.

Meu olhar voou outra vez para Patrício e ele sorriu, levantando o copo em um brinde silencioso. Estreitei os olhos e me esforcei para não mostrar a língua, voltando a tentar prestar atenção à conversa.

— Não existe outro lugar que fale tanto de mim e do Alex quanto Petrópolis. — O sorriso apaixonado da minha irmã fez meu coração acelerar.

— O lugar onde ele te pediu em casamento.

Acabei falando de maneira melosa, sem ser esta a minha intenção e só então entendi que meu suspiro não foi pela história deles, e sim por ser também a minha história, já que foi na

mesma época e no mesmo local que me descobri apaixonada por Patrício. Droga! Meus olhos ficaram cheios de lágrimas. A sorte era poder dizer que toda emoção era por Charlotte e não pelo idiota que estava naquela sala tentando chamar a minha atenção mesmo tendo revelado que já estava com uma nova namorada.

Perdi a fala de Alex, mas percebi que as mulheres suspiraram encantadas.

— Se não for incômodo para vocês, eu gostaria de casar no rancho. — Lana, por um milagre, não conseguiu dizer nada, mas estava estampado em seu rosto que ela não esperava por aquilo. Quase fiz a dança da vitória. Onde já se viu querer decidir o casamento dos outros?

— Ficaremos bastante limitados. Não temos espaço para tantos carros e a área aberta não comporta muito mais do que setenta pessoas, então... — Dandara argumentou sem querer desfazer o pedido da futura nora. Eu achei que seria perfeito.

— Não quero convidados. Não quero convidados, por favor! — Charlotte se voltou para a mãe com a súplica nos olhos, como sempre fazia quando queria muito algo e estava prestes a não conseguir. — Mãe, eu não quero um grande acontecimento. Todas as pessoas que eu amo estão aqui nesta sala, não preciso de mais ninguém para compartilhar a minha felicidade. Eu sei o que a senhora está pensando, no entanto, um casamento pode ser lindo e perfeito apenas com a presença de nossos familiares, e ele será. Eu deveria ter casado naquele feriado, só que fui pega de surpresa e tive medo. Agora não tenho mais. Eu sei o que quero, mãe. Para que seja uma festa perfeita, uma em que eu realmente me sinta feliz e realizada, tem que ser assim. Apenas com todos que estavam lá quando tomamos a decisão.

E então, o que aconteceu. Patrício em sua imensa sabedoria falou a pior merda da noite:

— Tiffany e Anita também?

Não acreditei que Patrício teve coragem de dizer algo do tipo. Ele conseguia ser um imbecil quando queria. E o idiota riu e piscou para Alex que, de forma inacreditável, também ria. Aliás, Johnny e João Pedro riram discretamente. Alguém precisava dar uns tapas em Patrício. E era algo tipo, agora.

— Sem Anita e, principalmente, sem Tiffany — Charlotte respondeu quando eu já estava levantando para dar um jeito naquele retardado.

Fui até a mesa fingindo escolher alguma coisa para comer, olhei o grupo de mulheres que já estava outra vez a todo gás com a conversa sobre os detalhes e senti que era o momento perfeito. Passei por João e Johnny que comiam sem parar e então por Patrício, encarando-o. Ele entendeu o recado e foi atrás de mim até a varanda.

Senti o calor da noite ao abandonar o local climatizado. O Rio de Janeiro estava quente. Um caldeirão. Ou era o meu corpo reagindo ao sentir o dele logo atrás de mim? Virei com raiva impedindo que se aproximasse mais.

— O que pensa que está fazendo?

— Eu tinha dois objetivos e atingi os dois.

— É mesmo? — Cruzei os braços na frente do peito já pronta para o embate. Patrício se abaixou um pouco igualando nossas alturas e ficando bem perto de mim.

— É mesmo. — Sua voz grossa e sensual fez minha pele formigar. Porque era isso o que éramos, pele, tesão. Puro, forte e incontrolável. Meu corpo esquentou um pouco mais. — Primeiro: Se Charlotte não deixasse claro que não queria Tiffany no casamento Lana a convidaria. Vá por mim, ela convidaria. Ter Anita como acompanhante de Tiffany seria quase que inevitável, já que Anita está transando com Johnny. — Abri a boca para rebater, então ele fez uma expressão deixando claro que não havia como argumentar contra aquilo.

— E o outro motivo?

— Você?

— Eu?

— Se eu não dissesse nada sem noção você não levantaria pra falar comigo. Sequer me daria boa noite. — Outra vez abri e fechei a boca como uma perfeita idiota, sem conseguir achar qualquer coisa para dizer. — Achei que combinamos que teríamos uma boa relação.

— Combinamos? — Dei um passo para trás tentando impedir que ele continuasse quebrando as minhas barreiras.

— Combinamos. Não exatamente com essas palavras, mas com umas mais... — puxou o ar e me olhou com desejo — persuasivas.

— Você é tão palhaço que deveria procurar emprego no circo. — Tentei sair dali quando ele deu um passo me bloqueando. — O que você quer, Patrício? O padrinho logo vai começar a procurar por mim.

— Duvido que Peter desvie a atenção dele esta noite. — Piscou travesso.

— Não quero ficar aqui com você. Deu pra entender?

— Não. — Deu mais um passo em minha direção me fazendo recuar e encostar à parede.

— Eu disse não! — rosnei ciente de que meu corpo dizia o contrário.

— Eu não ouvi — brincou continuando a se aproximar.

Nossos corpos não se tocavam, contudo, estavam tão próximos que minha mente já me enganava fazendo-me acreditar que ele já me tocava.

— Pare com isso!

— O quê? — Riu. — Eu nem te toquei ainda. — Mordi os lábios com raiva. — Só quero... — Seus olhos desviaram para a minha boca com desejo. — Um beijo.

— Nem se você dependesse disso pra viver.

— Ah, que é isso? Você me defendeu de um assalto, lembra? Duvido que me deixaria morrer.

— Pois eu deixo! — Naquele momento percebi o quanto aquela briga era boba e infantil. Eu parecia uma adolescente magoada pelo namoradinho da escola.

— Pois eu estou morrendo, Morena. — Sua voz estava rouca, muito perto, sensual e quente. Meu Deus! Eu estava queimando. — Estou morrendo de desejo. Me salve!

— Não. — Minha voz não tinha força alguma. Nada que indicasse que eu o impediria. — Merda, Patrício, me beija logo! — Ele sorriu torto e bem lentamente encostou os lábios nos meus, saboreando cada pedacinho.

Nossas bocas se movimentaram sem pressa. As línguas se provaram e se acariciaram. Meu corpo incendiou, então pensei que se eu podia enlouquecer, aquele era o momento.

Patrício se afastou, eu abri os olhos e percebi que estávamos na varanda da minha casa, com nossas famílias na sala e um padrinho controlador que logo aprontaria alguma.

— Ninguém pode dizer que não sou uma alma caridosa — falei forçando a ironia para não parecer tão abalada. — Com licença!

Passei por Patrício sem encontrar resistência, contudo, lutando contra mim mesma. A verdade era que eu estava morrendo e todas as vezes que ele me procurava, mesmo que fosse para um simples beijo, era como doses de um antídoto que nunca me curaria, mas me manteria viva enquanto ele ainda quisesse.

E nunca me senti tão pra baixo em toda a minha vida.

CAPÍTULO 13



*“Em outros braços, tu resolves tuas crises,
em outras bocas não consigo te esquecer.”*

DESLIZES – FAGNER

ERA MUITO CEDO PARA ESTAR FORA DA CAMA SEM SER PERÍODO DE PROVA, PRECISO ADMITIR. MAS Charlotte, desde que concordou com aquele casamento emergencial, começou a ter ideias loucas, como se exercitar mais, evitar certos tipos de alimentos e coisas deste tipo.

Não que estivesse achando isso ruim, afinal de contas, eu mesma achava que já era hora de investir em um estilo de vida mais saudável, e isso incluía me manter longe de Patrício como vinha fazendo por dois dias. Contudo era muita neurose ficar se questionando sobre o quanto as mulheres esquecem de si mesmas quando entram em um casamento, o quanto deixam de se cuidar e se permitem ficar desinteressantes porque assumem casa, contas, filhos...

Eu podia rir durante horas só de pensar que minha irmã imaginava coisas deste tipo quando possuía dinheiro o suficiente para nunca, nem por um segundo na vida, pensar em pagar alguma conta, ou precisar deixar de ir à casa de estética por causa do horário da escola dos filhos, ou até mesmo para se tornar tudo o que ela questionava quando só precisava estalar os dedos e os melhores profissionais com os melhores tratamentos estariam a sua disposição.

Mas Charlotte era o tipo de milionária que não fazia ideia o que era ser milionária e se estressava com a vida comum.

Bem, resolvemos que pularíamos da cama bem cedo todos os dias até o fatídico casamento, e caminharíamos na orla. E lógico que quatro seguranças nos acompanhariam, discretos, porém, de perto. Era isso ou aceitar que só poderíamos caminhar na esteira. Palavras do padrinho. Fazer o quê se ele era neurótico com a nossa segurança?

Então Charlotte fazia a caminhada ao meu lado, conversando sobre o casamento, Alex, o relacionamento de romance de banca dos dois, e tudo isso sem reclamar da distância, do calor, do sol em sua pele muito branca, nada. E sabe por quê? Porque Alex sempre, assim, como se fosse uma coincidência, aparecia correndo, na direção oposta, e eles ganhavam alguns momentos livres da perseguição do padrinho, ou de Lana, a mais recente carrasca de Charlotte.

— Peter mandou adicionar mais dois nomes na lista — disse aborrecida, mantendo o ritmo da caminhada.

— Você sabia que ele não ia aceitar assim tão fácil.

— Mas já são sete. Sete pessoas com quem não tenho qualquer intimidade assistindo o meu casamento. Tem ideia do que é isso?

— Uma vaga ideia. — Sorri querendo rir dela.

Charlotte deveria estar feliz por não precisar engolir uma megafesta como a que Lana estava elaborando. O problema foi que depois que finalmente deram a voz a ela, minha irmã assumiu as rédeas e queria tudo da maneira dela. O que era bom.

— Tenha um pouco de paciência. Depois disso Peter não vai ter mais desculpas pra te perseguir. — Ela riu como um anjo. Eu sempre me sentia leve quando Charlotte ria de verdade. — Aproveitando a lista bem reduzida posso te fazer um pedido?

— Não diga que vai levar alguém! — Ela não estava aborrecida, pelo contrário. Minha irmã pareceu animada com a possibilidade.

Fingi não perceber o quanto ela ainda não conseguia perdoar Patrício. Olhando para frente identifiquei uma pessoa ainda bem distante, que para mim era inconfundível. Alex. Eu precisava ter logo aquela conversa antes que ele chegasse e me impedisse.

— Não é nada disso. Eu só... Ah, Deus! Você sabe que não sou uma mulher de meias-palavras, então... Posso cortar Thomas da sua lista? — Charlotte parou na mesma hora forçando-me a parar também e encará-la. — O idiota sempre deu em cima de você e por mais que os padrinhos digam que vocês são primos, eu não acho que vai ser legal para Alex ter alguém como Thomas no casamento.

Ok! Fui tão ridícula que senti vergonha de mim mesma. Por que inferno eu não disse que me incomodava com a presença dele, ou que o detestava mesmo e que não me sentiria bem com Thomas no mesmo lugar que eu?

A resposta era muito clara. Porque Charlotte não conhecia o meu passado com Thomas e sempre acreditou que eu o desprezava por ser um garoto irritante, prepotente e idiota, como eu sempre dizia.

— Você nunca gostou dele. — Deu de ombros e recomeçou a caminhada. — Ele não viria de forma alguma, Miranda. Mamãe acha que seria indelicado não convidarmos, mesmo sabendo que eles não conseguiriam comparecer.

Eu não queria correr o risco.

— Se o problema é eles receberem o convite, então posso ficar responsável por esta parte. Seguro o envelope até ter certeza que não existe prazo de entrega anterior à data, assim não correremos o risco de Thomas fazer um sacrifício e comparecer. — Ela riu com vontade.

— Você não existe. Por mim tudo bem. Faça como você quiser, só não posso garantir que Thomas não saiba do casamento de outra forma. Tenho certeza que meu pai vai enviar um e-mail ou uma mensagem. De qualquer forma, ele não vem.

Assim eu esperava.

— É Alex? — perguntou animada, como sempre acontecia.

— É sim. É o seu príncipe encantado — respondi sem muito ânimo deixando a conversa acabar.



Peguei mais duas camisas que só havia usado uma vez, mas que estava decidida a não usar mais e separei no monte que iria para o bazar organizado pela madrinha. Todos os anos ela coletava doações de roupas em perfeito estado, todas de marcas elegantes, e fazia um bazar

para arrecadar fundos para duas instituições que ajudava. Como sempre, eu aproveitava para esvaziar o *closet* só para comprar tudo novo, afinal de contas, era por uma boa causa.

Quando estava começando a verificar as calças jeans, a madrinha bateu à porta me chamando. Em três segundos ela já estava em meu *closet*.

— Todas para o bazar? — perguntou conferindo uma jaqueta preta que comprei na última viagem à Nova York.

— Todas. Depois vou precisar de outra viagem para abastecer meu *closet*.

— Já conseguiu decidir alguma coisa em relação ao curso que quer fazer? Onde será?

— Ainda não, madrinha. Com essa história de casamento, acabei deixando todo o planejamento para depois. — Ela sorriu animada. — Dei uma olhada nas faculdades de Portugal.

— Ainda com a ideia de ir para Portugal?

— Eu acho que seria bom. — Peguei uma calça que usei incansáveis vezes e coloquei na pilha de roupas.

Foi quando olhei melhor para a madrinha e a notei abatida demais. Uma sensação estranha me assolou. Sua cor não era boa, dois hematomas roxos em seu braço estavam escondidos com maquiagem e ela tremia levemente. Quando percebeu que a observava, sentou na poltrona e sorriu.

— Então... — fingi não ter percebido nada e iniciei uma conversa. — Já está arrependida de ter concordado com um casamento tão rápido?

— Ora, e por que eu faria isso?

— Não está cansada? Um casamento coincidindo com o bazar, o padrinho cheio de compromissos, e milhares de coisas para serem ajustadas...

— Digamos que estou feliz por conseguir fazer tudo e satisfeita por não deixar nada por fazer.

— Por que por fazer? — Parei encarando-a com real preocupação. Ela percebeu de imediato.

— Porque posso não estar mais aqui depois de tudo isso.

Desisti de encontrar outra calça para doar. Meu corpo também começou a tremer e aquela sensação estranha apertava meu estômago.

— Você quer dizer que logo após o casamento vai voltar para a Inglaterra com o padrinho?

— Não! — Riu me despistando. — Ainda teremos a formatura de vocês e depois disso, com vocês duas formadas, Charlotte casada, Johnny já inserido nos negócios da família e você envolvida com os seus novos estudos... — Deu de ombros. — Eu vou poder descansar. — Havia muito mais naquelas palavras do que diziam de fato. Tive medo de pensar no assunto.

— Madrinha...

— Essa calça também vai? — Pegou a peça da minha mão encerrando o assunto.

— Acho que sim.

Fiquei desanimada. Depois daquela conversa eu não conseguia nem mais pensar em que peças eu poderia tirar para doar sem sentir falta depois. Ela levantou, analisando meus vestidos, então sentei na poltrona em que ela estava e só observei. Meu celular vibrou com uma mensagem, a madrinha olhou na direção do aparelho e não se interessou, voltando a analisar os vestidos.

Desgostosa, peguei o celular e conferi a mensagem. Era um cartão de convite para um evento no clube naquela noite. Encarei a tela esperando a animação surgir, a vontade aparecer ou apenas a habitual vontade de conferir o que teríamos de interessante, mas nada aconteceu.

Olhei para a madrinha outra vez, a sua animação por escolher alguns vestidos, colocando-os à frente do corpo como uma adolescente, tudo isso me causava uma angústia incomum. Fechei os olhos com força. Nem isso me fez ter vontade de ir ao clube. Assim a decisão foi tomada. Eu não compareceria.

— Podemos separar esses? São de coleções antigas.

— Podemos sim.

Ficamos o final da tarde todo dentro do quarto, ela falando sobre como faria para dar conta de tudo, dobrando as roupas e colocando-as em uma mala, tudo com a minha ajuda, que depois da nossa conversa, comecei a acreditar que não podia deixar que a madrinha se esforçasse tanto, mesmo sem saber o que estava acontecendo.

— Charlotte te contou?

— O quê? — Fechei a segunda mala colocando-a no canto do *closet*.

— Ela vai jantar na casa do Alex hoje. Só os dois. E Peter concordou.

— Uau! — Dei risada ironizando. — Que grande avanço. Faltando o quê... poucos dias para o casamento? — Ela riu e fingiu jogar uma blusa em mim.

— Não brinque assim. Você sabe o quanto o seu padrinho é comprometido com vocês.

— Sei. — Revirei os olhos e ela riu outra vez, parecendo menos abatida.

— Não vai aproveitar o bom momento para conseguir se divertir um pouco também?

— Ah, não! — Dobrei a camisa e olhei para ela sorrindo. — Vou aproveitar que Charlotte saiu e vou ficar com vocês só pra mim.

A madrinha sorriu, me abraçou e beijou meu rosto com carinho.

— Adorei a ideia — disse ainda abraçada a mim. — Então que tal um jantar e depois um filminho?

— Ótima ideia. Pode ser de terror?

— Não! — Começou a rir já saindo do meu quarto. — Um romance bem leve e uma taça de vinho. Fechado?

— Fechado.

Ela saiu e parei no mesmo segundo de sorrir. Meu coração estava acelerado e minhas mãos suadas. Eu não fazia ideia do que estava acontecendo, só alimentava a certeza de que a madrinha estava doente, e era grave, muito grave.

Parei de dobrar as roupas, deixando-as na pilha desajeitada sobre o *puff*. Eu poderia cuidar delas depois. Peguei o celular, deitei na cama e mantive os olhos no visor sem saber o que queria fazer para que minha mente parasse de projetar problemas. Pensei em Éder e no encontro que estava devendo antes do casamento de Charlotte, mas também pensei em Patrício e na maneira como ele aceitou o meu silêncio depois daquela noite na varanda.

Resolvi dar alguma satisfação a Éder, mesmo que isso não estivesse de acordo com a minha personalidade. Era melhor conversar com alguém que me fazia bem do que voltar à confusão de sentimentos que eu ficava quando estava com Patrício. Peguei o celular e enviei uma mensagem.

Que tal um almoço?

Fiquei aguardando e nada de ele visualizar ou responder. Na certa estava de plantão. Deixei o celular de lado e permaneci deitada pensando em tudo. Em Charlotte e no seu casamento instantâneo. Ela estava com medo, só que ao mesmo tempo eufórica. Eu só queria que ela não metesse os pés pelas mãos e acabasse sendo tão infantil que destruísse o próprio casamento. E se a madrinha estivesse mesmo doente e... Ah, Deus! Nem queria pensar nisso, imagine como seria para Charlotte?

E pensar em Charlotte me fez pensar em Alex. Eu acreditava no amor dele por minha irmã, só não acreditava no seu excesso de paciência e compreensão. Era certo que se Charlotte tivesse um dos seus ataques de infantilidade Alex pularia fora e isso seria uma merda.

E então, pensar em Alex me levou a pensar em Patrício. O que ele queria? Por que vinha atrás de mim se já descobriu estar apaixonado por outra mulher? E por que me pediu aquele último beijo?

Eu não fazia a mínima ideia das suas pretensões, mas conhecia muito bem o que habitava em mim e tinha a certeza que se permitisse que ele se reaproximasse, meu coração seria esmagado, tal como Thomas fez uma vez.

Como se todo o universo estivesse conspirando contra mim, o telefone tocou. Distraída demais pelos pensamentos, atendi sem olhar quem era e fui surpreendida por aquela voz.

— *Como vai?* — Demorei longos trinta segundos para conseguir responder alguma coisa.

— Bem. Obrigada!

Porra! Bem, obrigada? Isso era lá alguma resposta decente para dizer a um ex depois de dois dias de silêncio? Porra! Havia algo de errado com o meu cérebro. Patrício deu uma risadinha cínica.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei tentando me manter distante.

— *Não. Nada.* — Ficou calado e eu me perguntei o motivo daquela ligação estranha.

— Hum!

— *O que tem feito?* — Tirei o telefone do ouvido e olhei o visor para me certificar de que era Patrício mesmo na linha.

— Ajudado Charlotte com o casamento, além de estar organizando o bazar anual que a madrinha oferece — respondi sem nem saber por que estava respondendo sua pergunta. Aquela ligação estava muito esquisita. — Por quê?

— *Por nada!* — A resposta dele me pareceu muito na defensiva. — *Só queria saber mesmo.* — Alguns segundos de silêncio. — *Estava aqui pensando que o tempo é muito curto para organizar um casamento, não é mesmo? Porque não é só a festa, e sim uma vida. Eles vão morar na casa de Alex, não é? Seria o mais adequado* — respondeu sem aguardar por mim. — *É uma casa grande, confortável e já toda planejada, então...*

— Qual é o problema? — Impedi que continuasse a dissertar exigindo logo uma explicação para aquela conversa anormal.

— *Nenhum!* — desconversou outra vez na defensiva. — *Lana está organizando tudo.* — Mais alguns segundos constrangedores de silêncio. — *O que ela planejou para vocês?*

— Você fala do vestido?

Era sério que Patrício estava querendo saber do vestido que usaríamos? Não era possível. Havia alguma coisa que ele estava querendo saber e não tinha coragem de perguntar.

— *Não!* — Riu sem graça. — *Quer dizer... falo de tudo. São muitas coisas para fazer ainda. O vestido da noiva, despedida de solteira, essas coisas.*

Estreitei os olhos entendendo o que ele queria saber. Que filho da puta! Por um segundo me peguei pensando se Alex era mesmo aquele cara inseguro que mandava o paspalho do irmão procurar saber se a noiva pretendia aprontar. Mas não demorou mais do que este tempo para descartar a ideia. Primeiro porque Alex não tinha aquele perfil, e podia ser um idiota prepotente e arrogante, porém não é um imbecil. Este papel cabia só a Patrício.

— Não sei se Lana vai programar esta parte. Eu estava pensando em oferecer a despedida. Penso em algo que faça Charlotte repensar a decisão.

— *Você não está falando sério.* — Seu tom amistoso sumiu muito rápido. — *Eles vão casar, Miranda.*

— É a tradição, Patrício. As pessoas festejam a sua última noite de solteiro.

— *Os homens fazem isso!*

— Querido, estamos no século vinte e um, em pleno movimento feminista. Acorde!

— *Movimento feminista uma...* — Conseguiu se conter e acabei rindo. — *Não é certo você estragar o relacionamento deles.*

— Alex não é tão inseguro assim e Charlotte é uma boba romântica. Fique calmo que tenho certeza que ela só vai assistir tudo de longe, vermelha como um tomate maduro. Quanto às convidadas... bom, é uma noite de farra, não?

— *Miranda...*

— Preciso desligar. Falo com você depois.

Deitei com um sorriso imenso nos lábios. Qual o objetivo dele, eu não fazia a menor ideia, só que se eu teria dificuldade para dormir naquela noite, ele passaria pela mesma situação. Ri sozinha e voltei a olhar o telefone para verificar se Éder respondeu.

Amanhã não posso. Que tal depois de amanhã?

Fiz um muxoxo aproveitando que ninguém estava lá para me chamar de boba. Prometi ajudar no bazar da madrinha.

Trabalho?

Ainda não casei com a filha do patrão, então preciso cumprir com os meus deveres de estagiário.

Revirei os olhos, mas acabei rindo.

Tudo bem. Não vai poder ser um almoço então. Que tal um lanche da tarde?

Ele escreveu.

Pode ser. Onde posso te pegar?

Tenho que ir à faculdade para dar entrada no pedido do diploma, depois disso estarei livre.

Ótimo! Te encontro lá. Bjs, linda!

Continuei sorrindo, gostando da ideia de passar um tempo com Éder, quando uma mensagem de um número estranho chegou. Abri pensando ser mais uma das armações do imbecil do Patrício quando vi que era Lana me convidando para a despedida de solteira de Charlotte em um clube das mulheres. Droga! Ela queria mesmo controlar tudo, aquela enxerida. E a ideia era minha!

Alex vai te matar.

Respondi aborrecida. Lana não dava espaço a ninguém?

Isso se ele também não resolver fazer uma festinha.

Ela disse me fazendo ficar ainda mais irritada.

Charlotte não vai concordar, Lana.

Claro que ela nunca concordaria com aquele absurdo. Uma coisa era sairmos em amigas, outra era passar uma noite em um clube para mulheres.

Ela já concordou. Deixe de ser ciumenta.

Ciumenta, eu? Merda! Eu nem conseguia acreditar que Charlotte concordou com aquilo. E se o fez, eu deveria ser a primeira a saber. Não era justo eu ser só mais uma convidada. Quem Lana pensava que era? Mal chegou à família e queria ser a melhor amiga da minha irmã?

Você pode me ajudar a organizar? Estou quase enlouquecendo com tantas coisas. Preciso saber quem são as amigas que devem ser convidadas.

Arqueei a sobrancelha encarando a mensagem. Primeiro, eu não queria ajudar a organizar, queria ter sido consultada. Segundo, Charlotte não tinha amigas. Só eu.

Posso sim, mas vou conversar com Lottie primeiro.

Ok. Bjs.

Beijos?

— Pronta? — A madrinha apareceu à minha porta.

— Pronta.

Pulei da cama, feliz pela escolha de passar um tempo de qualidade ao lado dos meus padrinhos. Por precaução deixei o celular no quarto, assim não precisaria lidar com Lana, com Patrício ou com qualquer outro problema que Alex trouxe para a minha vida.

CAPÍTULO 14



“Sinto que você é ligado a mim. Sempre que estou indo, volto atrás.”

AMADO – VANESSA DA MATA

CHARLOTTE APARECEU NO MEU QUARTO LOGO CEDO. ESTAVA IRRITADA, COMO SEMPRE FICAVA quando menstruava, contudo, aquele ciclo a deixou ainda mais sensível. Era muito provável que tal reação se deu porque ela passou a ter uma vida sexual ativa, então, ficar alguns dias impedida era horrível.

— Vamos comigo à faculdade? — perguntou sem se importar de eu ainda estar deitada e de olhos fechados. Eu precisava começar a trancar a porta daquele quarto.

— Hum! — Fingi ainda estar dormindo para ver se ela me deixava em paz.

— Miranda! É sério! Eu preciso de você.

— Chame Lana. Tenho certeza que ela vai adorar administrar o seu tempo também. — Ouvi seu risinho e dei risada.

— Eu já te disse, a ideia foi dela, só concordei.

— Ela agora é a sua melhor amiga, então tem que te acompanhar nas atividades que exigem madrugar.

— Ela não é a minha melhor amiga. Pare com isso! — Uma almofada voou em meu rosto me fazendo gritar. — E não tenho culpa se você agora está cheia de compromissos e não consegue mais me acompanhar.

— Eu? Lana precisa que você esteja em casa às três para receber a florista. Lana deixa claro que vocês duas vão almoçar juntas para definir os guardanapos que serão utilizados, Lana decide que sua despedida de solteira será no clube das mulheres...

— Para, Miranda! — Charlotte começou a rir e deitou ao meu lado. — Você é a minha melhor amiga de uma vida inteira. Lana é só...

— Mal-educada, enxerida e controladora.

— Ela não é nada disso. Um pouco controladora, mas só um pouco.

— Ah, claro! O que você quer?

— Tenho que ir até a faculdade fazer o pedido do diploma.

— Eu vou à tarde. A madrinha me escalou no esquadrão da esperança. — Virei para o lado e apoiei o rosto na mão para conversar melhor com ela.

— Esquadrão da esperança?

— É como chamo a galera que vai ajudar hoje no bazar.

— Droga! O bazar! Esqueci por completo.

— Não se preocupe, nós já pegamos algumas coisas no seu *closet*, já que você não usa quase nada que está lá. — Charlotte fez uma careta engraçada.

— Acho que preciso renovar meu guarda-roupa, o que acha? — Ri alto.

— Você pensando em comprar roupas? Tá com febre?

— Eu vou casar, Miranda! Preciso de roupas um pouco mais...

— Sensuais?

— Adultas. Não posso passar a vida usando tênis e calça jeans.

— Ah, Charlotte! Você pode sim. Você pode tudo!

Levantei antes que ela começasse aquele discurso do casamento e tudo que era necessário fazer para continuar interessante para o marido. Minha irmã estava enlouquecendo.

— Então já vou. Hoje tenho prova do vestido.

— Aposto que Lana vai adorar te acompanhar — ironizei deixando a minha irmã para trás. Liguei o chuveiro entrando logo em seguida quando ela apareceu à porta.

— Você será a minha madrinha — disse o que para mim já era óbvio.

— Você não seria louca de escolher outra pessoa.

— O problema é que Alex escolheu Patrício e não abre mão.

— O quê? — Ela entrou se aproximando de mim para que eu pudesse ouvir melhor.

— Eu não podia abrir mão de você. Alex não queria chamar só o João Pedro porque Lana ficaria magoada e não achou justo o nosso único par de padrinhos ser composto por você e Johnny, então resolvemos que eu escolheria a madrinha e ele o padrinho. Pronto, problema resolvido.

— Resolvido para quem?

— Vocês nem vão precisar entrar, Miranda. Sabe que a cerimônia será simples e não vamos ter aquela bagunça de casais entrando, até porque serão poucas pessoas. É só assinar os papéis depois e cada um segue para o seu lado.

Suspirei derrotada. Não deveria ser um grande sacrifício, mas era. E seria doloroso.

— O que eu não faço por você? — respondi derrotada.

— Não vai à faculdade comigo, esse é um exemplo do que você não faz por mim.

— E acho bom você não me pedir mais nada nos próximos cinquenta anos, porque ser madrinha ao lado do Patrício já é um grande favor que estou fazendo a você.

Ela riu e saiu do banheiro, me deixando sozinha com minhas angústias.



Depois de almoçar com a madrinha passei em casa para um banho rápido, afinal de contas eu tinha um encontro. Escolhi um hidratante maravilhoso, um conjunto de *lingerie* abusado, um vestido que provocava sem nada revelar, uma bolsa discreta e um salto elegante. Eu estava perfeita para enlouquecer Éder.

Saí de casa, decidida a não demorar mais do que o necessário na faculdade, e depois disso me daria de presente momentos deliciosos. Pelo menos eu acreditava que seriam, já que Éder

tinha tudo para ser fantástico na cama.

Chamei o táxi e enquanto aguardava pelo mesmo na recepção do *flat* conferi as mensagens. Havia uma recente que fez minhas pernas tremerem. Patrício. Já haviam se passado dois dias sem que tentasse qualquer contato depois do que disse sobre a despedida de solteira de Charlotte. Eu começava a me acostumar com a distância que estávamos permitindo acontecer.

Ao mesmo tempo me sentia ferida com a certeza de que ele se mantinha longe por já estar com outra pessoa. Mas não era o que eu estava fazendo? Também não estava saindo com outra pessoa? A diferença era que Patrício estava apaixonado, com medo dos seus sentimentos e confuso, enquanto eu apenas tentava colocar a minha vida no ritmo normal, me divertindo com uma pessoa que nunca seria algo mais.

Respirei fundo pensando se deveria ou não verificar a mensagem. Até porque, a única coisa que conseguia visualizar dela era uma interrogação, que não me permitia ter uma ideia do que ele queria.

O táxi chegou, entrei e a mensagem continuava lá, queimando em minha mão, enquanto não conseguia me decidir. Podia muito bem não ser nada. Talvez ele tivesse alguma dúvida sobre como deveríamos combinar as nossas roupas para o casamento. Ou talvez estivesse querendo argumentar sobre a despedida de solteira, já que Lana oficializou o evento.

Ou talvez... era melhor não pensar mais no assunto. Eu estava pronta para me divertir com Éder e não podia deixar que Patrício estragasse mais aquele momento. Decidi ignorar, por um tempo, a mensagem.

Fazer o pedido do meu diploma não foi um problema e custou apenas cinco minutos do meu tempo. O que me deixou livre para pensar em todas as besteiras possíveis enquanto não dava o horário combinado para Éder me pegar.

A faculdade estava quase vazia, com poucos alunos circulando e algumas obras em curso. A lanchonete estava fechada, mas a tia dos doces, como todos a chamavam, ainda estava lá no portão. Andei até ela decidida a conversar um pouco para passar o tempo. Ela me recebeu com o sorriso de sempre.

— A princesa estava desaparecida — brincou guardando o pote com moedas quase vazio.

— Bem que eu queria ser a princesa. Tudo bem por aqui? — Sentei no banco de plástico que ela sempre deixava por lá para dar mais conforto aos alunos que precisavam aguardar pelo transporte na frente da faculdade.

— As vendas estão fracas. Todo fim de semestre é a mesma coisa. É o seu último dia aqui?

— Ah! — Olhei para o prédio me dando conta de que estava mesmo deixando aquele lugar para trás. — É provável que sim. Vim fazer o pedido do diploma.

— Parabéns pela formatura. Tem que festejar! Não é todo mundo que consegue entrar em uma faculdade pública, minha filha — desatou a falar enquanto organizava os potes com vários tipos de guloseimas. — Já disse para o meu “Creiton”, tem que estudar. Tem que fazer

faculdade e ser gente importante, porque esta vida aqui... — Bateu no carrinho. — Essa vida aqui não quero pra ele não.

— E como ele está? Melhorou na escola?

Ela sempre contava os casos do filho. Um menino muito levado que gostava mais de futebol do que da escola, que ela tentava levar à mão de ferro para que não se perdesse nos problemas que a sua realidade oferecia.

— Tem que melhorar! Tem que melhorar! A avó tá passando o olho nele pra que o moleque não fuja para o campinho todo dia, mas tá difícil. — Sorriu como se sentisse orgulho do filho.

Ri, ouvindo-a contar sobre as peripécias do menino, até que meu celular avisou a chegada de uma mensagem e precisei conferir imaginando ser Éder, só que era Johnny.

Kd vc?

Franzi o cenho sem entender o interesse dele. Johnny não me procurava para bater papo, só quando precisava conversar sobre algo ou quando acontecia algum problema. Fiquei sobressaltada. Optei por ligar ao invés de ficar mandando mensagens. Ele atendeu rápido demais.

— O que houve?

— *Onde você está?* — perguntou com um tom preocupado.

— Na faculdade. O que houve?

— *Charlotte está com você?*

— Não, Johnny! Vai dizer o que houve?

— *Merda!* — Ok! Alguma coisa de errado aconteceu. — *Ela e Alex tiveram um... quer dizer... Alex teve um problema hoje e eu acho que vai sobrar pra Charlotte.*

— Como assim? Do que você está falando?

— *Não sei o que houve. Alex quase matou o Henrique hoje. Precisei segurá-lo. Só sei que alguma coisa aconteceu entre eles três e Charlotte estava vermelha demais e nervosa como o diabo. Você consegue pensar em alguma situação envolvendo Alex, Charlotte e o Henrique que não envolva o amor platônico do nerd pela nossa irmã?*

— Que merda! — Levantei já preocupada com a minha irmã. — Onde ela está?

— *Pois é, eu não sei. Foi por isso que liguei. Alex estava enfurecido e quase matou o Henrique. Se eu não tivesse chegado...*

— Merda, Johnny! Precisamos encontrar Charlotte.

— *Ela saiu no carro do Alex. Estou ligando e nenhum dos dois atende.*

— Eu vou ligar. Aliás, vou ligar para o padrinho e pedir para ele localizar o celular de Charlotte. Você sabe que ele consegue fazer isso.

— *Não acho que seja uma boa ideia. Depois eles já se resolveram e estão agora fazendo coisas que nem eu nem você estamos fazendo e por isso não querem atender ao telefone.*

— Você é idiota? — explodi já tensa demais. — Está me deixando nervosa por diversão? — Johnny riu.

— *Só não acho que deveríamos envolver o padrinho por agora. Vou ligar para o João. Ele é o melhor amigo do Alex e pode estar sabendo de alguma coisa.*

— Tá! E eu vou... — Não, eu não ligaria para Patrício. — Vou aguardar você me ligar de volta com alguma notícia. Enquanto isso, vou tentar falar com Charlotte.

— *Ok! Falo com você depois.*

Desliguei me dando conta de que levantei e caminhei até o outro lado do portão enquanto discutia com Johnny e me preocupava com Charlotte. Foi quando avistei Patrício. Ele ainda estava no carro, dirigindo como se fosse entrar para o estacionamento da faculdade, mas logo em seguida me viu, parada como uma idiota com o celular na mão olhando-o sem acreditar que ele estava ali mesmo.

Patrício parou o carro de imediato, encostando-o ao meio-fio. Pela forma como agia me fez entender que procurava por mim e não que estava ali para entregar alguma coisa a João Pedro, como fez antes. Continuei parada, uma perfeita idiota aguardando pelo carinho por quem era apaixonada.

Que palhaça!

Ele desceu do carro e caminhou em minha direção. Estava lindo! Eu de fato gostava daquele corpo naquelas roupas de trabalho. Ficava... perfeito!

— Miranda! — chamou ainda distante, como se quisesse garantir que eu não fugiria, ou que fingiria não ter percebido a sua presença.

— O que faz aqui?

— Eu vim... — Parou à minha frente e conferiu meu corpo. — Vim conversar com você.

— Como soube que eu estava aqui? E como... deixa pra lá! — Respirei fundo me dando conta de que não podia mais permitir que ele me abalasse tanto. — Sobre o que quer conversar? Não me diga que é sobre o casamento, nem sobre a despedida de solteira, porque hoje não estou com paciência.

— O que houve?

— Não está sabendo? — Ele me encarou sem entender nada. Suspirei me rendendo. — Parece que Alex se envolveu em uma briga aqui na faculdade e Charlotte está envolvida na história. Os dois estão desaparecidos deste então.

— Como assim?

— Não sei dos detalhes nem do motivo. Johnny me contou que eles saíram furiosos daqui e agora não estamos conseguindo falar com eles.

— Droga! Será que foi por causa do projeto dela? Anita pode ter aprontado alguma, ou Tiffany...

— Não foi nada disso. Pelo menos eu acho que não. — Até porque Henrique estava no meio, só que Patrício não precisava deste detalhe.

— Bom... Vou verificar se Lana está sabendo de alguma coisa. — Colocou as mãos na cintura e olhou ao redor. Ficamos em silêncio, cada um olhando para um lado, até que ele por fim falou: — Vai para casa? Posso te dar uma carona.

— Não precisa. Obrigada!

— Vai continuar fazendo assim?

— Não é nada disso, Patrício. É só que...

Não consegui dizer a verdade. Seria fácil e até saboroso atirar na cara dele que eu também já estava com alguém, contudo, não havia sabor em revelar algo que não tinha peso algum para mim, enquanto Patrício arrumou uma garota legal por quem estava de fato apaixonado.

— O quê então?

— É que...

Busquei por alguma saída sem encontrar o que dizer, até que não consegui dizer mais nada e meus olhos só conseguiram focar no carro vermelho estacionando muito perto de onde estávamos. Reconheci o carro muito antes de Éder sair para me encontrar. A tensão me deixou mais alerta, afinal de contas eu estava com Patrício e o último encontro dos dois não foi nada interessante.

— Eu preciso ir. — Dei um passo para trás e logo em seguida outro colocando uma distância segura entre nós dois. — Se descobrir algo me ligue.

— Mas... — Patrício ficou surpreso com a minha reação e tentou se reaproximar, então dei mais um passo para trás e me coloquei na rua. — O que está fazendo?

Olhei apreensiva para Éder levantando a mão para que ele parasse onde estava. Patrício olhou para trás buscando entender o que eu fazia e viu Éder. Não sei dizer se ele chegou a reconhecer o carinha com quem trocou socos naquela noite na boate, também não quis ficar lá para conferir. Passei o mais longe possível por ele.

— Até mais.

Acelerei em direção a meu companheiro que olhava para Patrício sem parecer me notar. Era tudo o que eu não precisava, uma nova briga na faculdade envolvendo a minha família. Alcancei Éder e o puxei pela mão sem lhe dar oportunidade de argumentar. Para minha sorte ele não resistiu, nem fez qualquer pergunta, apenas destravou o carro e me deixou entrar, dando partida logo em seguida. Não deixou de encarar um Patrício ainda atônito no meio da calçada, me olhando sem acreditar no que fiz.

Éder não ficou calado por muito tempo.

— Era o seu ex — afirmou sem me dar chance de arrumar uma desculpa esfarrapada. — Vocês estão...

— Não. Ele... — Poderia mentir, contudo, outra vez, achei que ele merecia a verdade. — Só queria conversar. — Éder olhou para frente enquanto dirigia em direção à Lagoa.

— E isso acontece com frequência?

— Hum! — Olhei para fora do carro pensando no assunto. — Ultimamente sim. — Éder ficou em silêncio aguardando que eu falasse mais alguma coisa. Eu não sabia o que dizer, nem como.

— E?

— E continua a ser como já te disse. Nós não vamos ficar juntos.

Ele ficou calado e se manteve assim até estacionarmos. Saímos do carro de mãos dadas. O local estava vazio, apesar do dia lindo. Sentamos no restaurante próximo ao local que alugava os carrinhos. Ele pediu um suco de morango e eu só uma água. Minha boca estava seca. Peguei o celular na bolsa e desliguei sem conferir as mensagens. Eu precisava de notícias de Charlotte, no entanto, não serviria de nada ter um celular tão acessível se Patrício me mandasse suas mensagens desaforadas enquanto eu ainda estava lá com Éder.

E lá se foi mais uma oportunidade de ter uma tarde prazerosa ao lado de alguém legal. Era até estranho pensar assim, mas Charlotte e Patrício pareciam ter um talento especial para cortar a foda dos outros. Puta merda!

— Miranda? — Éder me chamou fazendo-me encará-lo. Ele aguardava por mim, me olhando com intensidade.

— Desculpe! São problemas demais para uma pessoa só. — Fechei os olhos e respirei fundo.

— Converse comigo. — Ri sem vontade.

— Quero uma tarde tranquila e não vou conseguir se ficar aqui despejando os problemas da minha irmã e do meu... do Patrício. — Ele riu e segurou minha mão por cima da mesa.

— Você gosta dele.

— Não é bem assim — gemi desgostosa.

— Olha, eu prefiro que continuemos sendo francos um com o outro. Sei que o que rola entre a gente é legal, mas não sou idiota, Miranda. Você está apaixonada pelo cara. Não adianta insistir se o cara também quer estar com você.

— Ele não quer estar comigo, Éder. Patrício só está... — Pela primeira vez na vida me senti péssima com as minhas ideias. Pensar que ele só me queria por causa do sexo me entristecia e roubava de mim toda a vaidade de antes. — Não existe nenhuma chance de ficarmos juntos. Nós somos diferentes. Ele não entende o meu mundo, não aceita como sou e não... é difícil explicar.

— Tente.

— É que nem você faz ideia do tamanho do problema que eu sou. — Éder riu com vontade.

— Olha, eu nunca pensei que ouviria isso de você. — Cruzou os braços na frente do peito e me encarou. — Só porque você é sexualmente livre não significa que seja um problema, Miranda. — Fui pega de surpresa pelas palavras dele. — Chega a ser inadmissível um cara não se sentir atraído pelo seu mundo. Eu pensava que esse era o desejo de todos os caras. — Riu sem muita animação. — Você é linda, é inteligente, é muito interessante, é forte... — Fez uma pausa para me olhar com mais intensidade. — E é tão aberta sexualmente que eu te consideraria perfeita. Então não sei como ele pode não aceitar ou entender tudo o que você é e propõe. — Fiquei em silêncio. Assustada demais para dizer qualquer coisa. Então ele sorriu. — É isso. Você não se lembra de mim mesmo, não é?

— Co-como assim? — Ele riu outra vez me encarando.

— Como você sabe, não sou rico nem levo uma vida fácil para manter um ritmo como o seu, por exemplo. Então, meus pais fazem a parte deles, mas gosto de saber que me viro sozinho. Por isso estou estagiando lá no hospital, que é o que amo fazer. Também faço alguns bicos para juntar uma grana legal. E faço isso justamente na *Harém*.

Se existisse de fato a possibilidade do mundo desabar na minha cabeça, eu posso afirmar com convicção de que aquele era o momento perfeito para isso acontecer. Minha respiração ficou presa nos pulmões, e desta vez não conseguia soltá-la, aterrorizada demais com aquela realidade.

Éder trabalhava no hospital do meu padrinho. Ele me conhecia. Trabalhava na *Harém*. Estava comigo, participando da minha vida e tomando conhecimento de tudo o que me cercava.

Meu Deus! O que eu fiz?

— Calma, Miranda! — Seus olhos preocupados não foram o suficiente. Minha mente girou a uma velocidade absurda, me deixando tonta. — Porra, Miranda, respire fundo. — Éder levantou tentando me alcançar. Reagi de imediato mantendo suas mãos longe de mim. — Não é o que você está pensando! Não é...

— O que você quer? — falei alto demais e um garçom se aproximou assustado.

— Ela está passando mal?

— Eu acho que sim — Éder disse ainda alarmado. — Miranda, olhe para mim. Olhe para mim!

— Preciso sair daqui. — Levantei decidida, só que minha tontura me atirou de volta na cadeira.

— Merda! — Gemeu ao meu lado.

— Quer que eu chame uma ambulância? — o garçom ofereceu também preocupado.

— Não! — gemi odiando não conseguir dominar meus sentimentos. — Eu só quero ir embora.

E depois bater com a cabeça muitas e muitas vezes na parede até entrar algum juízo nela. Como pude me expor tanto? Primeiro Moisés e depois Éder. O que eu estava fazendo com a minha vida?

— Vou te levar para casa.

— Não! — rosnei afastando-o com a mão.

— Miranda, não é o que você está pensando, tá legal? Que droga!

— Então o quê? — Olhei para ele com raiva e Éder olhou com preocupação para o garçom me fazendo entender que não era mais o local ideal para aquela conversa.

— Vamos conversar no caminho — disse sacando a carteira.

Não aguardei para vê-lo pagar a conta, apenas levantei e andei em direção ao carro. Eu precisava de uma saída. Precisava encontrar uma maneira de colocar um fim às ameaças, aos meus descuidos, às pessoas ruins que eu deixava entrar em meu caminho.

Éder me alcançou mais rápido do que eu esperava. Meus olhos ardiam, porém deixar aquelas lágrimas caírem não era uma opção. Eu ficaria firme, atenta e combateria qualquer um que tentasse atrapalhar a minha vida.

— O que você quer?

— No momento? Que você entre no carro.

— Não se finja de idiota, Éder, porque você não é! — esbravejei para um Éder aborrecido.

— Não sou. Sabe o que também não sou? Não sou mau-caráter, interesseiro, escroto, machista nem oportunista, tá legal? — Nos encaramos com fúria. Ele se afastou respirando fundo. — Não te contei porque quero te chantagear, nem me dar bem com você. Eu poderia nunca contar, continuar com o meu papel de bom amigo que lucraria muito mais do que fazendo qualquer tipo de abuso com você.

Mantivemos o olhar firme um no outro. Ele estava mesmo furioso, ofendido, contudo, eu já tinha vivido situações ruins demais para acreditar em alguém com tanta facilidade.

— Eu só quis... — Seus olhos fixos nos meus analisavam minha reação. — Só quis dizer que você é incrível demais para ser dispensada por alguém como ele. E que assusta mesmo no início, mas... porra, Miranda! Quem não ficaria feliz com uma mulher como você, estando tão apaixonada?

— Eu não estou...

— Ah, pelo amor de Deus! Você nem tem ido ao clube! Nem é mais a mesma mulher que eu via chegar ao salão, cheia de confiança e determinação. A mulher que fazia os convidados implorarem por uma oportunidade. A morena mais bonita que já desfilou naquele lugar.

— Você me via?

Meu coração sentiu uma pontada de vergonha. Nunca precisei discutir com ninguém sobre o que fazia ou deixava de fazer no clube. Nunca sequer convivi com alguém fora dele. Encarar Éder era estranho e vergonhoso como nunca imaginei que seria algum dia.

— Eu só fico lá em cima. — Sorriu tímido. — Atendo no bar. Via quando você chegava. Ouvia os comentários e... — Deu de ombros. — Não é muito difícil imaginar o que acontece nos andares de baixo.

Coloquei as mãos no rosto e fechei os olhos para me recuperar do susto e da raiva.

— Olha, não precisa ficar com vergonha.

— Não é vergonha! É... não sei explicar. Nunca precisei conversar sobre isso. Nunca me justifiquei ou me senti como agora. Nem quando Moisés começou a... — parei de falar me dando conta de que outra vez estava sendo verdadeira demais. Éder estreitou os olhos sem nada dizer. — Se você não quer me chantagear ou se não pretende usar isso como arma, o que pretende fazer?

Seu olhar já dizia tudo. Ele não pretendia fazer nada. Aliás, Éder estava até ofendido com a minha insinuação, mas o que ele queria? Como imaginava que eu fosse reagir? Porra, eu era a filha adotiva de um milionário conservador, que frequentava um clube de sexo e não fazia distinção entre homens e mulheres para serem meus parceiros.

— Pretendo te levar para casa — disse ainda com raiva.

Deu a volta e foi em direção à porta do carro, destravando-o. Entrei me sentindo estranha demais. Não queria confiar nele, porém tudo em mim dizia que era verdade. Éder não pretendia me sacanear.

— Olha, Éder...

— Tudo bem, Miranda. — Ligou o carro, manobrando para sairmos de lá. — Imagino o quanto deve ser desesperador. Porém preciso que acredite em mim, eu não quero ganhar nada por causa desta informação. Se você se sentir melhor posso até pedir para sair do estágio.

— Não! — respondi alto demais. — Não precisa fazer isso. É só que... minha família não sabe de nada.

— Eu sei. Você deu muitas pistas de que vivia uma vida dupla. Agora, se acredita mesmo em mim, quer conversar? — Não respondi, até porque não sabia se acreditava mesmo ou se estava movida por um sentimento que me trairia a qualquer momento. — Miranda, você quer conversar?

— Tudo bem.

— Ótimo! Vamos dar um passeio.

CAPÍTULO 15



— VOCÊ ENTENDEU TUDO O QUE TE DISSE? — ÉDER ACARICIAVA MEU ROSTO EM FRENTE AO FLAT EM que eu morava.

Depois da nossa conversa não me importava se o padrinho nos veria ou se alguém faria suposições. Ele era especial de tantas maneiras que espantava de mim qualquer medo. Poderia amá-lo com muita facilidade, contudo, o amor também possuía muitas variáveis e eu reconhecia que Patrício e Éder tinham parcelas diferentes do meu amor, contudo, o primeiro ainda era o homem que escolhi, enquanto o segundo seria uma lembrança gostosa que eu faria questão de levar para toda a minha vida.

— Você é muito mais do que ele. Nunca se esqueça disso.

— Não vou esquecer. Obrigada! — Beije seus lábios com doçura. Éder merecia uma despedida digna e justa.

— Pelo quê? — sussurrou.

— Por me fazer lembrar quem sou. — Ele sorriu e se afastou.

— Sendo assim... Disponha. Estou à disposição.

Desci do carro me sentindo leve. Tivemos uma conversa honesta e cheia de sentimentos. Tentei me lembrar de quando em minha vida consegui ser tão eu mesma com alguém e não consegui. Éder me fez relembrar dos meus propósitos. Eu não precisava me encaixar em um papel perfeito, pelo menos não em um que agradasse a Patrício ou qualquer outro homem.

Quem me escolhesse teria que merecer ser escolhido por mim, e se assim acontecesse, teria que me aceitar como sou, com toda a minha história, meus medos, e minhas escolhas. Só assim poderia viver um relacionamento honesto com alguém.

Só quando Éder foi embora me dei conta de que Patrício não era o meu maior problema. Não naquele momento. Ainda existia o problema de Charlotte e Alex. Peguei o celular e o liguei enquanto passava pela recepção, fingindo indiferença. Não estava disposta a dar satisfações a Vítor.

Johnny escreveu.

Ela já está em casa.

Respirei aliviada. Menos um problema. Contudo o meu coração não deixou de protestar por não haver mensagens do Patrício. Nada. Silêncio total.

Assim que entrei em casa dei de cara com o padrinho. Ele estava passando do escritório para a cozinha, levava alguns papéis nas mãos e parecia concentrado, tanto que nem olhou para mim. Porém eu tinha uma ideia em mente e precisava executá-la.

— Padrinho? — Ele virou em minha direção, surpreso com a minha presença.

— Oi! Chegou agora?

— E a madrinha?

— Ah, descansando, querida. Precisa de alguma coisa?

— Na verdade, preciso sim. O senhor tem alguns minutos?

— Não tenho, mas posso providenciar. O que precisa?

— De uma promoção. — Seus olhos se estreitaram me observando. — Na verdade... de uma garantia de promoção.

— Do que está falando?

— De uma pessoa muito legal que conheci e que trabalha no seu hospital. — Deixou os papéis de lado para prestar mais atenção em mim. — É um amigo querido, estuda fisioterapia, faz parte do grupo que distribui sopa que participo. — Esta informação o deixou mais relaxado. — E está estagiando no seu hospital. Sei que não é certo pedir por alguém que nem tenho noção se é mesmo um bom profissional, mas...

— Qual é o nome dele?

— Éder Medeiros Fagundes. — Tomou nota, escrevendo atrás dos papéis. — Não quero que seja favorecido. Posso garantir que ele é esforçado e ama o que estuda, então se ele tiver boas recomendações dos médicos que acompanham o seu estágio, teria como...

— Vou ver o que posso fazer. Mais alguma coisa? — Sorri agradecida porque era certo que o padrinho averiguaria e se Éder fosse tudo o que eu acreditava, sua vaga estaria garantida.

— Não, padrinho. Obrigada!

Dei um beijo em seu rosto, vendo-o corar igual a Charlotte, só que com menos intensidade. Depois o deixei livre para continuar com o seu trabalho porque eu precisava encontrar minha irmã e conversar e *conversar*.

Subi as escadas me sentindo bem como há muito não conseguia me sentir. Nem tudo estava perdido, Éder me fez acreditar. Eu não era um ser anormal que precisava se encolher para caber em uma sociedade menor do que tudo o que eu conseguia ser.

Charlotte estava no quarto dela, constatei ao me aproximar e ouvir o som do teclado e uma música baixa. Bati à porta e entrei sem esperar por permissão. Ela estava sentada com o celular na mão, o computador estava aberto sobre a cama. Assim que me viu deixou tudo de lado e me olhou com um sorriso forçado.

— Oi — sondei.

— Oi! Como foi?

— Você não deveria estar na prova do vestido? — Charlotte desviou o olhar, pegou o computador colocando-o no colo. Ela tentava encontrar uma maneira de me dissuadir a buscar a verdade.

— Estava com cólica — falou sem muito interesse fingindo ler o que estava na tela. — Também tive uma ideia ótima e precisava escrever antes que ela sumisse da minha cabeça.

— Sério?

— Hum, hum!

Fiquei observando a minha irmã digitar com rapidez, contudo, podia jurar que ela apagaria o texto assim que eu saísse do quarto. Charlotte não estava nada bem. Seus olhos vermelhos eram um grande indício do seu problema.

— E Alex?

— O que tem Alex? — No mesmo instante ela parou de digitar voltando a me olhar com apreensão. Dei de ombros.

— Johnny me disse que vocês brigaram hoje lá na faculdade. Alguma coisa envolvendo o Henrique. — Sentei na beira da cama, percebendo seu rosto ficar corado e seu aborrecimento aparente pelo fato de Johnny ter me contado o ocorrido.

— Não foi nada. — Voltou a digitar como se estivesse dando o assunto por encerrado.

— Vocês brigaram.

— Uma bobagem. Nada demais. — Riu sem conseguir me convencer. — Já está tudo bem.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Charlotte não voltou a me olhar. Ficou lá, fingindo estar em seu surto criativo enquanto eu fingia acreditar no que ela dizia. No fundo eu sabia que ela estava mal, acontece que se minha irmã não queria conversar e desabafar sobre os seus problemas, eu, mesmo me entristecendo por não ser mais a pessoa para quem ela corria quando algo ruim acontecia, precisava respeitar.

— Certo. Vou ficar no quarto se precisar de mim para... conversar. — Ela apenas concordou com a cabeça sem me olhar.

Entrei no quarto, decidida a entender aquela história e descobrir o motivo para Charlotte precisar mentir para mim. Só havia um jeito de saber o que de fato aconteceu: Patrício.

Peguei o celular, respirei fundo, repensei a decisão e acabei tomando coragem. Disquei o número e aguardei. Chamou, chamou, chamou e deu caixa postal. Meu coração acelerou. Patrício não atendeu. Ele não queria mais falar comigo.

Andei pelo aposento, angustiada. Claro que existia a possibilidade de ele estar no trânsito, ou de estar em uma reunião importante, ou até mesmo de não ter ouvido a ligação. Existiam várias desculpas, contudo, minha mente só gritava que ele estava transando com a namorada e por isso ignorou a minha ligação. Era isso.

O babaca tinha uma namorada, mas ficava atrás de mim querendo conversar sobre sabe Deus que assunto. Estava todo apaixonado, só que não me deixava em paz. Que raiva!

Eu nunca mais o procuraria. Evitaria Patrício com todas as minhas forças. Daria o meu suor e sangue para mantê-lo distante e... o telefone tocou. Olhei o visor sentindo o coração acelerar ao ver o nome dele. Atendi no mesmo instante esquecendo todas as promessas que fiz um segundo antes.

— Patrício.

— *Miranda.* — O silêncio em seguida me deixou com mais raiva.

— Por que não atendeu? — cobre sem deixar de demonstrar a minha apreensão. Ele continuou calado por mais dois segundos torturantes.

— *Estava no banho.* — Meus ombros relaxaram e um cansaço me abateu fazendo-me sentar na cama. Aquilo não poderia ser natural. — *O que quer?* — Não foi grosseiro nem raivoso, no entanto, se mantinha frio.

— Descobriu alguma coisa? — Ele riu baixinho.

— *Onde está Charlotte?*

— Aqui em casa. Por quê?

— *Ela não te contou?* — Revirei os olhos.

— Se ela tivesse me contado por que eu estaria te ligando?

— *Tem razão. Sua necessidade de proteger a sua irmã é mais forte do que as suas necessidades físicas, não é mesmo?*

— Do que está falando?

— *Ou você se colocou em primeiro lugar e depois, mais tranquila, decidiu cuidar de Charlotte?*

— Patrício, não estou...

— *O seu amigo. Ele também estava te ajudando a procurar pela irmã fujona ou vocês só foram atender às suas necessidades?*

Deus! Ansiosa demais para descobrir a verdade sobre a briga de Charlotte e Alex, acabei esquecendo que deixei Patrício para trás, saindo com Éder. E como esqueci que Patrício não deixaria tal fato passar em branco eu não fazia a menor ideia.

— Éder é só um amigo.

— *Todos são, Miranda.*

— Você não pode me cobrar nada. Por que não cobra satisfações da sua namorada?

— *Porque eu estava lá. Fui atrás de você. Estou tentando fazer você me ouvir e entender a nossa situação, mas sabe? É tudo em vão. Você continua se divertindo como bem entende.*

— Éder é só um amigo. Se não quiser acreditar o problema é só seu.

— *Assim como é um problema seu não saber o que aconteceu com a sua irmã e o meu irmão. Aliás, engraçado como todos lutam para provar que Charlotte é uma santinha e ela mesma joga tudo por terra. Por essa ninguém esperava.*

— Você não vai me contar? Idiota!

— *É, acho que sou mesmo. Tchau, Miranda!*

— Pare com isso! — gritei exaltada. — O que espera ganhar com essa babaquice toda?

— *De você? Mais nada.*

— Patrício, você não pode me cobrar satisfações. Nós não somos namorados.

— *Percebi.*

— Que droga! Você fica atrás de mim o tempo todo querendo conversar, querendo resolver e quando tem a chance de fazer algo legal prefere estragar tudo. — Comecei a andar pelo quarto me sentindo sufocar.

— *Eu estava lá para conversar e você nem me deixou falar, preferiu entrar no carro dele a me dar uma chance.*

— Que chance? Você está confundido tudo. Os problemas dos nossos irmãos nem deveriam estar misturados aos nossos problemas. Isso é injusto. É por isso que não converso com você, é por isso que me mantenho distante.

— *Acorde, Miranda!* — falou um pouco mais alto. — *Você não está se mantendo distante, você está se enganando. E não vou mais ter esta conversa. Vou desligar.*

— Não desligue! — Meu coração acelerado me colocava em uma posição tão frágil que me angustiava ainda mais.

— *Não quero ficar discutindo pelo telefone. Aliás, nem quero discutir, então se essa é a sua intenção...*

— Minha intenção? Você que está escondendo de mim a verdade só porque está aborrecido por eu ter conhecido outra pessoa.

— *Eu vou desligar.*

— Por que faz tanta questão de ser um imbecil?

— *Porque não quero ficar conversando por telefone. Se quer, finalmente, ter esta conversa, venha aqui na minha casa e conversamos. Por telefone não quero mais.*

— Eu nem sei onde é a sua casa! — esbravejei sentindo que estava caindo em alguma armadilha.

— *Vou compartilhar a localização com você.*

— Mas, Patrício...

— *Até mais.*

Ele desligou sem me deixar terminar. Logo em seguida uma mensagem chegou com o link da sua localização. Respirei fundo sabendo que teria que ir e não era mais por Charlotte.



Ele abriu a porta mantendo uma postura séria. Não havia nada do menino abusado por quem me apaixonei. Patrício saiu da frente me deixando passar. Parei no meio daquela sala

linda, muito bem planejada e organizada.

— Onde estão os seus pais?

— Saíram. Vão demorar a voltar. — Dei um passo me afastando dele assim que me dei conta de que se os pais dele não estavam em casa tudo poderia acontecer.

— E você me faz vir quando os seus pais não estão?

— Qual é o problema? — Passou por mim como se não houvesse qualquer problema naquele detalhe. — Eu moro aqui, recebo quem quero sem precisar da autorização deles.

Patrício estava chateado, não irado ou pronto para trocar ofensas. Pelo contrário, demonstrava estar cansado. Andou até o sofá e sentou largando o corpo de maneira relaxada.

— Você transou com aquele cara? — Mantive-me de pé, encarando aquele garoto confuso que me fazia perder a paciência.

— Isso não vem ao caso. — Ele descansou os braços nas pernas e me encarou.

— Transou ou não?

— Não é da sua conta. — Patrício umedeceu os lábios e me avaliou.

— Charlotte beijou o tal do Henrique. Alex chegou na hora e a confusão foi armada. Foi isso o que aconteceu. Agora, você transou ou não com aquele cara?

— Charlotte beijou o Henrique? Mentira!

— Não é mentira. O próprio Alex contou ao João que me contou.

— Charlotte jamais beijaria o Henrique. Ela teve muitas chances antes do Alex entrar na vida dela e nunca quis, então alguma coisa está errada nesta história.

— Pouco me importa, Miranda. Esse é um problema do Alex e não meu.

— Você não entende que esse mal-entendido pode separar os dois? — Patrício ergueu a sobrancelha e sorriu.

— Mal-entendido? Então Alex chega à faculdade e encontra os dois se beijando, porém não é o que parece ser?

Fiquei confusa. Charlotte nunca beijaria o Henrique, eu podia sustentar esta certeza. Mas o que de fato aconteceu? E como eu poderia saber se nem a própria Charlotte quis me contar?

— Ele pode tê-la beijado. — Andei pela sala, pensativa. — Claro! Henrique sempre foi apaixonado por Charlotte e agora, com o fim da faculdade, resolveu arriscar. Só pode ter sido isso. Eu conheço Charlotte e sei que ela não faria uma besteira dessas. Não colocaria o relacionamento dela com um homem como Alex, por uma figura sem qualquer sal como o Henrique. — Ele me olhou desconfiado, porém preferiu não comentar. — Foi isso o que aconteceu.

— Acredite no que quiser, Miranda.

— Vou fazer isso. Agora que já conversamos...

— Ah, não! — Levantou me alcançando muito rápido. — Você não vai embora sem conversar direito comigo.

— Acabamos de conversar. — Suas mãos em mim, me mantendo perto o suficiente para me fazer sentir a saudade ser cobrada, começavam a tirar a minha capacidade de fugir.

— Não conversamos. Você não me disse o que aconteceu hoje à tarde. — Encarei seus olhos castanhos tão claros e me apaixonando ainda mais. Como podia?

— Isso importa?

— Importa.

— Você não pode ter essa posse, Patrício. E a sua namorada?

— Para de falar besteira! — rosnou me puxando mais para si. — Por que está fazendo isso? Por que está fazendo de tudo para me afastar?

Eu não queria, mas meus olhos ficaram cheios de lágrimas. Depois da conversa que tive com Éder, comecei a entender que minhas escolhas não deveriam me envergonhar. Era demais para uma sociedade tão hipócrita, e, principalmente, era demais para a minha família. Só que não deveria ser demais para alguém que quisesse viver ao meu lado.

Reconhecia o meu erro pelo envolvimento com Moisés, não pelo que aceitei viver com ele, mas por não me preservar mais, permitindo que chegasse ao ponto que chegou. Se eu queria fazer as minhas escolhas tinha que zelar por elas.

O problema estava no fato de que, eu sendo o que era, cairia como uma bomba em cima de Patrício. Ele não suportaria, por mais atrativo que fosse. E para ser bem franca, eu não conseguia enxergar a junção dos dois lados. Era como água e óleo. Porque eu não suportaria estar em meu mundo com ele, muito provável por causa do amor e toda a sua posse estranha e incoerente, assim como não suportaria viver com ele sem ter o meu mundo.

Uma escolha excluiria a outra. Não havia alternativas.

Era a hora de ser franca com Patrício e acabar de uma vez por todas com aquela confusão.

— Eu não queria que fosse assim — minha voz saiu fraca e baixa. Arranhava a garganta como se cada letra possuísse espinhos, me impedindo de fazer o que eu pretendia. — Não quis aquela mentira, mas depois... — Ele me soltou sem se afastar, seus olhos fixos nos meus em uma intensidade desconcertante. — Depois eu quis. Não pensei... não imaginei que fosse acontecer o que aconteceu.

Toquei o seu rosto com carinho. Patrício fechou os olhos aceitando o meu toque. Ele virou o rosto em direção à palma da minha mão e depositou um beijo repleto de sentimentos.

— Eu já superei — sussurrou. — Fiquei assustado, mas já entendi, Miranda.

— Não, você não entendeu. Você... — Um nó impedia que as palavras saíssem, como se suplicasse para que não dissesse mais nada, para que não colocasse um fim em tudo. Outra vez. — Eu não queria que acabasse, só que acabou e nós dois precisamos compreender de uma vez por todas.

— Por quê?

— Porque não sou o que você quer. Não quero ser o que você quer porque quero ser eu mesma. Eu sou uma peça que não se encaixa no seu quebra-cabeça, entendeu?

Patrício ficou me olhando sem nada dizer. Seus olhos vasculharam meu rosto, suas mãos me tocaram e ele se aproximou com cuidado. Sem entender o que pretendia, permiti que seus lábios tocassem os meus com uma delicadeza que me desarmou.

— O que está fazendo? — sussurrei sem forças.

— Estou me despedindo de você — sussurrou em resposta.

Eu poderia me afastar, impedi-lo de me beijar, de me tocar da forma como fez. Poderia dizer que ele não havia entendido nada, que era o fim e que não poderíamos mais agir daquela forma. Mas não quis. Não quis desfazer o beijo, nem afastar suas mãos de mim, muito menos me esquivei quando segurou a minha mão e me conduziu escada acima até o seu quarto.

Eu não quis ir embora sem aquela despedida. Porque se eu queria viver as minhas escolhas, iria começar a fazê-las ali, escolhendo transar uma última vez com o homem que eu amava.

Patrício não disse nada, o que não me abalou nem por um segundo. Eu não precisava mais de palavras, precisava dos gestos, do amor que não viveríamos e do carinho que passou a existir entre a gente e que nunca mais nos deixaria.

Ele abriu a porta e me conduziu para dentro do quarto, trancando-a. Logo em seguida voltou a me beijar, com cuidado, lento, maravilhoso. Retribuí o beijo seguindo o seu ritmo, aceitando que fosse como ele queria. Nossas bocas provavam e se exploravam com tanto desejo que cheguei a esquecer de todo o resto enquanto aproveitava aquela língua perfeita em minha boca.

As mãos dele ficaram mais exigentes, segurando meu rosto, escorregando pelas laterais, apalpando meu corpo e voltando até me manter firme em sua boca mais uma vez.

Enquanto isso eu me prendia a seu corpo, colando-nos como um só, me esfregando no mesmo ritmo lento do nosso beijo e sentindo o seu pau já todo duro dentro do short solto que vestia.

Quando Patrício investiu mais pesado e abaixou a alça do meu vestido, tocando meus seios descobertos, tomei a mesma iniciativa e enfiei minha mão dentro do seu short para segurar seu pau. Deus, como eu sentia falta dele! Ele gemeu forte, fechando os olhos, apoiando a testa em meus seios por alguns segundos sem conseguir reagir enquanto eu manipulava seu membro com movimentos masturbatórios.

— Ah, Morena! Eu nunca vou esquecer o seu toque — rosnou voltando à ativa.

Seus lábios desceram até meus seios, chupando ora com delicadeza, ora com força, me excitando ao extremo. Eu de fato gostava da sua boca em mim. Gemi sem qualquer medo.

— Nunca vou esquecer o sabor dos seus seios — proclamou em seu devaneio erótico.

Então sua mão desceu até o meio das minhas pernas e seus dedos afastaram a calcinha, conferindo a minha umidade. Gememos juntos enquanto ele esfregava os dedos em mim sem

qualquer pudor e brincava com meus seios com a ponta da língua.

— Nunca vou esquecer o seu sabor, Morena.

Dizendo isso se ajoelhou à minha frente e sem me dar qualquer chance de reagir, levantou minha perna, colocando-a em seu ombro, me invadindo com a sua língua. Joguei a cabeça para trás me permitindo e me abri em sua boca fantástica.

Patrício me lambeu e me sugou com tanta propriedade que o orgasmo começou a avisar que chegaria. Segurei sua cabeça, e rebolei fazendo-o me alcançar como um todo. Seus lábios se fechavam em minha vagina me sugando, chupando com vontade para logo em seguida sua língua entrar em mim, roçando minhas paredes sensíveis.

Então sua mão desceu por trás, apalpando minha bunda e descendo até minha entrada onde seu polegar me invadiu ajudando a me enlouquecer, porque com seu dedo fazendo o trabalho da penetração, sua boca ficava livre para dar atenção a meu clitóris, já inchado e implorando por alívio.

Fechei os dedos em seus cachos e parei de rebolar aceitando os seus movimentos em mim. Com a mão espalmada em minha bunda ele tinha acesso livre, por isso outro dedo começou a acariciar meu ânus, me estimulando ainda mais. Mordi os lábios, começando a sentir que meu ventre se contraía anunciando o orgasmo que, com toda certeza, seria maravilhoso, afinal de contas, sempre foi gostoso gozar na boca daquele menino encantador e atrevido.

Mas o ponto forte foi quando ele subiu a outra mão alcançando um seio, acariciando-o, seus dedos lá embaixo continuavam a me torturar e seus lábios se fecharam em meu clitóris, mamando-o.

Eu rompi em um orgasmo delicioso, que lambeu meu corpo e me deixou fora do ar por longos e mágicos segundos. De olhos fechados eu me movia com lentidão em sua boca, saboreando cada mínimo espasmo de prazer, até que acabou e meu corpo se regozijou.

Ele levantou, ainda sério, concentrado. Primeiro segurou o meu vestido e o levantou, depois retirou a minha calcinha e me deixou nua, só com as sandálias altas. Então começou a tirar as próprias roupas. Tirou a camisa, exibindo um corpo lindo, delicioso, que eu conhecia com detalhes; depois puxou a bermuda para baixo revelando a ereção que eu tanto desejava.

Era certo que um orgasmo nunca era o suficiente para me satisfazer, contudo, com Patrício nunca ficaria satisfeita. Meus olhos viam tudo e me deixavam gulosa, ansiosa, pronta para quantas rodadas ele conseguisse me proporcionar. E ele nunca decepcionava.

Patrício se aproximou outra vez e me puxou para um beijo selvagem, cheio de posse, de desejo e desespero. Eu o entendi porque dentro de mim a tempestade estava formada. Eu queria tudo ao mesmo tempo e ainda assim não queria que nada acontecesse rápido demais, queria que o tempo parasse e nos permitisse viver aquela noite.

— Vem cá. — Ele me puxou em direção à cama. Eu não queria que fosse daquela forma.

Soltei meu braço e coleí nossos corpos. Ele me beijou com paixão, acariciando minha bunda. Corri as unhas pelo seu peitoral e desci em direção àquele “v” tão atrativo, segurando

outra vez o seu pau para masturbá-lo.

— Ah, Morena! — gemeu rouco demonstrando o seu prazer.

Desfiz o beijo e me ajoelhei à sua frente. Patrício arfou sem me impedir. Pelo contrário, segurou o pau esperando que meus lábios estivessem nele e foi o que fiz. Olhando em seus olhos o coloquei em minha boca, recebendo-o aos poucos. Patrício fechou e cerrou as pálpebras e suprimiu um gemido. Rolei a língua em seu pau e o suguei, puxando-o para dentro enquanto o retirava com a mão. Patrício vacilou e segurou minha cabeça, mas eu não deixaria que ditasse o meu ritmo. Eu sabia o que e como fazer.

Chupeí com vontade enfiando-o na boca, às vezes com mais rapidez, e às vezes só acariciando, testando o seu limite. O gosto do seu pré-goço já ativava minhas papilas e a minha vontade de dominá-lo acabando o assunto ali mesmo. Contudo não era o que eu faria, até porque meu corpo pedia por mais e Patrício precisava estar ativo para me atender.

Revezei as chupadas firmes com os movimentos masturbatórios com a mão, roçando a cabeça do pau em minha língua, só para atiçá-lo. Patrício não se rendia, aproveitava o que lhe oferecia mantendo-se firme, controlado. Até que o empurrei bem fundo na garganta, deslizando-o entre meus lábios fechados. Patrício gemeu alto, estocou três vezes e se afastou sentando na cama.

— Porra, Miranda! — Sorri levantando sem deixar de olhá-lo. — Taí uma coisa que nunca vou esquecer. Essa sua boca esperta pra cacete.

— Você não vai me esquecer e ponto final.

Caminhei em sua direção vendo aquele seu sorriso atrevido se apresentar. Ele levantou a mão e me segurou pela cintura, me puxando para bem perto. Ele me olhou com lascívia, as mãos correndo meu corpo, tocando todas as partes, me acendendo.

— Eu não vou te esquecer e ponto final, Morena. — Aproximou-se com cuidado e iniciou uma série de beijos em minha cintura que arrepiaram minha pele me deixando louca. — Só que você também nunca vai me esquecer.

Fui surpreendida ao ser jogada na cama. Mal caí de costas no colchão, Patrício montou em mim me prendendo por completo. Suas mãos seguravam as minhas acima da cabeça. Ele me olhou outra vez com bastante desejo. Seus joelhos afastaram os meus, me deixando aberta. Facilitei abraçando seus quadris com as pernas. Ele sorriu com malícia levantando um pouco o corpo sem me penetrar.

— Você transou com aquele cara?

— É sério isso? — quase gritei desesperada. — Alguém já te disse que você escolhe os piores momentos pra conversar?

— Transou ou não? — Beijou o canto da minha boca, mordiscando minha pele. A voz rouca, carregada de tesão, parecia querer incendiar o meu corpo. Gemi deliciada.

— Não transei. Satisfeito? — Nos encaramos. Eu querendo acabar de uma vez por todas com a conversa e ele querendo encontrar a verdade em minhas palavras. — Não transei —

falei mais mansa sem conseguir me reconhecer. — Agora você pode, por favor, transar comigo?

— Por favor? — Estreitou os olhos me sondando. — Onde está a minha gata selvagem?

— Na casa da puta que... — Ele me penetrou com tudo, arrancando a minha vontade de brigar. Gemi alto enquanto ele abafava o gemido em meu pescoço.

Quando já estava todo dentro de mim, Patrício começou a se movimentar bem devagar, como uma dança sensual. Os quadris em um rebolado perfeito, indo e vindo, roçando dentro, depois fora de mim com rebolados mais curtos. Seu corpo todo trabalhando para nos manter naquela posição, suas mãos segurando as minhas que imploravam para tocá-lo.

Ele não parava, seus movimentos mudavam, trocavam de ritmo, voltavam ao início e recomeçavam e eu me sentia tocada por inteiro e preenchida, estimulada em todos os meus pontos, reagindo de todas as maneiras possíveis.

Nunca transamos daquela maneira. Eu sentia urgência porque o desejo estava causando um alvoroço dentro de mim, mas Patrício continuava aquela dança lenta e sensual, o corpo suspenso observando o meu enquanto brincava entrando e saindo, rebolando, encurtando a distância só para depois aumentá-la.

Estava gostoso demais!

Acompanhei da maneira como consegui, projetando meus quadris no dele, recebendo-o e roçando meu corpo no dele quando se colava a mim. Algumas vezes ele capturava meu seio com a boca, mordendo o bico, sugando, me fazendo gritar querendo mais.

Quando meu corpo formigou ameaçando explodir, senti seu peso sobre mim. Ele me abraçou com força buscando meus lábios, então gozei me agarrando a ele, me espremendo e apertando-o dentro de mim sem qualquer controle do que estava fazendo. Patrício tremeu e gozou também, se esfregando com força em movimentos curtos, até que todo o prazer fosse expelido.

Suados e ofegantes, ficamos deitados na sua cama. Suas mãos deixaram de pressionar meus pulsos, nossos dedos se cruzaram cúmplices. Ele suspirou pesado e levantou o corpo para aliviar o peso sobre mim. Abri os olhos vendo-o me encarar com um sorriso cheio de palavras que nunca seriam ditas.

Olhei ao redor, verificando o quarto, a cama, alguns resquícios da sua adolescência, me dando conta de que era a minha primeira vez em seu quarto e a última. Fui abatida no mesmo instante por uma tristeza que não deveria mais me atingir. Cansada de lutar contra, abracei Patrício com força, fechando os olhos. Ele riu baixinho e beijou meu rosto, meus olhos, meu nariz e meus lábios.

— Seus pais...

— Esquece os meus pais — sussurrou enquanto ainda me beijava.

— Qual a chance de já terem voltado para casa? — Patrício riu com vontade saindo de cima de mim, ficando ao meu lado. Passou a mão no rosto suado ainda rindo.

— Porra, Morena! Acho que cinquenta por cento de chance.

— Porra! E você fala isso assim? Rindo?

— Já passei da adolescência, Miranda. Meus pais sabem que faço sexo. — Estava pensando em levantar para pegar minhas roupas, contudo, não o fiz, voltando a olhá-lo.

— E você costuma fazer isso? Trazer mulheres para sua casa? — Ele sorriu com ironia.

— Meu quarto não é um templo como o seu, mas a resposta é não. Não com a frequência que está pensando e não com meus pais em casa.

— Idiota! — Dei um tapa em seu braço sem saber se me sentia aliviada ou enciumada.

— Ai! Você bate forte, sabia?

— Claro que sim. É por isso que bato. — Sem que eu imaginasse que ele faria alguma coisa, levei um tapa forte na bunda. — Ai!

— Eu também sei bater, só que prefiro acariciar. — Patrício me segurou pela bunda e me puxou de volta.

— Para! Seus pais podem estar no quarto ao lado.

— Impossível!

— Por quê? — Ele riu.

— Porque é o quarto da Lamara.

— Mas ela é casada!

— As filhas nunca deixam a casa dos pais. Nunca te disseram isso? — Olhei para meu ex-namorado com ironia.

— Pelo visto os filhos também não.

Patrício me soltou colocando os braços embaixo da cabeça, relaxado, nu e lindo. Olhei aquele corpo imaginando como seria nunca mais vê-lo tão sem pudores. Ele tinha razão, eu nunca o esqueceria.

— Preciso ir.

— Eu te levo. — Sua voz ficou séria de repente.

— Claro que não me leva. Eu vim sozinha, volto sozinha.

— Isso é bobagem.

— E eu digo o quê ao padrinho? Que estava com você, mesmo não sendo mais a sua namorada? — Ele sorriu sem se abalar. — Preciso mesmo ir. Não avisei a ninguém que estava saindo de casa. — Levantei da cama sem que ele resistisse. Peguei a calcinha, vestindo-a, depois o vestido e me olhei no espelho que tomava quase uma parede inteira. — Narcisista?

— Um pouco. Mas confesso que esse espelho tem uma ótima utilidade. — Piscou para mim me olhando através do espelho. Vesti a roupa e procurei minha bolsa.

— Tem certeza que não quer que eu te leve?

— Tenho. — Uma pontada de decepção me assolou. — Então... nos despedimos aqui?

Ele levantou e caminhou em minha direção. Seus olhos estavam doces e seu corpo majestosamente nu não se importava com a exposição. Suas mãos acariciaram meu rosto, segurando-o para que eu olhasse para ele.

— Nós já nos despedimos tantas vezes, Morena.

— Verdade. — Acabei sorrindo também. No entanto, não me permiti ter esperanças. — Você sabe que se isso não tiver fim vai acabar com um de nós dois, não é?

— Ou... — Se inclinou e me beijou com carinho. — Vai acabar de uma forma bem diferente do que imaginamos.

— Será?

— No dia que você descobrir o que sente. — Piscou travesso. — Vou tomar um banho. Vejo você em breve.

— Até mais, Patrício.

E ele foi para o banho, deixando-me para trás mais confusa do que o trânsito da Índia.

CAPÍTULO 16



*“Só uma palavra me devora. Aquela que meu coração não diz
Só o que me cega, o que me faz infeliz. É o brilho do olhar que eu não sofri.”*

JURA SECRETA – FAGNER

— NÃO ACHO RUIM CHARLOTTE TER CANCELADO A DESPEDIDA DE SOLTEIRA. EU SEMPRE SOUBE QUE não vingaria a ideia. Alex nunca permitiria que ela fosse a um clube de mulheres.

Johnny falava enquanto dirigia em direção à casa de Lana e João. Ele falava e falava e eu só conseguia me sentir cada vez mais incomodada. Era engraçado todos usarem os argumentos mais machistas possíveis para justificar o quão bom foi minha irmã ter cancelado a sua despedida de solteira enquanto eu sabia que nosso irmão gostava de frequentar casas de *strip* e que o noivo, Alex Frankli, já tinha desfrutado de uma noite na mesma casa de sexo que eu frequentava.

Quanta hipocrisia!

Quando Charlotte foi me avisar que queria cancelar o evento eu senti raiva. Não que acreditei que ela iria até o final com a ideia, mas por causa da situação. Ela não queria o futuro marido envolvido na sua própria despedida de solteiro, então achou melhor dar o exemplo.

Respirei fundo repetindo mentalmente que Charlotte era outra pessoa, que não éramos iguais e que cada um precisava ter as suas próprias escolhas. Ela era aquela garota romântica, que acreditava ter encontrado o príncipe encantado, enquanto eu era um espírito livre, desprovido de culpa e muito consciente do que realmente queria para mim.

— Você não deveria tentar virar a cabeça dela. Charlotte não é esse tipo de mulher, então pare de ficar enfiando minhocas na cabeça dela.

— Charlotte cria as próprias minhocas — resmunguei sem esconder o meu aborrecimento.

— Exatamente! — Ele alterou o tom de voz como se tivesse conseguido me levar ao ponto que queria. — Charlotte cria as próprias minhocas, não precisa das suas.

— Eu não fiz nada!

— Claro! Só ficou resmungando que ela não deveria se deixar controlar com tanta facilidade e que Alex era um homem experiente que certamente aproveitaria do fato de ela ser tão frágil.

— Quem te contou isso? — Ele me lançou um olhar rápido e voltou a atenção para a pista. — Ela é uma fofoqueira.

— Ela só ficou assustada e você deveria imaginar que eu seria a pessoa com quem ela conversaria.

— E você sabe o porquê?

— Por quê, o quê?

— Porque ela te escolhe para conversar.

— Na certa porque eu sou mais maduro e menos severo do que você. — Ri com escárnio.

— Porque você é a porra do machista que entope a cabeça da menina com conselhos errados.

— Eu o quê?

— É o que você é!

— Ok! Não vamos brigar. Você é louca e todo mundo tem esta noção.

Preferi ficar calada e conferi mais uma vez a minha maquiagem no espelho. Eu devia ter ficado em casa, mas como poderia justificar a minha ausência em um jantar oferecido à minha irmã? A verdade era que eu tinha muitas justificativas, Patrício era uma delas, só que eu não podia utilizá-la, pois Charlotte jamais me perdoaria. Então eu aceitei resignada, até Johnny começar a encher o meu saco e me fazer ter vontade de socá-lo.

Fingi não perceber o sorriso cínico que ele exibia, virando o rosto para a rua e me incumbindo de contar quantos postes passavam. A voz irritante do GPS indicava que pegássemos a primeira à esquerda, em uma rua iluminada e pouco movimentada. Imediatamente a sensação de que já conhecia aquele lugar começou a me incomodar.

— Você já esteve aqui antes? — perguntei a Johnny tentando encontrar de onde vinha a recordação.

— Não. Eu não. — Ele diminuiu a velocidade, aceitando tudo o que a voz indicava. — Você já?

— Na casa de Lamara? Não. Mas esta rua não é estranha.

— Eu não disse que você é louca?

— Vá se...

“*Você chegou ao seu destino*”, a mulher irritante me impediu de xingá-lo. Eu conhecia aquele lugar. Olhei o prédio através da janela percebendo que a certeza só crescia. Johnny estacionou, saímos do carro e a certeza deu uma esfriada ao perceber que eu nunca tinha caminhado por aquelas ruas. Que estranho!

Na portaria demos os nomes e nossa entrada foi liberada automaticamente. Não, eu nunca tinha estado naquele prédio antes, então por que estava com aquele frio no estômago? Tudo naquele espaço, enquanto aguardávamos o elevador, era novidade até que as portas se abriram e as lembranças me cercaram me sufocando.

Patrício.

Eu me lembrava daquele elevador, da tensão e da expectativa enquanto subíamos para o... porra, era o apartamento do “amigo dele”. Que filho da puta! Patrício me levou para a casa da Lana, transou comigo no sofá, me levou para um dos quartos... que cretino! Como ele pôde?

— Olha, não fique aborrecida comigo. Eu não conheço ninguém neste jantar e se você não conversar comigo vai ser um saco — Johnny falou imaginando que meu incômodo era por causa da nossa pequena briga.

— Converse com Charlotte — pirraei.

— Miranda! Charlotte vai estar ocupada, sendo apresentada para os amigos do Alex, passando vergonha e corando até não conseguir mais. — Eu tive que rir mesmo me sentindo péssima por ter aceitado ir até aquela casa com Patrício e feito tudo o que fizemos.

Porra, nós transamos na porta da casa dela! Quer dizer... Patrício me fez gozar naquela porta. Mordi os lábios sentindo o corpo aquecer com as lembranças. Mesmo assim não dava para me sentir confortável com algo deste tipo. Lana é irmã dele! Não é justo que Patrício se sinta à vontade para levar mulheres desconhecidas para a sua casa.

E só a ideia de ele poder levar mulheres, no plural, para aquela casa, já revirava o meu estômago.

— Vamos lá, melhore esta cara — Johnny continuou quando a porta do elevador abriu.

De nada adiantou o seu pedido, pois eu me senti ainda pior ao encarar aquela porta e perceber que o que fizemos foi errado e desrespeitoso. Eu estava péssima!

— Será que Charlotte já chegou?

— Eu acho que não — resmunguei. — Ela teria enviado uma mensagem perguntando onde eu estava.

— Verdade. — Johnny tocou a campainha visivelmente desconfortável. Tive que me sentir solidária; eu também não estava nada bem. — Bom... — Ele me olhou com um sorriso imenso e piscou. — É hora do show! Vamos vestir as nossas fantasias de melhores irmãos do mundo e fazer a nossa Charlotte uma garota feliz.

Forcei um sorriso e ele gargalhou, então a porta foi aberta por uma empregada da casa que logo nos deu passagem para a sala grande que eu bem conhecia. Meus olhos foram direto para o sofá. O ar ficou retido nos pulmões enquanto eu era atingida por uma vergonha que até desconhecia ao observar que duas mulheres estavam sentadas exatamente onde transei com Patrício.

E de nada adiantou evitar olhar para o sofá, pois quando desviei os olhos para o lado, encontrei a mesa. Deus, aquela mesa! Eu podia jurar que estava corada, pois sentia o rosto esquentar. Agradei a minha cor que impedia que meu corpo me entregasse. Mas aquela mesa, repleta de deliciosas guloseimas, foi cenário para um filme escandaloso. E as pessoas comiam ali. Lana e João comiam naquela mesa todos os dias.

Meu Deus!

Este era um dos motivos para eu nunca levar ninguém em minha casa. Eu jamais conseguiria ver a madrinha sentada no sofá se eu tivesse transado nele, ou conseguiria jantar na mesma mesa caso ela tenha servido de apoio para alguma estripulia.

— Você está bem? — Johnny sussurrou ao meu ouvido.

— Não — resmunguei quando Lana apareceu no meu campo de visão —, mas tenho que ficar.

— Vocês chegaram. Graças a Deus! Charlotte e Alex ainda não apareceram.

Lana estava linda em seu vestido prata, discretamente brilhante, com o cabelo alinhado, penteado elegantemente. E ela se movimentava com muita classe. Sorrimos uma para a outra e trocamos beijinhos enquanto João apertava a mão do Johnny.

— Você está linda, Miranda! — ela disse estreitando os olhos. — Patrício já está aí. — João revirou os olhos e me deu dois beijinhos.

— Ela nem entrou, Lana — repreendeu a esposa me fazendo rir.

— Venham, vou apresentá-los a alguns amigos. — Lana me segurou pela mão e me conduziu até o primeiro grupo, Duas mulheres sorridentes e um rapaz conversam.

— Carmem, Letícia e Ronaldo — nomeou as pessoas que prontamente pararam para nos conhecer. — Esses são Johnny e Miranda, irmãos de Charlotte.

Fomos educadamente apresentados e todos pareciam muito gentis, conversando e nos parabenizando. Contudo a conversa sempre girava em torno do mesmo tema: como eles conseguiram namorar e noivar sem que ninguém conhecesse Charlotte? Esse era um mistério que nem eu descobriria. Porque se Alex tinha amigos tão íntimos para estarem naquele jantar, por que nunca apresentou nenhum deles a Charlotte?

— Marta e Lidianne também são do meio literário — Lana falava já em outro grupo de amigos. Corri meus olhos pela sala sem conseguir evitar as lembranças quando o encontrei.

Patrício estava próximo à varanda, cercado por três mulheres, uma delas completamente jogada nele, segurando seu braço com intimidade. Não havia como ser indiferente à cena. Eles conversavam, as mulheres riam me irritando a um nível insuportável.

Eu pensava que não podia ficar pior, só que ficou. Enquanto uma das mulheres falava, ele levantou os olhos e me encontrou. Nem por um segundo eu vi incômodo por estar tão à vontade com outra mulher em minha presença. Pelo contrário. Patrício levantou a taça em sua mão e me ofereceu um brinde silencioso.

Que cretino!

Então aquela era a namorada? Aquela menina baixinha, com cabelo de mechas amareladas e um corpo simplório era a mulher que estava deixando Patrício tão confuso?

— Aqui. — Johnny me ofereceu uma taça de champanhe. — O que está achando?

— Uma merda! — Ele riu chamando a minha atenção. Olhei ao redor e percebi que estávamos sozinhos. Graças a Deus!

— Tudo isso por causa dele?

— Dele quem? — João Pedro se aproximou. Por dois segundos tive vontade de revelar que já estive ali antes e tudo o que o cunhado dele era capaz de fazer para abusar da confiança deles. Porém preferi beber e ficar calada. — Aquela garota é ex de Patrício, mas ela se enturmou bem com as garotas e acabou ficando no nosso grupo de amigos — revelou sem qualquer cuidado. Revirei os olhos e dei as costas às pessoas que ele apontava.

— Que bom que ele consegue ficar bem com as ex — resmunguei e Johnny riu. Era uma ex que logo seria promovida a atual, ou que já era, mas João não tinha esta informação. —

Será que Charlotte vai demorar muito pra chegar?

— Eles devem aparecer a qualquer momento — João falou conferindo as horas. Depois olhou para frente e sorriu. — Eu não falei? — Olhei na direção que ele olhava e vi Charlotte entrando com Alex, o rosto afogueado, o pescoço com marcas vermelhas que indicavam que certa barba por fazer havia se aventurado por ali.

Que safada!

Rapidamente dirigi o olhar para Johnny que estava com os olhos estreitos e uma expressão de quem não acreditava no que via, mas ele exibia um sorriso zombeteiro, e confesso, foi muito fácil sorrir ao imaginar uma Charlotte capaz de fazer loucuras com o noivo. Nem tudo estava perdido.

Ela foi apresentada a todos, ficando, como sempre, muito tímida, o que ajudou a encobrir os seus deslizos, já que o rosto ficava tão vermelho que fazia com que todos acreditassem que as demais marcas eram pelo mesmo motivo.

— Graças a Deus! — ela sussurrou quando conseguiu se aproximar de nós. Alex ao seu lado, como não podia deixar de ser. Lottie se inclinou para me abraçar e eu, discretamente, recuei com um sorriso escroto.

— Não sei se posso te beijar. — Ela maximizou os olhos sem entender a minha recusa. Fiz questão de me aproximar confidente. — Não sei o que você estava fazendo com essa boca, aliás, com essas mãos também.

— Miranda! — ralhou ficando ainda mais vermelha. Comecei a rir. — Você é... inacreditável! — Mas ela riu deixando o noivo curioso.

Alex estava como sempre: pedante e insuportável. Ele logo puxou Charlotte para longe de mim, contudo, de onde estava ficava me monitorando, assim como fazia com o irmão, como se fôssemos duas crianças. Ele não tinha nada melhor para fazer?

Por falar em Patrício, ele se afastou das garotas e manteve-se entre os rapazes presentes. O problema era que os rapazes presentes estavam se empenhando em conversar comigo, o que realmente foi divertido.

— Então você se formou em Letras? — um deles, o branquinho de camisa polo, com um corte de cabelo estilo mauricinho, perguntou. Ele não escondia o quanto estava deslumbrado por mim. Coitado!

— Sim. Eu e Charlotte.

— Vocês são irmãs? — outro, com traços orientais, que sorria sem parar e não tirava os olhos do meu decote, inquiriu.

— Adotivas — confessei sem me abalar. Eu estava acostumada com aquela pergunta.

— Você também escreve? — o moreno alto com um corpo espetacular averiguou, me mirando da maneira que eu gostava. Quente.

— Não. Charlotte é a única escritora da família. — Johnny se mexeu incomodado ao meu lado. Ele também não estava nada satisfeito com as atenções masculinas voltadas para mim.

— Mas Miranda gosta de revisar os textos, não é mesmo? — Patrício se aproximou já entrando na conversa, demonstrando intimidade. O esforço que fiz para não demonstrar a minha insatisfação me cansou.

— Gosto sim. Com licença, Lana acabou de me chamar.

Saí de perto do grupo indo em direção a Lana que conversava com as duas mulheres que estavam no sofá.

— Miranda! Está tudo bem? Já comeu alguma coisa?

— Sim, está tudo ótimo! — Sorri fingindo estar adorando a reunião quando na verdade estava louca para fugir dali. — Onde fica o toalete?

Ela me indicou o caminho e aproveitei para me trancar no banheiro por alguns minutos e aproveitar a paz. Conferi meu celular, sorrindo para a mensagem do Éder dizendo que trabalharia no clube naquela noite e que o local perdeu o brilho sem mim.

Quando saí, tratei de ficar bem afastada daquele grupo, então passei pela mesa sem vontade de comer nada, mas fingi interesse. Depois, mantendo os passos lentos, me distraí com Charlotte em um grupo de três casais, rindo, o que era muito bom de assistir, já que minha irmã passou a vida fazendo questão de manter seu ciclo de amizade muito restrito. Uma prova disso era a inexistência de amigas naquele recinto.

Aventurei morder um salgadinho enquanto me distraí vendo as fotos sobre o aparador. Naquela noite estava escuro demais. Patrício tomou o cuidado de não revelar mais do que podia, e eu não estava muito atenta aos detalhes na manhã seguinte, quando finalmente revelei o meu nome para um garoto abusado e impertinente.

Sorri para as lembranças e confesso que me permiti ficar um pouco triste. Fazer o quê se eu estava de fato apaixonada? Fazia parte do pacote, sofrer e se sentir melancólica quando imagens de nós dois dançassem em minha memória.

— Boas lembranças? — A voz dele muito próxima de mim me puxou para a realidade fazendo-me estremecer.

Foram poucos segundos que me prendi naquele olhar cheio de promessas e precisei de muita força para voltar a olhar as fotos de Lana e João em várias etapas da vida dos dois. Com o coração acelerado e a respiração irregular não consegui responder nem mesmo com alguma coisa que o demovesse daquela ideia.

— Não trouxe a namorada? — rebati tentando me refazer. — Eu pensei que ela...

— Que namorada? Isso é invenção da sua cabeça.

— Mas eu pensei... eu... — Abri a boca para falar sem encontrar o que dizer. Patrício não perdeu a oportunidade.

— Pensou errado. Aliás, você pensa demais para o meu gosto.

— O quê?

— Você está linda, Morena — confidenciou esperando que ninguém estivesse prestando atenção em nós dois.

— E você deveria ter vergonha de falar comigo! — explodi subitamente incomodada demais.

Ele não tinha namorada. Ok! Eu deveria me sentir feliz? Não! Quer dizer... não, não deveria. A meta era esquecer aquele amor o quanto antes.

— Eu? Por quê?

— Como por quê? — Alterei meu tom precisando me afastar para me recuperar. — Como pôde me trazer aqui naquela noite? É a casa da sua irmã! — Patrício me encarou com divertimento, depois riu balançando a cabeça e bebeu da sua taça.

— Esse é o problema?

— Você é um cretino! — Ameacei me retirar quando ele me segurou com cuidado.

— João não se importa.

— E Lana? — A cara dele já revelava tudo. Lana não fazia ideia do que o marido e o irmão aprontavam. — Acho que preciso ter uma conversa com a sua irmã.

— De jeito nenhum, Morena! — Patrício se aproximou se impondo. — Você não vai sacanear o João desse jeito.

Merda!

— Agradeça a Deus por eu gostar do João Pedro — rosnei e ele abriu um sorriso espetacular. — Nunca mais se atreva a me trazer aqui com segundas intenções — falei sem pensar e só quando o seu sorriso se ampliou me dei conta da besteira que eu tinha dito.

— Pensei que já tínhamos nos despedido.

— Isso! Eu só quis dizer que... que...

— Patrício? — Johnny se aproximou nos interrompendo. Pela primeira vez consegui ser grata pela aproximação dele. — João está te colocando em maus lençóis. — Ele indicou com a cabeça o grupo em que o João estava, falando e rindo sem parar.

— Ah, não! — Patrício gemeu e saiu me deixando sozinha. Johnny ainda demorou um pouco, me olhando de uma maneira estranha.

— O que foi? — Fui rude, pegando-o de surpresa.

— Se quer mesmo afastá-lo deveria parar de demonstrar querê-lo por perto.

— Não fale besteira, Jonathan! Eu estava aqui quando ele apareceu.

— Só falei porque você disse que era isso o que queria, apesar de achar isso tudo uma baboseira. Você com ciúmes dele com as garotas, ele dizendo a uns amigos que vocês estão juntos, então...

— Ele o quê? — Eu ia cobrar satisfações, só que Johnny me manteve no lugar. Melhor assim. De nada adiantava ser impulsiva. — Eu não acredito que Patrício é idiota a este ponto.

— Foi uma defesa. O carinha ali está mesmo interessado em você. Estava enchendo o meu saco até que Patrício inventou a história e me livrou do problema. — O cara em questão era o moreno de corpo espetacular que sabia como olhar para uma mulher. Sorri.

— Eu deveria...

— Ir embora comigo — ele me cortou.

— Não! Não podemos ir embora. E Charlotte?

— Charlotte está muito bem assessorada. Vamos ser sinceros e admitir que isso aqui está um saco. Essa galera metida a intelectualizada não é bem com quem eu gosto de me misturar. Se você reparar bem, eu, você e Charlotte somos os únicos com menos de vinte e cinco anos.

— E daí?

— E daí que não quero ficar aqui sendo sabatinado por carinhas doidos pra te levarem pra cama e ignorado por mulheres que eu levaria para a minha sem qualquer problema. — Ri alto.

— Nós vamos ficar, Johnny — anunciei decidida quando Charlotte e Alex entraram em meu campo de visão descendo as escadas do apartamento acompanhados de Lana.

— Eu quero ir — ele disse um pouco mais baixo. — É sério!

— Charlotte não vai te perdoar — ameacei quando eles já estavam bem perto da gente.

— Nós já vamos — ela disse, fazendo com que Johnny me olhasse sorrindo satisfeito.

— Já? — Tentei encontrar uma desculpa sem saber o que poderia dizer.

— Eu disse que ainda é cedo — Lana protestou. — Mas Alex insiste que vai trabalhar amanhã. — Deu de ombros.

— Foi tudo lindo, Lana, obrigada! — Charlotte abraçou a futura cunhada e eu flagrei Alex me olhando desconfiado. Tive vontade de levantar o dedo do meio para ele.

— Vocês vão também? — ele perguntou me olhando diretamente. Eu nem tive chance de responder por que quando abri a boca para dizer não, Johnny se adiantou me impedindo.

— Vamos sim. Podemos descer todos juntos.

E eu podia acertar meu irmão com alguns tapas. Que droga! Olhei rapidamente para Patrício que estava inserido na conversa, rindo e fazendo barulho, atrapalhando o João de falar. Era uma droga ir embora enquanto ele ficaria lá, se exibindo, chamando a atenção daquelas garotas e... merda, Miranda! Não é da sua conta.

— Tudo bem.

Aceitei, cansada de colaborar com o meu sofrimento. Era melhor eu começar a me acostumar com aquela situação, afinal de contas, o casamento já estava bem perto e logo estaríamos trancafiados naquele rancho, sem muitas opções de como escapar.

Nós nos aproximamos das pessoas e começamos a nos despedir. Pude constatar que Charlotte foi muito bem recebida entre os amigos daquela família, o que era um excelente começo, já que eles não viveriam presos dentro de casa o tempo todo. Era uma grande mudança para a minha irmã.

— Já vai, mano? — Patrício perguntou com aquela voz estrondosa, apertando a mão do irmão.

— Já. Vamos trabalhar amanhã.

— Ficamos muito felizes com o convite, Alex — a garota que não cansava de se atirar para Patrício, e que João Pedro fez questão de me contar que era a sua ex, falou.

— Nós também ficamos. — Quase coloquei a língua para fora e forcei o vômito.

— Vocês também já vão? — Patrício perguntou para Johnny e logo em seguida me olhou.

— Vamos sim. Miranda está ansiosa, parece que tem outro compromisso. — Olhei alarmada para Johnny me perguntando por que ele foi idiota ao ponto de inventar mais aquela mentira.

— Ah, é? — Desta vez, Patrício falou diretamente comigo. — Um compromisso? — Conferiu as horas. — Não está tarde? — Ouvi uns risinhos abafados vindo de onde João Pedro estava.

— Não para mim — falei tentando me recuperar do choque. Patrício aprumou a coluna e manteve os olhos em mim, nada feliz com a sandice inventada pelo meu irmão.

— Vamos. — Alex foi quem fez o favor de quebrar o clima. — Vejo vocês amanhã.

Dei as costas e fui em direção à porta, morrendo de vontade de matar Johnny. Por que alguém sempre acreditava que podia se meter na minha vida? E o que ele achava que estava fazendo colocando mais fogo naquele problema? Se imaginava que eu queria Patrício longe, com certeza não fazia ideia de que inventar algo só o faria se aproximar.

Ai! Eu queria poder voltar no tempo e deixar tudo exatamente como estava. Não! Charlotte poderia viver o amor dela com Alex sem precisar da intervenção do meu anjo da guarda. Bastava modificar o meu encontro com Patrício e tudo estaria certo.

Entramos no elevador com os noivos, eu de um lado e Johnny com um sorriso irônico do outro. Eu queria matá-lo, só que antes precisava estar longe de Charlotte. Ela estava tão feliz e animada, segurando a mão de Alex e sorrindo com aquele brilho no olhar que me desarmava.

— Miranda? — ela me chamou com aquela voz doce assim que saímos do elevador. — Você vai sair mesmo? — Olhei de relance para Alex sem saber se deveria ou não dar continuidade àquela babaquice.

— Vou — acabei mentindo. — Só um passeio rápido com algumas garotas.

— Ah! — Ela abaixou o olhar e mordeu os lábios. — Eu... eu vou ficar um pouco na casa do Alex — revelou baixinho me fazendo sorrir.

— Tudo bem. — Ela sorriu e me abraçou. — Vejo você amanhã.

Minha irmã foi embora com o noivo e assim que a vi sair com o carro me virei para Johnny.

— O que estava pensando? — acusei. Ele riu.

— Exatamente nisso aí. — Apontou para algo atrás de mim. Virei antes que Patrício me alcançasse. Olhei outra vez para Johnny me dando conta do que ele tinha feito.

— Johnny...

— Oi! Que bom que encontrei vocês — Patrício falou ofegante, como se tivesse corrido para nos alcançar. Olhei para ele com desdém.

— Esqueceu alguma coisa lá em cima, Johnny? — Meu irmão riu.

— Não. E você?

— Na verdade eu queria falar com você — Patrício admitiu um pouco sem graça.

— Ah! E é tão urgente pra você precisar correr? — pirraei.

— É que... — Ele olhou para meu irmão, desconfiado. — Eu a levo para casa, Johnny.

— Tudo bem. — Johnny entrou no carro rapidamente sem me dar o direito de contestar.

— Ei! Não... — Patrício me afastou do carro permitindo que Johnny desse partida e fosse embora. — Johnny, seu... Argh! — Qual é o problema de vocês? — Patrício levantou as mãos com um sorriso debochado e se afastou.

— Meu carro está na garagem.

— E quem te disse que quero ir com você? Vou chamar um táxi!

— Não seja infantil. — Ele não estava aborrecido, nem arrependido do que fez.

— Eu sou infantil? Você perguntou o que eu queria?

— É só uma carona, Miranda.

— Para a minha casa? Eu não vou para a minha casa! — esbravejei raivosa.

— Tudo bem. Eu te levo para onde você quiser. — Colocou as mãos nos bolsos aguardando por mim.

— Ah, meu Deus! Você deveria ser estudado, Patrício!

Caminhei à frente voltando para dentro do prédio, cansada e ansiosa. Eu precisava de uma boa desculpa, algum lugar para ir, alguém para encontrar. Não podia simplesmente dizer que desisti do meu compromisso porque ele saberia que era mentira. E a verdade era que eu estava tão aborrecida que minha vontade era de pegar Patrício pelo braço e levar ao clube só para que ele entendesse de uma vez por todas quem eu era.

No entanto, desisti da ideia quando me dei conta de que ele precisaria de um convite para entrar, além do fato de ter certeza de que surtaria e eu nem conseguia imaginar o que seria capaz de fazer, faltando tão pouco tempo para o “felizes para sempre” da minha irmã. Ninguém precisava de mais problemas.

Entrei no carro, pensando em algum bar da Barra que fosse interessante passar alguns minutos, mesmo sem qualquer vontade de fazer isso.

— Então, para onde devo te levar?

— Você não vai gostar de saber. — Ele riu.

— Vai se encontrar com aquele cara?

— Não é da sua conta! Mas sim, ele estará lá. — Não olhei para Patrício para confirmar o impacto das minhas palavras.

— Eu preciso de um endereço.

— Você terá um. — Estendi a mão com um plano na cabeça. — O celular. — Patrício relutou um pouco, me entregando o aparelho sem nada dizer.

Digitei o endereço e dei início à viagem. Ele não podia entrar comigo e do lado de fora não faria a mínima ideia de para onde eu estava indo. Sorri satisfeita. Se Patrício acreditava que era só chegar e pegar estava muito enganado. Ele não fazia ideia do que eu era capaz.

— Não vai me dizer nada? — perguntou quando começou a dirigir.

— Pelo que entendi você queria me dizer alguma coisa. — Ele concordou ficando sério.

— E eu estou te levando para aquele cara.

— Para o local que ele está — corrigi.

— Você disse que eram só amigos.

— Disse também que existia um fim para nós dois. — Fui dura, eu sei, mas Patrício precisava daquelas palavras. Ele ficou calado por um tempo, até que eu imaginasse que não conversávamos sobre mais nada.

— Ok, Miranda! Eu vou ser direto com você.

— Por favor! — Fui cínica.

— Eu acho que já estou muito velho pra ficar nessa brincadeira.

— Que brincadeira?

— Essa! — Ele se exaltou, parou, respirou fundo e continuou com mais calma: — Isso que estamos fazendo é...

— Que você está fazendo.

— Ah, meu Deus! Se você não ajudar eu não vou conseguir — falou outra vez exaltado.

— Conseguir o quê?

— Falar! — praticamente gritou.

Em seguida fez-se um silêncio estranho no carro. Eu não entendia porque estávamos tão alterados, porém compreendia a maneira como ele estava se comportando. A respiração pesada, as ações impensadas, a necessidade constante de dizer algo que nunca conseguia, seja por uma ação externa ou por não conseguir colocar para fora o que havia dentro.

Eu conhecia aquela expressão sofrida, podia jurar que o coração dele estava acelerado, as mãos suadas e a boca seca. Se investigasse um pouco mais, conseguiria chegar à sensação nauseante, como se tivesse sido acometido por alguma doença estranha. Sim, eu conhecia todos aqueles sinais, porque era exatamente o que existia dentro de mim.

E como resposta, pude sentir meu próprio estômago revirar, minhas mãos suarem, meu coração apostar corrida com o dele e a sensação de que nada, nunca mais, voltaria para o lugar.

O pânico que me cercou conseguiu confundir minha cabeça. Uma coisa era eu ter me apaixonado por Patrício e saber que era uma situação perdida, e não apenas porque ele buscava a mesma liberdade que sempre lutei para ter, mas também porque compreendia que amá-lo em um mundo como o meu era ter problemas. Então foi muito fácil aceitar que seguiríamos em frente e apenas o meu coração seria massacrado.

No entanto, constatar que Patrício estava apaixonado por mim mudava tudo e deixava a nossa situação ainda mais complicada. Se eu não fazia ideia do que fazer com o que estava sentindo, como poderia lidar com o que ele sentia? E como funcionava uma relação onde os dois estavam apaixonados e, principalmente, como aceitar o amor dele quando eu sabia que o meu nunca conseguiria justificar o que eu era?

Saí de mim. Sempre achei que descobrir ter o amor correspondido me deixaria mais leve, feliz e sorridente. Mais ou menos como as princesas da Disney, que dançavam e cantavam com os pássaros. Só que não era nada daquilo. Descobrir o amor de Patrício caiu em meus ombros como chumbo, pesando insuportavelmente e me sufocando.

Eu precisava de ar.

— Pare o carro... — falei como pude, sentindo que a garganta estava fechando.

— O quê?

— Pare o carro! — gritei forçando o pouco do ar que ainda tinha nos pulmões.

— Miranda, o que você tem?

Mas eu não conseguia mais falar. Lágrimas grossas desceram dos meus olhos e eu não sabia mais se chorava por medo da morte diante de mim, do desespero por não conseguir respirar ou de medo do que seria dali em diante.

— Porra, Miranda! Fale comigo! O que você tem?

A voz dele ficava ao fundo, as imagens se chocavam e se misturavam à minha frente. Senti como se ele tivesse tentado me tocar, mas eu estava assustada demais. Parecia uma confusão de cores, imagens e dor que me tragavam sem me deixar perceber mais nada.

Então tudo escureceu e em questão de segundos iluminou como um asteroide entrando em órbita.

— Pare com isso! Por favor! — A voz dele estava distante, nervosa, contudo, baixa. — Miranda, fale comigo! — suplicou.

Forcei os olhos, observando aquele ponto de luz atrás do que deveria ser a cabeça de Patrício. Pisquei várias vezes tentando focar. Havia uma sensação estranha nos ouvidos, como se bolas de sabão estourassem e à medida que acontecia, eu ouvia com mais precisão.

— Miranda, está me ouvindo? Santo Deus! Ninguém atende a merda do celular.

— Eu... — Engoli com dificuldade me dando conta de que a garganta estava muito seca. — Eu estou bem.

— Graças a Deus! Graças a Deus! — ele gemeu desesperado. — Está me ouvindo? O que você está sentindo? Consegue me enxergar? O que aconteceu?

Tentei levantar percebendo que ele estava praticamente deitado sobre mim, me segurando em um abraço apertado.

— Você está... sai de cima de mim! — bradei. Imediatamente Patrício se levantou, mas não se afastando totalmente.

— O que aconteceu? — Puxei as lembranças em minha mente e senti dor de cabeça.

— Onde estamos?

— Na reserva. Você começou a passar mal, não conseguia respirar, tentou abrir a porta do carro em movimento e... caralho, Morena! O que foi isso?

— Eu... eu acho que... — Olhei para fora percebendo a escuridão e me dando conta de que a única luz que enxerguei vinha do painel do carro. — Eu acho que comi alguma coisa que me fez mal.

Rezei para que ele aceitasse aquela desculpa. A verdade era que eu sabia muito bem o que tinha acontecido, mesmo só tendo passado por isso duas vezes na vida: uma quando minha mãe morreu, melhor dizendo, uma semana depois, quando tive a minha primeira crise de pânico; a outra logo depois de... depois de resolver o problema que Thomas tinha deixado em minha vida.

Chegava a ser engraçado que nas duas eu me sentia vazia de amor e a terceira aconteceu justamente quando descobri que era correspondida.

— Você ia falando...

— Esquece o que eu ia falar, Miranda! Você precisa de um médico.

— O padrinho é médico — falei sem pensar. — Mas não precisa preocupá-lo com isso. Eu estou bem, só com... — Minha cabeça latejou. — Uma forte dor de cabeça.

— Vou te levar ao hospital — falou determinado ligando o carro.

— Não! — Ele ficou outra vez assustado e me encarou. — Eu estou bem. Juro!

— Você não está bem. Merda! Eu pensei que você tinha morrido. Tem noção de como fiquei?

— Imagino. — Sorri minimamente. — Desculpe por isso. Pode me levar pra casa?

— Claro que não!

— O padrinho está lá. — Tentei passar confiança. — Ele vai saber cuidar de mim. Por favor!

— Ah, droga! Então eu vou subir e acompanhar tudo.

— Não precisa! Como vou justificar estar voltando com você? — apelei.

— Não é hora para pensarmos na perseguição do Peter, você estava morta em meus braços.

— Não estava, Patrício. Está tudo bem agora. Eu só preciso de um analgésico e deitar um pouco. E se assustarmos a minha família, vamos prejudicar Alex e Charlotte. Nós não queremos isso.

— Você eu não sei, mas eu só quero não precisar passar por isso outra vez.

— Não vai passar. Agora me leve pra casa, eu preciso descansar.

Ele acabou concordando, mesmo contra a vontade e logo estávamos parando o carro em frente ao *flat*, sem saber como dar início mais uma vez àquela despedida.

— Você vai me ligar amanhã pra contar o que Peter achou disso — ele determinou me analisando com atenção.

— Certo. — Sorri me sentindo tímida. — Não vai mesmo me dizer o que queria? — Patrício ainda sério, escrutinou meu rosto e sua feição ficou mais calma.

— Era só... era que... — As palavras não saíam. Eu sabia bem como funcionava. Ele soltou o ar, passou as mãos no cabelo e desviou o olhar. — Era só que João Pedro vai fazer uma reunião amanhã na casa do Alex.

— Uma reunião?

— É! — Suas mãos foram para o volante com força. — É só uma reunião mesmo. Para os caras.

— Os caras?

Ok! Eu não deveria reagir assim, mas só de imaginar que o filho da puta do Alex convenceu Charlotte a não ter a sua despedida de solteira, só para enganá-la com aquele papo furado de reunião com os caras já fazia meu sangue latejar nos ouvidos.

— Vai ser só a gente mesmo, Miranda! — ele disse na defensiva.

— Com mulheres?

— Não! — respondeu rápido demais. — Nenhuma mulher. Johnny vai, inclusive. — Ia ter mulher. Que cretino!

— E o que eu tenho com isso? — Seus olhos se maximizaram.

— Bom... você é irmã da Charlotte, então...

— Desembucha! — rosnei.

— Não deixe ela pensar que vai ser algo tipo... você entende, né?

— Não! Mas não é um problema meu.

Só que era e eu daria um jeito de estragar tudo. Patrício não perdia por esperar.

— Se já falou tudo o que queria... Com licença. — Abri a porta do carro e saí antes que ele conseguisse me impedir.

— Ei! Vai me ligar amanhã, não é?

Subi as escadas sem olhar para trás, e sem saber o que fazer com aquela informação.

CAPÍTULO 17



*“Sou mais eu, sou joia rara, acredito no meu valor. Quando estou feliz sou purpurina.
Tenho alma de menina e uso a força da voz pra falar de amor.”*

ALMA FEMININA — DANIELA MERCURY

CHARLOTTE APARENTEMENTE REAGIU BEM À TAL REUNIÃO SÓ PARA OS CARAS. TENTEI PUXAR conversa, assim, como quem também não estava se importando, mas ela dava de ombros e desconversava. Durante vários minutos me questionei se fosse como ela, a pessoa que confia até que se prove o contrário, não seria muito melhor e saudável.

O problema era que eu tinha um histórico ruim com confiança em quem não merecia, então só passear pelo shopping, jantar, jogar conversa fora e assistir a dois filmes não era exatamente o que me deixaria tranquila naquela noite.

Falando em problema, Patrício era o meu entrave naquela noite, e não apenas porque ele estava na organização daquele encontro dos caras, mas porque fiz questão de não ligar para contar sobre o mal que me acometeu na noite anterior e nem assim ele me procurou para saber como eu estava. Nem uma mensagem.

E tudo isso depois de me dar todas as pistas de que estava apaixonado também. Ou eu estava enganada. Pode ser. Eu posso ter imaginado aquilo tudo, não seria a primeira vez que me enganava quanto aos sentimentos de um homem.

— A noite ontem foi boa, não foi? — Charlotte falou tentando outra vez engatar algum assunto.

Ela também estava muito calada, pensativa e estranha, apesar de continuar com a postura madura de quem não tem motivos para desconfiar do noivo. Entortei a boca sem querer dizer tudo o que realmente achava daquela noite, então ela riu.

— Não foi ruim — Charlotte disse e eu revirei os olhos.

— Lana estava feliz, você estava ótima, mas... — Remexi a comida com o garfo, perdendo todo o interesse. — Digamos que não era o meu ambiente.

— Ah, meu Deus! — ela disse sem perder o sorriso. — Não é tão fácil estar ao lado dele, não é? — Mordi os lábios não querendo relembrar o quão difícil era. — Você ainda sofre por ele?

Pensei duas vezes no que poderia dizer. Em dois dias Charlotte estaria casando com Alex, eu seria a sua madrinha e Patrício o padrinho. Ela estava feliz. Nada mais justo do que manter aquela felicidade.

— Eu não sofro por amor — declarei.

— Ah, claro! — Foi a vez dela de revirar os olhos.

— Não por um homem. — Sorri diabólica. Charlotte corou me fazendo imaginar o que aquela cabeça de vento conseguiria elaborar com aquela declaração. Deixei que ela digerisse a ideia e acrescentei.

— Eu sofro quando encontro a calça jeans perfeita e ela não cabe em mim. — Minha irmã me encarou espantada. — Ou quando morro de amores por um par de sapatos perfeito e não tem o meu número. Para cada um destes problemas eu não vejo uma solução que não seja seguir em frente sem tê-los. Para os demais... — Dei de ombros.

— Miranda... — ela disse com um profundo respeito. — Você é a minha diva. — E começou a rir sem parar.

Depois disso tudo voltou ao normal. Charlotte continuou falando pouco e sempre sobre assuntos amenos. Eu evitava dizer qualquer coisa que nos levasse para o que estava acontecendo na casa do noivo dela, apesar de passar muito tempo imaginando se eles estavam mesmo apenas conversando e tomando cerveja.

No fundo tentei me convencer de que era verdade, já que eles estavam em casa, um condomínio sério, fechado, além de que, com certeza, Alex não se arriscaria tanto levando prostitutas para dentro de casa. Sempre haveria uma chance de alguém descobrir e ele perder a noiva.

Não. Alex podia ser idiota, arrogante e cretino, contudo, não era burro. A casa onde eles morariam não seria violada por tão pouco.

E assim, repetindo para mim mesma que logo Charlotte receberia uma ligação confirmando que eles não estavam fazendo nada além de beber, fomos ao segundo filme. Só que esta ligação nunca chegou. O tempo passou, eu mal conseguia prestar atenção no filme e meu coração acelerava todas as vezes que via a luz fraca do celular da minha irmã. Sim, ela também esperava uma mensagem do noivo para eliminar os seus demônios de uma vez por todas.

Até que não aguentei mais. Alex tinha dito a Charlotte que ela poderia participar e se ela poderia estar naquela casa, não havia mal algum em levar a sua irmã, madrinha do casamento, para lhe fazer companhia, não é mesmo? E se eles não estavam fazendo nada demais, não seria um problema aparecermos.

— Acha mesmo que eles estão apenas conversando e tomando algumas cervejas? — Charlotte se voltou para mim, seus lábios se abriram para uma resposta imediata, ela hesitou, olhou a tela outra vez e quando me olhou estava decidida.

— Não.

Essa foi a deixa que precisávamos. Nunca antes uma decisão nos levou a um objetivo de maneira tão compenetrada. Não conversamos, não nos questionamos nem mesmo voltamos a nos olhar. Ela dirigiu até a casa de Alex como se estivesse no piloto automático. O porteiro não impediu a nossa entrada e Charlotte sequer chegou a estranhar a quantidade de carros estacionados na rua, o que sabíamos não ser o normal.

A realidade chegou para mim muitos antes que ela caísse na real. Não era só um encontro entre os caras, era uma festa, não, era uma *grande* festa de despedida de solteiro.

Chegar a esta constatação não foi na verdade uma surpresa, eu sabia que Patrício era capaz de qualquer coisa. O que ainda fazia com que meu cérebro trabalhasse a todo vapor era: como

Johnny concordou com aquilo tudo? E principalmente a certeza de que Alex não estava envolvido na organização daquela festa. Só que ele seria o mais prejudicado.

Quando chegamos à frente da casa não havia mais como arrumar uma desculpa cabível. Olhei para Charlotte que hiperventilava se obrigando a continuar andando. Oh, Deus! Que merda eu fiz? Olhei ao redor, verificando as mulheres que ali desfilavam; muitas, nenhum homem.

— Que merda é essa? — rosnei enfurecida.

Charlotte parou sem conseguir continuar. Eu não podia deixar que ela desistisse naquele ponto. Se estávamos ali teríamos que ir até o fim. Até porque eu tinha certeza absoluta de que Alex não era o grande culpado e se Charlotte fosse embora sem ouvir a sua explicação, sem confirmar o que eu pensava, era provável que não tivéssemos casamento algum em dois dias. Por isso segurei sua mão e entrei como um foguete na casa.

Meus olhos procuraram por Alex, mas meu coração disparou pensando em como encontraria Patrício. Charlotte apertou minha mão me puxando um pouco, mostrando Johnny. Marchei até ele, decidida a acabar com aquela festa e nem me dei ao trabalho de olhar para a garota que ele tentava impressionar.

— Cai fora! — gritei para a menina que levantou rapidamente, na certa imaginando que eu era a namorada do garoto bonitinho à sua frente. Johnny nos olhou espantado, seus olhos correndo de uma para a outra e se dando conta da merda que estava para acontecer.

— Ei! Charlotte! O que faz aqui? — disse sem graça me fazendo ter vontade de acertá-lo com um soco.

— Você sabia desta merda toda? — acusei, mesmo sabendo que não havia como Johnny ter concordado com aquilo. Ainda assim, ele estava lá, aproveitando a festa como se ela não fosse capaz de arruinar a nossa irmã.

— Não, eu... o que vocês fazem aqui?

Pensei em começar um discurso sobre fidelidade e lealdade e deixar claro como nos sentíamos pela sua presença naquele antro, mas seria perder muito tempo. Então achei melhor acertá-lo com uns tapas para expressar exatamente como nos sentíamos, mas Charlotte interrompeu o meu plano.

— Onde está Alex? — Charlotte perguntou angustiada demais para ficar parada ouvindo uma discussão entre irmãos.

— Eu acho que ele foi trocar de roupa. — Johnny me lançou um olhar me implorando ajuda. — Charlotte, Alex não...

Charlotte disparou em direção às escadas pegando-me de surpresa. Johnny rosou um “Putá que pariu” antes de passar por mim, tentando acompanhar a nossa irmã. Avancei para segui-la quando meus olhos foram para uma mulher seminua dançando na mesa de centro enquanto vários homens riam e gritavam querendo mais. Então eu o vi. Patrício estava sentado no sofá com duas garotas praticamente em cima dele. Gêmeas?

Meu sangue ferveu de raiva, mas eu tinha outra prioridade. Subi as escadas correndo, a tempo de ver Johnny tentar impedir que Charlotte abrisse a porta do quarto. Provavelmente o quarto de Alex. Não pensei duas vezes. Aquela história estava muito mal contada e se precisávamos invadir o quarto dele para saber o que estava acontecendo, era o que faríamos.

— Abra logo a merda da porta.

Ela obedeceu e parou. Charlotte parou sem dar mais um passo. Precisei empurrá-la para saber o que estava acontecendo naquele quarto a ponto de deixá-la tão chocada. O que vi fez meu cérebro parar por dois segundos.

Alex estava nu, amarrado na cama com Tiffany e Anita sobre ele. Para piorar a situação, Anita estava quase chupando o pau dele, aliás, sua mão estava mesmo no pau dele, com toda propriedade que aquela cadela sempre sonhou ter. Tiffany, ao contrário da prima, parecia não fazer parte daquele cenário. No momento que entramos, e ela se deu conta do que estava acontecendo, se afastou imediatamente de Alex e levantou as mãos.

Eu olhava para tudo e todos. Vi que Alex, apesar de excitado, não estava de acordo com a situação. E eu conhecia bastante o ser humano para saber que o homem era capaz, sim, de ficar excitado em uma situação como aquela, principalmente se manipulado. Não era assim que acontecia em abusos sexuais quando em homens?

Ainda tinha outro detalhe: Alex tinha frequentado o clube, havia assistido Tiffany simular um estupro, o que indicava que, mesmo não à vontade, ele ainda se excitava com coisas deste tipo, então, ter duas mulheres lindas, gostosas, nuas em sua cama, estando preso e com o pau sendo manipulado, era certo que corresponderia, mas nunca com a sua permissão. O que fosse!

Analisando mais friamente, vi um sorriso perverso no rosto de Anita enquanto que no de Tiffany e Alex eu só via desespero, então eu podia jurar que a ideia partiu daquela vaca. O pulso de Alex estava vermelho, o que indicava que ele tinha se debatido.

No chão não encontrei roupas espalhadas, tiradas rapidamente como uma farra como aquela exigiria. O que, para mim, queria dizer que elas se despiram em outro lugar, sem a ajuda dele. E a luz do *closet* estava acesa. Certamente Alex estava lá quando elas chegaram, e assim foi pego de surpresa. Eu conseguia ver cada passo dado, toda a ação.

— Charlotte, não... merda! Alguém me tire daqui! — Ele se debateu ainda mais enquanto ninguém agia. — Charlotte!

Ninguém agia.

Charlotte, porra!

— Ah, não! Você não vai sair assim. Não antes de tirar estas duas vacas de cima do seu homem. — Segurei Charlotte, decidida a acabar de uma vez por todas com aquela farsa. Se minha irmã não conseguia enxergar nada além do noivo dela e duas mulheres, eu teria que fazer o seu trabalho.

E foi muito fácil. Eu já sentia muita vontade de colocar Anita em seu devido lugar, por isso não precisei de qualquer incentivo para agarrá-la pelo cabelo e jogá-la longe daquela cama. A

cretina nem reagiu, mas pensando bem, foi ótimo ela ter ficado assustada, porque eu não fazia ideia do que seria capaz de fazer se saísse qualquer palavra da sua boca. Com ela no chão sem acreditar no que eu tinha feito, agarrei seu cabelo outra vez, levantando-a para conseguir torcer seu braço e assim jogá-la para fora do quarto como estava, sem roupa.

— Uma vadia a menos — gritei vitoriosa, além de deliciada com o pânico de Tiffany que tentava se cobrir e fugir de mim ao mesmo tempo. Parei diante dela com um sorriso diabólico. — Saia rastejando, sua cadela no cio. E acho bom as duas estarem bem longe daqui em alguns segundos ou não serei tão generosa.

Ela saiu correndo para encontrar a prima enquanto eu me voltava para Alex. Que patético! Não tive medo de olhá-lo. E olhei de verdade, afinal de contas, durante muito tempo eu desejei aquele corpo. Não era nada de extraordinário, constatei. Patrício era muito melhor.

Patrício.

Porra!

— Alguém solte este idiota, por favor! — falei decidida a cuidar dos meus interesses, já que os de Charlotte estavam resolvidos. Ou quase. — Venha, Charlotte, vamos acabar com esta maldita festa.

Alex ainda chamou por ela, mas minha irmã sequer olhou para trás. Ela não falava, não reagia, só me obedecia, descendo as escadas sem questionar. Às vezes eu só queria que ela gritasse e ficasse louca. Seria muito mais fácil saber o que fazer se ela esboçasse qualquer reação. Eu nem fazia ideia sobre como ela estava se sentindo, até que ponto culpava Alex, o quanto aquela cena estremeceu o seu amor por ele, o que ela acreditava ser verdade e o que era mentira.

Assim que alcançamos o último degrau encontramos João Pedro. Ele parou assustado sem esperar por aquele encontro. Percebi no instante exato em que percebeu que alguma merda tinha acontecido ao analisar o rosto da minha irmã.

— Charlotte... Miranda... vocês...

Deixei Charlotte na ponta da escada e saí para desligar o som. Imediatamente ganhei a atenção de todos os que estavam na sala. Foi quando Patrício finalmente me viu.

— Acabou a festa! — gritei.

As pessoas se espantaram, procuraram João Pedro com os olhos, cobrando uma posição, algumas começaram a vaiar e eu, muito bem com a minha decisão, comecei a pegar algumas garotas pelo braço, forçando-as a caminharem em direção à porta.

— Pessoal, tivemos alguns probleminhas e... — João começou ajudando as pessoas a se retirarem. Meus olhos foram direto para Patrício que parecia tão encabulado quanto Alex ficou quando foi flagrado. — Enfim, agradecemos a presença de todos...

— É isso mesmo. Vão ciscar em outro galinheiro. A festa acabou. Todos fora ou chamo a polícia, aí eu quero ver só a cara desses palhaços quando as esposas descobrirem o que eles estavam fazendo aqui. Graças a Deus, filmei tudinho.

Levantei o celular, só para deixar a mentira mais real e vi que algumas pessoas começaram a andar mais rápido, com medo de que eu realmente tivesse algo contra eles. João Pedro conduzia as pessoas com a maior cara de palerma. Também, quem mandou inventar aquela festa? Lana não ia gostar nadinha daquilo.

Patrício permanecia em pé, me olhando, calado, com as meninas gêmeas, que ridiculamente vestiam a mesma roupa, ao seu lado, uma em cada braço, como se a presença delas fosse permitida.

— Vadias par de jarro também não são bem-vindas. — Avancei na direção delas que recuaram com medo. Patrício se pôs à frente, as mãos em minha direção.

— Miranda...

— Não toque em mim! — rosnei enfurecida, saindo de perto dele para fazer com que aquelas pessoas fossem embora mais rápido. Logo Alex desceria e Charlotte não precisava de mais exposição.

Levou mais tempo do que eu gostaria, me deixando cada vez mais impaciente, até que finalmente João voltou para dentro da casa e fechou a porta nos dando privacidade. Eu queria avançar em Patrício e lhe dar alguns tapas. Como ele podia ter concordado com aquela festa sabendo que descobriríamos? Porque ele sabia que eu apareceria, do contrário não teria feito tanta questão de me contar. E sabia que seria daquele jeito, por isso me pediu ajuda em relação a Charlotte.

Um filho da puta!

Mas com ele eu me acertaria em outro momento, porque a minha irmã estava sentada no sofá, com o rosto entre as mãos e chorando sem parar. Porra, não seria nada fácil. Droga! Eu queria não ter incentivado que ela fosse até lá, contudo, incentivá-la ajudou a impedir o plano diabólico da Anita. Eu sei, e Alex também, que se não tivéssemos chegado a tempo eles teria transado. Seria horrível!

Charlotte levantou rápido, impedindo que João Pedro continuasse se desculpando e anunciou que ia embora. Meu coração disparou. Ela não podia sair daquele jeito, não sem antes conversar com Alex e entender que, mesmo de pau duro, não foi com o consentimento dele. Eu tinha certeza que ela não percebeu tudo o que fui capaz de notar e por isso acabaria colocando tudo a perder.

— Charlotte, pare e pense.

Segurei a minha irmã, determinada a fazer com que ela entendesse de uma vez por todas a situação. Nós não tínhamos tempo para chorar e acusar ninguém. Na manhã seguinte teríamos que ir para o rancho, e ela casaria em dois dias. Mas minha irmã gelou e ficou ainda mais branca. Sua respiração ficou acelerada me deixando preocupada, então Alex apareceu desesperado. Merda! Eu só precisava de cinco minutos para fazê-la compreender e ele aparecia para estragar tudo.

— Charlotte!

— Fique longe de mim! — Charlotte se afastou impedindo que ele a alcançasse. Meus olhos encontraram os de Johnny e eu soube que ela sabia que tinha sido armação.

— Não foi o que você está pensando — ele continuou tentando, levando-a para longe de mim. Olhei outra vez para o meu irmão pedindo ajuda.

— Ah, claro que não! Claro que não!

— Porra, o que aconteceu? — João perguntou desesperado, como se já fosse capaz de prever o tamanho da merda que tinha feito.

— Charlotte, por favor! Apenas me escute. Johnny estava aqui o tempo todo, ele sabe que eu não fiz nada. — Johnny balançou a cabeça, concordando sem que Charlotte sequer olhasse em sua direção.

— O que aconteceu? — Patrício se aproximou de mim com a desculpa de querer ajudar no problema. Idiota!

— Charlotte pegou Alex na cama com Tiffany e Anita. — Fiz questão de colocar nestes termos para que a consciência dele pesasse um pouco.

— Puta que pariu! — ele disse com os olhos brilhando como se estivesse diante de um espetáculo. Quase lhe ofereci pipoca.

— Não foi assim. Aquelas duas... — Alex tentou se explicar quando Charlotte gritou:

— Eu não quero ouvir! Eu quero ir embora! — Lancei mais uma vez um olhar para Johnny, pedindo que ele interferisse e ele resolveu se movimentar segurando Charlotte ali.

— Lottie, calma! — Nossa irmã recomeçou a chorar deixando todos ali ansiosos. Eu só queria amenizar o seu sofrimento, já que acabar seria impossível. Alex pode não ter culpa, mas a imagem que ficaria na cabeça dela não sumiria com tanta facilidade.

— Charlotte, por favor, me escute! — Alex tentou mais uma vez sem qualquer sucesso. E sem que esperássemos Charlotte avançou sobre ele gritando e batendo em seu peito sem parar.

— Seu cretino! Seu cretino!

— Charlotte! — Johnny lutou para impedi-la sem conseguir fazer com que os socos parassem.

Fiquei alarmada com aquela reação pouco habitual da minha irmã. Charlotte não costumava agredir as pessoas. A sua reação só me indicava que ela estava realmente em seu limite.

Patrício riu da cena fazendo meu sangue borbulhar. Ok! Era engraçado Charlotte tão pequena e magra batendo em Alex que poderia facilmente dominá-la, mas que ao invés de fazer, se encolhia assustado. Nem Johnny conseguia segurá-la. Porém a situação não era engraçada e ela estava de fato sofrendo. Muito.

Enraivada acertei um soco em seu braço e desta vez fiz questão de que fosse um soco de verdade, para que ele se tocasse de que ninguém ali estava disposto a aguentar suas brincadeiras. Eu deveria ter acertado os dois braços dele, um para cada garota.

— Ai! Porra, Miranda!

— Não teste a minha paciência. Eu não vou dedicar nem uma gota dela pra você.

Ele alisou o braço e se afastou para perto de João Pedro. Melhor assim. Enquanto isso, Alex e Charlotte discutiam, com Johnny mantendo a nossa irmã a uma distância segura do noivo. Ou ex-noivo.

— Não tente me convencer que não queria, seu filho da puta! Eu vi o quanto você queria — Charlotte gritou enraivecida e Alex ficou envergonhado com a ereção que todos nós pudemos constatar quando entramos no quarto.

— Oh, sim! Ela viu. Todos vimos — acabei falando para irritá-lo. Ele merecia passar um tempo de sofrimento para aprender a não fazer minha irmã chorar.

— Vamos conversar civilizadamente, ok? — Johnny falou. Quase agradei a Deus pela interferência. — Patrício, João e Alex, é melhor vocês fiquem aqui. Nada do que disserem vai ajudar agora. Miranda, venha comigo. Nós dois precisamos conversar com Charlotte.

Johnny entrou por uma porta que nos levou a um escritório muito bem arrumado. Charlotte seguiu até o meio da sala, encarou a mesa e recomeçou a chorar. *Tadinha da minha irmã!* Johnny me olhou em dúvida, eu dei de ombros, ele suspirou fazendo gestos que indicavam que não fazia ideia de como iniciar aquela conversa. Eu levantei as mãos e neguei que começasse por mim. Ele tinha ficado com Alex, então tinha mais coisas para falar do que eu com as minhas considerações.

Por fim Charlotte se acalmou mais, limpou as lágrimas e virou para nos encarar. Ele suspirou mais uma vez e começou:

— Lottie, eu sei que agora vai ser difícil acreditar em todos os fatos que podemos trazer para você, mas tente manter a cabeça aberta, por favor! — meu irmão começou com muito cuidado.

— Não tente me convencer do contrário, Johnny. Vocês viram o que estava acontecendo lá no quarto — ela rebateu com raiva. Johnny me olhou outra vez, indicando que não seria fácil e que eu deveria interferir. Cruzei os braços e deixei-o continuar:

— Você está na defensiva e eu entendo. Mas seu choque não está permitindo que enxergue as coisas como elas realmente são. — E não estava mesmo.

Só o fato de Alex ter deixado o convite aberto para ela comparecer já indicava que ele não compactuou com tudo aquilo, muito menos com o que tinha acontecido no quarto.

— Pelo amor de Deus, Johnny! O que poderia ser diferente do que vimos?

— Eu cheguei aqui primeiro que Alex, e, assim como ele, fui surpreendido por esta festa que o João armou com o Patrício. Não sei se a intenção deles era fazer com que Alex se rendesse à ideia de uma despedida de solteiro, quero acreditar que não. Eles queriam apenas comemorar, se divertir.

Bom... aquela não era uma boa justificativa. Era melhor Johnny começar uma abordagem diferente.

— Espero que Lana esteja ciente do que o marido dela é capaz. Patrício é um babaca mesmo, não poderíamos esperar nada diferente dele — eu disse cansada de achar que seria justificável o que eles fizeram ali. Tanto João quanto Patrício mereciam ser punidos.

— Eu posso dizer que, até onde pude observar, João Pedro não fez nada além de conversar com alguns amigos — Johnny falou me repreendendo com o olhar. Estreitei os olhos deixando claro que não passaria a mão na cabeça deles.

— Ah, claro! Isso antes ou depois de você ficar todo encantado com aquela ruiva tingida? Acorda, Johnny, você não tem como dar conta de tanta informação — Charlotte o acusou. Eu tentei avisar que tomar partido dos rapazes não ajudaria, mas...

— Eu sei, mas eu estava aqui quando Alex chegou. Vi o seu espanto e o desespero que tomaram conta dele quando entendeu o que era a festa. Ele tentou te ligar, Charlotte, no entanto, foi impedido por João, que determinou que nenhum celular poderia circular na festa. — Pronto! Ele estava se enrolando cada vez mais.

— Provavelmente para que ninguém tivesse provas do que estavam fazendo — falei para alertá-lo mais uma vez. Johnny me recriminou outra vez e se voltou para Charlotte, bloqueando meus alertas.

— Charlotte, eu prometi a Alex que ficaria de olho nele e que seria a sua testemunha quando ele precisasse te contar sobre a festa, e era o que estávamos fazendo. Bebemos e observamos tudo o que aconteceu nesta casa durante boa parte da noite. Foi quando Tiffany e Anita chegaram.

— Deus! — Charlotte passou as mãos pelo cabelo e se afastou sofrida. Johnny me olhou pedindo ajuda e eu dei de ombros deixando que se enrolasse.

— Lottie, confie em mim! Miranda está com raiva, mas vai confirmar tudo o que estou dizendo. — O quê? Ele não aceitava os comandos que eu dava e me colocava naquela fogueira? — Elas não foram convidadas, eu ouvi quando Anita revelou a Alex e ele ficou aborrecido com a presença delas. Alex as evitou o quanto pôde, até que resolveu se trancar no quarto para se livrar daquela confusão.

— Claro, no quarto não teria você como testemunha — Charlotte disse deixando claro que ele não estava ajudando.

— Fiquei de olho nelas durante um tempo, até que deduzi que não fariam nada.

— Então a ruiva falsa chegou e você logo se esqueceu delas — pirraei sabendo que com isso Johnny entregaria as cartas e se retiraria do jogo. Idiota! Se eu soubesse que ele estragaria tudo teria impedido que falasse.

— Não... quer dizer... elas estavam conversando com outros caras, não parecia que aprontariam alguma coisa, então...

— Se você já me disse tudo o que sabe, então me deixe ir embora — Charlotte anunciou mais uma vez sem ser demovida da ideia de acabar com o noivado.

— Eu te disse o que sei, agora Miranda vai dizer o que sabe.

— Eu?

Charlotte me olhou sem entender nada enquanto Johnny praticamente me implorava por ajuda. Claro que eu não deixaria que Charlotte saísse dali sem entender o que tinha acontecido de fato, mas eu deveria deixar Johnny se desesperar um pouco mais. O que ele diria ao padrinho quando este soubesse que o afilhado estava na festa que acabou com o noivado da filha? Segurei minhas palavras por alguns segundos para que ele sofresse, e acabei falando:

— Johnny está certo, Charlotte. Elas armaram para o Alex, só não sei se a intenção era que alguém aparecesse e de alguma forma você ficasse sabendo, ou era apenas dar a ele uma despedida de fato.

— O quê? Miranda, você...

— Olha, não me agrada nada descobrir esta porcaria desta festa e ter presenciado aquela cena ridícula lá no quarto — comecei demonstrando revolta para que ela entendesse que eu não queria arrumar uma desculpa para o que vimos. — Também não gosto de estar aqui em defesa do Alex, mas tenho que ser justa. Você nunca conseguiria ver o que eu vi porque estava muito abalada. Tudo naquele quarto indicava que elas armaram para Alex.

— Como assim? Você viu que ele estava excitado. — Deu certo. Charlotte não tentou me impedir de falar. Ela me encarou com atenção, sem estar na defensiva e pronta para entender os meus argumentos.

— Pare e pense. Se Alex tivesse levado aquelas duas para o quarto, como você imaginou, então por que não havia roupas espalhadas pelo chão? Quer dizer... é natural que no calor da safadeza eles tivessem se despido, deixando provas para todos os lados, mas o que vimos foi Alex de cueca, preso à cama, com duas mulheres praticamente nuas. Onde estavam as roupas? — Ela piscou abismada e consegui ouvir um suspiro de alívio do meu irmão.

— No banheiro, no *closet*, sei lá! Isso não quer dizer nada. — Charlotte ainda relutava, porém sem o mesmo ímpeto de antes.

— Certo. — Dei um passo em sua direção querendo colocar mais convicção em minhas palavras. — Eu coloquei aquelas duas putas para correr, nuas como estavam. Anita eu não posso duvidar de que fosse capaz de realmente descer nua, sem nenhum pudor, já Tiffany... Esta tentaria recuperar suas roupas, eu posso apostar nisso.

— Isso não prova nada. — Quase me abracei quando percebi que ela estava muito mais inclinada a aceitar do que a negar.

— Temos também o fato de Alex, e apenas ele, estar com o cabelo molhado.

— O quê? — Charlotte buscou em sua memória a informação.

— Se eles tivessem se divertido um pouco enquanto Johnny se deixava levar pelos encantos da ruiva — olhei nosso irmão que se encolheu envergonhado —, elas também deveriam estar com um aspecto mais limpo. Alex tinha realmente tomado um banho, mas elas estavam com os rostos impecavelmente maquiados, os cabelos não pareciam de duas mulheres prestes a transar a três. Sem contar que os corpos levemente suados correspondiam a corpos

que estavam no ambiente de baixo um pouco antes, e não de pessoas protegidas pelo frio do ar-condicionado. — Minha irmã piscou aturdida, tentando encaixar as peças.

— Suposições demais, Miranda — ela disse confusa.

— Ok! O próximo ponto é o fato de Alex estar algemado, enquanto as duas o atacavam.

— E daí? — Sorri maliciosa.

— Não me parece ser típico dele se deixar ser conduzido. — Charlotte recuou um pouco mais convencida. Sim, ela também tinha lembranças o suficiente para saber que o noivo jamais se colocaria naquela posição. — Você sabe que Alex temia aquelas duas. Que ele sabia que, se cedesse, teria que ser muito bem-feito. Jamais permitiria que elas o deixassem tão vulnerável. — Aguardei que ela se rendesse, ou que aceitasse pensar no assunto, mas Charlotte, depois de algum tempo em silêncio, balançou a cabeça negando.

— Céus, pare com isso! Pare de tentar me convencer do contrário. Nós vimos que ele estava excitado.

— Se fosse o idiota do Patrício, eu até acreditaria que ele tinha sido cretino a ponto de se deixar levar pela situação, Charlotte, mas... merda! Eu tenho que admitir que Alex jamais faria isso. Ele não faria algo desse tipo se não tivesse a certeza de que você jamais descobriria.

— Ela tem razão — Johnny se intrometeu me ajudando. — Sem contar que ele estava desesperado quando chegamos.

— Eu o havia flagrado. O que vocês acham que ele faria?

— Charlotte, eu sei que é uma merda passar por isso, mas Alex tem mais chances de ser inocente do que culpado. — Fui firme olhando-a diretamente, sem demonstrar qualquer ideia diferente do que eu dizia. Minha irmã recuou, o rosto confuso, os pensamentos levando-a para o caminho que queríamos.

Johnny me olhou inquiridor, depois fez um gesto indicando a porta. Eu sabia que ele queria que Charlotte e Alex conversassem e achei que era a hora certa, por isso concordei.

— Deixe ele te contar o que aconteceu. Cada um aqui tem um pouco para te contar — Johnny falou e para a nossa surpresa, ela concordou. Respiramos aliviados.

Johnny saiu do escritório para chamar Alex. Aproveitei a deixa para ter aquela conversa da forma que só poderia ter quando estivesse sozinha com ela.

— Charlotte, homens são assim. Alex não queria aquilo, eu pude ver, mesmo estando... você sabe. O corpo reage mesmo quando a mente diz não.

— Isso é absurdo, Miranda. — Ela ainda estava muito magoada.

— Sim, é. Mas nós também ficamos excitadas com algumas situações embaraçosas ou erradas. A nossa sorte é que nosso corpo não muda de maneira perceptível, já os homens...

— Não posso aceitar este detalhe como um ponto positivo.

Sorri. Charlotte ainda não tinha a noção do seu corpo. Não como eu tinha do meu. E com isso não entendia suas necessidades, nem as reconhecia. Era natural que ela ligasse a Alex tudo

o que seu corpo pedia. Sexo e amor ainda estavam diretamente ligados em sua cabeça.

— Eu sei que você jamais vai aceitar, só tente entender, Alex ama você e isso não é mentira.

— Você perdoaria uma traição por causa do amor que sente? — Senti meu coração acelerar e a mágoa se apresentar.

— Não! Alex não te traiu, ele foi lançado na fogueira por aquelas duas vadias. Não sei onde estava com a cabeça que não arranquei os olhos delas.

Então eles entraram e Charlotte se retraiu mais uma vez. Droga!

— Charlotte, eu sou o culpado. Foi tudo minha culpa. Eu quis dar a Alex uma despedida como a que ele me deu e não obedeci quando ele me disse que não poderia ser desta forma. Se tem alguém aqui que deve pagar pelo que aconteceu, sou eu. — João Pedro se adiantou fazendo com que Charlotte recuasse aborrecida. Esse não escaparia com tanta facilidade.

— E você vai, João. Lana vai fazer você pagar muito caro — falei sem me importar com o sofrimento dele. Aquela festa foi uma palhaçada e as suas desculpas só pioravam tudo.

— Miranda! — Johnny me repreendeu e eu o encarei com desdém.

— Eu combinei a festa com o Patrício. Deveria ser para poucas pessoas, porém tudo saiu do nosso controle. Alex não sabia de nada e não ficou nem um pouco satisfeito quando chegou. Como nós estávamos nos divertindo e Johnny estava aqui para garantir que nada aconteceria... — João continuou muito nervoso, desesperado para reverter a situação.

— Mesmo que ele não estivesse eu jamais permitiria... — Alex se intrometeu tentando se justificar também.

— Claro que ele não faria! Mas você acreditaria no Johnny e não no Alex. Nós não convidamos Tiffany e Anita. Podemos até ter sido escrotos por organizar a festa, mas jamais a este ponto. Eu sei que elas te aborrecem, então nunca admitiria a presença delas. Mesmo assim, não sei como, elas ficaram sabendo e apareceram — João continuou sem deixar Alex falar. Charlotte olhou para o noivo demonstrando incômodo. — Eu não vi quando elas chegaram e não tenho como descrever a reação do Alex, só posso dizer que, um pouco antes de toda a confusão começar, fui abordado por Anita, e fiquei surpreso com a presença dela, apesar de não ter nem tempo de questionar. Ela me perguntou sobre o banheiro, disse que o de baixo estava entupido, o que me deixou bastante aborrecido, pois eu sabia que Alex me mataria por qualquer dano na casa, então disse a ela que tinha um social no andar de cima e fui para o outro, pensando em resolver a situação sem precisar alertar ninguém.

Hum! Era a informação que faltava para deixar meus argumentos mais convincentes. A vaca da Anita tinha pensado em tudo. Olhei para Johnny com raiva. Ele prometeu que a manteria sob controle e o que ela tinha feito? Ferrado tudo a dois dias do casamento. Meu irmão era um idiota se continuasse com aquela mulher.

— Puta merda, João! Você a mandou subir? — Alex falou sem acreditar que o cunhado tinha sido tão imbecil ao ponto de mandar Anita ficar à vontade naquela casa.

— Como eu ia saber que você estava lá em cima?

— Isso confirma o meu argumento — falei antes que aqueles dois se pegassem. — Elas não tomaram banho com ele. Não daria tempo. — Charlotte me encarou horrorizada.

— E eu acho que é tarde demais para tentar manter Lana longe disso tudo, não?

— Ela vai saber — Charlotte disse segura da sua decisão. — Você é maduro o suficiente para entender que precisa arcar com o peso e as consequências das suas decisões. — Cara, quase abraço e beijo a minha irmã. Ela era incrível!

— Eu também sou culpado, Charlotte! Alex tentou me dissuadir de continuar com a festa, argumentou bastante, eu não concordei com seus argumentos. Se você quer achar um culpado, o filho da puta...

— Esse alguém é você, Patrício. Nós já sabemos disso — eu o interrompi porque não queria ouvir as suas desculpas. O que ele conseguiria arranjar de argumento que justificasse aquelas meninas em seu colo?

— Miranda, você sabe que... — Olhei para Patrício ciente de que não pegaria leve com ele quando Alex nos cortou.

— Eu não sabia o que eles haviam aprontado. Isso já ficou comprovado. Todos sabem como fiquei contrariado com a festa e Johnny viu como reagi à presença de Tiffany e Anita. Eu fui para o quarto, Charlotte, porque queria ficar longe de toda confusão, queria dar um tempo para a minha cabeça e aguardar até que todos fossem embora para poder ter um pouco de paz.

— Você estava de cueca, ou quase, deitado na cama com as duas — Charlotte falava enquanto eu só conseguia encarar Patrício, que me olhava completamente culpado. Eu queria arrumar um jeito de acertar aquela cara cínica.

— Eu estava. Tinha acabado de sair do banho, fui ao *closet* para me vestir quando ouvi a porta do quarto. Jamais poderia imaginar que elas seriam capazes de ser tão ousadas. Pensei que era um casal ansioso demais por privacidade.

Bom... eu também pensaria. Já Charlotte com certeza pensaria que era um ladrão ou qualquer assombração do tipo e se trancaria no *closet* até que alguém aparecesse para resgatá-la.

— Que merda! — ela disse confusa. Senti pena da minha irmã. Era problema demais para digerir às vésperas do casamento.

— Você tem razão. Foi tudo uma grande merda, mas o que você acha que pode esperar desse tipo de festa? Justamente por isso eu não quis que acontecesse, nem para mim nem para você, Charlotte. Foi por isso que fui para o meu quarto, mas elas foram lá e não me deram chance de reagir.

— Ah, você reagiu! Eu vi a sua “grande” reação. — Abafei o riso me sentindo péssima em presenciar algo tão íntimo. Só que ele teve realmente uma “grande” reação. Alex me olhou sobre os ombros antes de falar:

— Charlote... Vocês poderiam nos dar licença?

Foi a minha deixa. Charlotte já estava no caminho certo. Seria muito azar fazer com que ela voltasse às crenças iniciais. Eu confiava em Alex para impedi-la de desistir de tudo e no bom-senso de todos ali para manter o assunto em um ótimo nível de respeito para que ela tivesse alguma dignidade ao subir no altar.

Então só restava o meu problema com Patrício, e eu não via a hora de acertar as contas com ele.

CAPÍTULO 18



— POSSO FALAR COM VOCÊ? — PATRÍCIO PERGUNTOU BAIXINHO, SE APROVEITANDO DA DISTÂNCIA de Johnny e João que começavam a arrumar a bagunça que tinha ficado na casa.

— Não! — rosnei.

— Nós precisamos conversar — ele insistiu ainda com o tom baixo, suplicante.

— É mesmo? Engraçado, não é? Você não pensava em conversar quando estava com aquelas duas... garotas em seu colo. — Ele ficou constrangido, mas não desviou os olhos dos meus.

— Você deixou claro que não tínhamos mais nada — acusou.

— E não temos.

— Exatamente. Não temos. Nunca tivemos. Esse é o problema.

— O problema é que você é uma criança, Patrício. Olha a confusão que arranjou! Você não leva nada a sério, é um moleque! Um irresponsável! — Vi o espanto estampado em seus olhos e a maneira como se retesou quando o acusei.

— Eu não imaginei que seria assim.

— Claro que não. Você nunca imagina nada. É sempre o inocente, o coitado, o garoto perdido...

— Pare! — falou exaltado, demonstrando mais aborrecimento do que deveria sentir. — Eu assumi a minha parcela da culpa, não estou fugindo das consequências.

— Ótimo! Porque você vai precisar consertar isso com a sua família quando Charlotte desistir do casamento e Lana pedir o divórcio. — Patrício, que já estava assustado, maximizou os olhos, horrorizado. — Entendeu agora?

— Isso não vai acontecer. — Suas palavras saíram instáveis, inseguras.

— Reze para que não aconteça. — Dei as costas deixando-o com seus medos.

— Não surte, Patrício! — João se aproximou com uma preocupação real.

— Ah, cara! Que merda eu fiz? — ele gemeu sentando no sofá.

— Vai dar tudo certo. E eu também sou responsável por esta confusão — João Pedro tentava acalmar o cunhado, chamando a minha atenção.

— Mas eu deveria imaginar. Eu sou o irmão dele e deveria ter me colocado contra. Miranda tem razão. Todos têm razão. Eu sou um irresponsável! Eu...

— Não surte, Patrício! — João repetiu ainda mais preocupado. Patrício levantou saindo da sala. — O que você disse a ele?

— A verdade. Que ele era um moleque, e que se Charlotte desistisse do casamento a culpa seria dele. E sua também — acrescentei sem me intimidar.

— Miranda... — João puxou o ar com força soltando-o logo em seguida. — Você não sabe nada sobre o Patrício, não é mesmo?

— Eu sei que ele ontem fez questão de me contar sobre a festa. Sei que ele não leva nada a sério, não assume as responsabilidades, que não pensa antes de fazer qualquer merda.

— Ah, droga! — ele gemeu se afastando como se precisasse pensar no assunto. — Olha, quando disser coisas deste tipo a ele, seja mais sutil. Patrício não reage muito bem às críticas.

— Quantos anos ele tem? Cinco? — João me olhou como se quisesse me dizer mais alguma coisa, e então desistiu.

— Você já ouviu falar sobre a Síndrome de Asperger? — Havia certa raiva em suas palavras, como se estivesse me censurando.

— Não. Por quê?

— Você deveria se inteirar mais do assunto. Quer dizer... se realmente ama o Patrício e se, de fato, quiser ficar com ele.

— João, eu... mas...

— Com licença, Miranda. Preciso arrumar essa bagunça. — Ele saiu sem me dar chance de entender melhor o que quis dizer com aquilo. E como assim ele sabia que eu amava o seu cunhado? Era tão nítido? Que droga!

Olhei ao redor procurando o que fazer para ocupar o tempo, mas minha cabeça estava na defesa do João e na reação do Patrício. Charlotte continuava no escritório com Alex, Johnny catava copos coloridos e guardanapos pela casa com a ajuda de João Pedro. E eu não tinha nada para fazer que não fosse esperar.

Por isso fui procurar Patrício, em parte porque estava me sentindo péssima pelo sermão, mesmo sabendo que ele merecia ouvir, só que a maneira como João, e como o próprio Patrício, reagiram, achei melhor não abusar muito.

Fui em direção à porta que ele saiu e acabei no jardim da casa. Lindo e aconchegante, por sinal. Patrício estava sentado em um balanço, sozinho, olhando para o que deveria ser o mar, mas estava escuro e não dava para identificar nada. Caminhei até ele e sentei no balanço sem nada dizer. Demoramos alguns minutos assim, em silêncio, até que não suportei mais.

— Eu não vou passar a mão na sua cabeça — anunciei.

— Não deveria mesmo — ele disse sem raiva, com a voz cansada. — Eu estou errado, reconheço.

— Mas não havia como prever Anita e Tiffany. Então...

— Não é só isso, Morena. — Ele se mexeu incomodado fazendo o balanço ranger. — É tudo, sabe? Tudo. Você tem razão. Veja nós dois. Eu fui impulsivo, te coloquei em uma confusão, continuo te colocando.

— Eu aceitei, Patrício.

— Você não teve escolha.

— Não foi bem assim.

— Foi! Não era o que você queria. Era o que eu queria. Eu sabia que tinha algo de estranho na maneira como você se comportava, mas achei que era birra de menina, mas não é. Nunca foi. Eu não... eu não reajo muito bem a mudanças, digo... quando as coisas deixam de seguir um padrão, sabe? Por isso surtei quando descobri sobre aquele cara.

— Patrício...

— Entenda, Miranda! — Ele se virou para mim com os olhos urgentes. — Não é porque não te aceito assim, é só porque... não é o padrão, entende? Não é o que eu imaginava, o que esperava.

— Entendo. — Deixei meus olhos fixarem a grama baixa, incapaz de encarar a decepção nos olhos dele.

— Isso não quer dizer que eu não ache você a mulher mais incrível do mundo. É só... difícil de me adaptar.

— Eu sei.

— E ontem... — Ele voltou a olhar em direção ao mar, como se não tivesse coragem de dizer o que me diria. — Ontem, depois que te deixei em casa, quando você teve aquela crise, eu fiquei cismado. Não sei. Você é cheia de mistérios e... não segue qualquer padrão. Então eu segui o endereço que colocou em meu GPS.

— Você... oh, Deus!

— Eu tinha que saber.

— Patrício...

— Eu fui até aquela casa. Observei o movimento, as pessoas entrando, o ambiente misterioso. Fui até lá e me impediram de entrar. Meu nome não estava na lista e eu não tinha um convite, como eles disseram. Não consegui qualquer informação a respeito do que acontecia ali. — Respirei aliviada, contudo, eu sabia que Patrício não desistiria até encontrar todas as respostas que desejava. — Eles praticamente me enxotaram de lá. Eu acho que... acho que surtei. O que você faz ali? Joga? É uma casa de jogos clandestinos? Você é viciada em jogos? — A reprovação em sua voz não me machucou, pelo contrário. Eu acabei rindo.

— Não, eu não jogo. Não desta forma como está pensando.

— Então o que é? — Eu queria contar, mas não podia, porque ele não reagia bem às mudanças, porque não estava pronto para saber, e porque eu não fazia ideia do que seria de nós dois e do quão profundo era o seu amor por mim para me aceitar como eu era.

— Um dia eu te conto.

— Um dia? Por que um dia? Por que não hoje?

— Patrício, o que você quer de mim? — Ele ficou calado, desconcertado. — Ontem você queria me dizer uma coisa. Algo que era difícil de dizer. Hoje você estava com aquelas duas garotas. O que quer de mim?

— Elas duas... elas... não aconteceu nada.

— Não aconteceu porque eu cheguei, mas não importa.

— Não?

— Só vai importar quando deixarmos de “não ter nada” para um possível “temos alguma coisa”.

— E você quer isso? — ele disse alarmado. — Eu pensei que...

— O que você quer de mim? — Mais um pouco de silêncio. — O que você sente por mim, Patrício?

O silêncio continuou, mas eu podia enxergar em seus olhos que ele só não sabia como dizer e eu sabia exatamente como era aquela sensação. Patrício precisava do tempo dele, assim

como eu precisava do meu. Porque de tudo só existia uma certeza: havia um caminho para nós dois.

Olhei para dentro da casa e vi Johnny saindo para o jardim. Ele acenou me chamando. Era hora de deixar Patrício pensar um pouco. Levantei pegando-o de surpresa.

— Eu já vou.

— Mas... — Ele levantou também me encarando. — Eu não... não sei o que dizer. — Sorri solidária.

— Se nem você sabe a resposta, Patrício, não serei eu a estragar a surpresa.

Devolvi a frase que ele usou muitas vezes para mim, me dando conta de que ele sempre soube. Antes mesmo que eu conseguisse entender, Patrício percebeu o que eu sentia. Agora era hora de ele entender os próprios sentimentos.

— Vejo você amanhã.



O silêncio no carro fazia com que o clima fúnebre arrepiasse a minha pele. Eu olhava para Charlotte que olhava para fora sem nada dizer, deixando as lágrimas escaparem enquanto lidava com a tempestade dentro do peito. Estávamos no banco de trás. Eu preferi assim, ficar com ela o tempo que fosse necessário, enquanto Johnny dirigia para a nossa casa.

Abracei minha irmã para acalenta-la, querendo que aquela tristeza passasse logo. Charlotte era uma pessoa linda e merecia o que tinha de melhor naquela vida, não aquele sofrimento poucos dias antes do seu casamento.

— O que vai fazer? — sussurrei. Ela enxugou uma lágrima e fungou.

— Vou casar. Não é isso que tem que ser feito? Não é o que todos esperam de mim?

— Não. Se você não tiver certeza de que quer isso todos terão que compreender.

— Miranda! — Johnny me repreendeu sem conseguir me demover.

— Faça o que o seu coração mandar, Charlotte, e não o que os outros esperam que seja feito. É a sua vida. Lute por ela. — Minha irmã apertou meus braços ao seu redor e se calou.

Aceitei o seu silêncio, até porque ela não merecia ser bombardeada com as minhas ideias. Charlotte era capaz de chegar a uma decisão sozinha.

Assim que chegamos em casa ela foi direto para o seu quarto. O padrinho estava no escritório, a madrinha dormindo, Johnny foi atrás de Charlotte e eu preferi ficar para tentar entender o que João tinha me dito a respeito de Patrício, e só uma pessoa poderia me ajudar naquele momento.

Bati à porta do escritório e ouvi sua voz me dando permissão para entrar. Abri espiando para não atrapalhar.

— Voltaram tarde — ele disse conferindo as horas. — Onde está Charlotte?

— No quarto. Acho que ela foi se preparar para amanhã.

— Ah, sim, claro!

— Posso conversar um pouco com o senhor?

— Outro pedido especial? — Sorri lembrando que ele acatava os meus pedidos. O padrinho era um homem incomum. Ele fez alguma coisa em seu computador, depois se voltou para mim. — Entre de uma vez, Miranda! O que quer?

— Eu só queria uma explicação. — Sentei à sua frente e aguardei até que ele organizasse os papéis.

— Uma explicação. Certo! Sobre o quê?

— O que é Síndrome de As... Aspage?

— Asperger. Bom... não sou especialista nesta área, você sabe. Mas a Síndrome de Asperger pertence ao grupo de perturbações do espectro do autismo.

— Autismo? — Fiquei espantada. Como João pretendia ligar Patrício ao autismo?

— Veja bem... é muito mais leve, inclusive já foi estudada separadamente, como se não fizesse parte deste grupo. Não é um autismo como as pessoas costumam entender, é uma dificuldade nas interações sociais e na compreensão não-verbal. Por que o interesse?

Bom, eu não queria dizer ao padrinho que suspeitava do Patrício, até porque ele ia querer saber dos meus motivos e, eu tinha certeza, acabaria descobrindo o que aconteceu naquela noite. Se Charlotte resolvesse mesmo casar, revelar aquele problema só lhe traria mais dor de cabeça.

— Porque ouvi uns amigos conversando sobre o assunto. Parece que alguém da família tem... sei lá. Eu só fiquei incomodada porque não sabia o que era e me senti estranha por não conseguir participar da conversa. — Era uma desculpa plausível.

— Existem muitos artigos interessantes na internet. Se quiser mesmo entender posso te passar alguns.

— Seria bom. — Levantei. — É isso. Obrigada, padrinho.

— Se é só isso mesmo, vejo você amanhã.

Saí da sala tentando encontrar qualquer ligação com a tal síndrome e Patrício. Seria bom estudar a respeito, entender o que o João queria dizer. Então fui para o meu quarto, decidida a pesquisar, tomei um banho, liguei o *notebook* e me entreguei ao mundo do autismo e suas vertentes.

Acordei na manhã seguinte com dor nas costas e no pescoço. Eu tinha dormido praticamente sentada, com o *notebook* no colo – um perigo –, lendo tudo o que consegui encontrar sobre a Síndrome de Asperger. Quanto mais eu lia, mais eu entendia e encaixava Patrício nela. Poderia ser loucura, mas se João me disse o que disse só havia uma resposta: Patrício tinha aquela síndrome.

Foi estranho pensar assim, além de doloroso. Ele não conseguia se sentir parte do todo, enxergava o mundo de uma maneira diferente, e sofria, porque não era como eu, ou como Charlotte, ele era... diferente. Se é que era verdade ou era uma simples suposição do João. Qualquer pessoa que fizesse pesquisas na internet tenderia a se encaixar em algum problema psicológico. Por isso uma avaliação e o parecer de profissionais era tão importante.

Eu precisava descobrir mais. Encontrar as respostas e entender o que realmente acontecia com Patrício. Levantei da cama mesmo sendo muito cedo e fui até o quarto de Charlotte para saber o que ela tinha decidido fazer. Bati de leve na porta sem receber qualquer resposta, então abri descobrindo ela e Johnny dividindo a cama. Ele quase que tomando todo o espaço, ela frágil, encolhida em um canto.

Pode parecer bobagem, mas me senti triste. Johnny passou a noite com Charlotte, consolando-a, enquanto eu me tranquei em meu quarto como a boa egoísta que era.

Saí do quarto, deixando-os dormir. Eu precisava de café, comida e paciência. Quando passei pelo quarto dos padrinhos encontrei a porta aberta e a cama vazia. Estranho! Desci sem muita pressa, imaginando o quanto aquele casamento estava deixando a madrinha ansiosa. Com certeza ela não conseguiu dormir direito e estava à frente dos preparativos finais.

O pior era não saber se haveria mesmo casamento. Na minha ânsia em descobrir o problema do Patrício, deixei Charlotte em segundo plano, e assim, não tinha ideia do que fazer. Começar pelo café da manhã era uma ótima forma de dar andamento ao planejado sem precisar dar o andamento necessário.

— Mary! — ouvi o padrinho falar aflito. — Mary! — ele repetiu fazendo meu coração acelerar.

Desci as escadas correndo procurando por eles, tentando descobrir em que parte da casa estavam. Cheguei à sala, atordoada, os olhos varrendo o local e focando na imagem à porta. O padrinho estava debruçado sobre a madrinha que não conseguia ficar de pé. Ela estava pálida. Muita pálida. Meu corpo inteiro tremeu.

— Madrinha! — Corri na direção deles e congelei quando o padrinho olhou para mim com aqueles olhos aflitos. — O que foi? O que ela tem? — desesperei.

— Calma! — Ele tirou força de onde não tinha e conseguiu erguê-la do chão. — Ela está só... Mary, abra os olhos, meu bem — pediu aflito. — Ela está bem. — Voltou a falar comigo: — Ela está bem.

— Não está! Ela está... ai, meu Deus! O que aconteceu?

— Chame o elevador — ordenou. — Ela só está tendo uma crise de ansiedade. É só isso. — Mas ele estava muito nervoso para que fosse esta a verdade. — Miranda, olhe para mim. — Consegui tirar os olhos da figura fúnebre da madrinha e olhá-lo. — Ela está bem. Não diga nada a Charlotte. Você sabe como sua irmã é. Ela vai se desesperar e não é momento para isso.

— Mas... — A madrinha conseguiu levantar a cabeça com dificuldade e gemeu. — Madrinha!

— Vou levá-la para o hospital. Faça tudo como planejamos. Não conte a Charlotte. No horário combinado o motorista levará vocês. Diga que vamos um pouco mais tarde, que eu tive um problema para resolver.

— Mas, padrinho...

— Faça o que mandei — demandou. — Vai ficar tudo bem.

A porta do elevador fechou e eles foram embora. Eu fiquei parada no corredor, perdida, tremendo, assustada demais para voltar para casa e tomar café. Encarei aquela porta até que comecei a sentir frio, o que era de fato estranho, pois eu sabia que não era devido à temperatura do Rio de Janeiro, e sim, por causa do medo que habitava em mim.

— Miranda? — Charlotte me chamou me tirando daquele transe. — O que foi? — Olhei minha irmã ainda com as marcas do choro no rosto.

O padrinho tinha razão, era melhor não falar nada. Charlotte se agarraria ao menor problema para desistir do casamento, e eu sabia que não era o que ela queria. Então engoli o

desespero e resgatei dentro de mim a Miranda que sustentei durante anos, a mesma que eu não gostava mais de ser, e sorri.

— Acredita que o padrinho arrumou trabalho hoje? — Ela estreitou os olhos sem compreender. — Ele e a madrinha acabaram de sair. Disseram que deveríamos ir na frente porque eles tinham coisas para resolver.

— Foi?

— Foi! — eu disse com convicção. — E então, café da manhã para a noiva?

— Estou sem fome — ela resmungou se afastando da porta. Eu me senti péssima.

— Só que você precisa comer. Não vai ser nada legal desmaiar no meio do caminho para o altar.

— O casamento é só amanhã. — Sua voz baixa e insegura me deixou com medo.

— Então vamos ter casamento mesmo — brinquei levando-a até a mesa.

— É. Vamos — disse sem qualquer animação.

— Por que você quer ou por que acha que é o certo? — Charlotte abaixou o olhar e encarou as mãos sobre o colo.

— Porque eu quero — admitiu constrangida. — Eu amo o Alex.

— E ele te ama. — Ela sorriu um pouco. — E ele não te traiu, nem te enganou, nem te sacaneou, nem nada do que você quer acreditar. — O sorriso morreu na mesma hora.

— Eu sei. Podemos não falar sobre isso?

— Podemos. Vou verificar o que Odete deixou pronto. Fique aqui.

Saí para a cozinha, imaginando o que mais eu precisaria fazer para suportar toda aquela barra que era esconder tantas mentiras.

Como imaginei, Charlotte ficou apática durante todo o caminho para o rancho. Sem os padrinhos e com Johnny fora do nosso caminho ela não se sentia na obrigação de demonstrar entusiasmo. Sua introspecção era preocupante. Ela não correspondeu ao abraço de Dana, não fez questão de demonstrar entusiasmo e se recusou a falar sobre o ocorrido com os futuros sogros que, obviamente, sabiam de tudo.

Com Lana ela seguiu o mesmo padrão. Ouviu suas queixas e desculpas e se recusou a fazer qualquer coisa que a futura cunhada tinha programado para aquela manhã. Charlotte estava decidida a casar, mas a que custo?

Eu estava ansiosa demais para ficar trancafiada naquele quarto junto com ela. E desta vez não era uma questão de egoísmo, mas eu precisava de notícias da madrinha, então, se ela não podia saber sobre o ocorrido, eu tinha que sair do quarto para ligar para o padrinho. Ela não se importou.

Quando fechei a porta atrás de mim dei de cara com Alex. Suas olheiras diziam que a noite dele fora tão difícil quanto a da minha irmã, mas não tive pena. Alex nunca se importou em ser contra mim. Ele tinha pedido a Patrício para se distanciar, deixava claro o seu desagrado com a nossa relação e tudo isso porque presenciei o espetáculo de Tiffany em um ambiente que eu já frequentava há anos.

Ele era o intruso e não eu.

— Charlotte está aí? — Cruzei os braços na frente do corpo e me posicionei para que ele não abrisse a porta. — Você sabe que eu não fiz nada, Miranda — vociferou.

— De nada! — Alex me encarou, piscou sem graça e recuou.

— Obrigado! — Sua má vontade era nítida.

— Eu não fiz por você.

— Tenho certeza que não — rebateu com frieza. — Mesmo assim, obrigado. Você acreditou em mim quando poderia facilmente destruir tudo. Eu não tenho como agradecer de verdade, Miranda, e palavras nunca serão o suficiente.

— Até porque Charlotte ainda pode desistir do casamento. — Dei um pouco mais de medo a ele só por vingança.

— Ela... — Alex ficou de fato assustado. Suas mãos correram pelo cabelo escuro e liso, jogando-o para trás. — Ela te disse isso?

— Ela está magoada.

— Eu sei. — Vi a tristeza em seus olhos, o que me desarmou um pouco. — Mas eu realmente...

— Eu sei.

— Você acha que ela me receberia agora? — Ergui uma sobrancelha me perguntando se ele estava mesmo pedindo uma opinião. — Miranda...

— Você falou ao Patrício para ele se afastar de mim — joguei a verdade em sua cara sem pena. Alex recuou e acabou concordando. Não havia espaço para mentiras naquela conversa.

— Vocês são diferentes. Eu estava preocupado com o meu irmão.

— Você estava sendo hipócrita, Alex!

— Eu achei que ele não se enquadraria muito bem no... você sabe. Patrício tem... ele é diferente, Miranda. É difícil explicar. Eu só não queria que ele se machucasse.

— Por quê? Porque eu frequento um clube de sexo? E se ele gostasse também? E se eu desistisse de tudo por ele? E se Patrício tivesse o direito de escolha? Já pensou nisso?

— Pensei. E ele teve o direito. Tanto teve que se apaixonou. — Aquilo dito assim, sem uma preparação, fez meu coração perder uma batida. — Ele, mesmo lutando contra, quer ficar com você. Então eu não tive efeito nenhum nas escolhas dele. — Eu não sabia o que dizer. Estava embasbacada demais para continuar na defensiva. — Você alguma vez conversou com Charlotte sobre...

— Não!

— Ótimo!

— Mas ela deveria saber. — Vi o medo estampado em seu rosto. — Eu não vou contar. Nunca. Satisfeito? Eu detesto admitir, mas Charlotte está bem com você. Ela não precisa dessa merda para estragar a felicidade dela.

— Obrigado! Mais uma vez — disse timidamente.

— Por nada. Agora com licença, eu tenho outro problema para resolver.

— Certo! — Ele se afastou me dando passagem.

— E eu não gosto de você, vou deixar registrado. — Ele mordeu os lábios e concordou. — Não se meta mais na minha vida. — Vi um sorriso leve brincar em seus lábios.

— Não se preocupe.

— Ótimo! Ela está aí dentro.

Dei as costas e fui embora. Alex era um problema a menos. Com certeza a sua chegada colocaria as coisas em seus devidos lugares.

Afastei-me do quarto ouvindo a porta bater atrás de mim e quando me vi sozinha no corredor fui invadida por uma necessidade incomum de estar perto dele. Depois de tudo eu precisava de um pouco de Patrício para me sentir de volta à Terra. Bati na porta do seu quarto e entrei sem aguardar por permissão.

O quarto estava vazio e silencioso. Caminhei lentamente constatando que ele também não tinha chegado ao rancho. Eu deveria ir embora, afinal de contas não havia nada para fazer ali, não era mesmo? Mas as lembranças ainda estavam frescas em minha mente e estas eram traiçoeiras. Eu podia fechar os olhos e sentir cada sensação gostosa que vivemos ali, cada toque, cada palavra dita, os momentos bons aquecendo meu coração.

Alex confirmou o que eu já suspeitava: Patrício estava realmente apaixonado por mim. Ele me queria tal como eu o desejava, só não sabíamos como fazer aquilo funcionar, mas descobriríamos uma forma, eu tinha esta certeza. Emocionada, sentei na cama, alisei os lençóis e em um impulso abracei o travesseiro tentando encontrar seu cheiro neles, o que obviamente, não aconteceu. Mesmo assim fiquei satisfeita.

Do lado de fora ouvi a movimentação, portas de carro fechando indicando a chegada de alguém. Fui até a janela tomando cuidado para não ser vista e avistei o padrinho tirando a madrinha do carro com muita delicadeza.

— Graças a Deus!

Corri para fora do quarto descendo as escadas o mais rápido que pude. Adriano já estava do lado de fora e auxiliou meu pai com os pertences. A madrinha sorria apesar de ainda estar muito fraca. Assim que cheguei à sua frente parei esbaforida. Eu queria abraçá-la, me certificar de que tudo estava certinho, no seu lugar, que não faltava nada. Mas eu não podia abraçá-la porque a madrinha nunca me pareceu tão frágil quanto naquele momento.

— Minha querida! — disse com a voz animada. — Ficou assustada, não foi?

Então chorei. Chorei porque estava cansada, assustada, com medo e fazendo um esforço anormal para me manter forte o tempo todo. Ela me envolveu em seus braços com carinho.

— Ei, não fique assim! Foi só uma crise de ansiedade.

— Mas a senhora... a senhora... — eu não conseguia dizer. Então ela me afastou limpando minhas lágrimas e sorriu.

— Eu dei uma de adolescente e desmaiei. Ora, que mãe não se sentiria sufocar estando prestes a casar a sua filha?

— Ela está bem, Miranda — o padrinho afagou meu braço e sorriu seguro do que dizia. — Agora deixe-me levar Mary lá pra cima porque foi necessário bombardeá-la com remédios para que ela se acalmasse.

— É verdade. Estou me sentindo leve como as nuvens. — Ela sorriu outra vez e acariciou meu rosto. — Se quiser pode ficar comigo um pouco no quarto.

— Mary! — o padrinho ralhou. — Você precisa descansar.

— E a minha filha está assustada. Eu preciso acalenta-la. Venha, querida, fique comigo um pouco.

Segurei sua bolsa para que ela não precisasse se esforçar com mais nada. Quando alcançamos a porta, Alex e Charlotte estavam lá, falando com Dana. Charlotte estava com cara de quem havia chorado, mas estava ao lado do noivo, abraçada a ele, o que indicava que estava tudo caminhando para o seu devido lugar.

— Alegria encontrar o casal mais bonito do ano logo na minha chegada. Deixe-me abraçá-los. — Ela me deixou para envolvê-los em seus braços fracos.

Charlotte fechou os olhos quando se viu protegida pela mãe. Agradei por não ter dito nada sobre o que houve pela manhã. Minha irmã precisava de paz, então era isso o que ela teria.

— Vocês estão me fazendo a mulher mais feliz do mundo todo. — Charlotte sorriu aliviada. Foi o primeiro sorriso verdadeiro que ela dava depois de tudo.

— Mary? — o padrinho chamou indicando que deveríamos subir.

— Eu sei. Eu sei — ela disse demonstrando animação, que eu sabia ser além do que realmente sentia, mas ela não queria que Charlotte desconfiasse de nada. — Vou subir, querida. Seu pai insiste que eu descanse um pouco.

— Saímos muito cedo e sua mãe está em uma variação de emoção que não vai ajudar em nada. Ela descansa e volta mais forte. — Charlotte concordou e com um beijo se despediu da mãe, me lançando um olhar cheio de carinho.

Subimos para o seu quarto e ajudei no que pude. A madrinha deitou, segurou em minha mão e começou a falar sobre Charlotte e o casamento. Perguntou se lembrei de levar o meu vestido e se providenciei para que Lottie não se esquecesse de nada. Eu falei sem parar querendo aplacar o meu medo até que ela adormeceu tranquila e leve, como disse que se sentia.

CAPÍTULO 19



“Hoje eu me peguei, pensando em você. Te amo e nem sei como eu amo.”

RETRATOS E CANÇÕES – SANDRA DE SÁ

SAÍ EVITANDO ENCONTRAR COM O PADRINHO. ELE ESTAVA DE PÉSSIMO HUMOR E EU SABIA QUE SEU estado de espírito estava diretamente relacionado com a saúde da madrinha. Estava cansada de tentar descobrir alguma coisa e não encontrar nada. O padrinho sabia ser mais reservado do que eu, e conseguia esconder um segredo como ninguém.

Fiz a volta pelo jardim e caminhei calmamente em direção ao celeiro onde Lana me aguardava. Não fazia ideia do que ela queria naquele lugar já que eu e cavalos nunca formamos uma grande amizade. Eu odiava o cheiro, o tamanho intimidador, a capacidade de serem imprevisíveis, além do fato de fazerem as necessidades por onde passavam sem qualquer receio. Resumindo: Miranda e cavalos não conviviam no mesmo espaço.

Mesmo querendo me manter escondida de olhares curiosos, como a própria Lana me orientou, foi impossível não procurar por ele enquanto me direcionava ao ponto de encontro. Patrício não estava em lugar algum.

Eu sabia que ele já tinha chegado, pois ouvi sua voz em algum lugar no andar de baixo, mas não chegamos a nos encontrar. E quando finalmente desisti de tentar arrancar a verdade do padrinho ele tinha evaporado, ou, o que muito provavelmente acontecia, estava se escondendo de mim.

Mordi o lábio e fiz a curva deparando com as portas abertas do celeiro e Lana dentro, próxima ao tal cavalo que auxiliou Charlotte em sua fuga na noite da tempestade, quando ela finalmente perdeu a virgindade e todos descobriram aquele romance pouco provável com o seu professor. Parei a alguns passos, torcendo o nariz por já estar incomodada com o cheiro.

— O que foi de tão urgente que não podia ser tratado em um lugar mais cheiroso? — reclamei enquanto ela alisava o bicho com admiração.

— Porque eu preciso que fique apenas entre a gente. — Seu sorriso revelava que Lana estava aprontando alguma coisa. — Ele não é lindo? — Estreitei os olhos pensando no que eu poderia responder que não a ofendesse.

— Não é muito o meu estilo — brinquei.

— Ele vai fazer uma belíssima apresentação no casamento amanhã — divagou, ainda acariciando o animal.

— O quê? — Ela riu divertida.

— Não vai ser hilário Escuridão entrar levando as alianças? — Deu alguns pulinhos de animação que acabaram agitando o cavalo. Imediatamente me afastei, só por precaução.

— Vai ser muito hilário! — Fui sarcástica.

— Ah, Miranda! Seja mais jovial! Charlotte fugiu no Escuridão quando pensou que Alex não a amava e foi o Escuridão que encontrou Alex perdido na mata e o levou até sua amada. No final, ele foi o grande herói.

— Claro! — Um pouco mais do meu sarcasmo ácido. Lana era mesmo uma pessoa estranha. — E como pretende fazer isso? Até onde eu sei esse animal não é muito confiável.

— Não fale assim dele! — Ela tomou a frente como se quisesse impedir que o tal animal ouvisse o que eu tinha dito. — Os cavalos são sensíveis. — Realmente revirei os olhos porque não havia como resistir. — É sério!

— Ok! Então esse... — Ela me lançou um olhar de reprovação. — Escuridão vai levar as alianças. E como você pretende conseguir isso? — Lana abriu um sorriso imenso.

— Patrício vai conduzi-lo até o altar. — Meu coração deu um pulo ao ouvir o nome mencionado.

— Ah, é? — Fiquei mais interessada.

— É sim. — Ela sorriu estreitando os olhos. — Então eu queria saber se você não se importa de eu tirá-lo do seu lado durante a cerimônia. — Levei mais do que o necessário para reagir.

— Do meu lado? Ele não vai ficar do meu lado!

— Sei. — Foi a vez de ela de revirar os olhos. — Pelo menos ele ficará ao seu lado na mesa.

— E quem fez esse absurdo?

— Eu! — Seu sorriso ficou ainda maior me fazendo ter vontade de arrancá-lo.

— Lana, eu e o seu irmão...

— Consegui!

A voz estrondosa de Patrício pareceu ocupar cada espaço daquele imenso celeiro. Estremeci, mas evitei olhar em sua direção. Ele hesitou e logo em seguida continuou falando, só que com mais cuidado.

— Deu o maior trabalho, mas a Dona Paula concordou em fazer o cinto com a almofada.

— Que ótimo! — Lana pulou na direção do irmão me forçando a acompanhá-la. — Será que ficou bom?

— Ela seguiu exatamente como você descreveu. Usou as medidas que você tirou, então se alguma coisa der errada você vai mandar o João voltar lá. — Lana fez uma careta. Claro, ela estava magoada com o marido por causa da festinha absurda na casa do Alex.

— Vamos testar.

Indiferente ao comentário do irmão, Lana pegou um amontoado de pano com laços e fitas e começou a vestir o cavalo. Olhei rapidamente para Patrício, que me olhava com cuidado, como se esperasse a minha reação. Forcei a mente a ignorá-lo, porém todo o meu corpo estava atento a ele.

— Ficou perfeito! Vejam! — Ela começou a rodear o animal, conferindo cada detalhe daquela maluquice. — Aqui vamos prender as alianças, então posso fazer o laço aqui e esta parte... — Olhei outra vez para Patrício, ele me olhou de esguelha, fingindo não olhar, e um sorriso brincou em seus lábios. — Não se esqueça do que te falei, Paty, quando eu fizer o sinal...

— Paty é a...

— Puta que te pariu. Eu sei — ela o interrompeu. — Idiota! — Acabei rindo. — Não se esqueça da marcação.

— Não vou esquecer — murmurou aborrecido.

— Ótimo! Agora vou esconder isso aqui em algum lugar que ninguém possa encontrar. Amanhã Charlotte vai ter uma grande surpresa e...

Lana saiu do celeiro falando sozinha sem se importar com o que faríamos.

Minhas mãos gelaram e ficaram suadas. Coloquei-as dentro dos bolsos da saia jeans e, sem saber como agir, virei para ir embora também. Então Patrício me segurou pelo braço.

— Não vai falar comigo?

— Hum! — Afastei meu braço da sua mão para não precisar ficar arrepiada com o seu toque. — Falar com você? — Fingi pensar no assunto.

— Nossos irmãos vão casar amanhã, Miranda. Precisamos ter o mínimo de cordialidade um com o outro.

— Ah, claro! Então... como vai, Patrício? E o trabalho? Olha, o dia está lindo hoje, não? Céu claro, sem nuvens, nenhuma menção de chuva para o final de semana, não é maravilhoso? — Ele me encarou com os olhos estreitos. — Agora com licença porque eu tenho mais o que fazer. — Ele me impediu outra vez.

— Você esteve no meu quarto — afirmou sem titubear. Não foi uma pergunta, nem levantou uma hipótese. Não. Patrício afirmou com toda a certeza que uma pessoa poderia ter. Meu coração acelerou e meu ar ficou pesado.

— Não! — menti na maior cara dura. — Lógico que não! O que eu faria no seu quarto? — Aquele sorriso infernal se projetou em seus lábios. Ele sabia que eu mentia. — Eu não estive lá, tá legal?

— Esteve sim, Morena. — A voz rouca junto com aquele apelido fez meu corpo vibrar.

— Não estive. — Ele arqueou uma sobrancelha. — Como pode me acusar?

— Seu cheiro. — Fiquei parada sem saber o que responder. — Algumas mulheres não ficam bem com perfumes tão marcantes, mas você, Miranda... — Deu um passo em minha direção. Eu estava petrificada, sem conseguir reagir. — Você criou uma identidade e este perfume é inconfundível.

— Patrício, eu... não...

— Você esteve lá. Deitou na minha cama. Abraçou o meu travesseiro — acusou com divertimento nos olhos. Engoli em seco.

— Eu não tenho que...

— Como foi? — ele me interrompeu sem me deixar sair dali. — Foi confortável pra você estar ali outra vez? — Meu coração acelerado parecia querer sair de dentro do peito. Eu sentia raiva dele, mas também me sentia absurdamente abalada com a sua pergunta.

— Não! — respondi com os dentes cerrados pela raiva.

— Nem para mim — ele disse fazendo tudo desmoronar ao meu redor. — Não tem como deitar naquela cama e acreditar que continuo em meu mundo, Morena. Você roubou de mim não apenas a minha paz, mas o meu conforto, minha ideia de segurança.

Nosso olhar ficou fixo um no outro tentando reconhecer que tipo de sentimento era aquele que apesar de implorar pela proximidade, nos afastava com tanta força. Então me lembrei da noite anterior, ele com as duas garotas, ele com a menina da boate, ele... eram tantos momentos ruins que me alertavam que não seria possível. Mas tinha que ser.

— Troque os lençóis — rebati lhe dando as costas e fugindo dali antes que ele conseguisse me convencer do contrário.



Não posso dizer que passar um dia inteiro presa naquele rancho com a minha família, Patrício e a dele foi fácil, contudo, já conseguia me sentir mais relaxada, como se entender que no dia seguinte seríamos todos uma coisa só, me ajudasse a aceitar que eles estariam para sempre em meu caminho.

Confesso que tal pensamento me reconfortava e me assustava concomitantemente.

Eu ainda deliberava o que deveria fazer a respeito de Patrício, enquanto ele parecia querer me dar espaço, ou usar o que eu lhe dava para repensar suas atitudes. Por falar nele, Patrício ainda estava constrangido com o que fez na noite anterior e, acredito que devido a isso, ficou mais participativo e colaborativo, fazendo tudo o que Lana e a mãe mandavam sem reclamar.

Apesar do clima festivo havia certa insegurança, ou tensão, no ar. Eu só não conseguia definir se era pelo problema entre os noivos, que já estavam aparentemente bem, apesar de ficarem afastados a maior parte do tempo; se era pelo que havia acontecido com a madrinha pela manhã, já que o padrinho continuava com uma cara terrível; ou se eu me sentia assim por ainda me perturbar com a noite anterior.

Alex entrou na sala com passos largos e decididos, fez um gesto para Lana, que estava ao meu lado conferindo o que faltava confirmar para que nada desse errado no dia seguinte, e que largou o *tablet* para segui-lo para longe do meu olhar. Fiquei desconfiada.

Porém minha atenção rapidamente correu para Charlotte e a madrinha que saíam de mãos dadas para fora da casa. Deixei o livro que tinha levado para fingir interesse de lado e olhei ao redor me sentindo sozinha. Sozinha até demais. Era como se aquela sensação de não pertencimento estivesse lutando para voltar.

O padrinho ficou a maior parte do tempo trancado no escritório com Adriano. Coisas de homem, como Dana tinha sugerido. Johnny parecia seguir o mesmo padrão de irritação, falando ao celular durante muito tempo e se mantendo distante. Eu podia jurar que Anita estava metida nisso, mas optei por não me intrometer. Depois da noite anterior eu já sabia muito bem o que fazer com ela. João Pedro e Patrício entravam e saíam sem a animação habitual deles, e por vezes, Patrício sumia por tempo demais.

Restava apenas eu ali, naquele sofá, sem saber qual era o meu lugar naquele cenário.

O padrinho passou com Adriano pela sala, sem notar minha presença, conversando muito baixo e ainda aborrecido. Eles saíram, caminhando na direção oposta à que a madrinha estava com Charlotte. Elas duas pareciam felizes, o que aliviava um pouco a minha tristeza.

Depois, Dana e Lana apareceram para fazer companhia a Lottie e à madrinha. Elas conversavam com entusiasmo e pareciam aproveitar o sol. Mais uma vez me senti deslocada. Em nenhum momento pensaram em mim, ou sentiram a minha falta, constatei com pesar. Charlotte estava arrumando a vida, ganhando um marido e uma irmã, enquanto eu permanecia no mesmo lugar, sem mudar nada.

Alex voltou, andando rápido, também sem me notar. Ele olhava para o chão e enxugava a testa como se alguma coisa estivesse muito errada, o que me alertou um pouco. Então foi até Charlotte e a beijou. Aquilo foi estranho. Ele conversou um pouco e saiu levando Charlotte em direção à garagem. Muito estranho. Se Anita e Tiffany estivessem aprontando mais alguma coisa eu...

— Dia agitado, não? — Patrício apareceu de repente do meu lado me pegando de surpresa. — Assustada?

— Porra, Patrício!

— Fico imaginando o que está passando por esta cabeça para ficar aqui sozinha, olhando os outros, tão concentrada.

— Não é da sua conta. — Virei outra vez olhando para fora, contudo, já completamente abalada com a presença dele. — Patrício riu.

— Eu ia te contar uma coisa, mas já que você não quer conversa...

— Que droga! Diga logo de uma vez!

— Não! — Ele me olhou com divertimento deixando seu sorriso sacana se apresentar. — Vou pensar em seu caso.

— Por que você é tão insuportável?

— Porque você adora que eu seja assim.

— E quem te disse isso? — Mas eu não conseguia mais ficar aborrecida e sorri me rendendo àquele menino abusado.

— Vou fazer o jogo do merecimento com você — disparou estreitando os olhos.

— Ai, meu Deus! Você não se acha velho demais pra joguinhos?

— Não. Eu não tenho nem metade da sua maturidade, Miranda, graças a Deus!

— Isso não foi um elogio.

— Eu sei. Posso falar as regras do jogo?

— Eu não vou jogar! — Patrício ergueu uma sobrancelha me encarando com deboche. — Fala logo de uma vez.

— Certo...

— Mas eu não vou jogar. — Ele parou mais uma vez me censurando.

— Uma única regra: se você se comportar muito bem eu te conto. Cada comportamento vale um ponto. Se no final do dia você tiver dez pontos eu conto.

— Vá à merda! — Ele riu.

— Acabou de perder a chance de ganhar um ponto.

Virei para o lado voltando a olhar a janela, ignorando sua presença. Patrício continuou lá, quieto, sem se incomodar com o meu silêncio. Um tempo depois, Johnny entrou na sala parecendo uma tempestade.

— Tem cerveja nesta casa? — perguntou a Patrício.

— Sempre tem. Traz uma pra mim? — Meu irmão o olhou sem acreditar que ele estava mesmo deixando de servir uma visita para ser servido por esta. Mas desistiu de questionar indo buscar as cervejas.

— Vai querer, Miranda? — gritou antes de deixar a sala.

— Não.

— Você está tensa, Morena. — Fui surpreendida por mãos fortes em meus ombros. Massageando-os. — Relaxe!

— É fácil falar — rebati aceitando a oferta. Ele riu baixinho.

— É fácil relaxar também. — Sendo um pouco mais ousado, Patrício se aproximou e deu um beijo em meu ombro, mantendo as mãos fortes me massageando enquanto corria o nariz pelo meu pescoço. Estremeci. Era tão fácil ele me excitar. — Eu posso te ajudar.

— Não. Não pode não. — Aproveitei a deixa e me afastei fazendo com que suas mãos me abandonassem. Patrício resmungou, mas aceitou.

— Perdeu de ganhar mais um ponto.

— Transando com você? — Não resisti e acabei me virando para olhá-lo, ele estava com um sorriso imenso.

— Não. Transar comigo é inevitável, mas sendo mais gentil. — Piscou de maneira escrota.

— Você já sabe o que quer de mim? — Ele recuou sem saber como responder.

— Como? — Foi a minha vez de sorrir. Manhosa, me aproximei dele até que nossos lábios estivessem quase juntos.

— Você perdeu de ganhar um ponto, menino! — E pisquei me afastando.

— Porque eu não tenho uma resposta pra você?

— Não. Você tem uma resposta pra mim. É por não ter coragem de dizê-la.

Ele piscou várias vezes confuso, depois, bem lentamente, um sorriso lindo e preguiçoso se estendeu em seus lábios. Sem que eu esperasse, Patrício pulou em cima de mim me prendendo ao seu corpo como podia para roubar um beijo. Ouvimos um pigarro bem perto da gente. Ele se afastou rapidamente para encontrar um Johnny se divertindo às nossas custas.

— Puta que pariu, Johnny! — Patrício resmungou pegando a cerveja que meu irmão oferecia. — Quase enfartei pensando ser Peter.

— Se fosse o padrinho, nós teríamos dois casamentos amanhã — Johnny provocou fazendo com que Patrício se retraísse.

Então, como se estivesse fazendo a coisa certa, Johnny sentou entre nós dois e abriu um braço me cercando e me protegendo contra Patrício. Ainda vi o olhar pidão do quase cunhado da minha irmã e não consegui impedir o meu próprio sorriso imenso.

Intencionalmente meu irmão conseguiu manter Patrício distante durante o final da tarde e boa parte da noite. Ele não se afastava, contudo, não conseguia espaço para conversar mais intimamente comigo. E foi divertido. Depois de um tempo, Lana e João se juntaram à nós e começamos uma partida de War que durou até a hora do jantar.

Charlotte e Alex não apareceram e os padrinhos jantaram antes, junto com Dana e Adriano.

Em seguida emendamos uma brincadeira que eu nem fazia ideia de que existia e que Lana denominava de “assassino”. Consistia basicamente em pedaços de papéis onde devíamos escrever os nomes: assassino, polícia e vítima. Ninguém podia revelar o que era; o assassino tentava matar as pessoas piscando para elas sem que o policial percebesse. Rendeu boas risadas até a hora que tivemos que ir para os quartos, já que o dia seguinte começaria muito cedo, como determinou Lana.

Charlotte não apareceu para dormir, mas nem por isso o meu quarto ficou vazio.

Ciente de que eu passaria aquela noite sozinha, não demorou nem uma hora para que Patrício estivesse à minha porta. Eu estava determinada a não deixá-lo encostar em mim até que tivesse consciência do que sentia, porém confesso que estar apaixonada enfraquecia qualquer resolução minha, e piorava quando eu tinha total noção do que ele sentia, mesmo que ele não tivesse admitido ainda.

— Posso entrar? — disse sem qualquer cuidado ou medo de sermos flagrados.

— Não! — Ele sorriu e com um passo conseguiu se impor, me colocando para dentro do quarto. — Posso saber por que o seu cão de guarda está tentando me manter longe?

— Não sei do que você está falando. — Dei as costas fingindo indiferença e tirando o roupão para passar mais uma camada de hidratante.

— Você sabe. — Ele se posicionou atrás de mim sem pedir permissão. Logo suas mãos estavam acariciando a lateral do meu corpo e seus lábios buscavam meu pescoço. — Quer me manter distante? — sussurrou atijando os meus sentidos.

— E você? — devolvi a pergunta tirando de cima de mim a responsabilidade de ser a primeira a declarar o que sentia.

— Eu estou bem pertinho. — Como se quisesse comprovar, ele se juntou ainda mais a mim, colando nossos corpos. Suas mãos passaram pela camisa do conjunto de *baby-doll* que eu usava, acariciando minha barriga.

— Para se despedir outra vez? O casamento é amanhã. — Patrício se afastou. Parecia que a palavra casamento lhe dava um choque. Fechei os olhos e respirei fundo antes de virar em sua direção e continuar fingindo não me importar.

— Você se despede de mim — disse com os olhos atentos aos meus. — Vamos passar a noite no meu quarto? — Ri sem muita vontade.

— Não!

— A cama aqui é pequena, Morena.

— Você não cabe em uma cama de solteiro? — provoquei.

— Não se você estiver nela. — Seus olhos correram meu corpo com um desejo lascivo.

— Então ótimo! Porque temos duas camas de solteiro aqui. Uma pra mim. — Olhei para ele erguendo a sobrancelha. — Você pode dormir na outra se quiser.

Outra vez Patrício avançou me cercando mais rápido do que eu conseguiria me desvencilhar. Ele me segurou e me sentou em seu colo, na cama que deveria ser de Charlotte.

— Vamos parar com isso. — Tentou mais uma vez roubar um beijo. Este eu consegui evitar. — Miranda! — Sua voz em tom de censura foi um incentivo a mais.

— Nós não vamos ficar juntos, se é o que você está tentando fazer — afirmei sem deixar nenhuma margem para dúvidas. — Não vamos transar, se assim for melhor pra você entender. — Ele ficou sério, depois me deu um sorriso sem vergonha.

— Posso saber por quê?

— Você sabe porquê.

Ele me girou na cama e deitou por cima de mim. Seu corpo todo me impedindo de fugir. Ele estava excitado, foi fácil constatar. E eu também estava, mas não seria tão fácil ele descobrir.

— Você sabe a resposta, Morena — ronronou ainda tentando me beijar.

— Sei?

— Sabe.

— E o que eu sei?

— O que você me perguntou.

— E o que exatamente eu te perguntei? — Patrício levantou o rosto me encarando com deboche. Depois riu e saiu de cima de mim. — O que você queria me contar?

— Você não conseguiu os dez pontos.

— E você está prestes a perder cem. — Sua risada foi contagiante.

— Ok! Amanhã vocês vão ficar por aqui envolvidas na festa, nos preparativos, com tudo o que um casamento pede da noiva, da madrinha, das mães dos noivos...

— Vá direto ao ponto!

— Vou ganhar um beijo se eu contar?

— Um beijo — provoqueei, doida para poder beijá-lo o quanto antes.

— Peter sugeriu que saíssemos para nos divertir, já que não vamos ter muita utilidade por aqui.

— O padrinho o quê? — Levantei sentando na cama e virando na direção dele para melhor entender a história.

— Ele quer um tempo só com os homens. Acho que ficou empolgado com as histórias de caça do meu pai. E claro que meu pai aumentou muito os seus sucessos, você sabe como funciona essas coisas. Talvez eles prefiram pescar, ou ir a um bar... — Ele deu de ombros enquanto eu permanecia calada. — Uma despedida de solteiro.

— Outra despedida de solteiro?

— Aquela não contou. — Eu mal conseguia pensar direito.

Claro que eu sabia que o padrinho jamais permitiria que Alex transasse com outra mulher só para se despedir da tão maravilhosa vida de solteiro. Contudo eu conhecia a mente machista e antiquada do meu padrinho o suficiente para fazer inúmeras suposições a respeito daquela reunião.

E Patrício era solteiro. O padrinho não fazia ideia do que estávamos prestes a viver. Rapidamente a imagem de Patrício com as duas mulheres no colo invadiu a minha mente.

— E agora posso ter o meu beijo?

— Não! — quase gritei saindo da cama.

— O que foi desta vez?

— Fora do meu quarto!

— Mas, Miranda...

— Fora!

— Porra, o que é isso? TPM? Você está muito esquisita.

— Fora! — Joguei o outro travesseiro nele batendo com força e raiva.

— Para, Miranda! — Ele riu, mas levantou se esquivando até encontrar a porta. — Você é maluca!

— Vá. Embora! — Atirei o travesseiro que bateu na porta que ele tinha acabado de fechar. Voltei a ficar sozinha no quarto.

Sozinha, com raiva e excitada. Não poderia estar pior.

CAPÍTULO 20



*“Eu posso não saber de tudo. Melhor às vezes nem saber.
Mas uma coisa eu sei ninguém vai te dizer.
Amigo, amar alguém a fundo, é coisa séria de querer.
Cuide de quem te quer e cuide de você.”*

FICA TUDO BEM – ANITTA E SILVA

— CHARLOTTE E ALEX ESTÃO NA CABANA — LANA RALHOU INCRIVELMENTE ANSIOSA. — EU avisei a ele que ela precisava estar aqui bem cedo, mas Alex não tem noção do que é bem cedo. Não, ele não tem!

Ela continuou enquanto colocava um monte de pão e bolo em seu prato, que eu tinha certeza, não conseguiria comer nem metade. Eu não sabia que Alex e Charlotte tinham passado a noite na cabana, mas suspeitei que eles estavam juntos quando não apareceram para o jantar e também quando ela não voltou para o quarto que ainda dividia comigo.

Mas a declaração de Lana, sem qualquer cuidado para evitar um conflito direto com o padrinho me deixou atenta. Na mesa estavam Dandara, João Pedro, Lana e Patrício, que me olhava com atenção como se estivesse esperando que eu descobrisse algo. Onde estavam os padrinhos?

A noite anterior foi um martírio, o que provavelmente me deixou desatenta para tudo o que acontecia naquela casa. Patrício não voltou e eu não sabia se esse ponto foi bom ou ruim, já que eu estava mesmo com raiva daquela ideia absurda de mais uma despedida de solteiro.

— A madrinha não vai descer? — Fiz o maior esforço para a pergunta sair casual. Dandara ficou um pouco agitada, voltando sua atenção para Lana.

— Pare de comer tudo o que encontra pela frente! Você não vai caber em seu vestido — ela disse à filha.

— Tem razão! — Lana retirou dois pães do seu prato e todas as fatias de queijo e presunto que conseguiu pegar. — Droga, por que eles não chegam?

— Eles vão chegar, amor! — João tentou acalmá-la sem sucesso.

Achei que Lana ainda estava aborrecida com o marido pela despedida de solteiro na casa do Alex. E, com certeza, a ideia de uma nova despedida agravou a situação deles dois.

— A madrinha vai se arrumar com a gente? — Tentei outra vez notando o incômodo de Dandara.

— Ela voltou para o Rio ontem à noite, Miranda — disse assim, como se não estivesse dizendo um absurdo.

— Por quê?

— Bom... — Dandara começou e eu já sabia que era uma mentira. — Seu padrinho foi chamado para atender uma situação de urgência, então ela resolveu acompanhá-lo, mas

garantiu que estaria aqui para os preparativos. Mas Mary pode chegar um pouco mais tarde, não é mesmo, Lana?

— Claro que pode! Quem não pode é Charlotte! Pelo amor de Deus! Qual a noção do Alex? Ele tem ideia de quanto tempo demora a arrumar uma noiva? — Dandara riu.

Eu tinha certeza de que a madrinha não foi acompanhar o padrinho. Não. Aquele sumiço estava diretamente ligado à sua saúde, ou à falta dela. Só que Dandara se empenhava para conseguir esconder, enquanto os demais não pareciam saber de nada, e Charlotte não podia sequer imaginar o que estava acontecendo. Por isso optei em aceitar e me calar.

Lana levantou ansiosa demais para ficar tanto tempo sentada. Patrício me olhou com doçura e virei a cara em uma maneira bem teatral. Então Lana saiu intempestivamente, chamando a nossa atenção, para logo em seguida a madrinha entrar na sala com um sorriso enorme.

— Lana está impossível! — ela disse como se não tivesse acontecido nada demais.

Ela voltou para o Rio de Janeiro por causa de algum problema de saúde, Charlotte havia dormido fora e ela sorria como se tudo estivesse em seu devido lugar. Mas não estava e pensar assim me deixava irritada.

— Acredita que ela foi arrancar Charlotte do carro? — A madrinha ria enquanto se aproximava para me dar um beijo no rosto. — Onde está Johnny?

— Provavelmente dormindo — resmunguei sem muita vontade. Aquele mistério todo não me fazia bem.

— Bom... se Charlotte chegou é bom estarmos preparadas. Lana está daquele jeito. — Dandara levantou dando um olhar cheio de significados para a madrinha. — Sente e coma alguma coisa.

— Obrigada, mas comi no caminho. Também estou ansiosa demais. — As duas trocaram sorrisos que só as mães dos noivos conseguiam sustentar.

— Lana não deixa ninguém chegar perto do vestido. Nem a própria Charlotte. — Dandara começou a tagarelar quando Johnny entrou na sala, deu um beijo na madrinha e pegou um pão sem se dar ao trabalho de sentar.

— E aí? Vamos? — ele disse para os rapazes, que se olharam com receio.

Perdi o que eles diziam quando Charlotte entrou na sala sendo puxada por Lana que não parava de reclamar. Ela nem conseguiu falar comigo, pois a futura cunhada a levou escada acima. Quando voltei a olhar para a mesa, os três já estavam de pé e prontos para saírem. Meu coração acelerou.

Patrício me olhou com expectativa, como se esperasse que eu o impedisse, mas eu nada disse, então ele saiu me deixando para trás. João se despediu ainda na sala, subindo rapidamente, acho que para se despedir de Lana. E Johnny foi interceptado pelo padrinho e Alex que entravam em um clima amigável. Eu me perguntei se o padrinho sabia que ele tinha passado a noite na cabana com a sua filha.

Com todos ocupados e animados, levantei e saí da sala, seguindo para fora da casa, por onde Patrício tinha saído. Ele não estava em lugar algum, então fui para a garagem, porque sabia que se eles iam sair juntos, ali seria o ponto de partida. E acertei. Patrício estava encostado no seu Jipe, conferindo as rodas, checando o que podia.

— Será que vamos ter chuva? — Ele me olhou assustado, mas logo em seguida relaxou, olhou para o céu e negou com a cabeça.

— O tempo está muito bom. O que faz aqui fora?

— Eu precisava ver com meus próprios olhos. Então vocês vão mesmo fazer uma despedida de solteiro? — Patrício encostou-se ao carro e cruzou os braços.

— Não é bem isso, mas... sim. — Mordi o lábio, incomodada.

— Ótimo! Eu não vou tentar segurar Charlotte. Se Alex está mesmo concordando com isso...

— Ele não teve escolha. Aliás, acredito que Peter acabou de contar. Não é como você está pensando, Morena. Vai ser mais como arrumar o que fazer enquanto vocês nos querem longe.

— Eu não quero! — falei rápido demais e ele sorriu. — Quer dizer... não vejo motivo para vocês fazerem isso. Como se aqui não houvesse nada para se fazer.

— Não há.

— Ok, então! Até mais! — Dei as costas e fui agarrada por ele.

— Pare com isso, Morena! Não tem chance alguma de acontecer alguma coisa errada.

— Quem pode garantir? — Ele riu baixinho me virando de frente para ele.

— Você quer garantias? Logo você que nem sabe o que quer comigo — provocou me deixando sem palavras. — Eu quero um beijo — sussurrou com os lábios bem próximos aos meus.

— Não — falei com a voz fraca.

— E se eu não voltar? E se eu nunca mais voltar? Vai mesmo me negar este beijo? — Revirei os olhos sem conseguir me manter no clima.

— É sério que você me disse isso? — Ele riu.

— Eu posso morrer no caminho. Você nunca vai se perdoar, Miranda. E...

Puxei seu rosto colando os nossos lábios. Não porque ele me fez temer o que poderia acontecer, mas porque eu de fato queria beijá-lo, lhe dar um motivo para pensar duas vezes antes de fazer qualquer besteira, além de, claro, fazê-lo ter a certeza que eu precisava: que voltaria para casa, para mim, para nós dois.

E beijar Patrício era como desconectar todas as minhas células deixando-as à deriva, navegando perdidas em um balanço preguiçoso, sem qualquer capacidade de se reorganizar, de raciocinar ou de dar a vez à razão. Beijar Patrício era como aceitar o improvável e abraçar o desconhecido, só que sem qualquer medo, apenas com as certezas que atingiam o meu coração.

Porque eu amava aquele garoto bobo, que se escondia atrás de piadas e que percebia o mundo da sua própria maneira. E, quer saber? A maneira como ele via o mundo era muito melhor do que a que eu via.

Meu coração acelerou me impulsionando a continuar. Nossas línguas se tocavam, se experimentavam e se permitiam. Nossos lábios se provavam encontrando os melhores sabores para serem apreciados com cuidado, delicadeza e tempo. Suas mãos em minha cintura não ditavam respeito, pois elas queimavam com as melhores promessas, enquanto apenas acariciam a minha pele ultrapassando a camisa.

Ah, Deus! Eu não devia ter impedido que ele ficasse na noite anterior.

E então Johnny e João Pedro chegaram e imediatamente começaram a fazer bagunça por terem nos flagrado. Nós nos afastamos, evitando a confusão, principalmente porque o padrinho poderia aparecer a qualquer momento. Mas ele continuava me olhando como se estivesse me pedindo para esperar. E eu esperaria, nem que levasse uma vida inteira.

— Vamos ter dois casamentos! — Johnny brincou abrindo a porta do carro.

— Cala a boca! — Patrício esbravejou. — É melhor você entrar, Miranda! — disse aborrecido. Johnny e João riram.

— É, Miranda. É melhor você entrar — meu irmão pirraçou sabendo que aquela ordem me aborreceria.

— Cala a boca, Johnny! — Patrício reagiu estando mesmo aborrecido. — Entre, Miranda. Seu padrinho vai aparecer a qualquer instante. — Os outros riram ainda mais pelo fato de Patrício ter abrandado a voz.

— E você é frouxo o suficiente para encará-lo, não é mesmo? — Ele ficou assustado com a minha reação. — Ótimo! Boa sorte!

Dei as costas indo embora e ouvindo as risadas dos outros dois enquanto Patrício me chamava de volta.

— Miranda?

Porém eu não queria mais conversar. Ele que fosse para a puta que o pariu e me deixasse em paz.

Entrei na casa sem me sentir mais animada. Porém era importante estar. Era o casamento da minha irmã, oras! Eu tinha que estar no mínimo emocionada. Mas não estava. A gama de acontecimentos estranhos e ruins me impedia de pensar apenas em Charlotte e no seu grande dia. A sala já estava vazia então eu deveria subir para o quarto de Lana e acompanhar a produção da noiva.

Que grande programação!

Do lado de fora eu ouvia Charlotte resmungar sobre ter que fazer todos aqueles procedimentos de beleza programados por Lana e que ela não estava nem um pouco acostumada.

Aliás, onde eu estava que não lutei por um dia da noiva adequado para a minha irmã? Não era possível que ela ficaria ali se submetendo às loucuras da Lana como se fosse um animal preso para experiências. Era o dia dela, deveria ser lindo!

Então pensei que tínhamos a depilação agendada e Lana queria algo especial para a grande noite de núpcias. Ou seja, ninguém conseguiria convencer Charlotte a abrir as pernas para uma desconhecida e se deixar depilar. Não. Deveria haver muita persuasão e insistência e neste quesito Lana ganhava disparado de qualquer pessoa.

— Meu Deus! Que noiva mais mala! — pirracei quando entrei no quarto.

— E que madrinha mais ranzinza — ela respondeu tocando justamente onde eu queria evitar. Lana me olhou como se quisesse dizer “vá com calma”.

— Já fez a depilação? — perguntei sabendo que isso a distrairia.

— O quê? Não. Nada disso. Esse troço dói pra diabos! Deus me livre! — Charlotte protestou com veemência e se acovardou quando Lana lhe olhou com severidade.

— Vai querer abrir as pernas, cheia de pelos? — brinquei porque sabia que Charlotte se esforçaria para dar o melhor a Alex naquela noite toda especial.

E lógico que se depilar completamente podia não ser uma maravilha para muitos, contudo, eu consegui arrancar a informação de Lana, que arrancou de João Pedro, então sabíamos que aquela era a preferência do noivo.

— Que coisa horrível para se dizer no dia do meu casamento — Charlotte protestou, cruzando os braços na frente do peito tentando se proteger da futura cunhada.

Por falar nela, Lana nem se importou com a recusa da minha irmã e tratou de fazer o seu serviço aplicando uma máscara nada esteticamente bonita no rosto de Lottie, que estremeceu detestando a ideia. Eu a entendia.

— Calada, Charlotte, vou aplicar a máscara. Quietinha, ou ficará cheia de rugas. — Olhou para mim e piscou travessa. Ri divertida com a sacanagem que ela fazia com a menina. Pelo menos Charlotte ficou quieta como deveria ficar.

— Eles já foram? — Lana não se conteve e perguntou se afastando um pouco da minha irmã. Como se fosse possível fazer Charlotte não prestar atenção.

— Já! — A minha amargura pelo fato não passou despercebida.

— Conseguiu alguma pista? — Lana baixou um pouco mais a voz e deu uma olhada rápida para Charlotte.

— Nada. Ninguém quis dizer nada.

— Isso não vai prestar.

— É. Mas eu já avisei que se desconfiar de algo... Qualquer coisa, um fio de cabelo, uma marca de batom, um perfume vagabundo eu acabo com ele... quer dizer... nós mulheres não vamos aceitar isso. — Não consegui me corrigir a tempo entregando o meu ciúme. Lana riu.

— E você quer esconder de quem que você e o Paty estavam na garagem no maior amasso? — Ela sorriu confidente, como uma adolescente brincando de dia da beleza com as amigas.

— O quê? — Charlotte se agitou. Lógico que ela estava prestando atenção.

— Calada, Charlotte! — Lana abriu os olhos, preocupada, depois, como não tinha mais jeito de esconder, deu de ombros.

— Eu não estava agarrada com ele. O seu irmão que estava tentando me agarrar.

— Não sei qual foi o problema entre vocês dois, mas seja qual for é melhor definirem logo essa situação, ou Peter vai começar a se intrometer. — Claro que o padrinho se intrometeria, mas não naquele dia. Ele só tinha olhos para Charlotte e para o seu casamento.

— Patrício não me merece e ponto final. — Tentei manter a dignidade sabendo que não conseguiria. E tinha Charlotte e todo o seu rancor com o futuro cunhado. Eu não podia simplesmente dizer que queria deixá-lo voltar à minha vida. — Depois de tudo o que aconteceu na casa do Alex, ele ainda acredita que pode me convencer do contrário.

— Ele é um idiota! — Charlotte resmungou tentando não mexer muito a boca. Acabei rindo baixinho e recebendo um olhar de censura de Lana.

— E eu vou colar a sua boca com fita crepe! — ela disse brigando com Charlotte, mas me olhando diretamente. — João não é nem louco de aparecer com alguma novidade.

— Do que vocês estão falando? — Charlotte desistiu de tentar se conter e perguntou sem se preocupar com a máscara.

— Charlotte! Pelo amor de Deus! Será que não posso confiar em você? Fique calada!

Lana conduziu minha irmã de volta à cadeira, fazendo-a encostar a cabeça e fechar os olhos. Com um suspiro de desagrado pegou a porcaria melequenta que chamava de máscara proteica e reaplicou em Charlotte. Eca!

— Agora fique bem quietinha — instruiu com um tom ameaçador. Depois voltou e sentou ao meu lado na cama.

— Eu não estou gostando nada disso — revelei para uma Lana ansiosa.

— Eu também não, mas Peter vai junto, o que me deixa mais tranquila.

— Meu pai? — Charlotte falou outra vez fazendo Lana pular da cama como uma fera.

— Não é possível!

Charlotte voltou rápido para o lugar e fingiu demência para evitar uma Lana mandona. Eu conseguia ver o seu esforço para não rir e estragar ainda mais a máscara. Lana revirou os olhos voltando a se acalmar quando a madrinha surgiu na porta olhando para dentro. Lana fez um gesto para que ela entrasse.

— Como estamos indo? — Mary se aproximou de Charlotte e fez uma careta engraçada. — Uau! O que é isso?

— É para deixar a pele da nossa noivinha perfeita. Quer um pouco? — Lana ofereceu com os olhos brilhantes. A madrinha fez outra careta e eu abafei um riso.

— Não. Tenho que ajudar Dana com as flores. — Rapidamente ela se voltou para Charlotte. — Tudo bem com você? — Lana já estava pronta para reclamar com Charlotte quando a viu cumprindo as regras em não falar nada. — Já vi que está seguindo as ordens da Lana. Muito bem. Quero você divina naquele altar.

— Pode deixar — Lottie respondeu como por osmose e Lana ficou vermelha como uma pimenta se voltando para a minha irmã com toda a sua ira.

— CHARLOTTE MIDDLETON!

Minha irmã estremeceu, a madrinha riu alto, o que foi suficiente para que Charlotte começasse a rir também estragando todo o trabalho de Lana.

— Eu não acredito nisso! — Lana continuava com raiva. — Você vai rir assim quando o maquiador disser que não dá para fazer milagres em sua cara? Daqui a dez anos você vai olhar as suas fotos e se arrepender de não ter seguido os meus conselhos. Ah, vai!

Ri muito. Quando entrei naquele quarto achei que meu dia seria maçante, pois jamais imaginaria que Charlotte conseguiria fazer momentos chatos virarem momentos engraçados. Minha barriga doía de tanto rir.

— Vou deixar vocês, meninas — a madrinha anunciou já indo em direção à porta.

— Ótimo! — Lana ralhava. — Porque se ela não quer fazer a máscara, podemos passar para a segunda etapa. A depilação. — Charlotte parou de rir na mesma hora.

— Lana, eu não...

— Alex quer você lisinha — disparou sem se importar com o impacto que aquelas palavras fariam em Charlotte. Eu tive que rir da maneira rápida como minha irmã corou. — Vamos começar logo com isso. Vá lavar esse rosto.

— Hum! Lana, eu acho que posso aguentar um pouco mais disso. — Lottie sentou outra vez e se posicionou para cumprir sua missão.

— Covarde! — pirraça e ri muito quando minha irmã levantou o dedo do meio para mim.

— Ok! Mas essa é a última tentativa — Lana ameaçou pegando outra vez o pote para espalhar a porcaria no rosto de Charlotte. — Vai querer um pouco, Miranda?

— Não. A minha pele já é linda, obrigada! — Sorri amplamente e ela me deu língua. Perfeito! Só crianças naquele quarto.

CAPÍTULO 21



“Me deu um beijo e eu senti o mesmo gosto de quem tocou os pés no céu. “

12 HORAS – DILSINHO

EXISTE A PESSOA QUE CURTE FAZER DEPILAÇÃO COMO SE NÃO HOUVESSE QUALQUER SACRIFÍCIO nisso. Até mesmo marca na agenda o seu retorno que é para não perder a oportunidade de estar sempre lisinha. Existe também aquela pessoa que detesta, mas suporta a dor em prol de um bem maior. E existe Charlotte Middleton, aquela que vai fazer qualquer mortal correr da depilação como se ela fosse uma doença contagiosa.

Eu não sabia se morria de tanto rir ou se acertava uns bons tapas na minha irmã para que ela tomasse jeito. Não, nem em minha pior projeção para aquele dia eu poderia imaginar que seria algo tão desastroso quanto foi aquela depilação.

Mas graças a Deus sobrevivemos aos gritos, aos pedidos desesperados, às súplicas, ameaças, ao drama típico de novela mexicana, e no final do processo, minha irmã estava depilada, como o noivo gostava. Eu só esperava que ele de fato merecesse o sacrifício dela.

Então depois de todo o drama da depilação, estávamos nós três, eu, Charlotte e Lana, conversando na cama como três amigas, trocando confidências sexuais. Sim, esta foi a melhor forma encontrada para acalmar a noiva, já que os profissionais contratados para cuidar dela dali em diante ainda não haviam chegado.

Eu estava calada ouvindo Lana contar suas peripécias sexuais como se eu e Charlotte fôssemos duas garotas inexperientes. Bom, Charlotte até poderia ser, já que sua vida sexual, apesar de ter iniciado com um cara que dava conta do trabalho, ainda era bem recente. Já eu... eu fingia não conhecer nada do que ela contava e ria às vezes pensando no quanto ela não fazia ideia do quão rasa ainda era. Havia muito mais do que as duas poderiam imaginar.

Por isso me mantive quieta, ouvindo, fazendo todas as exclamações necessárias na hora certa, me divertindo com Charlotte e sua timidez, com seu rosto vermelho como tomate e nos risinhos abafados que ela soltava. Até que a madrinha entrou mais uma vez e, sem querer, causou uma tempestade absurda.

— Seu pai ainda não chegou. Dana quer estar à frente de tudo e eu estou muito cansada, então, vim te dar um beijinho e avisar que vou me deitar um pouco. — Ela se inclinou sobre a filha para beijá-la como tinha avisado. Charlotte, ainda vermelha, sorriu para a mãe sem qualquer preocupação.

— Faça isso, Mary. Descanse e mantenha sua pele linda desse jeito. Depois que o cabeleireiro arrumar os cabelos da Charlotte, vai ser a sua vez, depois Miranda. Eu e minha mãe vamos antes da noiva, que é para garantir que alguém da família esteja no salão quando os convidados chegarem. Está lembrada do penteado que sugeri, não é? — Lana desatou a falar deixando a madrinha confusa com tanta informação. Olhei para Charlotte que revirou os olhos, escondido da futura cunhada, e depois sorriu.

A madrinha concordou ainda assustada e depois de lançar um olhar cheio de significados a Lottie, virou para ir embora. Mas não queria Deus que casar fosse algo tão fácil para a minha irmã, então como quem vê uma tempestade se formando muito rápido, eu vi Charlotte segurar o braço da mãe para detê-la.

— Espera — ela disse apressada. — Onde está o papai?

Lana não percebeu, a madrinha sequer notou, mas senti na pele o quanto o ar gelou nos míseros segundos que a madrinha precisou para derrubar a tempestade.

— Ora, Charlotte! Na despedida de solteiro do Alex.

E toda a confusão estava armada.

— Onde? — Ela levantou sentando na cama sem se incomodar mais com o corpo ardido.

— Na... — A madrinha olhou para mim insegura. — Despedida de solteiro do...

— DESPEDIDA DE SOLTEIRO! — Charlotte gritou assustando todas nós. Eu já estava de pé pensando se deveria acertar uns tapas na cara dela para que se acalmasse ou se apenas deveria sair da frente e deixá-la extravasar.

— Charlotte? — a madrinha sussurrou espantada.

— CHARLOTTE! — gritei para que ela conseguisse me ouvir. Eu sabia que a madrinha não podia passar por aquilo, então achei melhor agir. — Não é uma despedida de solteiro, é só uma forma de estarem fora enquanto arrumamos tudo aqui.

— Não tente me enrolar. Era isso que você e Lana conversavam, não era? Era isso que estava deixando as duas tensas. — Charlotte ameaçava chorar.

— Só por causa daquela noite. Estamos todas sensíveis, mas não é para tanto.

— Que noite? — A madrinha quis saber. Graças a Deus este ponto fez Charlotte recuar.

— Alex me pediu para que eu não tivesse a minha despedida de solteira, mamãe. — Ela olhou para mim e depois para Lana buscando apoio. — E agora resolve ter a dele.

— Querida! Eles vão caçar, pescar, fazer essas coisas que só eles gostam. — Vi minha madrinha tentar apaziguar e minha irmã fazer um esforço imenso para não surtar na frente da mãe. — E seu pai está com eles. Não corremos qualquer perigo. — Sorriu doce, como sempre foi.

— Ah, mamãe! Você não compreende. — Charlotte levantou e andou pelo quarto, angustiada. — Não é justo comigo! Eu não consigo entender!

— Não seja dramática, Charlotte! — Lana a censurou. — Não crie um problema agora. Sua mãe precisa descansar, o cabeleireiro vai chegar, você vai ser maquiada, vestida e antes que se dê conta, eles já estarão de volta.

Charlotte ia rebater. Eu vi em sua postura que ela não aceitava nada daquilo, mas seus olhos foram para a mãe, então ela suspirou e sentou na cadeira baixando o olhar.

— Tem razão. Tem razão — disse com a voz mais domada. — Eu vou ficar aqui, relaxar e me preparar.

— Isso, querida! Você não precisa ficar preocupada com isso. Alex te ama! — A madrinha riu, fazendo com que Lana desse uma risada nervosa. — Eu vou deitar um pouco, mas se quiser ficar um tempo comigo...

— Não, mamãe! Vá descansar. Eu vou ficar aqui e fazer a minha parte.

— Tá bom! Qualquer coisa, mandem me chamar.

A madrinha saiu e eu vacilei. Eu sabia que Charlotte só fingia aceitar a situação porque não queria a mãe preocupada, muito menos chamar atenção para o que os rapazes tinham aprontado antes. O que eu não contava era que com meus olhos fixos na madrinha, vendo-a deixar o quarto, e os de Lana conferindo as mensagens, na certa aguardando por alguma do João Pedro, a minha irmã aproveitasse para surtar.

Ela levantou com pressa e se trancou no banheiro. A princípio achamos que ela queria de fato usar o banheiro. Nós olhamos tensas.

— João não mandou nenhuma notícia — ela sussurrou para que Charlotte não ouvisse. — Patrício escreveu pra você? — Peguei o celular e conferi as mensagens.

— Não. Será que eles vão demorar pra voltar? — Lana mordeu o lábio e fez uma careta.

— Eu espero que não. Alex precisa voltar logo para fazer essa menina relaxar.

Olhei mais uma vez o meu celular, me perguntando se não seria o caso de alertar Patrício. Não. Melhor não. Guardei o aparelho me mantendo longe da tentação.

— Peter não permitiria que... — ela começou insegura.

— Não! — Mas eu mesma tinha as minhas dúvidas.

— Ela não está demorando demais? — sussurrou com mais apreensão. — Será que deu dor de barriga? Essas coisas acontecem, não?

— Com Charlotte? Com certeza. — Dei um sorriso irônico imaginando o quanto minha irmã me odiaria por eu revelar aquela informação.

Lana caminhou pelo quarto, pensativa, um dedo batendo no lábio, aguardando. Sentei na cama já me sentindo ansiosa. Charlotte estava mesmo demorando. Além do mais eu duvidava que ela estivesse com dor de barriga, mas a minha mente só me dizia que talvez ela precisasse de um pouco de privacidade para ligar para Alex ou trocar algumas mensagens desaforadas. Lana continuou andando e eu fui me enervando.

— Ela já está lá há bastante tempo — alertou. Olhei para a porta do banheiro em dúvida, mas acabei levantando decidida a acabar com aquilo.

— Charlotte? — Silêncio do outro lado. — Está tudo bem? — Nenhuma resposta. Olhei para Lana outra vez e ela ficou preocupada.

— Charlotte? Responda! É sério! — Ela deu dois soquinhos na porta, apreensiva. — Charlotte eu estou ficando preocupada.

— Ela está bem. — Tomei a frente. — Não é, Lottie? — Minha irmã não respondeu.

— É melhor eu chamar alguém. — Lana se adiantou. — Maldita hora para não ter nenhum homem na casa.

— Será que já tem algum garçom?

— Isso, Miranda! Um garçom.

— Ah, droga! Charlotte, eu estou mesmo preocupada. Lana vai chamar alguém para arrombar a porta.

— Eu não vou mais casar — ouvimos minha irmã falar do outro lado com a voz insegura e chorosa.

— Ela disse o quê? — Lana me perguntou sem querer acreditar na novidade. Eu sabia muito bem o que aquilo significava. — Charlotte, abra esta porta! — Ela socou com mais força demonstrando impaciência.

— Não! — minha irmã gritou com raiva. — Não vou casar com aquele cretino! Não vou!

— Porra! — Lana rosnou com raiva e se afastou da porta. — Ela precisa sair do banheiro.

— Calma! — sussurrei sem querer demonstrar a falta da minha própria calma. — Lottie, abra a porta e vamos conversar. Ninguém vai te forçar a nada. Só abra a porta.

— Não! — Ouvimos seus soluços do outro lado.

— Não precisa ser assim, Lottie. — Tentei mais uma vez. — O melhor a fazer agora é ter uma conversa com Alex. Eu tenho certeza que ele vai acabar com a sua angústia.

— Eu não quero saber dele. Não quero, Miranda! Não deixe ele entrar neste quarto. — Troquei um olhar sério com Lana. Ela digitava com fúria mandando uma mensagem para alguém, provavelmente João Pedro.

— Ah, droga! Eles chegaram! — ela gemeu.

— Alex chegou?

— Não, a maquiadora e o cabeleireiro. Charlotte vai atrasar tudo. Distraia ela que eu vou tentar contornar a situação. — Lana saiu do quarto me deixando sozinha com a bomba prestes a explodir.

— Olha, Lottie, eu sei como você está se sentindo, mas não vai adiantar ficar trancada aí. O que nós vamos fazer aqui de fora?

— Não insista, Miranda!

— Seu pai não vai gostar nada disso — apelei.

— Ele é um traidor! Ele e Alex! Ah, Deus! Eu o odeio, odeio!

Lana voltou para o quarto com os olhos imensos.

— Eles vão começar por minha mãe. Eu disse que a noiva estava indisposta e eles disseram que é normal. Conseguiu alguma coisa?

— Não! — Eu me afastei da porta deixando Lana tentar alguma coisa mais eficiente. Era hora de tentar falar com Patrício.

— Charlotte, pare com isso! — Lana gritou batendo na porta. — Charlotte? — Minha irmã nada respondeu. — Charlotte, é sério! Você precisa fazer a maquiagem e colocar seu vestido.

— Não vou mais casar. Não insista, Lana! — Resolvi que ligar seria melhor do que enviar uma mensagem. As coisas estavam saindo de controle.

Disquei o número e aguardei. Chamou até dar caixa postal. Respirei fundo e aguardei sentindo meus próprios receios me vencendo. Por que Patrício não atendia?

— Charlotte, abra já esta porta! — Lana insistia sem paciência alguma.

— Vão embora! Deixem-me em paz!

Lana me olhou pedindo socorro. Desliguei o celular, frustrada. Patrício não atendia. João não atendia. Só faltava Johnny e o padrinho também não atenderem. Era mesmo para desconfiar. Afinal de contas porque não queriam falar com a gente? E se Patrício tivesse qualquer cuidado com os meus sentimentos não me causaria aquela aflição. Ele me tranquilizaria atendendo a minha ligação e nos ajudando com aquele problema.

— Charlotte, por favor! Deixe ao menos eu entrar pra conversar com você. Estou preocupada — falei colada à porta. Eu contava com a nossa amizade para convencê-la a não deixar aquele problema virar um problemão.

— Como você pôde concordar? Como pôde deixar Patrício fazer parte desse... desse plano obscuro. — Dei risada. Se ela imaginasse como eu estava me sentindo não me perguntaria aquelas coisas.

— Eu não tenho como controlar o irmão do seu noivo. Acredite, estou tão puta da vida quanto você.

— E eu também! — Lana falou desistindo do celular. — Ninguém atende — sussurrou em meu ouvido.

— Depois do que João fez... depois do que Patrício foi capaz de fazer... depois de eu flagrá-lo na cama com aquelas duas... Não acredito que Alex fez isso comigo. Não acredito que fui tola o suficiente para aceitar os seus argumentos.

Ela desatou a chorar copiosamente. Partiu meu coração. Não era para ser daquele jeito, mas esse era o problema das mentiras. O padrinho não podia saber o que eles aprontaram e acabou criando aquela sandice de despedida de solteiro para Alex.

— Deus, Lottie! Você sabe que eu acho o Alex um babaca, mas você não pode mais usar aquela noite como justificativa. Foi uma armação e você sabe disso.

— Mesmo assim. Ele sabia como eu estava me sentindo. Sabia o quanto aquilo tudo tinha me ferido e mesmo assim concordou com outra despedida de solteiro. OUTRA! E ele se recusou a transar comigo ontem à noite.

Juro que neste momento encarei a porta sem acreditar naquelas palavras. Minha irmã estava mesmo sofrendo demais para falar daquele jeito, para expor a sua intimidade daquele jeito. Olhei para Lana que tentava se controlar, mas explodiu rindo. Acabei rindo também.

Putá merda! O cara não conseguia um dia de sossego por causa do padrinho e quando conseguia ficar com a noiva uma noite inteira, ele escolhia não transar? Eu queria que alguém um dia estudasse a mente de Alex.

Lana fez um gesto impaciente me pedindo para continuar falando com ela. Suspirei tentando voltar ao clima.

— Abra a porta, Lottie!

Minha irmã se calou outra vez. Pensei em insistir, contudo, eu já sabia que de nada adiantaria. Ela só abriria a porta para uma pessoa: Alex.

Por isso deixei o quarto imaginando que eu seria mais útil do lado de fora, tentando encontrar aqueles imbecis e levando Alex de volta para casa. Lana tentou me impedir de sair do quarto. Eu a puxei para fora para conseguir conversar melhor.

— Eu vou atrás deles — anunciei.

— O quê? Tá louca? Você também precisa se arrumar. Se Charlotte vai se atrasar, nós precisamos ficar prontas ou então...

— Se Alex não chegar logo não vai ter casamento nenhum. — Ela parou se dando conta da gravidade do problema.

— Ok!

— Onde eles costumam caçar?

— Caçar? — Lana fez uma careta estranha. — Eles não caçam! Pelo menos eu não considero aquilo caçar. Deixe-me pensar...

— A propriedade é muito grande? Poderíamos chamar dois funcionários e cada um procurar por um lado.

— Isso não vai dar certo. Eles podem estar no rio, então não tem como saber se estão em nossas terras ou não. — Ela continuou pensando.

— Pense em alguma coisa. Eu vou perguntar a Dana onde poderíamos encontrar o Dr. Adriano. Mantenha Charlotte falando.

Desci correndo as escadas, decidida a caçar aqueles idiotas por toda Petrópolis, mas assim que cheguei ao primeiro andar vi a movimentação anormal para uma organização de casamento. Algumas funcionárias olhavam pela janela e riam escondidas. Dana passou apressada para sair da casa.

— Dana? — Ela parou me olhando com alívio. — O que houve?

— Ah, graças a Deus! Preciso da sua ajuda. Corre lá em cima, um armário grande em meu quarto, pegue algumas toalhas.

— Mas...

— Rápido. — Dana saiu sem nada me dizer. Olhei pela janela e vi o motivo de toda aquela comoção. Porra!

— O que eles...

— Aqui, senhorita. — Uma funcionária da casa me entregou as toalhas poupando o meu trabalho. Nem tive tempo de agradecer, peguei as peças e saí de casa, indignada.

Alex, Patrício, João e Johnny, só de cueca, desfilavam pela área externa sem qualquer constrangimento. Meus olhos chispavam em Patrício. Não importava o que tinha acontecido, eu podia jurar que ele era o culpado.

— Miranda, preciso de você! — Dana gritou se dando conta de que eu já estava perto. Ela veio em minha direção me ajudando com tudo o que eu carregava sem me dar conta da quantidade.

Evitei olhar para Patrício ou então eu só pioraria as coisas, então me concentrei em Alex e no quão fodido ele estava. Charlotte não o perdoaria. Não mesmo! Ele pegou uma toalha da minha mão, visivelmente constrangido.

— Obrigado! — ele me agradeceu não se demorando em minha visão. Então Patrício se aproximou e eu explodi:

— O que significa isso? — rosnei para ele que não demonstrou qualquer constrangimento.

— Você não vai nem acreditar. — Ele riu com tanto cinismo que minha raiva subiu me queimando. Sem pensar duas vezes acertei um tapa em seu braço fazendo-o entender como eu me sentia.

— Ai! Miranda, o que...

— Cala a boca, Patrício! Não quero ouvir a sua voz, e... — Olhei para os outros que assistiam ao espetáculo adorando o que viam. — Deixe-me em paz!

Corri para dentro, pois não queria continuar sendo o centro das atenções. Também porque desejava me manter o mais distante possível dele e eu só conseguiria se entrasse no quarto de Lana. Mas ele foi mais rápido do que eu e antes de conseguir subir as escadas fui impedida por sua mão em meu braço.

— Miranda, é sério! Nós fomos assaltados!

— Assaltados? — Por dois segundos me senti impactada e constrangida por ter feito mau juízo dele, até que me dei conta de que eles chegaram de carro. Que inferno de assalto foi esse? — Ora... Largue meu braço! — Puxei com violência para que ele me deixasse em paz. — Engraçado um ladrão que leva as suas roupas, mas não o carro, não é mesmo? — Ele abriu a boca para falar, confuso, sem conseguir uma história melhor. — Duas vezes, Patrício! Duas vezes você me fez de idiota!

— Eu não estou... merda! Acredite em mim!

— Quem te assaltou?

— As... — Ele ficou tão vermelho que tive vontade de lhe dar um soco.

— Seu cretino!

— Miranda, não é o que você...

— Espero que esteja bem satisfeito. Charlotte está trancada naquele banheiro, chorando e dizendo que não vai ter mais casamento. E sabe de quem é a culpa?

— Minha? Mas eu não... Olha, não aconteceu nada. Se você deixar eu...

— Não deixo! Agora me deixe em paz!

Corri escada acima ganhando vantagem. Ele não continuaria fazendo uma cena. Entrei no quarto sentindo todo o meu corpo vibrar de raiva. Patrício era muito idiota se acreditava que eu perdoaria tudo, só para viver aquele amor. Ele estava muito enganado. Comigo era tudo ou nada, e se ele queria fazer o tipo descarado, não fazia nem ideia do quão descarada eu sabia ser.

Abri a porta do quarto sentindo que faltava bem pouco para eu explodir. Lana me olhou preocupada. Ela estava em frente à porta como se estivesse suplicando a Charlotte para desistir daquela ideia. Para dizer bem a verdade, era até melhor que Charlotte não casasse mesmo. Quantas vezes ela precisaria perdoar Alex para ser feliz?

— Eles chegaram — anunciei sem me dar ao trabalho de esconder a raiva.

— E por que você está com tanta raiva?

— Porque aqueles... aqueles... — Pensei em uma maneira de definir os seis patetas, porque sim, o padrinho era um pateta por ter armado aquilo, sem conseguir uma definição menos ofensiva. — Nem sei como chamá-los.

Caminhei pelo quarto, procurando algo que me acalmasse sem encontrar. Joguei as mãos para cima e sentei na cama, só para levantar logo em seguida. Eu estava agitada demais para simplesmente sentar e esperar. Encarei Lana sem conseguir me conter. Eu precisava falar, colocar para fora tudo o que estava sentindo.

— Mas você precisava ver a cena, todos, todos mesmo, somente de cueca. Apenas isso. — Lana abriu a boca, indignada. Os olhos ficaram estreitos demonstrando que ela também sentia raiva. — Saíram vestidos, afirmando que era só um momento entre amigos e voltam sujos e só de cuecas. — Me afastei indo até a janela, voltando no mesmo segundo. Eu me sentia presa e sufocando. — Não quero mais ver a cara do Patrício. Aliás, eu quero, porque vou parti-la ao meio — rosnei para mim mesma.

— Droga, Miranda! Você não está ajudando em nada — Lana falou aborrecida me fazendo lembrar que Charlotte podia ouvir tudo o que dizíamos. E não deu outra.

— Não deixem ele vir até aqui, porque vou abrir esta porta e matar o seu irmão, Lana!

Charlotte gritou de dentro do banheiro. Lana me acusou com o olhar. Lógico que senti uma pontada de remorso, afinal de contas Charlotte não precisava daquela merda, mesmo tendo um noivo escroto.

— Eu vou te ajudar a fazer isso, antes saia daí e vamos conversar. — Lana tentou e eu já sabia que Charlotte se negaria a abrir aquela porta. Que se dane!

— Aqueles... babacas disseram que foram assaltados. Deve ter sido pelas mulheres com quem foram se divertir — disparei sem conseguir controlar a minha raiva.

— Miranda, pelo amor de Deus, fique calada! Você sabe o trabalho que deu organizar este casamento? — Lana parecia querer me matar.

— Para quê? Para que ele saísse atrás de vagabundas? — desafiei Lana com o olhar entrando em uma briga desnecessária.

Droga! Não. Alex não era escroto. Eu estava aborrecida e querendo descontar em todo mundo, era só isso. Não era certo o que eu estava fazendo.

— Já chega! Fora do quarto. Deixa que eu resolvo essa merda! — Lana ralhou já me empurrando para fora. Eu não queria ser expulsa do quarto, nem abandonar Charlotte, mas a verdade era que eu não estava ajudando em nada mesmo. Eu estava frustrada, só que ninguém tinha que se sentir assim junto comigo.

Deus! Eu odiava estar apaixonada, incoerente, louca, sem qualquer equilíbrio.

Fora do quarto eu não conseguia pensar em nenhum lugar para onde pudesse ir. Encostei-me à parede ainda ouvindo Lana tentando desfazer as merdas que fiz, fechei os olhos e respirei fundo. Quando os abri outra vez ele estava ali, na minha frente, me encarando com olhos suplicantes.

— Miranda. — Sua voz saiu com um alívio perceptível. — Você vai me escutar.

— Não vou. Eu não...

Patrício me segurou com propriedade, juntando nossos lábios sem me deixar negar. E não precisei que ele insistisse muito para permitir que sua língua macia me explorasse, nem que suas mãos me rendessem. Fiquei completamente desarmada e frustrada.

— Agora... — ele disse sem fôlego. — Você vai me escutar porque não vou te perder outra vez.

E sem me dar a chance de contestar, ele me beijou outra vez, me carregou no colo e me levou para dentro do seu quarto.

Eu podia me sentir a pessoa mais idiota do mundo, a mais permissiva, a mais controlável, só que nada disso conseguia me demover da decisão de deixá-lo me levar para onde quisesse. Porque Patrício disse o que eu, sem fazer ideia, sempre quis ouvir. Ele não queria me perder, não importava qual fosse a consequência.

CAPÍTULO 22



*“Congela o teu olhar no meu. Esconde que já percebeu.
Que todo meu amor é teu amor. Então vem cá.”*

FICA – ANAVITÓRIA

O BEIJO FOI GANHANDO FORÇA NA MEDIDA EM QUE NOS ENTREGÁVAMOS SEM QUALQUER BARREIRA ou receio. Havia algo de especial na maneira como ele me pegava, como me beijava, como se estivesse dizendo sem palavras, apenas com os gestos, o quanto me amava. Meu coração, já acelerado, parecia querer fugir do peito enquanto se dava conta da grandiosidade daquele sentimento.

Suas mãos me exploravam com uma ânsia que me fazia esquecer o mundo e me entregar como nunca tinha feito antes. Era uma saudade absurda e infundada e ainda assim, verdadeira.

Eu sabia que antes de qualquer coisa precisávamos conversar. Era o mais sensato a fazer, não? Afinal de contas tínhamos muitas arestas a serem aparadas. E por mais que fosse maravilhoso, nenhum relacionamento poderia ter por base o sexo. Mesmo sendo um sexo fantástico, de me fazer perder o juízo.

— Espere... — Tentei, mas ele me impediu não interrompendo o beijo. Era muito fácil me convencer quando sua língua me conduzia e suas mãos me exploravam com ousadia.

Patrício me imprensou na parede devorando meus lábios com um desejo pungente. Passei as mãos por dentro da sua camisa, acariciando os músculos das costas que se contorciam e relaxavam de maneira palpável. Ele era uma delícia! E era meu!

— Patrício... a gente... eu... Ah, Deus!

Gemi mais alto sem me importar se as pessoas poderiam nos ouvir do lado de fora, pois, mesmo abandonando meus lábios não consegui me sentir livre, já que suas carícias desciam em direção aos meus seios e uma mão se aventurava entre as minhas pernas.

— Eu quero você, Morena! — gemeu, me deixando ainda mais em êxtase. Só que eu sabia que aquele era um ponto que precisava ficar muito bem definido entre nós dois. — Por tudo, não me pare agora!

— Mas, Patrício... nós...

— Depois! — demandou com a voz firme, subindo a mão até alcançar meu seio ainda por cima da camisa e me calando com mais um beijo quente.

Por um minuto eu apenas aceitei, movida por um comando que mesmo não se encaixando muito bem em minha mente, surtiu efeito.

Nossos corpos estavam colados, se esfregando um contra o outro enquanto ele tentava arrancar a minha camisa, mas sem desgrudar os lábios dos meus. Que louco! Empurrei seu corpo com pressa deixando que ele passasse minha regata pelos meus braços e cabeça. Ele me olhou com admiração e posse, que me fez estremecer por dentro.

Até que, enfim, meu corpo voltou à necessidade de controle.

— Não! Espere! — Fui firme. Patrício estreitou os olhos e se apoiou na parede, as duas mãos estendidas ao lado da minha cabeça, criando uma prisão da qual eu não desejava fugir.

— Chega de marra, Morena! Eu não quero mais brincar. — Havia uma seriedade feroz em seu rosto que mexeu com minha libido. — Agora você é minha e não tem mais volta. Acabou o jogo, Miranda.

Outra vez ele me beijou, só que com mais força e determinação, como se quisesse me dobrar, me submeter. Fechei minha mão em seus cachos e puxei sua cabeça para que ele me olhasse nos olhos e entendesse de uma vez por todas.

— Estamos juntos, garoto, mas não como uma obrigação, entendeu? Se vamos fazer isso então entenda que não é porque eu te amo que vou...

— Repita! — ele me cortou demonstrando espanto. Seus olhos brilharam e um sorriso encantador surgiu em seus lábios grossos. — Repita, Miranda!

Fiquei aturdida, sem entender o motivo para ele achar tão especial eu repreendê-lo por querer me fazer alguém que o seguiria incondicionalmente.

— Eu disse que vou continuar cheia de marra, porque...

— Não foi isso o que você disse. — Ele se afastou minimamente, um leve desespero em seu olhar implorando por algo que eu nem fazia ideia do que era.

— Não sei o que você quer que eu diga.

— Você me ama! — afirmou conferindo meu rosto buscando a verdade daquelas palavras.

A felicidade estampada em seu olhar ainda estava contida pelo medo que não o abandonava. O ar ficou preso em meus pulmões enquanto eu recapitulava cada palavra dita e... puta que pariu!

— Você me ama, Miranda — ele voltou a afirmar sem me dar chance de volta.

Os segundos que se passaram pareciam pesar uma tonelada em nossas cabeças. Eu assisti todo tipo de sentimento se expressar no rosto daquele menino ousado e debochado, até que, entendendo que eu tinha acabado de dizer o que julguei nunca ser capaz de admitir, me dei conta do quão fácil era amar Patrício, e mais ainda, o quanto estar olhando em seus olhos ansiosos, era fácil dizer a grandeza daquele amor. Então sorri, porque aquela era a forma mais real de expressar algo tão grandioso que ameaçava explodir dentro de mim.

— Sim, eu amo! — Ele abriu o sorriso mais perfeito e encantador que já foi capaz de esboçar.

— Eu sabia. — Sem resistir, acertei um tapa em seu braço, fazendo-o se encolher teatralmente.

— Mas não pense que por causa deste amor eu vou deixar de ser quem sou, ou de ser independente ou até mesmo...

— Cala a boca, Miranda! — Ele me calou com os lábios. O acertei outra vez no braço. — Que merda!

— E nunca mais mande eu calar a boca, seu idiota! — E assim puxei Patrício para um beijo apaixonado.

A junção dos nossos lábios deixava nítida a necessidade física que tínhamos um do outro, mas Patrício queria mais para aquele momento, então o senti se refrear, exigindo que o impulso de me tomar não estragasse a emoção da minha confissão. Por isso ele se afastou, respirando com dificuldade, fazendo um esforço considerável para não avançar outra vez. Sua testa colou na minha, fechei os olhos e tenho certeza de que ele fez o mesmo.

— Morena, eu... — Ele parou fazendo minha ansiedade atingir um pico considerável. Meu coração martelou implorando pelas suas palavras, quando ouvimos o primeiro grito do lado de fora.

— Alex, tenha calma! — ouvimos João Pedro falando e se afastando da porta do quarto.

Abri os olhos, distraída pela movimentação que acabara de cortar a declaração. Patrício já estava olhando para a porta escutando com atenção.

— Não me peça para ter calma, João — Alex falou um pouco mais distante. — Eu não vou ficar parado assistindo Charlotte ter mais um ataque de infantilidade justo no dia do nosso casamento.

— Ela só está assustada. Alex...

Patrício me olhou no exato momento em que ouvimos Lana falar alto:

— Cubra este vestido rápido. Ele não pode ver antes da hora! — Ele balançou a cabeça como se estivesse se desculpando e se afastou.

Sim, eu o compreendia, e sabia o quanto aquele problema poderia se transformar em um problema ainda maior.

— Vamos lá — falei para que ele entendesse que aquela também era a minha vontade. — Nossos irmãos precisam da gente.

— E alguém precisa derrubar aquela porta. — Patrício já estava totalmente no clima “resgate do casamento perdido” quando segurou em minha mão e me puxou porta afora.

João Pedro estava na porta do quarto. Lana o ignorava de propósito e era possível perceber que ele estava incomodado com a situação com a esposa. Dana olhava o filho com atenção e medo, mantendo uma distância segura. Alex parecia que estava louco, mesmo tentando se controlar.

— Vai dar merda! — João sussurrou para Patrício antes que conseguíssemos entrar.

— A gente arromba a porta e podemos fazê-la ouvir o que aconteceu — Patrício falou concentrando as suas energias em arrombar a porta.

— Seria melhor se o padrinho viesse explicar que nada aconteceu.

João olhou para mim, depois para Patrício e logo em seguida para as nossas mãos entrelaçadas. Um sorriso maroto brincou em seus lábios, mas se desfez quando Alex explodiu perto da porta do banheiro onde Charlotte estava trancada.

— Charlotte, eu não vou deixar você desistir. Abra a porta e converse comigo, ou vou arrombá-la, pegar você à força, enfiar naquele vestido e obrigá-la a assinar aqueles papéis.

Nós nos olhamos, cada um com uma cara melhor do que a outra. Era a primeira vez que Alex agia com energia com a noiva. Patrício aprovou a atitude do irmão, João abafou uma risada e eu... bom, eu gosto de homens com atitude.

Charlotte respondeu alguma coisa que perdemos por estarmos distante da porta do banheiro, mas o que quer que ela tenha dito fez Alex ficar ainda mais irritado.

— Porque eu amo você, droga! — Ele passou as duas mãos pelo cabelo e fechou os olhos com força. Aproveitei e entrei no quarto, deixando Patrício e João para trás. — Minha manhã foi péssima e a única coisa que eu desejava era poder voltar e finalmente ter você como minha esposa, pelo visto, o mundo inteiro está conspirando contra o meu final feliz.

Hum! Gostei daquilo. Seria bom Charlotte não acreditar que teria um marido que diria amém para cada momento infantil dela.

— Calma, Alex! — Dana se aproximou e colocou uma mão no ombro do filho, que se afastou da porta, foi até a outra ponta do quarto e olhou decidido para onde Charlotte se escondia.

— Aposto que ele quebra o braço tentando — sussurrei para Lana. Ela me lançou um olhar indignado e saiu de perto de mim.

— Afaste-se da porta porque vou arrombá-la — ele disse já se colocando em posição. Patrício entrou no quarto pronto para ajudar o irmão. — Estou avisando, Charlotte. Um... Dois...

E a porta foi aberta sem que qualquer pessoa precisasse machucar um ombro ou quebrar um braço. Charlotte, graças a Deus, escolheu ouvir Alex antes que o pior fosse feito. Alex quase correu até a porta para que a noiva não desistisse, mas quando segurou na maçaneta para abri-la eu vi a sua hesitação.

Olhei ao redor, todos estavam na expectativa, os olhos fixos nas costas de Alex, como se soubesse que ele poderia facilmente ter se dado conta de que foram longe demais, que o casamento tão rápido não era o ideal para alguém como Charlotte. Porém ninguém pôde falar nada, porque o segundo de hesitação dele se transformou em determinação, e Alex entrou naquele banheiro nos deixando do lado de fora.

Ficamos calados pelo que pareceu uma eternidade. Nada era ouvido ou dito, então nos demos conta de que estávamos invadindo a intimidade deles dois, e Lana tomou a frente do problema.

— Bom, já que os noivos estão conversando... — Ela já foi segurando a porta do quarto e colocando Patrício e João para fora. — Vocês não têm mais nada a fazer aqui. Vão cuidar do

que precisam para o casamento. Fora!

— Lana... — João Pedro tentou e a esposa nem lhe deu vez.

— Fora, João! Vá... — Vi a cara de assustado do meu professor e senti vontade de rir. — Vá se arrumar para o casamento. Você também, Patrício.

— Eh... — Ele me olhou em dúvida. — Miranda, você...

— Eu vou ficar — falei tímida porque sabia que aquela não era a vontade dele.

— Ela vai ficar e nos ajudar por aqui. Tchau! — Lana bateu a porta na cara deles sem qualquer remorso. — Só espero que a conversa dos dois aí não dure demais. Estamos ficando sem tempo.

Ela andou até a cama e sentou como se não tivesse acabado de fazer o que fez. Dana a olhava sem acreditar, enquanto eu só imaginava o que poderia estar acontecendo naquele banheiro.

— Lana, você não devia... — Dana começou a falar, mas eu não queria prestar atenção. Andei até a porta do banheiro e encostei o ouvido para tentar descobrir se eles estavam bem ou se ainda brigavam.

E eu juro, por tudo o que possa ser digno de jurar, que jamais cheguei a imaginar em algum momento que ouviria o que ouvi. Afastei-me da porta, chocada, no mesmo instante em que Lana me puxava para longe me censurando.

— Não acredito que você está fazendo isso! — ela ralhou, contudo, eu estava abismada com a ousadia da minha irmã e só consegui tapar a boca com a mão tentando esconder o riso. — O que foi? — Imediatamente Lana ficou interessada. — O que você ouviu?

— Lana! — Dana a repreendeu, mas também me olhava com curiosidade.

— Meu Deus! — Ri um pouco pensando se eu deveria ou não contar, mas a própria Charlotte se entregou gemendo mais alto e nos surpreendendo.

— Eles estão transando? — Lana sussurrou indignada. — Eu não acredito nisso!

— Lana, é melhor... — Dana começou a nos empurrar para fora.

— Mãe, não! Mas... — Ela conseguiu nos empurrar até o corredor e fechou a porta, colocando-se à frente como um cão de guarda.

— Alex e Charlotte precisam de privacidade — anunciou sem dar a Lana alguma chance de fazer diferente.

— Então, já que nada podemos fazer aqui... eu... hum! — Comecei a me afastar, crente de que seria muito melhor estar longe dali quando Charlotte terminasse, além de que ainda poderia encontrar Patrício e terminar a nossa conversa.

— Pode ficar paradinha aí mesmo! Eu não vou ficar aqui sozinha enquanto vocês de divertem. — Lana me impediu determinada. — Quando vocês vão entender que isso aqui é uma festa de casamento e não um... um... — buscou a palavra sem encontrá-la.

— Um bordel? — ajudei fazendo Dana arfar, mas um sorriso debochado brincava em meus lábios.

— Não era o que eu estava tentando dizer, mas, sim, pode ser utilizada. Sabe o que é isso? Peter e a sua ideia de manter vocês no cinto de castidade.

— Lana! — Dana ficou horrorizada, mas eu achei muito engraçado, além de ser verdade.

— Mãe, essa é uma situação anormal! Só eu estou ciente disso?

— Olha, Lana...

— Dandara, não se preocupe. Lana tem razão. É uma situação anormal. O problema é que tudo aqui é anormal. Charlotte e Alex tiveram o quê... dois meses de namoro? Três? E eles já vão casar! O padrinho insiste que a filha case virgem, mas ela não é mais, o que parece ser um casamento de reparação. Já pensou nisso? Casamento de reparação no século XXI. — Ri desanimada. — A sorte é que eles se amam de verdade, ou tudo aqui já estaria fadado à destruição. Charlotte é muito nova pra casar, é infantil, mimada e insegura, ou seja, ela é imprevisível. Vocês deveriam ter colocado isso na agenda quando programaram o casamento. Mas relaxem, todas as noivas atrasam, seja por causa do sexo inesperado, uma dor de barriga, medo ou puro charme.

Lana relaxou um pouco mais com o meu discurso e encostou-se à parede, aguardando. De tempos em tempos conferia o relógio, cronometrando o tempo de transa da minha irmã. Aquela passagem era digna de estar nos livros de Charlotte. Ri sozinha, me deixando levar pelos mais diversos devaneios, sentindo a falta de Patrício e da confissão que ele acabou não fazendo.

Até que a madrinha apareceu no corredor nos deixando tensas. Olhamos de uma para a outra, querendo saber quem teria a desculpa mais perfeita para não deixá-la entrar. Dandara continuava na porta, Lana logo perdeu toda a sua confiança, sobrando para mim.

— E Charlotte? — Ela nos olhou com interesse, mas sem demonstrar qualquer ansiedade.

— Ela... bem... — Lana tentou, me pedindo ajuda.

— Ela e Alex estão tendo uma conversa — Dandara falou sem titubear. A madrinha ficou em entender, mas a futura sogra da minha irmã continuou: — Charlotte não ficou satisfeita com a brincadeira dos rapazes hoje mais cedo, então eles estão conversando para deixar tudo certo antes do casamento.

— Isso! — Lana concordou com entusiasmo, deixando a desculpa ainda mais esfarrapada.

— E vocês estão aqui fora por quê? Estão parecendo soldados a postos. — Lana me lançou um olhar e eu revirei meus olhos.

— Madrinha, vou contar com o seu bom-senso.

— Miranda... — Lana tentou.

— Até porque se a senhora e o padrinho permitiram que Charlotte e Alex dormissem na cabana esta noite não existe mais qualquer motivo para esconder que Charlotte não é mais virgem. — Encarei a madrinha que apenas sorriu como se já soubesse de tudo. — Então... Charlotte surtou, se trancou no banheiro, disse que não casaria mais...

— Miranda, é melhor... — Foi a vez de Dandara tentar me impedir.

— Alex chegou, ameaçou arrombar a porta e agora os dois estão lá, trancados no banheiro, fazendo o que a senhora imagina que a sua filha seria capaz de exigir mesmo estando atrasada para o próprio casamento.

— Ai, meu Deus! — Lana sussurrou constrangida pela primeira vez.

— Eles estão... — A madrinha se interrompeu com uma cara engraçada. Concordei com a cabeça. — E vocês estão aqui fora para...

— Garantir que o padrinho não os mate antes do casamento. — Ela sorriu amplamente.

— Neste caso... — Vi a madrinha encostar-se à parede ocupando o seu posto, como mais um soldado. — Será que eles ainda vão demorar muito? — Lana me olhou, depois olhou para Dandara e então começamos a rir como adolescentes.

Foi engraçado, e foi bom. A madrinha ria com vontade e alegria, como se estivesse muito aliviada por ver a filha feliz ao lado do homem que escolheu, e o sorriso aberto e o brilho em seu olhar foram o suficiente para me deixar tranquila.



Alex andava de um lado para o outro visivelmente ansioso e angustiado. Eu o acompanhava com os olhos, sentada no primeiro banco da capela improvisada no jardim dos Frankli. Estava tudo lindo. Perfeito demais.

Sentada ali sozinha, encarando o noivo da minha irmã amargar os seus últimos minutos de solteiro, como se estivesse louco para se livrar deste título, pensei no quanto fui egoísta em deixar Lana cuidar de tudo. Senti ciúmes e fui rancorosa, além de estar sempre indecisa sobre ser o mais certo a ser feito ou não. Eu podia ter participado mais e ter lutado por aquele dia.

Porque sentada ali eu podia confirmar que Lana foi esplêndida, logo, também podia me torturar um pouco mais com o meu ciúme infantil.

Estava tudo exatamente como Charlotte queria, com exceção dos convidados adicionados à lista por muita insistência do padrinho. Ainda assim, a festa era para poucos. Bem poucos mesmo. Como ela tanto desejou.

Por isso os bancos brancos estilo jardim, com almofadas da mesma cor, que compunham o espaço reservado para a cerimônia eram em quantidade reduzidas e já estavam quase todos ocupados pelos poucos convidados.

Eu via a madrinha ao lado de Dandara, elas riam e olhavam tudo com muito orgulho. Estavam satisfeitas e emocionadas e não paravam de sorrir e chorar, o que, na minha opinião, as deixavam com a aparência de doidas, mesmo sendo doidas adoráveis. Adriano conversava com dois parentes distantes, que fez questão de convidar. Seus olhos também acompanhavam os passos do filho nervoso no altar improvisado.

Lana estava em todos os lugares ao mesmo tempo, com João seguindo-a como se precisasse estar por perto para garantir que não faria qualquer outra bobagem. Ela conversava

com os funcionários do cerimonial, com os fotógrafos, com o padre Messias, que sentado em uma cadeira posta no altar, não recusava nenhum aperitivo oferecido.

Patrício tinha sentado ao meu lado e segurado minha mão por poucos minutos. Foi a primeira vez que nos vimos depois do escândalo de Charlotte. Ele estava lindo naquele terno feito sob medida, mas confessou que não foi feito especialmente para a ocasião, e sim, que ele guardava para não precisar estar sempre providenciando roupas para eventos de última hora. Segundo ele, era uma excelente tática. Patrício era incrível, mas não entendia nada do universo feminino e não fazia ideia do que era precisar ter um vestido para cada evento importante dentro da família. Assim como um sapato adequado e uma bolsa que combinasse.

Ser mulher era mesmo cansativo. Mas valia a pena quando ele me olhava com aquela paixão, com a devoção de quem reconhece a divindade de alguém. Aquele olhar valia por qualquer confissão. Qualquer palavra. Patrício dizia me amar quando me via de verdade, indo além do meu corpo e alcançando a minha alma, mas eu aceitava o seu amor quando ele me admirava também, e quando me certificava que gostava do que via. Ficamos nos olhando com carinho, amor, desejo e admiração. Aproveitando a música lenta e leve que a pequena orquestra contratada tocava, entretenendo os convidados.

— Você está linda, Morena! Está... — Fez uma pausa dramática, puxando o ar com força. Então sorriu e não completou a frase.

— Por onde esteve? — Ele ampliou o sorriso e estreitou os olhos.

— Fugindo de Lamara. Ela está terrível hoje. — Tive que rir. — Fiquei jogando com o Johnny. Venci duas partidas até que ele preferiu um jogo onde estivéssemos no mesmo time — falou com tanto orgulho que me perguntei o que tinha naquela cabeça. — Não curte jogos?

— Curto, mas de outro tipo. — Patrício se aproximou com intimidade, colocando uma mão sobre o espaldar da cadeira.

— E de que tipo seria? — Umedeceu os lábios, cheio de más intenções.

— Um dia eu mostro — provoquei imaginando como seria.

— Preciso de você — Lana nos interrompeu sem qualquer cuidado. — Agora! — Patrício respirou fundo, lamentou com o olhar e levantou, acompanhando a irmã até que eu não pudesse mais encontrá-lo. Uma pena!

E eu fiquei sozinha naquele banco de jardim, acompanhando os passos impacientes de Alex e me sentindo cada vez mais emotiva.

Pensei em Charlotte, em nossa infância, em como precisei mudar toda a minha vida para que a dela nunca fosse impactada pelos meus problemas. Pensei no quanto a amava e queria sua felicidade. E finalmente, na maneira tosca e louca como acabei jogando-a naquela confusão com o seu professor, mas que, estranhamente, avançou da melhor maneira possível.

Minha irmã estava casando com o homem que amava e que, tenho que admitir, seria bom para ela. Minha missão estava cumprida. E o que eu faria dali em diante? Eu não fazia a menor ideia.

Todos os possíveis planos feitos corriam o risco de serem deixados de lado por causa de Patrício. Ou... quem sabe daria certo. Eu não sabia dizer.

Johnny entrou apressado, ajustando a gravata. Foi até o banco da madrinha, dando-lhe um beijo na testa. Ela falou alguma coisa, acariciando o seu rosto, e eles sorriram um para o outro com emoção. A maneira como meu irmão olhou para a madrinha, como se lutasse contra o que sentia me deixou com aquela sensação estranha outra vez. Ele me deu um olhar que não era o seu habitual, fez uma careta e deixou a madrinha para sentar ao meu lado.

— E aí? — disse tentando não parecer estar tão impactado. Mas os seus olhos vermelhos e a expressão sofrida já me diziam muitas coisas.

— Isso tudo só por que a Charlotte vai casar? — Ele sorriu com carinho. — Por onde esteve? Patrício me disse que ganhou de você no jogo hoje. Perdeu o jeito?

— Não estou no meu melhor dia para me concentrar em jogos eletrônicos — revelou. — Alex está nervoso.

— Todo noivo fica. — Não queria que ele tentasse me enganar levantando outros assuntos. — Também está se sentindo perdido? — Johnny me questionou com o olhar. — Nosso trabalho por aqui acabou, não? — Ele deu uma risadinha rouca que eu achei irônica.

— Ainda temos muito trabalho pela frente, Miranda. Esse é o problema. — Meu irmão segurou em minha mão e fechou os olhos. Quando os abriu, vi que lutava contra as lágrimas.

— O que quer dizer com isso? — Johnny olhou para a entrada da casa, suspirou e só depois de conseguir se controlar voltou a me encarar.

— Conversei muito com o padrinho hoje. Você sabe... — Ele sorriu um pouco. — Charlotte estava dando aquele chilique e alguém precisava distrair o pai da noiva, então... — Voltou a suspirar com tristeza.

— Não me diga que ele escolheu justo hoje para afirmar as suas obrigações nos hospitais e te cobrar mais maturidade? — Johnny mordeu o lábio inferior e sorriu sem felicidade.

— Vamos falar sobre coisas boas. — Tentou ser mais otimista. — Como você vai se virar naquele apartamento sem Lottie?

— Vou sobreviver. — Fingi aceitar a troca de assunto, afinal de contas não era o momento ideal.

— Você sempre sobrevive — admitiu com tristeza. — Isso é bom. Vamos precisar da sua força.

— Eu não entendi.

— Alguém tem que acalmar Alex antes que ele cave um buraco no chão. Patrício está vindo aí. — Meu irmão apontou para o homem que eu amava e perdi todo o foco.

— Certo.

Deixei que Johnny se retirasse e acompanhei Patrício com os olhos, vendo-o se juntar ao pai. Logo depois Lana apareceu agitada, falando com todos os convidados que estavam fora

dos seus lugares. A madrinha levantou sentando ao meu lado. Ela sorriu com aquele olhar marejado e segurou com força em minha mão sem nada dizer. Patrício sentou ao lado dos pais no banco que ficava noutra extremidade. Ele me olhou e piscou travesso. Sorri apaixonada. A madrinha percebeu, mas apenas concordou com a cabeça. Logo em seguida vi Johnny dar um tapinha no braço de Alex e sair para se juntar a mim e à madrinha. E a marcha nupcial começou.

Meu coração acelerou enquanto levantávamos nos dando conta de que Charlotte finalmente tinha chegado. Antes de me voltar para ela captei o olhar encantado de Alex em direção à noiva, então a olhei e me vi presa naquele mesmo encanto.

Charlotte estava adorável! Linda! Tão encantadora que me fascinava e me impedia de olhar para qualquer outro lugar. E ela só olhava para o noivo, com um sorriso capaz de expressar todo o seu amor. Os olhos brilhavam úmidos. Havia tanta certeza em seus passos, que me questionei sobre todas as vezes que fui contra aquele casamento. Eu estava errada. Não existia nada mais apropriado para a minha irmã do que se casar aos vinte e um anos com o seu príncipe encantado.

O nó na garganta me impedia de falar. Evitei olhar a madrinha, porque eu sabia que ela chorava, mas apertei a mão trêmula passando-lhe confiança. O padrinho também estava emocionado. Ele caminhava ao lado da filha para entregá-la a um homem que tinha acabado de conhecer, mas a quem precisava confiar todo o seu tesouro. Era uma tremenda coragem aquele passo.

A música foi ficando mais suave à medida que eles se aproximavam do altar. Eu podia perceber que Charlotte respirava com dificuldade, completamente dominada pela emoção. Alex sorria como se não pudesse estar mais feliz na vida. Então ele precisou quebrar aquele fio mágico que o unia à minha irmã para olhar o padrinho e apertar a sua mão.

— Cuide bem dela. — Sua voz embargada não passou despercebida. A madrinha fungou e precisou limpar as lágrimas com o lenço.

— Com a minha própria vida, Peter — Alex garantiu como o noivo apaixonado que era. E eu sabia que ele seria capaz de dar a própria vida pela mulher com quem estava se casando.

Aquele amor era realmente de tirar o fôlego. Tão improvável que assustava. É tão perfeito que não deixava dúvidas.

— Eu te amo, princesa! — o padrinho falou para a filha e foi neste momento que minha primeira lágrima desceu.

Como a vida era estranha! Nós sempre fomos o mundo um do outro. Sempre fomos nós cinco e muitas vezes, só nós três. Quando tive a minha decepção com Thomas, percebi que nada valia mais a pena do que minha família. Éramos a força um do outro, a base e nada mais precisávamos.

Concentrei minhas forças em Charlotte sem nunca pensar que um dia aquilo não seria mais necessário. Ela cresceria e seguiria o curso normal da vida. Se apaixonaria, casaria e teria filhos, porque uma pessoa que suspirava romantismo jamais teria outro destino. E então

deixaríamos de ser aquela unidade e precisaríamos ser apenas partes de um todo. Qual parte eu seria?

— Eu te amo, papai! — Charlotte chorou abraçando o pai como uma criança perdida. Todos riram, mas a minha risada saiu abafada por um soluço. Eu estava com medo, sem foco e sem direção. Johnny me entregou um lenço e sorriu para mim demonstrando olhos marejados.

O padrinho sentou ao lado da madrinha enquanto padre Messias, com a sua voz mansa e doce, dizia palavras lindas e incentivadoras, ressaltando a importância de Deus na vida de um casal, as obrigações da esposa e do marido, que quase me fez revirar os olhos, e vi que Patrício estava sério, encarando o altar, tenso.

Eu sabia o motivo da sua aflição. O próprio casamento em si. Não era a primeira vez que ele demonstrava o pânico que sentia só pela ideia de casar. Eu só não sabia se me sentia tranquila, afinal de contas nunca passou pela minha cabeça ser a noiva de alguém, ou se me sentia triste por saber que ele, mesmo me amando, não conseguiria dar aquele passo.

Era estranho me sentir daquela forma. Eu estava confusa e agitada. Não que fosse necessário pensar no assunto. Não! Eu não era Charlotte e não precisaria correr contra o tempo para conseguir a minha carta de alforria. O padrinho não me intimidava a este ponto. Além do mais, daríamos um passo de casa vez. Sem pressa, sem pressão e sem obrigações.

Patrício seria meu amante, depois meu namorado e se um dia achássemos que valeria a pena, quem sabe, eu conseguiria transferir o meu mundo para dentro do dele, ou o dele para dentro do meu.

Então Alex começou a falar me tirando do meu devaneio. Eles fariam os votos. Charlotte trocava o peso do corpo de um pé para o outro, aflita por alguma coisa. Porém a vi relaxar e chorar copiosamente com as palavras do noivo. Que foram lindas de fato. Ele disse:

— Charlotte Middleton... Charlotte. Votos são apenas promessas que, muitas vezes, não sabemos como nem se poderemos cumprir. — Senti as verdades das suas palavras e todo o peso das promessas que ele foi forçado a fazer para estar ali, de frente para a mulher que amava, casando finalmente com ela.

“Prometer qualquer coisa é ser injusto com o nosso amor. Você merece muito mais do que promessas. Eu quero apenas que saiba que, antes de você, eu não sabia o que era ser feliz. Mesmo quando tudo parecia uma imensa loucura, quando pensei que estava destruindo tudo o que havia lutado para construir, eu tinha a certeza de que valia a pena, porque era com você, e por você. Não posso dizer que não tive medo ou que não fiquei inseguro, mas quando você chegava e eu a olhava, tão decidida a mudar o curso da sua história, a realizar os seus sonhos...”

Ah, Deus! Eu não conseguia parar de chorar e me censurava o tempo todo por estar chorando como uma boba apaixonada. Mas era impossível não pensar que, mesmo achando brega e clichê, eu queria ser amada com aquela força, com aquela determinação. Porque era como eu me sentia desde que consegui dizer em palavras os meus sentimentos. E era tão

ridículo e absurdo pensar desta forma quando nunca na vida me imaginei presa a alguém, ansiando o seu amor, desejando uma vida a seu lado...

Eu só podia estar louca. Ou carente. Carente era com certeza a minha descrição. Provavelmente o casamento, Charlotte indo morar em outra casa, a situação da madrinha e a emoção do Johnny estavam mexendo com minha cabeça. Era só uma questão de adaptação. Logo, logo eu estaria como sempre. Forte.

— Você era muito mais do que a garota inocente que frequentava as aulas, era, e é, a mulher mais forte que já conheci. A mais decidida e determinada. E enxergá-la mudou o eixo do meu universo, deixei de ser o centro, de ser a estrada mais importante e passei a ser apenas um satélite em sua órbita. Incapaz de sair de perto de você, de não atender às suas vontades, disposto a tudo para agradá-la. Passei a ser o seu súdito e confesso que nunca fui tão feliz.

Todos riram baixinho. A madrinha secou mais algumas lágrimas, deitou a cabeça no ombro do padrinho e continuou sorrindo encantada demais com os votos do genro apaixonado.

— Case-se comigo hoje e também me deixe renovar estes votos todos os dias, horas, minutos e segundos. Porque eu nunca me cansarei de dizer o quanto te amo e de lutar para que sua vida seja muito mais do que um romance, um conto de fadas.

Foi impossível não chorar com este final de voto tão perfeito para a minha irmã. Era tudo o que ela precisava para ser feliz. E ela seria. A madrinha voltou a segurar em minha mão, soluçando emocionada e com um sorriso imenso no rosto. Ela me olhou com carinho e disse:

— Fizemos a coisa certa. Alex vai saber cuidar de Charlotte quando chegar a hora.

— Que hora? — questionei embargada. Ela sorriu ainda mais.

— A hora em que ela será mais infantil do que nunca, querida. Pode apostar. — E riu misteriosa deixando-me confusa. Mas a minha atenção foi atraída pela voz da minha irmã e eu deixei de dar atenção à madrinha.

— Não sei se é correto, sendo eu uma aspirante a escritora, falar que não sei o que dizer — ela disse corando absurdamente. Aquela era a Charlotte que conhecíamos e nunca deixaria de ser.

“Quando uma pessoa é apenas mais uma no universo, ela não é especial. Quando se alimenta apenas de sonhos, ela não vive. Quando o sol toca a sua pele e ela é incapaz de sentir mais do que uma leve ardência, ela não é feliz. Quando o dia vai embora e ela não consegue se emocionar com os seus últimos raios, ela não ama, nem é amada.”

Uma pausa dramática fez com que eu percebesse que todos estavam em silêncio absoluto para ouvir a minha irmã. Charlotte odiava ser o centro das atenções. Odiava ser olhada diretamente. Mas ela estava ali, vencendo todos os seus medos e receios e se declarando publicamente para Alex.

Era impossível não pensar no quanto ela era muito mais corajosa do que eu. Charlotte se abria e se revelava por um amor que era mais forte do que qualquer outro sentimento que

pudesse impedi-la. Eu amava Patrício, mas não encontrava a força necessária para me revelar. Eu continuava a ser a Miranda que não existia, a que não era eu.

— Alex Frankli... Professor Frankli. Meu namorado, meu noivo, meu marido... minha vida... obrigada por, assim como nos contos de fadas, com um beijo, me fazer acordar. Com a sua capacidade de me entender e apoiar, me deu a mão e me fez ver que eu era única, mesmo que fosse apenas em seu universo.

“Você me fez compreender que sonhos são fundamentais, mas vivê-los é essencial e você foi o meu melhor sonho e a minha mais perfeita realidade. Você me trouxe muito mais do que o sol para esquentar o meu corpo, trouxe a felicidade a uma alma gelada, que sofria e ansiava pela sua chegada. Sempre foi você e sempre seria independentemente de quanto tempo eu precisasse esperar. Obrigada por me proporcionar os melhores finais de dia que uma garota poderia desejar, pelo simples fato de você me amar. Enxergou muito além do meu desespero para escrever o livro perfeito, enxergou a minha alma e, com isso, despertou em mim o que existia de melhor e me fez entender que você é a minha melhor história, a que eu posso e quero escrever a cada dia mais uma parte. Obrigada por ser você e me ajudar a ser eu mesma. Eu te amo!”

Quando Charlotte acabou eu vi o padrinho e a madrinha trocarem um olhar orgulhoso. Johnny sorriu e abaixou os olhos contendo a emoção. Enxuguei as lágrimas que continuavam descendo sem se importarem em estar estragando minha “make”.

Alex, emocionado, puxou Charlotte e a beijou com tamanha volúpia que me fez conferir se o padrinho teria uma síncope. Mas ele apenas sorria, assim como os demais convidados, achando tudo perfeito.

E era mesmo. Não era?

— Ninguém ouviu o tradicional “pode beijar a noiva”? — Lana gritou em tom de brincadeira fazendo com que o irmão e a cunhada se afastassem.

Só então me dei conta de que Patrício não estava mais lá. Procurei por ele entre os convidados sem encontrá-lo. Claro! A loucura de Lamara. Era hora de o cavalo entrar.

Enquanto ele conduzia o animal pelo estreito corredor, olhei atentamente para Charlotte percebendo o quanto ela achou a ideia inadequada, mas Alex riu e pareceu ter gostado da surpresa da irmã. Ele desatou o nó do lombo do cavalo pegando as alianças e só depois disso Patrício tirou o bicho de lá, passando por mim e piscando descaradamente.

Eles colocaram as alianças entre eles, trocando olhares confidentes. Charlotte tremia quando Alex segurou sua mão, deslizou a joia e a beijou, mas não houve qualquer insegurança quando foi a sua vez de colocar a aliança no homem que escolheu para ela.

Então, finalmente, eles ouviram a permissão para o beijo e avançaram um contra o outro. Rimos e aplaudimos ainda emocionados.

— Bom, não sei se você já sabe — Johnny começou me conduzindo pela cintura para o que seria uma fila para cumprimentar os noivos —, mas Alex suspendeu a lua de mel.

— Por quê? — Virei para o meu irmão, aturdida. — O que está acontecendo, Johnny?

— Basicamente? Vocês ainda precisam participar de uma festa de formatura e ele está inseguro quanto a Anita e suas ameaças. Alex acha mais seguro estar aqui caso ela resolva aprontar ainda mais. Depois da formatura eles vão para a tão desejada viagem.

— Anita! — rosnei aborrecida. — Eu poderia matá-la!

— Ela não vai fazer nada.

— Não por sua causa, não é mesmo? — provoquei e ele não se deu ao trabalho de responder.

— Festeje com sua irmã, Miranda. Deixe os problemas para amanhã.

Conferi que a pequena fila formada começava a andar. Dana, Adriano, a madrinha, o padrinho, Lana e João Pedro, Patrício... até que chegou a minha vez. Alex estava na frente, então trocamos um abraço constrangido, bem estilo “isso não deveria estar acontecendo, mas...”, rapidamente nos separamos com um: “Parabéns, seja feliz...” e uma resposta quase inaudível, um simples “obrigado”.

Voltei toda a atenção à minha irmã, que aprovou minha atitude com o seu marido e sorriu com toda a sua doçura. Não nos abraçamos imediatamente. Ficamos nos olhando, deixando a emoção fluir. Charlotte já estava com os olhos vermelhos, assim como a ponta do nariz, apesar de não ter nada da maquiagem estragada pelo choro constante. Eu me controlava para não me perder em choro ao invés de realmente dizer a ela o que deveria ser dito. Ela segurou minhas mãos com carinho.

— Ainda tem muita coisa sua lá em casa — comecei e nós duas rimos. — Não use isso como desculpa. Não é certo. — Ela sorriu deixando as lágrimas descenderem. — E não se esqueça de voltar sempre que quiser, ou que puder, ou quando sentir falta do seu quarto, até mesmo quando sentir falta do meu... — E tudo estava perdido. Eu não deveria chorar, mas chorei.

— Não é como se eu estivesse indo morar em outro país, não é mesmo? — Charlotte falou com a voz embargada.

Salvo raras exceções em que viajamos separadas, ou os dias que ela conseguiu fugir para dormir com Alex – que foram poucos –, nunca havíamos nos separado. Não como seria aquela separação, cada qual em sua casa, com vidas diferentes e opostas. Eu estava acostumada com o seu silêncio marcante, ou com sua falta de direção e coordenação, com a perfeita maneira de me ouvir e se encantar com as mentiras que eu inventava. Estava acostumada a viver por ela e não fazia a mínima ideia do que seria viver *sem* ela.

Ok, eu estava sendo dramática! Mas não dava para ser diferente.

— Eu... eu amo você, Charlotte! — Minha irmã chorou livremente. — Então seja feliz ou vou ser forçada a invadir aquela casa e...

— Miranda... — Ela chorou me abraçando. — Eu também te amo, minha irmã. E eu serei feliz. Prometo.

— Seria ótimo se não precisássemos esperar tanto para abraçar a noiva — Johnny resmungou atrás de mim, fazendo com que Charlotte me largasse. Eu não estava pronta para me separar dela, mas aceitei.

— Johnny, seu bobo! — Minha irmã abraçou o nosso irmão enquanto eu os aguardava.

Corri os olhos entre os convidados percebendo que Alex havia se afastado. Ele falava ao telefone e parecia tenso. Muito tenso para quem tinha acabado de casar. Aquela sensação incômoda voltou com força fazendo um sininho dentro de mim me alertar que alguma coisa de muito errada estava por vir.

CAPÍTULO 23



*“É isso aí. Há quem acredita em milagres.
Há quem cometa maldades. Há quem não saiba dizer a verdade.”*

É ISSO AÍ — ANA CAROLINA

COLOQUEI MAIS UM DOCE NA BOCA NÃO ME SENTINDO NADA CULPADA. CHARLOTTE E ALEX JÁ tinham ido embora, a madrinha tinha se retirado, o padrinho conversava um pouco com Adriano e um casal de amigos que parecia estar pronto para ir embora, também. No pequeno espaço reservado para dança, Lana e João se balançavam ao som do DJ que ainda tocava como se a festa fosse ganhar a madrugada.

Os dois finalmente tinham feito as pazes e dançavam apaixonados, esquecendo da festa, das pessoas, até mesmo do local em que estavam. Pareciam trocar juras de amor. Pelo sorriso de Lana eu até imaginava o que João Pedro estava dizendo.

Patrício tinha ficado distante o máximo que pôde. Eu estava aborrecida, porém desconfiava que meu nível de aborrecimento estava diretamente ligado ao meu teor alcoólico, já que tinha me permitido beber mais do que o habitual. E Patrício era daquele jeito, eu deveria estar acostumada. Quando algo quebrava sua rotina ele surtava. O que me levava outra vez às palavras do João Pedro na noite da despedida de solteiro de Alex.

Balancei a cabeça me negando a acreditar, ou deixando para pensar quando fosse mais adequado.

— Já fiz a minha parte, cuidei de Charlotte e agora ela já deve estar azucrinando a cabeça do Alex — Johnny falou ao meu lado dando mais um gole em sua taça de champanhe. — Agora vou relaxar, procurar algum jogo na TV e aguardar até que o padrinho decida se vai ou não pegar no seu pé.

— Deus me livre! — Ele riu. — A festa foi linda, não?

— Foi sim. Lana pode ser doidinha, mas sabe como fazer uma festa.

— Verdade. — Olhei outra vez para a área da piscina completamente decorada com flores brancas e suspirei. Charlotte estava vivendo o conto de fadas dela. — Pega mais uma taça de champanhe pra mim? — Ele fez uma careta, mas aceitou ir até a cozinha em busca de um garçom, que já começava a deixar de rodar oferecendo seus serviços. Pudera, a festa já fora pequena, naquele momento estava minúscula.

Cruzei as pernas reconhecendo a música suave iniciada. Era linda, atual e romântica. Não deveria mexer tanto comigo, contudo, mexia e me desconcertava, tamanha a intensidade dos sentimentos descritos na canção. O céu brilhava com estrelas espalhadas por toda a sua extensão. Foi um dia louco, mas lindo. Sorri sozinha quando uma mão apareceu em meu campo de visão me entregando uma taça cheia.

— Obrigada. — Virei para encarar o garçom e deparei com Patrício e o sorriso que me destruí.

— Johnny me pediu para te servir. — Fez uma reverência sendo galanteador.

Tomei um gole generoso e fingi prestar atenção em Lana e João, que se balançavam apaixonados, trocando carinhos e confidências.

— Não me diga que já está sentindo a falta de Charlotte — brincou sem deixar de me presentear com aquele sorriso.

— Vai ser impossível não sentir. E com tantos problemas não conseguimos ficar juntas, conversar direito... enfim...

— Como não? Vocês conversaram praticamente a noite toda.

— Ah, mas não foi como sempre é. Charlotte estava mais focada no noivo, quer dizer, marido. E a madrinha e o padrinho não tinham olhos para mais nada, até mesmo o Johnny. Bom, não estou reclamando. Foi a noite dela e o correto é que todos só tenham olhos para a noiva.

— Se serve de consolo, eu só olhei pra você. — Eu não podia me sentir tão bem com aquelas palavras, mas depois de algumas bebidas e de estar tão mexida emocionalmente, me dei aquele direito.

— Mas você não conta, Patrício.

— Por que não?

— Porque você quer me comer.

Sua gargalhada fez com que as borboletas em meu estômago levantassem voo. Como eu podia gostar tanto de algo tão idiota? Mas da mesma forma explosiva que ela surgiu, morreu. Patrício ficou sério e desviou o olhar.

— Até que não foi tão ruim, não é mesmo? Digo, o casamento.

— Não foi. — Ri forçadamente. — Alguém está te pressionando pra casar? — Ele voltou a me olhar, a boca um pouco aberta e uma intensidade que me cercou e aprisionou.

— Minha namorada — revelou. Mordi o lábio. — Minha namorada não quer casar. — Acabei sorrindo.

— Não? Então...

— Ela tem um discurso formado, sabe? Acha que casamento é algo brega e ultrapassado, mas na verdade eu acho que ela só foge do compromisso mesmo.

— Então você não tem o que temer. — Ele riu baixo, pensativo.

— Com ela eu sempre vou ter o que temer — acrescentou ainda no tom baixo. — Me concede a honra desta dança, linda morena? — Revirei os olhos, mas acabei sorrindo.

— Não!

— Miranda! É falta de educação...

— Ah, tá bom! — Outra vez precisei recorrer às minhas mentiras para não me convencer a ser indiferente. — Mas se você pisar no meu pé eu te derrubo. — Ele riu.

— Não duvido disso, gata.

Caminhei sem olhar para trás até o local destinado à dança e virei para aguardá-lo. Patrício chegou sem qualquer armadura, seu sorriso era verdadeiro e seus gestos humildes. Ele me segurou pela base da coluna e me puxou juntando nossos corpos, depois segurou minha mão e levantou para iniciarmos o embalo clássico.

— Você está muito bonita — sussurrou sem tirar os olhos de mim.

— Você já me disse isso. — Mantive meus olhos longe dos dele, salvando meu corpo daquele desejo louco.

— Eu disse quando você chegou à festa.

— E que diferença faz? — Tive que olhá-lo e me arrependi. Aquele olhar apaixonado parecia querer me derrubar.

— Muita. É fácil elogiar uma mulher no início da festa, quando ela ainda está arrumada, o cabelo impecável e a maquiagem perfeita. No final da festa fica mais difícil.

— Você é tão idiota! — Mas acabei rindo, porque era sempre o que eu fazia quando estava em seus braços, sendo aquecida por aqueles olhos quentes.

— Você está linda, Morena! — sussurrou mais uma vez, fazendo-me acreditar.

— Obrigada!

Continuamos valsando, sentindo a música até que eu estava completamente relaxada com ele outra vez. Era tão injusto me sentir daquela forma quando dentro de mim, havia um amor que queria explodir, enquanto ele continuava se negando a assumir o que sentia e se mantendo distante todas as vezes que percebia estar perto demais.

Um suspiro triste escapou dos meus lábios. Era tão difícil ser eu mesma, sustentar tudo o que eu desejava e tentar conciliar com o que eu amava. Pesava em meus ombros como chumbo, e às vezes, me fazia querer me dobrar até alcançar o chão.

— Foi um casamento lindo — eu disse querendo encontrar qualquer coisa que não nos tirasse daquele clima.

— Verdade — ele disse pegando-me de surpresa.

Patrício não era a favor do casamento entre os nossos irmãos simplesmente porque acreditava que Alex agia por pressão e não por amar Charlotte. Mas seus olhos não diziam nada que pudesse incriminá-lo, ele falava a verdade.

— Eles serão felizes — disse me rodopiando.

Olhei ao redor me dando conta de que estávamos sozinhos. Onde estavam Lana e João?

— Alex ama Charlotte, por isso que acredito que o que aconteceu não foi por culpa dele.

— Eu sei. — Fiquei incomodada e ele notou, firmando mais a mão em minha coluna e me puxando para o seu corpo.

— Aquelas garotas... Elas...

— Agora não, Patrício. Não estrague tudo. Eu ainda não bebi o suficiente. — Ele riu.

— Você nunca bebe, Morena. — Fiquei surpresa com a sua facilidade em me conhecer em pequenos atos. Ele não desviou o olhar, pelo contrário, seus olhos ficaram mais intensos. — Você não se embebeda porque não gosta de perder o controle. Também não usa drogas pelo mesmo motivo. Tem uma história ruim que ficou enraizada aí dentro. É uma pessoa grata e generosa, mesmo fingindo ser essa mulher durona, só para não reconhecer que está apaixonada. E até mesmo quando reconhece. — Sorriu irônico. — Nem quando reconhece, Morena.

Tentei me soltar dos seus braços, assustada demais para permanecer ali, então ele me segurou com mais força, me impedindo de fugir. Não tive coragem de encará-lo. Eu não conseguia, pois me sentia nua como nunca estive antes.

— Olhe para mim — suplicou.

Obedeci de imediato porque fiquei de súbito cansada. Algumas máscaras pesavam demais para serem vestidas por tanto tempo. Os olhos de Patrício imploravam por mim, por uma Miranda que estava escondida há muito tempo, mas que há muito tentava sair, por não aguentar mais estar sempre sozinha. Ele colocou minha mão em seu ombro e com a mão livre tocou em meu rosto.

— Nós começamos errado, Miranda. E como se não bastasse, continuamos errando como se dependêssemos disso para continuar vivendo.

Eu queria dizer alguma coisa, mas não conseguia. A intensidade dos seus olhos me calava, simplesmente porque não cabia nenhuma mentira naquele momento. Patrício tinha muitos muros que me impediam de alcançá-lo, mas preciso ser honesta e reconhecer que muitas vezes evitei pular as barreiras por ser muito mais confortável viver em meu mundo.

Eu fugia do mundo. Ele fugia dele mesmo.

— Eu quero... — Ele fechou os olhos e engoliu com dificuldade. Reconheci em seu rosto a mesma dor que me travava. Meu coração afundou no peito. Por que era tão difícil?

— Não se esconda de mim, Patrício — supliquei sentindo as lágrimas alcançarem meus olhos. Ele abriu os dele e me encarou por um segundo que se estendeu por toda a eternidade.

— Eu preciso saber, Miranda. Preciso estar aqui. — Seus dedos tocaram meu seio, indicando o meu coração acelerado. — Mas não sei como fazer. Não existe forma de alcançar um coração machucado, duro, impenetrável.

Gemi sentindo a dor que me consumia há dias. A pedra no meio da minha garganta não me deixava dizer que ele já tinha me alcançado, que já habitava meu coração, mesmo machucado e endurecido. Eu queria poder dizer que tinha medo porque o amava, e sabia que meu mundo o assustaria. Queria poder falar de amor, mas não conseguia. Então fiz o que não acreditava ser possível, o que me recusei a fazer pelo que acreditei ser uma vida inteira. Porque não conseguia repetir as palavras, mas conhecia as que o fariam entender o que eu sentia.

— Quando eu tinha doze anos a minha mãe morreu — comecei baixinho reconhecendo que aquela era a parte mais fácil da minha história. — Fiquei arrasada. Éramos só nós duas, longe de casa, da família que eu nem conhecia. Nunca tinha me dado conta do quanto era só, até ela não estar mais comigo. Os padrinhos me acolheram com amor, mas eu era muito nova e demorei a entender o que eles queriam de mim. Durante anos precisei me controlar, reprimindo a revolta que sentia por me enxergar como o bichinho de estimação da Charlotte.

Ele gemeu e afagou meu cabelo. Meus olhos ardiam e lágrimas ameaçavam cair, no entanto eu ainda me sentia confortável com aquela parte da história. Respirei fundo e continuei:

— Eu a amava e amava todos os outros, mas pensava o tempo todo: e se ela não fosse essa menina frágil? Se Charlotte fosse bem-resolvida, sem precisar de um escudo para viver em sociedade? Eles teriam me colocado naquela casa e me tratado como filha?

— Tenho certeza que sim — ele disse baixinho.

— Hoje também tenho. Mas eu só tinha doze anos, fui criada na casa dos fundos, junto com os empregados até o dia da morte da minha mãe. Tudo era confuso demais.

— Eu te entendo.

— Existia um garoto. Filho de um grande amigo da família. Ele vivia em nossa casa, brincava com Johnny e adorava Charlotte. Todos diziam que eles se casariam quando crescessem, mas os anos de convivência acabaram nos aproximando também. Nos anos seguintes eu me senti perdida, tentava cumprir com o papel que os padrinhos exigiam de mim com medo de ser posta na rua. Eu não entendia nada como amor. Meu único acalanto era esse garoto. Ele se tornou um grande amigo e depois, quando completei quatorze anos, um grande amor.

Aguardei pelo que ele diria, mas Patrício se manteve calado, impassível, esperando que eu fosse até o fim.

— Eu acreditava no que ele me dizia. Aquele menino era o meu caminho e eu o seguia por onde fosse, como se só o amor dele pudesse me dar segurança, força e vontade de viver. Ele era o meu conto de fadas. — Ri pensando no quanto fui idiota em acreditar que realmente vivia um romance de princesa. — Até que um dia...

Engoli em seco sentindo minha garganta se fechar com violência. A dor em meu peito foi inevitável, tão forte e viva que quase me partiu ao meio. Patrício me segurou com mais força, mantendo-me de pé. Puxei o ar, ciente de que respirar seria praticamente impossível e continuei:

— Até que um dia eu engravidei.

O silêncio que se fez foi o mais estranho que já vivenciei. Porque eu sabia que havia música, que possivelmente os talheres sendo recolhidos podiam ser ouvidos, assim como o som dos últimos convidados deixando o local. Eu sabia que o vento ainda corria arrastando as folhas e que algumas risadas facilmente nos alcançariam. Contudo havia só o silêncio da expectativa. A mesma que eu sabia, me cobraria o restante daquela história macabra.

Patrício tinha parado de dançar. Suas mãos continuavam em mim, uma em minha cintura, me mantendo firme, e a outra segurando meus dedos, sem demonstrar nenhuma intenção de largá-los. Olhei em seus olhos e vi o quanto de medo havia neles. Era certo que ele já imaginava o que aconteceu e o quanto me marcou.

— Continue — ele pediu com a voz rouca.

— Ele não aceitou a gravidez. Eu era nova demais, estava apaixonada e desolada. Mas não foi por causa da sua recusa em aceitar o filho que eu fiz o que fiz. — Patrício mordeu o lábio sem tirar os olhos de mim. — Eu tinha quinze anos, estava grávida de um garoto que afirmava que meu filho poderia ser que qualquer um, morava de favor em uma casa para cuidar de uma garota que o pai insistia em manter inocente, longe de problemas como o meu. Eu não conseguia enxergar outra solução.

— Você fez um aborto — ele afirmou com total consciência do que foi aquela decisão.

Concordei sem nada dizer, então ele fechou os olhos com força, seus dedos apertando um pouco mais os meus. O ar sendo puxado com mais urgência, suas narinas abrindo como se ali, diante de mim, estivesse um touro selvagem, pronto para atacar.

Eu me preparei para o pior. Até mesmo para ser deixada para trás em mais uma de suas crises, mas não foi o que aconteceu. Patrício se controlou, me puxou de volta para seu peito e voltou a dançar.

— Continue — ele sussurrou em meu ouvido, fazendo com que novas lágrimas descessem pelo meu rosto.

— Conseguir o aborto não foi complicado, assim como não foi conseguir viajar para longe da minha família. O problema era que eu não estava preparada para isso. Eu não queria abortar, me julguei, condenei, fui o meu pior tribunal. Só que não poderia voltar pra casa e contar que estava grávida. Foi isso o que ele me fez acreditar. Ele me disse coisas horríveis. Disse que eu seria jogada na rua com um bebê nos braços. Que eu não passava do bichinho de estimação de Charlotte e que só sabia desapontar o padrinho. Ele me convenceu de que se eu não tivesse aquele filho minha vida acabaria, que eu não poderia mais estar com os meus irmãos, e...

— Chega — pediu com raiva, mesmo tentando domá-la. — Meu Deus, Miranda! Você só tinha quinze anos. — Seus braços se fecharam ao redor da minha cintura, me passando seu apoio.

— Está tudo bem. — Ouvi sua risadinha familiar e tão bem-vinda.

Era para ele estar me confortando, mas, como sempre, estava eu ali, confortando-o. Patrício me afastou buscando meus olhos, fazendo-me encará-lo.

— Eu sei que agora não adianta dizer mais nada. Sei que esse muro ao seu redor foi muito bem construído, mas... — Ele fechou os olhos com força e encostou a testa à minha buscando coragem. — Droga, Miranda! Eu não quero continuar socando esse muro para tentar derrubá-lo. Não quero esperar que com o tempo ele desmorone porque não é isso o que vai acontecer. Essa é você, com todos os traumas e problemas, todos os empecilhos e... é assim que eu te

amo. — O ar ficou preso em meus pulmões e ainda assim, indo contra as leis da física, eu me senti leve pela primeira vez em muitos anos. — Então eu vou escalar a porra deste muro e pular para dentro, mas vou merecer o seu amor nem que seja a última coisa que eu faça na vida.

Sorri e chorei. Era difícil falar de amor, mesmo tendo plena consciência de que era o que eu sentia por ele. Assim como era sofrido não saber a exata dimensão dos seus sentimentos por mim. Mas Patrício estava ali me dizendo que não importava o tamanho dos meus problemas, o quanto o meu mundo pudesse ser assustador, ele faria parte dele aconteça o que acontecer. E era mais do que um dia eu fui capaz de pedir.

— Ah, Deus! — funguei sem conseguir segurar o choro.

— Eu amo você, Morena! — Ele levantou meu rosto para que eu entendesse a veracidade das suas palavras. — Eu amo você! E não me importa essa ideia que você tem de que não pertenço ao seu mundo. Pertencço, Miranda! Não há um lugar onde você esteja que eu não queira estar. Não há nada que você deseje que não seja o meu desejo também. Então vamos esquecer essa bobagem de fugir um do outro e encarar isso de frente.

— Vamos. — Sorri entre as lágrimas.

Patrício me puxou para um beijo perfeito e... sabe aquela história onde a garota está presa em uma torre... ok! A garota estava em uma torre que ela mesma construiu e, vamos ser honestos, ela dava altas festas naquela torre, se divertia pra valer. Mas eis que um dia o príncipe curioso escala a tal torre, bisbilhotando pelas frestas da janela fechada, achando que seria interessante tentar descobrir alguma coisa sobre a garota que vive lá dentro, até que... bum! Ele simplesmente escancara a janela, pula pra dentro, acaba com a festa... bom... ele poderia... quem sabe... fazer parte da festa e... *então ele escancara a janela, pula pra dentro*, se junta à festa e ganha o coração da garota, que até já pensava em contratar um dragão para impedir que curiosos invadissem o seu mundo. E não é que deu certo? Cada um tem o conto de fada que merece, não é mesmo? O meu tinha uma heroína, um príncipe que precisava ser salvo, e um mundo inteiro para ser desbravado. Por que não? E por que não com ele?

O beijo durou até o momento em que nos demos conta de que estávamos sozinhos naquela pista de dança silenciosa. Olhamos para os lados conferindo dois garçons empilhando cadeiras, o DJ desarmando o seu equipamento e as luzes quase todas apagadas. Patrício me olhou com carinho e sorriu, voltando a me beijar com doçura e me embalando sem música.

— Será que Peter vai perceber se você não dormir no seu quarto hoje? — Acabei rindo. Depois de tudo o que conversamos o padrinho era o meu último medo.

— Vai depender do quanto de receio você tem de ser obrigado a casar no dia seguinte. — Vi quando seus olhos se arregalaram e ele se afastou mesmo que minimamente. — É brincadeira, Patrício. O padrinho nem vai sentir a minha falta. — Ofereci meus lábios outra vez e ele os tocou com desejo, passando a língua na parte inferior, me atijando.

— É impossível não sentir a sua falta, Morena — sussurrou acariciando meu rosto. — É como não ter um cobertor nas noites frias. Você não percebe, mas é o fogo que aquece esta

família. Você é o fio que os une, Miranda. Peter foi esperto demais ao perceber isso ainda na sua infância, mas você foi ingênua demais para nunca ter notado.

— Você realmente me ama — brinquei me afastando, mas deixando sua mão na minha.

— Amo — ele admitiu sem receio. Ri tentando me afastar para levá-lo até o quarto, mas ele se deteve. — Você tinha dúvida?

— Bom... não é como se você estivesse fazendo questão de gritar para o mundo, mas... — Um sorriso escroto brincou em seus lábios, e antes que eu percebesse o quanto ele era louco, fui surpreendida pelo seu grito:

— EU AMO MIRANDA MIDDLETON! — ele gritou, sua voz ganhando eco pelo silêncio e pelo vazio do local.

— Patrício! — Comecei a rir tentando fazê-lo parar.

— Ainda tem dúvida? — Ele pegou fôlego intencionando uma nova demonstração. Eu me atirei em seus braços colando nossos lábios. Rimos juntos.

— Ninguém mais tem dúvidas do seu amor, seu pateta!

— Pateta?

— É. Agora o padrinho vai querer conferir o motivo desta confusão e não vamos mais...

— Eu tive uma ideia.

Patrício me puxou para o outro lado não me dando chance de contestar. Ele estava decidido a fazer algo que eu nem imaginava o que era. Só sei que a passos largos fui levada até a garagem. Ele abriu um armário pequeno atrás do portão e tirou de lá uma chave, depois me levou até o seu Jipe.

— Ei! Para onde...

— Vou te levar para um lugar aonde ninguém vai nos atrapalhar.

— Patrício!

— Entra no carro, Morena!

E eu entrei. Não porque ele mandou, mas porque a simples ideia de fugirmos daquela festa para ficarmos sozinhos, mesmo que estivéssemos sujeitos à fúria do padrinho, ou à reprovação da nossa família já me deixava extasiada. Eu amava o proibido e Patrício sabia exatamente como me manter interessada.

Ele deu partida e saiu da garagem sem se preocupar se alguém observava nossa fuga. Rapidamente encontrou as pequenas marcas do desgaste feito por rodas na grama bem-cuidada e antes que eu pudesse questioná-lo estávamos em um espaço amplo, sem iluminação, com exceção da lua e dos faróis do carro, com um lindo rio, ainda distante, cortando o caminho à frente.

Olhei para Patrício que permanecia atento ao caminho. Ele engatou a marcha e estendeu a mão, como se buscasse a minha permissão independente de para onde iria me levar. E eu

aceitei, porque não importava para onde fosse, eu sabia que ele já estava do lado de dentro do muro e nunca mais escaparia.



Estava frio, mas de uma maneira deliciosa. Abraçada ao travesseiro eu me recusava a acordar definitivamente. Não que não estivesse consciente do canto dos pássaros do lado de fora e nem que fosse indiferente ao cheiro da relva molhada. Também não era como se eu não estivesse ciente daquelas mãos quentes em minhas costas, subindo e descendo em uma carícia que me remetia à nossa noite perfeita.

Sorri sozinha ainda sem abrir os olhos. Na noite anterior Patrício dirigiu até a cabana sem precisar me dar qualquer dica de onde estava me levando. Eu sabia o que havia depois do lago, escondido de olhares curiosos e da marcação cerrada dos nossos pais. Contudo não deixei de ficar encantada e surpresa quando paramos em frente à cabana que mais parecia saída de um conto de fadas. Nem nos relatos de Charlotte eu conseguiria imaginá-la tão mágica.

— Gostou?

— É a cabana de Charlotte! — sussurrei ainda presa à magia daquele lugar. Patrício riu baixinho e me abraçou pela cintura depositando um beijo no pescoço.

— Hum! Até hoje eu pensava neste local como a cabana da Lamara e do João, mas... agora ela é nossa.

— Ah, Patrício! Não sei se devemos...

— O quê? Ela é tão nossa quanto deles. E se você for um pouco supersticiosa... — Passou à frente me conduzindo pela mão. — Até agora todos os que confidenciaram seu amor aqui dentro conseguiram fazer o relacionamento dar certo. Então... — Deu de ombros abrindo a porta e me dando passagem. — Por que não tentar?

Fiquei parada encarando aquela porta. Lógico que queria que desse certo. Não havia sequer espaço para as minhas inseguranças. Não depois de revelar o meu amor e de ter o dele anunciado. Só que eu me sentia como uma intrusa, como se fosse um sacrilégio misturarmos o nosso relacionamento com a energia de amor que os outros casais tinham deixado ali.

Bobagem, eu sei. Mas... Patrício entrou na cabana, depois se virou para mim, a mão ainda na minha, seus olhos atentos. Ele suspirou.

— Eu nunca trouxe uma garota aqui — revelou me pegando de surpresa.

— Você nunca se apaixonou? — Ele fez uma careta engraçada.

— Eu já fui adolescente, Miranda. Costumava me apaixonar por uma garota diferente a cada ano. — Riu sem graça. — Mas amor mesmo... é a primeira vez.

Senti meu coração perder uma batida. Patrício costumava ser o garoto sem filtros, que falava o que vinha na cabeça sem se preocupar com o que os outros achariam. Ele falava sem pensar, e assim, sem receio ou floreios como tinha acabado de fazer. E foi lindo!

— Que droga! — murmurei me sentindo uma tola.

— O que foi? — Deu um passo mínimo em minha direção, tocando o meu rosto com carinho.

— Olha no que me tornei! — Seus olhos me escrutinaram sem encontrar um sentindo para o que eu dizia. — Eu sou aquela garota que odiei a vida toda.

— Do que está falando, Morena?

— De mim! Olha só! — Ele me olhou com mais atenção. — Eu sou aquela garota ridícula que fica sorrindo como uma imbecil só porque está apaixonada e é correspondida. Como se a vida não tivesse mais nenhum problema e tudo fosse dar certo só porque nos amamos. — Ele sorriu relaxando completamente.

— Mas nós sabemos que não é assim.

— Pois é! Eu sei que não é assim. Amanhã eu serei a mesma Miranda marrenta e você o mesmo Patrício idiota, e nem mesmo o que sentimos vai mudar isso.

— Ainda bem! — parei chocada com o que ele disse. — Pra quê mudar? Foi assim que eu te conheci e é assim que quero que continue sendo. — Acabei sorrindo. Patrício era um pateta, mas era um pateta que conseguia me deixar mais segura e feliz.

Então ele me deu uma noite maravilhosa, sem qualquer preocupação com o tempo, o espaço ou possíveis ouvintes. Aproveitamos. E acordei daquela forma preguiçosa, o corpo com todas as lembranças ainda vivas, o friozinho que me induzia a permanecer na cama e o calor das mãos perfeitas me dizendo que não precisaríamos necessariamente levantar.

Patrício se mexeu na cama e beijou minhas costas tornando o conjunto ainda melhor, seus lábios e mãos faziam um efeito em mim quase que dominante. Eu estava nua, enrolada no edredom grosso que encontramos no armário. Ele se apertou levemente ao meu corpo demonstrando o quanto já estava acordado.

— Está na hora, morena linda.

— Hum! — resmunguei apertando ainda mais o travesseiro. Ele riu quase em meu ouvido.

— Precisamos voltar. Você não vai querer...

— Eu quero — rebati fazendo-o rir ainda mais. — Vou enfrentar o padrinho e dizer que tenho direito de dormir um pouco mais depois de uma noite incrível de sexo.

— Depois de uma noite incrível de sexo com o seu namorado — ele completou. Abri os olhos com essa afirmação e acabei sorrindo largamente.

— Isso — concordei baixinho me sentindo ótima!

Era bom eu começar a me acostumar com aquela ideia. Não a de ter um namorado, mas a de me sentir feliz o tempo todo e ficar sorrindo para cada detalhe da vida. Eu era muito imbecil! Sorri ainda mais.

— Está acordada? — Ele se insinuou mais, apertando a ereção em minha bunda ao mesmo tempo em que mordida meu ombro.

— Não. — Voltei a fechar os olhos, mas mantive o sorriso. — Estou com preguiça.

— Preguiça de transar? — Espiciei mais o corpo deixando as costas completamente livres para ele.

— Pensei que precisássemos ir embora — pirraei ao senti-lo puxar o edredom e levantar para ficar bem atrás de mim. Seu hálito quente percorreu minha espinha.

— E eu pensei em transar antes de precisarmos ir embora.

— Estou com preguiça — reafirmei sentindo sua ereção em minha bunda e as mãos bobas me tocando com mais intimidade.

— Eu adoro sexo preguiçoso.

Patrício se esfregou em mim, um braço evitando que seu peso me sufocasse enquanto o outro livre me tocava. Ele abriu minhas pernas com o joelho, deixado que sua ereção se posicionasse corretamente. Gemi gostando da ideia e me forcei contra ele. Sua mão passou pela minha bunda, parando entre as pernas para que seus dedos me tocassem mais intimamente.

— Hum! Aposto que estava pensando um monte de safadeza — ele brincou em meu ouvido ao constatar o quanto eu já estava úmida. — Sonhos molhados?

— Lembranças molhadas — admiti abrindo um pouco mais as pernas para que seus dedos brincassem comigo de maneira mais gostosa.

— Gosto de lembranças molhadas. — Seus dedos se afundaram em mim com cuidado. Rebolei adorando.

Ele me penetrou com dois dedos, entrando e saindo sem qualquer pressa, girando e me tocando em vários pontos gostosos, enquanto sua boca beijava meu pescoço, ombros e costas me estimulando ainda mais.

Seu toque era calmo, apesar do tesão nítido. Eu estava naquele desejo gostoso, completamente entregue à preguiça, com o corpo relaxado, a vontade de me esticar até toda a energia se esvaír, o calor do sangue correndo pelo meu corpo com luxúria enquanto o frio do ambiente me fazia ficar mais lenta. Estava tudo muito bom.

Patrício segurou em meu quadril e me levantou um pouco, apenas para que minha entrada ficasse acessível. Então me penetrou sem pressa, com aquele cuidado maravilhoso, fazendo minha carne ceder, se adaptar, aceitar e recebê-lo.

Fechei os olhos e voltei a apenas me deixar ser conduzida. Eu não queria agir, no entanto, não havia nem um fio de submissão em minha posição. Pelo contrário. Eu queria ser agradada, ser satisfeita por quem sabia como e quando. Eu queria ficar ali, dengosa, recebendo seu prazer, seu corpo, seus toques, sem me preocupar em retribuir. Eu queria apenas ser mimada com a luxúria que Patrício me oferecia, e me entregar às sensações sem pensar em mais nada, nem mesmo nele.

E sim, era saudável ser egoísta às vezes. Mesmo sabendo que naquele jogo os dois sairiam ganhando. Então por que não aproveitar?

Ele entrou completamente em mim e parou. Por alguns segundos não fizemos nada que não fosse sentir o corpo um do outro, perceber o calor, se adaptar... até que suas mãos me ajustaram melhor em seu colo, com meus quadris sobre seus joelhos, as pernas abertas, o corpo deitado na cama. Então ele correu as mãos em minhas costas e começou a massageá-las.

— Huumm! — gemi deliciada.

Todas as vezes que Patrício se esticava para alcançar meus ombros, seu pau ia mais fundo, forçando meu corpo e me proporcionando um prazer fantástico. Então ele descia as mãos até alcançar minha bunda, desfazendo o aperto, só para voltar em seguida, sem pressa. Ele repetiu o processo um punhado de vezes que não me atrevi a contar. Entrando e saindo na hora certa, indo fundo, acionando todas as peças do meu corpo que ainda agiam com preguiça, fazendo-as iniciar o orgasmo.

Quando, mais uma vez, massageou minhas costas até os ombros, se impondo dentro de mim com vontade, causando calafrios deliciosos em meu corpo, foi além e me fez deitar por completo na cama. Eu sentia a pele sensível como nunca. Meus seios roçavam o lençol me fazendo estremecer de prazer.

Patrício se deitou melhor sobre o meu corpo e começou a se movimentar entrando e saindo e me fazendo acompanhá-lo no seu ritmo. Minha vagina também roçava o tecido me deixando cada vez mais pronta, no limite do prazer. Tendo completa noção de como eu me sentia, ele não deixava de me tocar, de roçar seus lábios em minhas costas, de me pressionar contra o colchão só para aliviar o aperto logo em seguida, mudando o meu foco e me mantendo no jogo.

Mas eu também sabia que ele estava no limite, mesmo com toda paciência e dedicação. Por isso comecei a rebolar lentamente, apertando seu pau dentro de mim em pequenos espasmos. Patrício gemeu alto aprovando, mas também me fazendo entender que ele ainda queria conduzir aquele jogo.

Sua mão atrevida passou pela minha cintura, ganhando o espaço entre meu corpo e o colchão, se alojou em meu clitóris, apertando-o e alisando-o sem me dar qualquer chance de lutar contra o orgasmo que já estava ali se espalhando e me dominando. Gemi manhosamente deixando que ele chegasse, e saboreei cada milésimo de segundo em que lambeu meu corpo levando-me ao êxtase completo.

Patrício aproveitou meu orgasmo me deixando à vontade, permitindo que fosse um momento só meu. Só depois que estremeci pela última vez e relaxei, ele se entregou ao gozo, se esvaindo em mim, apertando nossos corpos, se enfiando tão fundo que meu corpo protestou. Mas aguentei firme, porque queria e porque Patrício merecia todo e qualquer sacrifício.

Deitado sobre mim ele ainda era carinhoso, me poupando do seu peso, beijando e alisando minhas costas. Ele me virou em sua direção e buscou meus lábios para um beijo repleto de sentimentos.

— Sabe o que eu acho? — Sorri satisfeita e neguei com a cabeça. — Que nunca vou cansar disso aqui. — Seu dedo correu entre meus seios e desceu passando pelo meu umbigo, tentando

chegar onde não devia. Segurei sua mão surpreendendo-o.

— Tenho certeza que não.

Patrício me olhou com curiosidade, mas eu não estava disposta a revelar nada. Não naquele momento. Preferi deixar incutida a ideia, porque Patrício podia ser um pateta, mas não era bobo, e conseguia entender o que aquelas palavras prometiam.

— Vamos. — Tentei levantar quando ele me segurou. — Ainda quero tomar um banho e trocar de roupa. Não podemos chegar assim, com cara de ontem. — Ele riu e me deixou levantar.

— Então vamos, porque seu padrinho pode ter esquecido a Bernadete ontem, já que estava casando a filha, mas vai lembrar-se dela rapidinho quando acordar e perceber que a afilhada não dormiu em casa.

— Sabe, Patrício? — Da porta do banheiro virei em sua direção e sorri. — Às vezes eu me pergunto que espécie de homem é você que tem medo de ameaças tão infundadas como a do padrinho... — Ele me olhou sem acreditar em minhas palavras. — Ele nunca atiraria no cunhado da filha — completei e vi um certo sorriso escroto brincar em seus lábios. — Mas acredito que ele poderia mandar alguém quebrar as suas pernas. — Dei de ombros e entrei no banheiro deixando um Patrício abismado e medroso para trás.

CAPÍTULO 24



*“Me dê a mão, vem ser a minha estrela. Complicação tão fácil de entender.
Vamos dançar. Luzir a madrugada. Inspiração pra tudo que eu viver.”*

UM CERTO ALGUÉM – LULU SANTOS

QUANDO CHEGAMOS, A CASA ESTAVA SILENCIOSA. NÃO ERA DEMASIADAMENTE CEDO, APESAR DE SER muito, para quem tinha dormido tarde depois de uma festa de casamento. Ainda assim não encontramos ninguém pelo caminho, com a exceção de alguns empregados que tentavam organizar tudo para quando os patrões acordassem.

Patrício caminhava lentamente ao meu lado, os olhos atentos, sem nada dizer. Ele também achou estranho não encontrarmos o carro do padrinho na garagem, o que só nos deixou mais apreensivos com a possibilidade de já estarem acordados, esperando por mim, aborrecidos com a minha fuga.

— Ele leva a arma para todos os lugares? — Patrício sussurrou apertando os dedos nos meus.

— Não seja tolo!

— E se ele estiver armado?

— Acha mesmo que o padrinho teria coragem de te apontar uma arma na casa dos seus pais? Deixa de ser medroso! Está preocupado assim só porque não quer que ele te obrigue a casar comigo? — pirracei, mas Patrício me olhou sério.

— Você tem noção de que essa história é ridícula, não é mesmo? Você nem era mais virgem!

— Patrício, coloque uma coisa em sua cabeça: Charlotte foi a última virgem na nossa idade que o século comportou. Acabou. Estávamos correndo um sério risco de que algo anormal acontecesse, tipo uma profecia, um cataclisma... a queda de algum portal unindo dois mundos. Qualquer coisa assim. Graças a Deus, Alex resolveu o problema e salvou a humanidade. — Ele me olhou como se eu estivesse louca. Acabei rindo. — Não tem ninguém acordado. Que sorte, não? Hoje ninguém mais casa nesta família.

— Então eles já foram? Porque se o carro não está lá fora e não está na garagem, isso só significa que...

— Eles foram embora. — A voz do Dr. Adriano nos pegou de surpresa.

Confesso que me assustei, já que não esperava por ele ali, mas a reação do Patrício foi a melhor de todos os tempos. Ele deu um grito alto e rouco, pulou para trás e, acabando com qualquer ideia de príncipe encantado, me puxou à sua frente usando meu corpo de escudo. Revirei os olhos me desvencilhando. Adriano deu um sorriso mínimo, sem querer constranger o filho.

Bom, aquele era o meu conto de fadas ideal, onde eu era a heroína. Não podia ser melhor.

— Vocês dormiram fora — constatou com as mãos para trás, nos avaliando.

— Porra, pai! — Meu namorado relaxou saindo de trás de mim. — Que susto! — Adriano arqueou a sobrancelha sem entender a reação do filho.

— Ele está com medo do padrinho obrigá-lo a casar só porque dormiu comigo. — Fui direta, fazendo com que o pai do meu namorado se surpreendesse, além de ficar sem graça.

— Eh... Peter precisou sair muito cedo. Não percebeu a sua ausência, ou, se percebeu, não comentou. — Perdi completamente o foco. Meu coração acelerou.

— Eles... eles foram embora? Por quê? O que houve?

— Graças a Deus! — Patrício explanou com alívio, me deixando aborrecida. — O que foi? Você tem que concordar que foi muito melhor assim — ele se justificou enquanto o pai pigarreava para chamar a nossa atenção.

— Ele precisava resolver algumas pendências antes de viajar. Só isso. Sua madrinha pediu que a levássemos para casa, então logo após o café partiremos.

— Já? Então eu levo Miranda mais tarde. Podemos ficar e aproveitar o dia. — A malícia naquelas palavras não passou despercebida nem mesmo para o pai dele.

— Não. Eu vou para casa com eles — revelei me sentindo apática. — Onde está Johnny?

— Acredito que dormindo ainda.

— Eu vou falar com ele. Com licença.

— Miranda? — Patrício me chamou, mas seu pai o impediu de me seguir.

— Patrício, nós precisamos ter uma conversa.

Aproveitei a deixa e saí em busca do meu irmão. Eu não queria demonstrar a tristeza que me abatia desde que descobri que fomos deixados para trás. O padrinho nunca tinha feito aquilo. Ele sempre foi preocupado e atento, nunca deixava brechas, não nos deixava sozinhos, sem regras e sem direção.

Aquela atitude só fez com que todos os meus medos viessem à tona, quase transbordando, me fazendo afundar em desespero. Ele estava nos deixando para trás, como se nossos serviços não fossem mais interessantes. Charlotte tinha encontrado a pessoa perfeita para conduzi-la pelo resto da vida, estava segura, feliz, apaixonada. Então nada mais importava. Nós não importávamos.

Johnny abriu a porta antes que eu conseguisse entrar. O peso em meu peito me impedia de respirar, as lágrimas desciam embaçando minha visão. Uma dor cortante arrancava minhas forças me fazendo perder o chão. Meu irmão me segurou com força, assustado.

— Miranda! O que foi? O que foi?

Sua voz desesperada só aumentava a minha dor. Agarrei seu pescoço e chorei deixando que todo o medo transbordasse. Com Johnny eu não precisava mentir, nem fingir, eu só precisava ser eu mesma.

— O que foi? — Ele me carregou para dentro e me deitou na cama com cuidado. — O que aconteceu?

— Ah, Johnny! Estou com tanto medo! — Suas mãos seguravam meus braços conferindo que estavam frios e trêmulos.

— Medo de quê? A madrinha...

— Eles foram embora. Os padrinhos foram embora hoje bem cedo. Percebe o que isso significa? — Meu irmão relaxou visivelmente, mas me olhou com um carinho que há muito não me dedicava.

— Não, Miranda! Não é nada disso. — Sua voz baixa e paciente não me fazia sentir melhor.

— Você não percebe? Charlotte casou e...

— Não é nada disso. Fique calma! Ele me disse que iria bem cedo. Você estava dançando com Patrício, então ele não quis incomodar.

— Mas... ele nunca se importou em incomodar, então... então... — Johnny sorriu com doçura.

— Estávamos em uma festa. E eu nunca imaginei que preferiria ser sufocada com as cobranças do padrinho.

— Não é que eu prefira, é que...

— Ele te ama! Ele nos ama, Miranda. Coloque isso na cabeça. Nada vai mudar. — Ele fez uma careta estranha. — Pelo menos nada que faça com que você se sinta menos amada. A madrinha ama a única filha que entende o seu gosto por moda, e o padrinho adora saber que pelo menos uma das filhas dele não se importa em gastar o dinheiro que ele tanto lutou para ter. — Seu sorriso brincalhão acabou me fazendo sorrir.

— Eu não me importo com o dinheiro, nem com as roupas, eu só não quero... eu não posso... é tão difícil!

— Eu sei. Mas não é a nossa realidade. Nós somos amados por eles e isso não vai mudar, então não gaste sua energia com os problemas errados.

— Problemas errados? — Outra vez ele fez uma careta estranha.

— Anita me ligou ontem à noite. — Ele aguardou até que eu me concentrasse em suas palavras e percebesse o tipo de problema que ele precisava relatar.

— Anita? E o que ela queria?

— Ela queria muitas coisas, mas a sua verdadeira intenção ficou camuflada, como ela sempre faz.

— Aquela vaca! Sinceramente, Johnny! Não sei como você ainda pode sonhar em permitir essa mulher por perto. Ela ia chupar o pau do Alex! — Meu irmão se abalou com as minhas palavras, mas logo se recuperou.

— Isso não vem ao caso agora. Anita queria confirmar se Alex casou de fato, mas creio que não é apenas porque quer fazer um reboliço na faculdade.

— Porque ela é uma vaca invejosa que vai tentar a todo custo acabar com a felicidade de Charlotte. — Ele revirou os olhos. — E porque ela queria ser comida pelo Alex e não conseguiu.

— Às vezes acho que você é melhor triste e chorando.

— Vá à merda!

— Preste atenção. — Ele levantou e andou pelo quarto formulando sua teoria. — Anita pode até fazer uma reclamação junto ao reitor, que é um safado, então não acredito que faça algo diferente do que ficar algumas horas reclamando no ouvido dele. O que me leva a acreditar que ela não é o ponto daquela ligação.

— Como assim? — Ele me encarou sem paciência.

— Tiffany! Muitas vezes Anita deixou escapar que o temperamento da prima não era muito “confiável”. — Fez aspas com os dedos para enfatizar a palavra.

— E o que Tiffany pode fazer? — Sentei na cama completamente esquecida do problema com os padrinhos. — O máximo que ela vai conseguir é alertar ao mundo sobre sua dor de cotovelo por ser trocada por uma escritora mais promissora.

— Não é bem por aí. Anita não entra em detalhes, mas me parece ser algo mais profundo do que uma simples dor de cotovelo.

— Tiffany não é a questão. Anita sim. Ela vai fazer o maior estardalhaço na faculdade para prejudicar Alex e Charlotte.

— Pode deixar Anita comigo. Eu tenho tudo sob controle. — Ri sem muita vontade.

Johnny estava completamente enganado. Só que eu não precisava brigar com o meu irmão por causa disso quando a solução estava perfeitamente guardada e pronta para ser usada. Eu só precisava de mais um dia. Só mais um dia e Anita seria eliminada de uma vez por todas.

— Tudo bem. — Deitei outra vez na cama voltando os pensamentos para os padrinhos.

— Você está assim desde ontem? — Olhei para mim, percebendo que ainda estava com o vestido da festa e as sandálias de salto fino. Sorri largamente.

— Na verdade... eu fiquei sem o vestido uma boa parte da noite.

— Patrício? — Concordei mordendo os lábios. — Mais uma recaída?

— Eu acho que... a mais importante de todas.

— Uau! Isso quer dizer que vocês estão juntos?

— Ele falou em sermos namorados, mas eu vou esperar para saber onde isso vai dar.

— Não seria você se não fosse assim. Por que não se desarma? Patrício é um cara legal.

— Ele é, mas eu não sou tanto assim. — Johnny riu.

— Você é mais do que consegue imaginar. Agora vá tomar um banho, trocar de roupa e se preparar para voltar pra casa. Charlotte ligou? — Olhei para Johnny sem acreditar naquela pergunta.

— Se Deus for muito justo, Charlotte está com as duas mãos e a boca bem ocupadas agora.

— Isso foi horrível!

— Saudável. Eles acabaram de casar. Precisam transar muito.

— Você é doente.

— Às vezes eu acredito que sim.

Levantei pronta para sair do quarto e decidida a não ficar mais choramingando. Eu tenho os meus momentos, mas eles sempre passam, então era hora de erguer a cabeça e arrumar a vida. Anita era uma peça que estava fora do lugar, contudo, Patrício também, e eu precisava ajustar todos os detalhes se quisesse realmente viver ao seu lado.



— Onde você estava? — Patrício me abordou no corredor que interligava os nossos quartos. — Eu te procurei, você não estava no seu quarto. Onde estava?

— Com o Johnny. Eu te disse. — Continuei andando em direção às escadas. — Já comeu alguma coisa?

— Não. Eu estava te procurando.

— Ótimo!

— Não vai me perguntar nada?

— Eu? — Olhei para Patrício. Ele tinha tomado banho, usava uma bermuda de brim verde e uma camisa de algodão branca. Ele estava lindo. — Não. Por quê? — Ele me avaliou curioso, passou as mãos pelo cabelo e riu.

— Eu pensei que as namoradas fossem mais curiosas.

— Curiosas?

— Meu pai, Miranda! Ele me chamou para uma conversa na sua frente e você não quer saber sobre o que conversamos?

— Ah! — Pensei no assunto. Não era uma questão de falta de interesse, mas sim de prioridades. — Você quer falar sobre isso?

— Cara! Se eu não tivesse te visto nua tantas vezes ia pensar que estava me relacionando com um homem. — Ri. Patrício era muito bobo. — Meu pai pegou no meu pé.

— Foi? — Chegamos até a mesa posta. Eu podia ouvir a voz de Dana na direção da cozinha, mas ninguém estava à mesa, o que era ótimo!

— Foi. — Patrício diminuiu o tom de voz. — Ele queria saber se agora era pra valer e me disse que não ia admitir que ficássemos brincando desta forma. Exigiu que eu tivesse respeito pelo Peter. Eu me senti um adolescente!

— E o que você disse?

— Eu disse que já era um homem e que você finalmente tinha colocado um pouco de juízo na cabeça.

— Eu?! — quase gritei. — Você é idiota? — Patrício riu alto, chamando a atenção da mãe que entrou na sala com um sorriso largo no rosto.

— Ah! Finalmente alguém acordado. Como estão?

— Cansado — ele disse segurando a minha mão sobre a mesa para que a mãe visse. — Não sei se o pai já te disse alguma coisa, mas eu e Miranda estamos namorando outra vez.

— É mesmo? — Ela me olhou intrigada e acabou rindo. — E Miranda já sabe disso? — Acabei rindo alto.

— Acabei de ser comunicada, Dandara. Não estou vendo muita opção que não seja aceitar. — Ele apertou meus dedos.

— É lastimável ser trolado pela própria mãe — resmungou. — Mas é imperdoável ser pela namorada. — Seus olhos chisparam para mim.

— Oh, senhor! Mil perdões! Não vai voltar a acontecer. — Dana ria quando sentou à mesa para nos acompanhar.

— Sua madrinha pediu que eu a levasse de volta sã e salva — comentou deixando Patrício desconfortável.

— Dr. Adriano me avisou. Assim que acabar aqui vou arrumar minhas coisas.

— Você poderia ficar — Patrício contestou sem qualquer imposição.

— Nada disso, rapazinho — Dana o cortou. — Mary disse que eu deveria levá-la e é isso o que vou fazer.

— Mãe, eu não sou mais um adolescente! — rosnou inconformado.

— Eu sei, querido. — Dandara deu um largo sorriso se servindo de uma fatia de bolo. — E fico feliz por você finalmente ter percebido isso. — Patrício se mexeu incomodado enquanto a mãe piscava para mim. — Mas Miranda ainda é uma garota de vinte e um anos.

— Uma mulher. Adulta — pontuou.

— E você é dez anos mais velho do que ela. Mais até.

Dez anos? Olhei para Patrício, espantada. Ele encarava a xícara de café girando a colher sem qualquer paciência. Continuei olhando aquele garoto abusado, as feições jovens demais, as atitudes de alguém não muito mais velho do que eu. Então, como assim ele tinha dez anos a mais do que eu?

— Mãe, isso não existe mais. Estamos no século vinte e um. As garotas da minha idade namoram com garotos da idade da Miranda. Nada escandaloso.

— Um pouco mais do que dez anos? — Pensei alto sem me deixar convencer.

— Bobagem, Morena. — Ele sorriu debochado e piscou para mim me deixando atordoada.

— Quantos anos você tem?

— Trinta. — Ele olhou para a mãe e riu. Dandara o encarou, incrédula. — Trinta e um.

— Trinta e um? — Fiquei espantada.

— Trinta e dois — Dana o corrigiu fingindo não perceber o meu súbito interesse. Patrício revirou os olhos.

— Um ou dois? — Eu não sabia dizer o motivo daquela conversa me atordoar tanto, mas a verdade era que atordoava, excitava e... assustava.

— Um — eles responderam juntos. Rapidamente percebi que Patrício, mesmo tentando disfarçar, não gostava daquele assunto.

— Então... — Dana continuou. — Mary me pediu para levá-la e é o que farei. — Neste momento Johnny apareceu na sala, um pouco mais desanimado do que antes quando estava em seu quarto.

— Bom dia! — Ele parecia deslocado, cansado, mais velho do que de fato era. E essa ideia de idade estava mesmo me incomodando.

— Bom dia, Jonathan! Curtiu muito ontem? Charlotte já deu notícias? — Dana perguntou. Fazendo meu irmão me lançar um olhar engraçado.

— Ah... eu acho que Charlotte vai aproveitar o seu primeiro dia de liberdade.

— Você também vai sair depois do café? — Patrício perguntou desviando o assunto.

— Foi o que o padrinho pediu. Mas eu também tenho algumas coisas para resolver, então vou sair daqui a pouco. — Ele pegou uma xícara, se serviu com café e algumas torradas. — E você, Miranda? Vai sair junto com Dana e Adriano, não é?

Patrício, ainda incomodado, colocou um pedaço do pão na boca sem voltar a me olhar. Parecia uma criança quando não tinha o que queria.

— Vou sim — falei mais por pirraça do que pela vontade de voltar antes dele, ou separada dele.

— Ótimo! Bom, preciso finalizar tudo por aqui. Lamara e João Pedro vão ficar mais um pouco, e eu adorei a ideia! Vou ganhar tempo para não fazer nada. — Riu deliciada. — As vantagens de ter filhos adultos.

Dandara levantou cheia de disposição e deixou a mesa quando João Pedro apareceu, pegando-a de surpresa para girá-la nos braços em uma dança esquisita.

— Bom dia, crianças! — disse animado. Imediatamente lembrei-me da maneira como ele e Lana estavam na noite anterior, transbordando amor.

— Patrício não é mais criança — pirraçei sem saber o porquê. Ele fez um muxoxo aborrecido, mas nada disse.

— É mesmo? — João perguntou sem muito interesse. Ele procurava alguma coisa na mesa.

— Não. Ele já tem... o quê? Trinta e poucos anos? — Meu professor riu retirando tudo de dentro de uma bandeja prateada.

— Trinta e um — Patrício rosnou antes de levar a xícara à boca.

— Bom, se serve de consolo eu tenho 36 e Lana 27 — João Pedro falou sem se importar com o drama que Patrício fazia.

Ele estava colocando duas xícaras com café e um pouco de tudo em um pratinho para levar para a esposa. Achei uma linda forma de iniciar o dia.

— Não sei por que a minha idade virou um assunto tão polêmico. Alex tem 35 anos e acabou de casar com uma menina de 21, que até pouco tempo era virgem. E é imatura pra caralho! Ai! — gemeu quando atingi seu braço com um soco. — Porra, Miranda! Eu falei alguma mentira? — Dei outro mais forte e levantei aborrecida. — Essa mulher é doida!

— Não fale assim da minha irmã! — rosnei.

— E o que eu falei?

— E por não ter me contado a sua idade.

A esta altura Johnny e João não escondiam mais as risadas.

— E o que aconteceu com aquela história de “sem informações”?

— Isso só acontecia quando não éramos namorados. Agora mudou tudo. — Ele me olhou espantado, depois riu junto com os demais.

— Puta merda! Não tem nem vinte e quatro horas que começamos a namorar e ela acha que eu tinha que entregar um relatório completo. Vou providenciar um. Assim que minha mãe voltar, vou pedir meu caderninho de vacina que é pra não correr o risco de... ai! — Dei mais um soco e me afastei aborrecida. João e Johnny riram alto. — Porra, o soco dela dói! — ouvi Patrício reclamar, mas eu já estava longe, subindo as escadas para o quarto.



Não havia muita coisa para guardar. O vestido voltaria na mesma embalagem, as sandálias na mesma caixa, as poucas roupas que levei e usei estavam dobradas no guarda-roupa e as que não usei nem me dei ao trabalho de tirar da mala. Recolhi tudo o que estava no banheiro, coloquei cada coisa em seu devido lugar, mas não encontrei o carregador do celular.

Era inacreditável que aquela porcaria se escondesse sempre que eu precisava dele. Tirei os travesseiros de cima da cama, olhei embaixo desta, mexi na mala sem encontrar. Com certeza eu não tinha misturado as minhas coisas com as de Charlotte.

Havia a chance de eu ter deixado em outro lugar? Bom... o quarto de Lana, já que passei muito tempo lá no dia anterior, só que não me lembrava de estar com ele pela casa. Voltei ao banheiro procurando quando ouvi a porta abrir e fechar logo em seguida. Olhei rapidamente para dentro do quarto não visualizando ninguém. Comecei a procurar no armário do banheiro quando ouvi outra vez um barulho no quarto.

Saí já desconfiada sem encontrar nada de anormal. Decidi olhar outra vez embaixo das camas. Abaixada entre as duas conferi primeiro a que Charlotte havia ocupado para em seguida conferir a minha, então ouvi um barulho estranho. Levantei assustada olhando em

direção à janela quando ouvi portas abrindo com força e, dei um grito assustador. Fui agarrada por trás e jogada sobre a cama.

Gritei e me debati ouvindo o seu riso rouco. Patrício ria e me segurava me deixando muito irritada. Bati em seus braços e peitoral, indignada, mas não consegui me desvencilhar e levantar.

— Com medo do lobo mau?

— Garoto, o lobo mau que tem medo de mim, tá bom? — Ele riu ainda mais. — Esqueceu que sei me defender? Esqueceu que eu poderia ter deslocado o seu maxilar, partido o seu pulso e atingido seu saco com uma força capaz de te fazer desmaiar?

— Uau! Minha gata selvagem! — Tentou me agarrar e beijar. Não permiti. — Só não é corajosa quando precisa enfrentar a sociedade.

— O quê?

— Você não sabe ser você mesma na frente dos outros, Miranda. Fica aqui cheia de marra, demonstrando ser essa mulher forte e independente, mas basta uma ordem do padrinho ou uma pressão da minha mãe para se vestir outra vez de menina boa e obediente.

— Cala a boca! — Ele riu me deixando levantar.

Patrício, ainda deitado na cama, estirou o corpo se acomodando melhor, colocou as mãos atrás da cabeça e ficou me observando.

— Você nem deveria estar aqui, pra início de conversa.

— Primeiro: meus pais não são os seus padrinhos. Segundo: ninguém na minha família sofre de distúrbio mental para imaginar que nós não transamos. — Ele precisou se defender do travesseiro que joguei, e recomeçou a rir.

— Eles sabem que não sou mais virgem, seu idiota!

— Porra! Então pra quê essa pressão toda? Eu sempre imaginei que o Peter gosta de torturar as pessoas. Ele foi do Exército, não foi? É isso. Ele gosta de torturar as pessoas. Se diverte com isso.

— Eu vou escolher algo mais pesado pra atirar em você.

— Calma, Morena! — ele disse com a voz mansa. — Deite um pouco aqui comigo.

— Tenho que terminar de arrumar as minhas coisas. — Ignorei seu pedido e comecei a tirar as roupas do guarda-roupa.

— Você não precisa ir. É só dizer que quer ficar e pronto.

— Eu vou, Patrício. — Suspirei e sentei ao seu lado na cama. — A madrinha não está bem, Charlotte acabou de casar e eu tenho que resolver alguns problemas.

— Quais? — Suas feições ficaram atentas, apesar do desagrado nítido pela minha recusa em ficar.

— Anita ameaçou Alex outra vez. Eu preciso impedi-la de agir contra Charlotte.

— E como vai fazer isso? Olha, eu não acho que vai ser um problema de verdade. Anita vai latir, mas não vai morder ninguém.

— Ela está tentando anular o trabalho da minha irmã. Esqueceu?

— Não, Morena. — Ele me segurou pelos braços e me forçou a deitar ao seu lado. — Como eu te disse, vai ser difícil isso virar um problema. Charlotte tem um currículo invejável, e Alex... ele sempre fez questão de ser um cara correto. Vai ser difícil alguém olhar para eles dois e acreditar nas loucuras de Anita.

Patrício tinha razão. O que não anulava a necessidade de eu estar pronta para a guerra. Eu tinha o vídeo, a única arma que precisávamos para colocar Anita no seu lugar. E não deixaria de usar.

Mas o que me fazia ter vontade de voltar logo para casa era a necessidade de olhar nos olhos dos meus padrinhos e me certificar de que eles estavam bem. Que todos os meus medos não passavam de fantasias, e que a única preocupação da madrinha seria querer saber se Charlotte estava gostando da vida de casada. Esse seria o meu paraíso.

— É melhor eu arrumar logo a mala. — Tentei levantar e ele não deixou. — Patrício, eu preciso...

— De um beijo — ele me interrompeu sem deixar brecha para contestações. E me beijou com doçura, me desarmando por completo.

Permiti que o beijo acontecesse, assim como a entrega, e que meu corpo relaxasse em seus braços. Era tão fácil estar com ele, trancados em nosso mundo, sem permitir que nada externo nos detivesse. Principalmente quando ele me conduzia com aqueles lábios deliciosos, e me invadia com sua língua calma, saborosa...

O beijo lento foi nos colocando no embalo correto, fazendo nossos corpos se encaixarem, as mãos buscando sem pressa, o desejo se apresentando cheio de possibilidades. Patrício me puxou para si, fazendo com que minha perna subisse até a sua cintura, tocando minhas coxas sem avançar muito.

Seria delicioso fazer amor ali, naquela cama de solteiro, com calma, sem se preocupar com o mundo lá fora. Se não fosse a batida na porta que se abriu, fazendo com que eu me assustasse e empurrasse meu namorado para longe.

Não sei o que foi mais constrangedor, ter Adriano colocando a cabeça para dentro do quarto, constrangido, ou ver Patrício caindo da cama como um boneco de pano. Por alguns segundos ninguém falou nada. Eu na cama, cobrindo as pernas e ajustando minhas roupas; Adriano ainda na porta sem coragem para entrar e Patrício no chão com a maior cara de paspalho.

— Porra, essas coisas precisam parar de acontecer! — vociferou Patrício nada constrangido.

Adriano mantinha os olhos longe de mim e eu tentava a todo custo puxar a saia para baixo.

— Hum! Eu só... eh... já estamos aguardando por você, Miranda. Na garagem.

— Eu posso te levar. — Patrício se adiantou levantando rápido demais. — É sério. Posso sair agora também e levar você pra casa. — Olhei rapidamente para Adriano sem coragem para aceitar aquela oferta. Patrício tinha razão, eu era uma farsa.

— Eu vou com os seus pais, Patrício. Já conversamos sobre isso.

Levantei recuperando as roupas não mais dobradas, atirando tudo dentro da mala e fechando sem qualquer cuidado. Coloquei o vestido e o sapato em cima para levá-los separados. Depois olhei para meu namorado sem coragem de dizer mais nada. Ele me encarava com um sorriso discreto que dizia o que eu já sabia: eu era uma farsa.

— Pode levar minha mala?

— Claro.

Ele pegou minha mala sem qualquer dificuldade e me acompanhou até a garagem sob o olhar envergonhado do pai. Dana passava algumas instruções para uma funcionária na escada do lado de fora da casa. Adriano parou para acompanhar a esposa e eu e Patrício seguimos sozinhos.

— Nunca imaginei que você fosse tão covarde — provocou. — E meu pai nem tem uma arma. — Dei risada.

— Não quero que seus pais pensem que não sou adequada para o filho deles.

E ele nem imaginava no quanto eu era inadequada. Mas Patrício riu alto, como se eu estivesse contando uma piada.

— Ninguém deixa de ser adequado por querer transar com o namorado, Miranda. Meu pai com certeza ficaria orgulhoso de saber que eu mantenho a minha namorada interessada.

— Que absurdo! — Tentei parecer indignada mesmo sabendo que não tinha qualquer moral para isso. — Vejo você hoje?

— Amanhã.

— Amanhã? — Patrício colocou minha mala no carro e se encostou com uma cara descarada.

— Vou comprar um colete à prova de bala para ter uma conversa com Peter.

— Uma... conversa? — Minha voz saiu mais aguda do que o normal. — Pra quê? — Patrício se aproximou com os olhos estreitos, me analisando.

— Não quero que Peter pense que não sou adequado para a filha dele — provocou e eu sorri como uma boba apaixonada. Então ele me envolveu em seus braços e me beijou. — Se vamos mesmo fazer isso, então que seja da forma certa.

— Um namoro curto com um casamento apressado? — Rapidamente senti suas mãos me abandonarem. — Porque de certa forma essa é a ideia que o padrinho tem.

— Vamos começar com o namoro. Bem longo de preferência — disse acuado.

— Claro, por que não? — eu disse com um sorriso de vitória nos lábios.



Já estávamos na estrada há um tempo. Adriano conversava banalidades do trabalho, do casamento, e quanto mais ele tentava embalar uma conversa eu me convencia de que ele estava procurando uma maneira de entrar em algum assunto comigo. Mas foi Dana quem o fez.

— Você e Patrício resolveram mesmo assumir esse namoro?

— É. Parece que agora estamos querendo fazer tudo certinho — admiti imaginando o quanto certo ela acreditaria que conseguiríamos ser.

— Isso é bom, Miranda. Nós ficamos felizes, não é mesmo, Adriano? — Seu marido olhou para ela rapidamente, meio que não querendo precisar participar da conversa, já que ela teve a coragem de iniciá-la.

— Obrigada.

— Patrício às vezes é imprevisível. Ele costuma se assustar quando algo não planejado acontece. Prefere brincar a levar as coisas a sério. Mas ele é um bom rapaz e está apaixonado. Ninguém tem dúvida disso. — Sorri e escondi o rosto ao fingir que observava a paisagem do lado de fora.

— Ele... — Adriano colaborou me deixando mais interessada. — Ele parece perdido às vezes, mas Patrício sabe o que está fazendo. Em alguns momentos ele vai precisar de tempo e espaço...

— Qualquer pessoa precisa de tempo e espaço vez ou outra, Adriano — Dana ralhou defendendo sua cria.

— Sim, sim. É só que às vezes ele precisa mais do que os outros.

— Você fala como se ele fosse...

— Não é nada disso, querida. Eu só estou tentando ajudar.

— Não está ajudando.

— Ok! Vou ficar calado então!

Dana respirou fundo e também se calou. Tive vontade de rir, ao mesmo tempo em que me compadecei por eles serem pais preocupados e atentos aos filhos.

— Ele realmente gosta de você, Miranda. Por isso queremos ter esta conversa — ela recomeçou.

— Tudo bem, Dana. João Pedro me falou algo sobre Patrício. Eu conversei com o padrinho e acho que tenho alguma ideia do que ocorre com ele.

— João falou? — Adriano se intrometeu outra vez, espantado com a intromissão do genro.

— Síndrome de Asperger, não é isso? — Houve aquele segundo constrangedor dentro do carro enquanto eles decidiam se falavam ou não sobre o assunto comigo.

— Não temos certeza. Nunca conseguimos um diagnóstico preciso. O quadro chega muito perto da síndrome, contudo, ele não se encaixa em pontos importantes.

— Ou seja, ele é uma incógnita — Adriano se intrometeu fazendo Dana se agitar no banco. — No entanto, ele é “tratado” como tal.

— Patrício não gosta que as pessoas saibam — Dana falou baixinho. — Ele fala que as pessoas rotulam e discriminam sem se dar ao trabalho de conhecer de fato o problema.

— Entendo. Bom, eu não conhecia esse... problema. Quando João falou eu investiguei, conversei com o padrinho, mas não quis dizer que era sobre o Patrício. Achei mesmo que não deveria passar adiante uma história que não é minha. Mas confesso que ainda estou intrigada. Não existe como eu encaixar o Patrício que eu conheço em um quadro de autismo.

— Porque acreditamos que ele está no nível mais leve da síndrome. Ele foi uma criança normal com comportamentos preocupantes — Adriano começou a explicar: — Como posso descrever para que você entenda? Funciona mais ou menos assim: Asperger está entre um autista e uma pessoa sem qualquer síndrome. Ele é o meio-termo, então você não percebe que a pessoa é um Asperger a não ser que conheça as suas características e muitas vezes, que é o que acontece, confunde com qualquer outro problema, como a falta de educação, ou irresponsabilidade dos pais. As pessoas com esta síndrome não conseguem entender certas convenções e geralmente não encontram o seu lugar no mundo, porque se sentem fora de qualquer grupo social.

— São sensíveis — Dana colaborou visivelmente emocionada.

— Mas são pessoas estranhas em relação aos sentimentos, Miranda. Isso ela precisa saber — cortou a esposa que tentava falar em seu lugar. — Patrício não é esse homem de insistir em um relacionamento. E eu digo de qualquer relacionamento, amizade, sexual, amor... ele não se sente preso a nada.

— Não significa que ele não te ame — Dana defendeu rapidamente o filho.

— Claro que não significa. Ele não é desprovido de sentimentos, apenas... apenas entende os relacionamentos de uma maneira diferente da gente.

— Isso porque ele nunca tinha amado uma garota, Adriano!

— Você sabe que não é bem assim, mas... — Adriano respirou fundo antes de continuar: — Ele vai sempre estar entre os dois extremos. Patrício evoluiu muito. Chegou a me fazer acreditar que estávamos no caminho errado, porque ele consegue, na maioria do tempo, controlar suas emoções.

— Ele transforma tudo em brincadeira — Dana o corrigiu.

— E a maioria das vezes prefere ser um irresponsável — Adriano se adiantou, me fazendo lembrar a maneira como entramos naquele relacionamento. Da necessidade de Patrício mostrar para os pais e irmão que ele era capaz e responsável.

— Ele não é um irresponsável! — Dana vociferou.

— Não é. Eu só quero que Miranda entenda um pouco mais sobre ele, Dana.

— Mas ela vai...

— Eu vou continuar amando o Patrício, Dana. Pode ficar despreocupada.

Pareceu precipitado falar, mas tive a ligeira impressão de que os dois relaxaram após a minha declaração.

— Eu consigo perceber tudo isso em Patrício. E consigo enxergar o homem que ele é. Não se preocupem, eu não estou assustada. Só preciso entender melhor e prometo que vou me aprofundar neste caso até ter pleno conhecimento de tudo o que cerca Patrício.

Dana afagou o braço do marido e voltou a olhar para frente. Depois de um tempo, Adriano recomeçou a falar:

— Demorou a descobrirmos o que estava acontecendo. Patrício não se encaixava em um padrão, não aceitava as regras e quando pressionávamos demais, ele surtava.

— Foi uma fase difícil. Não existia uma maneira de compreendermos. Pensamos em muitos diagnósticos, meu filho sofreu muito porque nós não compreendíamos o que ele sentia e toda a raiva que expressava. Foi doloroso — Dana falou emocionada.

— Até que eu quis investigar — retomou Adriano. — Conhecemos a Dra. Leila, uma psicóloga especializada em comportamento infantil. Iniciamos o tratamento e ela levantou a hipótese. Imediatamente concordei, Dana resistiu um pouco, o que é normal, mas no fim deu tudo certo. Preferimos tratar como se ele tivesse a síndrome, mesmo não existindo um diagnóstico preciso. Mesmo ele não se encaixando em muitos pontos. No fundo queremos que ele seja só um cara normal com problemas normais.

— Porque ele é, você entende, querida? — Dana virou em minha direção com olhos suplicantes.

— Entendo. Como eu disse, não faço ideia do que seja. Não estudei profundamente o caso, mas se ninguém tivesse me dito o que era, eu jamais desconfiaria. Passaria a vida acreditando que Patrício era um cara confuso e ainda assim, ele seria perfeito pra mim. Claro que ele é muito sem noção, fala sem pensar, faz um monte de besteira... mas eu me apaixonei por ele assim. Foi desta forma que Patrício me conquistou, e eu o acho tão... incrível!

Olhei para Dana me dando conta de que enquanto eu falava simplesmente me permiti viajar em pensamentos, sentindo aquele amor que me dominava. Ela me olhava com olhos úmidos, encantada.

— Não existe ninguém perfeito — eu disse. — Eu não serei perfeita pra ele. E existem problemas muito mais sombrios e cabulosos do que uma simples síndrome. — Ela sorriu satisfeita sem fazer ideia de que o que o filho era, não assustava tanto quanto se ela descobrisse o que eu era.

CAPÍTULO 25



*“Me liga toda hora. Vigia a minha porta. Cuida do meu coração.
Resolve os meus problemas. Me leva pro cinema. Depois até a lua.
Me traz uma estrela. Me faz a gentileza. Comete uma loucura”*

AMULETO – TIÊ

ADORMECI LENDO NA INTERNET TUDO O QUE PUDE ENCONTRAR SOBRE A SÍNDROME DE ASPERGER. Descobri muitas coisas que me deixaram aliviada e coisas que me preocuparam mais do que deveria, como a maneira como eles costumavam reagir em relação ao sexo, um ponto que até então não me preocupava, mas que, devido a alguns relatos passou a preocupar. Também em relação à facilidade de irem de um extremo ao outro, uma verdadeira “panela de pressão”, como se apelidavam.

No dia seguinte, sem ter os padrinhos em casa e me perguntando onde eles estavam, tomei o café, conferindo o celular a cada segundo aguardando uma mensagem dele, o que não aconteceu. Repassei mentalmente tudo o que eu tinha lido, os diversos depoimentos, pessoas com a mesma síndrome que diziam que eles não possuíam muito interesse em cercar as pessoas de atenção. Eu tentava entender, mas Patrício não se enquadrava muito nesta parte, apesar de que... é, às vezes ele se enquadrava sim.

Merda de picos comportamentais!

Levei mais tempo à mesa, beliscando qualquer coisa que encontrasse pela frente além do que deveria. Eu não sentia fome, mas, não sei explicar o porquê, colocar algo na boca parecia ser o mais sensato a fazer, então fiquei ali até Charlotte irromper na sala ganhando toda a minha atenção.

— A vaca da Anita fez uma denúncia formal contra Alex. Ele está lá agora, reunido com o reitor da faculdade. Acredita nisso?

Engoli a torrada, deixando-a arranhar a garganta enquanto absorvia tudo o que ela dizia. Minha irmã entrou na sala em disparada, andando de um lado para o outro, como se já não estivéssemos dois dias longe uma da outra. Como se ela ainda morasse ali e precisasse dividir comigo todas as suas aflições.

E por pior que fosse, tê-la ali me deu uma segurança comovente, mesmo com aquele problema horrível castigando-a.

Então, como se de repente ela implodisse, vi Charlotte colocar as mãos na cintura, respirar fundo, sentar no sofá educadamente e sorrir para mim. Pisquei confusa tentando me situar naquela loucura toda.

— E aí? Onde estão Peter e Mary? — Meus olhos estavam imensos. Não era possível que em dois dias de casada Charlotte tivesse enlouquecido de uma vez.

— Hum! No... hospital? — Ela revirou os olhos e sacou o celular se encostando mais relaxadamente no sofá.

— Claro! Onde mais? E aí? O que fez ontem?

— Nada demais. — Preferi não abordar o tema “Patrício”, já que fugiríamos do assunto principal: Anita e sua perseguição. — E então? — Ela olhou para a escada e levantou.

— Eu vim buscar umas roupas.

— Charlotte?

— Acho que posso levar aos poucos, não é? — Respirei fundo me controlando.

— Claro que pode.

Levantei para segui-la de perto. Ela nem parecia a maluca que tinha entrado em casa colocando fogo pelas ventas por causa de Anita.

— O que exatamente Anita está querendo? Vocês estão casados! Ela não pode mais te prejudicar, não é mesmo?

— Ela quer anular o meu projeto. Provar que Alex me favoreceu, essas coisas. — Deu de ombros e checkou mais uma vez o celular.

Merda! Eu fiquei tão envolvida com o problema de Patrício que esqueci completamente de agir contra Anita. E eu tinha tudo em mãos para resolver aquele problema, bastava apenas uma mensagem e tudo estaria resolvido. Mas Patrício ocupou todos os meus pensamentos e me desviou do objetivo.

Charlotte entrou no quarto indo direto para o *closet* de onde retirou duas malas e, sem parecer prestar atenção ao que pegava, começou a jogar roupas sobre a cama. Vi que no meio daquelas estava uma camisa rasgada horrorosa que ela adorava, mas que já estava tão justa que nem servia mais. Foi em uma viagem que fizemos à Disney quando ela completou dezesseis anos.

— Deixe eu te ajudar.

Comecei a dobrar as roupas, separando o que deveria e o que não deveria ir para a nova casa. Coloquei sobre a poltrona as peças que poderiam ser doadas. Charlotte entrava e saía do *closet*, mas sem pegar muitas roupas, até que desistiu e resolveu dobrá-las junto comigo, organizando dentro da mala. Assim que assumiu a tarefa eu comecei a andar pelo quarto, incomodada pelo silêncio e pela sua súbita calma.

— Puta que pariu, Charlotte! Como você pode estar tão calma? — esbravejei sem conseguir me manter quieta.

— O que eu posso fazer? Me desesperar não vai mudar nada.

— Eles não podem anular a sua formatura porque se casou com seu professor. Isso é um absurdo! Em que século estamos?

— No século onde tudo de anormal pode acontecer.

Johnny abriu a porta do quarto pegando-nos de surpresa. Vi que Charlotte quase gritou e que seu rosto ficou ainda mais pálido. Ela não queria que os padrinhos soubessem do

problema. Pra dizer a verdade, eu também não. Era melhor eu enviar logo a mensagem que salvaria a pele da minha irmã.

— Sem desespero, Charlotte. O padrinho ainda está no hospital e eu acabei de encontrar o seu querido e amado marido.

— Alex? Então ele... — Minha irmã voltou a parecer ansiosa.

— Foi para a fatídica reunião.

Com Charlotte dividindo a atenção entre nós dois e o celular, eu conseguiria fazer o que precisava sem que os dois percebessem que eu estava aprontando algo. Peguei o celular, entrei no site da faculdade e encontrei rapidamente o e-mail destinado à matéria da professora Anita. Que fácil!

Anexei o vídeo e digitei rapidamente a mensagem simples e eficiente com o título: “Professora da UERJ se envolve escandalosamente com aluno muito mais novo do que ela.”, e enviei me sentindo mais leve. Fui bem maldosa, eu sei. Tocár no assunto diferença de idade era de fato maldade. Mas ela precisava se sentir mal com a ideia para desistir de levar adiante o seu plano.

Aquela vaca teria o que merecia!

Quando voltei a prestar atenção em meus irmãos captei o olhar desconfiado de Johnny, que me analisava. Fiz a primeira coisa que veio à cabeça. Comecei a falar:

— Aquela cobra da Anita! Eu deveria tê-la afogado na piscina quando tive a oportunidade. Ou empurrado-a da escada quando a encontrei no quarto do Alex naquela noite...

Olhei rapidamente para Charlotte me dando conta de que eu estava falando demais. Tentei me cobrir e puxei o cobertor dela. Era melhor ajustar a bagunça.

— Alex deveria ter dado queixa dela, assim teríamos prova de que estamos tratando de frustração e não de uma excessiva e ultrapassada moralidade. Aquela malcomida.

Ouvi a risada nervosa do meu irmão, mas não me senti mal por ele. Eu já tinha agido. Agora era rezar para que a vaca recebesse logo a mensagem. Não dava para confiar em um cara apaixonado, mesmo que esse cara fosse o meu irmão. Anita sabia enrolá-lo e era capaz de fazer com que ele ficasse fora do jogo até alcançar o seu objetivo.

— Calma, Miranda! Vai dar tudo certo — Charlotte falou com a sua falsa paciência.

— Vai, sim. Eu... — Meu irmão falou passando confiança, contudo, um pouco ansioso também. — Preciso fazer uma ligação.

Então ele simplesmente saiu do quarto nos deixando para trás. Se eu não estivesse tão segura quanto à minha ação teria ficado louca com o que ele fez. Daria um jeito de cobrar uma posição dele, mas... Anita que não entrasse no meu caminho. Só que Charlotte ainda estava lá, mesmo demonstrando estar bem, eu sabia que ela estava nervosa, e ainda precisava sustentar a farsa de que não sabia de nada. Se tinha uma coisa que eu sabia fazer era representar.

— Nós deveríamos denunciá-la por perseguição a uma aluna. Aquela mulher só pode ser louca. Você vai se formar, Charlotte. Nem que eu tenha que matar um. — Ela sorriu

levantando da cama.

— É melhor terminarmos logo com isso aqui. Quero estar com tudo pronto quando Alex chegar. — Era tudo o que eu precisava. Algo para fazer ou conversar enquanto aguardava pela notícia.

— Tem certeza de que não quer levar tudo? Quer dizer... você tem que se adaptar ao fato de que agora a sua casa é lá.

— Tenho. Alex vai mandar reformar o *closet*, então ainda não tenho espaço para tudo. Vou levar apenas o que preciso de imediato.

Mordi os lábios me perdendo em tantos sentimentos. Era a ansiedade e a vontade doentia de ver a cara de Anita quando abrisse o vídeo, a vontade de livrar a minha irmã do problema e a tristeza de vê-la realmente partir daquela casa. Confusa, preferi buscar mais algumas peças no *closet*, pelo menos eu ganharia tempo para me recuperar daquele turbilhão de emoções.

— E o Patrício? — Charlotte gritou do quarto, mantendo a voz tranquila.

Olhei para os lados sem saber o que poderia dizer. Minha irmã não gostava do meu namorado, e eu... bom, eu colaborei com a sua antipatia. E agora, com tantas coisas novas acontecendo, o casamento, o problema do Patrício, que o inocentava de vários pontos, a acusação e Anita, os mistérios dos padrinhos... Eu não podia simplesmente dizer a Charlotte que estava enganada e que tinha resolvido assumir o namoro. Agora de verdade.

— O que tem ele?

Eu era idiota, mas acreditei que a melhor opção seria mentir. Uma mentira temporária, só para ganhar tempo e organizar uma justificativa que não exigisse de mim tanta explicação. Peguei algumas calças, escolhendo as que ficavam melhor nela, afinal de contas, a garota tinha acabado de casar e precisava se vestir melhor.

— Como vocês estão? — ela perguntou antes que eu voltasse para o quarto. Fiz a melhor cara possível e fingi me interessar pelas roupas.

— Não estamos. Eu não sei se seria legal voltarmos. Depois de tantas coisas, não tenho mais certeza do que quero. — E com isso realmente esperava que ela me dissesse que eu deveria seguir o meu coração e todas essas bobagens românticas.

— Eu acho que você o quer, apesar de achar meu cunhado um imbecil. Esteja segura antes de se decidir. Patrício parece não saber o que quer, e isso pode acabar te machucando.

Charlotte não fazia ideia de que Patrício não tinha qualquer controle sobre esse problema. Era mais uma das características da Síndrome de Asperger.

— Eu sei. Não vou fazer o jogo dele, Charlotte. Vou seguir em frente e deixar a vida me mostrar no que vai dar. — Era uma saída digna e mais parecida com a Miranda que Charlotte estava acostumada do que com a boba apaixonada que me tornei.

— Isso mesmo. — Ela fechou a mala colocando um fim na conversa. Fiquei aliviada. — Acho que já tenho tudo de que preciso.

— Tem certeza? — Peguei Doroteia, uma boneca horrível e velha que Charlotte insistia em guardar e provoqueei, levantando o objeto.

— Doroteia tem lugar garantido em minha nova casa.

Ela pegou a boneca da minha mão. Nem acreditei que ela levaria aquilo para uma casa onde precisaria ser adulta. Alex estava ferrando com todas as nossas tentativas de fazer Charlotte amadurecer. Fechei a outra mala me convencendo de que não era mais um problema meu.

— Me ajuda a colocar tudo no carro? Ainda quero passar no mercado para comprar algumas coisas. Quero fazer o almoço para Alex.

Sério? Eu, de fato, não nasci para o casamento.

— Ai, meu Deus! Teremos divórcio antes do tempo.



Entrei em casa me sentindo estranha. Charlotte fora embora e, apesar de ter feito de tudo para parecer normal, foi horrível. Eu odiava ficar naquela casa sozinha. Estranho não? Antes era o que eu mais amava fazer. Chegava a mentir para a minha irmã, ganhando o direito de ficar ali sem ninguém para me azucrinar.

O problema era que a solidão era temporária. Algumas horas apenas e logo ela estava de volta, ou o Johnny, ou até mesmo os padrinhos. Agora tudo parecia silencioso demais e frio.

Odete estava na cozinha, provavelmente se ocupando do almoço. Olhei os copos ainda sobre a mesa e recordei a conversa que tivemos. Mais mentiras. Eu nunca conseguiria me livrar delas. Eram as pequenas coisas, os detalhes que me empurravam para uma sucessão de mentiras que pareciam nunca acabar.

Mas o que eu queria? Charlotte não seria a mocinha virgem e inocente para o resto da vida, então era de imaginar que um dia ela seria apresentada a um vibrador. Porra! Alex era um cretino filho da puta, mas ele tinha estilo. Minha irmã não seria como aquelas mulheres que os maridos exigiam o básico na cama, tratando como damas, enquanto escolhiam as putas na rua. Não. Alex estava transformando Charlotte na mulher que ele queria e ela estava adorando, o que era mais importante de tudo.

Ainda assim, mesmo com minha irmã me contando as suas descobertas sexuais e brincadeiras com o marido eu não podia simplesmente abrir o jogo e dizer que vibradores faziam parte dos acessórios básicos no mundo em que eu vivia. Por isso quando ela me fez a pergunta “Você tem um?”, fui pega de surpresa e respondi rápido demais.

— Com certeza!

Porra! Eu podia me socar por isso. A sorte foi que Charlotte, corada como um camarão, não conseguia me olhar diretamente de tão envergonhada que estava. Imaginei uma saída, uma das fantasias que eu costumava inventar para apimentar os seus livros, me dando conta de que agora ela tinha as suas próprias fantasias.

— Eu não consigo me imaginar... você sabe... não sei. É estranho.

— Você se acostuma. — Engoli em seco vendo que apenas Patrício poderia me tirar dessa. — Considerando que foi um presente do Alex, não acredito que seja para usar sozinha.

— Não... quer dizer... ele disse que eu posso usar como quiser, mas que... porra, não posso falar sobre essas coisas com você.

— E com quem mais falaria? Charlotte, eu ainda sou a sua melhor amiga e não vai ser um professor babaca que vai mudar esse fato.

— Ele não é babaca. — Fingi indiferença me perguntando se ela estava mesmo começando a me deixar de lado.

— Um babaca gostoso que tem fantasias maravilhosas com a esposa. Ok! Ponto para o Alex. Não fique com todos esses preconceitos na cabeça. Homens são curiosos. Eles gostam de observar a mulher usando um... Ou usar nelas. — Ela relaxou sorrindo como uma criança e eu imaginei que estava livre do problema.

— Você já fez isso com algum carinha?

Ok! Charlotte não era tão fácil de enrolar. Muito pelo contrário. E assim eu me perdia em mais mentiras. Sem coragem de olhá-la, confirmei deixando que ela acreditasse.

— Patrício? — Ela continuou me deixando angustiada. Eu precisava fazê-la parar ou então começaria a pedir detalhes e eu me afundaria mais ainda. Suspirei triste.

— Foi o único que me fez desejar não ter limites.

Ah, Deus! Se minha irmã imaginasse o quanto o meu limite ia muito além do que um simples vibrador...

— Ele também te presenteou com um ou você... — Céus! Falando em limites...

— Caralho, Charlotte! — Ri negando a informação. Ela riu também.

— E com quem mais você falaria sobre isso, Miranda? Eu ainda sou a sua melhor amiga e não vai ser um cunhado babaca que vai mudar esse fato — distorceu as minhas palavras me fazendo rir alto.

— Não. Não vai mesmo. Mas a conversa sobre vibrador pode ficar para outro dia. Você tem um almoço para fazer e eu nem consigo imaginar como será isso. — Ela fez uma careta engraçada.

— Vou fazer vocês todos engolirem essa falta de confiança em mim como esposa. — Levantou o queixo me desfiando.

— Só estou me vendo aqui. Não tem mais ninguém — pirraei. Ela me empurrou com os ombros.

— Pensa que não sei o que vocês falam de mim pelas costas? Toda essa conspiração?

— Deixa de ser doida, garota! Você só está casada há dois dias. — Começamos a rir.

Depois de sustentar a mentira e me despedir, me vi naquela sala imensa sem encontrar nada que me desse vontade de fazer. Johnny não tinha voltado, nenhuma notícia, nem mesmo uma mensagem desaforada da professora vaca, nada.

Com a volta de Patrício para a minha vida tudo precisava mudar. Talvez fosse a hora de eu começar a procurar um emprego. Qualquer coisa que me ocupasse. Eu podia escolher um curso no Brasil mesmo, preencher a mente com alguma coisa que não fosse a solidão sufocante que começava a sentir.

Decidi ligar para Johnny. Àquela altura ele já devia saber de alguma coisa. Principalmente se saiu para resolver o problema de Charlotte. Já era para ele dar alguma notícia. Mas o idiota tinha deixado o celular na caixa postal, me preocupando mais do que deveria. Pelo tempo transcorrido já era, ou para ele saber o que ela tinha aprontado, ou aparecer se gabando de ter resolvido o problema de Charlotte.

Que saco!

Subi para o quarto, decidida a reorganizar minha vida. Pelo menos assim eu ocuparia o tempo. Peguei a agenda de planejamentos e todo o material que precisava para reajustar tudo. Talvez Charlotte quisesse fazer algum curso comigo. Talvez Patrício não se importasse se eu precisasse passar duas noites em outro Estado para cursar uma pós-graduação. Talvez o clube tivesse alguma coisa interessante naquela noite, ou... merda! Foco, Miranda! Nada de pensar no clube. Pelo menos não enquanto Patrício não soubesse de tudo.

Eu devia estar planejando uma maneira de contar a ele e não fazendo planos acadêmicos. Como eu poderia deixar que Patrício entrasse naquele relacionamento sem saber de verdade o que eu fazia? E definitivamente não dava para deixá-lo ter a conversa com o padrinho sem lhe dar a chance de desistir de tudo.

Joguei a agenda de lado sem conseguir organizar os pensamentos. Eu sentia falta dele, e ao mesmo tempo estava apavorada com sua provável permanência em minha vida. Virei para o lado emburrada sem querer pensar em mais nada até que a primeira mensagem dele chegou.

E aí?

E aí? Isso era jeito de iniciar uma conversa com a mulher que ele dizia querer namorar? Revirei os olhos.

Oi, Patrício.

Aguardei ansiosa pela resposta dele, mas esta não apareceu, mesmo com a mensagem visualizada. Céus! Eu odiava quem lia e não respondia as mensagens. Falta de consideração!

Tentei mais uma vez.

Tá fazendo o quê?

Lana me pediu para passar aqui na editora e resolver algumas coisas. Ela ainda está em Petrópolis.

Ainda? Que estranho.

Acho que eles estão em lua de mel outra vez.

Dei a minha alfinetada.

É uma boa forma de pedir perdão pelas merdas feitas.

Se for a sua vontade eu também posso lhe fazer uma oferta.

Tipo o quê?

Ele começou a digitar, a mensagem piscando na tela sem nunca ser enviada. Esperei já me sentindo aborrecida. Principalmente quando ele deixou de digitar e nada mais foi enviado. Joguei o telefone de lado desistindo de ter uma conversa mais animada com Patrício. Era melhor começar a desenvolver a prática da paciência, se eu queria de fato ficar com ele. Então voltei ao meu estado anterior, emburrada e sem nada de interessante para fazer.

Almocei sozinha.

Passei a tarde em casa, sozinha.

Jantei sozinha.

Quando os padrinhos chegaram não foi como eu imaginei que seria. A madrinha estava cansada demais para conversar, indo direto para um banho e depois cama e o padrinho se trancou no escritório sem me dar qualquer chance de questioná-lo sobre a saúde da esposa. Fiquei zanzando pela casa, respondi algumas mensagens até que me dei por vencida e resolvi dormir.

Acordei no outro dia com a movimentação da casa. Levantei assustada sem me dar conta de onde estava, meio que perdida no tempo, tentando lembrar como adormeci até que ouvi o barulho do lado de fora. Abri a porta com cuidado encontrando o padrinho colocando duas malas para fora do quarto enquanto Vítor as recebia para descer as escadas.

Vítor? O que ele fazia ali? Fechei a porta com cuidado, mas corri para conseguir encontrar o padrinho antes que ele conseguisse fugir de mim. Escovei os dentes tão rápido que precisei fazer uma anotação mental para escovar outra vez quando voltasse ao quarto. Tirei a camisola, joguei um vestido qualquer no corpo, calcei sandálias de dedo e saí em busca de respostas.

Abri a porta e desci correndo as escadas quase derrapando e colidindo com a madrinha quando cheguei à sala.

— Meu Deus! O que aconteceu? — Seu olhar curioso foi do meu rosto ao meu corpo com uma expressão divertida. — Vai a algum lugar? — Olhou para meus pés e pareceu querer dizer alguma coisa, mas desistiu.

Conferi meu corpo me dando conta de que estou com um vestido brilhoso com transparência e babado, típico de festa. Ridículo por sinal. Eu deveria tê-lo colocado na doação para o bazar. E as sandálias de borracha deixavam o conjunto bem esquisito.

— Peguei a primeira roupa que encontrei — confessei sem graça. — Não queria deixar de encontrar com vocês. Vão viajar outra vez? — Sua apreensão era visível quando me abraçou com carinho.

— Você sabe como é a agenda do seu padrinho. — Mas seus olhos ficam marejados enquanto continuava me encarando com atenção. — Já está se sentindo sozinha?

Engoli com dificuldade. Por um momento de puro descuido deixei o véu que sempre me cobria cair. Nos últimos dias era só o que eu fazia; me desfazia das máscaras, esquecia o papel e me revelava aos poucos. Era um erro! Eu não podia estar ali, encarando com olhos úmidos a minha madrinha visivelmente debilitada só porque não conseguia me sentir confortável com a ideia de que Charlotte não morava mais naquela casa.

Céus! O que estava acontecendo comigo?

— Acho que vou comprar um cachorro — foi o que consegui dizer para evitar outra crise de choro. Já bastava a fragilidade que demonstrei antes do casamento. A madrinha sorriu compreensiva.

— Cachorro é como filho. Exige as suas responsabilidades.

— Desisti — brinquei me afastando. — Vão demorar muito desta vez?

— Por que o interesse? — O padrinho entrou na sala fazendo uma cara desconfiada.

— Ah, só por saber mesmo.

— Miranda está se sentindo sozinha, Peter. Charlotte ainda está vivendo os dias iniciais do casamento e estamos todos em fase de adaptação. — Ele continuou me olhando com desconfiança.

— Voltamos para a formatura.

— Ah, sim! A formatura! Já pensou no que vai usar? — Claro que esse seria o interesse da madrinha. Sorri adorando ter um pouco da minha rotina de volta. — Não sei como será com Charlotte morando em outra casa agora. Aposto que Alex vai aceitar que ela não se fantasie de nada.

— Alex tem pulso — o padrinho pontuou, mas com um sorriso debochado nos lábios.

— Charlotte tem pulso — corrigi com a verdade. — E ela sim é quem não vai deixar que Alex estrague tudo não se fantasiando. — Peter riu colocando a mão na cintura da esposa.

— Precisamos ir. Veja se não faz nenhuma bobagem na nossa ausência. Nem preciso dizer que Vítor está de olho.

— Que horrível, Peter! Miranda já é uma mulher, não precisa mais dessa pressão!

— Isso, Miranda já é uma mulher! — pirraçei.

— E quando voltarmos, vamos ter uma conversa sobre Patrício.

— Que bobagem! Vamos, seu velho controlador. Miranda sempre soube se cuidar. Vamos logo ou pegaremos trânsito.

— Ah, eu detesto a linha amarela. O ideal era irmos de helicóptero, mas você não gosta. — A madrinha me deu um beijo no rosto enquanto o padrinho continuava resmungando. — Você sabe o quanto estamos expostos no Rio de Janeiro. A violência...

— Está no mundo todo, Peter. Vamos, vamos!

Eles saíram naquele clima e me vi sorrindo para a porta. Outra vez estava sozinha naquele apartamento.

Não senti fome, mas me obriguei a tomar um copo de suco e a engolir uma torrada integral. E quando estava subindo para me trocar e procurar o que fazer, ouvi a campainha.

Voltei para abrir a porta e me vi parada diante de um Patrício deslumbrante. Cabelo molhado, roupa muito bem passada, camisa sem uma prega fora do lugar, uma calça social que o deixava espetacular, cheiro de quem tinha acabado de tomar banho. Fiquei inebriada. Seus olhos ficaram nos meus enquanto ele permanecia sério.

— Como você consegue fazer isso?

— Isso o quê?

— Subir sem ser anunciado. — Um sorriso mínimo brincou em seus lábios.

— Vim conversar com Peter — anunciou com segurança, sem qualquer demonstração de saudade ou amor. Escancarei a porta e cruzei os braços.

— Bom dia pra você também, Patrício! Chegou tarde demais, eles já saíram.

Sem querer demonstrar o convite aberto, dei as costas e entrei na sala sem virar para ver se ele me seguia.

— Peter não está aqui?

— Não. — Sentei no sofá e cruzei as pernas lembrando naquele instante da roupa ridícula que estava vestindo. — Eles viajaram. — Abracei uma almofada tentando evitar demonstrar o constrangimento.

— E você está saindo ou chegando?

— O quê?

— Você! Está chegando em casa a esta hora? Onde esteve? — Fiquei olhando para Patrício não conseguindo decidir se ria ou me revoltava.

— Aqui!

— Aqui? — Levamos um tempo nos encarando. — Olha, Miranda, se vai querer fazer isso dar certo é melhor começar sendo honesta comigo. Alex está no meu pé, eu vim aqui encarar o Peter, conversei com os meus pais então não me obrigue a fazer papel de tolo.

— Bom, sinto muito, mas você já está fazendo.

— Estou?

— Está. Eu fiquei em casa esperando a mensagem que você nunca enviou.

— Mensagem?

— Sim. Uma mensagem sobre merecer certo perdão. — Ele ficou confuso e depois de um tempo desistiu de tentar entender.

— Você saiu ontem?

— Não! Que saco! — Enraivecida acabei levantando, me esquecendo do vestido. — Vai ficar controlando meus passos agora também, é? Não pense que só porque me pediu em namoro vai agir como se tivesse qualquer controle sobre...

Patrício me agarrou neste momento, me beijando com uma paixão ardente. Surpresa, assustada e escandalizada, algo muito pouco provável para alguém como eu, me vi correspondendo com submissão. Aceitando aquele beijo sem desejar conduzi-lo, porque a verdade era que eu estava louca de saudade dele. Desejei aquele beijo mais do que acreditei ser provável.

O amor enfraquece as pessoas, derruba suas armaduras, faz o combatente desejar a derrota, e sabe o que é mais incompreensível nisso tudo? É que mesmo assim, você não se sente fraco em perder porque há uma força nessa fraqueza que te faz sentir um vencedor imbatível. Confuso, não? Pois é.

Minhas mãos entraram em seus fios molhados fazendo com que ele não se afastasse tão cedo. Eu queria continuar beijando Patrício até que todos os medos se transformassem em certezas. Seus lábios cheios apertavam os meus com vontade, me saboreando, sua língua fez meu corpo estremecer me conduzindo para um caminho novo. Então ele desfez o beijo, mas não se afastou, seus olhos escrutinaram meu rosto, as mãos colocando meu cabelo para trás.

— Vou te levar pra cama, Morena.

Apesar da afirmação eu sabia que era um pedido. Patrício entendia as regras ainda tão fortes em mim e que lutavam contra a loucura da paixão tentando me manter lúcida sem saber que eu já estava entregue. Concordei sem nada dizer permitindo que ele me erguesse, enquanto minhas pernas entrelaçaram à sua cintura e o beijo recomeçou.

Delicioso como sempre foi, senti que ultrapassávamos a linha tênue entre a saudade e o desejo. Patrício avançou as mãos longas pelas minhas coxas até alcançar minha bunda, abusando da necessidade de me manter firme em seu corpo enquanto me conduzia ao quarto. Subimos as escadas em passos lentos e seguros. Como ele conseguiu, não consigo saber. Quando suas mãos estavam em mim, invadindo a calcinha e acariciando minha bunda enquanto sua língua brincava com a minha, eu só pensava em tudo o que faríamos na cama.

Senti as costas na madeira sólida da porta do quarto, mas ao invés de abri-la, ele preferiu me imprensar ali, me enlouquecendo mais um pouco. Ainda mantendo as coxas ao seu redor, senti quando roçou a ereção em mim, rebolando de maneira sensual ao mesmo passo em que suas mãos destruíam meu vestido em busca dos meus seios, rasgando a pele fina e transparente que tornava a peça ainda mais horrível.

Gemi deliciada com o toque urgente. Ele apertou o bico já duro, puxando-o para que uma dor fina e fraca me deixasse ainda mais excitada, logo em seguida abocanhou o seio, chupando-o tão gostoso que a umidade entre as minhas pernas aumentou.

O que acontecia comigo quando aquele menino ousado me tocava? Era um prazer que alcançava todos os poros, agitava minhas células e fazia com que todos os pontos do meu corpo criassem uma ligação que potencializava o desejo. Eu tinha vontade de gemer alto, de arranhar sua pele, de morder seus lábios e dizer as pornografia que desfilavam em minha mente.

— Gostosa! — ele gemeu quando mordiscou meu seio. — Porra, Miranda, você me deixa fodido de tesão.

Sorri debochada. Eu nem havia feito nada e ele se sentia assim. Tive vontade de rir e deixar a antiga Miranda transbordar de dentro de mim, porém a nova Miranda era uma boba apaixonada que ficava com um brilho nos olhos, encantada demais por deixar o namorado naquele estado.

— Então me fode! — provoquei me esfregando nele com lascívia.

Patrício permitiu que eu serpenteasse em seu corpo, roçando em seu pau duro ainda contido pela calça. Ele diminuiu a intensidade dos toques, ficando mais lento, enquanto me deixava rebolar para seduzi-lo. Mas suas mãos continuavam em mim, em meus seios expostos, na cintura, nas coxas nuas, em minha bunda, seus dedos se alongando para acariciar meu ânus.

Ele abriu a porta tão rápido que por um segundo pensei que desabaríamos no chão. Sua risada rouca me alcançou no mesmo instante que seus braços se fecharam em meu corpo me mantendo segura.

— Filho da...

Ele me jogou na cama sem se importar com a minha raiva, começou a desfazer os botões da camisa enquanto tirava os sapatos. Os olhos ardentes em mim, em meus seios e minhas pernas abertas.

— Tira a roupa — ordenou com a voz carregada de desejo.

— Não!

Sorriu me deixando quente. Porra! Eu estava tão molhada que começava a me arrepender de ter dito que não tiraria a roupa. Minha calcinha estava encharcada. Patrício tirou a camisa revelando o corpo magnífico. Cobicei sem qualquer culpa.

— Tire a calcinha. — Desta vez foi mais como uma súplica e me atçou de maneira selvagem.

Deitei na cama e levantei o corpo para tirar a peça deixando que Patrício tivesse uma bela visão do que o esperava. Só que eu queria mais. Queria provocá-lo. Enlouquecê-lo. Por isso joguei a calcinha para o lado, abri as pernas com os joelhos flexionados, levantei o vestido e comecei a me tocar ciente dos seus olhos atentos.

Foi carnal. Muito rápido desfiz a prepotência do menino. Deixei que meus dedos brincassem em minha vagina, esfreguei com movimentos lentos o clitóris enquanto apertava um seio e gemia alto demais. Fechei as pernas apertando meus dedos entre elas, fingindo não

me importar que ao tirar a calça com mais rapidez, junto acabou se desfazendo também da cueca.

Quando Patrício subiu na cama, se mantendo ajoelhado à frente das minhas pernas, com as mãos tentando abri-las, agi rápido.

— Não!

— Não fode, Morena! Aliás, fode! Mas de verdade. — Sorri manhosa enfiando ainda mais os dedos em mim. — Porra, Miranda, abra essas pernas. — Sua mão manipulava o pau com cuidado, não querendo estragar a brincadeira.

— Não! — Sorri travessa e ele respirou fundo teatralmente.

Então, muito rápido, enfiou as mãos embaixo dos meus quadris e me virou no colchão me deixando de costas para ele. Antes que eu conseguisse reagir, as mãos já puxavam meu corpo deixando-o de quatro. Gritei deliciada e acabei rindo. Era muito abusado aquele menino. Mas a cereja do bolo foi quando um tapa delicioso acertou a minha bunda, antes que ele se enfiasse com tudo dentro de mim.

Gemi alto saboreando cada centímetro alcançado. Era delicioso ter Patrício depois de tanto tempo só pensando em todas as bobagens que uma casa vazia poderia levar à minha mente. Ele se enfiou por completo e parou, sentindo a carne, gostando, aproveitando a sensação.

Patrício se inclinou sobre minhas costas com beijos carinhosos enquanto uma mão segurava em meu quadril e a outra em meu ombro, me preparando para as estocadas. Quando seus dentes se fecharam em meu pescoço ele começou a se movimentar. A princípio só uma retirada lenta e uma entrada mais lenta ainda. Seu corpo testava o meu e se certificava de que eu estava pronta. E como estava.

— Saudade da sua marra, Morena! — rosnou em meu ouvido enquanto entrava um pouco mais brusco. Adorei.

— Saudade da sua prepotência, garoto! — Sua risada gostosa me atitou com força.

Correspondi às investidas me chocando contra ele, aceitando todo o seu pau em mim. Estava gostoso demais. A mão no meu quadril de tempos em tempos acariciava minha bunda, me estimulando, tocando de leve meu ânus, descendo pelas minhas coxas, indo até o meio das minhas pernas sem me tocar.

Ah, meu Deus!

Nossos gemidos se misturavam, estava quente o quarto e nossos corpos suados se chocavam gerando um barulho delicioso.

— Ah, minha morena gostosa! Venha, se masturbe pra mim enquanto eu te como.

Não pensei duas vezes. Minha vagina já latejava de desejo, completamente sensível às estocadas. O orgasmo era certo, contudo, seria mais intenso se eu me masturbasse como comecei a fazer para provocá-lo. Além do mais, foi um pedido tão gostoso de ouvir que não deixou qualquer dúvida em meu corpo. Meus dedos começaram esfregar meu clitóris e

algumas vezes deslizavam até minha entrada, acariciando seu pau enquanto ele entrava e saía de mim.

As estocadas ficaram mais intensas, fortes, rápidas, e suas mãos tentavam me manter firme. A que estava em meu ombro desceu até meu seio, apertando-o e me segurando no lugar enquanto continuava investindo fundo. Até que não suportei mais, sentindo meu corpo vibrar de prazer.

O orgasmo parecia se aproveitar de mim, beijando minhas coxas como se fosse um segundo parceiro e explodindo entre as pernas no exato momento em que Patrício voltou a acariciar meu ânus. Pouco tempo depois ele gozou dentro de mim, me deixando suada e exausta.

Caímos na cama, abraçados. Ele distribuiu beijos em minhas costas, brincou com minha pele tocando-a com tanto cuidado que me fazia estremecer. Depois me virou de frente e recomeçou o beijo. Desta vez mais calmo, tranquilo, apaixonado.

— Eu amo você, minha morena indomável.

Não pensei em retribuir a declaração. Eu não precisava de palavras. Amava Patrício e ponto final. O que não significava que necessitava alarmar o mundo com declarações apaixonadas. Por isso fechei os olhos e o abracei com braços e pernas. Ele riu.

— Eu sei. Eu sei — brincou em meu ouvido.

— Meu estômago está embrulhado, meu coração acelerado e minhas mãos suadas. — Pronto, era a forma perfeita de declarar o meu amor. Ele riu alto.

— Eu também, gata!

— Sem camisinha outra vez — resmunguei.

— Eu nem imaginava que conseguiria te comer, Morena. Vim para conversar com Peter.

— É sério mesmo? — Ele me olhou sem entender a pergunta. Como se estar ali para pedir minha mão em namoro outra vez, contudo, pra valer, fosse algo normal. — Tá! Tudo bem! — Fingi não me importar quando na verdade meu coração estava aos pulos. Era mesmo pra valer!

— Não posso demorar. Tenho uma reunião importante com Alex.

— Alguém me explica por que seu irmão não pode ficar em casa durante a lua de mel, comendo a minha irmã? Que cara chato! Eles acabaram de casar.

— É o que eu sempre digo: não existe sexo após o casamento.

Existia sim. Pelo menos para Charlotte estava existindo. Mas eu não podia contar que Alex comprou um vibrador para a minha irmã, então só acompanhei a sua risada.

— Eu sei que você quer muito fazer isso então vou facilitar as coisas: serei seu acompanhante na formatura.

— O quê? — Comecei a rir daquela bobagem.

— É a sua formatura. Eu sou o seu namorado. Charlotte convidou toda a minha família, então: eu serei o seu acompanhante.

— Você sabe que isso de acompanhante não existe mais, não é mesmo? Você vai como convidado da minha irmãzinha.

— Então isso significa que eu posso ir fantasiado como quiser? Já que não serei o seu acompanhante não preciso combinar minha fantasia com a sua.

— Patrício, eu tive a ideia para a nossa fantasia! — gritei animada.

— Nossa fantasia? Eu sou só um convidado da sua irmã. — Seus olhos ficaram estreitos, mas aquele sorriso escroto se apresentou.

— Tá bom! Vamos de casal, mas nada de trazer flor para colocar na minha roupa. Isso é cafona e ridículo.

— Sem contar que não é uma formatura do segundo grau e que isso não acontece aqui no Brasil desde... sei lá, anos 70?

— Mais ou menos isso. Quando podemos sair para experimentar a fantasia? — Ele sorriu com malícia, deixou os olhos correrem pelo meu corpo e umedeceu os lábios.

— De que tipo de fantasia estamos falando?

— Se você topa a que estou pensando, depois da formatura eu posso realizar qualquer uma que você esteja imaginando.

Bom, eu vi aquele brilho no olhar do meu namorado que me lembrava muito os que eu via no clube, e não posso negar que me senti excitada com a possibilidade.

— É uma promessa?

— Claro!

— Fechado!

— Ótimo! Porque você vai de Roger Rabbit!

— Quem? — Revirei os olhos sem paciência.

— O coelho, Patrício. Sabe? Aquele filme que tinha atores de verdade contracenando com desenhos e tem aquela mulher linda e sedutora que é casada com o coelho. *Uma Cilada Para Roger Rabbit*.

— O coelho corno? Nem pensar! — Ele levantou da cama indo para o banheiro.

— Nós temos um acordo! — Levantei também, mas me atrapalhei com o vestido rasgado e quando dei por mim ele já estava me ajudando a tirar a peça.

— Não.

— Vai ser perfeito!

— Não.

— Mas...

— Serei o detetive.

— Mas eles não são um casal! — resmunguei chorosa tentando convencê-lo.

Patrício vestiu a cueca, depois colocou a calça enquanto eu o observava.

— Não vou para a sua formatura vestido de coelho, Miranda. Desista. Mas posso ir de detetive. Ela não vivia tentando seduzir o cara? Então? Pode ser a nossa brincadeira da noite.
— Piscou travesso vestindo a camisa. — Preciso ir, gata! Podemos experimentar a fantasia no final da tarde, o que acha?

— Pensei que você ficaria mais um pouco. — A ideia de voltar a ficar sozinha em casa já me deixava desanimada. Patrício se aproximou me beijando com carinho.

— A reunião, esqueceu?

— Alex é insuportável! — Ele riu, se afastando para ajustar a camisa por dentro da calça.

— Vejo você no final do dia. Vamos, venha me levar até a porta como uma boa namorada.

— Preciso colocar uma roupa.

Desanimada, acompanhei Patrício até a porta, porém minha apatia se desfez quando ele me segurou com firmeza e me beijou com paixão, demonstrando também sofrer pelo afastamento. Ah, céus! Era tão ridículo estar apaixonada!

— Até mais tarde! — sussurrou ainda em meus lábios e se afastou para que eu abrisse a porta.

Então demos de cara com Charlotte e eu pensei em me enterrar no chão.

CAPÍTULO 26



“Mas nunca me disseram o que devo fazer quando a saudade acorda a beleza que faz sofrer. Nunca me disseram como devo proceder. Chorar, beijar, te abraçar.”

QUANDO EU TE ENCONTRAR – BIQUÍNI CAVADÃO

SER FRACA NUNCA FOI O MEU FORTE. MUITO MENOS MEDROSA. EU RECONHECIA E RESPEITAVA O erro, contudo, encarava de frente, com determinação e segurança. Mas a merda toda era que não consegui contar a Charlotte tudo o que aconteceu no casamento e não me sentia segura ainda para confessar o meu amor. Agora, com a sua presença, o flagrante exposto, não havia como fugir da realidade.

— Charlotte?

Patrício disse, ainda sem acreditar que ela estava mesmo ali, nos encarando como se não acreditasse na minha audácia. Porra! Eu não deveria, mas fiquei sem graça pra cacete.

— Hum! — Seus olhos iam de mim para Patrício e voltavam para mim, tentando saber como deveria agir, mas deixando bem claro que não estava gostando daquilo.

— Patrício está de saída... — Com a mão nas costas do meu namorado, o forcei a se mexer e ir embora. Não houve qualquer resistência da parte dele.

Aquilo era tão ridículo! Por que tínhamos que sentir medo dela? Charlotte era uma menina, pequena e magra quando comparada a nós dois e ainda assim, nos intimidava daquela forma tão constrangedora.

— Sim. Eu estou... — Limpou a garganta demonstrando nervosismo. — Como estão as coisas? E Alex? — Minha irmã o olhou com desdém, o que me irritou.

— Miranda, eu vim apenas buscar mais algumas coisas e...

— Pelo amor de Deus, Charlotte! A casa ainda é sua. A madrinha e o padrinho...

— Vão passar o dia em Belo Horizonte. Eu estou sabendo. Eles me ligaram ontem à noite.

Ah, claro! Tiveram o cuidado de avisar a filha querida, mas nem se despediriam de mim se eu não tivesse acordado a tempo.

— E Johnny? — ela perguntou encarando meu namorado como se ele não pudesse estar ali para discutirmos aquele assunto.

— Eu tenho mesmo que ir. Marquei uma reunião...

— Com Alex. Sei. Aliás, se eu não me engano, ele já deve estar na editora há mais ou menos... Uma hora e meia. — Sua expressão afiada acusava Patrício por estar ali comigo. Que merda ela estava fazendo?

— Droga! — Patrício resmungou saindo da frente. Charlotte recuou evitando o contato. Ela precisava parar com aquilo. — Vejo você depois. Tchau, Charlotte.

— Tchau. — Entrou batendo a porta na cara do meu namorado sem se importar com nada. Levei longos segundos respirando profundamente para não despejar nela as minhas

frustrações.

Ah, merda! Sem despedidas. Charlotte tinha conseguido. Ela estava se tornando o insuportável do Alex. Que saco!

— E Johnny? — continuou como não tivesse feito nada de errado.

— Não faço a mínima ideia. Você sabia que Patrício é irmão do seu marido?

— Que azar, não?

Seria mais difícil do que eu imaginava. E o pior de tudo é que era tudo culpa minha. Eu inventei aquele relacionamento, quer dizer... ele inventou, mas eu topei e ainda entupi a cabeça da minha irmã com histórias apaixonadas e mentiras que só fizeram ela acreditar que Patrício era o culpado do nosso fim desastroso, quando a verdade foi que eu estraguei tudo.

— Olha, Miranda, Patrício é um problema seu. Eu não sei nem por que ainda fico aborrecida com toda esta merda se, no final das contas, você já cedeu.

— Alex também era um problema seu e nem por isso deixei de te apoiar.

— Não se trata de apoio. Você nem precisa da minha aprovação! Eu só acho que este babaca... O Patrício não sabe muito bem o que quer. Quando ele tinha você completamente entregue à relação, recuou e, agora que não tem mais, quer avançar. Pelo amor de Deus!

Certo! Era exatamente como eu imaginava. Patrício não me magoou. Quer dizer... não me sacaneou. Pelo contrário. Eu fiz tanta burrada que acabei deixando que ele fugisse, e pior, me convenci de que era assim que deveria ser. Era uma merda atrás da outra. Não era justo que Charlotte odiasse o cunhado porque fui uma mentirosa sem escrúpulos que transava com outras pessoas enquanto brincava de namorar com o irmão do seu marido.

Eu precisava mudar aquela história. E como Patrício disse: se era para ser de verdade, então eu precisava acabar com aquela farsa.

— Eu o amo, Charlotte! Patrício é uma criança crescida, é um idiota, prefere fugir a encarar seus medos, mas o que posso fazer? — Principalmente porque eu fui uma idiota medrosa que preferiu fugir a encarar o que sentia. Sentei no sofá, decidida a mudar aquela história. — Eu o amo! Não sei como fugir desse sentimento. Ele ficou com medo de toda pressão do padrinho, achou que Alex foi forçado a se casar e que aconteceria o mesmo com a gente. Foi isso. Patrício não quer se amarrar agora, nem eu, então está tudo certo.

E Deus permitisse que fosse assim mesmo. Eu nem conseguia imaginar como ele reagiria caso o padrinho comesse a exigir isso de nós como fez com Charlotte. Não! Casamento não era algo para nós dois. Poderíamos facilmente passar a vida daquela forma, ou um pouco mais profundo, com algumas aventuras, mas casamento não. Nunca!

— E como vocês ficam se nenhum dos dois quer compromisso? O que vai ser? Ficantes eternos? Amantes?

Evitei sorrir, porque uma cena magnífica se formava em minha mente. E ela era perfeita!

— Namorados. Apenas namorados. Sem pressão para noivado, casamento ou qualquer outra coisa que torne tudo mais sério do que deve ser.

— Tudo bem. Não vou mais implicar com ele. — Charlotte inclinou a cabeça para o lado um pouco pensativa. — Vou tentar não implicar.

Santo Deus do céu! Um pouco de maturidade finalmente brotava naquela alma perdida. Tal acontecimento merecia uma missa. Senti vontade de gargalhar, mas me mantive séria, no clima correto para nossos argumentos.

— Acho bom. O nosso baile de formatura está aí. Vai ser superchato a família toda reunida e você neste clima ruim com o seu cunhado.

— Primeiro lugar: eu pouco me importo com o que os outros acham. Segundo lugar: tenho certeza de que qualquer pessoa concordaria comigo se eu contasse o motivo do meu climão com o irmão do meu marido.

Bom... ela não pensaria assim se soubesse que o irmão do marido precisou invadir um apartamento para me tirar das mãos de um pervertido desgraçado que queria me forçar a transar. E tudo isso porque fui louca o suficiente para aceitar me encontrar com um estranho e a sua esposa tão louca quanto ele.

— Nossa, Charlotte, você sabe mesmo ser chata!

— Sei, sim.

Ela sorriu, o que me fez acreditar que deixaria o assunto “Patrício” para outro momento. Ótimo! Eu não queria continuar inventando justificativas para as mentiras que precisei inventar e que queimaram o filme do meu namorado.

— Olha, estou tentando falar com o Johnny desde ontem e não consigo. Aconteceu uma coisa muito estranha e eu preciso contar a vocês dois.

Hum! Merda! Eu tinha me esquecido do Johnny. E se ele não tinha ligado para me xingar ou para me questionar, só havia uma explicação: meu irmão estava de fato aborrecido comigo ao ponto de nem querer me ouvir. Era isso ou Anita o matou e o seu corpo estava largado na sala do seu apartamento.

E, para variar, Charlotte não podia saber o motivo para nosso irmão estar tão aborrecido, ou seja, eu teria que continuar mentindo.

— A última vez que o vi foi ontem quando conversávamos sobre o problema da neurótica da Anita. Ele simplesmente saiu correndo depois disso e não me atendeu mais. Tentei ligar várias vezes ontem, o padrinho também, mas Johnny está incomunicável. E sabe como é estranho ele não atender nem as ligações do padrinho. O que você tem para contar?

— Como assim ele não atende? Para onde foi que nem se despediu? Sem ao menos avisar o que estava pretendendo? Isso é muito estranho!

Sim, e seria até que ele finalmente aparecesse e jogasse a merda toda no ventilador. Ah, Jesus amado! O que minha família diria quando soubesse que pedi a meu irmão para transar com a professora, filmar tudo e usar como arma contra ela? E o que diriam quando soubessem que eu mesma fiz o serviço filmando eles dois e fazendo chantagem? Minhas mãos tremeram e tive que escondê-las para que Charlotte não notasse a minha apreensão.

Enquanto minha irmã ligava, procurei pelo celular me dando conta de que o havia deixado no quarto, esquecido em um canto enquanto me divertia com Patrício. Merda! Era melhor que eu o encontrasse antes de qualquer outra pessoa e a única maneira de conseguir isso seria desviando a atenção de Charlotte.

— Ele nunca sumiu por tanto tempo.

— Com certeza está atrás de algum rabo de saia. Até parece que não conhece Johnny. Vai me contar ou não? Preciso da sua ajuda com a fantasia.

— Vou contar. — Começou a subir os degraus atrás de mim sem muita animação. — Anita retirou a queixa.

Bom, não era uma novidade, afinal de contas ela tinha recebido o vídeo, mesmo assim precisei fingir estar espantada com a notícia.

— O quê? Então a vaca ficou com medo do que Alex poderia fazer com aquela safadeza toda da despedida de solteiro? Ele a ameaçou? O que ele fez? Como foi?

— Não foi nada disso. Ela estava disposta a ir até o final. Não se sentiu intimidada em nenhum momento. Disse que queria o conselho envolvido. O que Alex me contou foi que ela recebeu uma ligação e ficou nervosa, precisando sair rapidamente, depois o reitor Carvalho telefonou avisando que a maluca tinha desistido de levar sua acusação adiante.

— Que estranho, não? — A vontade de sorrir quase me venceu.

Como eu queria poder dizer ao mundo que a vaca da Anita transava com o Johnny, e por isso desistiu de ferrar com a vida da minha irmã. Porém eu precisava continuar no meu papel, seguir o roteiro e manter Charlotte longe de toda aquela merda. Subi as escadas voltando a seguir com o planejado: as fantasias. Além do mais, conhecendo muito bem a minha irmã, eu sabia que ela não reagiria muito bem à situação.

— Mais estranho ainda foi Alex ter encontrado Johnny pouco antes e ele ter dito que daria um jeito naquela confusão — ela falou me pegando de surpresa. Então Johnny ia mesmo agir? Porra! Então era ainda pior a minha situação com ele.

— Ele disse isso? — disfarcei o incômodo. — Como alguém como Johnny poderia resolver um problema como o seu? — desdenhei forçando o riso. Merda!

— Pois é, mas você tem que concordar comigo que foi estranho Johnny sair daqui daquela forma e simplesmente desaparecer, para, logo em seguida, Anita retirar a queixa.

Entrei no quarto procurando pelo celular. Era imprescindível que eu conseguisse encontrar Johnny antes de Charlotte. Precisava descobrir o que ele tinha feito, o que já sabia e como estava reagindo. Puta que pariu! E se ele estava mesmo disposto a resolver? E se eu tomei a frente atrapalhando todo o seu jogo?

— Pense bem, Charlotte. Que tipo de ligação pode ter a professora Anita com Johnny? Nenhuma. Aliás, eu nunca nem poderia imaginá-la em outro ambiente com ele que não fosse a sala de aula.

Comecei a falar em disparada, buscando argumentos que impedissem que Charlotte chegasse à conclusão que jamais deveria chegar. Ela nunca poderia descobrir o que fizemos. Nunca!

— O tempo que passamos juntos no rancho não foi pela necessidade dela de estar ao lado dos seus alunos para melhor conhecê-los. Você sabe o quanto aquela mulherzinha é pernóstica, e o real interesse da permanência dela no rancho foi pura e simplesmente para esperar uma oportunidade para agarrar Alex.

Pronto. Esse era o melhor argumento para impedi-la de ligar um ponto ao outro. Cegar Charlotte de ciúme não era o mais justo, nem o mais correto, principalmente depois daquela cena na despedida de solteira, no entanto enquanto Johnny não aparecesse e me dissesse o que estava acontecendo era melhor agir assim.

— Tudo bem. Não há como ligá-los. Só acho estranho demais a Anita ter desistido quando estava tão decidida a me arruinar. — Ela mordeu o lábio inferior, pensou mais um pouco e acabou desistindo. — Você tem razão, Johnny deve estar ocupado demais com alguma nova conquista e eu aqui quebrando a cabeça com essa história toda.

— Charlotte, o que importa é que acabou! Você vai se formar com honras, está casada com o homem que ama e Anita está, definitivamente, fora do seu caminho.

E era bom que estivesse mesmo. Eu não hesitaria em vazar aquele vídeo, se isso fosse garantir a paz da minha irmã. Aproveitando a deixa, e ansiosa para mudarmos de assunto, entrei no *closet* escolhendo dois vestidos que eu não usaria e voltei para o quarto chamando a atenção dela. Foi a tática perfeita.



Assim que Charlotte saiu iniciei uma busca frenética pelas melhores lojas de fantasia onde encontraria tudo o que precisava. Não seria tão fácil, mas sabia que acharia algo. Fiz uma lista e passei uma bela parte da manhã ligando para as lojas. Enfim consegui três.

Todas tinham a que escolhi para Charlotte, uma possuía a capa amarela e o chapéu, mas era de outro personagem e precisaríamos adaptar. Duas tinham a minha fantasia, contudo, uma não era exatamente a da minha personagem e sim um vestido condizente e uma peruca vermelha que eu dispensaria. O jeito era ir a duas, mas não naquela tarde, como havíamos combinado. O que não aconteceu.

Encontrei o local perfeito. Pronto pra fantasiar?

Escrevi para ele me sentindo animada principalmente pelo sentido dubio que utilizei que poderia estimulá-lo.

Desculpe, gata! Não poderei ir. Muito trabalho por aqui e Alex foi embora deixando o trabalho dele para Lana e consequentemente, o dela para mim.

Suspirei. Não era nada legal quando todos tinham o que fazer e eu só tinha uma pesquisa boba sobre lojas de fantasias.

Tudo bem.

Não fique aborrecida, Morena. Essa transição é um pouco complicada mesmo. O que está fazendo?

Olhei para mim, sentada em minha bancada, encarando um computador e algumas anotações, vestindo um short curto e uma camiseta, comendo um mix de folhas com tiras de frango grelhado que Odete teve a decência de deixar na geladeira. Eu era o sinônimo do fracasso.

Menti descaradamente.

Pesquisando pós-graduações.

Ainda com a ideia de sair do país?

Quem sabe?

Quase roí as unhas esperando a resposta. Patrício não escreveu, me deixando no vácuo mais uma vez.

Será que ele ficou aborrecido? Será que fui muito infantil com aquela conversa? Namorar era uma droga! Os joguinhos não tinham mais o mesmo efeito quando eu era a boba apaixonada e me questionava o tempo todo sobre tudo.

Passo aí para o jantar.

Foi só o que ele disse. Que droga!

Justo quando Odete não estava em casa para cozinhar. Eu não me atreveria. O jeito seria pedir alguma coisa em um restaurante bom.

Voltei às pesquisas imaginando que tipo de comida poderia pedir. Japonesa? Italiana? Será que seria melhor comer salada e mostrar a ele que eu era focada no regime? Que inferno!

Que tipo de comida eu devo pedir?

Ele demorou mais ainda para responder essa. Pensei que conseguiria comer o lápis de tanto que o mordi.

Não se preocupe com isso. Eu levo o jantar.

Cruzei os braços, levemente aborrecida. Então eu me martirizava tentando encontrar algo que o fizesse se sentir feliz e ele encerrava o assunto dizendo que levaria o jantar sem se dar ao trabalho de perguntar a minha preferência? Que fosse então! Mas eu também não faria questão de esconder o desagrado caso ele levasse alguma coisa que eu não gostava. Como salada com vagem, por exemplo.

Insatisfeita por ficar dentro de casa sem nada para fazer, fui para uma aula de pilates e depois dei uma corrida leve no calçadão. De lá estiquei até a casa do Johnny, me perguntando se deveria aparecer sem avisar. Só que ele não atendia às ligações, não retornava e não dizia nada a respeito do nosso problema com Anita. E eu tinha a desculpa de que ele poderia ter sido assassinado, não é mesmo? Nada poderia me impedir de aparecer.

Eu tinha consciência de que o traí gravando aquele vídeo. E pior, enviando-o para a nossa professora. Mas o que ele queria que eu fizesse? Que deixasse a megera destruir a vida de Charlotte? Poxa, ela é nossa irmã! Ele deveria pensar nisso antes de preferir nos ignorar.

Entrei com facilidade, já que o porteiro me conhecia, bati na porta sem qualquer cerimônia e quando ele atendeu, enrolado em um lençol, não parecia nada disposto a conversar.

— Não é uma boa hora, Miranda!

— O que você faz na cama a esta hora? — Tentei forçar a passagem e fui impedida.

— Eu disse que não é uma boa hora.

— O que você... espere um pouco. Você estava transando? A esta hora? Com quem?

— Você não está me perguntando isso! Conversamos em outro momento. Tchau! — Segurei a porta para que ele não conseguisse fechá-la.

— Não está com ela, ou está? — Seus olhos fixaram nos meus e seu corpo ficou tenso.

— Não. Não estou com ela. Satisfeita? O que acha que aconteceria? Que você gravaria aquele vídeo escroto, mandaria pra ela com suas ameaças e ainda assim Anita cairia em meus braços apaixonada? Não. Ela não quer olhar na minha cara. Espero que esteja muito feliz agora.

— Ela ia destruir a vida de Charlotte! — Ele recuou sabendo que Anita seria de fato capaz. Mas nem assim pareceu me perdoar. — Foi melhor assim. Eu gravei e mandei. Se tivessem sido os seus vídeos ela estaria com mais raiva ainda de você.

— Ajudou muito. Agora, se me der licença...

— Johnny! Não pode ficar brigado comigo por causa disso!

— Posso e vou. Tínhamos um acordo. Eu fiz tudo o que me pediu, custava confiar em mim?

— Não custava, mas eu precisava agir.

— E eu estava agindo, mas você estragou tudo.

— Não é justo! Eu...

— Johnny? — Uma garota surgiu na sala envolta por outro cobertor. Reconheci a garota. Uma enfermeira loirinha que costumava seguir o grupo que fazia as visitas no hospital. Puta que pariu! Johnny não liberava ninguém.

— Eu tenho que ir. Com licença!

Ele bateu a porta na minha cara. Dá para acreditar? Porque eu ainda fiquei mais do que um minuto encarando a porta e decidindo se terminava de tornar a vida dele um inferno ou não. Decidi ir embora.

Merda!

Voltei para casa, tomei um banho demorado imaginando se Johnny seria capaz de abrir o jogo para a nossa família. Não, ele também tinha muitos podres que precisavam continuar escondidos. Seria arriscado demais me expor desta forma.

Saí do banheiro, sabendo que não deveria usar nada muito sexy para aquele jantar. O padrinho não tinha hora para voltar ou sequer confirmou sua volta, então seria sempre arriscado manter Patrício tentado naquele apartamento. Aliás, precisávamos conversar e estabelecer limites. Nada de ele dormir na minha casa. Eu poderia sugerir um dos meus apartamentos, um que já estivesse mobiliado...

Optei por um short soltinho e uma camisa justa, mas de meia manga. Desembaracei o cabelo, coloquei o ativador de cachos, escolhi um perfume suave, apliquei todos os cremes que manteriam a minha pele hidratada e desci para esperar pelo meu namorado me sentindo devidamente arrumada para tal ocasião.

Enquanto ele não aparecia fiquei conferindo as mensagens e verificando o que acontecia de mais interessante para aquela noite. Além de algumas reuniões mais íntimas, não havia nada que me deixasse interessada. Nem mesmo o convite para ir ao clube.

Patrício escreveu quando eu já não tinha mais nada para fazer. Ele disse apenas *“aguardando o jantar ficar pronto. Morrendo de fome, gata!”*. Li e reli mensagem me comparando com tudo o que eu conhecia de romantismo e casais apaixonados e nada se comparava a nós dois. Nada.

Era maravilhoso!

Comecei a rir sozinha. Levantei decidida a arrumar a mesa da forma como deveria ser posta para aquele primeiro jantar. Escolhi a louça com esmero, coloquei as taças para água e para vinho, os talheres para todas as possibilidades. Ajustei os guardanapos no exato momento em que campainha tocou.

Respirei fundo controlando a ansiedade e me obrigando a não correr para a porta. Conferi minha imagem no espelho da sala e abri a porta como se não soubesse quem era.

Patrício estava lá. Lindo! Com aquela cara de quem tinha passado horas trancado no escritório, e ainda assim lindo demais! A mesma camisa da manhã, um pouco mais amarrotada, a calça com alguns vincos a mais e o cabelo despenteado. Sorri agradecida sem

saber exatamente pelo quê. Mas ele estava lá e eu me sentia como se meu barco solto no oceano estivesse de volta ao porto.

Ele sorriu demonstrando a mesma emoção e então levantou as embalagens inconfundíveis.

— O que é isso?

— Jantar! — Era como se estivesse carregando a embalagem do melhor restaurante do Rio de Janeiro.

— Patrício, isso é *McDonalds*!

— Exatamente, Morena! — Avançou entrando no apartamento. — Gordura, açúcar, fritura, tudo o que precisamos para deixar essa noite perfeita.

Fechei a porta sem acreditar no que estava vendo. Olhei para a mesa tão bem arrumada e me perguntei como comeríamos hambúrguer, *milk-shake* e fritas naquelas louças.

— Não vá dizer que você é aquele tipo de mulher que à noite só come alface e toma sopa... — Revirei os olhos.

— O que você tem aí?

Ele sorriu desprezando a mesa posta e indo direto para o sofá. A madrinha morreria. Porém Patrício sentou no chão, arrumou as quatro sacolas à sua frente e começou a abri-las. Sentei ao seu lado aguardando.

— Bom, como não sabia do que você gostava acabei comprando o que gosto, porque se você não comer, eu como.

— Sabe o que me deixa mais encantada? Essa sua forma linda de ser romântico. Adoro! Passe logo pra cá o meu hambúrguer.

Sua risada ecoou pela sala enquanto abríamos as embalagens e começávamos a comer as fritas.

— *Nuggets*? Adoro! Humm! — Levei um, ainda quente, à boca e me delicieei com o sabor artificial.

— Eu também. Não coma todo. — Sua boca já estava cheia com o pedaço do hambúrguer imenso que ele tinha na mão.

— Que horror, Patrício! Seja cavalheiro! — Forcei a comida para dentro para não ficar falando de boca cheia.

— Estou sendo. Não posso deixar que você engorde sozinha. Dá um aqui! — Coloquei um em sua boca, aceitando a batata que ele me oferecia.

E foi um jantar maravilhoso. Nada como me entupir de gordura depois de um dia tão desgastante. Chegava a me deixar leve, apesar de saber que de certo estava mais pesada. Mas quem se importava? Eu estava rindo do molho que ficou no canto do rosto dele e adorando quando ele lambia meus dedos ao tentar retirar o restinho do queijo que ficava nas caixas.

Patrício me beijava com carinho entre uma mordida e outra. Disputamos o último *nuggets* como se estivéssemos em uma corrida olímpica e rimos muito quando deixamos o frango cair

no chão e nos atiramos para pegar.

Bom, não éramos um casal tradicional. Não vivíamos aquele encanto da paixão, muito menos os dramas que ela trazia. Era fácil demais estar ao lado dele, como se nada mais existisse, como se não houvesse problemas. Patrício chegava e me preenchia impedindo que eu pensasse em qualquer outra coisa. E vou ser honesta, eu amava tudo o que aquele garoto bobo fazia.

Então, de repente, sem saber como ou porquê, me dei conta de que, voluntariamente, deixei de desejar que tudo orbitasse ao meu redor para só girar em torno dele. Porque Patrício era o meu sol e era fantástico compreender esta realidade.

Ele me beijou brincando de tentar capturar os restos do último *nuggets*; nós nos abraçamos com os dedos engordurados, ainda rindo, apaixonados. Ele alisou minhas costas, brincou com meu cabelo, e aos poucos nossa fome mudou de direção. Seus lábios se demoravam mais nos meus, sua língua pedia passagem, as mãos passaram a me buscar com mais vontade.

Eu sabia que não deveríamos arriscar tanto, afinal de contas havia a possibilidade de os padrinhos chegarem, mas como evitar a vontade de estar junto? Como me impedir de suspirar e gemer ao ser beijada com tanto carinho? Como dizer ao meu corpo que mesmo desejando aquele homem maravilhoso eu precisaria dormir sozinha naquela noite?

Acaricieei seu rosto me afastando um pouco para que pudéssemos conversar melhor. Ele me olhou com aquela admiração que me deixava nas nuvens e quando abriu a boca para falar o que queria, seu telefone tocou nos tirando do clima. Patrício pegou o aparelho com cuidado para não engordurá-lo e franziu o cenho ao verificar o visor. Mesmo assim atendeu.

— Fala, Lamara! — Seu silêncio foi curto, assim como a sua serenidade. Assisti os olhos de Patrício estreitando enquanto dizia: — Bem, eles não estão aqui. — No mesmo instante fiquei interessada na conversa. Seria algo com Charlotte e Alex? Anita voltou atrás? Johnny contou tudo? — Você tem certeza, Lana? Mas era o Peter mesmo? — Meu estômago embrulhou no mesmo segundo. O que estava acontecendo de errado? — Não. Eu estou com Miranda e...

— O que foi? — Tentei fazer com que ele falasse algo, mas Patrício não me deixou interferir.

— Acho que... vamos pensar no que fazer.

— Patrício, o que aconteceu?

Comecei a ficar nervosa. Não era possível que Johnny tivesse contado tudo ao padrinho e este estivesse tirando satisfações. E por que inferno Charlotte não me ligava? Peguei o celular conferindo as mensagens sem encontrar nenhuma dos meus irmãos.

— Vou conversar aqui com ela. Obrigado por avisar. — Patrício desligou com uma cara preocupada.

— Fala logo, Patrício!

— Lana viu Peter entrando no hospital com Mary desmaiada. Não tenho certeza se...

— Puta merda! — Levantei assustada demais, tremendo, tentando discar o número de Charlotte. — Onde? — Ele piscou assustado.

— Pode não ter sido eles. Ela falou que...

— Onde, Patrício? Pelo amor de Deus!

— No hospital de vocês.

— “Alô?” — Charlotte atendeu na mesma hora que Patrício me passava a informação.

— Eles ligaram para você?

— “*Miranda? O que houve? Eles quem?*” — Minha irmã estava confusa, o que indicava que ela não sabia de nada. E se ela não estava sabendo significava que eles não queriam ser descobertos. Droga! — “*Miranda? Aconteceu alguma coisa?*”

— Parece que sim — sussurrei com os olhos lacrimejando. — Lana viu o padrinho dar entrada no hospital com a madrinha.

— “*O quê? Dar entrada como? Eles sofreram algum acidente? Onde eles estão? Ai, meu Deus! Como eles estão?*”

— Eu não sei. — Minha primeira lágrima caiu, mas eu não me desmancharia em lágrimas sem tirar aquela história a limpo. — Você pode vir me buscar?

— “*Eu não... não posso... não sei se consigo. Meu Deus!*” — Charlotte chorava sem conseguir se controlar. Puxei o ar com força me obrigando a assumir a situação.

— Eu levo vocês — Patrício se ofereceu já de pé.

— Tudo bem. Passamos pra pegar você em cinco minutos.

Desliguei sem ter certeza se suportaria aquela realidade.

CAPÍTULO 27



*“Será que alguma coisa nisso tudo faz sentido?
A vida é sempre um risco, eu tenho medo do perigo.”*

LÁGRIMAS E CHUVA – KID ABELHA

CHARLOTTE ENTROU NO CARRO IGNORANDO PATRÍCIO, QUE TAMBÉM NÃO FEZ MUITA QUESTÃO DE SER cordial com a cunhada. Contudo não havia qualquer hostilidade entre eles. O que os impedia de seguir as regras a boa educação era o mesmo que me impedia de respirar: os padrinhos.

— Tentei ligar várias vezes e não consegui — ela falou assim que paramos o carro na porta da sua nova casa.

— Eu também tentei.

— Johnny continua sem atender.

— Eu sei — suspirei pesadamente.

— Você tentou falar com o hospital?

Sua ansiedade conseguia ser maior do que a minha. Olhei para Patrício, buscando apoio, mas ele só dirigia olhando sempre para frente e em silêncio. Parecia em choque. Fiquei me questionando o quanto daquela situação mexia com ele por causa do seu problema.

— Tentei. Eles disseram que nenhuma Mary Middleton deu entrada na emergência.

— Lana tem certeza que os viu? Quer dizer... o que ela fazia lá?

— Uma de nossas funcionárias entrou em trabalho de parto — Patrício falou me pegando de surpresa. — Lana precisou levá-la para a emergência, já que seu parto, por coincidência, estava programado para o hospital do seu pai. Quando Lana estava voltando para o carro, viu seu pai chegar, correr pedindo ajuda e dois enfermeiros resgataram sua mãe em uma maca.

— Ela falou com eles? — Charlotte agora dedicava atenção a Patrício como nunca vi antes.

Minha cabeça girava tão forte que eu me sentia tonta. Eu sabia que a madrinha não estava bem. Não foi a primeira vez que ela ficava naquele estado. Só não conseguia entender porque faziam tanta questão de esconder da gente. Se não era nada demais, se foi apenas o *stress* pelo casamento, então por que aconteceu outra vez?

— Droga! Vou tentar ligar para o hospital. Vou exigir falar com o Dr. Marconi! — Charlotte bradou se atirando no encosto do banco como uma criança irritada e birrenta.

— Já estamos chegando, Charlotte! Vamos falar diretamente com ele. Vamos encontrar a madrinha nem que eu tenha que entrar em todas as salas daquele hospital.

Patrício colocou a mão na minha coxa me passando apoio. Poucos minutos depois ele parava na entrada da emergência nos deixando enquanto ia procurar uma vaga.

Segurei na mão da minha irmã e entramos juntas, indo em direção à recepção. Não costumávamos utilizar aquela entrada, por isso não seríamos facilmente reconhecidas, o que

talvez dificultaria o acesso às informações. Por isso precisávamos fazer algo que detestávamos: assumir uma posição que não queríamos assumir tão cedo: a de herdeiras daquele império.

Chegamos à recepção sabendo que não conseguiríamos nenhuma informação dali. Por isso fui direta e enérgica.

— Boa noite! Por gentileza, interfone para o Dr. Marconi e informe que Miranda e Charlotte Middleton estão aguardando por ele.

Percebi que ao falar meu sobrenome, outras duas funcionárias pararam para nos observar. Mantive a pose enquanto Charlotte se remexia angustiada. Antes que a atendente dissesse qualquer coisa entreguei a identidade comprovando quem eu era.

— E, por favor, libere a nossa entrada porque temos pressa. Avise à Jaqueline que iremos à sala dela. — Jaqueline era a secretária do Dr. Marconi, que, eu sabia, ainda estava lá, mesmo já passando do seu horário de trabalho.

— Claro, com certeza. Um momento, por favor!

Ela se afastou nervosa e escolheu o telefone mais distante para comunicar a nossa presença. Charlotte esmagava meus dedos, se assustando todas as vezes que as portas de acesso restrito se abriam e um médico ou enfermeiro passavam. Ficamos presas naquele portal do tempo, onde tudo ao nosso redor acontecia rápido, menos o que precisávamos, até que a atendente voltou com cara de espanto.

— Dr. Marconi pediu que encaminhasse as senhoritas para a sala dele. Jaqueline estará esperando na saída do elevador. Depois daquela porta...

— Conhecemos o caminho. Obrigada! — Levantei a mão para pegar os dois crachás que ela segurava. A mulher me entregou mantendo a cara de quem estava vendo um fantasma.

Coloquei o crachá já andando em direção à porta dupla, e ajustei o de Charlotte quando esperávamos o elevador. Olhei de relance para a minha irmã conferindo seu rosto mais pálido que o normal. Ela sofria assustada como uma criança, o que fez com que eu começasse a imaginar como seria se aquele problema fosse mais grave do que pensávamos.

Assim que saímos do elevador Jaqueline já nos esperava. A mulher parecia uma adolescente, magra, pequena e sem atributos físicos que reportassem a sua idade. Naquele dia, suas feições infantis estavam tensas e ela parecia mais agitada do que o normal.

— Como vai, Jaqueline? — comecei tentando traçar uma linha aceitável de raciocínio, mas Charlotte não me deixou prosseguir.

— Onde ela está?

Jaqueline olhou para minha irmã, depois me lançou um olhar suplicando por ajuda. Eu não sabia o que fazer, mas sabia que seja lá qual fosse a resposta dela, seria mentira.

— Ela? Ela quem? — Seu sorriso amarelo confirmava minha suspeita. A mulher nos deu as costas, ansiosa demais para não precisar nos encarar e saiu andando em direção à sala do chefe. — Dr. Marconi está em uma reunião importante, mas virá atendê-las.

— E meu pai? E minha mãe? Ela deu entrada aqui hoje — Charlotte continuou.

— Ah... bem... não sei nada sobre seus pais, Charlotte. Desculpe!

— Mas ela deu estrada, não foi? Minha cunhada os encontrou e...

— Charlotte, vamos esperar pelo Dr. Marconi. Jaqueline não tem como saber o que aconteceu — acabei me intrometendo ou não conseguiríamos nenhuma informação importante.

— Sinto muito, Charlotte! — Outra vez aquele sorriso amarelo, acrescido com as mãos torcendo uma na outra. Ela sabia de alguma coisa. — São tantas entradas neste hospital que é impossível acompanhar, mas se seu pai tivesse vindo aqui hoje eu saberia.

Minha irmã me olhou apreensiva. Eu me mantive calma por fora, segurando a tempestade que se formava dentro de mim. Independente do que estivesse acontecendo, era de Charlotte que eles tentavam esconder, eu tinha está certeza, então nada, além disso, poderia ser feito, a não ser ficar ao seu lado e garantir que ela ficaria bem.

Dr. Marconi não demorou a chegar, contudo, antes disso Charlotte ligou mais ou menos umas vinte vezes para os pais, sem desistir de encontrá-los. Todas as minhas suspeitas se confirmaram quando o diretor do hospital chegou.

— Meninas, confesso que estou confuso com a presença de vocês aqui hoje. — Conferiu o relógio admirado com a hora.

— Dr. Marconi! Minha cunhada viu meus pais aqui hoje. Ela disse que minha mãe...

— Seus pais? Charlotte, eu falei com Peter tem mais ou menos duas horas. Ele teve um imprevisto e não vai voltar no prazo que combinamos. Parece que uma filial...

— Mas ela viu minha mãe desmaiada, meu pai pedindo ajuda! — Vi quando os olhos dele se desviaram e a mão se fechou na caneta sobre a mesa. Ele estava mentindo.

— Sua mãe? Na emergência? — Um sorriso tenso tremeu em seus lábios. — Impossível! Peter teria me dito. De qualquer forma... — Pegou o telefone sobre a mesa e discou aguardando.

— Nós já tentamos a recepção e... — continuou ansiosa. Coloquei a mão sobre a dela para que se acalmasse.

— Quem está falando? Ah, Suzana, sabe me dizer se Mary Middleton deu entrada hoje pela emergência? Sim, Middleton, esposa de Peter. Não? Foi o que imaginei. Então, por gentileza, verifique se Peter esteve hoje aqui. Sim, ligue aqui para a minha sala. — Ele desligou e sorriu, ainda tenso. — Como imaginei, Mary não passou pela nossa emergência hoje. Agora vamos aguardar pela informação que solicitei. Eles podem ter entrado pela recepção principal. Enquanto aguardamos, vocês querem alguma coisa? Uma água, um café?

— Não, doutor, obrigada! — falei sentindo que minha irmã estava pronta para explodir.

Uma tequila não seria uma pedida ruim naquela hora. Por que eles faziam aquilo com ela eu não sabia explicar, mas não era nada justo. Ficamos em silêncio aguardando e foi constrangedor, até que o telefone tocou fazendo com que Charlotte ficasse mais atenta.

— Dr. Marconi. Sim, Suzana? Imaginei. Obrigado mesmo assim. — Desligou e nos olhou um pouco mais caloroso. — Foi como eu disse, seus pais não estiveram aqui hoje. Mas Peter

ligou informando que precisaria ficar mais tempo afastado, como já informei.

— Mas, Dr. Marconi...

— Charlotte, eles não estiveram aqui. Lana deve ter se enganado. Vamos para casa. Enquanto isso, podemos continuar tentando ligar.

— Ele estava entrando no avião quando me ligou. Deve ser por isso que vocês não estão conseguindo falar com eles.

— Sim, deve ser este o motivo. — Fiz com que Charlotte levantasse. — De qualquer forma, doutor, se o padrinho ligar, avise que precisamos falar com ele.

— Claro que sim. E desculpe por não poder ajudar mais. Eu tenho que ir, parei uma reunião importante para atender vocês.

— Sim, claro! Obrigada mais uma vez.

Tirei uma Charlotte transtornada da sala. Ela não entendia como Lana poderia ter se enganado. E eu sabia que este não era o caso.

— Avisou a Alex? — Ela me olhou assustada, como se não soubesse mais onde estava. — Ele pode estar preocupado.

— Não. Converso com ele quando chegar. — Sua voz fraca e os olhos desfocados indicavam que minha irmã estava se esforçando para compreender.

— Venha, vou te levar pra casa. — Entramos no elevador em silêncio. Quando saímos, ela ainda continuava tentando ligar para o telefone do padrinho, e então tudo mudou, Charlotte ficou agitada e começou a falar nervosa:

— Pai! Onde estão? O que houve? O que aconteceu? — Minha irmã ficou em silêncio escutando, sua expressão confusa já me dizia que o padrinho tinha uma desculpa perfeita. — Mas Lana viu vocês entrando no hospital! Não, pai, eu não tenho como ficar calma! Isso não é engraçado! Onde vocês estão? — Ela ouvia o que o pai dizia, andando de um lado para o outro na recepção do hospital. — E a mamãe? Dormindo? Essa hora? Não, pai, não estou duvidando de você. É que Lana disse que... Dr. Marconi contou? É claro que estou nervosa, como queria que eu estivesse? Isso não tem graça!

E eu sabia que o padrinho não contaria nada. Consegui levar Charlotte para fora enquanto procurava por Patrício, sem saber ao certo onde ele poderia estar e foi assim que tive a minha confirmação. Enquanto olhava por todo o estacionamento em busca de algum vestígio do meu namorado, encontrei o que até então sequer pensei em procurar. O carro do padrinho, estacionado sem qualquer pretensão de estar escondido, em uma das vagas reservadas para os diretores e médicos do hospital.

Ele estava lá, em algum lugar daquele imenso edifício. Meus olhos ficaram marejados e meu coração acelerado. Um nó apertado na garganta me sufocava cada vez mais. Como ele podia fazer aquilo? Como podia ligar para Charlotte fingindo estar em outro Estado quando sabia da nossa apreensão? O que havia de tão errado com a madrinha para que fugissem e se escondessem daquele jeito?

A realidade caiu em mim como uma bomba.

— Dá pra acreditar nisso? Eles acabaram de chegar em Curitiba. Curitiba! E Peter achou graça do nosso desespero. Disse que não precisávamos assustar o Dr. Marconi. É inacreditável! Miranda? Você está bem? O que foi?

Charlotte tocou meu rosto secando as lágrimas que caíam. Nossos olhos se encontraram enquanto eu ainda não conseguia subir de volta a cortina que escondia todos os meus segredos. Eu estava nua, exposta e desesperada.

— O que foi? — ela sussurrou assustada.

— Nada! Acho que... — Forcei o choro a cessar. — Acho que fiquei aliviada com a ligação do padrinho. — Eu precisava sorrir, precisava ser forte, e tudo em mim, deveria agir conforme o programado mesmo depois de um vacilo.

— Também fiquei. Lana se enganou, mas... não sei... é um aperto aqui no peito que... acho que ele não foi totalmente sincero, sabe? Mas também não sei como eles podem estar em Curitiba e mamãe ter dado entrada aqui em tão pouco tempo, então... eu estou cansada demais para pensar.

— Eu também. — Ela me envolveu em seus braços. Eu não sabia se buscando ser acalentada ou se querendo me acalantar, mas, pela primeira vez desde o casamento, senti a nossa conexão de volta.

— Vamos para casa — disse sem me soltar.



— Tem certeza que está bem? — Neguei com a cabeça voltando a chorar.

Estávamos há mais de uma hora parados na porta do *flat*. Eu não descia do carro, Patrício não demonstrava querer ir embora enquanto aguardava minha crise de choro passar.

Quando deixamos Charlotte na porta da casa dela e saímos do condomínio, o choro me dominou pegando Patrício de surpresa. Desde então ele tentou me acalmar e demonstrou paciência e compreensão.

— Miranda, não posso deixar você desse jeito. Também não posso passar a noite aqui porque amanhã tenho que trabalhar e preciso de um banho, roupas limpas...

— Tudo bem. — Funguei com o nariz entupido. — Eu vou ficar bem. Não precisa se preocupar.

— Claro que preciso. E eu não vou te deixar aqui sozinha. Só quero que você suba, pegue tudo o que precisa e venha comigo.

— O quê? Patrício, você não...

— Vou te levar comigo, gata. Não posso ir embora sabendo que você está neste estado. Também não posso ir e voltar porque o trânsito está uma merda. Vamos perder muito tempo assim. Então suba, pegue o que precisa e volte.

Fiquei encarando meu namorado pensando no quanto aquelas palavras me confortaram. Não que eu fosse esse tipo de garota que sofre e precisa do namorado para ser forte por ela.

Apesar de estar muito confusa com tudo o que descobri, ou que imaginava ter descoberto, o máximo que aconteceria se ficasse sozinha a noite toda seria chorar sem conseguir parar, e me sentir um lixo.

Contudo a ideia de poder chorar deitada na cama de Patrício, abraçada a ele até conseguir dormir, era bastante tentadora.

— E seus pais?

— O que tem os meus pais?

— Você ainda mora com eles, Patrício. Não deve ser legal aparecer com a namorada assim, sem avisar. — Ele sorriu ao acariciar meu rosto.

— Já conversamos sobre isso, Morena. É a minha casa, e se eu quiser levar a minha namorada pra passar a noite comigo eles não vão ter nada contra.

— É que não quero abusar. — Seu riso foi mais irônico.

— Pra ser sincero, eles não estão em casa agora, mas posso enviar uma mensagem avisando que teremos mais uma pessoa à mesa para o café da manhã.

— Então eu vou embora bem cedo, antes que eles acordem para o café da manhã. Pode ser?

— Pode sim. Seja rápida. Estou aguardando.

Subi com mais pressa do que imaginei sentir. De repente me dei conta de que não queria ficar sozinha com aquele problema. Na verdade, eu não queria ficar sozinha nunca mais.

Patrício, por mais que buscasse aparentar estar bem, demonstrava o contrário. Ele não falava mais do que o necessário. Sua mão estava na minha sempre que não precisava fazer nada no carro, facilitava o fato de estarmos presos no trânsito. Ele respondia com “hum”, “ah!”, “ok” sem parecer tomar parte de fato do assunto.

Com o tempo fui me calando. Deixando para remoer dentro de mim as dúvidas e medos. Se eu não soubesse o que afligia a personalidade do meu namorado, estaria me sentindo péssima. Acreditando que ele não se importava comigo ou que estivesse de saco cheio do meu sofrimento. Afinal de contas, mal tínhamos assumido o relacionamento e ele já estava envolvido em um grande problema familiar.

No entanto, Patrício funcionava daquele jeito. Foi como aprendeu a agir para não surtar ao deparar com algo maior do que podia carregar nas mãos. E confesso que conhecer o seu esforço para se manter equilibrado me deixava orgulhosa. Foi ótimo pesquisar, conhecer e me preparar para ele.

Por isso o silêncio que se fez no carro durante metade do nosso percurso não me incomodou em nada. Muito menos quando chegamos à casa dele e subimos direto para o quarto. E nem mesmo quando tomamos banho, separados, e ele não pareceu estar sexualmente interessado.

Para falar a verdade, sexo sempre foi uma forma doentia de me retirar da realidade. Eu queria esquecer, queria abafar o espaço vazio dentro de mim, queria acreditar que podia ser

diferente de tudo o que me reprimia, então eu transava, com homens, mulheres, dois, três, não importava. Eu queria transar, assumir o controle de alguma coisa, sentir segurança nem que fosse conquistada por olhares embasbacados das pessoas com quem eu ia para a cama.

Mas ali, deitada em seus braços, coberta pelo seu cobertor, sentindo sua pele fresca, o silêncio, o barulho quase imperceptível do ar-condicionado, eu só pensava no quanto era bom ter alguém para abraçar quando tudo parecia solto demais, juntando minhas partes e me fazendo um todo outra vez.

Foi fácil adormecer aquela noite. Algumas horas de tensão, desespero e choro, depois mais algumas de carinho aconchegante eram o suficiente para me fazer dormir sem pensar em mais nada.

Pela manhã tudo foi diferente. Acordamos agarrados, minha perna sobre seu corpo, o frio que nos impelia a ficarmos mais perto um do outro, a sensação gostosa de pele com pele roçando enquanto a preguiça se esticava com luxúria pelo seu corpo. Senti suas mãos em mim, os dedos percorrendo minhas costas, alcançando minha bunda, apertando a carne e me puxando contra sua ereção.

Os gemidos manhosos e baixos ganhando sentido, invadindo o meu sonho, me puxando para a realidade. Comecei a me espreguiçar quando ele girou nossos corpos ficando por cima. Eu nem tinha aberto os olhos ainda, mas sorri ao enfiar os dedos em seus cachos, acompanhando seus beijos dengosos em direção aos seios arrepiados de frio e desejo.

Patrício abaixou minha camisola se fartando com eles, chupando-os com calma, brincando com os bicos e me fazendo contorcer ansiosa. Era uma mistura deliciosa de preguiça com tesão que eu adorava sentir quando acordava. Ele continuou descendo as mãos, agora suspendendo a malha fria, deixando minha barriga exposta.

Meu umbigo recebeu um pouco da sua atenção. Eu suspirava mordendo os lábios para conter o prazer, já deliciada com o que ele faria. Céus! Eu adorava aquela língua! A calcinha foi puxada para o lado quando ele se aventurou entre as minhas pernas, beijando minha vagina já molhada pela excitação.

— Ah! — gemi alto afundando os dedos em seus cachos e forçando-o a continuar.

Rebolei em sua boca. Sua língua subia e descia em minha entrada, provocando, ameaçando me invadir, tocar a parte mais íntima, então ele me chupava, fechando os lábios grossos em um beijo tão depravado que me levava ao limite. Eu me esfreguei sem qualquer pudor.

O quarto ficou quente, mas não sufocante. Era um calor gostoso que me fazia querer movimentar, continuar o rebolado, me tocar, apertar os seios enquanto gozava naquela boca deliciosa.

Não era o que ele planejava.

Patrício subiu voltando aos meus lábios, compartilhando o meu sabor, mas também, sem pedir permissão, manteve a calcinha puxada para o lado e me penetrou lentamente. Ele se enfiava em mim pouco a pouco, parando às vezes, saindo e voltando com cuidado, até que estava completamente dentro.

Ele parou e buscou pelos meus olhos. Encarei meu namorado sem nada dizer. Então recomeçamos a nos movimentar, sem desviar o olhar, conectados. Seu peitoral pairando sobre o meu corpo, o peso sustentado pelos braços, as pernas abertas, recebendo-o entre elas, um rebolado maravilhoso, seu pau entrando e saindo sem nunca parar.

Eu queria fechar os olhos, gemer de prazer e me entregar, mas não podia, estava presa pelo seu olhar, encarando e sentindo tudo o que ele sentia. Sua boca levemente aberta, a respiração acelerada, as pupilas lutando para manterem o foco, a vontade alucinante de beijá-lo, o frio no estômago e o pulsar gostoso que já indicava a minha redenção.

Patrício intensificou as investidas, gemidos escapavam dos seus lábios enquanto ele se mantinha firme em me prender pelo olhar, fazendo-me enxergá-lo além da transa. Todo amor que sentia transbordava, se expunha e colocava à minha disposição. Foi maravilhoso assistir o homem que eu amava, sem reservas para mim.

Ele começou a entrar mais fundo, se demorando quando chegava ao meu limite, esfregando o corpo ao meu. Eu perdia a batalha lentamente, o corpo ganhando vontade própria, o prazer se estendendo pela pele, me arrepiando, queimando enquanto eu me entregava a ele. Patrício se aproximou, ainda conectado, os lábios muito perto dos meus, a respiração indicando que não suportava mais.

— Eu te amo! — sussurrou hipnotizado e eu perdi a batalha.

Fechei os olhos e me entreguei a um orgasmo fantástico. Que se espalhou pelo meu corpo como língua em chamas, me fazendo sentir as sensações mais pecaminosas possíveis. Um vulcão, uma erupção forte e avassaladora que só amenizou quando ele se contorceu em mim entregue ao seu orgasmo.

Respirando com dificuldade Patrício permanecia com o rosto enterrado em meu pescoço, o corpo com leves espasmos, os lábios carnudos provando minha pele de tempos em tempos. Relaxei por completo permitindo que ele conseguisse o que quisesse de mim. Aquela manhã começava com sucesso e eu queria acreditar que seria assim.

Nada de problemas, nada de mentiras nem de doenças misteriosas.

Eu só queria esquecer o mundo e me trancar naquele quarto com o homem que ganhou o meu coração e de quebra levou todo o meu corpo. Sorri deliciada.

— Eu adoro esse sorriso. — Sua voz rouca e pesada soou bem perto dos meus lábios.

— Sorriso de mulher bem-comida?

— Sorriso de mulher feliz, Morena. Você sorri assim às vezes, mesmo quando não é comida.

— É?

Abri os olhos e o encarei. Patrício estava bem acima, me olhando com admiração, mas leve. O cabelo bagunçado, o rosto afogueado e os lábios inchados e vermelhos. Uma delícia!

— É.

Levantou tão rápido que fiquei me perguntando se perdi alguma coisa. Desfilou sua nudez maravilhosa. Andou até o espelho do quarto, o que era imenso e tomava quase toda a parede, e ficou se olhando. Na verdade, após os primeiros segundos onde apenas se olhou, meu namorado começou a se admirar de verdade, alisando o abdome com certo orgulho, conferindo aquele “v” no pé da barriga que ligava à sua parte mais majestosa, sentindo prazer de fato com o que via.

Tanto que seu pau levemente flácido, devido ao gozo recente, voltava ao estado rijo, estimulado pela mão que agora o manipulava com cuidado, os olhos conferindo o movimento como se estivesse se certificando da beleza do ato e, lógico, se vangloriando com o resultado.

Enquanto isso, eu o observava achando a cena hilária, ridícula e excitante ao mesmo tempo. A mente de Patrício era tão incrível e diferente que eu me pegava pensando se este não era o ingrediente que me fez ficar tão apaixonada.

Ele me olhou através do espelho e sorriu. Sim, Patrício sabia como me derrubar usando apenas um sorriso sacana.

— Gosto do meu pau — revelou sem hesitar. — Acho *ele* legal, sabe?

— Deu pra perceber — desdenhei me esforçando para não rir. — Você sabe que está fazendo papel de ridículo não sabe? — Patrício se virou para mim e ampliou o sorriso.

— Um homem pode gostar do próprio pau dele, Miranda.

— Meu amor, os homens são tão imbecis que endeusam o próprio pau. E eles podem gostar do pau deles ou dos outros, isso tudo é uma grande bobagem.

Lembrei-me da tarde que passamos juntos quando Patrício insistia em me convencer a namorarmos de mentira e assim acabou alugando um apartamento no *flat* só para conseguir me encontrar sem que o padrinho nos atrapalhasse. Naquele dia cogitei a possibilidade de usarmos uma joia anal nele e da maneira como ficou aliviado pela minha desistência. Ele disse: *não curto nada enfiado em mim, Morena*.

Quando voltei à realidade, Patrício me encarava de uma forma estranha. Parecia um adolescente de tão excitado e seu sorriso era espetacular.

— Morena, tenho uma história pra te contar, mas é uma coisa que não vai sair daqui, certo?

— Você curte homens? — Foi estranho como me senti ao fazer esta afirmação, mas Patrício fez cara de afrontado.

— Não! Olha, não quero que Alex ou João Pedro saibam, então se você contar, eu vou dizer que é mentira. Levando-se em consideração tudo o que você já aprontou nesta vida e todas as mentiras em que já se envolveu, é certo que vão acreditar em mim.

— Idiota!

— E Alex não gosta de você, então ele vai acreditar em mim, mesmo que seja uma história como a que vou contar. — Encarei Patrício sem acreditar que ele teve coragem de dizer na minha cara que o irmão não gostava de mim, mas preferi me calar. — E eu sei que você conta tudo a Charlotte, mas...

— Você vai dizer que é mentira e Alex vai convencer minha irmã a acreditar nele. Deixa de ser retardado e conta logo de uma vez.

— Certo. Vou contar.

Patrício pulou na cama como um menino ansioso para confessar os seus pecados mais sórdidos. Seus olhos estavam imensos, brilhantes e ele ainda exibia aquele sorriso sacana. Meu Deus! O que ele tinha para me contar?

— Uma vez eu estava em um bar. Era totalmente fora da nossa rota habitual. Foi um dia que saímos sem rumo em busca de novidades e tal. Aí paramos nesse bar dançante, cheio de gatas, uma banda de rock, a galera bebendo e curtindo muito, tudo meio escondido pelas luzes fracas ou inexistentes, as garotas...

— Sei como é. Pode pular essa parte. — Revirei os olhos e me deixei cair de costas na cama encarando o teto.

— Ok! Tinha uma gata afastada da bagunça. Mas era uma gata mesmo. Muito linda, na mesma pegada que você, Morena, dessas que param o trânsito e deixam o homem até com medo de chegar perto. Ela era linda e...

— Eu já entendi!

— Você é muito mais. Deixa eu terminar de contar. — Fiquei calada, contudo, incomodada. — Voltando... a gata estava lá e ela era tipo... deusa. Cabelos loiros até a cintura, um rosto perfeito, Morena, o nariz fininho, lábios grossos, olhos puxadinhos, seios empinados, uma cintura bem fina com os quadris largos. Estava usando um vestido justo e curto, as pernas trabalhadas, com coxas definidas... — Inclinou a cabeça para o lado pensando no assunto. — As suas são mais bonitas, mas enfim... eu fiquei lá bebendo e olhando a gata. Meus amigos também ficaram olhando, cada um falando o que faria com uma mulher como aquela. Chamei o garçom e perguntei por ela, se ele conhecia, se tinha algum toque e tal, mas ele me disse que a gata era nova no pedaço, que nunca tinha aparecido por lá, que estava causando o maior reboliço entre os homens. Fiquei atirado pra valer! Era meio que uma competição sabe, Morena?

— Sei. Coisa de macho imbecil. — Ele riu alto jogando a cabeça para trás, o que me irritou um pouco.

— Acho que deve ser isso mesmo. Foi mais ou menos assim quando eu te conheci.

— Patrício, continue a história.

— Ah, sim! Então, comecei a olhar a garota, observando como ela reagia aos rapazes, estudando o campo, essas coisas.

— Resuma. Você comeu a garota, ponto final.

— Bom... ela olhou pra mim e, sabe Deus porquê, gostou do que viu.

— Ah, é? Que estranho, não? Ela deve ter algum problema.

— Podemos dizer que sim. — Voltou a ficar pensativo. — Resumindo, cheguei perto quando senti que ela estava interessada. Conversa vai, conversa vem, eu já estava bebendo pra

valer e começava a achar que se ela não ficasse logo comigo ia ter que me levar carregado pra casa. Então ficamos. Rolou uma química muito legal, eu fiquei bem amarrado nela, era gostosa pra caramba, beijava super bem, era delicada e sensual...

— Patrício, vá se...

— Vou chegar lá. Resumindo mais uma vez, a gata era uma delícia, eu estava superexcitado, dando o maior amasso quando resolvemos esticar a noite. Senti que a gata ficou um pouco tensa. Deixamos o bar e fomos para o apartamento dela, coisa simples, um quarto, mas arrumado e limpo em um bairro tranquilo. Os amassos continuaram, ela era gostosa em tudo, mas quando eu já tinha conseguido deixá-la quase nua ela preferiu parar. Insisti. Ela recuou. Eu estava doido pra gozar, mais uns amassos e estava fodido. Aí a gata me contou o motivo da recusa e você nem vai acreditar.

— O quê? Ela era hermafrodita? — Ele abriu bem os olhos demonstrando espanto. — Acertei?

— Não. — Riu cínico. — Mas quase. A gata, gostosa, linda, tudo certinho no lugar, corpo todo delicado, feições mais femininas impossíveis, nasceu... gato.

— Puta merda! — gritei levantando as pernas e rindo alto. Pensei que Patrício se aborreceria, que ficaria magoado, mas ele começou a rir junto comigo. — Cara, é bem a história do cara que se agarra com uma loira na festa e no dia seguinte descobre que era um loiro.

— Exatamente. Mas nesse caso era um loiro *muito* gata, quer dizer, gato, mas fica esquisito, não?

— Fica! — Gargalhei. — Meu Deus, Patrício! Essas coisas só acontecem com você. E aí?

— Porra, Morena! Ela era linda! Gostosa pra caralho. E daí se ela tinha um pau, pequeno, bem pequeno, que fique registrado. Eu estava explodindo de tesão. Joguei a gata de quatro e fui feliz. — Fiquei séria encarando meu namorado. — O que foi? Ela era linda. Não teve nada disso gay, sabe? Foi como se eu estivesse com uma mulher mesmo e... porra, você não gostou, não é?

— Não é isso — sussurrei pensativa.

— O que foi, Morena? O que eu falei de errado?

— Nada!

Encarei meu namorado com o coração acelerado. Aquela história tinha tudo para ser apenas engraçada, mas não foi. Patrício transou com a garota, ou garoto, e não viu qualquer problema no que aconteceu. E sabe o que isso significava? Que ele não era como eu imaginava. Patrício se parecia com o meu mundo mais do que fui capaz de perceber. E só de senti-lo assim, tão perto de tudo o que eu curtia, fazia com que eu me sentisse ainda mais apaixonada, porque ele me libertava.

— Não foi ruim, Morena. A garota era linda, só que tinha um pau, que por sinal eu nem vi direito e...

— Cala a boca! — Espantado, acabou me obedecendo, então eu sorri satisfeita, leve, encantada. — Eu amo você, seu pateta! — Patrício sorriu daquela forma mágica, que colocava cada coisa em seu devido lugar.

— Repita.

— Pateta! — Ele revirou os olhos e se atirou sobre mim distribuindo beijos por todos os lugares que encontrava.

CAPÍTULO 28



*“É um lago negro o seu olhar. É água turva de beber, se envenenar. Nas suas curvas
derrapar, sair da estrada.
E morrer no mar.”*
OLHAR 43 – RPM

PATRÍCIO ERA UM ESCROTO FILHO DA PUTA!

Ele não só não avisou aos pais que eu estava na casa deles como me fez acreditar que eles não estavam lá. Transamos sem qualquer cuidado, demoramos o tempo que desejamos e descemos para ir embora, após a promessa de que não os encontraríamos, nos agarrando e rindo como se a casa fosse só nossa.

E então demos de cara com uma Dandara em roupas de ginástica segurando o bule de café sem despejar o líquido na xícara, ao lado do marido, que por sinal, também nos olhava com certo espanto.

Ok! Não era o nosso primeiro encontro. Muito menos era o nosso primeiro encontro em um café da manhã, mas... cacete! Era a primeira vez que eu os encontrava naquela casa. Na casa deles. No templo sagrado e profanado pelo seu filho pervertido, escroto dos infernos!

Para piorar senti a mão em minhas costas, praticamente me empurrando para os seus pais, que continuavam espantados, petrificados com a minha presença como se ali estivesse uma usurpadora pervertendo o filho amado.

E ele sorria.

Sorria!

Não podia ser pior. Ou podia.

— Bom dia, mãe! Bom dia, pai! — Ouvi o pigarro do Dr. Adriano quando ele tentava se recompor, fingindo não ser nada anormal eu estar ali.

— Bom dia, Patrício. Miranda. — Sua voz educada não tirava o peso da acusação.

— Miranda? Não sabia que estava aqui.

Abri a boca para inventar uma desculpa cabível quando Patrício fez a coisa mais errada do dia.

— Ela dormiu aqui — falou de boca cheia após colocar uma fatia de bolo inteira na boca.

— Pelo amor de Deus, tenha um pouco de educação! — Dandara ralhou voltando à sua atividade de servir o café ao marido. — Café, querida?

— Ah, não... eu...

— Ela vai sentar e tomar café comigo, mãe. Obrigado!

— Oh, então vou buscar mais uma xícara.

— Não precisa, Dana. Eu...

— Ela prefere suco. Sente, amor. — O cretino puxou uma cadeira me forçando a aceitar aquela confusão. Dandara rapidamente tratou de colocar a louça à minha frente. Serviço completo. Olhei para Patrício, querendo matá-lo.

Fiquei encarando toda aquela comida, imaginando se eles pretendiam receber alguém ou se era assim todos os dias. Dandara colocou três ovos cozidos diante do filho que os aceitou indicando que aquilo fazia parte da sua rotina. Ovos? Ah, Deus!

— Prove o bolo, amor, está uma delícia. — Fechei os olhos odiando a sua voz.

— Suco de manga? — Dandara ofereceu fazendo-me olhá-la e buscar dentro de mim forças para vencer aquela batalha.

— Sim, por favor.

— Sim, por favor! — Patrício repetiu com a voz engraçada enquanto descascava os ovos. — Você parece a Peppa Pig.

— A Peppa... o quê?

— Peppa Pig, amor. A porquinha rosa britânica, ela sempre fala assim: sim, por favor! — Então ele olhou para mim assustado e depois riu alto. — Ah, merda! Você é britânica!

— Patrício!

Dr. Adriano advertiu o filho e eu não sabia se era pela brincadeira sem graça de me comparar com uma porca rosa ou se era por ele ter xingado. De qualquer forma me políciei para não mandá-lo fazer algo indevido em uma mesa logo pela manhã.

— Eu não sou britânica, idi... engraçadinho. — Ele sorriu com malícia quando percebeu que eu tentava me manter educada. — Sou baiana.

— Mas você não come nada pela manhã?

Dandara insistia, mas quanto mais ela falava comigo, mais meu estômago revirava e meu instinto de defesa me mandava levantar e ir embora. O clima era tão estranho que me deixava confusa.

— Baiana — meu namorado repetiu aceitando a informação. — Mas foi educada na Inglaterra, como a Peppa Pig.

— E você é o imbecil de mais de trinta anos que assiste desenho infantil! — explodi me arrependendo imediatamente.

Olhei para os meus sogros que nos encaravam sem acreditar naquela conversa, porém disfarçaram quando perceberam o meu constrangimento. Patrício, claro, deu uma risada gutural.

— Coma o bolo, Miranda. — Dandara, possivelmente para impedir a conversa de continuar, colocou a fatia generosa em meu prato me obrigando a comer. Patrício continuou rindo enquanto comia os seus ovos cozidos.

— Então... Peter sabe que você passou a noite aqui? — Adriano perguntou tão sem graça quanto eu fiquei.

— Ah...

— Peter está viajando, pai. Miranda e Charlotte ontem passaram por uma barra.

— O que aconteceu? — Dandara ficou logo interessada, sentando pela primeira vez para tomar o café.

Patrício narrou a confusão, fazendo com que Lana parecesse uma maluca que saía alarmando coisas absurdas. Eu sabia que Lana não estava errada, só não podia contar a ninguém. Pelo menos não enquanto não tivesse uma conversa com o padrinho. Para finalizar, meu namorado falou da minha crise de choro, o que me fez colocar na lista de castigos que daria a ele, alguns tapas e socos.

— Oh, querida! Sinto muito. Lamara não deveria ter feito o que fez. — A mãe do meu namorado mudou o tom, me tratando com cuidado, como se eu fosse uma coitada. Era por isso que eu odiava a fraqueza. Odiava!

— Tenho certeza que Lana não fez por mal.

Talvez por instinto, ou por já ser uma pessoa que pegava as coisas no ar, olhei para Dr. Adriano a tempo de perceber que ele não ficou surpreso com a história e sim ansioso. Como se... sim, ele sabia de alguma coisa.

— Não é tão fácil confundir o padrinho com outra pessoa — continuei observando as reações do pai do meu namorado. — Muito menos confundir o padrinho e a madrinha. É coincidência demais, não? — Ele pigarreou deixando a xícara de café ainda cheia e levantando.

— Bom, tenho mesmo que ir.

— Mas, Adriano...

— Preciso me preparar para a cirurgia de hoje. Vejo você amanhã. — Ele beijou a esposa e subiu correndo como se desejasse fugir de mim o quanto antes.

— Plantão — Dandara justificou a saída do marido. — Detesto quando ele precisa passar a noite fora.

— Ainda? — Patrício brincou. — Tantos anos depois e ainda se incomoda com isso? — Sua mãe ficou corada e desviou o olhar das escadas por onde o marido havia fugido.

— Claro que sim. Quem gosta de dormir sozinho?

— Eu — Eu e Patrício respondemos ao mesmo tempo, deixando Dandara perplexa.



— Na última vez que você esteve aqui não foi muito legal, não é?

Patrício conversava enquanto arrumava a mesa para começar a trabalhar. Cruzei as pernas observando tudo outra vez. Quando estive ali havia papéis espalhados para todos os lados. A sala apesar de muito bem-decorada, não parecia ter qualquer relação com o ocupante. Era sem vida, sem aquela coisa de pertencimento.

As cadeiras de forro azul eram lindas, muito bem escolhidas e confortáveis, mas pareciam que nunca tinham alguém para sentar ali. Não havia plantas, fotos, *suvenires* de viagens recentes. Nada.

— Então... — Ele sentou em frente ao computador, ligando-o. — Já que vai passar o dia aqui comigo, me observando trabalhar, por que não aproveitamos para falar um pouco sobre nós mesmos? Contar sobre o seu diário, por exemplo.

Tenho certeza que apesar de ser morena fiquei pálida. Meu diário? Meus diários. No plural. Todos eles, com cada linha escrita, com cada momento, palavra, dor e lágrima. Como Patrício podia saber sobre eles? Meu namorado riu.

— Bem que você disse que se um dia alguém descobrisse o seu diário, o mundo acabaria. — Respirei fundo lembrando aquela conversa. Sim, eu brinquei com aquela verdade quando precisei me afastar dele. — Conte, Morena. Quero descobrir os seus segredos sórdidos.

— Você tem que trabalhar — pirraei. — Eu vim só pra ficar te olhando.

— Conte qualquer coisa, Miranda. É horrível não saber quase nada a seu respeito.

— Você sabe muito sobre mim. Mais até do que minha irmã. O que mais posso contar?

— Sei lá! — Ele se estirou na cadeira e encarou a tela do computador, fispado por alguma coisa interessante. Digitou rapidamente e voltou a me olhar.

— É que você é tão interessante que parece que só conheço a pontinha do *iceberg*. Estou enganado? — Acabei rindo.

— Não. Mas também me sinto assim em relação a você. Acho que faz parte do relacionamento. Essa curiosidade toda que um sente pela vida do outro. Não é assim que acontece nos romances que você publica? — Ele sorriu admirado.

— É sim. Fiquei curioso agora. O que exatamente te intriga em mim? Eu sou tão transparente.

— Por que você come ovos cozidos pela manhã e McDonald's à noite? — Patrício jogou a cabeça para trás e riu alto. Estrondoso.

— Ok! Você me pegou.

— É assim que funciona. — Pisquei travessa quando uma batida na porta chamou nossa atenção. D. Socorro, sua secretária, entrou com um sorriso de satisfação.

— Lamara pediu pra você assinar esses aqui. — Colocou algumas pastas com a logo da editora sobre a mesa.

— Certo, docinho! Vejo isso em um instante.

— Aceita um café? Está na hora de buscar o desse rapazinho aqui. — Seu olhar carinhoso me deixava relaxada.

— Não, doci... digo... D. Socorro.

— Ora, pode me chamar de docinho. — Ela riu junto com Patrício. — É como todos me chamam. O garoto colocou o apelido e pegou.

— Porque você é um docinho mesmo — ele falou com respeito e admiração. Patrício gostava mesmo da sua secretária, o que me deixava envergonhada, já que eu tive vários momentos de ciúme da *docinho* dele.

— Já volto com o café. — D. Socorro saiu e meu namorado pegou as pastas para analisar.

— Agora é a minha vez — disse sem tirar os olhos dos papéis. — Por que você não dirige? É mais uma forma de evitar ser rastreada ou existe uma história por trás disso?

Meu coração disparou tão rápido que não tive tempo de me recompor. Fiquei séria, encarando as mãos sobre as coxas. Só que não via motivos para não responder àquela pergunta, afinal de contas não era um segredo. Era só uma história ruim dentro de uma vida cheia de acontecimentos ruins.

— Minha mãe morreu atropelada. O cara estava bêbado e era menor de idade. — O silêncio me incomodou, mesmo assim deixei que ele caísse sobre nós.

— Sinto muito, Miranda. Eu não...

— As pessoas não têm muita noção do que fazem quando estão atrás de um volante. Parece que o carro deixa todos poderosos. Você pode perceber isso observando o trânsito. Uma fila se forma e logo tem um monte de motorista querendo ser mais esperto do que os que respeitam as filas. Eles desviam pelos lados, complicam tudo, causam acidentes... Bebem e dirigem porque acreditam que estão acima de todo o mal. Avançam o sinal. Fazem ultrapassagens perigosas. Não entendem que estão com uma máquina que exige respeito e cuidado. Por isso prefiro não dirigir. Não quero ser como eles.

Ele parecia que ia dizer alguma coisa, mas se calou e D. Socorro entrou na sala no momento certo, preenchendo o silêncio que voltou a cair sobre nós. Patrício aproveitou a desculpa do café e se concentrou no trabalho. D. Socorro entrou e saiu diversas vezes enquanto eu permanecia sentada, sem nada para fazer. De tempos em tempos o flagrava me olhando pelo canto dos olhos, sem nada acrescentar.

Conferi minhas mensagens, decidida a passar o tempo. Eu sabia o motivo de Patrício querer me manter ali. Ele não queria me deixar sozinha depois da crise da noite anterior e, para dizer a verdade, eu também não queria ficar.

Uma mensagem do Éder me deixou surpresa e curiosa. Olhei sorrateira para Patrício, que continuava com os olhos pregados nos papéis. Ponderei. Quando Patrício desconfiou de Moisés, acabei colocando tudo a perder. Não podia fazer a mesma coisa. Então preferi ignorar a mensagem e tentar falar com ele depois. Para não correr o risco apaguei sem ler.

— Você passa o dia todo trancado aqui? — puxei assunto tentando deixar minha consciência mais leve.

— Não. Mas hoje, só porque você veio, minha agenda está insuportável de chata. Não se preocupe, provavelmente João Pedro apareça em algum momento, ou Lamara comece a me ligar para encher o saco.

— Tudo bem.

— E eu tenho um trabalho pra você. Venha cá. — Abriu os braços me chamando para o outro lado da mesa.

Olhei para a porta, depois para ele, que continuava aguardando por mim. Levantei me postando à sua frente. Meu namorando me segurou pela cintura, girou e me sentou em seu colo.

— Patrício!

— Isso jamais deveria te scandalizar, gata. — Sua mão em minha barriga permanecia firme, me impedindo de levantar. Ele me deu um beijo casto nas costas e mexeu no *mouse* abrindo a tela do computador outra vez. — Pronto. Está vendo aqui? — Apontou para uma planilha com vários títulos enumerados. — São livros que chegaram da avaliação. Os que estão em vermelho foram negados pelos nossos pareceristas.

— Pareceristas?

— Acho que nunca conseguiram achar um nome mais apropriado. — Riu me fazendo relaxar. — Preciso ajustar isso pra levar para Alex pela tarde. Logo vou receber a pesquisa de mercado de cada autor para fazer uma avaliação mais ampla. Então você vai abrir cada parecer, analisar e colocar em uma categoria. Está vendo aqui?

— Certo. Acho que posso fazer isso.

— Ótimo! Quem sabe eu te contrate como minha estagiária. Sempre quis ter uma estagiária gostosa. — Sua mão me puxou um pouco em direção ao seu pau.

— Uma estagiária gostosa? Vamos ver o que posso fazer. — Rebolei de leve em seu colo fazendo-o gemer. — Mas eu vou precisar me concentrar aqui.

Levantei virando a tela do computador para o outro lado e voltei a sentar na cadeira à sua frente. Foi o *timing* perfeito, porque assim que sentei a porta abriu e Lamara e João Pedro entraram apressados.

— Patrício, você... Ah! Miranda! Não sabia que você estava aqui.

— Fui obrigada a aceitar o cargo de estagiária.

— Estagiária gostosa — Patrício falou me deixando estarecida. Ele não tinha filtros mesmo.

— Patrício!

— Foi o cargo que te ofereci. Lamara será a nova chefe, tem que saber a minha real intenção. — Revirei os olhos desistindo de tentar educar aquele menino.

— Bom, pedido negado. Nada de estagiárias gostosas nesta empresa. — João riu.

— Ainda bem que podemos ter chefes gostosas — ele disse abraçando a esposa.

— Chefe. Uma. Única e exclusiva.

— E o que vocês dois querem? — Patrício o atrapalhou. — Não me digam que vieram namorar aqui.

— Não. Alex chegou — Lana informou e Patrício conferiu o relógio, franzindo o cenho.

— Eles estavam na praia — comuniquei de sacanagem mesmo. Era bom poder queimar um pouco o filme do marido da minha irmã. — Falei com Charlotte logo cedo.

— Bom... — Lana começou a falar me impedindo de continuar. — Minha mãe ligou de manhãzinha. Miranda, eu sei o que vi. Não tenho como explicar o fato de não estarem lá, mas vi claramente Peter...

— Tenho certeza que sim. — Os três me olharam sem entender. — É complicado, Lana. Mas eles mentiram ontem. Só não quero que Charlotte saiba ainda. Deve existir um bom motivo para a mentira.

— Como você sabe? — Patrício me interrogou, surpreso com a revelação. — Porque ontem você...

— Fiquei assustada quando descobri a mentira. Mas não conversei com o padrinho ainda e não sei o que ele pretende com tudo isso. Então quero pedir que não comentem sobre o ocorrido. Até que eu possa conversar com ele, vamos fingir que tudo não passou de um engano.

— Compreendo. Meu pai falou, aliás, ele me obrigou, a ficar fora disso — Lana falou com rebeldia. — Imaginei que tinha algo mais nesta história. — O aperto em meu coração, já esquecido pela maneira especial que Patrício tinha de me tirar da realidade, voltou a se apresentar.

— Miranda vai separar o material pra mim — Patrício interrompeu o clima estranho. — Eu só preciso de mais alguns minutos. Estou aguardando o estudo do mercado.

— Certo. Vamos nos reunir depois do almoço. — Lana voltou ao seu modo chefe.

— E você, João? O que faz aqui? — meu namorado perguntou intrigado.

— Ah... — Ele riu sem graça. — Estou seguindo a chefe gostosa.



Abri a porta de casa sem me preocupar com nada. Estava cansada, no entanto, por mais estranho que parecesse, me sentia feliz. Patrício me segurou o dia todo na editora e trabalhei com algo que realmente gostava. Vi como funcionava a avaliação de uma editora, tive a oportunidade de conhecer o trabalho dos agentes, a sua apresentação, li as avaliações, entendi bastante do processo.

Era estranho trabalhar como uma pessoa normal e me sentir bem com isso. Nunca imaginei, apesar de sempre pensar no assunto. A verdade era que minha conta bancária me permitia uma vida maravilhosa sem nunca precisar pisar em uma empresa, bater ponto ou depender de um salário. Mas foi o que passei a desejar.

A rotina era fantástica. A possibilidade de trabalhar com tantos originais, verificar em quais seria interessante apostar, construir o sonho de alguém... nossa!

Entrei sorrindo, porém este se desfez no instante que fechei a porta. O padrinho estava na sala, sentado no sofá, as pernas cruzadas, encarando o horizonte através da nossa varanda. Eu não esperava encontrá-lo. Não estava preparada para isso.

— Padrinho? — Seu olhar que antes parecia perdido caiu sobre mim com certa rispidez.

— Onde esteve? — Recuei, contudo, eu não era mais uma menina assustada. Então recuperei a postura encarando-o sem medo.

— Na editora. Patrício me apresentou todo o processo. Trabalhei um pouco. — Ele pareceu aceitar minha resposta. Não esperava por algo do tipo e pela sua reação percebi que tinha gostado do que ouviu.

— Está interessada em trabalhar com livros também?

— Talvez. Gostei do que aprendi. Só que prefiro estudar um pouco mais. Onde está a madrinha? — Puxou o ar com força e desviou o olhar.

— Descansando. E Charlotte? Como ela está?

— Assustada. Principalmente. — Ele nada disse. Busquei força em mim para conseguir ter aquela conversa. — Padrinho, precisamos conversar.

— Sim, precisamos. Mas eu gostaria de tratar do meu assunto primeiro. — Levantou me encarando. — Adriano me disse que você dormiu na casa dele esta noite. Que ficou assustada com a confusão de ontem.

— Patrício insistiu. Ele não queria que eu ficasse sozinha. — Assentiu não se incomodando com a confirmação.

— Vocês estão namorando?

— Estamos. Ele quer conversar com o senhor, mas, devido às circunstâncias...

— Certo. Também preciso conversar com ele. Quando Patrício vem?

— Amanhã. Ele será o meu acompanhante para a formatura. — Outra vez o padrinho ficou surpreso com a minha decisão, mas não fez nada para me persuadir do contrário.

— Tudo bem. Converso com ele amanhã então. É o que você quer? Digo... Patrício é a sua escolha mesmo? — Suspirei andando em sua direção. Sentei no sofá como um convite para que ele fizesse o mesmo.

— É. Mas isso não quer dizer que eu queira casar ou ter filhos, nem nada desse tipo, padrinho.

— Miranda...

— Eu sei que o senhor quer o melhor para a gente. Que se preocupa com o futuro e tudo o que cresci ouvindo o senhor falar. Mas eu já sou uma mulher. Sei o que quero. Sei me virar. Patrício é meu namorado, nada mais do que isso. Por favor, não tente fazer comigo o que fez com Charlotte. Eu não sei o que está acontecendo aqui, mas o senhor não precisa se preocupar em garantir a minha segurança com um casamento. — Seus olhos me avaliavam durante todo o momento e o fato de não ter me interrompido, nem ter ficado furioso já era uma ótima indicação.

— Tudo bem — declarou com um cansaço nítido na voz. — Só tenha cuidado. Você é muito diferente de Charlotte, filha. Ela sempre foi o meu maior medo porque é frágil. Mas

você não. Sua força me surpreende a cada dia. Talvez seja isso o que alivia um pouco o peso das circunstâncias. Você e Johnny foram as melhores coisas que nos aconteceram. — Desviou o olhar. Parecia emocionado, mas eu também estava. Eu sempre ficava quando ele declarava o seu amor por mim.

— O que está acontecendo? — perguntei baixinho. Parecia que minha voz era capaz de quebrar uma parede frágil e deixar que todo o problema se inundasse sobre nossa família. Senti medo.

— Nada.

— Eu sei que mentiram. Vi o seu carro ontem no hospital. Sei que a madrinha está doente. — O padrinho voltou a me olhar com apreensão.

— Ela só está cansada.

— Não minta pra mim, padrinho. — Ele se afastou indo até a porta da varanda, ficando de costas.

— Charlotte...

— Não sabe de nada. Eu não sabia o motivo da mentira, então preferi não comentar com ela o que vi... ou sei. Mas não acho justo. — Seus ombros relaxaram e a cabeça abaixou.

— Essa é a melhor resposta que posso te dar agora. Por favor, aceite.

— Como eu posso aceitar?

— É só até a formatura. Depois disso prometo que te conto tudo.

Eu conhecia o padrinho bem demais para saber que não conseguiria mais nada dele. Pelo menos não tentou me enganar com alguma desculpa esfarrapada.

Então era isso, a madrinha estava doente, o padrinho estava preocupado e Charlotte não podia saber o que estava acontecendo. O que me deixava mais aliviada era poder acreditar que se ele ainda se dava ao trabalho de esconder da família era porque não era grave ao ponto de não podermos alimentar esperança.

CAPÍTULO 29



“Nós dois temos os mesmos defeitos. Sabemos tudo a nosso respeito. Somos suspeitos de um crime perfeito. Mas crimes perfeitos não deixam suspeitos.”

PRA SER SINCERO – ENGENHEIROS DO HAWAII

SUBI PARA O QUARTO ME SENTINDO MELHOR, APESAR DE ESTAR AINDA TONTA COM AS CONFIRMAÇÕES implícitas. Era melhor saber o que esperar do que não enxergar um palmo à frente.

E eu estava cansada. Um cansaço gostoso, de quem passou o dia trabalhando com o que gostava. Eu nunca entendi o sorriso do padrinho quando chegava em casa com aquela satisfação, mas agora era compreensível.

Coloquei o celular para carregar e fui para o banho. Demorei o tempo que achei necessário, amando cuidar de mim. Era uma sensação gostosa. Deliciosa!

Deitei em minha cama agradecendo por ter jantado antes de voltar para casa, peguei o celular conferindo as mensagens, sorrindo para a ausência de algum sinal do meu namorado. Patrício era mesmo diferente, e o pior de tudo era que eu gostava dele daquela forma. Era perfeito para mim.

Uma batida fez com que eu me endireitasse na cama. Sabia que não era a madrinha pela forma como bateu, e imaginei se poderia ser o padrinho disposto a me contar mais uma pouco sobre aquele segredo. Mas quando a porta abriu, meu irmão entrou. Ele estava carrancudo, magoado. Não parecia disposto a me perdoar, e sim a dizer tudo o que não pôde quando estive na casa dele.

Fiquei em silêncio enquanto ele entrou, olhou para o celular em minhas mãos e se aborreceu ainda mais. Caminhou até a poltrona à frente da cama e sentou nela se permitindo um tempo para digerir tudo.

— Você deveria estar agradecido. — Com um muxoxo deixou claro que não concordava comigo. — Tirei o peso das suas costas, Johnny. Anita jamais vai poder te acusar de tê-la usado.

— O que você fez foi errado! — rebateu com fúria. — E não foi o que combinamos.

— Mas foi com a melhor das intenções.

— Sempre é, não é mesmo? Você sempre justifica os seus erros, Miranda. Assuma logo de uma vez que foi errado e pronto.

— Eu assumo. — Desisti de tentar apaziguar. — Mas assumo também que faria tudo outra vez para livrar Charlotte do problema. O que posso fazer se fui criada para ser o cão de guarda dela? Não era esse o objetivo, proteger Charlotte da vida?

Meu irmão me olhou com um misto de fúria e dor. Ele não gostava de se enxergar daquela forma, como alguém conveniente para uma família e não como um que foi amado a ponto de ser adotado. Mas o que eu dizia não era uma questão de amor, era apenas uma forma mais

linear, coerente e límpida de aceitar os fatos. Os padrinhos nos amavam, mas nós fizemos a nossa parte aceitando os papéis muito bem desenhados naquela família.

— Você deveria voltar para a terapia — ele disse por fim, me pegando de surpresa.

— Você acha?

— Acho.

Viramos para frente, cada um remoendo os seus problemas, pensando nas acusações e atitudes. Eu não estava arrependida de ter ameaçado Anita. Aquela vaca merecia o que eu fiz. Se realmente existisse um motivo absurdo e escandaloso para ela precisar denunciar Alex e Charlotte, eu não seria hipócrita de dizer que compreenderia e aceitaria, contudo, poderia afirmar que qualquer atitude minha seria ruim, desonesta e corrupta. Mas quando sabia que o que ela fazia era por puro despeito, toda e qualquer culpa desaparecia.

Naquele momento, o único ponto que me deixava desconfortável era ter passado por cima do meu irmão para atingir o meu objetivo. Mesmo sabendo que com o tempo ele acabaria aceitando que foi o melhor a ser feito.

— Se te incomoda tanto a maneira como fomos criados, por que você nem quis conhecer a sua família?

Aquele aperto que já estava habituada a sentir, se apresentou em meu peito. Evitei olhar para Johnny, porque sabia que naquele momento ele me olhava, analisava todos os meus atos e tirava suas próprias conclusões.

— E você? Nunca teve curiosidade sobre quem realmente você é? Não te deixa mal saber que nem a sua idade é verdadeira?

— Para ser bem honesto, não. Eu não faço ideia de como fui parar naquela casa, não tenho qualquer lembrança dos meus pais, então prefiro aceitar a teoria da madrinha e acreditar que ela sempre quis um menino, então Deus me levou do céu diretamente para o portão dela.

Olhei Johnny que estava perfeitamente relaxado. Ele não se importava mesmo com a sua história e estava satisfeito com a maneira como tudo foi resolvido. Pudera, ele era uma criança de rua, negra, suja e sem qualquer perspectiva de vida. Às vezes me perguntava se ele não foi colocado ali estrategicamente por algum funcionário que nunca contou a verdadeira história.

— Mas realmente acho que essa etapa da sua vida precisa ser concluída. Você é a garota mais traumatizada que já conheci, Miranda. Dê um descanso e ajuste pelo menos um parafuso.

— Vá se foder! — Riu abertamente. — Não sou a garota mais traumatizada que você conheceu até porque não sou traumatizada, idiota! Muito pelo contrário. Mesmo com tudo que já me aconteceu me vejo muito bem-resolvida. E o fato de não querer conviver com a família que era da minha mãe, não tem nada a ver com trauma, é apenas uma questão de moral.

— Moral? Então por que você gastou tanto para encontrá-los e sequer foi averiguar a verdade, conhecer as pessoas e tirar a sua própria conclusão?

— Johnny, o que aconteceu não é uma história minha. Era da minha mãe, mas ela morreu e antes disso enterrou todos os que ficaram na Bahia. Minha mãe não queria estar com eles, não

queria que eles soubessem nada sobre ela. Não tenho motivos para mudar esta decisão. — Ele respirou fundo e não contestou.

Johnny não compreendia e eu não podia culpá-lo, afinal de contas durante um ano inteiro convivi com um detetive particular que virou o mundo de cabeça para baixo para encontrar as pessoas que faziam parte da família da minha mãe. Eu só precisava daquela confirmação, de que estavam todos ainda lá. Mas nunca passou pela minha cabeça a ideia de conhecê-los, de me apresentar e de acabar refazendo o vínculo.

Minha mãe tinha morrido, contudo, eu não permitiria que sua história morresse com ela. Aquelas pessoas serviam para me lembrar do quanto eu precisava ser forte, focada e acima de tudo, dona de mim mesma.

Minha mãe casou muito cedo com um homem mais velho e abusivo. Ela teve pais ruins, marido ruim, cunhadas ruins e sogros ruins. Ainda cedo o marido se mostrou agressivo, exigente e infiel. Na primeira agressão ela ficou assustada, mas teve vergonha de contar aos pais. Na segunda, com o rosto machucado e dores abdominais, porque depois da surra ele abusava sexualmente dela com o intuito de mostrar quem mandava – como ela relatava que ele fazia –, finalmente tomou coragem e contou à mãe, que ficou horrorizada, mas pediu para ela não contar ao pai e que tivesse paciência, sendo uma boa esposa para evitar que voltasse a acontecer.

E assim minha mãe, durante meses, acreditou que era culpada e que, de alguma forma, fez algo para merecer a reação do homem com quem casou. Mas as surras não paravam, a qualquer hora e por qualquer motivo. Ele era ciumento, possessivo, a acusava dos maiores absurdos quando ele mesmo desfilava com outras mulheres e o final era sempre o mesmo, ela apanhava, sofria e a mãe pedia para ter paciência.

Quando o pai soube, disse que não tinha filha divorciada e que ela precisava aguentar o peso das próprias escolhas. O pai dela dizia que se o marido agia assim era porque havia algum motivo. Então, desesperada, resolveu recorrer aos sogros e cunhadas, em uma tentativa de conseguir algum apoio, porém não foi o que conseguiu. Ela foi repudiada, humilhada e ganhou mais uma surra do marido, para aprender a não ser fofoqueira.

Para o seu infortúnio, minha mãe descobriu que estava grávida e foi neste momento que precisou tomar a decisão. Peter e Mary planejavam voltar para a Inglaterra. Eles tinham feito a proposta como uma forma de ajudá-la e ela se agarrou a esses dois anjos, como sempre se referia aos meus padrinhos. Assim, minha mãe, logo depois do meu nascimento, ainda na Bahia, foi embora do Brasil, deixando para trás os pais que nunca se preocuparam com a sua vida e um marido que nem fazia ideia que ela teve um filho seu.

Até onde o detetive descobriu. O homem casou outra vez e foi embora da Bahia, se perdendo no mundo de maneira a não deixar rastros nem para a própria família. Meus avós morreram e os parentes que restaram nem sabiam que eu existia. E eu preferia que fosse desta forma mesmo.

— Você só tem duas escolhas — Johnny falou me tirando do devaneio. — Ou encara a situação de frente, procura seus parentes e resolve esse trauma, ou esquece de uma vez por todas que eles existem.

— É o que tenho feito.

— Tem certeza?

— Absoluta! — Voltei a olhar o celular sem qualquer vontade de continuar com aquela história.

— Ok! — Meu irmão permaneceu ali, me olhando, como se esperasse que eu enlouquecesse ou algo do tipo.

— Era só isso?

— Eu ainda não te perdoei.

— Problema seu. — Sorri com a cara mais displicente que consegui fazer.

— Eu quero o vídeo.

— Que vídeo?

— O que você fez e ameaçou Anita. Quero que o apague.

— Nem pensar. Tá louco? — Subi um pouco mais na cama e escondi o celular. Vai que...

— Anita voltou atrás. Ela não vai fazer nada contra Charlotte, mas precisa ter certeza de que você também não vai usar esse vídeo contra ela. — Johnny estava decidido, mas eu não poderia jamais apagar aquele vídeo. — Apague, Miranda.

— Não. Mas você tem a minha palavra de que se ela continuar se comportando, o vídeo nunca será usado.

— A sua palavra não tem valido nada nos últimos tempos.

— Mas ela não sabe disso, então... minta. Não será a primeira vez, não é mesmo? — Aborrecido, Johnny caminhou pelo quarto buscando uma maneira de reverter o quadro.

— Se você divulgar este vídeo...

— Não farei isso. Só mande Anita deixar Charlotte em paz. — Encaramo-nos com fúria, até que ele se deu por vencido e deixou o quarto batendo a porta com raiva.

Era uma merda brigar com meu irmão por causa de uma desclassificada como Anita. Ele estava muito aborrecido, o que significava que ficaríamos mais alguns dias neste clima ruim.

Dei de ombros e resolvi desanuviar a mente com o celular. Só então me lembrei da mensagem do Éder. Como arquivei a conversa, era só buscar de volta e depois apagar. Pronto, nenhum problema com o meu namorado.

Oi, linda! Nunca mais apareceu no clube. Tenho uma novidade pra você. Quando puder me ligue. Ah, ontem um cara estava procurando por você no salão de cima. Saudades! Beijos!

Humm! Se a novidade fosse o meu pedido para o padrinho, eu poderia fechar aquela noite com chave de ouro, ou de prata, já que o problema com Johnny ainda existia. Hesitei sobre ligar para ele, mas poderia apagar a ligação depois. Era uma droga precisar continuar mentindo para Patrício. Talvez fosse hora de termos aquela conversa tão necessária. Quem sabe depois da formatura.

Liguei para Éder.

— *Oi! Pensei que não queria mais falar comigo.* — Sua voz animada me deixou feliz.

— Estive ocupada. Como estão as coisas?

— *Perfeitas. Então, conseguiu se acertar com o meu rival?* — Ri sabendo que Éder não via Patrício assim.

— Consegui. Estamos namorando.

— *Uau! Mais do que eu esperava.*

— E as suas novidades? — Preferi mudar de assunto, afinal de contas a ligação era para que ele pudesse contar o motivo da sua mensagem.

— *Fui contratado. Dá pra acreditar? Sou um auxiliar, mas já estou bem satisfeito.*

— Que ótimo! — Preferi fingir não saber de nada. Afinal de contas o padrinho não faria nada disso se Éder não tivesse ótimas referências.

— *Sim, sim. Acho até que vou deixar o clube. Quem sabe um dia consiga voltar como cliente.* — Ri deixando-o acreditar nisso. A verdade era que para frequentar o clube como cliente era necessário desembolsar uma generosa soma, algo que ele, com seu salário, jamais conseguiria. — *E você? Abandonou o clube? Pensei que aquilo ali fosse o seu paraíso.*

— O meu purgatório — confidenciei. Seu silêncio deixou claro que não concordava comigo, mas apenas eu sabia o que significava aquele clube para mim.

— *Então, ontem um rapaz procurou por você.*

— Ah, é! Você citou esse ponto na mensagem.

— *Sim. E eu sei que sempre tem alguém de olho na morena mais incrível daquela casa.* — Ri outra vez me sentindo leve. — *O que chamou a minha atenção foi que ele sabia o seu nome, o que, claro, dificultou a sua procura, já que ninguém te conhece pelo nome.*

— Pelo nome? — Levantei da cama ficando tensa. — Ninguém sabe o meu nome lá no clube.

— *Exato!* — afirmou com veemência, como se tivesse enxergado um problema ali.

— Quem era ele?

— *Um novato. Acho que foi umas duas vezes. Foi convidado, claro! Ontem ficou conversando com os garçons, atendentes, e para todos fez a mesma pergunta.*

— Como ele era?

— *Humm, linda... Você sabe que não podemos encarar, né? É uma das regras. Mas fiquei de olho nele sempre que conseguia. O cara é alto, tem sotaque estrangeiro, é bem-apessoado.*

Pensei no assunto sem conseguir achar ninguém que se enquadrasse no papel. Pelo menos ninguém que pudesse estar ali me procurando. Ah, não ser que... não, o padrinho não poderia ir tão longe.

Deus!

— Se ele aparecer outra vez me avise. Vou dar um jeito de descobrir quem é. Tente colher alguma informação.

— *Combinado então! Quando vai aparecer?*

— Não sei. Com alguém querendo me encontrar acho melhor dar um tempo.

— *Quer se esconder?* — Seu bom humor não mudava nunca.

— Observar. Sabe Deus que tipo de maluco pode estar atrás de mim. — Éder riu alto e a conversa logo mudou de rumo, se estendendo por um longo tempo e me fazendo esquecer aquele assunto.

Acordei assustada. Sonhei que estava em um lugar sujo, pobre, com crianças correndo para todos os lados e um homem magro, bigodes compridos e uma cara imunda, desgastada, me segurava pelo braço querendo me jogar dentro de um casebre, dizendo que eu pertencia àquele lugar e dali não sairia nunca mais.

CAPÍTULO 30



*“Vago na lua deserta das pedras do Arpoador.
Digo ‘alô’ ao inimigo. Encontro um abrigo no peito do meu traidor.”*

FAZ PARTE DO MEU SHOW – CAZUZA

ANSIEDADE É UMA DROGA! EU E A MADRINHA PASSAMOS UM DIA INTEIRO NO CENTRO DE ESTÉTICA cuidando para que ficássemos perfeitas para a formatura. Ela parecia ótima, apesar de estar mais magra e frágil. Preferi não tocar no assunto. Era melhor assim. Além do mais, estávamos empolgadas com a formatura, por isso preferi viver o momento ao seu lado, aproveitando cada segundo.

Charlotte só apareceu pela tarde para fazer as unhas e aplicar uma máscara capilar que daria mais brilho aos seus cabelos. Minha irmã nem fazia ideia do que eu estava aprontando para ela.

Claro que jamais aceitaria que minha irmã se vestisse com simplicidade para aquele baile à fantasia. Era a nossa formatura, caramba! E se alguém merecia fechar aquele ciclo com chave de ouro, esse alguém era Charlotte.

Mas depois de um dia tranquilo fazendo tudo o que adorava, eu começava a sentir o estômago embrulhar de tanta ansiedade. Como membro da comissão de formatura, precisava chegar mais cedo ao evento. Combinei com o padrinho que Patrício passaria para me pegar, só que isso significava que não havia mais como evitar a tal conversa.

E foi o que aconteceu. Patrício chegou enquanto eu estava terminando de colocar a beca com todo cuidado por causa da maquiagem e do cabelo liso, com ondas nas pontas para dar o movimento correto que me ajudaria a compor a personagem escolhida. Não deu tempo de encontrar o meu namorado. O padrinho o recebeu na sala e quando consegui descer, eles já estavam trancados no escritório.

Assim começou o meu sofrimento. Minhas mãos suavam, o estômago embrulhava e eu não conseguia ficar quieta. As sandálias de salto alto começaram a incomodar, mas não queria subir para escolher outra e perder o momento em que aquela porta seria aberta.

O que estavam falando? O padrinho mostraria a arma para Patrício outra vez? E será que desta vez ele acreditaria em nosso amor? Quais ameaças ele faria? E se Patrício surtasse e acabasse desistindo? Deus, não!

— Seu cabelo vai acabar embolando — a madrinha comentou, sentada no sofá e me observando quase cavar um buraco no chão.

Se não fosse pela sua presença eu já estaria com o ouvido colado na porta para ouvir o que conversavam, mas a boa educação que ela prezava jamais permitiria que eu agisse assim.

— Eu vou chegar atrasada. — Ela olhou para o relógio constatando que daria tempo, então sorriu.

— Eles já devem estar terminando.

— Madrinha, pra quê essa conversa? Por que o padrinho insiste em me tratar como criança? Isso é desnecessário! E ele que não invente de tentar me casar em três meses porque prefiro fugir de casa e...

A porta abriu com um estalo que me calou no mesmo instante. Meu coração acelerou, meus músculos enrijeceram e meu estômago doeu como se estivesse se contraindo. Respirar era impossível!

Então eles saíram. Patrício muito sério, o padrinho também. O clima não estava nada bom, eu soube quando meu namorado encontrou meus olhos e desviou os dele como se quisesse esconder algo de mim.

Putaquepariu!

— Bom, vocês vão acabar se atrasando — o padrinho disse dando um tapinha amigável no ombro do Patrício. Pelo menos não havia inimizade entre eles.

Olhei de um para o outro sem encontrar a resposta que tanto precisava. O padrinho voltou para o escritório com um simples “veja vocês mais tarde” e a madrinha se despediu da gente com o seu sorriso gentil e carinhoso. Ficamos nós dois na sala e foi estranho demais.

— Ele te assustou outra vez? — Insegura, tentei começar a conversa.

Patrício me olhou como se estivesse me vendo pela primeira vez naquele dia. Soltou o ar retido, passou as mãos no cabelo e andou até mim me abraçando. Seus braços grossos e longos pareciam querer dar voltas em minha cintura e não me deixar nunca mais. Apesar de tudo foi sufocante, porque eu sabia que aquele abraço significava muitas coisas, menos amor e saudade.

— Você está linda — sussurrou sem tentar esconder o sofrimento em sua voz.

— É só uma beca. Onde está o seu chapéu?

— No carro, Morena. Não queria que eu tivesse essa conversa, fantasiado, não é mesmo?
— Ele finalmente me soltou, mas continuou evitando me encarar.

— É verdade. E... como foi?

— Tranquilo, gata. Vamos? — Pensei em argumentar, mas percebi que não era o melhor momento.

— Vamos.

Não era fácil para alguém como Patrício conseguir disfarçar o que sentia. Ele podia sorrir, podia até mesmo cantarolar uma música, mas em todas as suas atitudes estaria implícito que não estava bem e que poderia surtar a qualquer momento. Durante todo o percurso da minha casa até o local da cerimônia me perguntei se aquela reação era capaz de fazê-lo desistir, recuar, de sumir por alguns dias até que digerisse melhor, sei lá... qualquer coisa.

Mas quando descemos do carro e sua mão segurou a minha com força, percebi que o que quer que o padrinho tenha dito, qualquer tipo de responsabilidade que lhe tenha passado, doía nele porque ele não queria que doesse em mim. E me senti desesperar.

Contudo não tive tempo para continuar minha divagação. Assim que alcançamos as portas, um grupo de garotas me arrancou dele. Estávamos mesmo atrasados e eu tinha obrigações. Com um beijo rápido me despedi do meu torturado namorado, mortificada por saber que a solidão não lhe faria bem, rogando para que Charlotte não demorasse a chegar, porque a sua chegada significaria a chegada do irmão mais velho do meu namorado, e assim eu poderia me sentir um pouco melhor.

— Nem todos os alunos chegaram — Verônica informou andando mais rápido do que seus sapatos e beca permitiam.

— Claro que não. Eles estão no horário deles — resmunguei aborrecida. — Como está a organização? O *Buffet*?

— Impecável! Até agora está tudo certo. Só precisamos reajustar os canudos. Acredita que Leandro deixou a caixa cair? Saiu da ordem. Catarina está resolvendo isso junto com... meu Deus, como é mesmo o nome dela?

Pouco me importava. Eu só queria que aquilo começasse e acabasse logo. Quando finalmente recebêssemos o canudo eu me sentiria segura, em relação a tudo. Tudo.

Caminhei pela lateral do auditório, conferindo os alunos, as becas, a lista de ordem, se os professores estavam confirmados, se as flores foram colocadas corretamente, se havia lugar para todos os homenageados.

As pessoas foram chegando, os alunos se acumulando na área de trás, o burburinho criando um ruído incômodo. A todo instante eu olhava procurando por Charlotte e ela não chegava. Fui até o vestiário, conferindo nossos armários. Eu queria ter certeza de que tudo estaria em seu devido lugar. E quando saí, dei de cara com quem eu menos esperava. Anita.

Ela sorriu com ódio, deixando que algumas alunas entrassem no vestiário sem perceber o clima. Seus olhos viraram fendas, suas unhas cravaram no próprio braço, como se quisesse se conter. O meu sorriso foi mais de satisfação do que de qualquer outro sentimento.

A vaca teve o que merecia.

Adiantei meu passo pensando em apenas ficarmos naquele clima, mas ela me impediu de continuar ao se colocar à minha frente. Não temi nem por um segundo. Se ela sabia ser doida, estava brincando com a rainha do manicômio.

— Com licença, professora. Tenho algumas turmas para organizar de-cen-te-men-te — ressaltei para que ela entendesse a diferença entre o meu relacionamento com os alunos daquela faculdade e o dela.

— Se está se achando melhor do que eu por não ter se agarrado com um professor, Miranda, lembre-se que a sua irmã está no nível tão baixo quanto o meu. — Sem perder a pose, senti a primeira pontada.

— Sim, Charlotte se apaixonou pelo professor. O professor se apaixonou por Charlotte. Eles se amaram e se casaram e se todos os deuses do sexo, amor e tesão forem justos, continuarão juntos para todo o sempre, amém. O que coloca Charlotte no patamar acima do

seu é o fato de ela não ter sido flagrada amarrando um homem contra a sua vontade, forçando a barra pra chupar o pau dele. — Seus olhos conferiram o ambiente se certificando de quem ninguém nos ouvia.

— Será que era contra a vontade dele? Não achou que foi muito fácil um homem como Alex, muito mais forte e decidido do que eu e a frágil Tiffany, se deixar amarrar, e permitir que uma mulher colocasse o seu pênis, duro, na boca?

— É. — Cocei o queixo, pensativa. — Quem nunca teve o fetiche de ter duas vagabundas na cama na noite que antecede o seu casamento que atire a primeira pedra.

— Vagabunda é...

— Professora Anita? — O reitor passava rapidamente pelo corredor vindo em nossa direção. Olhei para ela me valendo da minha posição e soletei sem emitir qualquer som “v-a-g-a-b-u-n-d-a”. — Estava mesmo querendo conversar com você.

— O que houve? — ela perguntou sem esconder o desagrado.

— Ah... — Ele me olhou rapidamente e depois voltou a olhar a professora. — Precisamos da sua presença na mesa dos professores. Você, como coordenadora...

— Encontro você lá em cinco minutos. — Foi firme o suficiente para fazê-lo concordar.

— Tudo bem então. E você, Srta. Middleton?

— Estou organizando o vestiário para a troca das roupas após a cerimônia, professor.

— Ótimo! Um belo trabalho o de vocês. Charlotte já chegou? Ela será a nossa homenageada. — Anita revirou os olhos e eu sorri.

— Acredito que sim. Vou conferir em breve. — Ele voltou a nos olhar com desconfiança.

— Certo. Não podemos nos atrasar. — E saiu rápido, indo atrás de outro professor que por um acaso apareceu no corredor.

— Escute aqui, garota...

— Não. Escute aqui você. Charlotte não vai ser sabotada por uma vadia que não sabe aonde colocar a própria bunda. Ela e Alex se amam. Não existe espaço pra você, muito menos para a sua prima maluca na cama deles, entendeu bem? Não esqueça que eu sei como fazer com que você desça do pedestal. — Ela ficou surpresa com a minha fala. Na certa imaginava que Johnny conseguiria o vídeo. Coitada! — Agora saia da minha frente. — Passei pela professora Anita sem me importar com ela, mas ela me segurou pelo braço.

— Você está muito enganada, garota. O problema de Charlotte não sou eu. Antes fosse, mas ela já está na boca do povo. É só parar de prestar atenção apenas no seu umbigo e ouvir o que estão comentando pela faculdade.

Ela saiu tão rápido que não me deu tempo de revidar.

Não era para me abalar tanto. Não era sequer para me abalar. Charlotte estava casada, formada e qualquer fofoca a este respeito não poderia ter força para destruí-la. Ainda assim temi pela minha irmã. Porque não se tratava apenas da sua carreira como escritora.

Para ser franca, sempre achei que pequenos escândalos impulsionam as vendas, e um escândalo como o de Charlotte ao se envolver e seduzir o professor para ter seu livro publicado seria facilmente abafado quando percebessem o quão bom era o livro dela.

O que me preocupava mesmo era como ela se sentiria ao ser observada, ao notar que as pessoas fuxicavam a seu respeito, que a sua história de amor – que era mesmo uma linda história de amor –, seria transformada em uma *porno chanchada* sem qualquer respeito ou consideração.

Furiosa, contudo, muito mais atenta, voltei ao vestiário e me tranquei em um dos provadores. Se existia alguma fofoca rolando, aquele era o melhor lugar. E foi como previ. Pouco tempo sentada naquele banco e logo a porta abriu e algumas garotas entraram.

— Parece que é verdade. Também, aquela sonsa se fazia de lindinha inteligente, escrevendo o texto perfeito... — uma garota começou. Reconheci a voz de Cristina. A garota mais fofqueira de todos os tempos.

— Sendo destaque na universidade. — Essa eu não soube quem era, mas fiquei atenta.

— Exatamente. A songa-monga era uma mosca-morta. Todo mundo achando que ela era uma coisinha de nada e o que acontece? Ela fiska o professor mais gostoso que temos — Cristina continuou.

— Mas não é proibido relacionamento entre aluno e professor? — Reconheci a voz de Michely e o tom invejoso.

— Aff! Em que século você está? Eu daria a Alex Frankli e ninguém me impediria. — Elas riram. — Ouvi dizer que o pai dela é importante na sociedade. Político, na certa.

— Vai ver foi isso que fez ele se interessar nela. — Rafaela, a maior vagabunda da universidade também estava lá. — Ninguém se interessaria por Charlotte Middleton assim, sem um motivo mais forte. — Elas riram outra vez.

— Ela é bonita — a que eu não sabia quem era falou. — E inteligente. Escreveu um livro. Ouvi dizer que está muito bom. — Tive vontade de abraçá-la mesmo sem saber a identidade.

— Mas não deve ser boa de cama. Duvido muito. Aquela menina não tem qualquer graça — Cristina continuou.

— Ouvi dizer que o professor Frankli tentou bater em um aluno por causa de Charlotte — aquela voz que eu não fazia ideia de quem era falou sem demonstrar maldade.

— Ouvi dizer que ela era namorada do Henrique e que ficou com o professor Frankli mesmo assim — Rafaela falou com muita maldade.

— E eu soube por fontes fortíssimas que Alex Frankli foi quem terminou o namoro de Charlotte com Henrique. Ele, pessoalmente, disse ao Henrique para ficar longe porque Charlotte pertencia a outro agora — Cristina completou me deixando furiosa.

— Meu Deus, que homem! — Rafaela debochou.

— Vamos. É melhor descermos. Quero acabar logo com essa cerimônia e aproveitar bem o baile — Cristina falou animada. — Vou aproveitar a onda e dar uns beijinhos no professor

Prado.

— Ele é casado, doida! — a garota não identificada disse rindo. — Certamente a esposa dele está aí.

— Pego ele e ela.

— Meu Deus! — Elas saíram rindo e só quando me certifiquei de que ninguém mais estava ali saí do cubículo abafado.

Era hora de agir.

Passei pelo corredor apressada, fugindo de todos que tentaram me chamar para resolver alguma coisa. Ouvi alguém distante gritando para as pessoas começarem a formar a fila, mas eu não me preocuparia com qualquer obrigação da comissão, o mais importante era achar Charlotte.

Fiz a volta no auditório decidida a encontrar Patrício para que ele me avisasse quando Charlotte chegasse antes de qualquer outra pessoa, mas não o encontrei em lugar algum. Fiquei parada olhando ao redor, procurando por ele, conferindo cada convidado, os alunos que ainda perambulavam, o local onde os padrinhos estavam sentados conversando com Dana e Adriano, e ao lado deles... Meu Deus! O que era aquilo? João Pedro não podia ser mais ridículo.

Fiz questão de me aproximar sem esconder o riso pela fantasia escolhida. Se ele imaginasse o que as garotas falaram ao seu respeito no vestiário jamais se vestiria de sapo para aquela festa. Era muito ridículo.

E Lana? Céus! Ela estava linda de princesa. Como aquela mulher poderia aceitar ir ao baile ao lado do sapo, digo, do marido vestido de sapo? Eu não fazia a mínima ideia, mas tinha certeza de que não foi por opção.

— Olá! — preferi cumprimentar todos à distância. — Onde está Patrício? — Dana olhou para Adriano que me olhou e deu de ombros.

— Pensamos que ele já estaria aqui, mas não o encontramos. — Olhei rapidamente para o padrinho tentando captar alguma coisa. Ele parecia não se importar.

Ah, Deus! Patrício tinha surtado e sumido. Era tudo o que eu não precisava para aquele momento. Ok, Miranda! Foco! Charlotte em primeiro lugar! Repeti para mim mesma me impedindo de continuar buscando pelo meu namorado.

— Já volto.

Dei uma busca rápida pelo auditório me certificando da sua ausência, mas também achando quem eu queria. Henrique. Ele estava mais afastado, conversando com duas garotas que, eu sabia, jamais se interessariam por alguém como ele se não fosse pela mais nova fofoca que rondava o *campus*. Fui até lá sem me sentir na obrigação de ser gentil.

— Quero falar com você. — Segurei em seu braço e puxei para longe fazendo com que ele se afastasse de todos.

— Miranda? O que... aconteceu alguma coisa com Charlotte?

— Não! Mas vai acontecer se você continuar se gabando.

— Eu? Mas...

— Escute aqui, Henrique! Charlotte é uma boa moça e você sabe disso.

— Sim... sim, claro!

— E ela está casada com Alex.

— Ca-casada? — Engoliu com dificuldade. — Mas já? Tão rápido!

— Não é da sua conta! — respondi indignada, mas recuperei a compostura para não perder o foco da conversa. — Eles se amam. Então esqueça o que aconteceu no estacionamento e pare de reproduzir essa história tirando vantagem.

— Eu? N-não! Eu não fiz isso!

— Fez! Conheço babacas como você o suficiente para afirmar que estava agora mesmo contando que Alex tirou Charlotte dos seus braços à força. — Ele ficou tenso e vermelho. — É um aviso. Não faça isso. Ou então vou fazer com que esta formatura seja inesquecível pra você. Entendeu? — Ele recuou um passo estando visivelmente assustado. — Entendeu?

— En-entendi!

— Ótimo! E não se atreva a chegar perto da minha irmã.

— Cla-claro! Claro! Pode deixar.

Dei as costas acreditando que o assunto estava encerrado quando vi Charlotte entrando com o nosso professor. Ouvi os cochichos no salão, as risadinhas, mas ignorei todas. Aquela noite teria que ser perfeita para nós duas, e eu sabia como deveria fazer. Charlotte não perdia por esperar.



Mesmo sem encontrar Patrício em nenhum lugar, meu foco permanecia na porta e na chegada de Charlotte. Minha irmã chegou quebrando todos os paradigmas. Corajosa, cabeça erguida e sorriso seguro no rosto. Aquela menina me matava de orgulho. Acabei sorrindo também, adorando enxergar sua bravura e independência.

— Miranda, a fila está uma confusão só. Precisamos começar a organizar isso ou vai ser um fiasco a entrada dos alunos. — Voltei à realidade com Miguel me chamando.

— Vou fazer isso agora mesmo.

Corri em direção à minha irmã sem pensar em mais nada. Era hora de enfrentar os leões, e ela já tinha me dado a certeza de que eu precisava.

— Atrasa tanto para colocar uma beca? Que demora! — reclamei só para ter o que falar. Não queria já chegar contando que todo mundo estava comentando sobre eles por trás. — Vamos, vamos! Eu devia colocar você para entrar sozinha. Queria só ver a sua cara de pimentão ao encarar o público sem um batalhão de alunos para te esconder. — Ela sorriu deixando que eu pegasse sua mão e a levasse para longe do marido.

— Vejo você em breve — disse para Alex enquanto eu a puxava pelo salão principal.

Andamos apressadas, eu com medo de alguém conseguir destruir o seu dia, ela com um sorriso capaz de iluminar o mundo.

— O casamento te fez bem — comentei só para lembrá-la de que independente do que as idiotas pensassem, ela estava feliz e sendo amada.

— Por que acha isso?

— Será que é por causa desse sorriso bobo no rosto? — Ela sorriu ainda mais.

— Ganhei um carro de presente. — Parei imediatamente, chocada com a revelação.

— Um carro? — Ela me olhou fixamente e corou tanto que me perguntei o que um carro significava para que ficasse assim. — Do padrinho? — Minha irmã mordeu os lábios e negou. O sorriso ainda brotando pelos cantos. — Alex? — Confirmou. — E você aceitou? Nem acredito!

— Foi lindo, não foi? Quer dizer... eu sei que posso ter quantos carros quiser e que não aceitei nenhum dos que meu pai me deu, mas...

— Porra, Charlotte! — Comecei a rir. — Trepas conseguiu colocar alguma coisa nessa sua cabeça.

— Miranda! — ela me repreendeu mortificada, olhando para os lados, apreensiva. — Não foi pelo sexo, sua... sua...

— Tarada?

— Isso. Tarada. — Ri me sentindo relaxar. — Foi pelo... pela... por...

— Porque você o ama.

— Isso. Quer dizer... eu amo meu pai também, mas é diferente. Alex não faz ideia da minha conta bancária. Ele me deu um carro porque queria me dar algo grandioso. Algo que fosse à altura do seu amor.

— Então ele deveria te dar... sei lá... um hotel de luxo? Uma ilha esquecida no meio do nada só com uma casa para vocês dois? Ou então...

— Cala a boca! — Ela riu alto. — Você não entende nada. Vamos para a fila de uma vez.

— Charlotte, eu vou precisar te deixar na fila, mas volto logo em seguida. Não sei porque minha mãe não me nomeou como Carol, Catarina, qualquer coisa com C. Ela foi escolher logo Miranda, o que sempre vai me deixar distante de você nas filas, nas chamadas e muitas vezes nas equipes. Isso é uma droga! — Minha irmã sorriu com doçura. Ela estava tão leve e feliz que me emocionava.

— E você reclama sobre este assunto hoje, no nosso último dia relacionado a estudos? Não acha que deixou para reclamar tarde demais? — Sorri acariciando seu rosto. Ela não entendia que se meu nome fosse Charlene, eu conseguiria ficar bem pertinho dela naquela fila e impediria que qualquer imbecil a provocasse. Suspirei.

— Já volto. Se comporte! Não faça nada que eu faria.

— Deveria ser que você não faria, Miranda.

— Não. Porque aí seria o que você faria normalmente. Então não faça o que eu faço.

Deixei Charlotte na fila, infelizmente perto de Cristina, e saí para buscar os alunos que estavam perambulando pelo local ao invés de se manterem alinhados.

— Tem uma pessoa procurando você lá fora. Parece que alguém mandou te entregar um presente. — Miguel me abordou no caminho.

— Um entregador? Agora? — Conferi o relógio sem conseguir entender nada. — Faz um favor pra mim? Organiza esta fila que eu vou saber do que se trata. No caminho mando os alunos virem para o fundo.

— Certo. — Miguel saiu para cumprir com a missão e fui para a entrada do evento em busca da tal encomenda.

Na portaria consegui identificar um garoto com um capacete suspenso na cabeça, uma caixa de veludo na mão, aguardando com ansiedade.

— Pediram para que eu viesse receber uma encomenda — comuniquei ao segurança que aguardava ao lado do entregador.

— Miranda Middleton? — o garoto perguntou. — Ainda bem que consegui te encontrar. É uma encomenda especial, eu não podia deixar de entregá-la.

— Quem enviou? — Mantive distância, sem saber ao certo se era ou não seguro receber aquela encomenda.

— O rapaz pediu segredo, mas como sabia que a senhora faria perguntas, ele me mandou dizer que era o seu eterno amante.

— Amante?

— É só assinar aqui. — Estendeu uma prancheta. Assinei no modo mecânico. Quem poderia ser meu eterno amante?

Patrício! Então foi por isso que ele sumiu? Que lindo! Peguei a caixa com alta expectativa. Rompi o lacre e abri, me surpreendendo com um maravilhoso colar de pérolas. Pérolas verdadeiras, eu sabia identificar. Era perfeito!

Meu Deus! E eu pensando que ele tinha surtado com a conversa com o padrinho.

— Obrigada!

Não conseguia mais esconder o sorriso de satisfação. Retirei o colar da caixa e o coloquei no pescoço na mesma hora. Eu já tinha planos para aquela peça na nossa noite. Patrício agradecerá a Deus pela ideia do colar.

Corri de volta para a fila, de longe identificando as meninas ao redor de Charlotte. Aquilo tinha que acabar ali

— Há quanto tempo vocês estão juntos? — Rafaela, a vaca estagiária do diabo, perguntava com desconfiança, olhando Charlotte com desdém.

— Tempo suficiente para fazê-lo implorar pelo casamento. Alex é perdidamente apaixonado pela Charlotte, uma prova disso é ele estar neste momento, se dobrando em

atenções com a sogra, além, é claro, de presentear a minha amiga com um supercarro e deixar ser conduzido por ela sem se importar com as línguas afiadas e os olhares invejosos que ele, com certeza, sabia que encontraria por aqui.

Os olhares que recebi foram os melhores. As garotas queriam me matar e nada me daria mais satisfação do que esfregar na cara delas o quanto Alex amava a minha irmã.

— Agora, vamos nos organizar porque seremos chamadas dentro de alguns instantes. Cada uma tomando conta da sua própria vida e cuidando para não tropeçar na própria língua e quebrar a cara antes da formatura.

Elas se mexeram incomodadas, os braços cruzados, a caras com as piores expressões possíveis. Duas garotas deram as costas e foram procurar seus lugares.

— Normalmente eu não me importaria com isso — continuei, já que as piores ainda estavam lá. — Afinal de contas, muitas pessoas precisam ter a cara quebrada para aprender certas coisas. No entanto, hoje, exclusivamente hoje, eu quero que tudo esteja impecável, pois é o meu baile de formatura e quero que tudo saia perfeito.

Charlotte sorriu satisfeita e me parabenizei por ser tão sarcástica quando queria. Rafaela cruzou os braços na frente do corpo e me olhou com desdém.

— Por falar nisso, Miranda, qual foi o seu trabalho de conclusão de curso? — Sorri como se ela fosse a minha melhor amiga.

— Foi aquele chamado “não é da conta de ninguém”, conhece? — Ela se espantou com a minha resposta. — Trate de voltar para a fila ou vou te expulsar do baile por desacato.

Pronto. Consegui colocar cada uma em seu devido lugar. Pisquei para Charlotte e fui para frente da fila, coordenando a entrada. O baile seria perfeito. Sorri passando os dedos pelas pérolas que ornamentavam o meu pescoço.

CAPÍTULO 31



*“O que você me pede eu não posso fazer. Assim você me perde e eu perco você.
Como um barco perde o rumo. Como uma árvore no outono perde a cor.”*

PIANO BAR – ENGENHEIROS DO HAWAII

NÃO CONSEGUI EVITAR AS LÁGRIMAS. JURO QUE PENSEI QUE CHARLOTTE AMARELARIA. QUE começaria a gaguejar, ficaria vermelha, confusa, se perderia e no fim daríamos risada do que ela conseguisse falar, mas minha irmã foi magnífica!

Ela não só conseguiu dizer tudo o que era necessário como foi corajosa o suficiente para falar de Alex como seu marido, e ainda me homenageou com palavras doces que simplesmente derrubaram todas as minhas barreiras.

Foi tão perfeita!

Quando fomos liberadas ela saiu na frente por causa da droga da fila por ordem alfabética. Pensei que não conseguiria abraçar minha irmã antes de todos dos outros, mas ela ficou atrás do palco, aguardando por mim, torcendo as mãos, mordendo os lábios com ansiedade.

— E então? Falei bem? — Abracei Charlotte com os pulmões protestando. Eu a amava com a minha alma. Amava tudo o que ela era, sem trocar nada. — Miranda? — Ri me afastando, porém sem conseguir ficar longe por muito tempo.

— Foi incrível! — Limpei as lágrimas que continuavam caindo. — Nem posso acreditar! — Solucei sem conseguir me conter.

— Ei! O que foi?

— Não sei! — Chorei ainda mais. — Agora sim acabou. Conseguimos, não foi? Chegamos até aqui.

— Sim. Conseguimos. — Ela sorriu com doçura jogando o braço em meu ombro. — Juntas.

— Juntas. — Chorei com mais intensidade.

— O que está acontecendo, Miranda? Você não é assim.

— É que... por favor não me odeie por isso, nem fique preocupada e invente um monte de bobagens nessa cabeça de vento.

— O que foi?

— É que agora sim, acabou. Você casou, se mudou, e agora a faculdade chegou realmente ao ponto final. Agora estamos de verdade em caminhos separados. E eu sou uma idiota chorando assim.

— Miranda, nós somos irmãs.

Levantei os olhos encarando-a ainda mais emocionada. Charlotte não costumava se referir a mim daquela forma, apesar de eu saber que me amava como irmã. Mas eu era sempre a sua melhor amiga de uma vida inteira e me acostumei com essa posição.

— Nunca estaremos em caminhos separados. — Seus olhos marejados deixaram a primeira lágrima cair. Ela limpou e desdenhou da nossa emoção. — Você fala como se fosse possível. Agora namora com meu cunhado, estamos na mesma família de uma forma ou de outra. — Ri me sentindo bem melhor. Lembrar de Patrício aqueceu meu coração, fazendo-me levar a mão ao colar que havia me presenteado.

— Ok! Batemos a cota de emoção para uma noite.

Limpei as lágrimas com cuidado arrastando Charlotte para longe do palco. Os professores começaram a descer e eu não queria que Alex colocasse as mãos nela antes de fazer tudo o que planejei.

— Vamos correr com as fantasias. Não vejo a hora de me exhibir com o meu vestido. Vou escandalizar essa faculdade. — Ela riu se deixando conduzir.

Por sorte quando chegamos ao vestiário não encontramos nenhuma das garotas inconvenientes. Já estava quase vazio. Muitas pessoas escolheram colocar as fantasias por baixo da beca, o que facilitava. Foi o que eu fiz, já que meu vestido era tão justo que nem aparentaria. Mas Charlotte precisaria de ajustes.

Assim que tiramos a beca dela, analisei a fantasia tão sugestiva. Eu merecia um prêmio por ser tão óbvia e ao mesmo tempo tão espirituosa com a escolha daquela roupa para a minha irmã, e, se Alex fosse justo, me agradeceria.

Se em quatro anos não escandalizamos a faculdade, faríamos isso naquele dia e sairíamos do curso com louvor.

— Eu trouxe duas coisinhas que vão apimentar a sua fantasia, antes...

Levantei minha beca me livrando do excesso de pano e revelando um vestido vermelho idêntico ao de Jessica Rabbit, a minha personagem maravilhosa. A fenda lateral revelava a perna quase toda. Era tão esplêndido e sensual que não me contive e fiquei me admirando enquanto minha irmã conferia a própria fantasia corando cada vez mais.

Atenta a todos os seus movimentos peguei as luvas compondo minha personagem com exatidão. Ajustei o cabelo sabendo que Charlotte não aguentava mais de ansiedade, mas eu precisava estar pronta para me dedicar a ela com a energia que eu sabia ser necessária, afinal de contas, ela nem fazia ideia do que eu tinha reservado para o seu show.

— Prontinho. Eu já estou completa, quanto a você, a ideia é ser sensual, Charlotte!

— Não posso ousar tanto estando na frente dos meus sogros e meus pais.

Sem querer lhe dar ouvidos comecei a colocar em prática tudo o que já sabia que precisaria fazer. Puxei a camisa branca de botões estilo colegial para fora, para que ela começasse a ganhar o estilo estudante gostosa. Bem o que Alex precisava e toda a faculdade também. Saber que Charlotte era incrível não apenas como a aluna brilhante que sempre foi, mas que era uma mulher sensual e deliciosa capaz de enlouquecer a cabeça do seu professor.

— Perfeito! Eu sabia que você ficaria divina com esta fantasia. Esse seu ar inocente, apimentado com uma safadeza quase que totalmente encoberta...

— Miranda!

— Agora deixe-me ajeitar este cabelo.

— Meu penteado está lindo! — Ela se esquivou querendo manter o cabelo solto sem qualquer atrativo. — Você vai estragar tudo! Pela primeira vez na vida, consigo ter cachos.

— Deixa de ser boba, logo os cachos não vão existir mais, já estão até cedendo. Precisamos de um penteado adequado. Confie em mim.

Fiz o que planejei amarrando duas marias-chiquinhas em seu cabelo, dando à minha irmã uma ideia mais inocente para toda a safadeza que os rapazes pensariam a seu respeito. Eu sabia que aquela noite faria com que muitos caras se arrependessem de não terem investido nela antes.

— Podemos ir? Alex deve estar ansioso.

— Ele vai superar.

Peguei o que faltava para dar o toque final, certa de que aquele pequeno acessório derrubaria por terra a ideia de que minha irmã era sem graça, sem atrativos. Quando ela percebeu o que eu segurava corou com mais violência.

— Não espera que eu entre com isso, não é?

— Por que não? — Segurei sua mão colocando o pirulito nela e fechei sem deixar que ela recusasse. — Agora ouça com atenção. Vá lá e arrase. Mostre para aquelas garotas que, ao contrário do que elas pensam, Alex é o lado sortudo desta história.

Ela engoliu em seco, mas acabou concordando, ganhando coragem para fazer o que eu estava mandando. Saímos do vestiário com determinação. Em silêncio caminhamos lado a lado até chegarmos ao salão principal, que já estava lotado.

Eu não precisava de coragem para fazer uma entrada triunfal. Aquela era a minha realidade. Contudo para Charlotte era um verdadeiro teste de coragem. Minha irmã respirou fundo, levantou a cabeça e caminhou como se ninguém mais fosse capaz de impedi-la.

Observei quando as pessoas começaram a virar em nossa direção, os rapazes admirando o conjunto que formávamos, mas só consegui me concentrar na vitória da minha irmã por pouco tempo, pois Patrício entrou no meu campo de visão me arrebatando. Meu coração acelerou, minhas mãos ficaram suadas ao tocarem o colar e minha mente ficou povoada com tudo o que eu queria fazer com aquele menino atrevido.

— Patrício está lindo! Ele conseguiu, Charlotte. A fantasia ficou perfeita!

Sem aguardar por uma resposta, deixei minha irmã para trás sendo praticamente puxada na direção do meu namorado. Ele sorriu sem a tensão de mais cedo. Seu olhar estava quente, cheio de sentimentos que me deixavam leve, feliz. Seus braços me cercaram e ele me beijou. Foi como se meus pés saíssem do chão e eu sentisse que nada mais daria errado, nada me atingiria ou colocaria a minha família em risco.

— Parabéns! — Seus olhos percorreram meu rosto, conferindo a produção.

— Você não estava lá quando eu subi no palco — acusei sem me deixar ficar aborrecida. Eu entendia os medos dele. Além do mais, eu estava usando o colar que ele teve todo o cuidado de me presentear e isso mudava tudo. — Onde esteve? Procurei por você e ninguém sabia de nada. — Ele continuava com as mãos em mim, um sorriso de satisfação que me tirava um pouco do eixo.

— Ah, gata! Eu dei uma surtada. Precisei sair um pouco, respirar, pensar...

— Você foi embora? — Ele ficou sério e em nenhum momento desviou o olhar do meu.

— Fui.

— Por quê? É a minha formatura! Você quis vir como meu acompanhante! E o...

— Eu sei. Mas eu voltei, não foi? Eu estou aqui, Morena!

— Por quê? — Ele passou a mão pelo cabelo fazendo com que os cachos se rebelassem e soltassem do gel.

Ainda encarando aqueles olhos que já tinham perdido o medo e as dúvidas, pensei em quando planejou a entrega do colar. Então imaginei que como desistiu de continuar na festa, providenciou a entrega, mas então conseguiu recuperar o equilíbrio e voltou. Era para ser horrível, mas considereei lindo. Patrício tinha as suas limitações, e se estava superando algumas etapas merecia ser aplaudido e não contestado.

— Porque eu te amo! Porque mesmo assustado eu sei que é você quem eu quero. E porque estava louco para saber como essa fantasia ficaria em você!

Seus braços voltaram a me envolver me fazendo relaxar. Ele surtou e conseguiu se conter, pelo amor que sentia por mim. Por acreditar que seria especial estar comigo naquela noite. E eu estava tão apaixonada, tão encantada que não pensei em mais nada, me atirei nos braços daquele homem incrível e me deixei levar.



Enquanto as pessoas começavam a se retirar do baile, sentando para descansar ou desistindo de permanecer na festa, eu me sentia plena. Nunca tive qualquer problema em varar a noite, seja dançando ou transando. Por isso permaneci na pista com Patrício, adorando cada música, nossos movimentos, a maneira como nos paquerávamos mantendo a distância necessária para não escandalizar nossos pais.

E era gostoso agir assim. Eu brincava com a imaginação do meu namorado, que ria gostoso tentando me acompanhar. Era estranho me sentir tão desnudada, tão eu, tão íntima estando tão exposta. Ainda assim, era uma delícia me sentir livre depois de tanto tempo.

Patrício me abraçou mais uma vez, guiando meu corpo conforme o som, depois me fez girar me puxando de volta.

— Vamos embora? — sussurrou em meu ouvido. — Não quero que gaste toda a sua energia dançando.

Fiz questão de me afastar, sorrindo com malícia, rebolando sem parecer vulgar, só para atijar um pouco mais. Patrício se aproximou, o corpo colado ao meu, a boca em minha orelha.

— Morena... — sussurrou com um desejo explícito. Virei em sua direção com confiança.

— Ainda não aprendeu que minha energia é bastante durável? Não se preocupe, eu ainda tenho planos para esta noite. — Toquei o colar insinuando o que estava em minha mente.

— Posso roubar minha irmã um pouco? — Johnny já estava com a mão em minha cintura.

Deixei que ele me tirasse de Patrício porque sabia que minhas últimas palavras atiçariam a sua mente. Meu namorado se afastou com um sorriso sacana e foi em direção à mesa em que a nossa família estava. Johnny dançou comigo sem nada dizer por um bom tempo. Também preferi o silêncio. Eu amava o meu irmão e não queria estragar o momento com mais brigas.

Por este motivo fiquei um pouco tensa quando o senti me conduzir para o fundo da pista e logo em seguida, colocando a mão com gentileza em minha cintura, me levar para fora do salão.

— Qual o motivo disso tudo? — questionei quando me vi sozinha com ele.

— O padrinho quer falar com você. — Colocou as mãos nos bolsos, aguardando que eu dissesse alguma coisa. Mas não consegui dizer nada.

Na verdade, não entendi porque Johnny precisava me tirar de Patrício para me dizer que o padrinho queria conversar comigo. Também não sabia por que o próprio padrinho não fez este trabalho. Ao mesmo tempo senti as pernas tremerem e minhas mãos ficarem geladas.

Mesmo com toda a confusão da formatura, com a emoção do reconhecimento do fim, do amor de Patrício, a nossa conversa não me abandonou nem por um segundo. Ele disse que esperaria passar a formatura para me contar a verdade sobre a doença da madrinha, mas não imaginei que seria logo após a formatura de fato, sem esperar pelo baile, pelo descanso, pelos festejos.

Talvez por isso concordei. Talvez por isso não pensei duas vezes quando Johnny me levou até o carro, abrindo a porta para que eu entrasse. E também pelo mesmo motivo, não me despedi de Patrício. Em nenhum momento minha mente se voltou para ele.

Entrei no carro encontrando a madrinha aguardando por mim no banco de trás. O padrinho seguia na frente com o motorista. O carro deu partida no segundo seguinte não me deixando alternativas. Ela segurou minha mão tentando me acalmar, ou achei que essa era a ideia, porque em seus lábios havia um sorriso doce e tranquilo.

Não dissemos uma palavra durante o percurso. Acreditei que eles não queriam conversar na frente do motorista, mas assim que chegamos à garagem, saímos do carro e o padrinho se juntou a nós, e entendi que provavelmente aquela não seria a nossa conversa tão definitiva.

— Não se preocupe. Patrício vem te buscar em alguns minutos — ele disse quando entramos no elevador e encontrou meu olhar aflito. — Preferi que tivéssemos esta conversa esta noite, já que sua madrinha não quer esperar nem um minuto.

— Porque não quero perder a oportunidade de te parabenizar da maneira correta — ela entrevistou ainda sorrindo com candura. Apesar do gracejo não vi alegria nos olhos do padrinho, pelo contrário. A interrupção da madrinha lhe causou um profundo pesar.

Descemos no nosso andar, ele foi à frente, abrindo a porta nos dando passagem. Sem se importar com a sala escura, seguiu em direção ao escritório, onde finalmente acendeu a luz. Acompanhei os passos da madrinha, confusa, sem entender o que era aquilo tudo.

— Sentem-se. — Obedecemos quase ao mesmo tempo.

O padrinho abriu uma gaveta antes de sentar e retirou de lá um envelope com um laço vermelho. Colocou à minha frente e sentou cruzando os dedos.

— É pra mim?

Olhei de um para o outro aguardando algum comando ou explicação. A madrinha sorriu e o padrinho confirmou com a cabeça. Insegura, peguei o envelope demorando mais tempo do que o necessário, olhando para o laço que pesava o papel fazendo-o emborcar. Olhei mais uma vez para os dois e decidi abrir de uma vez por todas.

Retirei um documento de dentro dele. O papel era timbrado com as informações da empresa do padrinho. Voltei a olhá-los ficando ainda mais confusa. Peguei as folhas com mais cuidado tentando reconhecer o que havia ali.

— É o nosso presente de formatura, querida. — Levantei os olhos encontrando os da madrinha e ela entendeu a minha confusão.

— Já passou da hora de te entregarmos o que é seu. Charlotte vem recebendo porcentagens pequenas das empresas ao longo dos anos, mas você e Johnny não tiveram o mesmo tratamento por não sabermos como deveríamos agir — o padrinho começou a explicar. — Ou talvez por não reconhecermos o que de fato vocês eram em nossas vidas. Pedimos perdão por isso. — Meu coração acelerou me impedindo de falar, mas deixei os papéis sobre a mesa como se eles queimassem meus dedos. — Vocês são nossos filhos tanto quanto Charlotte. Já conversamos sobre isso há um tempo e concordamos que a formatura seria um ótimo momento para reparar esse erro. São as suas ações. Parabéns pela formatura.

Não consegui reagir. Sequer conseguia respirar direito. As lágrimas caíram enquanto eu lutava para entender o porquê daquilo tudo. Ao invés de surtir o efeito que eles esperavam em mim, aquela atitude me fez entrar em pânico. Eu não queria ações, não queria reconhecimento. Eu não queria me sentir como estava me sentindo.

— Miranda? — Senti a mão da madrinha na minha.

— Vocês estão me dando ações das empresas? — Funguei sentindo o desespero batendo à porta.

— Mais precisamente 12,5% de tudo o que forma o nosso grupo empresarial — o padrinho informou.

— O quê? Não! — Retirei a mão da dela me levantando com brusquidão. — Não quero as ações. Vocês trataram de assegurar a minha vida por tempo suficiente. Não preciso de mais.

— Miranda, fique calma — advertiu depois de olhar para esposa e perceber o quanto a minha reação a abalou. — Qual é o problema?

— É isso o que estou tentando entender. Eu esperava uma caneta ou... sei lá, uma viagem, qualquer presente normal, mas... isso! Não posso aceitar.

— Não pode aceitar o que é seu por direito? — a madrinha perguntou sofrida.

— Meu? Isso é de vocês dois.

— Mas será seu quando não estivermos mais aqui.

— E quando isso irá acontecer? Porque estou me sentindo como se estivessemos abrindo um testamento. — Chorei sem reservas. — E eu não quero abrir um testamento, entenderam?

Sem que eu esperasse por isso, fui abraçada pela madrinha com a força e o apoio que eu precisava. Há muito não me sentia tão frágil, tão jovem. E tê-la me confortando me remeteu à infância, quando precisava dos seus braços para me sentir segura.

— Minha querida! Minha menina! — Acariciou meu cabelo me confortando. — Estamos tão orgulhosos de vocês. Hoje foi uma noite linda! Não vamos deixar que acabe assim. Seu padrinho e eu conversamos muito a este respeito. Não se trata de confirmarmos a sua herança, meu amor. É que estamos velhos, não? Também queremos o nosso direito ao descanso. Johnny vem sendo trabalhado há anos para assumir tudo quando seu padrinho conseguir se afastar, então queremos que você e Charlotte não fiquem de fora deste processo. As ações são um símbolo, uma maneira de reafirmarmos o amor que sentimos, não é mesmo, Peter?

— É sim. — Havia mais espanto na voz do padrinho do que certezas.

— Porque as empresas são tudo o que temos, e assim, é tudo o que podemos dar de material. Não estamos dividindo os bens, estamos dizendo que todo o nosso esforço, a nossa ausência, as birras e regras, tudo foi para chegássemos até aqui. — Funguei sem conseguir acalmar o choro. — São só papéis, minha querida. O que mais importa é o que temos aqui. — Segurei minha mão levando-a ao seu coração. — Não podemos deixar para amanhã a vontade de dizer o quanto amamos vocês, porque o amanhã pode nunca acontecer.

— Madrinha...

— Shhhh! É a noite da sua formatura. Patrício vai chegar a qualquer momento e Peter nem vai se atrever a estabelecer um horário, não é mesmo, Peter? — Ouvi o muxoxo de protesto do padrinho.

— Não vou. — Ela riu me fazendo rir um pouco também.

— Desculpe se passamos a impressão errada. É que achamos que um carro não seria o presente mais adequado. — Concordei pensando no assunto.

— E sinceramente, que viagem poderíamos proporcionar se tudo o que você quer está preso aqui, no Rio de Janeiro, com horário estabelecido e uma carteira assinada? — o padrinho falou se referindo a Patrício, o que me fez pensar no quanto era verdadeira aquela afirmação. Patrício era um funcionário, não podia decidir largar tudo e me seguir para onde quer que eu fosse.

Senti o coração se acalmando aos poucos. Como eu era boba! No mesmo instante ouvimos a campainha da casa. Ela me olhou com aquele sorriso tão doce que desarmava. Enxugou

minhas lágrimas enquanto o padrinho levantava.

— Deve ser ele. Vocês já têm um plano?

— Mais ou menos. — Tentei me recompor dando tapinhas no rosto para disfarçar o choro.
— Acho que vamos... jantar?

— É uma ótima forma de comemorar. E vocês não comeram nada a noite toda, só ficaram na pista.

— Verdade — confirmei percebendo que não havia fome em mim. Pelo contrário, meu estômago revirava.

— Vamos. Não queremos que Patrício fique muito tempo com Peter. — Piscou divertida me fazendo rir mais uma vez.

— Vamos.

Deixei que a madrinha me levasse para fora do escritório me obrigando a não pensar mais no assunto. Os papéis ficaram para trás, mas não a sensação estranha que eles me causaram. No entanto, não queria voltar ao assunto. Não queria que eles entendessem de forma errada a minha reação. Por isso forcei meu coração a se acalmar e consegui chegar à sala a tempo de ver meu namorado e o padrinho trocando olhares esquisitos.

— Aqui está ela. — A madrinha me fez passar à sua frente me exibindo como um prêmio. Patrício respirou aliviado. Era quase cômico.

— Graças a Deus! — Eu o ouvi suspirar e tive vontade de rir. — Então... vamos?

— E para onde vocês vão mesmo? — o padrinho perguntou com aquela postura de quem quer intimidar.

— Peter! — a madrinha esbravejou.

— Só quero saber onde a minha filha vai estar. É errado?

— Você prometeu!

— Eu prometi que não estabeleceria um horário. O Rio de Janeiro não é seguro. Eles vão ficar por aí?

— Não — ouvi Patrício interferir. — Na verdade eu estava pensando em jantarmos.

— Viu? — a madrinha voltou a falar segurando em seu braço para tirá-lo do nosso caminho. — Agora deixe-os sair, seu velho rabugento.

— Só estou garantindo a segurança deles.

— Claro que está. Agora venha. Eles precisam ir.

— Que seja! — Deu de ombros ainda resmungando, mas sem resistir à madrinha que já o puxava em direção à escada. — Se quer mesmo saber, cansei de fingir que não sei das coisas.

Olhei para Patrício, surpresa pela revelação feita, provavelmente acreditando que eu não ouviria. Ele me deu um sorriso nervoso, ansioso para deixar aquele apartamento.

— Vamos logo de uma vez, Miranda. Ele pode mudar de ideia e...

— E você pode acabar fazendo xixi nas calças.

— O quê? Não é nada disso. — Revirei os olhos andando em direção à porta. — É só que não quero ficar me justificando. Não faço isso nem com os meus pais.

— Ah, não. Falou o cara que aos trinta e um anos ainda mora com os pais.

— E pretendo morar por um bom tempo, então vá se acostumando. — Patrício passou por mim sem se abalar com minha provocação.

— Seria bom se você também começasse a se acostumar com metade do seu salário em motel. Porque não pense que vou aceitar transar em sua casa com seus pais no quarto ao lado. — Meu namorado parou, mordendo o lábio enquanto esperava o elevador. Arqueei uma sobrancelha desafiando-o.

— É por isso que tenho a sua cama, o carro, a casa da irmã, do irmão e... — Retirou do bolso um cartão preto com letras douradas que me abalou mais do que qualquer outro momento daquela noite. — Um clube.

Putá que pariu!

CAPÍTULO 32



*“E eu vou tratá-la bem, pra que ela não tenha medo.
Quando começar a conhecer os meus segredos.”*

SEGREDOS – FREJAT

— QUEM TE DEU ISSO?

Minha voz saiu engasgada. Não sei se estava fervendo de raiva ou de vergonha. O elevador chegou, mas não entramos, ficamos nos encarando. Patrício nada disse, mas reagiu quando tentei pegar o cartão da sua mão.

— Como você conseguiu este cartão?

— Eu posso ser lento, Miranda, mas não para perceber que a pergunta correta seria: o que é isso? — A acusação em seu olhar me desarmou.

Parados no corredor, em frente ao elevador, do lado de fora da minha casa eu via aquele momento que sempre temi chegar, me esmagando com toda a sua força. Tremi, mas levantei a cabeça mantendo o que podia da minha dignidade. Eu sabia que um dia teria que contar tudo a Patrício, só não imaginava que seria como uma avalanche me soterrando sem piedade.

— Não importa qual seria a pergunta — revidei sem me importar com a acusação.

— Então... — Ele guardou o cartão no bolso outra vez. — Se não importa, qual o motivo da discussão?

Parei incrédula. Aquilo não podia estar acontecendo tão rápido. Talvez eu não merecesse um caminho tranquilo e iluminado. Patrício estar com aquele cartão de convidado para participar do clube me mostrava isso. Mais uma vez minhas mentiras cobravam um preço alto. Estremeci.

— Aqui não é o melhor lugar para esta conversa.

— Concordo. — Ele saiu da frente me dando passagem.

Fizemos um percurso longo em silêncio. Não sabíamos para onde ir. Para mim, qualquer lugar teria o mesmo efeito. Seria sufocante e frio. Não poderíamos voltar para a minha casa. Não. Eu jamais poderia deixar que o padrinho acompanhasse aquela conversa. A casa dele também foi descartada por todos os motivos óbvios.

Era tarde e perigoso para ficarmos rodando de carro. Recusei todos os restaurantes que ele sugeriu. O problema podia até ser grande, mas nem isso me faria entrar em qualquer lugar, vestida com uma fantasia. Por mais arrasadora que esta fosse.

Optamos por um motel. Pela primeira vez um local como aquele não significava uma promessa. Senti as mãos gelarem mesmo com as luvas. O coração deu um salto à medida que nos aproximávamos da suíte reservada. Patrício estacionou, desligou o carro, mas não saiu de dentro dele. Mantendo uma postura defensiva, virou em minha direção aguardando pela conversa.

— Você já sabe a resposta. — Fui direta. Não dava para ser diferente. Ele respirou fundo digerindo o que eu havia acabado de falar.

— É aquela casa, não é mesmo? — Balancei a cabeça concordando. Patrício mordeu os lábios enquanto divagava. — O que você faz lá?

— O mesmo que você faria se aceitasse o convite.

— É uma casa de prostituição?

— Não! O quê... Deus do céu! Quem te entregou este cartão não te explicou nada? — Negou me deixando estarecada. — Tá legal! Vamos ter esta conversa. — Seu silêncio não era um incentivo. Para mim, parecia mais uma sentença.

Não dava mais para mentir, inventar uma história que o fizesse desistir daquilo. Patrício merecia a verdade, contudo, doía só de imaginar como seria se decidisse me deixar por causa dela.

— É uma casa destinada à realização das nossas fantasias. Ali você encontra um pouco de tudo desde que os participantes estejam de acordo. — A imagem de Tiffany sendo violentada sob o olhar de Alex pela primeira vez me causou repulsa. — As pessoas vão para se divertir, e, claro, em busca de sexo.

— Era o que você fazia? Ia lá e escolhia alguém para transar?

— Basicamente. — Seus olhos se fecharam como se ele buscasse o controle. — Não quero ficar aqui justificando porque procurei o clube. Eu não te conhecia, era solteira, livre, desimpedida e o principal, tinha dinheiro para frequentar algo do tipo.

— Dinheiro?

— Sim. Ou você acredita que qualquer pessoa pode frequentar o Harém? Esse cartão é um convite para conhecer as atividades, mas não lhe dá o direito de frequentar. Para isso precisa ser membro.

— Você é membro de um clube de sexo?

— Sou... era... sou.

Levantei o rosto em minha defesa. Por mais difícil que aquela conversa fosse, eu não precisava me envergonhar das minhas decisões. Era aquilo que eu era e se Patrício quisesse ficar comigo teria que me aceitar com o meu passado.

— Quem te deu este convite?

— Uma amiga.

— Quando?

— Faz diferença?

— Se não fizesse eu não estaria perguntando. — Meu namorado voltou a morder o lábio inferior, pensando no assunto.

— Quando estávamos separados. Eu estava seguindo em frente depois do que descobri ao seu respeito. Puta merda! — Riu nervoso. — E eu pensando que aquilo poderia ser o mais

grave. Foi por isso que fugiu de mim? Porque frequentava esse clube? Abriu mão do que sentia porque preferiu continuar lá?

— Não. Você nunca falou de amor. Eu vi como ficou quando descobriu sobre Moisés e imaginei que não conseguiria entender. Vejo que não estava enganada. — Outra vez o silêncio se fez entre a gente.

— Você foi lá enquanto... — engoliu com dificuldade sem conseguir terminar a frase.

— Não. Não com um compromisso entre nós dois. — Quando seus olhos alcançaram os meus encontraram a sinceridade das minhas palavras e acabou aceitando.

— Como funciona?

— Bom... o salão principal é como uma boate. Uma frequentada pela alta sociedade, estrelas do entretenimento, pessoas capazes de pagar os altos preços. Você pode passar a noite lá, dançando e bebendo se esta for a sua vontade. Tudo vai acontecer conforme o seu desejo.

— Como assim?

— Se alguém te interessar. Se essa pessoa estiver de acordo com o que você pretende fazer.

— E como acontece? Como essas pessoas estabelecem o que será feito?

— Quem frequenta já tem todo o jeito para abordar. Conhece a casa. Quando você é abordado pode ou não concordar. No caso de não haver interesse segue a procura. Ou então apenas aproveita o que aquele salão pode te oferecer. Neste, não pode haver sexo, mas a paquera é livre. Celulares não são permitidos. Não é aconselhável a troca de informações.

— Troca de informações?

— Nomes.

Um leve arrepio percorreu minha pele ao me lembrar da conversa com Éder. Alguém ali dentro sabia o meu nome. Por um breve segundo pensei na possibilidade do meu namorado ter sondado o local e descartei no segundo seguinte. Ele nem sabia como funcionava. Não havia sido ele.

— O básico: profissão, idade, estado civil.

— Entendi. Nada que te incrimine.

— Exatamente. — Um pequeno sorriso brincou em seus lábios enquanto digeriria o assunto.

— E o que tem além deste salão? Onde as coisas acontecem?

— Se você tiver um acordo, desce para as salas subterrâneas. O salão maior é uma exibição pública. Algumas pessoas preferem se exhibir, outras se empolgam com o que estão vendo. Neste salão tudo é livre, mas mantendo o bom tom e o comportamento adequado. Várias camas e sofás espalhados ajudam a atividade.

— Era neste que você ficava?

— Nem sempre. — Vi a reprovação voltar ao seu olhar. — Quase nunca. Existem os quartos. Alguns com convite aberto. Você pode entrar e assistir o que o anfitrião faz. Não pode participar a não ser que seja convidado.

— Mais exibição.

— Isso. Os quartos sem convite são fechados. Só quem tem um acordo pode ficar ali.

— Um casal?

— Não importa quantos ou a sexualidade. É o acordo o que conta. Se você tem duas convidadas e elas estiverem de acordo, o quarto é o cenário de vocês.

— Entendi.

— E existem os aquários. Algo mais orquestrado, com ação exibicionista, contudo, para um público mais restrito.

— Acho que deu para ter uma ideia do que encontrarei lá.

— Você vai?

— Nós vamos.

— Não! — rebati com força. Eu não estava preparada para aquilo. Ainda.

— Você disse que tudo precisa ser um acordo. Temos o nosso. Só vamos lá conhecer.

— Patrício, não! Eu não... não quero ir.

— Não quer ir comigo?

— Não quero ir. De forma alguma. Sozinha, acompanhada, nada. Por que você acha que deveríamos fazer isso?

— E por que você acha que não? Casais frequentam lugares como este, não é mesmo?

— É o que você quer? Os casais vão para escolher novos parceiros. Para os dois. — Recuou. — Está preparado para algo do tipo? Porque eu não estou.

Não era para simplesmente encerrar o assunto. As coisas não se ajustariam daquela forma, eu me negando a conversar. Contudo imaginar Patrício comigo naquele clube deixou de ser um desejo muito rápido, passando a ser um pavor.

— Se é assim que você vive então eu deveria conhecer o seu mundo, Morena. Não é o que sempre disse? Que eu não te entenderia nunca, que não fazia parte do seu mundo? Então? Estou disposto a entender, a saber como funciona. Se não for legal a gente conversa e consegue uma maneira de equilibrar nossas vidas outra vez.

Sua mão ficou na minha, cobrindo-a com segurança.

— Ah, Patrício! Você não tem ideia de como vai ser. É... meu Deus! Eu sempre achei muito legal os casais aceitarem aquilo. Achava que era perfeita a liberdade, mas... não é uma liberdade que eu queira viver. Não agora.

— Por quê?

— Porque eu te amo! — Sofri com a confissão. Como se amar Patrício e frequentar o clube não pudessem jamais coexistir. — Porque não quero que nada esteja entre nós dois.

— Muita coisa está entre nós dois, gata! E mesmo assim estamos aqui. Eu te amo também. Relaxe! Só quero te conhecer mais profundamente.

O que ele não fazia ideia era de quanta escuridão encontraria se mergulhasse tão fundo em mim. Que tipo de podridão poderia cercá-lo.

— Pode pelo menos pensar no assunto? — Concordei sem muita convicção.

Patrício abriu a porta do carro e desceu.

— O que está fazendo?

— Estou com fome, Morena. No quarto conseguiremos comida, aqui não. Vamos.

Desci do carro sem qualquer ânimo para aquele jantar estranho. Todos os meus planos não tinham qualquer sentido depois daquela conversa.



Prometi que pensaria no assunto. E pensei. Foi tudo o que fizemos desde a formatura. Não consegui tirar da minha mente aquele cartão nem por um milésimo de segundo. E mesmo que conseguisse por minha vontade, não conseguiria pela de Patrício.

Depois da nossa conversa o assunto entrava em pauta a cada encontro. Eu pedia mais tempo e ele parecia implorar para que este acabasse o quanto antes. De nada adiantaram todos os meus argumentos.

— João disse que é a maior e melhor casa de swing do Brasil.

— João não sabe de nada — rebati querendo me manter indiferente.

— Como pode saber? — Meteu a mão em meu balde de pipoca roubando uma porção generosa.

A sessão do cinema estava quase vazia, o que permitia que Patrício conversasse livremente sobre o assunto. Eu não estava acostumada a debater o tema em público, então cada palavra me incomodava como não deveria.

— Ele nunca esteve lá.

— E como você sabe disso? — desdenhou.

— Simples. Eu nunca o vi por lá.

— Isso não quer dizer nada. A não ser que você frequente a casa antes da maioridade. — Suas palavras continham censura e medo. Contudo as dele me causaram o mesmo impacto.

Se João Pedro frequentou aquela casa algum dia, eu corri risco.

— Tenho certeza que Alex também já foi lá. João também acha isso.

Ah, sim. Ele foi para ver a namorada ser estuprada. Passei o balde de pipoca para Patrício decidida a não comer mais. Meu estômago estava embrulhado.

— Alex é um babaca.

— Não consigo entender. Se você curtiá tanto, por que não podemos ir juntos? Nem que fosse só para observar.

— Você gosta disso? Olhar as pessoas transando?

— Você não? É como um filme pornô, só que ao vivo. — Riu sacana. Eu não conseguia mais acompanhar o seu bom humor. Não depois de tanta pressão.

— E se surgir um convite? Não podemos chegar lá e descer só para olhar. Precisamos de um acordo para termos acessos aos quartos.

— Você fala de um convite de outra pessoa? Podemos escolher alguém legal.

— Um homem? — Eu tinha plena consciência de que a ideia o retrairia. Patrício se mexeu incomodado.

— Não.

— É disso o que estou falando. Se você não quer me assistir com outro homem, por que acredita que vou querer assisti-lo com outra mulher? — Ficamos em silêncio, ambos olhando para a tela do cinema.

— Eu pensei que você curtia essas coisas — sussurrou quebrando o clima de paz que já começava a se estabelecer.

— Eu curtia, quando eu era a terceira pessoa. Não quando teremos que escolher uma garota para ser.

— E que diferença faz?

— Muita. Patrício... esqueça isso! Caramba! Vamos assistir ao filme.

— Não dá, gata! Não vou conseguir sossegar, entende? Eu quero muito ir. Então, por que eu não vou sozinho e...

— O quê? — gritei sem me importar com o casal que se agarrava na última fila. — Você não está pensando em ir lá sozinho, não é?

— É só que assim seria mais tranquilo.

— E se eu fosse sozinha, você ficaria tranquilo? — Outra vez ele se mexeu incomodado. — Esqueça, Patrício! Nós não vamos!

— E se fizéssemos um acordo?

— Não vamos!

— Pelo menos ouça o acordo.

— Santo Deus! Não é possível uma coisa dessas. Juro que se eu soubesse quem foi essa garota que te deu o convite eu a estrangularia! — Ele riu. Não havia nada de divertido em minha ameaça.

— Vamos fazer assim: nós vamos. Sentimos o clima. Conhecemos as pessoas e decidimos lá o que faremos. O que acha?

— Acho que vai dar problema.

— Não tem como dar problema. Nada vai acontecer sem o consentimento dos dois, não é mesmo? — Olhei para o meu obstinado namorado entendendo que enquanto ele não fosse naquele maldito clube, não teríamos paz.

— Tudo bem, Patrício! Mas a nossa regra é: se um não concorda o outro não faz. Entendeu?

Fui tomada por um homem empolgado, que me beijou com entusiasmo, fazendo-me quase cair na outra poltrona. Ele queria mesmo conhecer aquele clube.

— E isso não é uma promessa. Eu ainda vou pensar no assunto.

— Mas...

— Assista ao filme!

Meu namorado virou para frente incomodado. Não havia como fugir daquela realidade, então que acontecesse de uma vez.



Patrício me deixou em casa no final da tarde. Disse que tinha uma coisa importante para fazer e quando o pressionei descobri que ele e João Pedro combinaram de aterrorizar Alex um pouco, já que o recém-casado mal aparecia. Tive vontade de revirar os olhos. Como os homens, por mais idade que tivessem, conseguiam ser tão infantis?

Fiquei com pena da minha irmã.

Entrei em casa decidida a refazer a pesquisa sobre a pós-graduação. Eu precisava fazer alguma coisa e estava muito tentada a me embrenhar no mundo editorial. Trabalhar como agente seria um pouco pretensioso para o momento, mas eu tinha cacife para revisão crítica e este seria um bom começo.

O padrinho estava no escritório, como sempre, ao telefone, falando rápido demais. Acenei e subi as escadas sem querer atrapalhá-lo. Se ele estava em casa então a madrinha com certeza estava também.

A porta do quarto deles estava aberta, o que deixou claro que eu não conseguiria passar despercebida. Também não seria ruim parar e conversar um pouco, expor os meus sonhos, principalmente depois da noite anterior e do meu pequeno escândalo porque fui presenteada com ações do grupo empresarial deles.

Céus! Eu tremia só de lembrar.

Parei à porta do quarto percebendo-o vazio. Estranho. Entrei com cuidado, afiando os ouvidos para detectar qualquer som. E então a encontrei. Meu coração perdeu uma batida e tudo pareceu partir e se espalhar pelo ar. A madrinha estava caída entre a porta do *closet* e o quarto. Estava desacordada e parecia... morta.

CAPÍTULO 33



*“Pra não perder a magia de acreditar na felicidade real.
E entender que ela mora no caminho e não no final.”*

ERA UMA VEZ – KELL SMITH

NÃO ERA SÓ AS MINHAS MÃOS QUE TREMIAM. MEU CORPO INTEIRO PARECIA CONVULSIONAR enquanto eu era mantida do lado de fora daquele quarto de hospital.

Quando descobri a madrinha caída, desmaiada, gritei tão desesperadamente que logo em seguida estava correndo atrás do padrinho que a segurava no colo, gritando para que tudo ficasse pronto para atendê-la. A única coisa que consegui fazer foi acariciar seu rosto deitado em meu colo no banco de trás do carro enquanto constatava o quanto ela estava pálida e fria.

E sim, eu chorei. Chorei, mesmo quando não queria mais chorar, quando me obriguei a ser forte e entender primeiro a situação. Chorei quando liguei para Charlotte e quando atendi a ligação de Patrício. Chorei quando Johnny chegou e também foi impedido de entrar.

O tempo parecia que não passava. Eu encarava a porta como se não pudesse piscar para não perder nada. Então o padrinho saiu de lá de dentro. As feições de súbito envelhecidas. Foi assustador. Ele olhou para Johnny, que concordou sem nada dizer, os olhos cheios de lágrimas com a compreensão. Então eu percebi, Johnny já sabia da verdade.

— Miranda? — O ar ficou preso em meus pulmões. — Vamos conversar?

Não sei como consegui levantar com as pernas tão trêmulas. O hospital parecia congelar sem vida. As paredes exalando dor e sofrimento. À medida que nos afastávamos meu corpo reconhecia a realidade. Ela estava partindo.

Entramos em sua sala. A secretária nos olhou, mas nada disse. Ele abriu a porta e me deixou entrar. Não sentei, apesar de saber que minhas pernas não suportariam. Mas eu sentia um impulso insuportável de fugir, de correr, de gritar até que não restasse mais ar nos pulmões.

— Ela vai morrer, não é?

Mais uma vez escolhi ser a primeira a falar. Não havia espaço para floreios ou enrolações. Eu queria a verdade. Contudo não sabia que esta seria tão dolorosa. O padrinho concordou sem nada dizer e então me dei conta de que mesmo esperando aquela resposta, jamais estaria preparada para ela. Nunca.

Seria muito clichê dizer que meu mundo desmoronou? Se for, existe alguma expressão mais convincente do que esta? Porque não havia como dizer que o mundo continuou de pé, girando e seguindo o seu curso quando alguém que amamos estava morrendo. Para dizer a verdade, não havia como o mundo continuar existindo depois disso.

Minha mãe era doce, apesar de tudo o que a vida lhe fez. Ela foi gentil e carinhosa, mesmo quando me ensinou que a vida não seria fácil e se fosse, que eu desconfiasse. Ela me disse que eu deveria sempre seguir em frente e foi o que fiz, mesmo quando ela não estava mais lá,

mesmo quando Thomas me machucou e quando quase morri arrancando um pedaço dele de dentro de mim. Eu fiz o que ela me pediu.

Mas e a madrinha? A madrinha foi muito mais do que uma mãe. Ela foi um anjo. Ela sorria e qualquer peso parecia muito mais leve. Ela me tocava e todos os problemas deixavam de existir. Ela esteve lá quando eu não tinha mais ninguém. E ela não me disse o que eu deveria fazer para continuar. O que eu faria?

Deus! Limpei as lágrimas me dando conta de que todos eles, o padrinho, Johnny e Charlotte, principalmente Charlotte, também perderiam aquele anjo. Mais uma vez eu teria que ser forte para apoiá-los.

E onde encontraria força? Onde? Quando tudo dentro de mim se partia e desmoronava?

— O que ela tem?

— Câncer. — Pela primeira vez ouvi a voz do padrinho sem o seu poder. Ele estava tão destroçado quanto eu. Meu Deus! Há quanto tempo carregava aquele segredo sozinho? — Tentamos de tudo. Buscamos todas as promessas de milagre. Ela resistiu por tempo demais.

— Então... — Minha cabeça não parava. Muitas informações chegando ao mesmo tempo, tudo misturado e ao mesmo tempo, se organizando, dando sentido a várias dúvidas. — Ontem...

— Não! Quer dizer... — Ele me olhou aflito. — Ela sempre está certa, não? Sua madrinha tinha certeza que nem você nem o Johnny aceitariam receber as ações como parte do testamento, então...

— Deus!

— Ela quis assim, Miranda. Assim como quis que não contássemos nada. Decidiu que esperaríamos a formatura.

— Então foi por isso que o senhor pressionou tanto para que Charlotte casasse logo. — Vi meu padrinho ficar envergonhado e admitir sem nada dizer. — Não foi justo.

— Não foi. Você nunca vai entender e Charlotte jamais vai ser capaz de nos perdoar. Mas foi impossível resistir ao brilho nos olhos de Mary, a alegria em poder presenciar uma das filhas casando... Quando descobrimos a doença... — Respirou emocionado. — Ela foi muito forte. Não teve medo de morrer em momento algum, mas teve medo do que perderia de vocês. De tempos em tempos, quando eliminávamos uma barreira e encontrávamos outra, ela se alegrava com o que tinha conseguido viver com vocês e logo em seguida lamentava o que não conseguiria. Posso ser egoísta, mas não quis que Mary perdesse a chance de assistir ao casamento da filha. E Charlotte nunca vai ficar sabendo disso. — Seu olhar deixava claro que aquela era uma ordem. Não o questionei. Quem era eu para desfazer de qualquer decisão dele tendo como motivo o que restava de vida na mulher que amava?

— Johnny já sabe?

— Sabe. Conversamos antes e ele concordou em não contar. Estava ficando cada vez mais complicado esconder a verdade.

— Alex?

— Também.

— Merda! — Olhei rapidamente para ele me desculpando pelo palavrão, mas percebi que o padrinho nem havia notado.

— Charlotte vai enlouquecer! — Sentou no sofá, derrotado, afundando a cabeça entre as mãos. — Charlotte vai enlouquecer — repetiu cansado.

— Nós vamos estar aqui por ela. — Sentei ao seu lado colocando meu braço sobre os seus ombros. — E pelo senhor também. — Ele concordou sem nada dizer, colocando a mão sobre a minha.



Entrei na sala com todo cuidado. O quarto estava relativamente escuro. Ela estava deitada, imóvel. Vários fios ligados ao corpo. Os bips incessantes. O cheiro de hospital remetia à morte de forma fantasmagórica. Ela estava tão frágil. A coberta que a cobria lhe dava uma aparência física quase infantil. Tive medo de me aproximar. Sei lá!

A mente da gente é incrível. Ela se protege dos medos, da tristeza. Eu olhava aquela mulher deitada e não conseguia sentir nada. Era como se eu me negasse a acreditar que era ela ali. Na verdade, era como as visitas que fazíamos ao hospital, quando entrávamos em cada enfermaria, em cada quarto, visitando os pacientes. Por isso dentro de mim ainda havia a ideia de que ela entraria a qualquer momento, com o seu sorriso sincero, seu olhar doce, levando a esperança onde havia apenas um fiapo de vida.

Sozinha, olhando para aquela cama, eu nem fazia ideia do que poderia dizer para que a esperança persistisse. E me sentia ridícula. Porque nada do que vivi ao seu lado me ensinou a ser generosa o suficiente para não sofrer, chorar e implorar para que ela não me deixasse.

Sentei no sofá, mantendo-me distante, mas sem conseguir desviar o olhar dela. Minha cabeça ia a muitas direções. Onde estava Johnny? Por que Charlotte não estava lá? Eu mesma liguei para ela. Não fazia sentido.

Uma enfermeira abriu a porta, me olhou como se estivesse antecipando os pêsames e voltou a atenção para a madrinha. Irritada, virei o rosto me negando a assistir tudo outra vez. Os olhares de pena, a ideia de que não havia qualquer esperança. Não. Eu não queria viver aquele inferno outra vez. Não queria.

Ouvi a porta se fechando e só assim consegui me voltar à madrinha. A luz fraca, azulada, sobre ela, fazia tudo parecer tão místico. Levantei sem entender muito bem porque agia assim. Ao chegar à cama, com cuidado, mais do que imaginei ser capaz, toquei sua mão percebendo as veias alteradas, os fios que distribuíam aos poucos a medicação necessária.

Toquei sua pele usando apenas um dedo. Tive medo de ir além disso. Ou de constatar que era tarde demais. Não podia ser tarde demais. E então me peguei projetando como seria quando tudo acabasse. Como seria voltar para casa sem ela? Como funcionaria aquela família sem o seu pilar?

Eu, mais do que qualquer uma ali, entendia o que era enxergar o buraco que ficava com a

ausência de alguém que jamais voltaria. Um buraco que nunca seria fechado, substituído, preenchido. E isso deveria me fortalecer, porque apesar de toda dor, a gente continua, a gente vive, sorri, dorme e até faz planos.

Mas não fortalecia. Porque eu demorei muito para aceitar e não mais sufocar com aquele buraco em meu peito e ainda assim, ele permanecia ali, doendo de tempos em tempos, me castigando e me fazendo perceber que não existem maneiras de sobreviver intacto à partida de alguém.

E como se toda a minha dor não fosse suficiente, aos vinte e um anos eu precisaria aprender a conviver com dois grandes buracos em meu coração. Senti as batidas desesperadas no peito, protestando por antecedência, implorando para que não fosse desse jeito. Porque eu conhecia a dor, decorei todos os estágios, sufoquei com ela e não queria passar por nada disso mais uma vez.

Foi neste instante, ao me dar conta de que nada poderia ser feito para evitar a dor, que parti ao meio e me rendi ao sofrimento. O choro chegou com violência, enfraquecendo minhas pernas, dominando meus sentidos e roubando todo o meu controle.

Duas mãos fortes me auxiliaram e um corpo maciço foi o meu sustento. Não precisei olhá-lo para saber que ele estava ali. Patrício era único em seu toque, no seu jeito e na maneira que encontrava para ser a minha força quando não me restava mais nada. Ele me virou com cuidado, oferecendo o peito para que ali eu chorasse sem medo.

E me deixei levar. Extrapolei minha dor. Chorei tudo o que me sentia no direito de chorar. Porque entendia que muita dor ainda vinha pela frente, e quando o chão de todos faltasse, eu precisaria estar de pé para segurá-los.

Fui levada ao sofá e um copo com água logo estava em minhas mãos trêmulas. Mas eu não queria ser cuidada, não queria me deixar fragilizar. Entendi a importância da minha força para aquela família que me amparou quando mais precisei. O choro teve o seu momento, e haveria outros, eu podia afirmar, contudo, seria como sempre foi, no banheiro, onde ninguém mais pudesse me ver.

— Charlotte... — Patrício fez uma careta estranha e passou a mãos pelos cachos. Entendi que o problema estava apenas começando.

— Alex está com ela.

— E o padrinho? — Outra careta. Ele mentia.

— Está com Alex. — Concordei só porque não queria entrar naquela nuvem de problema. Olhei outra vez para a madrinha. — Sinto muito, Morena.

— Você já sabia — acusei sem me sentir ofendida pelo fato.

Do que importava se ele soube antes, se guardou segredos? Nada mudaria os fatos e, se tínhamos tanto pela frente, que valor teria olhar para trás?

— Peter me contou ontem, antes da formatura. Não imaginei que era algo tão imediato. Ele me pediu segredo. Desculpe. — Sorri e acariciei sua mão em meu joelho.

— Tudo bem. Até mesmo os segredos fazem parte de qualquer relação, não é mesmo?

Patrício abaixou a cabeça, envergonhado. Eu não achava que era para tanto, ainda assim, não perdi meu tempo pensando em suas reações. Havia um problema muito maior do que a maneira como ele se sentia por ter aceitado manter aquele segredo. E se não me atingia, por que alimentá-lo?

— Ela estava linda ontem. Estava feliz, não foi? — Concordeu sem nada dizer. — Ela me deu as ações das empresas. Disse que era o meu presente de formatura. Parece loucura, mas eu sabia que era a minha herança. Foi como senti, mas ela disse que não, e, como sempre, me convenceu de que nada daquilo era necessário. — Limpei outra lágrima que desceu pelo meu rosto. — Que danada! — Sorri com amargura. — Sabe, Patrício, essa mulher... — Apontei para a madrinha sobre a cama. — Vai morrer com dignidade. Vai morrer em paz. Não é maravilhoso?

Ele alisou meu joelho, provavelmente pensando no quanto eu já estava fora de controle. Acontece que nunca estive tão centrada em toda a minha vida. Minha mãe nunca conseguiu ser feliz por completo. Ela olhava o céu e você podia contemplar a tristeza e a saudade que sentia da família. Remoendo a dor da sua história. Nunca teve a chance de refazer os seus caminhos, ajustar as mágoas e seguir em paz. Quando foi arrancada pela morte assim, como um piscar de olhos, partiu sem nunca ter sentido o sabor da paz de espírito.

A madrinha não. Ela foi além do que poderia. Dedicou-se às causas nobres. Amou e cuidou da família. Venceu a própria doença para estar ao nosso lado nos momentos em que mais precisaríamos. Ela nos amou como filhos, comprovando que o sangue não é nada para o coração de uma verdadeira mãe. E foi lindo. E mágico.

Aquela mulher deitada sobre a cama do hospital, deixando que a vida abandonasse o seu corpo pouco a pouco, superou a própria dor, foi capaz de levar esperança ao próximo quando sabia que não havia qualquer esperança para ela mesma. E todos os meus maiores exemplos vieram dela.

Foi por isso que entendi a sua decisão e aceitei a missão que deixava para mim, prometendo que daria continuidade, mesmo quando não me restassem mais forças para continuar. Aqueles corredores jamais ficariam vazios de amor, jamais deixaria de transportar a esperança e de levar alegria aos mais necessitados.

Aquela seria a minha promessa.

Um clique avisou que alguém entrava no quarto nos fazendo olhar em direção à porta. Johnny entrou evitando olhar para a cama. Ele também não estava preparado, por mais tempo que obtive para conviver com a ideia. Meu irmão, com os olhos vermelhos acusando o choro, caminhou com cuidado em nossa direção e se agachou à minha frente.

Ficamos nos olhando por um tempo sem nada dizer. O que poderia ser dito? De verdade? Nada. Nenhuma palavra seria capaz de acalmar um coração que sofria a perda de um amor. Nenhuma palavra acalentava. Os românticos que me perdoem, mas não existem palavras que sejam capazes de expressar nem a dor nem o amor.

Nunca conseguiríamos ser profundos demais para atingir este grau, e nosso vocabulário era simplório, raso, pobre. Não. Nenhuma palavra resumiria a dor dos que ficam, da mesma forma, jamais seriam capazes de aplacá-la.

— O padrinho quer falar com você — informou com a voz baixa e rouca, comprovando o choro recente.

— Por que ele não está aqui? E Charlotte?

— Aqui não é lugar, Miranda. Venha. — Segurou minha mão com firmeza. — Venha também, Patrício.

Eu não queria sentar em uma mesa de reuniões e discutir os pormenores daquela morte. O que deveria ser feito e como deveríamos agir. Não. A madrinha ainda estava viva e enquanto estivesse assim eu queria permanecer ao seu lado. Mesmo assim obedeci, como sempre fiz.

Saímos do quarto. Uma enfermeira, como se soubesse que aquela era a sua deixa, ficou em nosso lugar. Com certeza o padrinho não queria a esposa sozinha. Cansada demais, me deixei conduzir até a sala dele, confabulando que não daria qualquer opinião ao que eles decidissem. Pouco me importava com o que fariam com o corpo depois da sua partida. O que valia dela partiria para nunca mais voltar, e aquela era sua parte mais valiosa.

Johnny abriu a porta da sala me dando passagem. Patrício entrou logo atrás e assim que meu irmão nos seguiu fomos fechados dentro daquela sala que exalava a alma da madrinha. As lembranças dos dias em que ficávamos ali esperando a hora de visitar as alas me atacaram e meu coração parecia se contorcer. Engoli a tristeza, forçando-a para algum lugar lá no fundo da minha alma e encarei o padrinho e Alex.

Onde estava Charlotte?

— O que aconteceu? — Fui direta, como costumava ser. Eles trocaram um olhar tenso. Alex virou de costas olhando através da janela e o padrinho caminhou em minha direção.

— Ela ligou pra você?

— Não! Onde ela está? — Olhei outra vez para Alex, mas ele não me olhava e nem me dava qualquer pista do que estava acontecendo. — Onde está Charlotte? — falei mais alto exigindo que acabassem de uma vez por todas com aquele suspense.

— Não sabemos — foi Alex quem respondeu, mesmo sem me olhar. — Ela fugiu quando soube o que estava acontecendo.

— O quê? Como assim ela fugiu? — Patrício colocou a mão no meu ombro quando percebeu que eu iria ao encontro do seu irmão para interrogá-lo. — Ela não pode ter fugido. Já ligaram para casa? Para o celular dela?

— Fizemos o possível, Miranda — o padrinho falou mais firme, indicando que a situação exigia certo equilíbrio. — Ela... Ela fez o que já imaginávamos. Todos sabíamos que Charlotte não suportaria com tanta facilidade.

— Sabíamos, mas foi exatamente por isso que Alex entrou no plano tão rápido, não foi? — acusei os dois. O padrinho não pareceu ofendido, mas Alex se encolheu com as minhas

palavras.

— Ela acredita exatamente nisso — falou com a voz magoada. — Foi por isso que ela fugiu. Charlotte não acredita no meu amor.

Quando ele virou para me encarar, acabei recuando em minha acusação. À minha frente estava um homem sofrido, desesperado não apenas pela dor da sua esposa, mas pela sua perda, que poderia ser tão permanente quanto à de todos nós. Foi então que entendi que aquele plano nunca poderia ter dado certo.

Charlotte não se parecia comigo em nada. Ela levava muito a sério a cumplicidade. Levou anos para confiar em alguém, para acreditar que valeria a pena se apaixonar e nesse amor colocou tudo o que sonhava. Companheirismo e lealdade estavam no topo da sua lista.

Puta merda! Como não entenderam esta parte tão importante do plano?

Olhei para todos eles, o padrinho, Alex, Johnny e o próprio Patrício. Todos não faziam ideia do que poderiam fazer naquele momento. A madrinha morrendo em um leito de hospital e Charlotte desaparecida, desesperada e dilacerada pela doença da mãe.

Era o perfeito caos. E sim, existe uma perfeição fantástica no caos. Dei as costas a eles, decidida a não me preocupar com outro problema que não fosse a madrinha. Charlotte precisava de apoio, mas também precisava descer do pedestal e encarar a realidade de frente. Além do mais, eles causaram aquele problema, eles que resolvessem.

— Para onde você vai? — Patrício perguntou apreensivo, sem saber se deveria me acompanhar ou ficar na sala.

— Vou ficar com a madrinha.

— E Charlotte? — Johnny questionou preocupado.

— Charlotte? — Voltei a olhar para todos que me encaravam surpresos. — Eu não causei essa confusão. Não há nada que possa fazer. Neste momento eu só quero ficar com a madrinha. Com licença. — Deixei a sala mais atordoada do que quando entrei.

— Miranda? — Patrício estava logo atrás de mim. O bolo na garganta ameaçava me lançar em outro rio de lágrimas, mas eu não queria chorar. Não podia. — Miranda, espere! — Sua mão alcançou meu braço me obrigando a parar. — Ei! Vai fugir de mim também? — Seus olhos demonstravam o verdadeiro medo. O de que eu fizesse como Charlotte.

— Não. Desculpe! — Patrício relaxou aliviando o aperto em meu braço. — Eu só... — Soltei o ar que estava preso nos pulmões. — Só não sei o que fazer. Charlotte foi jogada nessa confusão como se eles não imaginassem que ela surtaria. A madrinha está morrendo. O padrinho parece que vai se partir ao meio a qualquer momento e eu... eu não sei mais o que fazer.

— Calma! — Ele me abraçou com carinho. — Eu estou aqui. Vamos passar por isso juntos. — Pela primeira vez, desde que aquele inferno começou, eu me senti melhor. — O que quer fazer?

— Ficar com a madrinha. Mas você pode ajudá-los a encontrar Charlotte. — Patrício entendeu que eu precisava ficar sozinha com a madrinha, por isso concordou com muita facilidade.

— Tem alguma ideia de onde ela pode estar?

Pensei um pouco sem conseguir um resultado muito bom. Charlotte era assim, quando algo dava errado ela se escondia até conseguir organizar os pensamentos. Só voltava quando era capaz de conviver com o problema. Sabe Deus a extensão daquele em sua cabeça.

— Não. Não faço a mínima ideia de onde ela possa estar. Charlotte pode estar andando pelo calçadão da mesma forma que pode estar escondida em seu antigo quarto na minha casa. É imprevisível.

— Vai dar trabalho.

— Bom, eles fizeram isso. — Dei de ombros.

— Não fale assim, amor. Peter também me contou e me proibiu de te falar qualquer coisa e nem por isso você fugiu descontrolada.

— Talvez esse seja o problema. Eu não sou Charlotte. Vejo você mais tarde?

Ele concordou e me deixou seguir. Proibindo minha mente de continuar buscando por minha irmã, caminhei com passos largos para o quarto onde a madrinha estava. Parei em frente à porta respirando fundo, tentando impedir o tremor que assolava o meu corpo.

Quando finalmente tomei coragem para entrar deparei com seus olhos atentos em mim. Confesso que encontrá-los abertos fez uma bagunça em meus sentimentos. Ali estava ela, viva, sorrindo, me iludindo de maneira perversa. Porque havia tanta vida naquele corpo, mesmo sobre uma cama, mesmo com os fios que entregavam o seu estado. Eu não conseguia enxergar nada menos do que vida naquela cama.

— Madrinha? — Duas lágrimas desceram. Ela sorriu e estendeu a mão para que eu me aproximasse. A enfermeira que monitorava seus sinais deixou o quarto nos dando privacidade.

— Como você está, querida? — A voz cansada desfazia um pouco a ideia de que tudo aquilo era um pesadelo.

— Triste. — Limpei as lágrimas, decidida a ser sincera. Não fazia ideia de quanto tempo ainda teríamos, então não valia a pena perdê-lo com mentiras.

— Imagino que sim. — Sua mão se fechou na minha com relativa força. — Mas a vida é assim mesmo, e você sabe disso. Vivemos para perder os outros, ou para deixá-los. — Fiquei em silêncio sem saber o que poderia dizer para rebater quando concordava com tudo o que ela dizia. — Não fique assim. Eu estou em paz. — Sorri com aquela certeza.

— Há quanto tempo estão escondendo da gente? — Ela fez uma careta sem querer recordar o caminho difícil que tinha enfrentado.

— Há alguns anos. Peter tem sido persistente, mas acabou aceitando quando eu disse que queria voltar para casa e ficar com vocês.

— Foi uma boa escolha. — Funguei sem conseguir segurar as lágrimas.

— A melhor. — Sua mão que ainda segurava a minha perdeu um pouco da força. — Filha, você é mais forte do que a sua irmã. — Era a minha vez de fazer uma careta sem querer pensar no assunto. — Miranda, por favor! Charlotte vai precisar muito de você.

— Eu sei, madrinha. Eu sei. — Voltei a limpar as lágrimas me rendendo ao choro. — Só não sei se desta vez dou conta da tarefa. Eu sempre fiz tudo o que vocês me pediram, mas agora não consigo encontrar forças. Como posso cuidar dela se estou tão triste? — Ela sorriu com aquela doçura que eu jamais esqueceria. Mesmo quando aqueles olhos não abrissem mais, eu seria capaz de enxergar o poder deles em meu espírito.

— Eu sei que vai sofrer. Sei o quanto é difícil pra você passar por tudo isso mais uma vez. Acredite, você foi a minha maior preocupação durante boa parte deste processo. Eu não queria que isso se repetisse. Ainda não quero. É injusto, filha. — Concordei sem conseguir falar, engasgando com o choro. — Mas você cresceu e se tornou uma mulher forte, Miranda. Você balança, mas não cai. Nem mesmo quando tudo isso acabar, eu sei, não vai cair.

— Como pode ter tanta certeza?

— Porque você é igualzinha a mim. — Seu sorriso se ampliou. Como podia? Como conseguia sorrir com aquela serenidade sabendo que a morte estava bem ao seu lado? — Você tem a minha força e a tenacidade do Peter. Charlotte não. Oh, Deus! Minha menina vai fazer todas as bobagens possíveis. Vai meter os pés pelas mãos.

No mesmo instante pensei no quanto ela tinha razão. Charlotte já estava dando o primeiro passo para a desordem que viraria a sua vida. Ah, Deus! Como eu podia pensar em minha irmã e suas infantilidades quando queria dedicar cada segundo do meu tempo ao que ainda restava do da madrinha?

— Ela vai conseguir — resmunguei limpando a garganta. — Charlotte sempre consegue no final. — A madrinha não desfazia o sorriso e seus olhos brilhavam de alegria e orgulho, contradizendo toda a feiura da morte. Como era possível?

— Sim, ela sempre conseguiu, mas perceba, você sempre esteve ao lado dela.

Fui atingida por aquelas palavras como se seu próprio corpo fosse atirado contra o meu. Era aquela responsabilidade que mantinha meus pés no chão, não era mesmo? A prioridade sempre foi ela. Charlotte. E mesmo tendo sofrido com isso durante anos, naquele momento, foi no que me apeguei para não afundar no mar de tristeza que me puxava para baixo.

Sim, Charlotte era a prioridade, continuaria sendo, ainda assim, eu a deixaria passar pelo seu momento de solidão, me dedicaria à madrinha, e quando tudo estivesse acabado, retomaria a minha missão, cumpriria com a minha promessa, refazendo o que sobrasse da minha irmã.

Porque eu era egoísta e nunca tentei esconder este detalhe da minha personalidade. Charlotte poderia se virar sozinha por um tempo. E não era porque eu a desprezava, mas porque confiava nela para este intento. E quem sabe assim, ela também passaria a confiar.

CAPÍTULO 34



“E quando eu estiver triste, simplesmente me abraçe. E quando eu estiver louco, subitamente se afaste. E quando eu estiver farto, suavemente se encaixe.”

SUTILMENTE – SKANK

VOLTAR PARA AQUELE APARTAMENTO NUNCA FOI TÃO ESTRANHO E ASSUSTADOR. O PLANO ERA permanecer no hospital até que não restasse mais nada a ser feito, mas este era o meu plano e não o dos meus padrinhos. Por isso fui posta para fora.

Utilizaram todos os argumentos possíveis: “não poder mais de um acompanhante por paciente”; “Eu vou precisar que você traga algumas coisas para o hospital amanhã pela manhã”; “Charlotte pode aparecer e ninguém estará lá para ajudá-la”. Resumindo: eu tinha que ir embora e ponto final.

Por isso voltei para aquele apartamento que nunca estive tão distante de ser um lar. Por alguns segundos alimentei a esperança de que Charlotte estaria lá, esperando por mim, sofrendo. Mas o que encontrei foi o vazio mais profundo e sólido que pude contemplar em toda a minha vida. E o silêncio chegava a ser sufocante.

— Você vai ficar bem? — A voz de Patrício me despertou do transe fazendo meu coração acelerar. Foi como se ali estivesse o fantasma que eu tanto temia, o da despedida.

— Você vai embora? — Minha voz saiu esganiçada, desesperada pela possibilidade de ficar sozinha naquele lugar.

— Pensei que a presença de namorados nesta casa não era permitida à noite — gracejou esboçando um sorriso. — Ouça, gata! Eu preciso de um banho, de roupas limpas e de comida de verdade. Se não quiser ficar sozinha, meus pais vão adorar recebê-la.

— Não posso ir — sussurrei com medo da minha própria voz. — Charlotte pode aparecer. Seus olhos demonstravam a compreensão.

— Tudo bem. Vamos fazer assim... — Retirou o celular do bolso já se preparando para a ligação. — Vou pedir ao João para trazer algumas coisas pra mim. Mas se Peter resolver dar uma de guardião esta noite, você assume toda a culpa.

— Você é tão medroso, Patrício! — Cruzei os braços me sentindo voltar ao meu mundo. Era por isso que eu amava aquele menino.

— Deve ser porque você faz muito bem o papel de corajosa. Não me sinto na obrigação. — Deu de ombros como se fosse natural dentro da nossa sociedade o homem deixar esta responsabilidade para a mulher. Acabei sorrindo. Eu amava tudo em Patrício. — Vamos criar o nosso álibi.

— O padrinho vai dormir no hospital.

— Sim, mas caso resolva aparecer para conferir a sua castidade vamos dizer que você teve uma crise de choro e pânico e que não tive outra opção que não fosse ficar.

— Aff! Invente o que quiser. — Joguei os braços para cima desistindo.

— Ótimo! — Levantou o dedo me silenciando. — João?

Meu namorado se afastou conversando com o cunhado. Tive ímpeto de segui-lo, de ficar junto o máximo possível, pois bastou ele se afastar para meu corpo ser dominado pelo frio fantasmagórico daquele apartamento. Confesso que não corri ao seu encontro porque não era tão fácil desistir do papel de corajosa da relação.

Ok! Pude me dar o direito de ser infantil por um instante. Era melhor do que me trancar outra vez no sofrimento. Só quando Patrício desligou o telefone e voltou à sala foi que consegui voltar a respirar corretamente.

— Estamos com sorte. Lamara e João estavam na casa dos meus pais. Eles vão trazer algumas coisas pra mim, mas amanhã tenho que trabalhar. Com o sumiço de Charlotte duvido que Alex apareça, então preciso fazer com que a editora continue funcionando.

— Tudo bem. Obrigada!

Patrício me envolveu em seus braços devolvendo o calor ao meu corpo. Fiquei ali o tempo máximo possível. Não queria nunca mais me sentir solta, livre daquela segurança que só seu abraço me ofertava.

Merda! Toda essa história da madrinha estava me deixando confusa e melosa. Era a treva!

— O que quer comer? — Ele perguntou me arrancando outra vez do transe. — Tenho uma sugestão maravilhosa.

— McDonald's outra vez, não. — Sua risada afastou o silêncio, decidida a vencê-lo.

— Pensei em filé com fritas sem precedentes. O melhor do Rio de Janeiro. O que acha?

— E onde vamos encontrar isso?

— Pode deixar que essa parte eu resolvo. Só preciso fazer mais uma ligação.

Filé com fritas me levava de volta à minha família. Era a comida preferida do Johnny. Céus! Como eu queria voltar no tempo, para os nossos almoços antes das aulas da tarde, as brincadeiras, os problemas tão superficiais, mas que víamos como merecedores do nosso sono. Ri sozinha. Eu dava tudo para voltar para esta época se significasse não precisar perder a madrinha.

— Quanto tempo? Não, débito mesmo. — Patrício se aproximou para enxugar as duas lágrimas que escaparam. — Ok! Obrigado! — Desligou me encarando. — Quer subir para um banho? Eu fico aqui esperando. — Neguei cruzando os braços na frente do peito e escondendo o rosto em seu peito.

— Não quero ficar sozinha.

— Isso é um convite para um banho? — Ri sem muita vontade.

— Não. — Levantei o rosto para entender como ele reagiria ao que eu diria. — Pode ser incrível o que vou falar, mas pela primeira vez em anos não sinto como se o sexo fosse a

solução para o meu estado de espírito. — Ele esboçou um sorriso compreensivo e acariciou meu cabelo.

— Sexo não é a solução para nenhum problema, Morena. — Seus lábios tocaram os meus com uma carícia cuidadosa. — Mas não vou me importar se precisar de uma mãozinha no banho. — Acabei rindo outra vez. Era fácil com ele.



Patrício ficou deitado em minha cama enquanto eu tomava banho. Quando saí ele estava ao telefone com Alex. Tentei não prestar atenção na conversa, apesar de estar curiosa quanto a Charlotte, mas minha cabeça ameaçava desligar a qualquer momento, então preferi deixar os acontecimentos para depois.

Contudo não consegui evitar que as palavras chegassem aos meus ouvidos e entendi quando ele comunicou ao irmão que Charlotte não tinha aparecido, e assegurou a veracidade da informação contando que estava comigo no apartamento e que ela não estava por lá.

Sem querer voltar ao problema, mas sem ter como evitá-lo, me peguei imaginando onde ela poderia estar. Se Alex ainda ligava para as pessoas atrás da esposa, significava que no hospital ela não apareceu nem na casa deles. E se na minha casa ela não estava, onde mais aquela menina poderia ter se escondido?

Balancei a cabeça aborrecida demais com o seu sumiço e ao mesmo tempo penalizada com a situação. Charlotte não fazia ideia do que era perder uma mãe. Eu sim. E posso afirmar que não desejava aquela dor a ninguém.

Foi pensando assim que decidi conferir o celular, e como não encontrei nenhuma mensagem dela, achei melhor ligar. Nada. O telefone estava desligado. Comecei a temer por minha irmã sem querer chegar à conclusão de que algo pior poderia ter acontecido. Um drama de cada vez, pelo amor de Deus!

Enviei uma mensagem, mesmo sabendo que se o celular estava desligado ela não veria a mensagem do mesmo jeito. Pelo menos eu tentei. Joguei o celular sobre a poltrona quando o celular de Patrício tocou. Era João avisando que eles já estavam bem próximos.

— Quer que eu desça para pegar as coisas? — Neguei sentindo minha cabeça pesar. — Minha morena corajosa está muito medrosa hoje.

— Essa casa está cheia de fantasmas — confessei cansada. Ele concordou fazendo uma massagem gostosa em minha têmpora. Fechei os olhos focando neste detalhe e lutando para esquecer os outros.

— Eu queria conseguir fazer alguma coisa por você.

— Mais? — Ele riu baixinho. — Você é o que está me mantendo de pé. Obrigada! — Inclinei o rosto e o beijei com carinho.

— Então acho que estou sabendo fazer essa coisa, né?

— Que coisa?

— Essa de ser namorado. — Abri os olhos para encarar um Patrício pensativo. Acabei rindo.

— Eu acho que sim. Mas se não estiver, continue assim. É exatamente o que eu preciso.

Com cuidado ele se aproximou um pouco mais, me beijando com todo o seu amor. Não havia nada de sexual naquele beijo. Era a mais pura demonstração de como nos sentíamos. E foi tão doce que me emocionou, quebrou, derrubou a Miranda que ainda lutava para se manter de pé, possibilitando que a nova Miranda emergisse. Pela primeira vez não lutei contra ela.

— Ah, Morena! Como eu fui te amar assim? — Sorri mordendo os lábios, deliciada com a declaração tão carregada de amor.

— Quando descobrir me conte. Ainda não encontrei essa resposta.

O interfone tocou quebrando o nosso transe. Suspirei pegando o aparelho.

— Senhorita Miranda? — Vítor falou com pesar na voz. Então ele já sabia? Bom, como dizia minha mãe, notícia ruim chegava voando.

— Pois não, Vítor?

— Hum... Tenho aqui o senhor João Pedro e a entrega de um pedido de comida.

— Juntos? Tá! É... — Tapei o telefone para falar com Patrício. — João e a entrega de comida ao mesmo tempo. — Meu namorado sorriu com aquela satisfação diabólica.

— Ótimo! Manda o João pagar a conta e subir com a comida.

— Mas, Patrício... — Tomando o telefone da minha mão assumiu o controle.

— Boa noite. Pode, por favor, pedir para o senhor João Pedro pagar ao entregador e subir com a encomenda? — Patrício riu, provavelmente se deliciando com a reação do Vítor. — Obrigado.

— Mas você vai pagar a ele, não vai?

— Não!

— Patrício! — Levantei aborrecida.

— Ele come a minha irmã, Miranda. Tem que pagar por isso.

Bom, apesar de valer a pena argumentar, preferi deixar passar. Eles poderiam se resolver sem precisar da minha interferência. Por isso dei de ombros e preferi descer para recebê-los. Peguei o celular porque não queria ficar sem notícias, por mais medo que estivesse sentindo sobre elas.

Assim que descemos, ouvimos a campainha. Patrício se aprumou como um pavão, adorando a sacanagem que fazia com o cunhado. Repeti como um mantra que aquele problema não era meu. Eu nem tinha entrado para a família ainda. Pelo amor de Deus!

Patrício abriu a porta para que Lana e João entrassem e a confusão já começou dali mesmo.

— E a comida? — meu namorado perguntou sem entender nada. Olhei para eles percebendo que nem Lana, nem João seguravam embalagens de restaurante.

— Você acha que sou idiota? Pague primeiro — João avisou sem qualquer aborrecimento. Lana revirou os olhos e entrou.

— Entrega logo a comida a eles, João. Vai esfriar. — Fui abraçada com pesar e fiquei incomodada. A madrinha ainda estava viva, logo estava dispensando os pêsames. — Como você está?

— Com fome.

— João! — Voltou-se para o marido sendo mais enérgica.

— Não acredito que você deixou a comida na escada! — Patrício resmungou.

— A comida foi confiscada por falta de pagamento — João continuou argumentando.

— Ah, vá se foder, João! Eu não confisquei a minha irmã até hoje.

— Patrício! — rosnei.

— Não se incomode. Eles vão levar esta conversa a noite toda e eu estou morrendo de sono. Sabe como é, Alex não apareceu na editora. — Deu de ombros. — Vou pegar a comida.

Lamara saiu, passou pelos dois imbecis que ainda se provocavam, abriu a porta e sumiu.

— Não acredito nisso! Amor, ele não vai pagar pela comida!

— Ele é meu irmão! — Entrou outra vez no apartamento levando a embalagem. — Quer parar de ser chato? Miranda não está com disposição para essa bobagem de vocês. — Passou direto por Patrício e me entregou a comida. — Pronto. Agora podemos ir?

— Não! — João deixou a esposa para trás e parou à minha frente. — Posso, pelo menos, comer umas batatas fritas?

— João! — Lana vociferou.

— Eu paguei por elas.

— Não deixe, amor! — Patrício debochou sem sair do lugar.

Como eu disse, não entraria naquela confusão. Então abri a embalagem oferecendo as fritas ao meu ex-professor. Ele pegou uma porção colocando de uma vez na boca.

— Ai, meu Deus! Podia pelo menos ser educado — Lana resmungou incomodada, mas Patrício riu. — Alguma notícia de Charlotte?

— Nada até agora. — Uma pontada em meu peito indicava que a preocupação ainda estava lá, viva e vibrante.

— Onde será que essa menina se meteu?

— Não faço ideia, Lana. Juro! Se soubesse não estaria aqui brigando por um bife com fritas.

— Eu sei. Só fico pensando... deve ser difícil para Alex voltar para casa sem saber onde a esposa está.

Foi impossível não me solidarizar. João logo perdeu a vontade de brincar, colocando um braço na cintura da esposa, como se quisesse garantir que não passaria por aquilo. Patrício,

deixando de sorrir, pegou a embalagem da minha mão, levando-a até a mesa.

— Bom, acho melhor irmos logo. Bom jantar pra vocês. — Lamara puxou o marido para fora. — Boa noite!

Como se fosse possível que a noite fosse boa em algum momento. Era impossível.



Acordei ofegante. Apesar do ar-condicionado, meu corpo estava molhado de suor. Fiquei longos minutos voltando à realidade, ainda com o coração acelerado e já com as lágrimas descendo pelo rosto. Minha vontade era de chorar sem qualquer receio. Não houve o impulso de fugir para o banheiro, não havia mais essa necessidade de esconder a minha verdadeira face. Então explodi em um choro profundo quando a mão dele acariciou minhas costas me consolando.

— Ei! O que foi? — Balancei a cabeça negando. Eu não tinha respostas apesar de saber o motivo do choro.

Patrício me deitou em seu peito e acariciou meu cabelo até que a violência da crise começasse a amenizar. Só então ele falou:

— Sabe, não sei se Peter agiu bem escondendo a verdade de vocês. Eu sempre achei que doía menos quando você percebia o sinal, acompanhava o processo e se desgastava com o tempo. No final a morte fica parecendo um descanso. Mas assim, quando não há mais o que fazer a não ser esperar o fim... é complicado assimilar.

— Você está bem com isso? — Ele hesitou se questionando sobre até onde eu sabia. Depois de duelar consigo mesmo, acabou relaxando.

— Não sei como estou. Na verdade, acho que não cheguei a pensar em mim em nenhum momento. Tudo aconteceu tão rápido! Uma hora eu estava na casa do Alex rindo das bobagens do João e na outra estava em um hospital assistindo todo o seu desespero. Acho que saí de órbita e segui mecanicamente, mas não consegui pregar os olhos até agora, Morena.

— Por quê?

— Não sei ao certo. Não gosto dessas mudanças intempestivas. Elas me desorientam. E dentro de mim eu sei que não acaba por aí.

— Como assim?

— Quando Mary... quando sua madrinha morrer... — Estremeci com a certeza daquela dor. — O que vai acontecer?

— Continuo sem entender. — Patrício respirou fundo, o peito inflando com o esforço.

— Vocês são da Inglaterra. Seus padrinhos gostam de preservar a cultura e a vida que tinham... têm... sei lá como isso funciona. Mas eles ainda mantêm uma vida lá, certo?

— Certo.

— E quando Mary morrer, como será isso?

— Você quer saber se vamos embora?

— Isso.

Calada, me permiti analisar a situação. Por mais que eu e Charlotte tenhamos escolhido uma vida no Brasil, a nossa família nunca agiu como se fosse algo definitivo. Os padrinhos amavam a Inglaterra. O próprio Peter vivia nos pedindo para dar continuidade aos estudos na Europa, assim ficávamos mais perto de casa. Casa. Ali estava a resposta que Patrício tanto temia.

— Charlotte está casada com seu irmão — tentei amenizar o problema.

— E você?

— Eu sou maior de idade. Posso decidir ficar.

— Mesmo com Peter longe e sozinho? — Outras lágrimas brotaram dos meus olhos. Era injusto precisar fazer aquela escolha tão cedo.

— Não sei como eles pretendem fazer.

— Mary será enterrada lá. — Concordei sem nada dizer, porque sabia que aquela sempre foi a vontade deles. — Peter não vai querer deixar a Inglaterra tão cedo. Charlotte vai se sentir responsável pelo pai e você por ela. — Eu podia ouvir o seu coração acelerado.

— Não precisa ser necessariamente assim.

— Não sei se vou saber conviver com isso. Demorei demais pra te encontrar, como posso te perder agora?

Afundi meu rosto em seu peito, sorrindo e chorando ao mesmo tempo. Eu entendia o seu sofrimento antecipado apesar de não ter pensado naquela possibilidade. Com tantos acontecimentos consecutivos não consegui ramificar tanto minha preocupação e negligenciei o nosso sentimento.

— Não vamos pensar nisso agora.

— Eu não vou conseguir pensar em mais nada, Morena. — Levantei o rosto e busquei seus lábios.

— Charlotte não vai ser capaz de deixar Alex. E como eu tenho o compromisso de cuidar dela, estarei de volta bem rápido.

— Promete?

— Prometo. — Ele me beijou com ímpeto.

— Obrigado!

— Por nada. Essa é a parte mais fácil de todo o problema. — Ele riu relaxando.

— Deve ser duas vezes mais difícil pra você. Perdeu a mãe tão cedo e agora...

— É sim. — Voltei a deitar em seu peito deixando as lágrimas rolares. — A madrinha conseguiu durante muito tempo me impedir de pensar na morte de uma forma tão feia. Ela me levava para animar aquelas crianças doentes, morrendo, como se quisesse me dizer que enquanto existisse vida, deveríamos cuidar para que ela fosse linda, alegre.

— Eu lembro. Você mudou quando entrou naquela sala para contar histórias para as crianças. — Sorri.

— Gosto de fazer esse trabalho. — E era incrível que eu me sentisse tão plena quanto a este ponto só quando me dei conta de que precisaria continuar o projeto sozinha.

— Mary fez um bom trabalho em você.

— Será? Esqueceu quem eu sou? Esqueceu tudo que sabe ao meu respeito?

— O quê? Que você é uma garota curiosa e que gosta de sexo? Eu já disse que isso não me assusta mais.

— Assustaria a madrinha se ela desconfiasse.

— Ah, Miranda! Não se culpe assim. Você é essa pessoa e não há nada de errado nisso. Por que age como se fosse uma punição? Você é uma mulher incrível! É generosa, engraçada, amiga, companheira... O que importa se precisa extravasar de uma forma peculiar? As pessoas são assim. Cada uma à sua forma e sem julgamentos. — Ri sentindo as lágrimas quentes ganharem outro sentido. — E pode ter certeza de que falo a verdade. Por dois motivos.

— Quais? — Ri sem conseguir me controlar.

— Primeiro: eu não sou muito bom com mentiras.

— Não tenho essa certeza.

— Pesquise melhor e terá.

— Ok! E o segundo?

— Bom... eu amo você.

— Ah, tá.

— É sério. Veja bem: nunca amei outra mulher, e modéstia à parte, eu sou um cara muito legal.

— Muito!

— E um cara legal como eu não se apaixonaria por uma moça que não fosse tão legal.

— Huumm! Verdade. Acho que você tem razão. — Bocejei. Era incrível como Patrício me deixava mais leve.

— Logo, você é uma pessoa legal.

— Muito.

— Muito. Agora durma. — Bocejei outra vez já fechando os olhos e me aconchegando nele.

— E você?

— Eu acho que agora consigo dormir também.

CAPÍTULO 35



“Quando você se lembrar de mim, pensa que tudo vai ficar bem. Segura firme, lembra de mim. Quando você se lembrar de mim, dê o sorriso maior que houver. Pensa que tudo valeu a pena sentir.”

PRA QUANDO VOCÊ SE LEMBRAR DE MIM – JOTA QUEST

PRECISEI DE TODA CORAGEM PARA ENTRAR NAQUELE HOSPITAL MAIS UMA VEZ. DA MESMA FORMA, precisei recuperá-la para sair de lá. Não conseguia identificar o que era mais doloroso, estar com a madrinha e acompanhar cada detalhe do seu sofrimento, sem nenhuma notícia de Charlotte e angustiada, ou ter que ir embora deixando tudo para trás.

O padrinho não abria mão de ser o acompanhante. Era como se só ele pudesse estar com ela em seus momentos finais, ou como se não quisesse perder nem um segundo da esposa, aproveitando seus últimos instantes. Era mórbido, e ainda assim, lindo de assistir.

Como mensurar aquela relação? Como dizer a um homem apaixonado que ele precisava se despedir da única mulher que amou a vida toda? Como aceitar que a vida seguiria no segundo seguinte à sua partida, que não pararia para que sofrêssemos nem esperaria por nenhum de nós?

Por isso era tão sufocante permanecer ali. E eu me via envolvida naquele paradoxo que me impelia a estar presente, ao mesmo tempo em que me obrigava a sair dali deixando todo o sofrimento para trás.

Mas a minha gota d'água foi a presença de Alex. Não que eu me desse ao luxo de me incomodar com a sua permanência ali, apesar de ter me sentido sempre assim em relação ao meu cunhado, mas naquele momento aquela não era a minha preocupação.

Alex me incomodava porque olhá-lo me fazia lembrar que Charlotte ainda estava desaparecida. E, tomando como ponto principal, eu nada havia feito para modificar esta situação. A verdade era que me mantinha naquela posição egoísta, me permitindo não desviar o foco da madrinha. E foi o que fiz.

Mas Alex ali era como uma acusação aberta. Eu só queria que ele a encontrasse e a levasse ao hospital antes que fosse tarde demais. Charlotte teria condições de se recuperar do golpe que seria perder a mãe sem ter a chance de se despedir, como aconteceu comigo?

Talvez fosse como todos diziam. Eu era forte, Charlotte não. Porém no fundo, bem lá no fundo, eu enxergava que não era nada daquilo. Charlotte era forte. O tempo todo era forte, por isso fraquejava, caía e levantava. Eu era a fraca. Por isso precisava me manter forte, porque uma queda era o suficiente para me deixar prostrada.

E o pior de tudo era a minha luta para esconder de todos aquela verdade. E assim, sendo uma covarde, eu seguia deixando as pessoas acreditarem naquilo.

Praticamente corri para fora do hospital depois de precisar enfrentá-lo. Depois de ouvir do marido da minha irmã que ela continuava sumida e ele continuava implorando para que aparecesse.

Encontrei Johnny. Esbarrei nele nas escadas quando fugia da minha verdade. E na realidade, evitava aquele encontro também desde o dia anterior quando fui jogada naquela confusão.

— Como estão as coisas? — perguntou me olhando com curiosidade, um pouco espantado com a minha pressa.

— Piorando — confessei. — Ah, Deus! Piorando. — Fraquejei deixando o ar preso nos pulmões, sair.

— Já sabíamos que seria assim.

— Você sabia.

O clima ficou tenso, mas aquela não era a minha intenção. Eu não queria brigar com meu irmão. Não quando a madrinha convalescia em uma cama de hospital e minha irmã continuava desaparecida.

— Desculpe! Desculpe, Johnny! Ainda não sei como reagir a tudo isso.

— Tudo bem. — Sua mão alisou meu braço me confortando.

— Tem alguma notícia de Charlotte?

— Tenho. Tenho sim. — Aquilo mudou tudo. Foi como se todo o resto desaparecesse.

— Tem? Onde ela está? O que aconteceu? — Johnny sorriu pela primeira vez desde a formatura. Parecia tão distante!

— Na minha casa.

— Na sua casa?! — Não consegui manter o tom de voz baixo. — Desde quando? Por que não disse nada? Porra, Johnny!

— Calma! Desde ontem. Quando cheguei em casa ela já estava lá. Fez com que eu promettesse que não contaria a ninguém.

— Droga! Como ela está?

— Como acha que pode estar? Machucada, desesperada, triste, desorientada.

— Ah, Deus! E... por que não me procurou? Por que você? — Meu irmão arqueou uma sobrancelha.

— Não queria que Alex descobrisse onde estava. E você... — Deu um sorriso escuro. — Você sabe que seria a primeira opção. O primeiro lugar onde procurariam.

Acabei concordando. A verdade era que se Charlotte quisesse ser encontrada com certeza seria ao meu lado. Então não me senti tão preterida. Pelo contrário. Foi como se tudo estivesse em seu devido lugar. Respirei aliviada.

— E agora?

— Ela continua sem querer encontrá-lo. Acha que Alex mentiu, que foi tudo uma farsa e todas as bobagens que só Charlotte é capaz de inventar.

— Que merda!

— É sim. Vai dar trabalho desfazer essa confusão. O padrinho está lá em cima?

— Está. — Confusa com tudo o que ainda estava por vir, não conseguia decidir o que deveria fazer. — Quando ela vem?

— À noite. Bem tarde. Não quer correr o risco. Você sabe...

— Johnny, não é justo.

— Também acho. Eles não tinham o direito de esconder tudo isso da gente e...

— Não é nada disso! Estou falando do Alex.

— Alex?

— Ele não saber onde Charlotte está. Não é justo.

— Ah... não quero confusão com Charlotte, Miranda. Ela vai acabar fugindo para algum lugar que ninguém vai encontrar.

— Ou vai se dar conta da merda que está fazendo. Escute! Não é certo que ela culpe Alex pela decisão dos padrinhos, mas nós conhecemos Charlotte e entendemos que ela não vai se permitir acreditar nisso por enquanto. A madrinha está morrendo. Eu não tenho como cuidar de tudo sozinha, então deixe que Alex cuide dela e me dê a chance de fechar um pouco os olhos.

Johnny ficou calado me encarando sem acreditar no que eu dizia. A censura em seu rosto era nítida. Só que pouco me importava se naquele momento me julgaria egoísta.

— Nenhum de nós quer continuar brincando de gato e rato com eles dois. A madrinha está morrendo! Não consegue mensurar o quão insignificante é a birra de Charlotte? Vamos nos concentrar na madrinha, em apoiar nossa irmã quanto a isso e deixar com que Alex conserte o casamento deles.

— Nossa, Miranda!

— Johnny, temos pouco tempo. Quando a madrinha... quando ela não estiver mais aqui, poderemos voltar toda a nossa atenção outra vez para Charlotte. Só que não quero fazer isso agora. Por favor! — Meu irmão demorou a responder, mas quando falou já não me censurava mais.

— O que quer que eu faça?

— Conte a ele.

— Ela vai me matar.

— Não se não souber que foi você que contou.

— E quem mais contaria? — Mordi o lábio procurando uma solução rápida. Meu celular vibrou com uma mensagem. Patrício avisando que estava aguardando por mim.

— Conte a ele o horário que ela vem. Isso! Se ele aparecer no mesmo horário que ela, não vai aparentar que alguém contou.

— Tudo bem. Eu deveria aprender a não te ouvir, mas... tudo bem. Vou fazer isso. Agora deixe-me subir. Também quero ficar com a madrinha o máximo de tempo possível.

— Certo. E... obrigada, Johnny!

— Como se eu nunca fizesse o que você quer. — Revirou os olhos e foi embora me deixando mais aliviada.



Consegui ficar um pouco mais no hospital durante a noite. Estava cada vez mais difícil olhar a madrinha e fingir não me desesperar. Ela não conseguia se alimentar, precisava de doses cavalares de remédios para suportar a dor. Sofria muito. Metade do tempo estava inconsciente, o que não a impedia de gemer e a cada gemido eu assistia a angústia do padrinho em não poder fazer nada.

Charlotte iria à noite. Mais para a madrugada, como Johnny informou. Talvez por isso eu estivesse tão agitada. Não queria encontrá-la ainda, e ao mesmo tempo, queria.

— Miranda? — o padrinho chamou baixinho, me pedindo para acompanhá-lo para fora do quarto. Saí sem fazer barulho, com medo de que ela acordasse e sofresse mais.

— Oi!

— Preciso conversar com você sobre uma decisão que tomei. — Concordei permanecendo em silêncio. — Você tem acompanhado o quadro de Mary. Sabe que não há nada que podemos fazer para salvá-la. — Com um aperto no coração concordei outra vez. — Quero levá-la para casa. Não quero que seus últimos dias sejam dentro de um hospital.

Confesso que respirei aliviada. Era angustiante pensar nela em um lugar tão inóspito. Não seria nada justo que aquele fosse o último lugar que ela veria.

— E como vai fazer isso? — O padrinho primeiro ficou me olhando, abismado, demonstrando que estava preparado para uma batalha.

— Você concorda?

— Eu? Claro! E por que contestaria a sua decisão? — Vi a decepção em seu olhar. Então ele suspirou colocando uma mão em meu ombro.

— Filha, não estamos excluindo vocês das decisões. Só não quero esse peso em seus ombros.

— Não estou contestando, padrinho.

— Eu sei. Só quero que saiba que a partir daqui vamos fazer isso juntos. Quero levar Mary para casa, mas não sem o que ela precisa. Já havíamos pensado nisso e temos tudo o que será necessário para mantê-la bem, na medida do possível.

— Ótimo! Também acho que vai ser melhor assim.

— Quem bom. Então posso contar com você para ajustar tudo por lá? Amanhã pela manhã eles vão entregar os aparelhos. Vítor já está avisado. Marconi vai acompanhar a montagem dos equipamentos e Adriano ficou de aparecer para saber se ficará como precisamos.

— Pode sim, Padrinho.

— Então, certo. Agora vá pra casa. Sua madrinha vai dormir o máximo que conseguir. Deixe a casa pronta para ela.

— Farei isso. Vou só... — Olhei para a porta do quarto sem querer dizer que me despediria da madrinha. Por mais simples que fosse, parecia que aquele seria o adeus final.

— Certo. Vou aproveitar que Jaina está no quarto para verificar como está o processo de alta da Mary.

O padrinho saiu me deixando sozinha no corredor. Fui atingida pelo frio mórbido do hospital. Ninguém merecia definir em um lugar como aquele. Peguei o celular para enviar uma mensagem para Patrício avisando que chegaria em casa em poucos minutos. Entrei no quarto e meus olhos fizeram aquilo que sempre diziam que as mães costumavam fazer enquanto seus filhos dormiam, conferi se ela ainda respirava. No mesmo instante segurei as lágrimas que tentaram escapar com desespero pelo que eu tinha acabado de fazer. Peguei a bolsa querendo sair dali o mais rápido possível.

Assim que alcancei o corredor dei de cara com ela. Charlotte. Surpresa pela minha presença ela parou onde estava, insegura, sem conseguir prever a minha reação quanto ao seu sumiço.

Foi estranho. Não consegui sentir nada. Nem raiva, nem mágoa, sequer senti pena. Nada. Olhei Charlotte ficar cada vez mais vermelha, depois empinar o nariz e me peitar. O que acreditava que aconteceria, eu não fazia a mínima ideia, mas se chegou a cogitar uma briga estava muito enganada.

Caminhei em sua direção, porque este seria o meu caminho se ela não estivesse lá. Minha irmã também caminhou, mantendo a cautela. Então ela parou outra vez, esperando por mim. Ficamos nos encarando sem nada dizer, até que ela quebrou o silêncio.

— Como ela está?

Encarei seu rosto. Os olhos vermelhos e inchados, o nariz com as pontas ressecadas, o corpo aparentando estar mais frágil do que o normal. Seus braços se fechavam à frente do corpo como se buscassem a proteção de um abraço. Fui arrebatada pelo seu sofrimento.

— Sofrendo.

Optei por ser verdadeira. Nós já havíamos sido enganadas por tempo demais. Era a hora da verdade. Minha irmã mordeu os lábios e seu queixo tremeu. Mas ela respirou fundo se controlando.

— Está acordada?

— Não. A medicação é forte. Ela dorme quase o tempo todo.

— E meu pai?

— Resolvendo algumas questões burocráticas. — Concordou sem coragem para mais nenhum passo. — Se você resolveu aparecer então acho que é melhor que fique lá em casa. A do Johnny não está preparada para te receber e você ainda tem o seu quarto lá no *flat*. Então... — Dei de ombros sem querer parecer muito sentimental.

— Ele te contou — gemeu desanimada.

— Por que achou que não contaria? — Ela hesitou controlando a birra. — Quando estiver com tudo pronto me avise. Vou ficar te esperando em casa. — Dei um passo para longe.

— Por que está agindo assim?

— Assim como?

— Assim! Essa não é você, Miranda.

— E como acha que eu deveria agir quando a madrinha está definhando naquele quarto e você desaparecida? Como acreditou que eu poderia dar conta desse problema?

— Por minha causa? Foi uma escolha minha e você não precisava se responsabilizar por nada.

— Como se fosse possível, Charlotte! — cuspi as palavras só para me arrepender no segundo seguinte. Prometi a mim mesma não brigar e já perdia a guerra em pouco tempo. — Olha, não vamos brigar, tá? A madrinha perguntou muito por você. Vá vê-la. Quando quiser voltar estarei em casa te esperando.

— Não vai me julgar por não querer voltar para a casa do Alex?

— Essa não é a minha função.

— Função? — Riu sem humor. — Pelo amor de Deus! Você está sendo absurda.

— O que quer que eu faça?

— Qualquer coisa! — esbravejou. — Você não é a minha dama de companhia, Miranda. Por que faz com que seja assim? Por que se diminui tanto dentro da nossa família? — Meus olhos arderam pelas lágrimas que insistiam em aparecer. — Você é minha irmã. Nossa mãe está morrendo! Eu tenho direito de surtar e você também tem este direito. Então grite comigo, brigue, mas não aja como se não fôssemos irmãs, pelo amor de Deus! Não vou suportar perder mais ninguém!

Abracei minha irmã me permitindo chorar. Ela me apertou em seus braços chorando com o mesmo desespero. E foi libertador.

Deixei que toda mágoa se esvaísse, permitindo que aquela ideia, que agora me parecia tão absurda, fosse enterrada de uma vez por todas. Eram tantos medos que eu insistia em manter que me paralisava. Medo de assistir minha família, a única que me restava, se fragmentar. Medo de não conseguir sobreviver após a partida da madrinha. Medo de encarar o padrinho e descobrir que era tudo verdade, mesmo lutando bravamente para me convencer de que era mentira.

Eu não me julgava. Passei metade da vida acreditando que era o bichinho de estimação dos Middleton, e a outra metade me convencendo de que esta não era a realidade. Por isso toda e qualquer mudança puxava de dentro de mim os velhos medos e estes se juntavam aos novos causando o caos dentro de mim.

— Charlotte, me perdoe. É só que... você sumiu! A madrinha está morrendo. Eu estou...

— Com medo. — Levantei o rosto molhado para encarar o da minha irmã, lavado pelas lágrimas. — Eu estou com tanto medo que sinto como se meu corpo estivesse agindo sozinho, enquanto assisto tudo de fora. Não tenho qualquer controle, Miranda. É como se minha vida estivesse...

— Partindo em pedaços tão pequenos que não vejo como juntá-los outra vez — completei suas palavras como se fossem minhas. E então entendi. Estávamos no mesmo barco. — Quando minha mãe morreu... — Engoli com dificuldade. — Não tive tempo para me adaptar à ideia. Ela saiu e... eles me chamaram no quarto, a madrinha me abraçou e chorou comigo. Prometeu que nunca mais me deixaria sozinha e que eu teria uma família. Ela prometeu que nunca mais me deixaria sozinha. — Solucei me entregando outra vez ao choro.

— Eu me lembro do dia — Charlotte sussurrou segurando minha mão com força. — Lembro que fiquei tão assustada! E espantada com a sua coragem. Você foi firme, Miranda. Sofreu, mas foi firme. Passei aquela primeira noite, a primeira que dividimos meu quarto, imaginando o quão doloroso era perder uma mãe. A falta que você sentiria me fez refletir a que eu poderia sentir caso fosse a minha mãe. O engraçado é que por mais que eu buscasse aquele sentimento dentro de mim, nunca consegui entendê-lo. Até agora... — Ela engoliu com esforço e limpou as lágrimas. — Como vou conseguir ser firme? Preciso que me ensine a ser firme, Miranda, porque sinto que vou desmoronar e nunca mais levantar.

Choramos outra vez sem qualquer receio de estarmos parecendo duas doidas, abraçadas no meio do corredor. Era reconfortante me sentir tão próxima de Charlotte. Era como se ali firmássemos a promessa de que não ficaríamos sozinhas nunca, pois tínhamos uma à outra.

Então meu coração, mesmo que em um curto espaço de tempo – eu entendia, pois a tempestade ainda estava por vir –, encontrou a paz.

Charlotte, como prometido, voltou a morar no *flat*. Não nos demos ao desfrute de conversar sobre este assunto, era como uma pedra entre nós. O padrinho voltava toda a sua atenção para a madrinha, Johnny para o padrinho, eu e minha irmã seguíamos nos apoiando, deixando as coisas acontecerem e dando tempo ao tempo até que tudo estivesse ajustado outra vez.

A sala de TV foi reformulada e passou a acomodar uma réplica do quarto do hospital, onde a madrinha passaria seus últimos dias. Era apavorante. Assistir a morte não é uma tarefa fácil. Não há beleza em morrer.

Sentada na escada, ao lado de uma Charlotte apática, eu divagava sobre como me sentia ali, naquele mesmo local, há alguns dias. Achei estranho voltar para o apartamento vazio depois do casamento da minha irmã e me sentir só. Mas eu nem fazia ideia do que era solidão. Porque parada naquela escada, assistindo enfermeiras entrarem e saírem, médicos, os mais íntimos que insistiam em nos passar o seu apoio, entendia que nunca vira aquela casa tão movimentada e ainda assim a solidão era devastadora.

E o mais incrível era que mesmo consciente de que o tempo era curto, que cada segundo contava, mesmo com a incerteza do próximo passo, existia dentro de mim uma necessidade doentia de que tudo acabasse. Eu não suportava mais, essa era a verdade. Nenhum de nós suportava, mesmo ainda existindo a vontade desesperadora de se agarrar a ela para não permitir a sua partida.

Esperar pela morte era cansativo, perverso, angustiante. As pessoas afirmam que ela chega a galope. Nunca estiveram tão enganadas, pois naquela casa ela entrava aos poucos, adoecendo a todos, espalhando a sua infelicidade, passando seus dedos longos e ossudos pelas paredes, tornando tudo frio, sem graça, sem ânimo. Ela se demorava em casa objeto, em casa respiração, sugando o que havia de força e deixando no lugar só o lamento.

Cada passo seu era desesperador. Ninguém conseguia enxergá-la, mas sabíamos, após as noites maldormidas, que ela estava bem perto, nos espreitando, sorrindo, se alimentando da nossa dor.

Até que enfim, sem qualquer aviso, após silenciar os seus gemidos, após roubar de nós o abrir dos seus olhos, deixando apenas um coração fraco que insistia em bater, lutando com bravura contra a imposição da dama que aguardava a sua derrota com uma paciência invejável, a madrinha descansou.

E eu jamais seria capaz de esquecer o barulho da morte dentro de um apartamento com tantos corações dilacerados. Porque o seu som é mudo, contudo, tão alto que sacudia as vidraças, como um vento agourento trazendo a novidade tão dolorosa. Por segundos intermináveis, o único som daquela casa era o de um coração que não mais batia.

Encontre mais livros como este no [e Livros](#)

[e Livros.xyz](#)

[e Livros.site](#)

[e Livros.website](#)

CAPÍTULO 36



“E com os que erram feio e bastante, que você consiga ser tolerante.”

AMOR PRA RECOMEÇAR — FREJAT

SENTADA NO SOFÁ EU NÃO FAZIA A MENOR IDEIA DO TEMPO. ESTÁVAMOS ALI DESDE QUE AS PESSOAS começaram a chegar. Recebemos a notícia, choramos, nos desesperamos cada qual à sua forma. Depois cada um seguiu o que acreditou precisar fazer. Charlotte se trancou no quarto da madrinha com o padrinho. Johnny ficou de pé, fitando a varanda por tanto tempo que me peguei pensando por quanto mais suportaria.

Vi quando Dana e Adriano começaram a se movimentar pela casa. O telefone não parava de tocar. Adriano dizia a todos que não fossem até lá, era um momento íntimo que eles queriam preservar e avisava que quando tivesse notícias sobre o sepultamento comunicaria.

Dona Odete, a funcionária, chorava baixinho, contudo, seguia com os procedimentos aos quais estava habituada, preparou café, suco, pães e tudo o que pudesse dar a ideia de que aquela casa sabia recepcionar mesmo em seu momento de maior crise.

Sorri pensando no quanto a madrinha ficaria orgulhosa dela, e então chorei um pouco mais ao me dar conta de que ela não mais estaria ali para se orgulhar daqueles detalhes.

Até então ficar sentada naquele sofá foi tudo o que fiz. Charlotte quis entrar no quarto, quis se despedir. Eu não. Minha opção foi não precisar olhar para aquele corpo inanimado. Preferi me lembrar dos seus olhos abertos, da sua alegria e ternura e das palavras doces.

Naquele quarto nada mais restava além de um corpo frio, de olhos eternamente fechados e uma boca que não mais articulava palavras capazes de modificar qualquer realidade, como ela sempre conseguia fazer.

Tudo doía. Saber que o vestido que eu usava fora um presente dela, que ter deixado de escovar o cabelo fora uma sugestão dela, afirmando que eu ficava mais bonita com os cachos soltos, que aquele sofá fora a sua escolha, mesmo que Charlotte tivesse odiado. Tudo. Tudo dentro daquela casa continha um pouco dela, e era reconfortante e devastador na mesma medida.

Patrício estendeu um copo de suco para mim. Levantei os olhos encarando-o. Eu não queria beber nada. Minha garganta doía, mas também não queria ser aquela pessoa que se trancaria fora do mundo para definhar. Eu tinha uma missão, dada diretamente pela madrinha, e teria que cumpri-la.

Por isso peguei o copo sem nem me preocupar com o sabor do suco. Ele relaxou a olhos vistos e sentou ao meu lado, colocando a mão no meu joelho. Sem dizer nada, com o olhar acompanhou João Pedro ir até Johnny. Fiz o mesmo. Observei a conversa quase inexistente dos dois.

Johnny era tão forte que me fazia invejá-lo. Era o único ali que aceitava as coisas como elas eram, sem se esforçar para modificá-las. Consequia ser grato até mesmo pelo que foi, um

garoto negro, pobre e sujo, largado no portão de uma mansão, sem saber da própria sorte. Nada disso o abalava. Ele seguia o barco achando que nada poderia ser mais fantástico.

E não era por isso que não sofria. Ah, não! Ele sofria com a mesma intensidade. A madrinha faria a falta que ele jamais se permitiu sentir da mãe que nunca conheceu. A sua dor era real. Mas ele era forte. Carregaria nos ombros a necessidade de ser maduro, de assumir o que foi criado para ser. Aceitaria de bom grado a missão e cuidaria de todos nós com as armas que puseram em suas mãos.

Era a hora do Johnny, mesmo com vinte anos, assumir o lugar do padrinho e dar a este o direito de sofrer com mais segurança.

Eu o entendia. A minha dor não era diferente. Mãe era mãe não importava a situação, e eu tive a sorte de ter duas, mas o azar de precisar sentir o sofrimento de perdê-las. Para mim, restava a missão de segurar firme Charlotte, de mantê-la no caminho, de fazer com que ela continuasse andando.

A sensação de que estávamos de novo no jogo fazia com que minha mente não me deixasse afundar naquela tristeza. E era gratificante. Ter o objetivo me faria continuar lutando para manter a cabeça fora d'água e da tempestade. Eu precisava continuar, se não por mim, que fosse por elas.

— Elas já estão lá dentro há um bom tempo — Patrício resmungou ao meu lado.

Era fácil conhecer os seus medos. Assustava-o conhecer o fato de que precisaríamos ir embora, mesmo que fosse por pouco tempo. Quem poderia julgá-lo? Se eu pudesse entender o meu coração, se pudesse pular a camada de dor que me impedia de pensar em qualquer outra coisa que não fosse a minha família, também estaria preocupada.

Só que a verdade era que eu não estava pensando neste detalhe, e não queria pensar. Porque não havia escolha. Eu precisava ir e iria. Ficaria o quanto fosse necessário. Faria a minha parte. Mesmo que isso significasse sacrificar a outra parte de mim, a que amava com determinação.

— Miranda, quer descansar um pouco? — Dana se aproximou demonstrando toda a sua ternura.

Sinceramente? Eu detestava o cuidado das pessoas em momentos como aqueles, mas sabia o quanto todos precisavam ser úteis, demonstrar que se importavam, mesmo quando eu não me importava com o que eles estavam sentindo. Não é uma questão de insensibilidade, mas uma de sensibilidade ao extremo. Cada toque, cada palavra acalentadora, cada maneira frágil de agir, me levava a ela, naquele quarto, fria... Seria muito mais fácil fingir que nada estava acontecendo.

— Prefiro ficar, Dana. — Meu namorado segurou minha mão com mais força, reafirmando minhas palavras.

Do que adiantaria ficar trancada em um quarto? A dor seria menor se eu deitasse? A realidade mudaria se eu dormisse? Não.

— Tudo bem, querida. — Não olhei para ela, mas vi que Patrício a olhou com certo significado, trocando informações. Então a sogra da minha irmã se afastou sem nada dizer.

Alex estava do outro lado da sala. Encarava a porta do quarto onde estava a madrinha, e, conseqüentemente, a sua esposa. Sofria. Não havia como negar. Por mais sensível que Charlotte estivesse, ainda havia a mágoa, a incapacidade de perdoar a mentira, mesmo consciente de que não havia outra opção para ele.

Aceitou a sua presença, claro! Seu sofrimento era imenso e reconhecia a necessidade do seu apoio, mas superar era outro ponto a ser trabalhado e, naquele instante, minha irmã não estava disposta a demandar o seu tempo para aquela questão. Ninguém ali estava.

Mesmo assim ele esperava, ansioso, controlado, um pouco perdido, contudo, firme em seu propósito.

Patrício ficava tenso quando despendia mais tempo do que o necessário analisando o irmão. Talvez porque imaginasse que o mesmo poderia nos atingir, ou porque era incapaz de conviver com tamanho conflito.

Eu apenas observava tudo com uma parte da minha mente. A outra, grande parcela para bem da verdade, estava naquele quarto, aguardando que eles enfim saíssem e se juntassem a nós, para que eu pudesse outra vez me sentir inserida naquela família, e formássemos uma coisa só. Não completa. Nunca mais completa, mas juntos. Sempre juntos.

— Jaina e mais algumas pessoas de confiança do Peter estão subindo — Adriano sussurrou ao meu lado me avisando. Concordei sem demandar qualquer energia àquele fato. Eu sabia o que significava. Era a parte burocrática acontecendo.

Alguém teria que organizar o enterro, fazer o translado, deixar tudo pronto para a nossa chegada. Era mais ou menos como organizar uma festa, e era tão sórdido pensar assim que doía.

— Não se preocupe, Dana e Lana podem cuidar disso.

— É provável que a madrinha tenha deixado tudo organizado.

Engoli com dificuldade ao imaginar como alguém, em seu leito de morte, poderia pensar em detalhes sobre o seu enterro. Mas estaria sendo hipócrita se preferisse ignorar aquela possibilidade. Adriano concordou deixando-me sozinha outra vez com Patrício.

— Ela organizou o próprio enterro?

Seu espanto me fez sorrir. Como podia, eu não fazia ideia. Mas pareceu tão repulsiva para ele a ideia que tornou o seu comentário engraçado.

— A madrinha gostava de organizar eventos. Iniciava o ano com tudo programado. Não me espantaria saber que cuidou disso também.

— Uau! Isso é...

— Estranho?

— Aterrorizante. — Seus olhos estavam imensos, o que me fez rir outra vez.

— De duas uma: ou ela não queria que sofrêssemos ainda mais, precisando cuidar desta parte, ou não confiava em nossa elegância para elaborar um evento como este. — Meu namorado continuou me encarando sem acreditar no que falei.

— E você faria o quê? Compraria um caixão prateado, colocaria balões com dizeres, luzes cênicas, e contrataria aquelas mulheres que cantam e choram, aliás, cantam chorando para incentivar o choro durante todo o enterro?

— Talvez colocasse umas balinhas azedas para impedir as conversas soltas e o riso inconveniente. — Sua expressão de horror me fez rir outra vez. — É brincadeira, Patrício.

— Eu acho que não. Tenho certeza que você já fez algo do tipo.

— Como o quê, por exemplo? — Torceu os lábios e estreitou os olhos.

— Já colocou essas balinhas nas embalagens das crianças no dia das bruxas. — Mordi os lábios para não rir. — Você fez isso! Não acredito!

— Enrolei tablete de caldo Knorr e ofereci como chocolate.

— Puta que pariu! — falou alto demais chamando a atenção dos outros. Ri, e chorei no mesmo instante.

— A madrinha descobriu. Ficou muito aborrecida. Tentei jogar a culpa no Johnny. Não me olhe assim, todo mundo coloca a culpa no irmão mais novo. — Limpei as lágrimas que voltaram a cair com vontade. — Ela não acreditou, claro! Sabe o que disse? “*Ninguém teria um mente tão criativa como a sua, Miranda*”. — Voltei a chorar com uma saudade doentia. Como podia sentir tanto?

— E Charlotte se tornou a escritora da família.

— Pois é. — Ri sem conseguir parar de chorar. — Mas ela sempre escreveu as minhas histórias. De uma forma muito melhor, é verdade. Eu nunca servi pra isso. — Patrício jogou o braço em meus ombros e me abraçou com carinho.

— Você levou a sua criatividade para outro lado, Morena. — Beijou o topo da minha cabeça me acalentando.

Eu ia responder com algo bem criativo, agradecendo por poder pensar em qualquer coisa que não fosse aquela realidade horrorosa, mas a porta finalmente abriu e Charlotte saiu de lá do mausoléu que se tornou o quarto onde colocaram a madrinha.

Minha irmã hesitou, olhando todos que estavam ali. Seus olhos estavam ainda mais vermelhos e inchados. O nariz maltratado. Sua pele branca estava manchada com vários pontos vermelhos. Aguardei com a respiração suspensa. Ela viu Johnny e foi até ele, sendo recebida em seus braços.

Quis olhar para Alex e saber como ele se sentia sendo preterido, mas meus próprios olhos se recusavam a deixar de olhá-la, eu também me senti de fora, e doeu. Mas então ela voltou a procurar alguém, até que me encontrou escondida no sofá, protegida pelo corpo do meu namorado.

Charlotte estendeu a mão para mim, que gravei para o seu lado como se nada mais tivesse sentido. Quando minha mão tocou a sua me senti conectada outra vez. E era tudo o que precisava para que meus pés tocassem o chão.

— Vamos voltar para a Inglaterra.

A maneira como anunciou fez minhas pernas tremerem. Porque não se tratava apenas do enterro da madrinha. Era toda a nossa vida resolvida em poucos minutos. Ela disse: vamos voltar para a Inglaterra, deixando claro que estávamos indo embora do Brasil.



Voltar à Inglaterra sob aquelas circunstâncias só aumentou em mim as dores já enterradas. Voltei a me perceber uma pessoa partida no instante em que pisei em solo inglês outra vez. Ali estavam todos os meus pesadelos, o passado que lutei para superar e que, ao retornar, foram desenterrados, caminhando livremente como zumbis que ameaçavam me devorar.

O primeiro de todos foi a presença de Thomas no velório. Demorei a percebê-lo. A chegada em casa, o sofrimento dos funcionários, a recepção complicada e acomodação de todos consumiram muito do meu tempo e energia. Alguém precisava fazer o papel da madrinha e Charlotte não tinha condições nem mesmo de fazer o seu próprio papel, que dirá assumir o da mãe.

Na capela foi ainda pior. Apesar do velório curto e restrito, eram muitas as pessoas que não víamos há tempos. Muitas explicações sussurradas, pessoas que faziam questão de falar, de se aproximar. Charlotte estava destruída, contudo, amparada. A madrinha ficaria feliz em saber.

Eu o vi no enterro, em meio ao mar negro de ternos e chapéus da alta sociedade. Quando levantei para deixar a última flor, evitando encarar o buraco onde ela fora deixada, encontrei seus olhos atentos, fixos nos meus. Fraquejei e agradei por estar diante do túmulo da madrinha, assim ninguém perceberia o motivo do meu medo, ou da minha raiva.

Decidida a não precisar prorrogar aquele encontro, nem deixá-lo mais íntimo, empurrei Charlotte para dentro do carro, me valendo da sua tristeza, e fomos embora para o que deveria ser a nossa fortaleza. Estava muito enganada.

Se existe uma imbecilidade na cultura inglesa é a ideia de que as pessoas deveriam comparecer para uma cerimônia na casa dos familiares após o enterro. Tudo ganhava certo ar de naturalidade que ninguém estava disposto a encarar. Eu não queria que aquelas pessoas estivessem ali, comendo e bebendo como se comemorassem a morte da madrinha.

Ainda assim, devido à situação psicológica da minha irmã, precisei ficar e acompanhar o padrinho, além de lutar para manter a família do meu namorado à vontade. E, claro, fazer com que Patrício não surtasse. Estávamos todos cansados demais para aturar um monte de desalmados que insistiam em ficar e aproveitar o maravilhoso champanhe.

Abutres!

Thomas chegou junto com os pais, depois que Alex conseguiu levar Charlotte para o quarto, dopada. Confesso que não esperava mais por eles. Fiquei vigilante desde que nossos olhos se encontraram no cemitério e já estava agradecida pela sua ausência.

Mas ele apareceu. Arrogante, sem se importar com o nosso sofrimento, sustentando aquele sorriso educado sem entender que sorrir naquele momento não era nada apropriado. E estava lindo. Ainda mais bonito do que eu me permitia lembrar.

Sem conseguir evitar acompanhar os seus passos, senti a mão de Patrício na minha. Estremeci. Durante anos fugi daquele menino. Durante anos evitei a sua companhia, limitei minhas palavras, me recusei a permanecer na sua presença. Para todos eu deixava claro que não suportava a sua presença. Uma aversão natural, típica dos adolescentes, mas que levei até a vida adulta.

Quanto tempo fazia? Seis anos. Só seis anos. E parecia uma eternidade. À medida que se aproximavam, meu coração descompassou, as mãos ficaram suadas e já não conseguia mais disfarçar o incômodo.

— É ele? — Patrício sussurrou em meu ouvido quando me puxou para seus braços.

Tive medo de encará-lo e demonstrar todo o meu abalo, então descansei minha cabeça em seu peito me permitindo ser acalentada. Talvez não fosse a atitude mais correta naquele momento. A etiqueta inglesa exigia um pouco mais de frieza, mas... que se dane! Meu lado brasileiro exigia um pouco mais de calor humano para aguentar aquela barra.

— Sentimos muito, Peter — ouvi o Sr. Ulric falando. Precisei fazer um esforço sobre-humano para voltar a atenção para aquela família que sempre fiz questão de esquecer.

— Obrigado, Richard! — A voz cansada do padrinho me alertou da necessidade da minha presença. Reuni toda força que me restava e me afastei de Patrício, mantendo nossas mãos unidas.

— Sabe que sempre tive um apreço pela amizade da Mary, Peter. — A Sra. Ulric fez a sua parte. Claro que ela tinha apreço pela amizade da madrinha. O dinheiro valia muito em amizades como a delas. — Miranda? Como vai?

A minha vontade era de ignorar aquela mulher porque foi o que ela fez comigo na maior parte dos anos que precisei conviver com a sua presença inconveniente naquela casa. Sua aversão por mim era nítida. Eu era a filha da empregada, negra, o bichinho de estimação dos Middleton. Nunca suportou quando o filho brincava comigo, não queria que gastasse o seu tempo com a garota errada quando o alvo era bem claro: Charlotte. Uma pobre coitada!

— Suportando, obrigada!

— Este é Patrício — o Padrinho fez as devidas apresentações —, cunhado de Charlotte e... namorado de Miranda. — Vi quando seus olhos conferiram a reação do Thomas. — Como vai, Thomas? — Estendeu a mão como se não estivesse segundos antes tentando alfinetá-lo.

— Surpreso, Peter! Acho que ninguém esperava a morte de Mary.

Então seus olhos se voltaram para mim quando eu já agradecia a possibilidade de ser ignorada. Foi... impactante. Confesso. Eu não encarava Thomas desde que fui obrigada a... a dar fim no que nos ligava. Nunca mais consegui olhar em seus olhos. E foi como se todos os

sentimentos valsassem entre nós dois, contudo, a mágoa, a raiva e o desprezo foram os mais fortes.

— Como vai, Miranda?

Permaneci muda. Para ser sincera, não consegui falar. Não encontrei qualquer palavra que expressasse corretamente o que eu sentia. Patrício apertou minha mão, talvez me alertando ou não gostando nada do que acontecia ali. Não sei dizer. Só sei que não respondi, nem desviei os olhos dos dele, e sequer consegui aliviar minhas feições.

Por um segundo parecia que aquela era a chance de cobrar dele tudo o que me fez passar. Esquecendo o local, o dia e a hora em que nos encontrávamos. Minha mão livre formigou com o tapa que me imaginei dando em seu rosto perfeito. Até que a força que nos ligava se quebrou, ele deixou de me olhar voltando a encarar o padrinho.

— E Charlotte? Não consegui falar com ela no cemitério. Gostaria muito de expressar meus sentimentos pela perda.

Panaca!

— Charlotte não suportou ficar — o padrinho explicou. — Subiu com o marido para descansar um pouco.

— Ah, sim! Casada. — Sorriu sem muita vontade. — Eu volto outro dia, quando essa confusão toda estiver mais ajustada.

— Faça isso, querido — a Sr. Ulric falou, incentivando o filho a continuar a sua busca impossível pela herdeira frágil. Patética! — Charlotte sempre gostou da sua companhia. Claro que ele tem que vir, não é mesmo, Peter?

— Sim, apareça, Thomas. — Ele não demonstrou, mas a certeza dentro de mim de que tal ideia era inconcebível para o padrinho, me reconfortou.

— Então Charlotte casou... — o Sr. Ulric continuou falando para manter a conversa com o padrinho, e eu aproveitei a deixa para me afastar.

Patrício, impaciente, não parava de apertar meus dedos. Praticamente me puxou para fora da sala, em direção à cozinha, onde eu costumava me refugiar quando a realidade ainda me assustava. Dois empregados que organizavam a distribuição da comida nos olharam desconfiados, depois condescendentes, imaginando que eu precisava sair um pouco daquele clima sufocante.

Saímos pela porta dos fundos, no jardim que ficava na lateral da casa. Estava frio, ainda assim, era muito mais animador do que do lado de dentro.

— Era ele, não era? — Patrício perguntou em português. Foi reconfortante. Ainda encarando as flores, assenti. Ele soltou o ar com força. — Não sei como reagir, Miranda.

— Reagir ao Thomas? Patrício, ele não tem...

— Reagir a você!

Surpresa, virei em sua direção para encontrá-lo mais sofrido do que deveria. Ah, céus! Eram tantos problemas para administrar que às vezes me perguntava como conseguiria ainda me manter de pé.

— Não nos víamos há muitos anos. E... claro que era certa a sua presença hoje aqui, contudo, diante de tantos acontecimentos esqueci completamente desta possibilidade.

— Você ainda o ama?

— O quê? Não! De onde tirou isso?

— Da maneira como o olhou.

— Com raiva? Com mágoa de tudo o que ele me fez?

— Talvez sim. Mas... merda, Miranda! A raiva é só uma das muitas faces do amor. — Fiquei muda por tempo demais, alimentando a ideia absurda do meu namorado. — Por favor, seja sincera comigo.

— De onde você tirou isso? — sussurrei me aproximando. Ele se afastou instintivamente. — Não faça isso, Patrício. Thomas é um passado muito doloroso que jamais quis recordar.

— Que você nunca esqueceu — acusou com mágoa.

— Olha... Então talvez eu não tenha mais raiva dele. Se isso for verdade, se sentir raiva for uma das muitas demonstrações do amor, então não tenho raiva do Thomas. Mágoa sim. O que aconteceu foi forte demais. E triste. Você conhece toda a história, não preciso nem quero repetir. Então confie em mim quando digo que te amo.

— Quando você diz. Não se esqueça disso. É quando você diz, o que quer dizer, quase nunca.

— Porque de nada valem as palavras. Você sabe que te amo. Soube antes de mim, como pode não acreditar?

Patrício me encarou como se só naquele momento percebesse o óbvio e, finalmente, pude relaxar o corpo deixando a tensão se esvaír com força. Pela primeira vez, desde a morte da madrinha, contando todas as horas em que fiquei acordada, sem me dar ao luxo de dormir, tomando para mim a obrigação de manter todos equilibrados, pude me deixar abalar aceitando o cansaço que me consumia.

— Desculpe!

— Tudo bem.

— Não está tudo bem. Eu não... — Patrício passou a mão pelos cachos bagunçando o cabelo e ficando adorável. — Não sei conviver com isso. Desculpe!

— Olha, está tudo desmoronando. Eu estou desmoronando. Então, por favor, só fique ao meu lado, porque quando você está, eu sinto meus pés no chão. Sinto que ainda suporto mais.

Patrício me cercou com os braços, colando nossos corpos. Sua boca procurou a minha com um beijo apaixonado, confirmando tudo o que já estava mais do que certo: ele me amava.

Deixei que me beijasse enquanto quisesse, porque existia alguma coisa que me fazia acreditar que tudo era possível. Era o amor daquele menino atrevido que um dia invadiu a minha vida sem pedir permissão e me fez encarar um lado mais obscuro, mostrando que mesmo quando nada parece correto, há acertos.

— Quanto tempo mais precisamos ficar na sala?

— Preciso acompanhar o padrinho.

— Você precisa dormir, Morena. Peter também. Isso é tão estranho!

— Eu sei. — Sorri pela primeira vez desde que chegamos. — Mas é a cultura dele. Vamos respeitar. — Seu olhar orgulhoso fazia milagres em mim.

— Tudo bem. Vamos enfrentar as feras, mas já vou avisando, se aquele palhaço, filhinho da mamãe ousar se aproximar de você, amanhã estaremos em outro enterro. — Ri com vontade aceitando o seu braço como auxílio.

— Pode acreditar, garoto, eu não farei qualquer objeção.

CAPÍTULO 37



*“No silêncio que se faz, o amor diz compromisso.
Baby, baby, dentro de um abraço tudo mais já está dito.”*

DENTRO DE UM ABRAÇO – JOTA QUEST

DOIS DIAS DEPOIS E TODOS PRECISAVAM IR EMBORA. TODOS MENOS ALEX, QUE FICARIA COM Charlotte até que ela estivesse mais fortalecida e conseguisse retomar a sua vida.

Confesso que foram os dois piores dias que já vivi ao lado daquela família. Nem o momento da morte da madrinha me pareceu tão mórbido e pesado. Charlotte parecia não viver mais. Seu olhar estava sempre perdido. Ela sequer percebia quando as lágrimas caíam ou quando as pessoas entravam e saíam daquela casa.

O mais estranho de tudo, e ao mesmo tempo, compreensível, foi que o estado da minha irmã me aproximou do Alex. Mesmo com todo o desconforto de ambas as partes, cooperamos um com o outro por um bem maior. Ele precisava de mim para estar ao lado dela quando chegava o seu momento de se afastar. E eu precisava dele para não enlouquecer assistindo Charlotte se transformar em uma boneca, vestida como a madrinha sempre sonhou, mas agindo como se um controle remoto guiasse suas ações.

— Ela ainda está tomando o remédio?

Alex confirmou sem me olhar diretamente. Estava atento à esposa que de tempos em tempos levava a xícara de café aos lábios, parecendo uma marionete. Suspirei derrotada.

— Olha como ela está agindo! Esse remédio está fazendo com que ela pareça um robô.

— Eu sei. — Vi os ombros do meu professor arriarem, derrotado. — O que posso fazer? O médico pediu para que fosse feito desta forma. Não posso interromper o tratamento e jogá-la nessa realidade, Miranda.

— Às vezes acho que se ela gritasse e chorasse seria mais reconfortante.

— Eu também — confessou com pesar.

E se existia algo mais estranho do que Alex Frankli confessando os seus sentimentos para mim, eu não conhecia. Chegava a ser assustador.

— E Patrício?

— Arrumando a mala — foi a minha vez de falar com tristeza. Alex balançou a cabeça entendendo o meu estado de espírito. Ficamos calados, observando minha irmã.

A partir daquele dia precisaria me virar sozinha. Patrício voltaria para o Brasil enquanto eu nem fazia ideia de quando chegaria a minha vez. Chegamos a um ponto em que a despedida era inevitável. As necessidades eram diferentes. Ele não podia abandonar o trabalho e eu não podia deixar a minha família para trás.

Então era isso. Nós nos despediríamos sem saber quando seria o reencontro, mesmo com o coração gritando para que fosse o quanto antes.

Para piorar a situação, enquanto Charlotte não conseguisse reagir por si só, os problemas dela com Alex ficavam em segundo plano. Nada fora resolvido, mesmo com toda a ansiedade do meu professor de finalmente se sentir perdoado pela esposa. E de nada adiantava tentar conversar. Minha irmã parecia não conseguir se concentrar em nada. Sua mente viajava e seus olhos perdiam o foco com muita facilidade.

Assim adiávamos cada vez mais aquele problema, jogando para frente, sem saber se algum dia encontraríamos uma solução.

Shirley, uma das empregadas mais antigas da casa e por quem eu tinha um imenso carinho, por ser a amiga mais próxima da minha mãe, atravessou a sala lançando um olhar preocupado em minha direção. Acompanhei seus passos até que a mulher parou em frente a Charlotte.

— O Sr. Thomas Ulric encontra-se aqui, Lottie. Posso mandar aguardar na sala ao lado?

Minha irmã olhou aflita para Alex, que levantou sem que precisasse de qualquer alerta da minha parte. Eu também levantei, não porque queria recebê-lo como mandava a etiqueta, mas porque precisava estar o mais longe possível quando ele entrasse.

Deus! O que Thomas fazia ali? Charlotte estava casada! Será que ele estava mesmo levando a sério as tentativas da mãe em ainda realizar aquele casamento? Não. Nem Thomas era idiota a este ponto. Então o quê?

Não fiquei para discutir os detalhes com Alex, só saí sem deixar que ninguém me detivesse. Cheguei a seguir em direção à escada para encontrar Patrício em seu quarto, mas no último segundo virei à direita e acabei na biblioteca. Só então voltei a respirar. Não! Não era possível que ele ainda conseguisse me abalar daquela forma. Thomas não podia ter este poder sobre mim, não ao ponto de me tirar da sala da minha própria casa.

Passei os dedos nos livros, de olhos fechados sentindo cada lombada, a importância das edições, fugindo o quanto podia dos pensamentos que me acovardavam.

Sim, Thomas me abalava, mas não era como Patrício imaginava. Era apenas que eu não conseguia olhá-lo sem me sentir fraca, humilhada, vulnerável. Thomas era a confirmação dos meus pesadelos. E eu ainda não havia me perdoado por ter concordado com algo tão baixo, mesmo sendo fruto da minha infantilidade.

Por mais que ele fosse o motivo da minha ação, a fraca, a covarde fui eu. Por isso compreendia que poderia odiá-lo uma vida inteira, mas quem precisava do perdão era eu mesma. E este nunca chegaria.

Meus dedos passaram por uma pequena elevação. Meu coração acelerou. Conhecia aquele livro até de olhos fechados. A lombada grossa, rasgada em determinado ponto deixando marcado para sempre uma pequena briga entre mim e Charlotte na nossa infância. Otelo.

Sorri deixando a emoção dominar meu coração. Parecia que ouviria a voz da madrinha a qualquer momento, entrando naquela biblioteca e esbravejando por quase rasgarmos o livro ao meio. E era uma versão antiga, de colecionador, que o padrinho custou a achar para presentear-la.

Ainda de olhos fechados, mantive a ideia da sua presença e retirei o livro da formação, abraçando-o. Conseguia ouvir a voz raivosa de Charlotte, quase chorando me acusando de não

ceder o livro quando era ela quem amava Shakespeare. Em minha memória, o seu rosto corado, se esforçando para não derramar as lágrimas, era tão vívido que me fez suspirar.

“Mas eu preciso desse livro, mamãe!”

“Ora, Charlotte! Não seja assim. Miranda pegou primeiro. Você terá que aguardar a sua vez.”

Sorri com a emoção à flor da pele. A voz da madrinha ainda era tão verdadeira, fazendo com que a sua presença naquele ambiente fosse quase real. Se eu fechasse bem os olhos poderia vê-la, sorrindo para mim ao ficar satisfeita com a sua tentativa de restaurar a capa usando cola.

Abracei ainda mais o livro implorando para que ainda preservasse o cheiro da madrinha, seu perfume doce, mas só o que havia ali era um odor característico de livros que recebiam os devidos tratamentos semanalmente. Nada além disso.

— Está tudo bem?

Pulei assustada com a voz de Patrício rasgando o silêncio, assim como as minhas lembranças. Quando abri os olhos ele estava lá, no meio da biblioteca, me encarando com olhos assustados, aguardando que eu dissesse alguma coisa. Olhei para o livro que apertava em meu peito me dando conta do quão estranha aquela cena pareceria.

— Alex me disse que você veio pra cá, então...

— Uma vez eu e Charlotte brigamos por causa deste livro. — Caminhei em sua direção com um sorriso cheio de saudade, mostrando o que eu tanto abraçava. — Está vendo esse remendo grosseiro aqui? Nós quase o partimos ao meio. Ela sempre foi louca pelo Shakespeare, mas eu estava lendo este primeiro. — Dei de ombros sorrindo para aquela bobagem. — Brigamos e só não rasgamos o livro porque a madrinha chegou. Charlotte ficou alguns dias sem falar comigo só porque a madrinha me deu razão e, após consertar a capa, deixou que eu terminasse de lê-lo.

— Vocês sempre brigavam pelas coisas?

— Não! Foram só as bonecas e os livros, e... às vezes pela atenção da minha mãe. Era só o que tínhamos em comum. Todo o restante parecia se dividir com perfeição entre nós duas.

Patrício sorriu tomando o exemplar em suas mãos, conferindo-o com sabedoria e respeito. Ele sabia que estava com um livro raro e caro, por isso o cuidado.

— É seu?

— Era da madrinha. Mas tudo de Shakespeare deve ficar para Charlotte. — Sorri não me importando nem um pouco. Era natural que fosse dela.

— Uma ótima edição. — Devolveu o livro já com um olhar estranho.

— O que foi? — Acariciei seu rosto me preparando para o que diria.

— Aquele cara está lá na sala. — Busquei em seus olhos os reais sentimentos quanto à presença de Thomas.

— Eu sei. Foi por isso que vim pra cá.

— Imaginei. — Ele se aproximou com ansiedade, mas parou antes de me tocar. — Você está bem?

— Não. Mas não é por causa dele e sim por Charlotte. Não sei o que Thomas faz aqui. Sei que eles são primos e que a amizade é antiga, apesar de não ser profunda. O problema é que... — Dei alguns passos para trás voltando minha atenção para os livros. — Não acho que esteja vindo em paz. Tenho fortes motivos para acreditar que Thomas vai causar mais problemas ao casamento de Charlotte e esse não é o melhor momento.

— Quer que eu converse com Alex?

— E vai dizer o quê? Quais são as razões que temos para alertá-lo? Não tem como fazer isso sem contar a minha história, e talvez ela só sirva para fazer com que achem que estou enciumada. — Patrício engoliu com dificuldade sem desviar o olhar. Depois concordou.

— Não fico tranquilo sabendo que estou indo embora e você vai ficar com ele rondando a casa.

— Pode relaxar, Patrício. Aprendi a me defender do Thomas há muitos anos. O problema é Charlotte agora.

— Eu sei. E como pretende protegê-la sem permitir que ele se aproxime?

— Enquanto Alex ficar não vou precisar me preocupar com este detalhe.

— Ah, Morena! Não sei até quando Alex vai conseguir ficar e... para ser honesto, acho que Charlotte não volta para o Brasil tão cedo.

A afirmação deixou um clima estranho entre nós dois e, de repente, Thomas, Charlotte, Alex, qualquer assunto ficou em segundo plano. Havia algo muito mais importante para ser resolvido.

— Sei que não posso te pedir isso, mas, volta comigo, Miranda. Alex ainda está por aqui. Deixe que ele se resolva com Charlotte, se não der certo, você volta.

Outra vez precisei de alguns passos de distância para conseguir respirar. Se Patrício imaginasse como eu queria que aquela decisão fosse fácil não precisaria me pedir duas vezes. Só que não era, aliás, não havia nem o que decidir. Eu não podia ir embora naquele momento e ponto. Agora como fazer com que ele entendesse sem que rachasse alguma coisa entre nós seria outra missão.

— Eu sei como você se sente, Morena. Sei que não vai conseguir largar tudo e ir atrás de mim, mas... porra! Não sei como agir. Não sei o que dizer nem como pensar. Como vai ser isso?

— Não sei.

— Vamos estar em continentes diferentes, em fusos-horários diferentes. Como isso vai funcionar?

— Eu não sei, Patrício. Juro que não sei. Mas eu quero que funcione. Eu... não posso ir embora. Não posso!

Ele suspirou com pesar e se afastou ainda mais. Eu quis abraçá-lo, garantir que tudo ficaria bem, que não havia o que temer. Quis deixar que meus beijos demonstrassem o que não conseguiam falar, reafirmar o amor que sentia e pedir para que fôssemos aquele casal apaixonado que acreditava que venceria toda e qualquer barreira. Só que não foi o que eu fiz. E não fiz porque eu não era esse tipo de mulher apaixonada. Tudo o que vivi, mesmo sendo ainda tão jovem, fez com que entendesse que não havia qualquer garantia na vida.

— Tudo bem. Meus pais vão voltar logo, Lana e João já estão preparando as malas... — Ele andou pela biblioteca deixando que seus olhos vagassem pelos livros. — Foi legal Peter disponibilizar o avião da família. Vai ser mais confortável aguentar as horas de voo.

— Vocês já foram ótimos nos acompanhando. Ele só retribuiu a gentileza.

— Verdade. — Seus olhos não voltavam aos meus, o que começava a me machucar. — Eu ligo para avisar que chegamos.

— E eu ligo para avisar que está tudo bem aqui. — Ele concordou sem nada dizer, umedeceu os lábios, pronto para se retirar. — Você sabe que não precisa ser assim.

— Pra falar a verdade, Morena, eu não sei de mais nada.

— Tente compreender...

— Estou tentando. Juro que estou. Não quero ser o idiota egoísta que vai exigir ser colocado acima da sua família, nem nada disso.

— Patrício...

— Eu não estou fazendo isso. Só estou... — Seus olhos me atingiram com força. Havia tanto sofrimento neles que me dominou. — Estou tentando encontrar uma forma de ir embora sem ter a impressão de que estou deixando tudo para trás. Por isso eu sei como você se sente, Miranda. E... você sabe como a minha cabeça funciona, por isso não se assuste se eu não... se não conseguir ser tão frequente.

— Patrício... — As primeiras lágrimas desceram sem qualquer impedimento.

— Não estamos terminando, ok? — Foi mais firme. — Só vamos deixar acontecer. Ver até onde conseguimos ir.

— Tudo bem — sussurrei rendida sem conseguir sair do lugar.

— Então é isso. Eu vou... — Apontou para trás, em direção à porta. Concordei sem acreditar que estava mesmo fazendo aquilo.

Patrício saiu e eu desabei. Sentei no sofá escondendo o rosto entre as mãos, me perguntando como mesmo aquilo tudo desandou? Ao mesmo tempo minha cabeça gritava dizendo que eu precisava levantar e continuar firme, que Charlotte precisava de mim, o padrinho, Johnny, agora até mesmo Alex precisava de mim, o que não parecia nada justo.

Mas aquela foi a minha promessa, não foi? Eu não disse à madrinha que ficaria para manter Charlotte firme? Não afirmei que continuaria lutando por ela até que minha irmã estivesse refeita? Então não havia pelo que chorar.

Também não poderia fazer com que Patrício esperasse por mim por sabe-se lá quanto tempo, vivendo em outro país, outro continente, separados por um oceano inteiro. Não! Aquilo jamais seria justo com ele. Seria como ele mesmo disse, não colocaríamos um ponto final, só deixaríamos que tudo caminhasse até que soubéssemos aonde iríamos parar.

Enxuguei o rosto com mais força do que o necessário e levantei a cabeça pronta para parecer mais forte do que de fato era quando o vi. Patrício estava lá, parado na porta, me encarando sem acreditar no que via.

— Estive pensando... — Passou o polegar no lábio inferior enquanto ainda me analisava com atenção. — Qual é mesmo o nome do peixe que caiu do décimo andar?

— O peixe que... o quê?

— O peixe que caiu do décimo andar — falou sem se alterar.

— Patrício, eu nunca ouvi falar de peixe que caiu do décimo andar. Onde foi isso? — Ele deu aquele meio sorriso cheio de malícia. — É mais uma das suas piadas, não é mesmo?

— Atum.

— Atum?

— Aaaaaa... tum!

— Meu Deus! — Abaixei a cabeça sem conseguir acreditar naquilo. — Você é mesmo um idiota. — Voltei a olhá-lo só para verificar que não mais sorria. Ele me encarava com intensidade.

— Desculpe! — sussurrou com cuidado, os olhos cheios de um sentimento que me castigava, fazia meu peito doer.

Então ele veio até mim, se ajoelhou à minha frente tomando minhas mãos nas suas. Seus olhos conferindo minhas lágrimas como se elas o machucassem. E quando seus lábios se juntaram aos meus foi como se algo dentro de mim explodisse, formasse uma proteção e impedisse que qualquer coisa do mundo nos alcançasse.

Ainda chorando, beijei Patrício, saudosa demais para ser indiferente. Que se danassem o bom-senso, a razão, as probabilidades que gritavam contra o nosso relacionamento. Eu não queria pensar. Estava cansada demais para deixar que meu lado racional assumisse a situação. Por isso me entreguei.

— Desculpe, Morena! — ele sussurrava entre beijos. — Desculpe! Eu não sei o que estou fazendo. Eu.. eu te amo!

— Eu te amo! — reafirmei sem querer deixar seus lábios. — Eu te amo, Patrício!

— Ah, merda! O que eu faço com a gente? — Suas mãos entraram em meu cabelo segurando-o com força. — O que faço com esse desespero? Por que você não me diz nada?

Por que não me diz o que fazer?

— Porque não posso fazer isso. Não posso te pedir que me espere porque não faço ideia de por quanto tempo será assim. Não posso pedir que continue me amando quando preciso permanecer aqui. Eu não posso.

— Porra, Miranda! Você pode. Peça, pelo amor de Deus! Mas não me deixe assim, sem saber em que direção seguir.

Deus! Aquilo não era certo. Não era justo. Como eu poderia conviver com mais aquele peso em minha vida? E se não desse certo? E se Charlotte demorasse demais para se recuperar? E se ela nunca mais conseguisse se recuperar? E se o casamento dela acabasse por causa disso? Como eu poderia voltar para Patrício?

Passei as mãos em seu rosto me apaixonando uma vez mais. Seus cachos perfeitos, os lábios grossos. Fechei os olhos e experimentei seu beijo, reafirmando o amor dentro de mim. Então fiz o que colocaria por terra tudo o que levei muito tempo para me tornar, me despi das minhas barreiras, abandonei a razão, ignorei o bom-senso e me permiti, depois de longos anos, a ser apenas sentimentos.

— Espere por mim — pedi com a voz rouca. O peso das palavras travando minha garganta e a veracidade delas ao colocá-las para fora. — Espere por mim, Patrício. Eu vou dar um jeito. Prometo.

Ele riu baixinho, aliviado. Deixei que seus braços me cercassem e nos beijamos mais uma vez, com mais amor, volúpia. Um desejo que transpassava qualquer limite. O que nos impediu de ir além foi a voz de João Pedro. Ele falou alto, como se soubesse que nos atrapalharia.

— Só vou chamar o Patrício — disse com certa força na voz. Desnecessário. Meu namorado se afastou sem tirar as mãos de mim. Seus olhos aflitos buscaram os meus dizendo tudo o que não conseguíamos mais dizer. — Ah, vocês estão aí! — Seu tom forçado nos fez rir. Limpei as lágrimas da despedida com ajuda de Patrício que levantava com relutância. — Precisamos ir. Lana fez Charlotte levantar.

— Levantar? Mas ela estava na sala com Alex. — Ele fez uma careta de quem entendia toda a situação.

— Deitou outra vez. Os remédios.

— Droga! — Comecei a me afastar quando Patrício segurou minha mão.

— Ela está na sala — João falou nos olhando com um sorriso irônico. — De quanto tempo ainda precisa, Paty?

— Paty é...

— Ah, vocês já estão prontos? — O padrinho apareceu impedindo que meu namorado xingasse o cunhado como sempre fazia.

— Sim, Peter. — Patrício se ajustou ao meu lado, a mão na minha. — Meus pais já chegaram?

— Adriano foi buscar as malas. Os carros já estão prontos e aguardando a saída de vocês.

— Certo. — Patrício me olhou apreensivo. Era o adeus.

— Miranda? — o padrinho chamou. — Vocês precisam de mais tempo? — Sorri aliviada. Aquilo nunca seria o que eu esperaria do padrinho.

— Só mais um minuto, padrinho. — Ele assentiu e saiu da biblioteca levando um João debochado, que piscou e fez gestos obscenos para meu namorado.

— Bom, agora é mesmo um adeus, Morena.

— Um até logo.

— Não tão logo.

— Quem pode saber?

— Verdade. — Patrício me deu um sorriso imenso. Eu já sentia falta daquele sorriso tão amplo.

— Amo você! — sussurrei sem qualquer dificuldade de dizer aquelas palavras.

— Eu também. — Passou a mãos em meu rosto com carinho e me deu um beijo demorado, com os lábios colados aos meus. — Cuide-se! — Deu um passo à frente, mas voltou logo em seguida. — E se aquele cara procurar muita história...

— Pode deixar!

— Meta a mão nele, Morena! — Ergui uma sobrancelha intrigada com o que ele disse. Patrício riu com vontade. — Eu não esqueci que você sabe se defender.

Outra vez fui beijada com saudade, mas este beijo logo se desfez. Patrício foi embora, deixando-me naquele país onde todos os meus pesadelos habitavam.

CAPÍTULO 38



“Eu vou tentar. Sempre! E acreditar que sou capaz de levantar uma vez mais. Eu vou seguir. Sempre! Saber que ao menos eu tentei. E vou tentar mais uma vez. Eu vou seguir.”

EU VOU SEGUIR — MARINA ELALI

CINCO DIAS SEM PATRÍCIO. CINCO DIAS ASSISTINDO CHARLOTTE DEFINHAR, O PADRINHO SE esforçar para seguir em frente e Alex se desesperar por não conseguir fazer nada para ajudar a esposa. Cinco dias precisando aguentar as visitas impertinentes daquele que não merecia sequer ser recebido naquela casa.

Revirei os olhos quando Alex bateu à minha porta. O que ele achava que éramos? Melhores amigos? E onde estava Thomas e Charlotte?

— Entre, Alex!

Ele abriu a porta com cuidado, evitando ver mais do que deveria. Que idiota! Será que nunca esqueceria que já pensei em transar com ele um dia, no passado, que aliás, parecia mais distante a cada segundo? Seria muito mais fácil se ele não estivesse o tempo todo com aquele muro entre nós dois.

Porra! O cara era meu cunhado. Duplamente cunhado. Só isso deveria ser o suficiente para fazê-lo entender que de forma alguma, nem por todo o prazer do mundo, eu o aceitaria em minha cama.

— Oi!

— E Charlotte?

Caminhei pelo quarto com o *notebook* na mão para colocá-lo no lugar certo. Mais uma vez eu havia tentado falar com Patrício sem sucesso. Desde a nossa despedida consegui trocar meia-dúzia de mensagens e conforme o tempo passava essas ficavam mais espaçadas e estranhas.

— Dormindo.

Tenho certeza que suspiramos juntos.

Sentei na cama, mas Alex preferiu a poltrona. Seu incômodo era visível, mesmo com a porta entreaberta.

— Ela passa tempo demais dormindo. — Ele fez uma careta, concordando, contudo, com algo mais a dizer.

— Às vezes eu acho que é melhor ela dormindo do que com Thomas — resmungou.

Eu me mexi incomodada com a menção ao homem que destruiu a minha vida. Thomas estava aprontando alguma coisa. Nem em nossos melhores momentos ele não era tão incisivo. Talvez fosse a hora de eu parar de me esconder e encará-lo. Quem sabe assim ele deixasse de se intrometer tanto na vida da minha irmã.

— Thomas só será um problema se você quiser — Alex me encarou sem gostar do que eu dizia.

— Você também não gosta dele — acusou.

— Por que acha isso?

— Porque faz questão de sumir quando ele chega. — Ponto para o professor hipócrita.

— Tenho motivos para não confiar em Thomas, então, cuidado.

— E não é só ele. Aquela mulher, a Lilian.

— A mãe dele. Sei. Sra. Ulric — desdenhei conseguindo entender com perfeição como Alex se sentia.

— Ela é insuportável! Faz insinuações...

— Pode acreditar, Alex, eu bem sei o que Lilian Ulric é capaz de fazer. Mas não dê importância a ela. Não passa de uma mulher amargurada e fútil. O sonho dela era casar Charlotte com o filho e como não conseguiu, vai dedicar suas frustrações a você.

— Como se eu já não tivesse problemas demais.

— Quanto a Charlotte... — Alex levantou indo até a janela, se concentrando na imagem abaixo. — Acho que já é hora de fazê-la acordar. — Ele me olhou com medo.

— Não sei se ela está preparada.

— Nunca saberá se continuar fazendo com que ela durma o tempo todo.

— Mas Miranda... — Puxou o ar com força passando a mão pelo cabelo liso demais. Tão diferente de Patrício e ainda assim com o mesmo hábito. Uma saudade imensa me castigou. — Acho que tem razão. Peter sugeriu que diminuíssemos a dosagem aos poucos, assim o organismo não sofre com a falta do medicamento.

— E ela entra na realidade aos poucos, sem o impacto que você tanto teme.

— E você não?

— Na verdade... não. Charlotte é mais forte do que vocês pensam. Quando pararem de tratá-la como algo quebrável, vão perceber. — Peguei o celular conferindo pela milionésima vez se havia uma nova mensagem de Patrício. Nada.

— Talvez você tenha razão. Eu vou... é melhor... — Até me sentia melhor com aquele desconforto entre nós dois. Fazia com que não me sentisse tão estranha. — Como está Patrício?

— Pensei que você teria algo para me falar sobre ele. — Foi inevitável a amargura em minha voz.

— Desculpe, não tenho conversado muito com meu irmão nos últimos dias. Ele não tem ligado?

— Às vezes manda alguma mensagem. — Vi em seu rosto que ele ficava ainda mais desconfortável sendo meu confidente. Sorri divertida. — Tudo bem. Eu sei como funciona a

cabeça dele.

— Pois é. Patrício é complicado, mas eu acho que está indo bem até demais nesse relacionamento.

— Que bom.

—Sabe, Miranda, eu acho que você deveria voltar. Se o seu problema for Charlotte, não tem com o que se preocupar. Eu ficarei até ela se sentir bem. Peter também vai ficar.

— Não funciona assim. — Levantei sendo eu a dona de todo o incômodo. — Não posso deixar Charlotte aqui. Preciso ficar, Alex. E não é só ela, tem o padrinho também.

— Peter está reagindo melhor do que todos esperavam.

— Eu vou ficar. — Fui direta, impedindo que continuasse com os argumentos.

— Tudo bem. É só que sei que você sente a falta de Patrício e conhecendo a condição do meu irmão, quanto mais distantes vocês ficarem mais difícil será colocar as coisas em ordem. — Estremeci. Conhecia aquele risco e não via como ser diferente. Charlotte precisava de mim.

— Bom, quem sabe assim você se sinta melhor, não?

— O que quer dizer?

— Ora, Alex! Não vamos fingir que meu namoro com o seu irmão não te desagrada. Já tivemos conversas francas demais para esquecermos em nome do bom convívio.

— Bom... — Ok! Chegamos ao cúmulo do incômodo. Estava começando a ficar insuportável para nós dois. — Eu já te disse, Miranda. Patrício é responsável pelas próprias escolhas e não posso fazer objeções.

— Ou seja, de forma menos educada, você não é boa o suficiente para Patrício.

— Não é nada disso. Caramba! Tem que ser difícil assim mesmo?

Recuei. A verdade era que eu não precisava destruir o pouco que conquistamos. E também que estava bastante frustrada com tudo, descontando em Alex o que não era culpa dele. Voltei a sentar na cama decidida a acabar com aquela situação.

— Então vamos desmamar a Charlotte? — Alex me olhou confuso, deixando que seu desconforto se agravasse. — E quando pretende começar?

— Não sei. Vou conversar com Peter e com o médico dela para fazermos o melhor plano.

— Certo. Só me avise quando.

— Tudo bem. Vou ver como ela está. Vejo você depois.

Alex deixou o meu quarto e eu fiquei péssima no mesmo instante. Era horrível quando não conseguia domar meu gênio e despejava minhas frustrações nas pessoas, mesmo quando a pessoa em questão era o marido da minha irmã.

Peguei o celular, mesmo com toda relutância, já que detestava a ideia de ser ignorada, e liguei para Patrício, já contando com a frustração do seu silêncio. Mas não foi como previ.

Meu namorado atendeu no terceiro toque, a voz ofegante. Meu corpo enrijeceu e minha mente povoou com imagens toscas.

— Correndo? — Ele riu, mas foi uma risada nervosa, o que me deixou ainda mais tensa.

— Como vai, Miranda?

É bem verdade que pesava muito ter um gênio forte e uma personalidade que jamais me permitiria sair do controle, mas naquele momento tive vontade de xingá-lo, de falar as palavras mais absurdas, depois desligar para me colocar na posição que me permitiria ignorá-lo sem demonstrar sofrimento.

— Bem. E você?

— Hum! Cansado. Sem Alex aqui a empresa está um inferno. Até minha mãe tem aparecido para ajudar Lamara.

— Devo intuir que os elevadores estão quebrados?

— Elevadores?

— Você está ofegando — rosnei, mas me calei, apelando para o meu bom-senso. Ele riu mais uma vez, sem jeito, me deixando com raiva.

— Como está Charlotte?

— Na mesma. — Ouvi um muxoxo disfarçado pela respiração ainda ofegante.

— Isso significa que você não faz ideia de quando vem?

— E faz diferença?

— Faz pra você? — Filho da puta, cretino, escroto... — O que tem feito? — Estreitei os olhos, disposta a pagar na mesma moeda.

— Humm! Rolado na cama, aprendendo novas posições, ficando maluca a noite toda. — Seu silêncio durou mais tempo do que eu esperava. Patrício limpou a garganta e quando falou não estava mais debochado:

— Então isso significa que...

— Estou sofrendo de insônia.

— Puta que pariu, Morena! — rosnou fazendo com que a minha risada fosse mais saborosa.

— Você provocou.

— Eu?

— O que estava fazendo? — Juro que podia enxergar o sorriso abusado daquele menino.

— Lutando.

— Lutando? Desde quando você luta?

— Boxe? Desde sempre, eu acho. Quer dizer... fazia um tempinho que eu não aparecia, mas resolvi colocar um pouco da energia pra fora. Sabe como é, né? Também estou sofrendo de insônia.

— Ah, é?

— É. Aposto que você está bem satisfeita com este detalhe.

— Não satisfeita, mas... posso dormir melhor agora. — Ele riu me fazendo relaxar.

— Não sabe mesmo quando vem? — Sua voz baixou um tom, ficando mais rouca, sensual. Meu estômago foi atingido por um frio gostoso.

— Ainda não. Desculpe!

— Tudo bem. O que tem feito?

Deitei na cama satisfeita com a volta do meu rumo, a segurança tão necessária e que antes não me afetava em nada. Amar tinha dessas coisas, desestabilizava, contudo, o caos criava um novo eixo, uma nova versão, se adaptando, se modificando sem nunca perder o que o movia: nós dois.

Só posso dizer que alguns minutos de ligação serviram para amenizar a saudade, apimentar a paixão e apaziguar o desejo. Sexo por telefone era a nossa mais nova especialidade.



Alex saiu para acompanhar o padrinho até o hospital. Não sei por que tão pouco tempo depois de enterrarmos a madrinha ele decidiu voltar ao trabalho, mas entendia a sua decisão. Ficar naquela casa por tantos dias já estava me deixando louca. Nosso sofrimento parecia ecoar pelas paredes, e todos os cômodos pareciam mais gelados do que era possível.

Depois de um tempo, perceber que esperávamos que ela aparecesse a qualquer momento, doía mais do que o dia em que a perdemos. A esperança era uma maneira doentia de te fazer entender que o impossível existia. Que ela foi embora para sempre e que aquele vazio nunca seria preenchido.

Ficava ainda pior com Charlotte tão oca. Ela continuava seguindo o roteiro que desenhou para si mesma, como uma forma de se redimir por ter lutado tanto contra a influência da mãe. Agora a Lottie que conhecíamos estava escondida embaixo de uma garota arrumada com perfeição que se sentava com bons modos e lutava contra o próprio gênio para ser educada e gentil com todos os que apareciam para lhe fazer companhia.

Eu também entendia Alex por ter saído um pouco, mesmo sabendo que aquilo tudo era mais um plano do padrinho para fazer a filha deixar o estado em que se encontrava. Estávamos todos assustados com ela. Era fato. Não dava para aguentar tantas horas de nada ao lado de alguém que parecia não ter vida.

A morte arrancou uma parte importante da minha irmã, e nós não sabíamos como resgatá-la para enfim consertá-la.

Além disso tudo, não conseguia parar de pensar no quão sortudo Alex fora ao aceitar acompanhar o padrinho naquela tarde. E no quanto de azar eu tinha por precisar aturar Lilian Ulric naquela visita inesperada. Pelo menos Thomas não apareceu.

— Sim, minha querida, sua mãe adorava lutar pelas causas nobres no Brasil.

Seu olhar arrogante passou, quase que imperceptível, de Charlotte para mim. Levantei o rosto com orgulho. Sim, eu era uma prova da generosidade da madrinha. Lilian que engolissem isso.

— Verdade — Charlotte resmungou quase que sem conseguir acompanhar a conversa.

— Ah, essa casa! — A mulher suspirou afetada. — Foram tardes maravilhosas ao lado de Mary. — Estreitei os olhos, desconfiada daquele teatro. — Pelo menos você está aqui. Não vou precisar deixar de frequentar um local tão cheio de lembranças calorosas. Sua mãe, querida, era uma amiga de valor inestimável. — Sua mão foi para a da minha irmã, segurando-a para que prestasse mais atenção. — E Thomas é um amigo que se preocupa com você. Ele está empenhado a te ajudar neste momento tão triste para todos nós.

— Obrigada! — Charlotte respondeu sem a rebeldia que era normal em situações como aquela. Senti vontade de sacudi-la.

— Espero que fique na Inglaterra. Aqui é a sua casa, Charlotte! Seu pai precisa de você.

— Charlotte tem uma vida ao lado do marido no Brasil — não aguentei e acabei quebrando minha promessa de falar só o necessário. — Além de uma carreira promissora como escritora — provoquei. Lilian jamais aprovaria o livro de Charlotte. Era escandaloso demais para alguém como ela.

— Um casamento no meio desse turbilhão de acontecimentos. — Suspirou insatisfeita. — Não sei como Mary e Peter permitiram, mas... — Merda! Era tudo o que não precisávamos. — Como vai conseguir administrar tudo isso? Digo... seu pai precisa de você agora e...

— O padrinho quer Charlotte ao lado do marido. — Minha irmã me olhou com atenção como há muito não fazia. — No Brasil — acrescentei só para irritar.

— Ora, Miranda! Você não pode dizer que construir uma família no Brasil, ou uma carreira, seja mais proveitoso do que aqui na Inglaterra. Não tem nem comparação.

— Não teria se os casamentos ainda fossem por outros interesses que não o amor, mas Charlotte ama o marido. Ama muito! E ele é brasileiro. Tem uma empresa de sucesso no Brasil. É lá que eles devem ficar. — Foi com prazer que assisti aquele rosto pálido ficar vermelho de raiva.

— Charlotte é... — Ela rebateria, contudo, nós duas perdemos a voz quando Thomas entrou na sala.

— Boa tarde a todas!

Lilian sorriu satisfeita e eu pensei em mil maneiras de evaporar, sumir daquela sala, desaparecer.

Era mesmo muito azar Alex não estar em casa naquele dia. Não havia o que fazer. Não podia ir embora e deixar Charlotte com aquela maluca que estava decidida a convencer a minha irmã a abandonar o marido e casar com o filho dela. Também não podia correr o risco de deixar Thomas sozinho com Lottie. Ela não tinha condições de impedi-lo de ser tão abusado.

— Mãe. — Com toda a sua educação ensaiada, deu um beijo no rosto da mãe com respeito. Depois se dirigiu a Charlotte segurando suas mãos entre as dele. — Lottie, como está hoje?

— Bem melhor, obrigada! — E com imensa satisfação vi minha irmã se incomodar com o toque, retirando as mãos das dele, se afastando no sofá.

— Miranda! Achei que você já tinha voltado para o Brasil.

— Por que será que imaginou que eu deixaria a minha família? — enfatizei a ideia de que pertencia àquela família como uma afronta aos dois.

— Por nada! É que nunca te vejo por aqui. Mas... — Seus olhos voltaram para a minha irmã, me deixando de lado. — Vejo que está bem desperta hoje, Charlotte. Fico feliz em saber que está mais disposta.

— Obrigada — Charlotte respondia mecanicamente, mantendo-se distante.

— E Alex? Não me diga que ele voltou para o Brasil. — Cínico! Aquele sorriso chegava a ser patético.

— Não. — A menção ao nome do marido fez Charlotte despertar do transe. — Alex não vai embora. Ele ficará comigo! — Sua afirmação causou um mal-estar na sala. Lilian levantou incomodada demais para permanecer ali.

— Eu preciso ir. Tenho um compromisso importante. Não se preocupe, querida. Thomas vai ficar e lhe fazer companhia.

Claro que ele ficaria. Ainda mais sem Alex como cão de guarda. Abutres!

— Boa tarde, Miranda! Foi um prazer reencontrá-la. — Eu bem sabia o tamanho do prazer dela. Ridícula!

— Digo o mesmo. Obrigada!

Levantei porque a boa educação mandava, porém a vontade era de virar o rosto e aguardar que se retirasse da sala. Charlotte também levantou, da maneira como conseguiu, já que estava fraca pela alimentação precária e remédios fortes. Thomas lhe estendeu o braço, só que minha irmã escolheu se apoiar em mim. Trocamos um olhar cheio de farpas.

— Preciso deitar um pouco, Thomas. — Lottie nem esperou que sentássemos para se livrar dele, assim que Lilian deixou a sala.

— Mas já? — Por essa o imbecil não esperava.

— Sim. Os remédios são fortes demais. Desculpe! Miranda lhe fará companhia.

— Eu? — gritei sem acreditar no que ela falou. — Eu vou ficar com você. Prometi ao Alex.

— Não há necessidade. Vou dormir bem rápido. Fique e faça sala ao nosso amigo.

Amigo? Ela só podia estar brincando com a minha cara. Como Charlotte esperava que eu visse em Thomas um amigo se sempre demonstrei não suportá-lo? Mas minha irmã saiu com uma agilidade inacreditável. Quem visse Charlotte subindo aquela escada com tanta pressa

afirmaria que havia mentido durante todo o tempo em que demonstrou estar sob efeito de remédios. Que pilantra!

Continuei olhando na direção em que ela saiu sem acreditar no que estava acontecendo.

— Bom, finalmente consigo um tempo sozinho com você. — Fechei os olhos contendo a raiva.

O que a madrinha diria se soubesse que saí da sala ignorando por completo a presença daquele sujeito? Não. Ela jamais aprovaria. Mas a madrinha não sabia o que passei, por ele ser tão cretino e irresponsável. Então, talvez eu pudesse ser perdoada.

Dei o primeiro passo em direção à escada quando ele segurou meu braço para me impedir. Foi involuntário. Eu já estava na defensiva. Tensa. Quando Thomas me tocou foi a gota d'água. Segurei sua mão e girei o corpo fazendo com que ele caísse por cima do sofá. Só depois de vê-lo esparramado na sala com aquela cara de assustado que me dei conta do que fiz.

Não posso dizer que não fui grata pelo meu instinto de defesa, mas... aquilo sim seria digno de toda a desaprovação por parte da madrinha.

Nós nos encaramos pelo que pareceu serem minutos sem fim. Meu coração acelerado, uma vontade de chorar que me enfurecia e seu olhar de quem não compreendia a minha fúria.

— Se tiver amor à sua vida, Thomas, não volte a tocar em mim — rosnei com o corpo tremendo. Eu estava fora de controle.

— Miranda?

— Nunca mais toque em mim. — As palavras saíram com mais raiva. Eu precisava sair dali. Precisava fugir.

Sem pensar duas vezes deixei a sala, e um Thomas, que perdeu a pose tão rápido quanto a coragem de estar naquela casa.

CAPÍTULO 39



“E tudo o que eu espero agora é encontrar um novo destino, um caminho pra trilhar.”

RESISTÊNCIA – EUFOHRIA

— ENTÃO É ISSO, FILHA.

O padrinho olhou para mim fazendo um grande esforço para parecer o mesmo homem de antes, mas eu podia enxergar o quanto a morte da madrinha o modificou. Ele só queria endireitar o que bagunçou com todas as mentiras que precisou contar, o que resumindo significava salvar o casamento de Charlotte.

— Não estou de acordo. — Relutei em aceitar.

Não vou ser hipócrita para dizer que, fingir que duas semanas na Inglaterra precisando ser cordial com Alex, fugindo do Thomas, aturando a sua mãe e longe de Patrício de todas as formas possíveis, não me fazia cogitar a ideia de pegar aquela oferta sem perder mais um segundo no meio da confusão que se transformou a minha família.

Ao mesmo tempo, era inadmissível ir embora e deixar a minha irmã para trás. Além do próprio padrinho, mesmo partindo dele a ideia.

— O senhor tem noção de que está, mais uma vez, tramando contra Charlotte pelas costas, não é mesmo?

— Digamos que Charlotte precisa de um choque de realidade. Se todos vocês forem embora ela vai perceber que não tem mais nada para fazer aqui. Nem mesmo o túmulo de Mary precisamos visitar. — Seu olhar se perdeu além da janela. — Ela não está mais lá — resmungou baixinho. — Não posso deixar que Charlotte estrague tudo.

— E porque o senhor acha que eu indo embora vai fazer com que ela acorde? Alex ainda está aqui. Lottie criou o seu próprio mundo e este está perfeito! — O padrinho me olhou como se eu fosse um alienígena. — Bom... na medida do possível. Mas ela está bastante confortável estando aqui, com o senhor e Alex. É um ambiente muito agradável para quem quer fugir da realidade. Simples assim. — Cruzei os braços aguardando pela sua decisão final.

— Você vai, Miranda. Não há o que discutir.

— Mas... padrinho... eu... merda!

— Vou fingir que não ouvi isso. — Sentou do outro lado da mesa do escritório e enviou uma mensagem pelo celular. — Seu voo sai em quatro horas, então é melhor começar a fazer as malas.

— Não pode me obrigar! Não pode me colocar naquele avião e me despachar como se eu fosse uma mala sem qualquer valor.

— Não seja dramática, Miranda!

— E o que aconteceu com toda a história de precisar defender a minha irmã, de estar sempre à disposição para que ela fosse feliz e...

— Que maluquice é essa? Não acha que já é hora de superar esses pensamentos? E você ir embora é uma forma de ajudar a sua irmã, cuidar do seu irmão que está sozinho no Brasil e

também perdeu alguém importante, não se esqueça disso. Além do mais, preciso acabar com esses suspiros tristes todas as vezes que confere suas mensagens.

Encolhi na cadeira tentando esconder o meu embaraço.

— Isso não está acontecendo. — Então ele olhou me desafiando a desmenti-lo. Revirei os olhos sendo mais teimosa do que o normal. — Ok! Sinto falta do Patrício, mas isso não é o que importa agora. Charlotte e o senhor são a minha prioridade.

— E o Johnny?

Meu corpo tremeu ao me forçar a pensar no quanto era difícil para o meu irmão também. Nos três estávamos lá, juntos, confortando um ao outro. E ele? Johnny voltou para casa dois dias depois e estava sozinho desde então. Foi muito fácil me sentir egoísta.

— Isso não vai funcionar. Charlotte não vai voltar atrás de mim.

— Eu sei que não. — Seu sorriso debochado ganhou a minha atenção, além de me ofender, é claro. — Ela vai voltar atrás do Alex.

— Do Alex? Mas ele vai ficar!

— Por enquanto. Assim como estou te despachando como uma mala sem valor, farei o mesmo com ele em pouco tempo. Até que Charlotte perceba que não tem mais nada aqui pra ela.

— Não sei não, padrinho.

— Confie em mim. Vai dar certo. Volte ao Brasil e dê andamento à sua vida. Pelo que me lembro, você estava buscando uma especialização. Comece a pensar melhor sobre o que quer fazer e como. E não se preocupe, logo, logo estaremos todos em casa outra vez.

Ele tinha razão em tudo, o que não fazia com que a luz vermelha de alerta parasse de apitar dentro de mim. Eles enganariam Charlotte mais uma vez. Não era uma boa ideia para o momento.

— E quanto ao Thomas?

— O que tem ele?

— Como assim, padrinho? O senhor sabe o que tem Thomas — sussurrei aborrecida, porém sem qualquer vontade de tomar aquela passagem pública.

— Ele está sob controle.

— Sob controle? Insistindo em continuar aqui dentro, sempre rodeando a Charlotte, não respeitando o casamento dela. — Fez uma careta pensativa, o que me deixou ainda mais ansiosa.

— Thomas é necessário.

— Necessário?

— Ok, Miranda! Alex precisa deste aviso também. Ele está muito permissivo, apoiando Charlotte em tudo, aceitando as suas imposições. Enquanto Thomas não o levar ao limite, Alex ficará aqui até que não tenha mais para o que voltar. Não pense que estou gostando da organização das coisas nesta família, mas preciso jogar com as cartas que tenho.

— Ou não jogar! Acha certo manipular a vida deles deste jeito?

— Você jamais conseguirá entender, mas se Charlotte não mudar agora, esse casamento acaba de uma vez por todas.

— O que o leva a pensar assim?

— Ela não faz concessões. Não cede, não ouve. Nenhum relacionamento funciona assim. E pelo amor de Deus, não me diga que isso não é verdade. — Cansado, se atirou no encosto da cadeira desistindo de manter certa pose. — Eu devo isso a ela. Quando concordei com o plano de Mary já tinha certeza de que não sairíamos bem disso tudo.

Suspirei derrotada me jogando no encosto da cadeira e olhando para o teto. Aquela loucura parecia que nunca teria um fim.

— Merda quanto mais mexe mais fede.

— Miranda!

— Não tem uma maneira mais educada de dizer isso, padrinho. Desculpe. — Com um muxoxo se remexeu na cadeira, incomodado.

— Eu não queria que fosse assim. Acha mesmo que me sinto bem fazendo essas coisas? Charlotte não era mais para ser um problema, só que tudo fugiu do meu controle e eu não enxergo outra saída. Essa menina só funciona desta forma! Tem que sacudir o seu mundo para que ela entenda que está deixando a vida escapar pelos dedos.

— Padrinho... — Ergui o tronco me apoiando na mesa. — Charlotte tem o tempo dela. Se todos vocês parassem de exigir demais, se respeitassem, se simplesmente a deixassem decidir seus próprios passos, talvez tudo desse errado, mas ela saberia que a culpa seria toda dela e que estaria pagando o preço das suas decisões. Como vocês estão fazendo, não está ensinando nada a Charlotte. Ela não faz escolhas, segue as de vocês e sabe o que acontece? Ela será sempre a vítima.

Confirmei que o padrinho concordava comigo apenas encarando seus olhos. No entanto da mesma forma que deixou claro que eu tinha razão, também reafirmou que não voltaria atrás na sua decisão. Eu estava derrotada.

— Não me culpe por tentar ser pai dela.

— Bom... — Levantei sem querer argumentar. O que não tinha remédio remediado estava. — Espero que esteja mesmo certo de todos os riscos. Vou fazer minhas malas.

Fechi a última mala depois de colocar tudo o que precisaria para voltar ao Brasil e sentei na cama com o coração acelerado.

Usei as duas últimas horas para ficar trancada no quarto ruminando a decisão do padrinho, praguejando e pegando o que encontrava pelo caminho. Minha mente dava cambalhotas com a ideia de ir embora, me deixando confusa. Aquele misto de ansiedade, tristeza e felicidade, bagunçava tudo dentro de mim.

Porque eu queria ficar. Queria de verdade. Machucava meu coração precisar dar as costas à minha irmã e seguir com a minha vida. Sem contar que sem mim Alex ficaria com a maior parte do peso para sustentar sozinho.

Bom, eu podia dizer que esse era um problema só dele. Quando decidiu casar sabia com o que precisaria conviver. E ele sempre soube sobre a doença da madrinha então tinha uma ideia muito realista do que precisaria passar. Mesmo assim não era nada tranquilo deixá-lo sozinho.

E o padrinho? Ah, aquele velho que se fazia de forte podia enganar a todos, mas não a mim. Ele sofria. Sofria tanto que todos os dias pela manhã ia ao cemitério chorar no túmulo da

madrinha. Se chegou a acreditar que ninguém perceberia o seu sofrimento é porque não me conhecia muito bem.

Mas Johnny estava sozinho e este ponto começava a me incomodar. Envolvida no sofrimento da minha irmã acabei negligenciando o do meu irmão. Sequer conversamos nas duas últimas semanas. Trocamos algumas mensagens, todas de mesmo cunho: Charlotte. E assim esquecemos-nos de nós mesmos e um do outro. Voltar me redimiria desta falha.

Pesava também a existência de Patrício em minha vida. Caramba! Eu realmente sentia falta dele. Aquela história de que daríamos um jeito de fazer dar certo, morando em continentes diferentes, a cada dia caía por terra. Não foi nada fácil não conseguir falar com ele só para descobrir que meu namorado passou uma noite de solteiro ao lado de amigos casados, mas que ignoravam este detalhe. Por isso eu tinha certeza de que se não voltasse logo nosso relacionamento desceria ladeira abaixo.

E ainda tínhamos Thomas e a mãe. As duas aves de rapina que circundavam a minha família prontos para o bote. Não. Se Thomas tinha planos com Charlotte, precisava aprender a viver com a frustração porque eu nunca permitiria que acontecesse.

— Era só o que me faltava! — resmunguei levantando. Era melhor arrumar o que fazer, conversar com Charlotte, avisar da minha partida e movimentar a minha vida.

— Com licença! — Alex bateu empurrando a porta com cuidado. — Ah, já arrumou a mala?

— O padrinho contou? — disfarcei o desgosto. — Charlotte está acordada? Quero me despedir.

— Está sim. Acabei de deixá-la na biblioteca. — Ele olhou para fora, ansioso, depois voltou a me olhar com cuidado. — Você acha que esse novo plano vai dar certo?

— Sim. — Encarei Alex sem acreditar que ele estava mesmo daquela maneira comigo. — Bom... antes teremos alguns problemas. Mas no final tudo dá certo, não é mesmo? — Ele fez uma careta que contradizia a minha afirmação.

— Não tenho tanta certeza, Miranda. Charlotte ainda não me perdoou por ter escondido a doença de Mary. Mas Peter acha que...

— Eu sei o que ele acha. Sinceramente? Todas as vezes que vocês tentam decidir por ela, tudo desanda. Mas... — Dei de ombros sem querer me envolver naquela confusão mais do que eles já tinham me envolvido.

— Você tem razão. Só que... — Voltou a olhar para os lados, incomodado. — Eu também preciso voltar. Lana não estava preparada para assumir a editora. Saí assim, sem deixar nada pronto. Estou me esforçando ao máximo para que Charlotte melhore.

— E o que quer que eu faça? Quer que eu a convença a voltar? Acho que não vai dar certo. — Cruzei os braços na frente do peito me obrigando a não me apegar àquela opção.

— Não vai — Alex concordou inseguro. — Sinceramente, hoje acho que nada vai dar certo. Nem mesmo a estratégia do Peter.

— Está me dizendo que está cansado de cuidar de Charlotte?

— Não! — Ele deu, sem pensar, um passo para trás e também cruzou os braços na frente do peito.

Oh, droga! Alex estava, sim, cansado. Claro que estava! Não foi só a morte da madrinha, mas tudo o que precisou enfrentar desde que minha irmã descobriu a sua mentira. Eu podia apostar que algumas vezes ele até desejava a vida que levava antes de entrar para a nossa família.

E, para dizer a verdade, apesar do medo que chegou junto com a constatação, meu sentimento era de solidariedade. Ninguém merecia ter o casamento posto à prova tão pouco tempo depois de ser firmado.

— Já avisou a Patrício? — Olhei para a mala sobre a cama e outra vez o frio se instalou em meu estômago.

— Ainda não. Acho que vou fazer uma surpresa.

A maneira como me olhou dizia que não concordava, mas Alex não seria bobo de colocar estragando o mínimo de convivência que conquistamos dando palpites desnecessários.

— Vou falar com Charlotte. Não tenho mais tanto tempo.

— Certo.

Deixei Alex para trás e desci para me despedir da minha irmã. Ele não me seguiria. Aquele era um momento só nosso. Passei pela sala vazia ignorando os pensamentos de sempre, de que era como se ela estivesse lá, sentada naquele sofá, ou caminhando para manter tudo organizado. Balancei a cabeça enxotando aquelas imagens que se projetavam em minha mente e me apressando para chegar logo à biblioteca.

Charlotte estava lá, sentada em uma das poltronas, um livro no colo, mas o olhar perdido na janela. Ela sequer abriu o livro que escolheu.

— Lottie? — Minha irmã se assustou com a minha presença. — Que livro é esse?

— Ah! — Olhou para o exemplar sobre o colo sem saber o que responder. — Diário de uma gueixa.

— Gostei muito desse.

— Alex também. — Sua voz não continha emoção. Ela agia como se estivesse programada para isso.

— Charlotte... — Parei à sua frente torcendo os dedos como uma covarde. Mesmo decidida a ir, olhá-la ainda tão frágil fazia com que eu desistisse da ideia.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não! Quer dizer... não. — Confusa, deixou o livro de lado pronta para ouvir o que eu tinha para dizer.

— O que foi, Miranda?

— É... eu... o padrinho... eu... — Inclinou a cabeça me encarando com atenção. — Ah, droga, Charlotte! — Sentei à sua frente tomando coragem. — Estou voltando para o Brasil.

Durante algum tempo acreditei que ela estava outra vez entorpecida pela ação dos remédios. Charlotte não expressou qualquer reação. Seus olhos estavam em mim, porém longe, além daquela biblioteca. Então ela piscou, engoliu com efeito e encarou as próprias mãos.

— Vai voltar?

— Vou.

— Quando?

— Agora! — Surpresa, levantou os olhos buscando um motivo para tanta urgência. — Johnny precisa de mim. Calma... — falei rápido para impedir qualquer má interpretação. — Ele também está sofrendo. E está sozinho.

— Claro.

Não havia qualquer sinal de compreensão da parte dela, mas Charlotte nada disse. Ela estava vestida com aquela fantasia que escolheu para compor a nova personalidade e nela não cabia qualquer infantilidade.

— Johnny precisa de você. Vá!

— Você tem o Alex aqui, e o padrinho vai ficar.

— Eu sei, Miranda. Não precisa se preocupar comigo.

— Charlotte... — Segurei sua mão com a emoção à flor da pele. — Eu não estou te deixando, tá? Só que preciso voltar ao Brasil. E... acho que você deveria fazer o mesmo. — Ela puxou a mão com pressa.

— Não posso voltar. Não ainda.

— Alex tem uma vida no Brasil.

— Não posso voltar, Miranda. Não insista. — Minha irmã levantou fingindo que buscava mais um livro na estante.

— Você sabe que não gosto de colocar panos quentes nos problemas, então vou dizer o que acho, Lottie. Vocês acabaram de casar, Alex precisa voltar para a editora. Seu livro está em fase de lançamento. Você não tem nada para fazer aqui e...

— Não quero falar sobre isso.

Eu estava pronta para rebater, para dizer todas as verdades possíveis até que Charlotte entendesse que ficar não era a opção mais viável. Porém me impedi de fazer. Conhecia muito bem a minha irmã para saber que aquele era o seu ponto limite. Ela ainda não estava pronta.

Talvez o padrinho estivesse certo. Um tratamento de choque levaria Charlotte de volta ao seu rumo. Então, por que não?

— Tudo bem. — Levantei decidida a acabar logo com aquilo. — Assim que puder eu volto. — Charlotte concordou sem me olhar outra vez. — E se cuide. Vou te ligar todos os dias.

Sua cabeça balançou concordando. Meus olhos ficaram embaçados. Não era fácil ir embora nem quando ela demonstrava ser tão cabeça-dura. Estava pronta para sair dali, pegar a mala e ir embora quando ela virou e me abraçou com força. Mais do que o normal. Em seu abraço havia a ideia desesperada de que a despedida doeria mais do que costumava ser. Agora seríamos nós a estarmos separadas por um oceano inteiro.

Se doía com Patrício, com Charlotte seria desesperador.

Engoli a sensação sufocante, me forçando a aceitar. Era para o bem dela. De todos nós. E por Johnny também. Por isso me afastei quando seus braços ficaram menos apertados, beijei seu rosto e fui embora sem olhar para trás. Porque se me atrevesse a olhar, corria o risco de não mais partir.

CAPÍTULO 40



*“Eu só quero que você caiba no meu colo, porque eu te adoro cada vez mais.
Eu só quero que você siga para onde quiser que eu não vou ficar muito atrás.”*

SINTOMAS DE SAUDADE – MARISA MONTE

VOU ADMITIR QUE MINHA ANSIEDADE ME PREJUDICAVA DEMAIS.

Ir embora não fez bem para a minha cabeça. Assim que embarquei naquele voo convencional percebi rápido demais que ainda era cedo e que não era o melhor momento para deixar Charlotte.

A verdade foi que eu estava ansiosa para deixar aquilo tudo. Estava cansada de evitar Thomas e a sua família, cansada de ficar trancafiada como se fôssemos bandidos. Cansada da necessidade insana do Alex em me fazer sua válvula de escape e cansada de não encontrar a minha irmã todas as vezes que precisava olhar para aquela garota que havia ficado em seu lugar.

Por isso me permiti ser egoísta mais uma vez e, fingindo certa resistência, aceitei a proposta de deixar aquilo tudo para trás. Eu me agarrei à solidão do Johnny e à saudade do Patrício para sair sem me arrepender. Mas fui tola, porque não adiantava lutar contra o que fui programada para fazer a vida toda, e bastou o avião decolar para que o arrependimento me atingisse.

Ela faria tudo errado. Alex não sabia lidar com as birras da minha irmã, estava confuso e com medo, aceitaria ser comandado pelo padrinho que lutava desesperado para consertar o que não tinha conserto. Eles estragariam tudo. Merda! O que eu fiz?

Trancada em um avião por horas não vi outra saída que não fosse tomar um remédio, uma das bombas que o médico nos receitou após a morte da madrinha, para nos ajudar a dormir melhor, e que me recusei a usar por todos os motivos óbvios. Mas ali não havia outra opção. Estava a ponto de surtar, invadir a cabine e mandar o piloto voltar. Como não queria ser presa, nem morrer em um desastre aéreo, tomei o calmante e apaguei durante boa parte do percurso. O tempo restante não me atingiu, pois eu estava entorpecida, tendo uma ideia mais ampla de como funcionava com Charlotte.

Quando desembarquei, a nuvem que me colocou no modo automático começava a se dispersar, me deixando, apesar de calma e relaxada, mais ativa.

Era início da manhã no Brasil. Eu não tinha nenhum plano. Com a pressa só tomei uma decisão, não avisar a Patrício. As possibilidades eram poucas, minha casa, a casa do meu namorado ou a do Johnny. Optei pela última. Precisava me redimir com o meu irmão.

Peguei um táxi, encarando o trânsito horrível do Rio de Janeiro logo pela manhã e parei em frente ao seu apartamento precisando lidar sozinha com duas malas grandes. Com a ajuda do porteiro consegui entrar no elevador e subi sem saber se encontraria Johnny por lá. Não avisei sobre a minha chegada, mas com certeza o padrinho havia feito esta parte.

Respirei fundo, ainda um pouco anestesiada por causa do remédio, e toquei a campainha. O silêncio dentro do apartamento era profundo. Nenhum sinal de que meu irmão estava por lá, mas o porteiro garantiu que o carro estava na garagem e que Johnny não havia deixado o prédio naquela manhã. Então era provável que estivesse dormindo.

Toquei mais uma vez, sem qualquer resultado, por isso resolvi ser mais incisiva e bati na porta. Na verdade, nos minutos que se passaram fui tomada por um desespero incomum. Uma agonia que me agitava mais do que o normal, e sem perceber impeli mais força na mão do que mandava a boa educação.

Um Johnny resmungando avisou que estava abrindo. A voz sonolenta indicava que eu havia acabado de acordá-lo. E o alívio que senti por ele estar lá fez meu corpo inteiro relaxar.

Ele abriu a porta com um misto de curiosidade e timidez por estar enrolado no lençol da cintura para baixo. Pela fresta espiou demonstrando surpresa ao me ver. Sorri ao perceber que estava sedenta de saudade do meu irmão.

— Miranda?

— Quem mais seria? A vaca da Anita? — Ele não riu. Pelo contrário.

Só então me dei conta de que ainda mantinha a porta quase fechada, impedindo a minha entrada. No mesmo instante soube o que estava acontecendo. Puta merda! Eu me consumindo na culpa por tê-lo esquecido no Brasil enquanto cuidava de Charlotte e ele pouco se importando com a minha ausência e se divertindo com a vaca mais cretina que já conheci.

— Não vai me deixar entrar? — Estreitei os olhos com desafio.

— Entrar? Bom... você... O que você faz aqui?

— Deixa de ser frouxo e abre logo está porta porque estou exausta! — Forcei minha passagem, a qual ele impediu como pôde. — Jonathan!

— Espere um pouco. É que... eu te encontro no *flat*, pode ser?

— Não!

— Miranda, facilite pra mim — suplicou quase desesperado.

— Facilitar? O padrinho me faz cruzar o oceano me convencendo de que deixei você de lado em um momento tão difícil e é assim que sou recebida? Sinceramente, Jonathan? Você não vale a pena.

Dei as costas completamente ofendida e magoada. Poxa! Nada daquilo era fácil para mim e agora meu próprio irmão se negava a me receber por causa de uma cadela no cio. Eu era muito idiota mesmo.

— Não é nada disso! — Arrependido, abriu a porta e saiu na área, enrolado com o lençol. Foi a minha deixa.

Assim que Johnny tentou me alcançar dei a volta e, evitando os seus braços, entrei no apartamento e fechei a porta deixando-o do lado de fora. Se aquela cretina pensava que poderia

colocar as garras no meu irmão estava muito enganada. Só de pensar que eu era a única responsável por aquele relacionamento... Aff!

Johnny protestou batendo na porta com força. A adrenalina vibrava em mim.

— Miranda! Abra a porta! O que pensa que está fazendo?

— Não faça um escândalo, irmãozinho! Lembre-se que está enrolado em um lençol e que se os vizinhos abrirem a porta, vão ter um motivo legítimo para te expulsarem daqui.

Suas batidas cessaram, mas a sua voz continuou, mesmo que fosse apenas um sussurro:

— Abra a porta! Droga! Eu preciso entrar.

— Em um minuto.

— Um minuto? Mas...

Não fiquei na sala para saber. Decidida a pôr um fim naquela história deixei meu irmão do lado de fora e fui em direção ao quarto dele. A casa estava abafada, escura devido às cortinas fechadas. A porta do quarto estava aberta. Percebi a movimentação e me preparei para o embate.

Entrei, esperando encontrar uma Anita cheia de si, pronta para a briga, cheia de artimanhas para virar o jogo. Mas o que encontrei me deixou sem palavras.

Encolhida no canto do quarto com a calça na mão, assustada por ser flagrada antes que conseguisse se vestir, estava uma garota que nunca vi na vida. Magra, cabelo curto e bagunçado, olhos expressivos, assustados, lábios grossos e de uma beleza singular.

Fui tomada por uma vergonha que me paralisou. Analisei a garota mais uma vez, conferindo se realmente não a conhecia e constatando que me lembraria daquele rosto mesmo em uma situação mais normal.

— Olha, eu não quero problema. Não sabia que ele era comprometido e... — Levantei a mão para impedi-la de continuar pelo caminho errado.

— Ele é meu irmão. — A garota relaxou a olhos vistos. — Desculpe! Eu pensei que... pensei... não importa. Eu sou Miranda. — Estendi a mão assustando-a, mas a garota assim que percebeu que eu não queria briga, apertou minha mão como oferta de paz.

— Eu sou Edilza. Sou... uma amiga do seu irmão. — Sorri alargando os lábios achando aquilo tudo divertido demais.

— Desculpa a invasão. Ele não queria me deixar entrar e eu acabei de chegar da Inglaterra, então...

— Da Inglaterra? Uau! — Ela sorriu relaxada. — Meu sonho é conseguir um intercâmbio pra lá.

— Humm! — Ponderei sobre qual tipo de informação poderia dar. Se a garota não sabia que Johnny era inglês não seria eu quem contaria aquela história. — Já tomou café? Acho que posso providenciar alguma coisa.

— Ótimo! Só vou colocar a roupa. — Riu sem graça.

— Ah, claro! E... meu Deus! Johnny continua lá fora!

Voltei correndo para a sala planejando como faria para convencê-lo a me perdoar, mesmo sabendo que eu já tinha batido a cota de perdão por parte dele.



— Então você trabalha em uma boate? — Olhei sugestivamente para meu irmão que continuava emburrado.

— Sim. Faço *drinks*! — Edilza respondeu com empolgação. — E faculdade pela manhã. O trabalho me ajuda a pagar a mensalidade. — Outra vez olhei para Johnny, me perguntando onde ele encontrou aquela garota.

— Muito bom! E faz faculdade de quê? — Meu irmão suspirou alto e revirou os olhos.

— Pedagogia. Quero ser professora.

— Professora? Quanta coragem.

Mas a garota não se intimidou. Pelo contrário. Seu sorriso, lindo por sinal, pareceu brilhar ao falar da profissão que escolheu. Sua mão voou para os fios curtos, bagunçando-o ainda mais. Havia certo charme naquilo e ela me lembrou Éder.

— E vocês se conheceram na boate?

— Sim. Ele ficou sentado no bar pedindo todo o tipo de bebida que sei preparar. — Pela primeira vez Johnny sorriu desde que nos sentamos à mesa e dividimos o café da manhã.

— Imagino o quanto deve ter sido interessante.

— Muito — continuou. — No fim da noite precisei trazê-lo pra casa. Ele não tinha condições de dirigir. Nem de andar. — Os dois riram lembrando-se do dia.

— É o mal de querer impressionar a garota que entende de bebidas. — Os dois se olharam com carinho e o clima mudou.

— Eu preciso ir — Edilza anunciou já se levantando. — Perdi o primeiro horário na faculdade, mas não posso perder o segundo.

— Levo você. — Johnny levantou também. A garota me olhou sem jeito.

— Não precisa. Sua irmã acabou de chegar.

— Ela vai sobreviver.

— Não vai trabalhar hoje? — Ele me olhou apreensivo, como se me pedisse para ficar calada.

— Não. Hoje é meu dia de folga. — Edilza sorriu aceitando a desculpa. — Miranda fique aqui. Já volto.

— Preciso visitar Patrício.

— Deixo você na casa dele, mas espere por mim.

— Tudo bem.

Eles foram até o quarto enquanto eu tirava a mesa me perguntando o quanto meu irmão inventou para aquela menina. Ela não parecia uma garota deslumbrada com a riqueza, o que me dizia que não sabia quem era Johnny de verdade. E não consegui deixar de pensar na coincidência de história. Mais um relacionamento começava naquela família baseado em mentiras. Se ele entendesse o risco não deixaria que se estendesse tanto.



— Então você está enrolando a menina?

Johnny suspirou sentado à minha frente, a postura rígida, mesmo depois de toda a nossa conversa e de assumirmos que estávamos com saudade. Não estava nos planos do meu irmão fazer com que qualquer mulher com quem estivesse se relacionando, começasse a acreditar em mais do que ele estava disposto a viver com ela. E isso incluía Edilza, mesmo sendo nítida a sua admiração pela garota.

— Não estou enrolando. Edilza sabe que não quero compromisso agora. Como posso namorar, Miranda? — perguntou na defensiva. — Ainda estou finalizando a faculdade, a madrinha acabou de morrer, você e Charlotte precisam de mim e, além disso tudo, o padrinho não vai esperar nem mais um dia para iniciar o seu plano de me fazer CEO do grupo. A partir de agora não tenho mais vida social. Qualquer coisa que poderia caminhar o mais próximo possível de um relacionamento vai se resumir a sexo. Só isso.

— Eu gostei dela — provoquei observando a sua careta. Era isso. Johnny gostava da garota.

— Eu também gosto dela. Edilza é uma menina muito legal!

— Uma mulher. Você não foi para a cama com uma menina, Johnny.

— Que seja!

— Até que ponto ela sabe sobre você? — Seu olhar envergonhado e ao mesmo tempo orgulhoso tentou me intimidar sem qualquer sucesso.

— Apenas que sou um cara que trabalha no administrativo de um hospital — assumiu contra a própria vontade.

— E em que mundo ela vive? Como ela pode acreditar que um cara que trabalha no administrativo de um hospital consegue bancar este apartamento? E o seu carro? E as suas noites no Rio de Janeiro?

— Ela não é como você que fica fuçando a vida dos outros até encontrar todas as respostas do mundo.

— Então ela é burra! — Levantei incomodada. — Por que não contar a verdade? — Johnny puxou o ar com força.

— Por que isso tanto te preocupa?

— Você gosta dela, Johnny! Mentir não pode ser a sua única opção.

— E o que você quer que eu faça? Edilza é uma garota simples, que não sonha com um mundo encantado. Tem total consciência da sua realidade. Faz planos normais, como se

formar, conseguir um emprego em uma escola, construir a própria casa, casar e ter filhos. E conseguirá tudo isso se eu não atrapalhar o seu caminho.

— Planos simples como fazer intercâmbio para a Inglaterra? — Seus olhos ficaram imensos.

— Ela te contou isso?

— Deixou escapar. — Dei de ombros. Johnny balançou a cabeça, incomodado.

— Dei umas dicas de inglês uma vez. Falamos outras vezes em viajarmos juntos para a Europa.

— Humm! Imagino como será interessante a sua primeira vez na Europa.

— Não enche!

— Você a está deixando fazer planos e sequer contou que é inglês?

— Ela é só mais uma, Miranda! E não vai durar, certo? Vou deixar a garota em paz, livre para encontrar o cara certo para tudo o que sonha.

— Esse cara pode ser você.

— Mas não sou. — Nossos olhos se mantiveram fixos um no outro até que ele desistiu e escondeu o rosto entre as mãos. — Você não entende! Edilza merece uma vida menos louca como a que terá ao meu lado. Vou precisar me dedicar para finalizar a faculdade e nem sei como vou conseguir com o padrinho sempre viajando. Não vai ser fácil pra mim, imagine para quem estiver com planos de uma vida ao meu lado.

— Não seja dramático!

— Não estou sendo. Sou realista. Não tenho como inserir um relacionamento em minha vida.

— Um amor, Johnny.

— Agora você está sendo dramática — ironizou. Johnny podia falar o quanto quisesse. Não havia como negar o que estava sentindo pela garota. Podia não ser amor, mas foi o mais próximo disso que ele já chegou.

— Certo! Não quero e nem posso sair em defesa dela. Mal a conheci.

— Exatamente! Eu preciso de espaço e liberdade. Sexo sem compromisso.

— Que eu espero que não seja com Anita. — Meu irmão fez outra careta de desagrado.

— Anita se encaixa com muita facilidade neste esquema. Sexo sem compromisso é o que a move.

— Então é isso?

— Isso o quê?

— Anita? — Johnny riu.

— Não. Você fez um bom serviço destruindo a minha foda fixa menos complicada.

— Ah, Johnny! Quando afinal você vai entender que Anita era a sua foda mais complicada? — Ele riu e levantou com um pulo.

— Vou tomar banho. Onde quer que eu te deixe?

— Em casa. Também preciso de um banho bem demorado.



Olhei o telefone com a esperança de que, de alguma forma, Patrício tivesse descoberto que eu estava no Brasil, mas não havia qualquer mensagem dele, apenas a de alguns amigos e outra do padrinho perguntando como foi a minha chegada e como Johnny estava.

Respondi rápido que meu irmão estava melhor do que poderíamos imaginar e que inclusive ele já poderia me levar de volta para a Inglaterra, mas ele me respondeu com três “k”, o que significava que não havia qualquer chance de isso acontecer.

Então preferi preencher meu dia com toda a preparação para o encontro com o meu namorado depois de duas semanas. Liguei para o salão e agendei hora com manicure, pedicure, cabeleireiro, esteticista e depiladora. Pacote completo para comemorar a minha volta com tudo o que eu tinha direito.

Antes, liguei para a dona de uma loja de lingerie que adoro e pedi para que separassem as mais bonitas, pois eu passaria para buscar em uma hora. Um vestido e sandálias altas já me deixavam com o humor mais ameno.

E assim passei meu dia inteiro sendo paparicada, me convencendo de que merecia aquele tratamento e afundando dentro de mim toda a culpa e tristeza pelos últimos acontecimentos. Eu queria a liberdade de esquecer por algumas horas a bagunça que estava a minha vida.

Patrício não me ligou, nem escreveu, o que me levava a pensar no quanto Alex foi fiel à minha escolha. Talvez ele não fosse o idiota que eu pinte. Ou talvez não fosse tanto.

O fato foi que no final do dia eu estava revigorada, usando um vestido novo rosa-chá – lindo por sinal –, os cachos hidratados, organizados, a pele brilhando, macia como bumbum de bebê, as unhas pintadas seguindo o padrão do vestido, um *lingerie* de tirar o fôlego e o colar de pérolas que ganhei de presente na noite da minha formatura e que não tive a chance de usar como planejei. Tudo pronto para o meu amado namorado.

E Patrício jamais esqueceria aquela nossa noite.

Não entrei na editora. Preferi aguardar do lado de fora. Mas liguei para o meu namorado lhe dando a chance de se organizar. O telefone tocou até cair na caixa de mensagem. Resmunguei aborrecida. O idiota me deixaria plantada na frente daquela editora, com uma calcinha toda enfiada na bunda, de vestido esvoaçante, só porque não se dava ao trabalho de atender as minhas ligações.

Enquanto refazia o plano, o celular vibrou em minha mão. Olhei para o visor, sorrindo por ele ter retornado tão rápido.

— Oi! — soei melosa e romântica.

— Oi, Morena! Como estão as coisas?

— Quentes — provoqueei olhando para o sol que já começava a se despedir do dia.

— Quentes?

— Muito quentes. O que está fazendo?

— Humm! Em casa, deitado na cama, assistindo um filme de comédia americana, que é uma babaquice só, e agora imaginando de que forma as coisas podem estar quentes pra você.

— Em casa? — Por essa eu não esperava. Por que Patrício não podia ser um cara normal que cumpria com seu horário de trabalho? — Por quê?

— Cheguei muito cedo na editora e trabalhei como um louco. Estou muito cansado, então resolvi sair mais cedo.

— Em casa, Patrício? — resmunguei aborrecida por precisar enfrentar mais trânsito, cortar metade do Rio de Janeiro para encontrá-lo.

— Por que a preocupação?

— Nada.

— E você, quando vem?

— Pelo visto vou demorar bastante pra chegar. — Conferi as horas verificando o horário de pico. Levaria uma eternidade.

— Ah, gata! Isso não é nada bom. Eu estou doido de saudade! — Estremeci com essas palavras. Meu corpo correspondeu projetando todas as formas pervertidas que a palavra saudade poderia ter. — O que está vestindo?

— Estou sem tempo pra isso, Patrício.

— O relacionamento mal começou e você já se nega a fazer sexo por telefone. Em que mundo estamos? — Ri com vontade percebendo que a saudade que eu sentia dele ia além do sexo, apesar do desejo de sexo ser latente.

— Não estou me negando a nada. Estou doida para algo mais concreto. Sexo por telefone é bom, mas nada comparado a sexo real.

— Meu pau já broxa só de imaginar que isso vai demorar a acontecer, Morena.

— Vai sim, mas pode passar bem rápido.

— Como?

— Preciso desligar. Pense em mim e preste atenção ao seu telefone.

— Vai mandar umas fotos?

— Pode ser que eu mande um pouco mais do que isso. Vou desligar.

— Ok!

Decidida a não demorar nem mais um minuto, dei sinal para o primeiro táxi que passou e fui para a casa do meu namorado. Agora era só rezar para o trânsito colaborar e estaríamos juntos outra vez.

CAPÍTULO 41



*“Não sei bem certo se é só ilusão. Se é você já perto. Se é intuição.
E aonde quer que eu vá, levo você no olhar.”*

AONDE QUER QUE EU VÁ – OS PARALAMAS DO SUCESSO

ASSIM QUE O PORTEIRO INFORMOU QUE DANA E ADRIANO ESTAVAM VIAJANDO ME ANIMEI PARA NÃO ser anunciada. Mudei o plano por uma falta de informação, contudo, não precisar encarar meus sogros quando estava pronta para agarrar meu namorado era mais do que perfeito.

E o que eu tinha em mente para aquela noite o deixaria ainda mais animado.

Porém não foi tão fácil quanto pensei. O porteiro aceitou me deixar subir como agradecimento pelas duas notas de cem reais que deixei em sua mão, para ajudar a comprar os remédios da esposa doente. Pela forma como ele olhava meu decote dava para entender que o doente ali era ele. Mas... foi por uma boa causa.

Por isso parei mais uma vez diante de uma porta, respirando com cuidado para acalmar as batidas do meu coração. Antes de tocar a campainha enviei uma mensagem.

Já jantou?

Ele não demorou a responder. Com certeza ficou aguardando a tal foto que o deixei imaginar que eu enviaria.

Não. O que você faz acordada a esta hora?

Provoquei.

Pensando em você.

Gata, eu só penso em você.

Um arrepio gostoso passou pela minha coluna me deixando atíçada.

Provel

De que forma?

Manda uma foto com o tamanho da sua saudade.

Patrício não esperava por esta. A demora da sua resposta me fez imaginar muitas coisas, dentre elas, ele acariciando o próprio pau para que este ficasse no ponto exato para uma foto decente. Mordi os lábios na expectativa. Mas o que ele mandou não foi nada do que me permiti

pensar. Quando a imagem chegou era a de um Mapa-múndi com uma seta saindo do Rio de Janeiro até o ponto que indicava a Inglaterra e a indicação gritante de 9300 km de distância.

Eu poderia ficar frustrada, mas acabei rindo alto, louca de saudade daquela criatura que não se parecia com nada com o que já convivi. Patrício era único. Por isso eu o amava. E o amava de verdade. Tanto que desisti da brincadeira.

Eu esperava uma seta maior.

Provoquei.

O que quer comer hoje?

Você.

Rápido e taxativo.

Entrega expressa. Abra a porta.

Ele não respondeu. A expectativa me castigou enquanto eu não fazia ideia do que ele estava fazendo. A casa silenciosa logo deu sinal de vida com as passadas pesadas de Patrício. Sorri imaginando sua reação ao me encontrar ali e, confesso, minhas pernas tremeram, assim como minhas mãos.

Então a porta foi aberta. Não. Ela foi escancarada. Um Patrício ansioso me olhou sem acreditar no que via. Dentro de mim havia uma explosão de sentimentos que apertava meu coração e ameaçava subir pela garganta. Ele estava lindo. Maravilho naquele short solto e na camisa sem mangas, com os cachos bagunçados e algumas marcas do lençol pelos braços. Naquele momento, Patrício era a criatura mais bonita que meus olhos já viram.

— Oi, garoto! — Minha voz sofreu com a minha incapacidade de reprimir o sorriso arreganhado em meu rosto.

— Oi, Morena! — Mas a dele foi com tanto alívio que quebrou todas as minhas estruturas. Sem pensar duas vezes, me permiti ser agarrada e levada para dentro.

Nossas bocas se juntaram em um beijo delicioso, cheio de desejo, tesão e saudade. Eu não sabia o que fazer primeiro. Se me certificava de que ninguém estava lá para nos atrapalhar, se dizia o quanto estava com saudade ou se arrancava a roupa ali mesmo, na sala, e deixava ele me possuir como quisesse.

A urgência que nos acometeu não foi aquela puramente sexual. Havia saudade de tudo, do toque, do cheiro, do carinho, do desejo, das palavras, do amor que só ficava completo quando suas mãos estavam em mim. Por isso não fizemos daquele encontro apenas o saciar do nosso físico, precisávamos saciar a alma, o coração.

Ele segurou meu rosto com as duas mãos com tamanha delicadeza que me emocionou. Seus lábios não deixaram os meus, a língua me experimentava como se sua fome fosse só dos meus beijos. Depois acariciou meu cabelo, sentindo-o em seus dedos, descendo pelos meus ombros até a cintura, quando tomou fôlego e me puxou ainda mais para perto.

Estávamos excitados, não havia como negar. Por isso foi com contentamento irrefreável que senti sua ereção. A vontade de acariciá-lo era forte, mas eu queria ir aos poucos, e adorava adiar o que estava por vir. A cada segundo meu corpo se enchia mais e mais de prazer.

Patrício me pegou no colo, e levou até o sofá onde sentou comigo me impedindo de deixá-lo. Suas mãos foram para as minhas coxas, os dedos deslizando em movimentos lentos, tocando tudo o que estava exposto, porém sem ir além disso. Meus poros ficaram arrepiados e minha calcinha molhada. E ainda assim, eu quis adiar, deixar que o desejo chegasse ao extremo.

Nosso beijo ficou lento, cuidadoso. Às vezes nossos lábios se afastavam e nossos olhos se encontravam refletindo todo o nosso amor. E era tão bom! Passei as pernas em seu colo ficando de frente para meu namorado e me deixei roçar bem de leve em sua ereção. Ele gemeu daquela forma que me fazia perder o juízo.

Seus lábios desceram pelo meu pescoço e as mãos começaram a ficar mais abusadas, avançando além do vestido e se fechando em minha carne com mais força. O beijo ainda manhoso ganhou um incentivo extra quando ele me segurou pela bunda me puxando para continuar os movimentos em seu pau.

Eu queria transar com ele ali, naquele sofá, sem me preocupar com mais nada, mas meus planos iam além daquelas paredes. Contudo o calor dentro mim, parecia pronto para explodir e incendiar o mundo. Suas mãos acariciaram minhas coxas, subindo pelo vestido, apalpando minha bunda, enquanto as pontas dos dedos brincavam com o limite da calcinha.

Patrício, de tempos em tempos, me olhava como se não acreditasse que estávamos mesmo ali, no sofá da sua casa. Havia em seu olhar uma admiração que me agitava. Enfiei os dedos pelos seus cachos bagunçados. Era uma maneira de me manter presa à realidade, porque parecia inacreditável que tão pouco tempo longe dele causasse uma saudade tão devastadora. E cada toque, cada beijo, parecia tão etéreo que tive medo de ser apenas um sonho.

Fechando a mão em seu cabelo, aprofundei o beijo, disposta a convencê-lo de que era real, e ao mesmo tempo, me convencer do mesmo. Patrício gemeu em minha boca, levantando um pouco os quadris e me pressionando para baixo de forma a fazer com que nossos sexos roçassem um no outro com mais força. Meu corpo tremeu de excitação.

Aos poucos comecei a perceber que parte do meu plano não resistiria ao nosso primeiro contato. Não era para estarmos tão excitados e prontos para transar quando a minha ideia era deixar aquele fogo para o que eu tinha em mente. E o que idealizei não aconteceria em uma sala de um apartamento vazio, sobre um sofá de família.

Não. Minha ideia estava muito longe disso.

Porém não contava com aquela explosão de desejo, e muito menos que a falta que sentia do meu namorado me deixasse mais egoísta naquela noite. Não havia como pôr em prática o que planejei com tanta determinação. E tudo o que pensei se confirmou quando sua mão atrevida entrou em minha calcinha me tocando com intimidade.

Joguei a cabeça para trás deliciada. Seus lábios desceram pelo meu pescoço, os dentes arranhando minha pele. Os beijos cada vez mais sedutores estavam em meu busto, descendo pelos seios ainda comportados dentro do vestido.

Patrício alcançou o fecho-eclér no meio das costas e o puxou para baixo afrouxando o vestido, fazendo com que a alça permitisse que o decote fosse invadido pela sua outra mão. Tocando a renda fina do sutiã que ornamentava o seio firme, ele gemeu mais uma vez me enlouquecendo.

Sua mão apalpava o seio com gosto, mas sem retirar a peça. Meu namorado roçou a língua pelas bordas, seu nariz deixando a carícia mais íntima. Com a outra mão em minha bunda ele não se atrevia a ir mais além, o que foi um ganho para mim, que estava prestes a aceitar o orgasmo que já pulsava em meu íntimo.

— Tira o vestido — suplicou com a voz baixa. Meu corpo vibrou de excitação.

Levantei para que tivesse uma maior noção do que preparei para ele. Aos poucos, mantendo a lentidão necessária para tal momento, retirei uma alça, depois outra, abri até o final o zíper deixando o vestido deslizar até meus pés. Seus olhos desceram do meu rosto para o corpo, admirando a renda fina e quase transparente que apenas cobria as partes mais íntimas. Dava para ver toda a sua admiração e desejo. Meu coração batia acelerado ciente de que agradava o homem que eu amava.

Depois de aguardar por tempo suficiente para que ele observasse as peças, virei de costas, revelando a calcinha fio dental com uma pequena joia presa na parte superior. Esperei alguns segundos para que pudesse admirar a imagem, então saí do vestido, me afastei e inclinei fingindo interesse em tirar a vestimenta do chão, mas com toda intenção de deixar Patrício ainda mais excitado com minha bunda exposta.

Levantei fingindo inocência, dobrei o vestido com cuidado, mas antes que conseguisse colocá-lo em algum lugar mais adequado fui puxada por mãos decididas. Ele já estava de pé, às minhas costas, as duas mãos me segurando pelos braços, o pau tocando minha bunda sem qualquer vergonha de demonstrar o quanto estava excitado, os lábios em minha orelha.

— Porra, Morena! Não estou aguentando de saudade.

Antes que eu conseguisse responder com alguma tirada mais apropriada, suas mãos desceram entre minhas pernas, os dedos me apertando de forma a roubar toda e qualquer palavra coerente de mim.

Deus, como senti falta daqueles dedos!

Masturbação era gostoso e necessário. Houve uma época que fiz disso uma rotina, acreditando que seria fundamental para meu autoconhecimento. Em muitos momentos utilizei

desta prática para apimentar o ato, ou, quando o carinho era uma decepção, para não ficar na mão. Por isso meus dedos eram parceiros imprescindíveis.

Mas Patrício sabia como, quando e onde me tocar. Ele não agia como se quisesse apressar as coisas e aliviar o seu lado. Pelo contrário. Quando seus dedos encontravam a minha vagina era como se iniciassem um ato à parte, com todos os passos e marcações exatos para me deixar entregue.

Então sua mão invadiu minha calcinha, o dedo do meio se enfiando em mim enquanto a palma brincava com meu clitóris e os dedos auxiliares acariciavam os lábios. Um exército muito bem elaborado, digno de aplausos. A outra mão apalpou meu seio, apertando o bico, puxando-o. Seus lábios completavam a ação roçando meu pescoço, permitindo que língua e dentes fechassem o circuito com chave de ouro.

Deliciada com o prazer, empinei a bunda aceitando cada carícia e aproveitei para me esfregar em seu pau rígido.

Uma parte de mim entendia que aquilo estava fora do meu *script*. Aliás, tudo estava fora. Eu tinha perdido por completo o fio da meada. Mas se não estava em meus planos ser tocada daquela forma, nem ficar nua naquela casa, definitivamente cabia nele o orgasmo iminente que confundia todos os meus pensamentos. Não era para eu gozar antes de mostrar parte do que me preparei para fazer, porém, se eu não tivesse aquele orgasmo, corria o risco de colocar tudo a perder pela ansiedade.

Gemi mais alto para que ele entendesse, apenas para não parecer uma ação egoísta, porque Patrício estava com o dedo dentro de mim, e podia sentir meu sexo pulsando, se apertando à sua volta, tremendo pela libertação já apresentada.

Ele não parou. Não quis postergar a minha satisfação, nem achou que já que eu estava pronta, e ele também, concretizar o ato traria prazer para os dois. Não. Patrício não era este tipo de homem. Assistir ao meu orgasmo lhe proporcionava mais prazer do que o ato em si. Por isso não poupei gemidos e entrega e gozei em seu dedo, explodindo de prazer e luxúria, me entregando ao garoto abusado como jamais me entreguei a outro homem.

E quando senti que meu corpo relaxava, seus beijos ficaram menos urgentes, se espaçando em meus ombros. As mãos mais gentis puxaram meu rosto para trás para que pudesse provar meus lábios outra vez.

Seus afagos, mesmo mais lentos, decididos a permitir a minha recuperação para que então pudesse aplacar o seu próprio desejo, ao invés de me fazer passar pela letargia normal de um pós-goço, faziam com que minha pele recebesse pequenos choques, indicando que não tardaria para me colocar outra vez no clima.

Patrício me abraçou com propriedade, suas mãos longas em minha barriga, mantendo-me firme em seu corpo, que aos poucos se esfregava ao meu, indicando a necessidade de continuarmos. Virei em sua direção e beijei seus lábios sedentos. Com as mãos espalmadas em seu peitoral, permiti que se deliciassem acariciando meu corpo por tempo suficiente para que eu soubesse que estava na hora de parar e entretê-lo como havia planejado.

Mantendo a suavidade do momento, conduzi meu namorado de volta ao sofá. Teria que ser ali. Ele sentou quando pressionei seus ombros para baixo e pareceu não entender quando não sentei em seu colo. Sorri mansa, acariciando seu rosto, permitindo que me puxasse pelos quadris até que beijos apaixonados cobrissem minha barriga e cintura enquanto meus dedos brincavam em seus cachos bagunçados.

— Tenho um presente pra você — sussurrei adorando sentir suas mãos em minhas coxas, subindo, me tocando com o cuidado de quem se refreava para não terminar tudo antes da hora.

— Um presente? — ele disse sem entender direito aonde eu queria chegar. Nem mesmo quando coloquei o colar de pérolas na boca e sugeri com sensualidade a brincadeira.

— Não agradei corretamente na noite da formatura.

— Ah! — Sua aceitação me pareceu mais uma maneira de entrega para qualquer que fosse a forma como encontrei de agradecer, do que um entendimento de fato.

— Espere só um pouco.

Sem pressa, fui até a pequena bolsa esquecida no chão da sala, largada no calor da nossa paixão e a levei até onde ele estava. Patrício me olhava com atenção, contendo a ansiedade.

— Preciso que tire a roupa e deite.

Abri a bolsa pegando o gel comestível guardado ali. Com ele, além de atingir o meu intento, também poderia brincar um pouco mais com a sua capacidade de se conter.

— Vou receber uma massagem? — Sua voz, apesar de gentil, não demonstrava animação. Sorri deliciada. Meu garoto estava explodindo de tesão.

— Uma massagem — concordei fingindo não perceber o seu desânimo. — Agora faça o que eu mandei ou não terminaremos tão cedo.

Sem gostar de receber ordens, mas doido para terminarmos aquela etapa, Patrício retirou a camisa e depois puxou para baixo a bermuda confirmando a ausência da cueca. Sua ereção pulou para fora com todo o vigor. Olhei para o seu pau com atenção enquanto retirava o colar do pescoço.

Ah, sim, eu amava aquele pau e estava ansiosa para enrolá-lo naquela joia. Ele era digno de recebê-la em toda a sua extensão, de ser adornado e admirado, porque aquele era o *meu* pau, o que me satisfazia, o que se encaixava com perfeição em mim e o único que havia derrubado todas as minhas barreiras e ganhado o meu coração.

— Deite. — Desta vez coloquei bastante suavidade na voz para que não o desagradasse ainda mais.

Patrício obedeceu. Seus olhos não perdiam nada do que eu fazia. Como orquestrado, deixei o colar sobre a sua barriga, para que sua mente não se perdesse dele nunca mais, e fingindo não fazer nada demais, derramei uma porção generosa do óleo em minhas mãos, esfreguei uma na outra, e assim que senti esquentar, ajoelhei à sua frente segurando o sexo rígido, envolvendo-o com todos os meus dedos.

Patrício gemeu fechando os olhos e levantando um pouco os quadris. Espalhei o óleo com cuidados, fazendo questão de que toda a extensão estivesse coberta. Minhas mãos subiam e desciam pelo membro massageando com leveza, para instigá-lo, mas fazendo um trabalho profissional na masturbação.

Não podia e nem queria me prolongar. O tempo que ficamos longe cobrava um preço alto para que demorássemos na brincadeira. Contudo queria ir até o fim.

Segurando seu pau, massageei suas bolas deixando-as quentes. Suas pernas se abriram na entrega permitindo que meus dedos descessem além do limite. Continuei massageando, subindo e descendo a mão, e quando meus dedos estavam quase em seu ânus, desci os lábios em toda a sua grossura para que a delícia do momento não permitisse que recusasse a carícia tão importante.

Enquanto o recebia em minha boca, chupando com cuidado e absorvendo seus gemidos com deleite, senti suas pernas se abrirem na entrega, permitindo que o explorasse no calor do tesão tão devastador. Assim, meu dedo circulou seu ânus e pressionou até que seu líquido pré-goço chegasse à minha língua. Era hora de refrear um pouco.

Sem retirar o colar de cima da sua barriga, observei a respiração acelerada do meu namorado. Seus olhos estavam quase escondidos pelas pálpebras pesadas e sua boca, com lábios carnudos e deliciosos, estava semiaberta indicando a entrega.

Para lhe dar tempo de recuperação, já que a ação desejada ainda estava por vir, retirei a calcinha sob seu olhar quente, mas mantive o sutiã. Coloquei um pouco mais do óleo nas mãos, esquentei e passei pelo seu peitoral quando sentei entre as duas pernas. Ele gemeu aceitando a rápida massagem que servia apenas para que me posicionasse melhor.

Suas mãos atrevidas ainda buscaram meu corpo, roçando minhas pernas e se alojando no centro destas onde encontrou minha vagina molhada de desejo já pronta para ele. Seus dedos entraram em mim e sua palma se esfregou em meu clitóris deixando tudo ainda mais gostoso, mas eu precisava de foco e de espaço, então a brincadeira durou pouco.

Retirei sua mão de mim e o observei levar os dois braços para trás da cabeça, aceitando com um ânimo melhor as preliminares impostas. Então despejei o óleo diretamente em seu pau para que ficasse coberto como eu precisava e, sem que Patrício esperasse, peguei o colar e comecei a enrolá-lo em sua ereção firme.

Surpreso, mas sem nada dizer, ele me deixou agir conforme a minha vontade, o que me deixou ainda mais excitada pela confiança e entrega tão necessária. O colar tinha o tamanho ideal para a quantidade de voltas necessárias, não sobrando, nem apertando-o demais. Para garantir, joguei um pouco mais do óleo, assim as pérolas deslizariam com mais facilidade sem correremos o risco de machucá-lo.

Então, aos poucos, segurando as pérolas com firmeza, iniciei o movimento de masturbação. O gemido do meu namorado ficou mais forte e seus quadris, mesmo com certa relutância da parte dele, se movimentaram para frente permitindo que as pequenas bolinhas fizessem seu trabalho.

Eu me concentrei para fazer o meu melhor. Deixei as mãos firmes, massageando-o para cima e para baixo, mas também, em movimentos espaçados, para os lados. Entregue ao prazer, meu namorado não escondia o quanto estava gostando e seus gemidos, que se revezavam entre altos e profundos, baixos e constantes, às vezes davam lugar para palavras mais quentes, excitantes.

Ciente de que a brincadeira, se estendida, o levaria ao êxtase preferi deixar para repetirmos em outra ocasião, quem sabe a quatro mãos e não apenas duas, então me inclinei sobre seu pau, envolvendo a cabeça com os lábios enquanto ainda o massageava com mais lentidão.

Seu urro de prazer fez minha pele inteira ficar arrepiada. Patrício levantou o tronco tão rápido que me pegou de surpresa. Uma mão em meu cabelo, me segurando para que parasse o quanto antes e a outra lutando para desenrolar o colar do próprio pau.

— Desculpe, Morena! Mas tanto tempo longe de você não nos ajudou em nada para essa brincadeira.

Tão rápido quanto levantou me impedindo, ele girou nossos corpos, me fazendo deitar e já se colocando entre as minhas pernas. Eu podia sentir seu corpo tremer em minhas mãos quando cerquei seu tronco e o envolvi com minhas coxas aceitando que usasse e abusasse de mim.

Eu mesma já estava excitada o suficiente para que a penetração fosse prazerosa, para nós dois. Patrício levantou meu sutiã liberando os seios que foram abocanhados com uma fome deliciosa. Ao mesmo tempo sua ereção me invadiu indo bem fundo e parando.

— Porra, Miranda! Você ainda acaba comigo.

Sorri deliciada e sem que meu namorando esperasse por isso, suguei seu pau com a vagina, apertando apenas o suficiente para que ficasse ainda mais desesperado.

— Não faz isso — sussurrou tremendo pelo esforço que fazia para não gozar. — Não faz isso, amor! Eu quero que você goze também.

Encantada com a gentileza e adorando saber que mesmo sedento de tesão, ele ainda pensava em mim, mesmo já tendo me proporcionado um orgasmo muito gostoso, aliviei a pressão permitindo que ele ditasse o ritmo das estocadas.

Abri as pernas o bastante para que seus movimentos fossem livres. Então Patrício segurou minhas mãos na altura da cabeça e, serpenteando de maneira maravilhosa, começou a entrar e sair com golpes curtos e precisos. Ele sabia que corria um grande risco de gozar antes de mim se suas estocadas fossem fortes e seguidas, então seus movimentos eram lentos, deliciosos, permitindo que seu corpo se esfregasse ao meu, enquanto sua boca sugava e mordiscava tudo o que encontrava.

Eu estava tão excitada, ansiosa para me entregar àquele homem maravilhoso, para receber seu gozo dentro de mim apenas porque sentia saudade até disso, de saber que ele gozava sem medo, com confiança.

Os movimentos gostosos fizeram com que o desejo se espalhasse pelo meu corpo tal qual uma preguiça gostosa, daquelas que chega e demora a ir embora, que faz com que um formigamento diferente exija que seus membros se estiquem, que os músculos se contraíam; e cada vez que ele tocava em mim e que seus lábios sugavam meus seios, eu me sentia como se pequenos orgasmos passeassem pela minha pele deixando tudo ainda mais delicioso.

As estocadas passaram a ser mais duras e seus gemidos mais intensos, indicando que estava em seu limite. Eu queria acompanhá-lo, então soltei uma mão e a enfiei entre nossos corpos, tocando meu clitóris com movimentos rápidos e precisos.

Patrício adorou, empinou o corpo e aumentou o ritmo, entrando e saindo com força, até que meu corpo queimou e minha vagina se contraiu com uma violência tamanha que gritei ao mesmo tempo em que o ouvia gemer alto e se apertar contra mim, aceitando seu próprio orgasmo.

E foi tão bom que mesmo satisfeitos naquele instante, continuamos naquela posição, aceitando, nos tocando, nos beijando e acariciando. Porque o tesão não queria ir embora e nós não queríamos deixá-lo partir.

E quando o calor cedeu e não estávamos mais inebriados pelo desejo, fui acometida por uma emoção estranha. Nossos olhos se conectaram, os dele cheios de saudade e o meu... eu não sabia dizer.

Depois de dias tão sofridos onde tudo era motivo de tensão e apreensão, estar nos braços do homem que eu amava fez com que meu coração encontrasse outra vez o seu caminho. E pela primeira vez em dias, desde que desconfiei da doença da madrinha, eu me sentia em paz.

As lágrimas desceram sem a minha permissão me pegando de surpresa. O que cheguei a acreditar que seria apenas sexo libertador acabou se mostrando uma luz no fim do túnel, a certeza de que tudo daria certo e a estranha sensação de que estava segura. E então entendi que senti medo em cada segundo que passei distante dele. Mesmo inconsciente, me convencendo de que suportaria a dor se tudo acabasse, senti medo de que fosse assim de fato. Eu não queria perdê-lo.

— O que foi? — ele perguntou com carinho, enxugando as lágrimas que desciam sem cessar.

— Você ainda está aqui. — Suas sobrancelhas arquearam em surpresa e um sorriso divertido brincou em seus lábios. — Pensei que você me esqueceria, que desistiria de mim. — Seu sorriso se transformou em algo mais terno. Patrício acariciou meu rosto.

— Não. Eu escolhi você, Morena — sussurrou com a voz sonolenta. — E continuo escolhendo você todos os dias.

Meu coração acelerou em um ritmo absurdo. Puxei o ar com força deixando que novas lágrimas descessem. Ele voltou a sorrir, ciente de que era necessário quebrar aquele clima.

Patrício pegou o colar esquecido no chão puxando-o para o nosso corpo.

— Adorei esse colar — brincou.

— Eu também. Amei o presente.

— É mesmo? São pérolas verdadeiras? Seus padrinhos te deram?

Encarei meu namorado, buscando a verdade em suas palavras. Não havia nada em seu rosto que indicasse a brincadeira. Nada. Patrício não foi o responsável pelo presente. Meu coração ganhou outro ritmo, agora assustador enquanto tentava encontrar em minha memória as palavras escritas no cartão.

Putá que pariu!

CAPÍTULO 42



“Tentei evitar. Tentei esquecer tudo que me lembra você. Tentei não te amar, mas olho no espelho e nada de me reconhecer. Só vejo você em mim.”

SÓ VEJO VOCÊ – TÂNIA MARA

OS QUINZE DIAS SEGUINTE FORAM O MAIS PRÓXIMO QUE JÁ EXPERIMENTEI DA PERFEIÇÃO. MESMO com todas as dúvidas e certezas que tive a respeito do colar. Não precisei de um longo tempo para chegar a uma conclusão. Apenas uma pessoa poderia fazer um disparate daquele: Moisés.

E pensar em sua tentativa de se aproximar, ou na ideia de que ele estava ainda à espreita e obcecado por mim ao ponto de saber dia e horário da minha formatura me deixava tão assustada quanto irritada. Eu queria esganar aquele babaca, mas optei por ignorar e jogar o colar no lixo.

E foi o que fiz, mas depois de dois minutos peguei a joia de volta. Era muita sacanagem com o mundo jogá-la fora. Além do mais, Patrício gostou da brincadeira, eu gostei, e não havia vingança maior do que pegar o presente daquele idiota e enrolar no pau do meu namorado. Senti até vontade de fotografar e enviar para ele agradecendo.

E assim minha vida seguiu o curso sem que eu desperdiçasse qualquer segundo pensando no problema. Neste problema. Porque apesar da minha pouca idade, já possuía bagagem suficiente para entender que quando tudo estava calmo demais, era porque uma tempestade estava se aproximando. E mesmo insistindo e mentindo para mim ao afirmar, como um mantra, que a tempestade estava passando, que o pior havia sido a morte da madrinha, eu sabia, dentro de mim, que nada do que foi varrido para debaixo do tapete permaneceria escondido por muito tempo.

Então havia a certeza de que muitas coisas estavam sem resolução, deixadas de lado, aguardando o melhor momento para resolvê-las, como Tiffany e Anita, Moisés, Thomas, a verdade escondida de Charlotte e... como seria a minha vida com Patrício pós-clubes. Assim como havia em mim a certeza de que não existiria essa bondade do universo em aguardar pelo melhor momento e quando menos esperássemos, a bomba explodiria em nossos colos.

Mas de nada adiantaria sofrer por antecedência. Por isso, mesmo vigilante, escolhi viver um dia de cada vez. Aproveitando o que havia de melhor em cada um deles.

Patrício precisou trabalhar, mas era para a minha casa que ia ao final do dia. Dana e Adriano estavam de volta da curta viagem que fizeram. As notícias da Inglaterra eram sempre as mesmas, Charlotte continuava com a ideia fixa de que deveria permanecer em seu país natal para que assim pudesse cuidar do pai. E o padrinho, que era sua única fonte de preocupação, se negava a voltar para o Brasil, como tanto queria que a filha fizesse, usando desculpas esfarrapadas quando todo mundo sabia que ele ainda não estava preparado para voltar e deixar o túmulo da esposa.

No mais, fiz o que deveria e procurei faculdades interessantes para dar seguimento aos meus estudos. Quem sabe Charlotte se animava também. Encontrei um curso em São Paulo,

com carga horária excelente para me manter morando no Rio, precisando estar presente apenas uma vez por semana, que deveria ser aos sábados. Como a data de início de matrícula estava distante ainda, preferi aguardar até que o padrinho tivesse cabeça para me ajudar com a decisão.

Johnny almoçou comigo algumas vezes e sempre aparecia para saber como estavam as coisas. Desconversou sobre Edilza, contou que Anita havia telefonado para saber como ele estava a respeito da morte da madrinha, e disse que a mesma mencionou que Tiffany não estava muito bem com a partida repentina de Alex para acompanhar a esposa sem data de retorno.

A mulher não desistia. Alguém deveria sugerir um tratamento psiquiátrico para a coitada.

Patrício voltava para minha casa ao final do dia exaustivo de trabalho, onde era recebido com comida de restaurante esquentada em micro-ondas e uma namorada sedenta de saudade. Ele passou a ser a minha âncora, o que me fazia bem e mal na mesma medida.

Porque eu nunca fui aquela garota que sonhava com o dia em que teria um marido para receber em casa. Não. Só a ideia de brincar de casinha já me deixava nervosa. Eu detestava. Não me agradava a sensação de precisar arrumar uma casa, cuidar de crianças, preparar comida e estar sempre linda e fresca para agradar o marido.

Para ser justa, também não me agradava o papel da esposa executiva que gastava longas horas dentro de um escritório e voltava para uma casa toda comandada por empregados, deixando tudo muito mais frio e impessoal.

Mas, para ser ainda mais verdadeira, o papel de esposa, seja ele sob qualquer condição, nunca me apeteceu. Nunca. Passar a vida inteira beijando o mesmo cara, transando do mesmo jeito, vivendo e aceitando os problemas de uma relação conjugal... Não. Aquele nunca foi o meu desejo.

E ainda assim, todos os dias quando dava o horário de Patrício chegar, em apenas saber que ele chegaria, eu já me sentia como uma adolescente com borboletas rodopiando no estômago.

A comida era de restaurante, mas a mesa era posta por mim, com todo cuidado que uma esposa zelosa teria para agradar o seu marido. Por isso eu vivia o céu e o inferno, porque quando percebia essa tendência de comportamento, me rebelava, retirava os pratos e dizia que jantaríamos nas embalagens de isopor. E quando faltava pouco para que ele chegar, colocava tudo de volta na mesa e ria feito uma boba me perguntando o que havia de errado comigo.

Porque havia alguma coisa de errada comigo.

As roupas dele que voltavam do serviço de lavanderia ocupavam um espaço no meu *closet* que em circunstâncias normais me enlouqueceria. Mas quando me sentia insegura, ou sozinha demais dentro daquele apartamento imenso, ou até mesmo quando as lembranças da madrinha me levavam às lágrimas, eu corria para o *closet* e sentava de frente para o espaço dele, olhando para as peças com a certeza de que logo seus braços estariam ao meu redor e eu não me sentiria mais só.

Então sim, a presença de Patrício me fazia um bem incrível e um mal necessário, para que eu não me esquecesse de quem eu era e de quem queria continuar sendo.

Por isso naquela noite eu faria o convite. Já estava em meus planos. Na verdade, era o que eu tinha em mente quando voltei ao Brasil e que, pela nossa incapacidade de conter a paixão, acabou frustrado.

Aquela seria a noite decisiva em nossas vidas. Só assim seríamos capazes de saber os nossos limites e as nossas necessidades. Se depois de levar Patrício ao clube, ele ainda me quisesse, aí sim eu poderia dizer que conhecia a perfeição. Porém mesmo com a decisão tomada, foi com o estômago revirando que organizei tudo.

Ele não estranhou o sorriso manso, a voz calma encobrindo a ansiedade pungente. Não. Patrício chegou como sempre, com fome, com desejo, com vontade de tudo, ocupando cada pedacinho da minha mente.

Naquela noite não foi diferente. Ele me beijou com tesão, me convidou para o banho, o qual neguei pois queria aquela tensão sexual para o que tinha em mente. Então ele foi sozinho para o meu quarto, mas gritou lá de cima assim que viu a roupa que deixei separada para ele em cima da cama.

— Vamos sair?

— Logo depois do jantar.

— E vamos pra onde?

— Surpresa. Não demore!

Mais nada foi dito. Ele só percebeu que eu estava arrumada e maquiada quando desceu para me encontrar na sala. Seu sorriso devasso demonstrava o quanto gostou do meu vestido preto com fecho-eclér dourado na frente revelando meus seios fartos em um decote maravilhoso.

— É alguma ocasião especial? — Sentou à mesa aceitando o jantar leve sem contestar. — Eu sou horrível com datas, Morena. Estamos comemorando alguma coisa?

— Humm! — Sentei de frente para acompanhá-lo me servindo da salada com morangos e uvas doces. — É uma ocasião especial. Não. Não estamos comemorando, mas se guardar a data, poderemos comemorar sempre que completar um ano. — Patrício me pareceu um pouco tenso.

— Não vai me contar o que é?

— Isso te incomoda? — Ele se remexeu na cadeira, escolhendo as palavras, o que era muito estranho vindo de alguém como Patrício.

— Não saber o que vamos fazer me deixa um pouco agitado. — Mastigou a salada como se não estivesse prestando atenção ao que comia.

— E o que te assusta? Não confia em mim?

— Porra, Miranda! Eu confio em você demais. Por isso mesmo o medo. Isso tudo aqui é bem estranho. Sei que não vamos encontrar com ninguém porque já estamos jantando. Meus pais estavam normais hoje, então imagino que não seja nada envolvendo os dois. Alex ligou mais cedo, logo sei que ele continua na Inglaterra. O que me deixa aliviado, um pouco.

— Por que aliviado? — Patrício descansou os talheres, incomodado, sem saber o que dizer.

— Sei lá. A maneira como as coisas aconteceram com Alex e Charlotte... eles...

— Está pensando que vou te pedir em casamento? — Minha voz saiu mais debochada do que eu quis de fato. Então comecei a rir.

— Não seria estranho vindo desta família. — Voltou a comer um pouco menos tenso e se servindo do salmão ao forno. — E você sabe o que penso a este respeito.

Não vou negar que a declaração me deixou um pouco frustrada, o que tentei entender como só aborrecimento pela forma como ele colocava os fatos, já que casamento também não estava nos meus planos.

— Nós vamos ao clube, Patrício. Satisfeito? — Outra vez os talheres pararam o ruído ao se chocarem com o prato.

— Ao clube?

— Não fale de boca cheia!

— E como quer que eu reaja me dando essa notícia? — Revirei os olhos me negando a fazer o papel de educadora daquele menino bobo.

— Vamos ao clube. Não era o que você queria?

— É o que eu quero. Mas e você?

— Estou te convidando, não estou? E combinamos que vamos apenas observar.

— Apenas observar — reafirmou a promessa.

— E se entrarmos em algum acordo, quem sabe, podemos nos divertir. — Seus olhos me encararam com um brilho extra, típico das crianças que acabam de receber uma gratificação.

Patrício era tão fácil de agradar!



Respire. Inspire, Miranda! Respire, inspire. Mantenha a calma.

Entregamos a chave do carro ao manobrista e entramos na casa com uma fachada que despistava qualquer curioso. Patrício olhava para tudo como uma criança empolgada. Não queria perder nenhum detalhe. Chegava a ser irritante.

Bom, na verdade, minha irritação possuía outro motivo. Clara! Desde que comecei a aceitar a ideia de que levá-lo ao clube era necessário, temi descobrir quem era a tal mulher com quem ele teve um caso, ou um envolvimento, ou qualquer coisa do tipo. Não seria fácil. Por isso cheguei a implorar mentalmente para que ela não estivesse lá. Era covardia, porém eu não estava me importando em ser covarde se o resultado seria sair daquela noite com o meu relacionamento blindado.

— Tem certeza que não conhece a Clara? — Aquela foi a milionésima vez que me fazia a mesma pergunta.

— Tenho. Já te disse que não conheço ninguém pelo nome.

Este era um dos motivos para eu ter aceitado estar ali com meu namorado. Se alguém me conhecia pelo nome naquele clube eu o encontraria. Especialmente se a pessoa que estava me procurando era a mesma que enviou o presente.

— Muito legal, Morena!

Entregamos nossos cartões para a moça bonita que nos recepcionava a cada noite e adentramos o salão de cima. A casa estava cheia, vibrante. Algumas pessoas dançavam e bebiam em meio a conversas divertidas. Tudo ali indicava a mais perfeita normalidade. Menos dentro de mim.

Meu coração parecia querer parar todas as vezes que alguma mulher olhava em nossa direção e sorria. Segurei firme a mão de Patrício, mais como uma forma de impedir que alguém se aproximasse do que pelo medo que percorria minhas veias. Alguns olhares me acompanharam. Antigos parceiros e parceiras me encarando como se fosse algo anormal estar acompanhada naquela noite.

Não era porque eu não queria dividi-lo com nenhuma delas. Não era isso. Depois de muito pensar entendi que aquele era o meu mundo e inseri-lo deixaria tudo mais gostoso. Então eu sabia que chegaria a hora de outra mulher transar com o meu namorado, e na minha frente, assim como sabia que me daria prazer, desde que fosse conforme as minhas regras.

O que me deixava atordoada, porque esta era a palavra correta, era o fato de ser alguém de fora daquela esfera. A tal Clara era alguém que tinha intimidade com ele, que fazia parte da sua história, e que, pode-se considerar infantilidade ou posse, agradava o meu namorado. Isso me desestabilizava.

Não era como escolher alguém no calor do momento, arquitetar um jogo, transar e ir embora sem qualquer envolvimento sentimental. Não. Patrício conheceu Clara fora do clube, houve a paquera, a atração, podia ser até só sexo, mas não era como o que acontecia ali. Era muito mais. E só de imaginar a mulher entre nós dois, minhas têmporas latejavam.

Meus olhos percorreram o ambiente procurando por Éder, mesmo sabendo que com a iluminação local e as máscaras que eles eram obrigados a usar seria quase como acertar na loteria.

Aceitei a taça de champanhe ofertada, Patrício preferiu não beber, já que dirigiria. Encostamo-nos ao balcão do bar. Dei as costas para o salão deixando que ele observasse tudo o que queria. As pessoas que frequentavam o local, a maneira como agiam, os acordos feitos em conversas sussurradas. Tudo.

— Legal! É por ali que desce para os quartos? — Olhei para a direção em que apontava. Dois homens caminhavam com uma garota que parecia ter metade do peso deles.

— É sim.

— A bebida aqui é de graça?

— Vai para a nossa conta. — Ele entendeu e voltou a olhar o salão com olhos curiosos demais.

E então aconteceu.

— Ei! Não acredito que aceitou meu convite!

A voz conhecida ganhou espaço. Virei a tempo de assistir aquela antiga colega se atirar nos braços do meu namorado e beijar seus lábios com intimidade.

— Ah, oi! Como vai, Clara! — A garota riu do embaraço, mas eu já estava furiosa.

— Clara?

Olhei de um para o outro. A garota que já havia me acompanhado em vários esquemas estava linda em seu vestido solto prateado. O cabelo negro contrastava com a roupa e fazia uma harmoniosa combinação com a maquiagem escura. Estava preso em um penteado valorizando o rosto e descendo com sensualidade sobre os seios siliconados. Os olhos puxados pintados permitiam que ficasse mais expressiva.

— Você é a Clara? — Ela nos olhou compreendendo a saia justa, mas ao contrário de como acontecia comigo, para ela foi como uma grande possibilidade de entretenimento.

Nunca!

Jamais!

Porra! Aquilo não podia estar acontecendo. Então aquela era a Clara? A garota que transou com meu namorado e que teve a ousadia de convidá-lo para o clube? Não era possível!

— Ah... — Patrício titubeou. — Clara, essa é minha namorada, Mi...

— Vamos embora!

— Ei! Não acredito! Vocês são namorados? — Um sorriso escroto brotou nos lábios pintados. Se ela achava que conseguiria algum esquema com nós dois estava muito enganada. — Que coincidência! Isso prova que tenho mesmo bom gosto.

— Somos. E já estamos de saída!

Senti os olhos de Patrício me queimando, mas não ousei olhá-lo. No momento, meus olhos estavam fixos naquela garota, minha mente entupida de imagens deles dois juntos. Era uma merda saber tudo o que ela era capaz, conhecer a concorrência verdadeira, ter a certeza de que, sim, ela satisfaria muito bem o meu namorado sem precisar da minha participação.

— Mas acabamos de chegar. — Sua voz dura e fria indicava que ele não estava nada satisfeito com o meu comportamento.

A madrinha que me perdoasse, mas... Pro inferno com o bom comportamento.

— E já esgotando o nosso tempo! Venha! — Saí de perto deles batendo os pés, sentindo as mãos tremerem e as pernas vacilarem.

Não era para estar tão furiosa. Eu conhecia todos os riscos, afinal de contas a pessoa que convidou Patrício frequentava o mesmo clube que eu. Só não esperava que ela fosse alguém com quem eu também já havia transado, o que deixava tudo embaraçoso demais, além, claro, de me fazer sentir ciúmes, o que, de fato, me matava.

Caminhei com passos firmes para fora do salão com a mão tão presa, apertando seus dedos como se, por qualquer motivo que desfizesse o contato, o perderia de vista. E eu não queria perder.

— Pode me explicar o que está acontecendo? — Patrício perguntou somente quando entregou o cartão ao manobrista e percebeu que além de nós dois estavam apenas alguns seguranças quase imperceptíveis.

— O que está acontecendo?! Aquela é a Clara? A Clara que te convidou? Meu Deus!

— Qual é o problema?

— Você não precisa que eu desenhe, Patrício!

Ele se calou aborrecido. Se entendeu o motivo do meu desespero não sei dizer. Depois que o manobrista chegou, entregando a chave do carro não tive mais coragem de olhá-lo.

— Vocês já se conheciam?

— O que você acha? — Ele continuou calado. A estrada escura deixava apenas que a luz do painel iluminasse seu rosto com feições duras.

— Você sabia que a encontraríamos — acusou se esforçando para não perder a paciência.

— Não, eu não sabia. A não ser que... não! Espere um pouco. Você avisou a ela que iríamos esta noite? — Ele me olhou rapidamente demonstrando descrédito em minha acusação.

— Não!

— Então por que esperava encontrá-la?

— Porque não é isso o que vocês fazem, vão para aquela casa... clube... para... — Vi o seu esforço para não dizer nada que pudesse me ofender, mas a palavra transar era a mais correta independente da minha sensibilidade.

— Na maioria do tempo somos pessoas como todas as outras. Não vamos todos os dias ao clube em busca de aventuras, não fazemos disso uma obsessão, então, não, não é isso o que fazemos. E sim, alimentei a esperança de não precisar encontrá-la, e isso quando nem sabia quem era.

Outra vez o silêncio imperou no carro. Mas quando acreditei que aquele mal-estar continuaria sustentando a barreira entre nós e que Patrício não voltaria a falar comigo tão cedo, ele falou com a mesma frieza de antes:

— Ok! Você conhece a Clara. E daí? — Fechei os olhos esperando não precisar responder a sua pergunta. Ele não se deu por satisfeito. — E daí se você a conhece? As coisas deveriam ser mais fáceis assim, não?

— Ah, pelo amor de Deus, cale a boca! — gemi aborrecida. Como ele podia cogitar aquela possibilidade? — Nunca, jamais, acredite que em algum lugar deste mundo isso pode acontecer, entendeu?

Patrício entrou na garagem do *flat* e só então me dei conta do quão rápido ele dirigia. Ele abriu a porta do carro e desceu com a irritação no modo máximo.

— É inacreditável! — rosnou caminhando de maneira emburrada.

Eu estava muito puta da vida e não conseguia acreditar que estava mesmo *puta da vida*. Aquele era o meu mundo, a minha realidade, o que vivi e defendi desde que me descobri como dona do meu próprio nariz. Nunca consegui me senti mal por transar com um casal, por ser a terceira do pacote, por ter dois homens ou duas mulheres envolvidos na diversão.

Mas ali, naquela noite, eu estava de fato *puta da vida* por Patrício ter sido convidado. Pior, por ele ter sido convidado por uma pessoa com quem já teve um envolvimento e para piorar, porque eu jamais seria agraciada com leveza em situações que me envolvessem, eu mesma já tinha transado com ela.

E me corroía imaginar que Patrício foi ao clube para fazer o que muitos caras já tinham feito: ter nós duas.

Eu era mesmo uma farsa. Se transava com a garota em qualquer esquema, não tinha problema, mas se neste esquema estivesse envolvido o meu namorado era como se o mundo sacudisse e explodisse.

Levei a mão ao rosto e respirei fundo tentando me acalmar enquanto ele entrava no elevador e segurava a porta para mim. O espaço diminuto ficou claustrofóbico. Eu podia sentir a frustração do meu namorado, assim como sua raiva, porque ele sentiu raiva quando se deu conta da situação, e a minha própria fúria preenchendo cada milímetro daquela cabine.

— Então você e a Clara... — começou sem se importar com o tom hostil.

— E você não? — Não me atrevi a olhá-lo. Eu conhecia aquela expressão de reprovação que tanto odiava nele. — Quando ela te entregou aquele cartão?

— Isso não vem ao caso.

— Vem completamente ao caso. Vocês transaram e eu quero saber quando — rosnei me voltando para ele sem conseguir me conter.

— Nós não estávamos juntos. — Mantivemos o olhar fixo um no outro. — E se não fosse pela Clara, eu nunca saberia que inferno de mundo é o seu.

— Um inferno que você me implorou para entrar — rebati quando o elevador chegou ao nosso andar. — Não seja hipócrita!

Fui em direção à porta imaginando se ele me acompanharia. Meu coração estava disparado com a possibilidade de aquele ser mais um fim. O alívio chegou quando ouvi seus passos se aproximando e parando a uma distância segura. Eu entrei, mas ele não fez o mesmo. Quando olhei para trás e vi o olhar de Patrício em mim, entendi que ali estava o meu pesadelo.

— Vocês duas costumavam se divertir juntas?

Respirei fundo e andei de volta à porta evitando que alguém escutasse mais do que deveria.

— É um clube de sexo, Patrício! O que você acha que as pessoas fazem lá? Aquela garota... eu nem sabia o nome dela... E eu era solteira, livre e desimpedida. Podia chegar naquela casa e transar com quem quisesse, homens, mulheres, quantas vezes eu quisesse. — Vi seu olhar endurecer. — Eu também não estava com você. — Usei a sua mesma justificativa fazendo-o recuar.

— Depois que nós...

— Não. Depois de você... quando realmente decidimos ficar juntos, eu não pensei mais no clube, ou em qualquer coisa parecida.

Ele não pareceu recuar, nem aceitar as minhas justificativas e eu entendi que enfatizei a ideia de que deixou de acontecer apenas quando decidimos ficar juntos, ou seja, no casamento de Charlotte. Pouco tempo de abstinência para dar qualquer segurança a nós dois.

— Mas este não é o seu mundo?

— É! Quer dizer... — Eu me afastei para organizar meus pensamentos. — Era. Agora já não sei mais. Eu... Estou morrendo de dor de cabeça, Patrício. — Seus olhos se estreitaram me avaliando.

Certo. Eu sabia que aquela era a desculpa tradicional das mulheres quando não queriam conversar ou transar, e que eu sempre abominei. Bom... naquele momento era a minha melhor saída.

— Tudo bem.

Ficamos nos olhando. Ele, sem entrar, e eu, ainda parada à porta, com o coração disparado, sabendo o que estava para acontecer e implorando para que não acontecesse.

— Eu vou para casa, Miranda. — Abri a boca para contestar, mas nem consegui e nem tive oportunidade. — Eu também preciso pensar. Vejo você depois.

Patrício virou em direção às escadas e foi embora tão rápido que durante alguns segundos me perguntei se aquilo estava mesmo acontecendo.

Estava.

Era a tempestade mostrando que ainda tinha força para arrasar mais um pouco a minha vida e que não seria tão fácil a minha redenção. Patrício foi embora. Eu não sabia se seria apenas naquela noite ou para sempre. Eu não sabia de nada, apenas que estava outra vez, sozinha.

Então dei as costas e entrei no apartamento vazio, como estava a minha vida.

Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

AGRADECIMENTOS



Agradecer por toda ajuda que tive para este livro é uma missão impossível. Miranda me consumiu física e psicologicamente. Foram dias conturbados, noites que não conseguia dormir, a sensação de que concluir era uma realidade muito distante. Ela nunca se calava, contava cada vez mais a sua história, fazia com que eu não aceitasse que era a hora do final.

Por isso preciso começar agradecendo pela paciência incansável de Silvia Naves, minha editora, que colocou a confiança em mim acima dos interesses comerciais e aguardou o meu tempo, e o de Miranda, claro.

Da mesma forma agradeço à equipe Top da Pandorga. E sim, sei que quando entrego um material a eles, atrasado sempre, todos precisam correr e alterar o planejamento para que eu não fique de fora, então sou grata a todos vocês.

Vou agradecer às minhas betas lindas, Gabriela Canano, Sheila Pauer, Kelly Fonseca e Winnie Wong, porque vocês não só abrilhantam o meu trabalho, mas me passam a energia e animação necessária para que eu continue sempre. Obrigada!

Agradeço a todas as meninas do meu grupo do “zap”, por serem amigas para todas as horas, por tornarem meus dias mais leves e alegres. Por se empolgarem tanto com Miranda ao ponto de fazer com que ela se tornasse alguém real, palpável. Porque é assim que acreditamos nela.

Às minhas Maritacas hoje e eternamente. Pelo primeiro apoio, primeiro incentivo, primeiro surto. Amo vocês de uma forma que não sei explicar. E amo a família que formamos. Obrigada!

Preciso agradecer à Martinha Fagundes, contudo, não existem palavras que possam expressar a minha gratidão. Enlouquecemos com Miranda, mas ela abriu mão do seu tempo, trabalho, filhos, amigos, marido, tudo para deixar esse livro pronto, e isso eu nunca vou esquecer. Martinha, sou sua eterna escrava. Conte sempre comigo. Amo você!

Cristiane Saavedra, diagramadora, amiga incrível, que também se sacrificou e aceitou trabalhar como uma louca durante várias madrugadas para tornar este sonho possível. Obrigada, Cris! Você é fera!

Nunca vou deixar de agradecer aos meus pais, sobretudo, à minha mãe. Pelas histórias contadas nos finais de tarde, e por contá-las tão bem e com tantas emoções que brotou em meu coração o desejo de um dia escrevê-las.

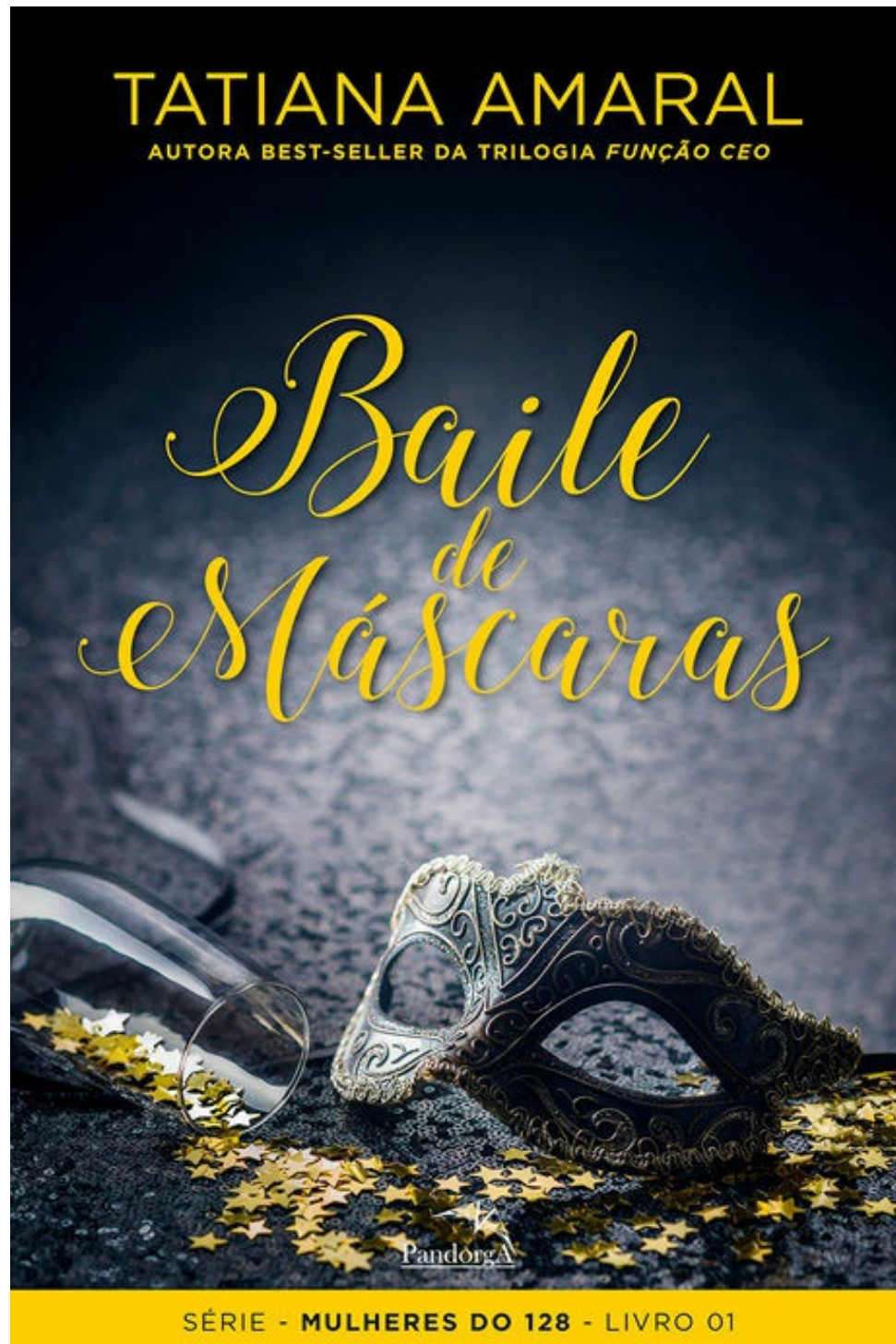
Para meus irmãos, meu agradecimento verdadeiro. Vocês fazem com que esta caminhada seja mais leve.

Agradeço do fundo do meu coração à minha companheira Lidianne, a babá das crianças, por cuidar de mim quando eu preciso fazer o mundo parar. Por assumir o meu lugar como mãe dos meus filhos e por amá-los. Ao Adriano, meu marido, companheiro, amigo, incentivador, apoio de todas as horas. Desta vez agradeço pelos abraços na madrugada, onde me deixava chorar de medo, aguentando firme e me dizendo que tudo daria certo. Você é o meu suporte e eu te amo. Obrigada!

E finalizo agradecendo aos meus filhos, meus 3D, que não são meus leitores, mas que vibram comigo a cada vitória. Que se tornaram grandes companheiros, compreensivos, amorosos... mamãe ama tanto vocês!

Obrigada! Obrigada! Obrigada!

CONHEÇA O LIVRO BAILE DE MÁSCARAS



CAPÍTULO 1

*“Ó abre alas que eu quero passar. Ó abre alas que eu quero passar.
Eu sou da lira, não posso negar. Eu sou da lira, não posso negar”*

ABRE ALAS - CHIQUINHA GONZAGA, 1899

— EU NÃO VOU! — ANUNCIEI SEM MEIAS PALAVRAS. — NÃO ADIANTA INSISTIR, FERNANDA!

Caminhei pelo estacionamento sem qualquer pressa. Era sempre assim quando eu precisava atravessar de um prédio ao outro. Um alívio para dizer a verdade. Qualquer coisa que conseguisse me manter longe da sala onde eu trabalhava por mais de cinco minutos, já me fazia ganhar o dia. Essa vontade piorou quando descobri que meu empenho não valia de nada e que eu nunca seria promovida. Então aproveitava esse meio tempo para retornar ligações e responder mensagens.

— *Como não? Será maravilhoso! Você vai, sim, Milena! Eu não vou sem você de jeito nenhum. Como se não bastasse ter que comparecer ao baile como uma encalhada e dona de um buffet sem sucesso, também terei que ser a solitária?* — berrou do outro lado do telefone.

Ri ao pensar que ser solteira nunca deveria ser um problema. Era melhor estar sozinha do que em um relacionamento ruim e abusivo, mas... cada um tem a sua forma de desenhar o *seu* mundo ideal.

— Fê, posso falar com você depois? Tenho que entregar uma autorização de retirada de material no outro prédio.

— *Outra vez? Esse imbecil não cansa de te explorar?*

— Você sabe que eu aceitaria o serviço de *Office boy* só para não ter que ficar na mesma sala que ele. — Além do mais, viver entre os dois prédios, era só o que eu fazia desde que o antigo gerente da divisão Salvador/Lauro de Freitas, pediu demissão.

— *O cretino poderia morrer, não é mesmo? Tipo: o avião cair em uma dessas viagens que ele sempre faz.* — Gargalhei.

— Ele não morre porque Deus não aceita gente como ele no céu, e o diabo não quer concorrência.

— *Verdade.* — Riu com vontade.

As garotas achavam que eu era prestativa demais, ou idiota, por me oferecer para caminhar embaixo de sol ou chuva até o outro prédio só para levar uma liberação assinada, para organizar a saída do pessoal, ou para resolver qualquer pepino.

O que elas não sabiam, era o fato de que eu me dediquei para valer para merecer aquela vaga, até entender que ela jamais seria minha. Desde então, eu mal conseguia respirar naquele ambiente imenso, projetado para apenas cinco pessoas: eu, as três secretárias que dividiam a função comigo, e o nosso chefe, Everaldo Caracas. O diabo em pessoa.

— O gerente daqui foi demitido, eu te contei, né? Isso aqui está um caos. Os meninos estão sob a orientação do Sr. Everaldo e rezando para o novo gerente chegar logo.

— *Você poderia ficar com esse cargo. Tem a mesma formação deles e o mesmo conhecimento.*

— Eu não tenho experiência e sou mulher. Você sabe que o Sr. Everaldo só contrata homens para o cargo de gerência.

— *Ele deveria morrer. Não tem qualquer utilidade na face da Terra.* — Foi a minha vez de rir alto. — *Tá bom. Vou escolher as nossas máscaras e vestidos. Mando fotos. Depois finja que vai ao banheiro para vê-los.*

— Eu não vou — rebati com veemência.

— *Nos falamos depois. Beijos!*

— Beijos!

Desliguei, percebendo que dei sopa em ficar parada no mesmo lugar enquanto conversava com Fernanda, minha melhor amiga desde a época da escola. Recomecei a andar conferindo os papéis e desejando ter esquecido alguma coisa só para refazer o caminho e assim ganhar mais tempo longe daquela sala.

Bom, essa não é uma história linda e sexy entre o chefe carrasco e a a secretária cansada de tantos problemas. Mas não é mesmo! Nem se eu estivesse louca. Porque o meu chefe, Sr. Everaldo, não tinha nada dos mocinhos dos romances. Não era jovem, nem bonito, muito menos milionário, apesar de ostentar uma postura superior aos demais seres com quem era obrigado a dividir o ar que respirava.

Ele não era o chefe exigente porque “vestia a camisa” da empresa, e que aos poucos, convivendo diariamente, você se dava conta de que ele era apenas um homem cansado e quebrado por alguma história de seu passado. Não, ele era asqueroso, insuportável, prepotente e arrogante porque sentia prazer de ser assim; por isso era odiado.

Eu sou Milena Tavares, tenho vinte e oito anos e sou formada em administração de empresas. Já trabalhava naquela gaiola das loucas há pouco mais de dois anos. A empresa administrava uma fábrica de refrigerantes e de água mineral. Sim, porque alguém tem que ter a fonte, tratar e engarrafar a água que fica nos mercados à venda, não é mesmo?

O problema era que eu odiava o meu chefe e conseqüentemente, o meu emprego. Contudo, ali foi o único lugar que me ofereceu carteira assinada e salário um pouco maior do que o mínimo, mas só um pouco. O que me fazia continuar eram as vantagens trabalhistas como a cesta básica, vale gás e ticket alimentação, apesar do refeitório. Ainda assim...

Porém eu odiava o lugar. Odiava tanto que sentia vontade de chorar todas as vezes que precisava acordar cedo, andar até o ponto e encarar ônibus lotado – em pé – até a Estação Pirajá, sendo jogada para todos os lados, empurrada, apalpada e amassada.

O inferno não acabava aí. Depois de demorar mais de quarenta minutos para chegar ao local, precisava aguardar outro ônibus, nem tão cheio, graças a Deus, mas que me deixava na entrada da rua onde ficava a empresa: Porto Seco Pirajá.

Um local deserto, cercado por empresas com muros altos, cercas e grades que te deixava completamente vulnerável. Os ônibus não entravam ali, então eu precisava fazer o restante do percurso andando. A sorte era que sempre tinha um grupo de pessoas indo para os seus empregos, e assim eu estava sempre acompanhada.

A maior tortura não era nem meu trajeto até o trabalho, mas sim, as nove horas que eu precisava ficar ali dentro, ouvindo todos os maiores absurdos ditos pela boca de um homem, trabalhando sem qualquer respeito, sendo minimizada e explorada.

Eu odiava o meu trabalho!

— Andou bem devagar, né? — Bete levantou assim que me viu passar pela porta de sua sala.

Bete era a secretária do gerente responsável por Salvador e regiões metropolitanas. A sala que ocupava era pequena, abafada, velha, e precisava dividi-la com mais nove pessoas. Ainda assim, era um lugar melhor para trabalhar.

— Você conhece a história. — Entreguei o documento e sentei um pouco para passar o tempo. — Quantos meses acha que vai durar o novo gerente? — Ela me olhou rindo, enquanto discava para o outro setor.

— Espero que ele fique mais do que o período de experiência. Isso aqui está uma loucura sendo chefiado pelo seu chefe, mesmo com toda a sua ajuda. E estamos no Carnaval. Ele não podia relaxar um pouco? Salvador não funciona neste período.

— Pois é! — resmunguei.

— Ninho? — falou com o supervisor de transportes no outro lado da linha. — Tá tudo liberado, viu? Boa sorte, meu filho! Quero só vê você conseguir fazer esta entrega neste horário. O diabo sabe que é Carnaval, que está tudo parado e mesmo assim só libera as saídas pela tarde — falou, olhando para mim. — Tá certo, meu filho. Vá com Deus! — Desligou e fez uma careta. — Esse homem podia morrer logo. — Ri, lembrando da Fernanda.

— Com tanta gente pedindo a cabeça dele é capaz do diabo aceitar o desafio. Tenho que ir, Bete.

— Vá, minha filha. Mariana já ligou perguntando por você. A fera está solta no outro prédio.

E eu já imaginava o motivo. O Sr. Everaldo, que era gerente administrativo de vendas e o Sr. Milton, gerente administrativo financeiro, se odiavam. Os dois ocupavam cargos que se completavam, mas o Sr. Everaldo era tão ruim, que nos proibia de interagir com o Sr. Milton e, indiretamente, com os demais colegas.

Acontece que era impossível. Nosso prédio era dividido em dois setores: o nosso e o deles. Para entrar em nossa sala passávamos pela mesma entrada. Para irmos ao banheiro precisávamos andar por todo o outro setor. Almoçávamos todos juntos, no mesmo refeitório, e, verdade seja dita, o nosso setor era composto apenas por mim, Mariana, Carbelá, Antônia e ele, o louco. Enquanto o outro era composto por todos os setores necessários para compor o corpo da empresa, com quase cem funcionários. Como ignorá-los?

E era Carnaval, o clima estava quente, as pessoas combinando se encontrarem nas ruas, conversando sobre a noite anterior, aproveitando para se conhecerem mais. A empresa estava em festa, mas o meu setor tinha que agir como se estivesse em um funeral.

Já falei que odeio o meu chefe?

A volta foi tão lenta quanto a ida. Olhei para o relógio mais de cem vezes, implorando para o tempo passar e me deixar ir embora. Mas não foi o que aconteceu.

— Perdestes? — ele falou com aquela voz arrastada, mansa, com sotaque de Pernambuco, de onde ele era. — Ou encontrastes um emprego melhor pelo caminho?

Era sempre assim. Ele falava fingindo estar brincando, mas seus olhos me alfinetavam com a sua malícia. Era só pisar um pouco fora da linha, a que ele traçava, que as ameaças de demissão começavam.

Eu até queria ser demitida, sabe? Ganhar o dinheiro do FGTS, o seguro desemprego, montar uma lojinha perto da minha casa e ser administradora do meu próprio negócio. Só que eu sabia que não era hora. Ainda pagava o financiamento da faculdade, o consórcio do carro e ajudava meus pais em casa, já que a situação não estava fácil para ninguém. Além disso havia o meu objetivo de fazer uma pós-graduação em gestão de negócios.

— Bete estava despachando os vendedores, Sr. Everaldo.

— Mariana! — Rapidamente ele trocou de alvo. — Tu achas certo uma pessoa tirar férias no Carnaval e outra precisar substituí-la? — ele falava da Bete e do pedido de férias dela que foi negado. Que idiota! Mariana deu um sorriso amarelo, se encolhendo sem coragem de mandá-lo à merda. — E tu, Milena?

— Eu aceitaria tirar as férias dela de boa mesmo. — Carbela tapou a boca para não rir alto.

— De boa mesmo não é vocabulário, Milena. — Ele me repreendeu como se eu tivesse falado um absurdo. Chato! Poderia morrer que ninguém sentiria falta. — Tudo certo para a reunião de amanhã, Antônia?

— Tudo sim, Sr. Everaldo.

— E os slides?

— Já enviei para o senhor — ela disse com um tom enfadonho.

Antônia era a primeira secretária, a que cuidava de tudo referente a gerência regional, que era o cargo ocupado pelo Sr. Everaldo. Eu e as outras meninas cuidávamos das gerências que se submetiam a Regional.

Nós duas éramos as únicas que não temíamos a fera. Ela o tratava com desdém e ironia enquanto eu respondia com a mesma firmeza que ele. As outras secretárias só faltavam morrer todas as vezes que ouviam seus nomes naquele sotaque.

— Não chegou! — falou rápido e grosso. — Mande outra vez.

Fiquei olhando para o computador fazendo o que sempre fazia: jogando cartas. Era perceptível que aquele setor não precisava de quatro secretárias. Não havia trabalho suficiente para todas e no final do dia ficávamos assim, sem nenhuma atividade, organizando os arquivos, revendo contratos ou tirando dúvidas dos vendedores, tudo que duas pessoas poderiam fazer sem se sentirem cansadas.

Aquele trabalho estava acabando com o meu psicológico. Foram quatro anos em uma faculdade, me esforçando para ter as melhores notas, me dedicando e me iludindo com um futuro promissor, para acabar em uma sala imensa com um chefe diabólico, fazendo um trabalho que qualquer pessoa conseguiria fazer.

Eu seria muito feliz com uma pequena loja de mimos. Sabe aquelas lojas com almofadas com frases lindas, canecas, material de escritório, porta-retratos, tudo bem separadinho por cor, estilo, ambiente... Eu saberia fazer o livro contábil, calcular o preço dos produtos e tudo o que

uma empresa precisa para dar certo. Mas estava ali, naquela cadeira chique de escritório, olhando o computador novo e jogando cartas enquanto a parcial de vendas não saía.

Olhei para o celular que indicava várias mensagens da Fernanda. Ela insistia na escolha dos vestidos para aquela festa sem cabimento. Dez anos depois do segundo grau, ela queria comparecer a um baile de máscaras promovido pela escola para os ex-alunos.

Nem morta eu pisaria naquele baile!

O que eu faria lá? Contaria sobre o meu trabalho animador? Falaria com orgulho que nunca seria promovida, pois o meu chefe era um porco machista que dizia que o cargo máximo de uma mulher era como secretária? Ou acharia lindo contar que continuava morando no mesmo lugar, com os meus pais, dividindo o quarto com mais três irmãs porque meu salário não me permitia pagar um aluguel e conquistar a minha independência.

Não. Eu jamais iria naquele baile contar as pessoas que de nada adiantou fazer planos, estudar, sonhar... Nem mesmo um relacionamento descente eu tinha. Cabral tinha terminado comigo há duas semanas, alegando não termos mais a mesma disposição de antes, mas eu sabia que era por causa do Carnaval.

Eu não tinha um marido, um bom emprego, filhos, uma casa com piscina... estava beirando os trinta anos e me sentindo completamente fracassada para encontrar com meus ex-colegas, que certamente estariam melhores do que eu.

E, sinceramente, nem fazia ideia do motivo de ela querer tanto ir ao baile, se podíamos curtir livremente o Carnaval de rua, quem sabe comprar um abadá no comércio anterior ao circuito, dividir em cem vezes no cartão de crédito, beijar muito na boca, beber sem recriminações e voltar para casa acabadas, porém ansiosas para o dia seguinte.

O que um baile de máscaras para ex-alunos poderia ter de interessante? Nada. Um monte de mentirosos arrotando seus sucessos, ou encobrindo os fracassos, competindo para ganhar o título de idiotas do ano.

Eu não vou!

Mesmo assim, estava curiosa para verificar a seleção de vestidos que Fernanda tinha escolhido e quais máscaras tinha comprado. Nós até poderíamos usá-las na rua, afinal de contas, era Carnaval e a brincadeira estava liberada. Nada de ex-colegas, ex-namorado escroto e esposa filha da puta que desfilou com ele para a escola toda depois de roubá-lo de mim.

— O relatório saiu — Mariana falou com o entusiasmo de quem sabia que em poucos minutos estaríamos liberadas da presença do diabo.

Levantamos para olhar a parcial, verificando qual área estava na frente e qual vendedor tinha uma melhor posição. O Sr. Everaldo nos olhava atentamente. Ele não gostava que interagíssemos, não gostava que fôssemos amigas, não gostava que fôssemos sequer educadas.

— Mariana? — arrastou a voz ao chamar a minha colega, já em tom de reprimenda. — O resultado, por favor!

— Acabei de enviar, Sr. Everaldo. — Mariana tinha tanto medo dele que ficava pálida todas as vezes que precisava falar diretamente.

— Cinco horas. Podemos ir, Sr. Everaldo?

Antônia já estava de pé, a bolsa na mão e o computador desligado. Ele a olhou por cima dos óculos, endireitou a coluna, conferiu o relógio e gesticulou, nos despachando. Imediatamente começamos arrumar nossas coisas, uma mais rápida do que a outra, porque sabíamos que ele sempre dava um jeito de ser escroto com alguém, e ninguém queria ser pego para Cristo.

Joguei a bolsa nas costas, tirei o celular de cima da mesa, desligando o computador ao mesmo tempo. Segui rapidamente Antônia quando ouvi Sr. Everaldo falando:

— Mariana, faça o favor! — Ainda olhei para a minha colega que ficou mais pálida do que o normal. Ela tirou a bolsa dos ombros e foi em direção a mesa do chefe enquanto saíamos apressadas para não sermos as próximas.

O Sr. Everaldo era mesmo o diabo.

Continua...

LEIA TAMBÉM...



Miranda Middleton era uma garota feliz, que tinha como principal objetivo encontrar um grande amor e viver o seu próprio faz de conta, certo? Errado. Miranda Middleton é uma farsa, uma mentira, um personagem inventado para tornar a vida de Charlotte menos entediante. A verdadeira Miranda se apresentava para poucos, para os selecionados, os que ela sabe, não

colocarão em risco a sua farsa. Até que um dia, por um erro de cálculo ou por uma distração do destino, ela encontra Patrício Frankli. Patrício é só um garoto de olhos cor de mel e cabelos com lindos cachos, que possui um sorriso fácil e abusado, e que, sem planejar, acaba bagunçando todos os planos da morena sensual por quem acaba se encantando. Mas Miranda tem muitas barreiras, mágoas e dores que não quer reviver, e Patrício precisa aprender a superar as suas próprias dificuldades, onde compromisso não é o seu maior objetivo. Miranda e Patrício vão viver emoções que nunca imaginaram viver, mas vão constatar muito rápido que o amor não se encaixa em seus caminhos.

TATIANA AMARAL



TATIANA AMARAL é baiana e mora em Salvador. Por muitos anos não sabia ao certo o que queria ser. Preparou-se para estudar teatro, prestou vestibular para Direito, formou-se em Administração com habilitação em Marketing, mas se encontrou como escritora.

Amante da literatura, começou a carreira literária postando histórias na internet, alcançando, assim, um grande público. Atualmente, possui quatorze livros publicados: Casei. E agora? – As aventuras do meu descasamento; Segredos; Traições; A Carona; a série O Professor e a sua Trilogia Função CEO.

SITE: WWW.TATIANAAMARAL.COM.BR

FACEBOOK E INSTAGRAM: TATIANAAMARALOFICIAL

EDITORA PANDORGA

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS



FACEBOOK.COM/EDITORAPANDORGA



TWITTER.COM/EDITORAPANDORGA



INSTAGRAM.COM/PANDORGAEDITORA

WWW.EDITORAPANDORGA.COM.BR

